CRISE DE CONSCIÊNCIA

O conflito entre a lealdade a Deus e a lealdade a uma religião

Uma visão penetrante do conselho supremo de uma religião e seu dramático poder sobre vidas humanas

RAYMOND FRANZ, ex-membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.

Crise de Consciência

RAYMOND FRANZ

Ex-membro do
Corpo Governante das Testemunhas de Jeová

A menos que haja outra indicação, as citações bíblicas são da *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas – Com Referências,* publicada pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. As abreviaturas de traduções da Bíblia nas notas de rodapé são:

ARA *Almeida Revista e Atualizada*
BJ *A Bíblia de Jerusalém*
BLH *A Bíblia na Linguagem de Hoje*
NVI *Nova Versão Internacional*
TEB *A Bíblia - Tradução Ecumênica*

Commentary Press – Atlanta – Geórgia – EUA

CRISE DE CONSCIÊNCIA
Primeira Edição Digital em Português – 2008

Tradução: William do Vale Gadelha
Revisão e Atualização: Adelmo Medeiros e Miguel Servet Jr.

Quando há pessoas em grave perigo, duma fonte de que não suspeitam, ou quando são desencaminhadas por aqueles que consideram ser seus amigos, será que é desamoroso adverti-las? Talvez prefiram não acreditar na advertência. Podem até mesmo ressentir-se dela. Mas livra isso alguém da obrigação moral de dar tal advertência?

— Revista *A Sentinela* de 15 de julho de 1974, página 419

A vida é incerta e, quando morre um homem, o que ele sabe morre com ele — a menos que o passe adiante enquanto ainda em vida.

O que este livro contém foi escrito devido a um senso de obrigação para com pessoas a quem sinceramente amo. De consciência tranqüila, posso dizer que seu objetivo é ajudar e não magoar. Se algo do que é apresentado for doloroso para ler, foi também doloroso para escrever. Espera-se que o leitor venha a reconhecer que a busca da verdade jamais precisa ser destrutiva da fé, que todo esforço para conhecer e defender a verdade virá, em vez disso, fortalecer a base da verdadeira fé. O que farão com esta informação os que a lerem, será naturalmente, sua própria decisão. Pelo menos, terá sido dita e uma responsabilidade moral terá sido cumprida.

Conteúdo

1	O Preço da Consciência	1
2	Credenciais e Motivo	10
3	O Corpo Governante	52
4	Revolução Interna e Reestruturação	86
5	Tradição e Legalismo	119
6	Critérios Duplos	137
7	Predições e Presunção	173
8	Justificação e Intimidação	208
9	1975: ‘O Tempo Apropriado Para Deus Agir’	245
10	1914 e “Esta Geração”	264
11	Momento da Decisão	287
12	Conseqüências	368
13	Perspectiva	433
	Apêndice	456
	Índice de Textos Bíblicos	515

A TENDÊNCIA da autoridade religiosa de buscar dominar ao invés de servir, e a luta dos que não querem perder sua liberdade de consciência dada por Deus — estes componentes formam a essência da narrativa franca e muito pessoal de ***Crise de Consciência***. O cenário do conflito é a associação de um grupo religioso específico, as Testemunhas de Jeová. Os mesmos temas fundamentais que assinalam esta narrativa, contudo, podem surgir dentro de qualquer religião do mundo.

Começando nos anos posteriores a 1870, como grupo independente de estudo bíblico, formado por um punhado de pessoas em Pittsburgh, Pensilvânia (EUA), as Testemunhas de Jeová já contam hoje com aproximadamente sete milhões de adeptos em mais de 225 países. Quando sua agência editorial, a Sociedade Torre de Vigia, lança um novo livro, a impressão inicial regular é de um milhão de exemplares, seguidos de outros milhões. Nos países em que estão ativas, poucas pessoas ainda não tiveram contato com as Testemunhas em resultado de sua intensa atividade de porta em porta.

Assim mesmo, para a maioria das pessoas, esta continua a ser uma religião semi-misteriosa. De modo mais notável, bem poucas das próprias Testemunhas têm qualquer conhecimento dos processos de elaboração de doutrinas e criação de normas de sua própria organização. As deliberações de seu Corpo Governante, que tem autoridade mundial, ocorrem em total sigilo. Assim mesmo, as decisões do Corpo se aplicam — e de modo obrigatório — a todas as Testemunhas da terra.

Tendo sido um membro de terceira geração das Testemunhas de Jeová, o autor viveu entre elas os primeiros sessenta anos de sua vida, servindo em diversos países e em todos os níveis da estrutura organizacional. Desses sessenta, os últimos nove ele passou no conselho executivo central, o Corpo Governante. Aqueles anos o levaram à crise de consciência que se tornou o tema deste livro. É uma narrativa ímpar. Proporciona ao leitor uma visão das sessões decisórias de um conselho religioso fechado, e do poderoso, e às vezes dramático, impacto que suas decisões têm sobre as vidas das pessoas. Apresentada com sensibilidade e compaixão, a informação suscita ao mesmo tempo questões bem fundamentais, que tanto afetam quanto estimulam a nossa consciência.

1

O PREÇO DA CONSCIÊNCIA

QUER gostemos quer não, o desafio moral afeta a cada um de nós. É um dos agridoces ingredientes da vida dos quais não se pode escapar com êxito. Tem o poder de enriquecer-nos ou empobrecer-nos, de determinar a verdadeira qualidade de nossas relações com os que nos conhecem. Tudo depende de como reagimos a este desafio. A escolha é nossa — e raramente é das mais fáceis.

Temos naturalmente a opção de envolver nossa consciência com uma espécie de casulo de complacência, passivamente "ir levando", protegendo os nossos pensamentos mais íntimos contra o que quer que possa perturbá-los. Quando surgem questões, em vez de tomarmos uma posição, podemos efetivamente dizer: "Eu permanecerei indiferente a isto; outros podem ser afetados — até mesmo prejudicados — mas eu não." Alguns passam a sua vida inteira numa postura moralmente passiva. Porém, quando está tudo consumado, e quando a vida finalmente se aproxima de seu término, seria como se aquele que pode dizer, "Pelo menos tomei posição a favor de alguma coisa", devesse sentir maior satisfação do que aquele que raramente toma posição a favor de algo.

Às vezes, talvez nos perguntemos se as pessoas de profunda convicção têm se tornado uma espécie em extinção, algo acerca do qual lemos como pertencente ao passado, mas que vemos pouco no presente. A maioria de nós acha razoavelmente fácil agir de consciência tranqüila quando as coisas em questão são menores. Quanto mais está envolvido e maior é o custo, mais difícil se torna resolver as questões de consciência, fazer um julgamento moral e aceitar suas conseqüências. Quando o custo é muito grande, achamo-nos numa situação de encruzilhada moral, enfrentando uma verdadeira crise em nossas vidas.

Este livro é sobre esse tipo de crise, sobre o modo como pessoas a estão enfrentando e o efeito desta em suas vidas.

Reconhecemos que a história das pessoas envolvidas pode conter pouco do intenso drama encontrado no julgamento por heresia de um John Wycliffe, do enredo da caçada internacional de um ardiloso William Tyndale, ou do horror da fogueira de um Miguel Servet. Mas sua luta e sofrimento não são, à sua maneira, menos intensos. Poucas delas poderiam expressá-lo tão eloqüentemente quanto Lutero, e, todavia, tomaram exatamente a mesma posição adotada por ele quando disse aos setenta homens que o estavam julgando:

> "A menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou pelo raciocínio evidente (pois não acredito tão-somente no papa nem nos concílios, já que está claro que eles têm freqüentemente errado e contradito uns aos outros), estou preso às Escrituras que citei e a minha consciência se mantém cativa da Palavra de Deus; e, como não é seguro nem direito agir contrário à consciência, eu não posso e não quero retratar-me de coisa alguma. Aqui me detenho; não posso fazer outra coisa; que Deus me ajude. Amém."[1]

Muito antes de qualquer destes homens, os apóstolos Pedro e João enfrentaram, há dezenove séculos, essencialmente a mesma questão, quando se achavam diante do conselho judicativo formado pelos membros mais respeitados da religião em que haviam sido criados e lhes disseram de modo franco:

> "Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos."[2]

As pessoas sobre as quais escrevo estão entre as mais íntimas que conheço, pessoas que foram membros do grupo religioso conhecido como Testemunhas de Jeová. Estou certo, e há evidência para comprová-lo, de que a experiência delas não é de maneira alguma única, que existe uma inquietação similar de consciência entre pessoas de vários credos. Elas enfrentam a mesma questão com a qual Pedro e João e homens e mulheres de séculos posteriores se confrontaram: *a*

[1] Estas foram as palavras finais de Lutero ao fazer sua defesa na Dieta de Worms, Alemanha, em abril de 1521.
[2] Atos 4:19, 20, *ARA.*

luta para apegar-se fielmente à sua consciência pessoal em face de pressão por parte da autoridade religiosa.

Para muitos, é um cabo-de-guerra emocional. Por um lado, sentem-se impelidos a rejeitar a interposição da autoridade humana entre si mesmos e seu Criador, a rejeitar o dogmatismo religioso, o legalismo e o autoritarismo, para apegar-se fielmente ao ensino de que Jesus Cristo, e não qualquer corpo religioso humano, é "a cabeça de todo homem".[3] Por outro lado, encaram o risco de perder amigos de longa data, de ver as relações familiares traumaticamente afetadas e de sacrificar uma tradição religiosa que pode remontar a gerações no passado. Diante desse tipo de encruzilhada, as decisões não vêm com facilidade.

O que se descreve aqui não é, portanto, uma mera "tempestade em copo d'água", uma disputa importante dentro de uma religião insignificante. Creio que há bastante proveito vital a ser tirado por qualquer pessoa que considere este relato. Pois, ainda que os números presentemente envolvidos sejam pequenos, as questões não o são. São questões de longo alcance que têm levado homens e mulheres a semelhantes crises de consciência vez após vez durante toda a história. Está em jogo a liberdade de se buscar a verdade espiritual, isenta de restrições arbitrárias, e o direito de se usufruir uma relação pessoal com Deus e seu Filho, sem intercessão sutil de natureza sacerdotal por parte de alguma representação humana. Embora grande parte do que está escrito possa parecer superficialmente característico da organização das Testemunhas de Jeová, na realidade, as questões subjacentes, fundamentais, afetam a vida de pessoas de qualquer crença que leve o nome de cristã.

O preço pago por crer-se firmemente que "não é seguro nem direito agir contrário à consciência" não tem sido pequeno para homens e mulheres que conheço. Alguns se vêem subitamente apartados das relações familiares em conseqüência duma ação oficial da religião — sem contato com pais, filhos e filhas, irmãos e irmãs, até mesmo com avós ou netos. Não podem mais desfrutar da livre associação com os amigos de muitos anos, por quem sentem profunda afeição; tal associação colocaria esses amigos em perigo de sofrer a mesma ação oficial. Testemunham a difamação do seu próprio bom nome — algo

[3] 1 Coríntios 11:3.

que levaram a vida inteira para criar — e de tudo o que esse nome representa nas mentes e corações dos que lhes conhecem. São, dessa maneira, despojados de toda e qualquer influência boa e legítima que tenham exercido em benefício das próprias pessoas que mais conhecem em sua comunidade, em seu país e no mundo inteiro. Perdas materiais, até maus-tratos e abusos físicos, podem ser mais fáceis de suportar do que isto.

O que levaria uma pessoa a arriscar tal perda? Quantas pessoas hoje em dia fariam isso? Existem naturalmente pessoas (como sempre existiram) que arriscariam qualquer uma ou todas estas coisas por causa do orgulho obstinado, para satisfazer o desejo de ganho material, de obter poder, prestígio, proeminência ou, simplesmente, por prazer carnal. Mas, quando a evidência não revela nada que indique tais objetivos, quando, na realidade, mostra que os homens e as mulheres envolvidos reconheciam que era precisamente o oposto desses alvos o que podiam esperar — o que dizer então?

O que tem acontecido entre as Testemunhas de Jeová provê um estudo incomum e mentalmente estimulante da natureza humana. Além dos que estavam dispostos a enfrentar a excomunhão por causa da consciência, que dizer daqueles, em maior número, que se sentiam obrigados a participar de tais excomunhões ou a apoiá-las, a admitir o rompimento do círculo familiar, a acabar com amizades de muitos anos? Não há dúvida da sinceridade de muitas destas pessoas, ou de que elas sentiram ou ainda sentem angústia em cumprir com o que supõem ser uma obrigação religiosa necessária. Que convicções e raciocínios as motivam?

Notadamente, com relação aos casos aqui tratados, muitos, senão a maioria dos envolvidos, são pessoas que estiveram associadas com as Testemunhas de Jeová por vinte, trinta, quarenta ou mais anos. Bem mais que “elementos periféricos”, eles estiveram entre os membros mais ativos e produtivos da organização. Estão incluídos entre eles indivíduos que foram membros destacados do pessoal da sede internacional das Testemunhas de Jeová em Brooklyn, Nova York; homens que eram superintendentes viajantes e anciãos; mulheres que gastaram muitos anos no serviço missionário e evangélico. Para se tornarem Testemunhas, tiveram invariavelmente de cortar todas as amizades anteriores com pessoas de outras crenças, uma vez que tais associações são desencorajadas entre as Testemunhas de Jeová. Daí

para frente, seus únicos amigos foram os de sua fé. Alguns tinham edificado os planos de toda uma vida em torno das metas estabelecidas para eles pela organização, deixando que estas controlassem o grau de educação que buscavam e o tipo de trabalho que faziam. O "investimento" deles foi altíssimo, envolvendo alguns dos mais preciosos bens da vida. E agora viram tudo isto desaparecer, sumir em questão de poucas horas.

Este é, creio eu, um dos aspectos estranhos do nosso tempo, que algumas das medidas mais rigorosas para restringir expressões da consciência pessoal tenham vindo de grupos religiosos uma vez conhecidos por sua defesa da liberdade de consciência.

Os exemplos de três homens — cada um deles instrutor religioso de destaque em sua própria religião, com cada situação descrita ocorrendo no mesmo ano — ilustram isto:

O primeiro deles, por mais de uma década, escreveu livros e deu regularmente palestras, expondo conceitos que atingiam o centro da estrutura de autoridade de sua religião.

O outro deu uma palestra diante duma assistência de mais de mil pessoas, na qual questionou os ensinos de sua organização religiosa acerca de certa data chave e de seu significado em cumprimento da profecia bíblica.

O terceiro não fez tais pronunciamentos em público. Suas únicas declarações que indicavam diferença de ponto de vista se limitaram a conversas pessoais com amigos íntimos.

No entanto, o rigor da ação oficial adotada contra cada um destes homens por suas respectivas organizações foi inversamente proporcional à seriedade de suas ações. E a atitude mais severa veio de onde menos se poderia esperar.

A primeira pessoa descrita é o sacerdote católico romano Hans Küng, professor da Universidade de Tübingen, na Alemanha. Depois de dez anos, sua crítica aberta, incluindo sua rejeição da infalibilidade do papa e dos bispos, foi finalmente tratada pelo próprio Vaticano e, a partir de 1980, o Vaticano o destituiu de sua posição oficial como teólogo católico. Ainda assim, ele continuou como sacerdote e figura influente no instituto de pesquisas ecumênicas da universidade; nem

mesmo os estudantes do sacerdócio que assistem às suas conferências estão sujeitos à disciplina eclesiástica.[4]

O segundo é um australiano de nascimento, o professor Desmond Ford, adventista do sétimo dia. O seu discurso para um grupo leigo de mil pessoas numa faculdade da Califórnia, no qual ele discordou do ensino adventista sobre a data de 1844, levou-o a uma audiência com a igreja. Ford recebeu uma licença de seis meses para preparar sua defesa e, em 1980, reuniu-se com uns cem representantes da igreja, que levaram cerca de cinqüenta horas escutando seu testemunho. Os encarregados da igreja decidiram remove-lo então do seu cargo de ensino e destituí-lo de sua posição ministerial. Mas ele não foi desassociado (excomungado), apesar de ter publicado seus pontos de vista e continuar a falar deles nos meios adventistas.[5]

O terceiro homem é Edward Dunlap que, durante muitos anos, foi o secretário da exclusiva escola missionária das Testemunhas de Jeová, a Escola Bíblica de Gileade da Torre de Vigia, também um importante colaborador do dicionário bíblico da organização, *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* e autor do livro *Comentário à Carta de Tiago*. Ele manifestou sua diferença de ponto de vista sobre certos ensinos apenas em conversa particular com amigos de longa data. Na primavera de 1980, uma comissão de cinco homens, nenhum deles membro do Corpo Governante da organização, se reuniu com ele em sessão secreta durante poucas horas, interrogando-o sobre seus pontos de vista. Depois de mais de quarenta anos de associação, Dunlap foi despedido de seu trabalho e de seu lar na sede internacional e desassociado da organização.

Dessa forma, a organização religiosa que tem sido para muitos o símbolo do autoritarismo extremo, demonstrou o maior grau de tolerância para com seu instrutor dissidente; a organização que tem se orgulhado particularmente de sua luta pela liberdade de consciência demonstrou o menor.

---

[4] Eles simplesmente não recebem crédito acadêmico por assistir a tais.

[5] Em conversa que tive com Desmond Ford em Chattanooga, Tennessee, em 1982, ele mencionou que, por essa época, mais de 120 ministros da Igreja Adventista do Sétimo Dia tinham renunciado ou sido "destituídos" pela igreja porque não podiam apoiar certos ensinos ou as ações recentes da organização.

Nisto reside um paradoxo. Apesar de sua atividade intensa no testemunho de casa em casa, a maioria das pessoas sabe realmente pouco sobre as Testemunhas de Jeová, com exceção de sua posição sobre certas questões de consciência. Têm ouvido falar de sua posição intransigente ao recusar-se a aceitar transfusões de sangue, de sua recusa em saudar qualquer bandeira ou emblema similar, e de sua oposição quanto à participação em qualquer atividade ou cargo político. Os que estão familiarizados com casos legais sabem que elas levaram cerca de cinqüenta casos à Suprema Corte dos Estados Unidos em defesa de sua liberdade de consciência, inclusive do direito de levar sua mensagem a pessoas de outras crenças, mesmo em face de considerável oposição ou objeções. Nos países onde são protegidas pelas liberdades constitucionais, estão livres para exercer tais direitos sem restrições. Em outros países, têm sofrido severa perseguição, prisões, encarceramentos, ataques de turbas, espancamentos e proscrições oficiais, proibindo-se sua literatura e pregação.

Como se explica, então, que atualmente qualquer pessoa dentre seus membros que manifeste uma diferença pessoal de ponto de vista com relação aos ensinos da organização, esteja quase certa de enfrentar um processo judicativo e, a menos que esteja disposta a retratar-se, seja passível de desassociação? Como podem os que põem esses procedimentos em execução considerar de modo racional essa evidente contradição de posições? Paralela a esta, está a questão de se a perseverança sob severa perseguição e maus-tratos físicos às mãos de opositores é necessariamente, *em si mesma*, evidência de crença na importância vital de manter-se fiel à consciência, ou se pode ser simplesmente o resultado da preocupação em aderir-se aos ensinos e padrões duma organização, e que a violação a estes pode conduzir à severa ação disciplinar.

Alguns talvez digam que o problema não é realmente tão simples como se apresenta aqui, que há outras questões cruciais envolvidas. Que dizer da necessidade de unidade religiosa e de ordem? Que dizer da necessidade de proteção contra os que espalham ensinos falsos, divisórios e perniciosos? Que dizer da necessidade do devido respeito à autoridade?

Ignorar esses fatores revelaria reconhecidamente uma atitude radical, cegamente desequilibrada.

Quem pode contestar o fato de que o mau uso da liberdade pode levar à irresponsabilidade, desordem, e acabar em confusão e até em anarquia? A paciência e a tolerância podem, da mesma forma, tornar-se nada mais que uma desculpa para a indecisão, passividade e o rebaixamento de todas as normas. Até o amor pode transformar-se em mero sentimentalismo, uma emoção mal dirigida que não atenta em fazer aquilo que é realmente necessário, com conseqüências cruéis. Tudo isto é verdade e é no que se concentram os que costumam impor restrições à consciência pessoal por meio da autoridade religiosa.

No entanto, qual é o efeito quando a "orientação" espiritual se transforma em dominação mental, até em tirania espiritual? Que acontece quando as qualidades desejáveis de unidade e ordem são substituídas por exigências que visam uma conformidade institucionalizada e por uma regimentação legalista? Quais são as conseqüências quando o devido respeito à autoridade se converte em sujeição servil, em submissão total, numa renúncia da responsabilidade pessoal diante de Deus de fazer decisões baseadas na consciência individual?

Estas perguntas devem ser consideradas para que a questão não venha a ser distorcida ou falsificada. O que segue neste livro demonstra de maneira muito nítida o efeito que estas coisas têm nas relações humanas, as posições insólitas e as ações que tomam as pessoas que só vêem um lado da questão e os extremos a que chegam a fim de defender esse lado.

Talvez o maior proveito em examinar isto esteja, creio eu, na possibilidade de ajudar-nos a compreender mais claramente quais eram as verdadeiras questões nos dias de Jesus Cristo e de seus apóstolos, e por que e como aconteceu, em tão curto espaço de tempo, com tanta sutileza e relativa facilidade, um desvio trágico de seus ensinos e exemplo. Os que pertencem a outras afiliações religiosas e que talvez se apressem em julgar as Testemunhas de Jeová, fariam bem em examinar primeiro a si mesmos e a sua própria afiliação religiosa à luz das questões envolvidas, das atitudes básicas que se escondem por trás das posições descritas e das ações tomadas.

Buscar as respostas para as perguntas levantadas requer que se vá além das pessoas afetadas e que se penetre na estrutura interna de uma organização religiosa específica, no seu sistema de ensino e controle, descobrindo como os homens que a dirigem chegam a suas conclusões

e normas, e investigando até certo ponto sua história passada e suas origens. Espera-se que as lições aprendidas possam ser de ajuda em expor as causas fundamentais da confusão religiosa e indiquem o que é preciso para que pessoas que procuram ser genuínas seguidoras do Filho de Deus possam usufruir paz e unidade fraternal.

2

CREDENCIAIS E MOTIVO

Em Cristo digo a verdade, não minto, e pelo Espírito Santo a minha consciência disso me dá testemunho. . . eu desejaria ser eu mesmo separado do Cristo por meus irmãos, os da minha raça segundo a carne. – Romanos 9: 1, 3, *Tradução Ecumênica.*

O QUE foi dito até aqui fornece, creio eu, uma boa razão para a escrita deste livro. Talvez persista a pergunta quanto a por que sou eu quem o escreve.

Um motivo é minha formação e a perspectiva que ela me proporciona. Desde a infância até o meu sexagésimo ano, passei minha vida em associação com as Testemunhas de Jeová. Ainda que outros, muitos outros, possam dizer o mesmo, é improvável que muitos deles tenham tido o grau de experiência que veio a ser meu quinhão durante esses anos.

Uma razão de maior peso é que estas circunstâncias me trouxeram à atenção informações às quais a vasta maioria das Testemunhas de Jeová não tem absolutamente nenhum acesso. As circunstâncias eram raramente provocadas por mim. Muitas vezes, a informação era totalmente inesperada, e até perturbadora.

Um motivo final, resultante dos dois anteriores, é o de consciência. Que faria você se visse uma evidência crescente de que pessoas estão sendo magoadas, profundamente magoadas, sem nenhuma justificativa real? Que obrigação teria qualquer um de nós — diante de Deus e de nossos semelhantes — se visse que certa informação está sendo escondida de pessoas para quem esta poderia ser da mais séria conseqüência? Estas eram perguntas com as quais me debatia.

O que segue discorre detalhadamente sobre estes motivos.

De muitas maneiras, preferiria muito passar por cima do primeiro destes, uma vez que o mesmo se trata necessariamente de minha própria “história”. Entretanto, a presente situação parece, de certo modo, exigir sua apresentação, assim como as circunstâncias

obrigaram o apóstolo Paulo a apresentar seu registro de experiências pessoais aos cristãos em Corinto e dizer-lhes em seguida:

> Comportei-me como um louco! Vos me constrangestes a isso. Sois vós que deveríeis ter me recomendado. Pois em nada fui inferior a esses super-apóstolos, embora não seja nada.[1]

Não tenho nenhuma pretensão de ser um Paulo, mas acredito que tanto minha razão quanto meu motivo correspondem aos dele.

Meu pai e minha mãe (e três dos meus quatro avós) eram Testemunhas, tendo meu pai sido batizado em 1913, quando as Testemunhas eram conhecidas simplesmente como Estudantes da Bíblia. Só me tornei uma Testemunha *ativa* depois de completar dezesseis anos de idade. Embora ainda na escola, já há muito tempo eu gastava de vinte a trinta horas por mês no "testemunho" de casa em casa, ficando de pé nas esquinas das ruas com revistas e distribuindo panfletos, enquanto usava cartazes que diziam: "A Religião é um laço, a Bíblia diz por quê. Sirva a Deus e a Cristo, o Rei."

Naquele ano, 1938, eu assisti a uma assembléia em Cincinnati (defronte à nossa casa no outro lado do rio Ohio) e ouvi o Juiz Joseph F. Rutherford, presidente da Sociedade Torre de Vigia, falar de Londres, através de comunicação radiotelefônica. Num discurso principal intitulado Encare os Fatos, as palavras iniciais de Rutherford incluíam o seguinte:

> Já que a plena declaração dos fatos tende a chocar as suscetibilidades de algumas pessoas, [isto] não fornece desculpa ou justificativa alguma para ocultar-se do público qualquer parte deles, particularmente quando está envolvido o bem-estar do público... Jamais se deve permitir que a crença ou opinião anterior impeça alguém de aceitar e considerar uma declaração dos fatos.[2]

Fui atraído por isso como um princípio valioso a ser seguido na vida. Sentia-me receptivo aos fatos que ele estava para apresentar:

Entre os principais pontos enfatizados, estavam estes:

> Deus tem tornado claro, para ser visto pelos que buscam diligentemente a verdade, que a religião é uma forma de adoração que

---

[1] 2 Coríntios 12:11, *TEB*; compare com 3:1, 2; 5:12, 13; 6:4-10; 11:21-29.

[2] *Encare os Fatos* (em inglês), página. 3.

> nega, porém, o poder de Deus e afasta os homens de Deus... *A religião e o cristianismo estão, portanto, exatamente em oposição um ao outro*.[3]
>
> De acordo com as profecias de Jesus, quais são as coisas a ser esperadas quando o mundo chegar ao fim? A resposta é guerra mundial, fome, pestilência, angústia de nações e, entre outras coisas mencionadas, o aparecimento de uma monstruosidade na terra... *Estes são incontestáveis fatos físicos que têm ocorrido, provando que o mundo de Satanás chegou ao fim, e tais fatos não podem ser ignorados*.[4]
>
> Agora a Alemanha está aliada ao papado e a Grã-Bretanha está se movimentando rapidamente nessa direção. Os Estados Unidos da América, uma vez defensores da democracia, estão totalmente preparados para tornar-se parte do regime totalitário... Assim, os fatos incontestáveis são que existe agora na terra a monstruosidade ditatorial de Satanás, que desafia e se opõe ao reino de Jeová... *A conspiração totalitária está para assumir o controle da Inglaterra e da América. Você não pode evitá-lo. Nem tente. Sua segurança está ao lado do Senhor...*[5]

Grifei as declarações que ficaram particularmente gravadas em minha mente naquela ocasião. Elas criaram em mim uma intensidade de sentimento, próxima à agitação, que nunca tinha experimentado antes.

Seu outro discurso importante, “Enchei a Terra”, desenvolvia a visão de que, a partir de 1935, a mensagem de Deus, até então dirigida a pessoas que reinariam com Cristo no céu, um “pequeno rebanho”, estava agora sendo dirigida a uma classe terrena, as “outras ovelhas”, e que estas, após a vindoura guerra do Armagedom, haveriam de procriar e encher a terra com uma descendência justa. Sobre estas, disse ele:

> Devem achar proteção na organização de Deus, o que mostra que devem ser imersas, batizadas ou escondidas nessa organização. A arca construída por Noé, sob a ordem de Deus, tipificava a organização de Deus...[6]

---

[3] *Ibid*., páginas. 7, 8. (As Testemunhas de Jeová atualmente vêem “religião” como um termo aceitável para a adoração verdadeira.)

[4] *Ibid*., página 9. (O ensino na época era que, visto ter se encerrado o prazo do governo de Satanás em 1914, o “mundo findou” nesse sentido. As publicações da Sociedade não ensinam mais isto.)

[5] *Ibid*., páginas 16, 17, 27. (A Sociedade dá agora uma aplicação diferente para a “abominação da desolação” [Mateus 24:15] referida aqui como a “monstruosidade”.)

[6] *Ibid*., páginas 40, 41. (Esta concepção do significado simbólico da arca foi alterada, embora o papel da organização como essencial à salvação conforme apresentado seja basicamente o mesmo.)

Destacando que os três filhos de Noé não começaram evidentemente a produzir uma descendência antes de passados dois anos do Dilúvio, o presidente da Torre de Vigia fez então uma aplicação aos com esperança terrestre nos tempos modernos, ao dizer:

> Seria biblicamente apropriado que se casassem agora e começassem a criar filhos? Não, é a resposta, o que é apoiado pelas Escrituras... Será muito melhor que estejam desembaraçados e livres de obrigações, de modo que possam fazer a vontade do Senhor agora, conforme ordenada pelo Senhor, e estar também livres de impedimento no Armagedom.[7]

Joseph Rutherford falou de modo eloqüente e com uma cadência característica de grande convicção. Estes eram os *fatos*, as verdades sólidas sobre as quais construir os mais sérios planos da vida de alguém. Fiquei profundamente impressionado com a importância da organização como sendo essencial à salvação, e também, com a prioridade que a obra de testemunho deveria ter sobre tais interesses pessoais como o casamento e a criação de filhos, ou atenuá-los pelo menos.[8]

Fui batizado em 1939 e, em junho de 1940, tendo me graduado na escola secundária, ingressei imediatamente no serviço de tempo integral da atividade de testemunho. Esse foi um ano turbulento para o mundo e para as Testemunhas de Jeová. A 2ª Guerra Mundial havia começado, a obra das Testemunhas de Jeová veio a estar sob proscrição em vários países e centenas de Testemunhas de Jeová foram presas; nos Estados Unidos, filhos de Testemunhas de Jeová estavam sendo expulsos da escola por se recusarem a saudar a bandeira (visto por elas como uma forma de adoração de imagem); a posição de neutralidade das Testemunhas para com a guerra inspirava quase sempre antagonismo violento por parte dos que se orgulhavam de sua lealdade e patriotismo; ataques de turbas enfurecidas estavam começando a se espalhar.

Naquele verão, nossa família foi a Detroit, Michigan, para assistir a um importante congresso das Testemunhas. Imperava um espírito de tensa antecipação, uma sensação de se estar sob sítio. No encerramento

---

[7] *Ibid*., páginas 46, 47.

[8] Foi somente em 1959, quando eu tinha 36 anos, que finalmente me casei; minha esposa e eu não temos filhos.

da assembléia, o Juiz Rutherford indicou que ‘esta deveria ser a última assembléia que teríamos antes de romper a grande tribulação’. Quando veio o outono de 1940 e guardei minhas roupas de verão, lembro-me de ter pensado que, provavelmente, jamais as pegaria novamente — que o Armagedom teria vindo ou estaríamos todos então em campos de concentração, como muitas Testemunhas na Alemanha Nazista.

A violência das turbas atingiu grande intensidade durante o início dos anos 40. Em Connersville, Indiana, assisti a um julgamento de duas mulheres das Testemunhas, acusadas de atividade sediciosa (“conspiração turbulenta”), simplesmente porque estudavam as publicações da Torre de Vigia como parte dum estudo de grupo domiciliar. O julgamento durou cinco dias e, no último dia, após o anoitecer, o júri apresentou seu veredito de que eram culpadas. Ao deixar o tribunal, o advogado de defesa (uma Testemunha chamada Victor Schmidt) e sua esposa foram violentamente atacados por uma turba e forçados a caminhar, sob uma chuva torrencial, todo o trajeto até os confins da cidade. No caminho, o horror da situação fez com que a esposa de Schmidt começasse de repente a menstruar. Eu trazia no grupo em meu carro, um representante das Testemunhas (Jack Rainbow) que tinha sido anteriormente ameaçado de morte por alguns destes homens caso retornasse à “cidade deles”. Ao chegar aos limites da cidade e ver Schmidt e sua esposa seguidos por um restante da turba, senti-me obrigado a correr o risco de apanhá-los, o que consegui fazer. Outra Testemunha tinha tentado fazê-lo, mas só conseguiu ter uma janela do carro quebrada em resultado de seus esforços. A esposa de Schmidt caiu numa gritaria histérica quando a colocamos no carro; o rosto de seu marido estava machucado e ensangüentado devido aos cortes profundos, onde havia evidentemente sido atingido com manoplas.[9]

Victor Schmidt

[9] Veja *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976*, páginas 186-188; também o folheto *Teocracia* (em inglês), publicado em 1941, páginas. 44, 45.

Experimentar tal intolerância crua e desumana em primeira mão deixou uma vívida impressão em minha mente jovem. Senti-me ainda mais convencido da justeza de meu procedimento ao lado dos que eram, mui evidentemente, os verdadeiros servos de Deus.

Mais tarde, como tática recomendada pelo conselheiro jurídico da Sociedade Torre de Vigia, Hayden Covington, um grupo bastante grande de 75 Testemunhas da área de Cincinnati, Ohio, incluindo meus pais, minhas duas irmãs e a mim, viajou para Connersville no empenho de dar um testemunho "relâmpago". Com uma única exceção, todos nós, homens, mulheres e crianças, fomos detidos e confinados em várias prisões, ficando trancados por uma semana até que a fiança fosse providenciada. Ainda na minha adolescência, foi a primeira vez que experimentei a sensação que se tem ao ver uma maciça porta metálica se fechando, escutar a trava sendo lançada no lugar e compreender que lhe havia sido retirada sua liberdade de movimento.

Alguns meses mais tarde, eu estava em Indianápolis, Indiana, para uma audiência com um tribunal superior envolvendo os acontecimentos em Connersville. Meu tio, Fred Franz, membro do pessoal da sede da Torre de Vigia desde 1920 e associado íntimo do Juiz Rutherford, estava também lá, como uma espécie de testemunha experiente, vinda de Brooklyn, em favor da Sociedade. A congregação local o convidou para dirigir-lhes a palavra certa noitinha. No decorrer de seu discurso, ele começou falando da atitude de muitos que achavam que a obra de testemunho estava chegando a seu fim, praticamente terminada. Falando sem exagero, posso dizer que fiquei estupefato ao ouvir meu tio falar ao contrário, dizendo que, em Brooklyn, não se estava esperando um encerramento das atividades e que 'qualquer pessoa que quisesse fazer uma assinatura da revista *A Sentinela*, não precisava fazê-la por apenas seis meses — poderia fazê-la por um ano inteiro ou dois anos, se quisesse!'

A direção de suas observações era tão contrária ao dos comentários do presidente da Sociedade na assembléia de Detroit que me pareceu claro que meu tio estava falando de sua própria iniciativa, não estava apresentando uma mensagem devidamente autorizada da Sociedade. Na verdade, senti-me como se precisasse ir a ele e exigir cautela, temendo que suas observações chegassem a Brooklyn e fossem vistas como desleais, como tendo um efeito desvanecedor e corrosivo sobre o senso de extrema urgência que havia se desenvolvido. Apesar de estar

no final da casa dos quarenta, meu tio era um homem relativamente jovem comparado com o Juiz Rutherford e eu me achava em dúvida quanto a se aceitava suas observações como apropriadas ou se as desconsiderava como fruto de uma atitude independente e, de certo modo, precipitada.

Saindo de casa naquele ano para tornar-me companheiro de uma co-Testemunha jovem numa região de mineração de carvão da Virgínia Oeste e no leste de Kentucky, achei-me numa área em que nos confrontávamos com a ameaça de violência quase diariamente. Alguns campos de mineração consistiam de longas fileiras de casas de madeira que se estendiam ao longo da rodovia. Às vezes, quando chegávamos à última de tal seqüência de casas, podíamos voltar o olhar para o ponto a partir de onde tínhamos começado nossas visitas e ver homens e rapazes correndo agitadamente de um lado para outro e reunindo uma turba.

No campo de mineração “Octavia J” em Kentucky, nosso velho carro Ford, “Modelo A”, foi cercado por um grupo de mineiros irados e fomos informados para ‘dar o fora de lá e do Estado de Kentucky, e não retornar se dávamos valor a nossas vidas’. As tentativas de raciocinar só provocavam mais ira. Voltamos realmente dois meses depois e, antes de sairmos, atiraram em nós e nos perseguiram, escapando somente graças a um ardil que nos levou por estradas vicinais e através duma montanha, até que conseguimos finalmente pegar o caminho de casa. Mais que o fervor patriótico, o fanatismo religioso parecia ter sido a força que motivava os mineiros. O fato de não crermos no ensino dum inferno de fogo literal (fazendo com que os jovens gritassem “negadores do inferno”, enquanto passávamos) pesava quase tão decisivamente quanto nossa posição para com a guerra.

Eu achava pavoroso, então, esse fanatismo de mente estreita. Estava feliz por fazer parte duma organização livre de tal intolerância.

Veio o verão de 1941 e, contrário à minha expectativa, achei-me assistindo a outra assembléia realizada em Saint Louis, Missouri. Ainda me lembro de ver as multidões se aglomerando em torno do Juiz Rutherford enquanto era conduzido até o local da assembléia num carro espaçoso, com Hayden Covington e o vice-presidente Nathan Knorr, ambos homens de estatura corpulenta, em pé sobre os estribos como guarda-costas. No último dia da assembléia, Rutherford fez com

que todos os jovens de cinco a dezoito anos de idade se sentassem diante da tribuna. Depois de seu discurso preparado, falou-lhes extemporaneamente. Homem alto, de aparência costumeiramente séria e de tom grave, Rutherford falou com uma persuasão quase paternal e recomendou a estes jovens que tirassem o casamento de suas mentes até a volta de Abraão, Isaque, Jacó e de outros homens e mulheres fiéis do passado, que seriam ressuscitados em breve e os orientariam em sua escolha de cônjuges. A cada um deles foi dado um exemplar gratuito do novo livro intitulado *Filhos*. Como recurso de desenvolvimento da matéria, apresentava um casal de Testemunhas jovens, João e Eunice, que estavam noivos, mas haviam decidido adiar seu casamento até a chegada da Nova Ordem tão próxima. No livro, João dizia a Eunice:

> A nossa esperança é que, dentro de poucos anos, o nosso casamento possa ser consumado e, pela graça do Senhor, teremos lindos filhos que serão uma honra ao Senhor. Podemos bem adiar o nosso casamento até que a paz duradoura venha à terra. Agora nada devemos acrescentar às nossas tarefas, mas estejamos livres e equipados para servir ao Senhor. Quando a TEOCRACIA estiver completamente estabelecida, não será dificultoso criar filhos.[10]

Eu estava na época com 19 anos e, hoje, na casa dos 80, ainda consigo me lembrar da empolgação emocional, uma estranha mistura de agitação e depressão, que aquelas afirmações geraram em mim. À minha idade, ser confrontado com declarações dessa espécie, que, em essência, exigiam que eu tomasse a decisão de deixar de lado o interesse pelo casamento para uma ocasião indefinida, tinha um efeito perturbador. Talvez eu pudesse avaliar melhor o que homens jovens, que contemplam entrar para o sacerdócio católico, experimentam. Evidentemente, a importância das recomendações insistentes do presidente da Torre de Vigia se baseavam na brevidade do tempo até o Armagedom. Conforme disse posteriormente a revista *A Sentinela* de 15 de setembro de 1941 (em inglês), ao descrever a ocasião:

> Ao receber o presente [o livro *Filhos*], as crianças enfileiradas seguravam-no junto a si, não como um brinquedo ou passatempo para

[10] *Filhos,* página 283.

> o prazer ocioso, mas como o instrumento provido pelo Senhor para a obra mais eficaz nos meses que restam antes do Armagedom.[11]

Anos mais tarde eu soube que o Juiz Rutherford estava, à essa altura, morrendo de câncer. Por muitos anos, ele estivera separado de sua esposa que também era Testemunha e vivia como uma inválida na Califórnia; o seu único filho, ao tornar-se adulto, não demonstrou nenhum interesse pela religião de seu pai. Meu tio, Fred Franz, disse que a condição debilitada do Juiz, junto com seu forte desejo de que o "fim" viesse enquanto ele ainda estivesse vivo para presenciá-lo, motivaram muitas de tais declarações, como as feitas em 1940 e 1941. Desde então, tenho raciocinado que, se o casal do livro tivesse sido real em vez de imaginário, o período de seu noivado teria sido certamente bastante longo, de fato, ainda estaria vigorando. Todas as jovens presentes àquela assembléia estariam agora muito além da idade de ter filhos, estando pelo menos com uns sessenta anos de idade. Alguns dos que estavam então presentes como crianças seguiram, não obstante, lealmente o conselho ouvido e permaneceram solteiros, passando pelo que podia ser chamado de anos casadouros normais até se tornarem solteirões e solteironas.

Em 1942, uma designação de "pioneiro especial" em Wellston, Ohio, proporcionou outras experiências.[12] Outra Testemunha jovem e eu morávamos num pequeno trailer, uma "caixa sobre rodas" de fabricação caseira, com 1,83 metros de largura e 4,27 metros de comprimento. Não tinha qualquer isolamento nas paredes e o nosso fogão a carvão mantinha o fogo aceso por, no máximo, poucas horas. Em muitas noites de inverno, a água no balde *dentro* do trailer congelava completamente e não era raro acordarmos sem conseguir voltar depois a dormir por causa do tremor dos pés que doíam de frio. Não

A "caixa sobre rodas"(o trailer)

[11] Veja a revista *A Sentinela* (em inglês) de 15 de setembro de 1941, página 288.

[12] Os "pioneiros especiais" são representantes de tempo integral ("pioneiros") que recebem designações especiais da Sociedade, com uma cota mais elevada de horas e uma mesada mensal para ajudar nas despesas.

tínhamos condições de arranjar nada melhor já que, com exceção de nossa participação nas contribuições que as pessoas davam pela literatura, cada um de nós recebia uma mesada mensal da Sociedade de no máximo quinze dólares.[13] Durante a maior parte do ano, nossa principal refeição diária se compunha geralmente de batatas cozidas, margarina e pão dormido (custava a metade do pão novo). Meu companheiro tinha um carro velho, mas raramente tínhamos dinheiro para abastecê-lo com combustível.

Nesta cidade também a animosidade se acendia facilmente. Vez por outra, os garotos quebravam cada janela do trailer. Uma noite, voltei para casa e a encontrei completamente virada para um lado. Fui submetido mais uma vez à prisão e passei uma noite na cadeia local. O lugar fervilhava literalmente de percevejos e, sem poder deitar-me no beliche da cadeia, passei a noite inteira sentado numa lata vazia que alguém havia deixado na cela.

Em 1944, recebi um convite para cursar a escola missionária, a Escola Bíblica de Gileade da Torre de Vigia, para fazer um curso de cinco meses. Tendo recebido a formatura e enquanto esperava uma designação missionária, passei um ano e meio no trabalho de viajante, visitando congregações num "circuito" que abrangia o estado do Arizona e grande parte da Califórnia. Ao visitar congregações na área de San Diego, Califórnia, passei cinco noites em "Bete Sarim" (que significa "Casa dos Príncipes"). Esta era uma casa grande, construída pela Sociedade e se dizia que era "mantida em fideicomisso" para os homens fiéis do passado, de Abel em diante, a fim de ser usada por eles depois de sua ressurreição.[14] O Juiz Rutherford, que sofrera de alguns problemas pulmonares, passou vários invernos lá durante sua vida. Recordo que o lugar me deu uma espécie de sensação de irrealidade. San Diego era uma cidade agradável e a casa era uma excelente residência de classe alta. Eu, porém, não podia compreender por que os homens, sobre os quais havia lido na Bíblia, teriam

[13] O formulário de pedido desta mesada tinha espaço para indicar o que se tinha recebido de contribuições pela literatura, o que se tinha gasto e a diferença. Como ocasionalmente a diferença não chegava aos quinze dólares, eu achava que a coisa certa a fazer era pedir um valor inferior. Mas isto fazia com que eu acabasse ficando sempre quase sem recursos e pedindo então quantias cada vez menores. Como vim a descobrir mais tarde, a maioria dos "pioneiros especiais" pediam simplesmente os quinze dólares exatos.

[14] Veja o livro *Salvação*, publicado em 1940, páginas 275 e 276.

qualquer interesse em alojar-se lá; alguma coisa parecia não se encaixar.[15]

Designado primeiramente para a França como missionário, não pude ir devido à recusa de minha junta de recrutamento em conceder-me permissão para deixar o país. Em seguida, fui designado para a ilha de Porto Rico. Antes de partir em 1946, Nathan Knorr, o então presidente da Sociedade (tendo Rutherford falecido no início de 1942), falou a um grupo de nós, todos homens jovens que estavam sendo enviados para fazer trabalho de supervisão em diferentes países como "superintendentes de filial". Entre outras coisas, enfatizou energicamente que, caso desejássemos permanecer em nossas designações missionárias, deveríamos evitar qualquer coisa que levasse ao namoro e ao casamento. A norma era: A perda do celibato significa a perda da designação.[16]

A residência chamada Beth Sarim ("Casa dos Príncipes")

Em Porto Rico, não levou muito tempo até que nosso grupo no "lar missionário" de San Juan se constituísse de um casal, sete moças jovens na casa dos vinte anos e eu, todos morando numa casa de dois pavimentos com seis dormitórios. Apesar de seguir o conselho de Knorr e manter-me muito ocupado (às vezes dirigindo mais de quinze estudos bíblicos domiciliares por semana), a norma anunciada sobre o casamento e as circunstâncias na intimidade do lar geravam uma pressão cada vez mais extenuante sobre mim. Ataques de disenteria, seguidos de infecção paratífica com suas acompanhantes cólicas agudas e evacuação de sangue e, depois, um caso de hepatite infecciosa só agravaram a situação. (Eu trabalhava direto no escritório durante as crises de disenteria e infecção

[15] Não muitos anos depois, Bete Sarim foi vendida. A crença na volta dos "homens fiéis da antiguidade" antes do Armagedom foi também deixada de lado.

[16] Aplicava-se basicamente a mesma regra na sede internacional e em todos os escritórios de filiais; em meados dos anos cinqüenta, mudou-se esta regra; o próprio Knorr se casou.

paratífica e tive só uma semana de folga por causa da hepatite, embora me sentisse tão fraco que mal podia subir a escada até o escritório.) Oito anos depois, essa combinação de tensões quase me levou a um colapso nervoso. Tendo escrito ao presidente sobre os problemas, fui dispensado de minhas responsabilidades na filial (eu não tinha feito esta solicitação) e foi-me oferecida a oportunidade de voltar aos Estados Unidos a fim de trabalhar lá como superintendente viajante. Em vez disso, pedi que me fosse permitido continuar em minha designação em Porto Rico, e acabei transferido para outra cidade. Embora a cidade, Aguadilla, não fosse de minha preferência pessoal, requisitei-a já que parecia que a necessidade lá era maior.

Em cerca de um ano, fui designado para trabalhar como superintendente viajante e visitar as congregações da ilha e das vizinhas Ilhas Virgens (que se estendem ao leste de Porto Rico).

Rafael Trujillo

Um detalhe adicional era que a Sociedade me pedia periodicamente para viajar à República Dominicana, onde a obra das Testemunhas de Jeová havia sido proscrita pelo governo do ditador Rafael Trujillo. O objetivo era primariamente introduzir de forma clandestina exemplares de literatura da Torre de Vigia.[17] Fiz isso várias vezes e então, em 1955, foi-me solicitado tentar entregar pessoalmente uma petição ao ditador. Sabendo que pessoas que caíam no seu desagrado acabavam simplesmente desaparecendo, aceitei a designação com certa apreensão. Ao chegar a Ciudad Trujillo (atualmente São Domingos), enviei um telegrama ao Generalíssimo, apresentando-me apenas como "um educador norte-americano com uma informação de grande importância para V.Exa. e seu país." A entrevista foi concedida no Palácio Nacional e consegui

[17] Apesar da estatura mediana, meu peso médio quando estava no Caribe era de apenas 53 quilos. Podia colocar várias revistas em volta do meu corpo sob uma camada dupla de camisetas e esconder um livro aberto de 384 páginas por dentro de minhas cuecas e ainda parecia normal. O único problema era que, enquanto estava sentado no avião, as quinas do livro aberto penetravam nas minhas coxas causando certo desconforto.

entregar a petição em suas mãos.[18] Para minha surpresa, não fui expulso e continuei a fazer periodicamente minhas viagens "de contrabando" sem ser apreendido.

Então, em 1957, todos os missionários americanos das Testemunhas foram expulsos da República Dominicana, ao iniciar-se uma onda de perseguição violenta, em que muitas Testemunhas locais foram brutalmente espancadas e presas. O problema principal tinha sido a recusa dos varões Testemunhas de "marchar", conforme exigido pelos regulamentos de treinamento militar. Mas havia também manifestação de considerável oposição religiosa, com padres e outras pessoas fazendo declarações inflamatórias nos jornais. A Sociedade me pediu para ir lá e certificar-me das condições das Testemunhas dominicanas. Eu estivera lá bem recentemente para transmitir instruções aos missionários e trouxera relatos detalhados da perseguição, os quais receberam grande destaque nos jornais porto-riquenhos. Pelo que soubemos de uma fonte próxima a ele, esta publicidade adversa enfureceu Trujillo. Sentindo-me como um homem marcado, recordo que, em minha primeira noite num hotel da Ciudad Trujillo, foi-me cedido um quarto no andar térreo, com janelas em estilo francês (envidraçadas até o chão), perto da cama. A minha sensação de verdadeiro perigo era tão forte que fui levado a simular a aparência de um corpo em cima da cama, enquanto dormia no chão por trás dela. Entretanto, consegui mais uma vez entrar e sair sem incidente e fiz outras viagens nos anos seguintes.

Mais tarde, a Sociedade mudou sua norma acerca do casamento e, treze anos depois de ter chegado a Porto Rico, eu me casei. Cynthia, minha esposa, juntou-se a mim no trabalho de viajante. As condições econômicas nas ilhas eram de pobreza, consideravelmente abaixo do nível atual. Nós morávamos com as pessoas a quem servíamos, compartilhando de seus pequenos lares, às vezes com água encanada e eletricidade, às vezes não; às vezes com certa medida de privacidade, quase sempre com muito pouca. Relativamente jovens, nós nos

[18] O Generalíssimo me recebeu trajado em uniforme militar completo com todas as suas medalhas (muitas, senão a maioria, sendo auto-conferidas). Quando ele percebeu qual era realmente minha missão, a entrevista acabou quase imediatamente. Não obstante, causou uma impressão favorável, já que a proscrição foi suspensa algum tempo depois pelo período de um ano aproximadamente e então reimposta. (Veja *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1973*, páginas 152, 153).

adaptamos a esta situação, ainda que a saúde de minha esposa viesse a ser seriamente afetada.

Apenas poucos meses depois de nosso casamento, enquanto servíamos numa pequena ilha, minha esposa adoeceu com um caso grave de gastrenterite, evidentemente devido a água insalubre ou alimento contaminado. A casa onde estávamos hospedados pertencia a um excelente casal antilhano com filhos maravilhosos. Infelizmente, a casa que eles tinham alugado estava infestada de baratas, um bichinho que leva minha esposa à beira do pânico. À noite, verificávamos regularmente nossa cama à procura de qualquer barata antes de baixarmos o mosquiteiro. Desconfiando que uma caixa grande num canto que continha roupas fosse a morada dos insetos, peguei certo dia um pulverizador de inseticida, fui até a caixa e levantei a peça de roupa que estava por cima. Soltei-a imediatamente, já que a caixa estava fervilhando com o que parecia ser centenas de baratas miúdas e eu receava que o pulverizador pudesse espalhá-las por todos os lados. Para completar, um rato enorme entrava toda noite na cozinha (perto do nosso quarto e do único banheiro), sendo tão grande seu tamanho que deslocava as latas de mantimento nas prateleiras.

Foto do dia do casamento

Nestas circunstâncias, minha esposa começou então a sofrer de gastrenterite, desenvolvendo excessiva diarréia e vômitos constantes. Consegui levá-la ao único médico da ilha e uma injeção parou temporariamente o vômito. Naquela noite, já muito tarde, começou de novo e isto, junto com a constante diarréia, fez com que Cynthia chegasse ao ponto da desidratação. Corri cerca de um quilômetro e meio para acordar o médico e a levamos no jipe dele a uma pequena clínica. Suas veias ficaram quase arruinadas com as enfermeiras

tentando vez após vez enfiar a agulha até conseguirem finalmente fazê-lo, para ministrarem a solução salina. Ela recebeu alta poucos dias depois, mas sua saúde jamais voltou a ser a mesma. Mais adiante, uma infecção parasitária (tricocéfalo) agravou o problema.

Continuamos no nosso trabalho de viajante até 1961 e fomos então transferidos para a República Dominicana. Trujillo foi assassinado pouco antes de nossa chegada.

Durante os nossos quase cinco anos lá, vimos a queda de quatro governos diferentes e, em abril de 1965, passamos por uma guerra que se travava em torno da capital, onde estávamos situados. A maioria dos americanos e outros residentes estrangeiros fugiram do país. O nosso grupo missionário não se sentia inclinado a abandonar as Testemunhas de Jeová dominicanas e nem nossa designação, e aprendemos, dessa maneira, o que é a vida em tempo de guerra. As noites eram cheias do estampido de centenas de rifles, da crepitação de metralhadoras, do estrondo de bazucas e de outras armas mais pesadas. Havia tréguas na luta durante o dia, o que nos permitia sair e realizar alguma atividade, apesar de sermos algumas vezes quase atingidos pelo irrompimento de tiroteio. Até hoje, tenho me perguntado quão perto devem ter passado as balas da minha cabeça, já que se ouvia um som característico como o de abelhas zangadas voando pela sua cabeça. Um soldado me tranqüilizou dizendo: “Não precisa se preocupar com essas balas. Não ouvirá a que lhe acertar”.

Cena da guerra na República Dominicana no ano de 1965

Os quinze anos restantes do serviço de tempo integral foram bastante diferentes, já que transcorreram na sede internacional em Brooklyn, Nova York. Minha razão para descrever com certo detalhe os anos iniciais até 1965 é que seu conteúdo parece ter um tanto do tecido (embora de qualidade enormemente inferior) das experiências

salientadas pelo apóstolo, ao apresentar a evidência da genuinidade de seu serviço a Deus e a Cristo, dizendo:

> Em tudo mostramos que somos servos de Deus, suportando com muita paciência as aflições, as necessidades e as dificuldades.

Nas palavras que seguem, ele não faz menção de seus discursos, não dá as cifras das grandes assistências às quais se dirigiu, nem cita exemplos de feitos organizacionais ao edificar grande número de crentes.[19]

Não pretendo dizer que o que passei seja de maneira alguma pior do que aquilo que muitos outros passaram, quer como missionários das Testemunhas de Jeová quer de outras religiões. Apresenta-se a história pessoal simplesmente para que o leitor possa estabelecer seu valor relativo, particularmente no que tange à constatação da validade e integridade da informação suprida no resto desta publicação.

CIRCUNSTÂNCIAS E CONSEQÜÊNCIAS

> *Pois nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos.* — Atos 4:20. *Almeida Revista e Atualizada*.

O que vi, ouvi e passei durante os quinze anos seguintes teve um tremendo impacto sobre mim. Se a reação do leitor há de coincidir com a minha, não tenho como sabê-lo, mas uma coisa é certa e esta é que ninguém poderia compreender o que me levou a uma situação de crise sem conhecer o desenrolar destes acontecimentos. É apropriado o provérbio: "Quando alguém replica a um assunto antes de ouvi-lo, é uma tolice da sua parte e uma humilhação."[20]

No ano antes da guerra na República Dominicana e depois de um ataque de febre de dengue, que me deixou com os nervos esgotados e hipersensíveis, eu havia participado de um curso de dez meses na Escola de Gileade.[21] No encerramento, o presidente da Sociedade, N. H. Knorr, me pediu para deixar meu serviço missionário no Caribe e vir com minha esposa para a sede internacional (chamada "Betel") em

---

[19] 2 Coríntios 6:4-10, *BLH*.

[20] Provérbios 18:13.

[21] A febre da dengue é comparável à malária no que se refere a ser transmitida por mosquitos, porém, desaparece por si. Seu efeito permanente em mim deve ter sido causado por um antigo caso de escarlatina na infância.

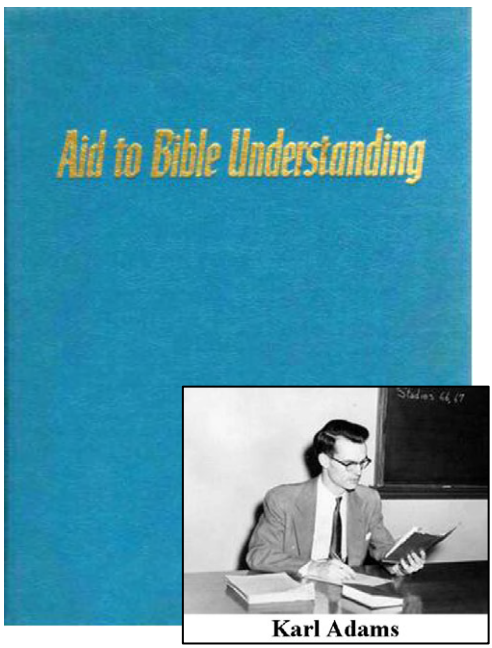
Brooklyn, onde eu serviria no Departamento de Redação. Embora isto fosse indubitavelmente visto como uma honra por outras pessoas, eu francamente não tinha nenhuma intenção de abandonar o lugar onde me encontrava. Falando com o irmão Knorr em seu escritório, expliquei-lhe o quanto apreciava a designação em que estava, o quanto gostava das pessoas e do trabalho. Isto foi visto, aparentemente, como falta de apreço pela oportunidade oferecida; ele pareceu de certo modo ofendido. Disse-lhe, então, que simplesmente quisera que ele conhecesse meus sentimentos, meu amor pela atividade missionária e que aceitaria a mudança de designação.

Poucos meses depois da nossa chegada e depois de eu haver feito algum trabalho de redação, o presidente Knorr me levou a um escritório em que havia uma mesa com montes de papéis datilografados, empilhados até às alturas, e me pediu para empreender o desenvolvimento de um dicionário bíblico. Os papéis eram o resultado de designações que haviam sido distribuídas entre 250 homens ao redor do mundo. Essas designações, no entanto, foram feitas, de modo geral, com base na posição organizacional deles (como no caso de pessoal de escritório de filial, superintendente de gráfica, e assim por diante). Poucos desses homens tinham experiência em escrever e, muito menos ainda, tinham sequer a experiência, o tempo ou o acesso a bibliotecas para fazer pesquisa. Creio que se pode dizer sem exagero que, pelo menos, 90% do material submetido não foi utilizado.

Comecei por “Aarão”, e continuei com “Aaronitas”, “Ab”, “Abadon”, e assim por diante, mas a inviabilidade de um só escritor encarregar-se da tarefa tornou-se logo evidente. Primeiro, um diretor da Sociedade Torre de Vigia, Lyman Swingle foi designado; pouco depois, Edward Dunlap, secretário da Escola de Gileade, também foi designado. Com o tempo, Reinhard Lengtat e John Wischuk, respectivamente dos departamentos de serviço e de redação, juntaram-se ao grupo do projeto. Outros participaram intermitentemente por vários períodos, mas foram as cinco pessoas mencionadas que cuidaram do projeto até que a obra de referência de 1.696 páginas,

chamada *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, fosse concluída cinco anos depois.[22]

Pouco antes de começarmos, o presidente Knorr fez uma declaração que mostrou ser um fator chave em nossa abordagem do projeto. Não foi proposital a maneira como a entendemos, mas foi indubitavelmente casual. Dirigindo-se a nós, que estávamos então designados, ele disse: "Queremos simplesmente apresentar o que diz a Bíblia; não há necessidade de consultar cada coisa nas publicações da Sociedade".



Karl Adams

Sua intenção ao dizer isto, como chegamos a compreender mais tarde, era para que o projeto pudesse ficar pronto rapidamente e, dessa forma, produzisse algo relativamente pequeno, um "manual", como ele o expressou posteriormente. Por simplesmente reafirmarmos o que estava nos textos chaves da Bíblia, relacionados com um tema específico, com muito pouco esclarecimento adicional, seria necessário apenas uma quantidade mínima de tempo para pesquisa. Nós o interpretamos mal por entender que devíamos nos esforçar sempre em apresentar o que Bíblia realmente dizia em vez de sentirmo-nos obrigados a apresentar as coisas da forma como as publicações da Sociedade o faziam. O resultado foi um tipo de publicação consideravelmente diferente da que, de outro modo, teria saído. O material enviado pelos 250 homens, quase sem exceção, apresentava informações de acordo com o 'ponto de vista aprovado' das publicações da Sociedade. Nossa pesquisa muitas vezes revelava diferenças.

---

[22] Os tópicos nos eram designados por Karl Adams, superintendente do departamento. *Estudo Perspicaz das Escrituras*, uma coleção de três volumes com pouquíssimas revisões, substituiu o livro *Ajuda* em 1990.

O vice-presidente da Sociedade, Fred Franz, era tido como o principal erudito bíblico da organização. Em várias ocasiões, fui ao escritório dele para tirar algumas dúvidas. Para minha surpresa, ele me dirigia com freqüência para comentários da Bíblia, dizendo, “Por que você não vê o que diz Adam Clarke ou o que diz Cooke” ou, se a matéria se relacionava primariamente com as Escrituras Hebraicas, “o que dizem os comentários de Soncino?” A nossa biblioteca em Betel continha estantes e mais estantes cheias de tais comentários. Já que eram produzidos por eruditos de outras religiões, eu não lhes dera, entretanto, muita importância e, juntamente com outros no departamento, sentia certa hesitação, até desconfiança, quanto a usá-los. Como dizia muitas vezes Karl Klein, um antigo membro do Departamento de Redação, de modo muito vulgar, usar estes comentários era como “sugar as tetas de Babilônia, a Grande”, o império da religião falsa, de acordo com a interpretação da Sociedade da grande meretriz de Revelação (Apocalipse).[23]

Entretanto, quanto mais buscava informação nestes comentários, mais profundamente impressionado eu ficava com a firme crença na inspiração divina das Escrituras expressa pela vasta maioria. Ficava ainda mais um tanto impressionado pelo fato de que, apesar de alguns terem sido escritos há tanto tempo quanto no século dezoito, a informação era geralmente muito valiosa e exata. Não pude deixar de compará-los com as nossas próprias publicações que, muitas vezes no espaço de poucos anos, se tornavam “obsoletas” e deixavam de ser publicadas. Não que eu achasse que esses comentários fossem absolutamente livres de erro; mas o que neles havia de bom parecia certamente superar os pontos ocasionais que eu achava estarem errados.

Quando os tópicos “Homem Mais Maduro [Ancião]” e “Superintendente” me foram designados, a pesquisa das Escrituras em si tornou logo evidente que a forma de supervisão congregacional que empregávamos não estava em harmonia com os arranjos do primeiro século. (Não tínhamos corpos de anciãos em nossas congregações; um homem em cada congregação era o único “superintendente”.) Meio perturbado, abordei meu tio com a evidência. Mais uma vez, sua resposta pegou-me de surpresa. Disse ele: “Não procure entender o que

[23] Achava difícil de crer que estivesse falando tão seriamente como dava a entender, já que ele mesmo fazia uso dos comentários e sabia que Fred Franz os usava com bastante freqüência.

as Escrituras dizem com base no que você vê hoje na organização". E acrescentou: "Mantenha o livro *Ajuda* puro." Eu tinha sempre considerado a organização de Deus como o único canal de distribuição da verdade, de modo que este conselho me soou, no mínimo, estranho. Quando destaquei que a *Tradução do Novo Mundo*, ao traduzir Atos 14:23, evidentemente inseriu as palavras "para o cargo" com relação à designação de anciãos e que isto alterava de certo modo o sentido, ele disse: "Por que não verifica isso em algumas outras traduções que não sejam tão tendenciosas?"[24] Saí de seu escritório perguntando-me se tinha realmente ouvido o que ouvi. Em ocasiões posteriores, eu haveria de recordar-lhe estas declarações em mais de uma ocasião durante as sessões do Corpo Governante.

Essa conversa afetou tremendamente minha maneira de encarar as Escrituras. Apreciei profundamente a integridade para com a verdade bíblica indicada pelas observações dele. Comecei a avaliar, mais do que nunca antes, a importância vital do contexto para discernir o significado de qualquer parte das Escrituras, e essa conclusão parecia ser verdadeira no caso dos outros participantes do grupo que estavam trabalhando com regularidade no projeto *Ajuda*. Viemos também a dar-nos conta da necessidade de deixar que a Bíblia definisse seus próprios termos, em vez de simplesmente usar algum conceito preconcebido ou deixar-se controlar por uma definição de dicionário de inglês. Começamos a fazer maior uso de léxicos hebraicos e gregos da biblioteca de Betel e de concordâncias que se baseavam nas palavras do idioma original em vez de em traduções em inglês.

Era uma experiência instrutiva e que nos incutia muita humildade, já que viemos a reconhecer que nosso entendimento das Escrituras era bem menor do que tínhamos imaginado; que não éramos os eruditos bíblicos avançados que pensávamos ser. Eu pessoalmente estivera em tamanho "redemoinho" de atividade durante os 25 anos anteriores que, mesmo tendo lido a Bíblia inteira várias vezes, nunca consegui fazer uma pesquisa tão séria e detalhada das Escrituras, e na verdade, nunca sentira grande necessidade de fazê-la, já que acreditava que outros a estavam fazendo por mim. Os dois cursos que freqüentei na Escola de

[24] Edições posteriores da *Tradução do Novo Mundo* omitiram a referida expressão. As primeiras edições diziam: "Outrossim, designaram-lhes homens mais maduros para o cargo na congregação, e, oferecendo orações com jejuns, encomendaram-nos a Jeová, em quem se tinham tornado crentes".

Gileade eram tão rigidamente programados que sobrava pouco tempo para meditação, para investigação e análise demoradas.

Agora, ter tanto o tempo como o acesso a ajudas bíblicas adicionais, dicionários, comentários, concordâncias do hebraico e do grego, e assim por diante, era uma ajuda e tanto. Mas, acima de tudo, ver a necessidade de sempre deixar que o contexto nos orientasse, sempre deixar que as Escrituras por si só dessem a palavra final, era o que constituía a maior diferença. Não houve nenhuma mudança de ponto de vista da noite para o dia, mas, durante um período de anos, houve um aprofundamento gradual do apreço quanto a necessidade crucial de deixar a Palavra de Deus falar por si mesma ao mais pleno alcance possível. Pude compreender por que aqueles comentários com cem e duzentos anos de existência em nossa biblioteca de Betel eram relativamente inalteráveis, mesmo a despeito do tempo, em seu valor. O mero fato de sua consideração de versículo por versículo os obrigava a permanecerem mais ou menos dentro do significado contextual e, por esse meio, os impedia consideravelmente de fazer excursões por conceitos sectários ou vôos interpretativos da imaginação humana.

Dessa maneira, a matéria do livro *Ajuda* relacionada com os anciãos e com a direção da congregação nos tempos bíblicos era muito diferente da situação mantida na época pelas Testemunhas de Jeová, em que prevalecia um arranjo mais ou menos "monárquico". O arranjo bíblico de corpos de anciãos fora sumariamente encerrado em 1932 pelo Juiz Rutherford devido à falta de cooperação por parte de alguns anciãos com os programas e normas da Sociedade.[25] A posição como presidente dava a Rutherford a autoridade necessária para tomar tal posição e todas as congregações foram convidadas a votar a favor da dispersão dos corpos de anciãos e de sua substituição por um "diretor de serviço" designado pela Sociedade. Pelos quarenta anos seguintes, não houve quaisquer corpos de anciãos nas congregações. Eis por que a *Tradução do Novo Mundo* da Bíblia, publicada em inglês pela

[25] Geralmente, ao justificar esta medida, focaliza-se a falta de cooperação por parte de alguns anciãos no testemunho de casa em casa, que estava sendo então fortemente enfatizado. Eram apresentados como homens que estavam interessados somente em dirigir reuniões e dar discursos. Nunca se mencionou que o presidente da Torre de Vigia, o Juiz Rutherford, fazia exatamente o mesmo. A explicação dada era que suas responsabilidades não lhe permitiam participar na atividade de casa em casa.

Sociedade na década de 50, usava regularmente a versão "homens mais maduros" em vez de "anciãos", nessa época, um termo oficialmente desacreditado.[26]

Depois de ter completado os tópicos "Homem Mais Maduro" e "Superintendente", submeti-os à apreciação. Normalmente, nem o presidente Nathan Knorr, nem o vice-presidente Fred Franz faziam empenho de ler o enorme volume manuscrito do projeto *Ajuda*. Todavia, Karl Adams, como chefe do Departamento de Redação, me contou que, tendo lido a informação, foi ao irmão Knorr e disse: "Acho que você deveria ler isto. Isto muda uma porção de coisas". Depois de ler a matéria, Knorr foi ao escritório de Fred Franz e falou com considerável veemência: "Que significa isto? Significa isto que temos de mudar tudo nesta data tardia?" "Não", respondeu Fred. Ele não achava que isso seria necessário. O arranjo existente poderia ser continuado sem problema.

Quando Karl Adams me passou esta informação mais tarde, achei difícil de acreditar e fui à sala de meu tio para indagar sobre isso. Ele confirmou que não havia nenhuma necessidade de fazer ajustes. Sabendo que o livro *Ajuda* estava para ser lançado de forma completa aos irmãos naquele verão, nas assembléias de distrito, perguntei-lhe que efeito ele achava que teria sobre eles quando lessem sobre a evidência de que havia corpos de anciãos na congregação do primeiro século, de que todos os anciãos serviam como superintendentes, e descobrir então que não tínhamos nenhuma intenção de seguir este exemplo bíblico. Ele falou calmamente que não achava que isso causaria problema algum, que o arranjo existente poderia ser "acomodado" à informação do livro *Ajuda*. Expressei profunda preocupação no sentido de que esta rejeição de um precedente bíblico poderia ser muito perturbadora para os irmãos. Apegando-se à sua posição, ele relatou como os irmãos de décadas anteriores tinham raciocinado que, já que Cristo havia assumido o poder do Reino em 1914, poderia justificadamente haver mudanças no modo como as coisas eram administradas na terra. Acrescentou que tinha acreditado e ainda acreditava que Cristo Jesus haveria de dirigir e administrar os assuntos de seus servos em toda a terra pelo uso e através da representação de um único indivíduo, e que seria assim até que viesse a

[26] Edições posteriores da *Tradução do Novo Mundo* usam "anciãos", mas apenas nos textos de Revelação que se referem aos 24 anciãos em volta do trono de Deus.

Nova Ordem. O teor destas declarações parecia tão diferente do das emitidas por ele em ocasiões anteriores que achei difícil conciliá-las.

Algum tempo depois, contudo, o vice-presidente preparou uma matéria de congresso indicando que *aconteceria* uma mudança no modo de dirigir as congregações. Quando o manuscrito desta matéria chegou às mãos de Karl Adams, ele viu as implicações e entrou imediatamente em contato com o presidente Knorr, dizendo-lhe: "Acho melhor você falar mais uma vez com o irmão Franz. Creio que ele mudou de idéia". O irmão Knorr assim fez e o irmão Franz tinha mesmo mudado de idéia. E, conseqüentemente, mudou-se um arranjo de quarenta anos.

Quando o tópico "Cronologia" me foi designado, isto levou similarmente a sérias questões.[27] Um ensino básico das Testemunhas de Jeová é que a profecia bíblica havia apontado para o ano de 1914 como o fim dos "Tempos dos Gentios" de Lucas 21:24, e que, nesse ano, Cristo Jesus assumiu efetivamente o poder de seu reino e começou a reger de modo invisível aos olhos humanos. No capítulo 4 de Daniel, as referências a um período de "sete tempos" constituíam a base para os cálculos que levavam a essa data e, pelo uso de outros textos, estes "sete tempos" foram convertidos num período de 2.520 anos, que começava em 607 A.E.C. e terminava em 1914 E.C. A data inicial, 607 A.E.C., era considerada como sendo a data da destruição de Jerusalém pelo conquistador babilônico Nabucodonosor. Eu sabia que a data de 607 A.E.C. parecia ser peculiar às nossas publicações, mas não sabia realmente por quê.

Foram gastos meses de pesquisa neste único tópico de "Cronologia", resultando no artigo mais longo da publicação *Ajuda*.[28] A maior parte do tempo foi gasta no empenho de encontrar-se alguma prova, algum apoio na história para a data de 607 A.E.C., tão decisiva em nossos cálculos para se chegar a 1914. Charles Ploeger, um membro do pessoal da sede, que estava nessa época a meu serviço como secretário, procurou pelas bibliotecas na área da cidade de Nova York qualquer coisa que pudesse comprovar essa data historicamente.

---

[27] Foi-me também designado a maioria dos tópicos históricos, que tratam dos governantes e da história do Egito, Assíria, Babilônia (somente governantes), Medo-Pérsia e de outros.

[28] Levou 27 páginas (322-348). Em português, 18 páginas (282-399). A edição revisada de 1988 (em inglês) reduziu-o para 18 páginas (370-387), a mudança mais extensa da revisão.

Não encontramos absolutamente nada em apoio a 607 A.E.C. Todos os historiadores apontavam para uma data vinte anos mais tarde. Antes de preparar a matéria do *Ajuda* sobre "Arqueologia", não tinha me dado conta de que o número de tabuinhas de argila cozida, encontradas na região mesopotâmica e que remontavam ao tempo da antiga Babilônia se somavam às dezenas de milhares. Em todas elas, não havia nada que indicasse que o período do Império Neobabilônico (em cujo período se situava o reinado de Nabucodonosor) tivesse a duração necessária para ajustar-se à nossa data de 607 A.E.C. para a destruição de Jerusalém. Tudo apontava para um período vinte anos menor que o sustentado por nossa cronologia publicada. Embora achasse isto perturbador, eu queria acreditar que nossa cronologia estava certa, apesar de toda a evidência contrária. Desse modo, ao preparar a matéria do livro *Ajuda*, a maior parte do tempo e do espaço foi usada na tentativa de enfraquecer a credibilidade da evidência arqueológica e histórica que tornava errônea nossa data de 607 A.E.C., propiciando um ponto de partida diferente para nossos cálculos e, conseqüentemente, uma data final diferente de 1914.

Charles Ploeger e eu viajamos até a Universidade Brown, em Providence, Rhode Island, a fim de entrevistar o professor Abraham Sachs, especialista em antigos textos cuneiformes. Queríamos ver se poderíamos obter qualquer informação que indicasse alguma falha ou qualquer tipo de defeito nos dados astronômicos apresentados na maioria dos textos, dados que indicavam nossa data de 607 A.E.C. como sendo incorreta. No final, ficou evidente que teria sido necessária uma virtual conspiração por parte dos antigos escribas — sem nenhum motivo concebível — para agirem dessa forma, deturpando os fatos, se é que, realmente, nosso cálculo havia de estar correto. Mais uma vez, como um advogado confrontado com uma prova que não pode derrubar, meu trabalho era depreciar ou enfraquecer a confiança nos testemunhos dos tempos antigos que apresentavam tal prova, a evidência dos textos históricos relacionados com o Império Neobabilônico.[29] Os argumentos apresentados por mim eram honestos, mas eu sei que o objetivo era defender uma data para a qual não existe apoio histórico.

[29] *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, (em inglês) páginas 326, 328, 330, 331. Esta parte que trata de tais problemas foi eliminada na nova edição.

Assim, apesar de nosso elevado apreço por certos princípios, o livro *Ajuda* continha, não obstante, muitos exemplos de nossos esforços em procurar ser leais aos ensinos da Sociedade. Em muitos aspectos, o que aprendemos através de nossa experiência fez mais por nós do que pela publicação. Ainda assim, o livro *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* contribuiu decididamente para despertar o interesse pelas Escrituras entre muitas Testemunhas. Talvez seu tom, sua maneira de apresentar as coisas, o esforço exercido pela maioria dos escritores em evitar o dogmatismo, em reconhecer que deve haver mais de uma maneira de ver certos assuntos, não aumentando alguma coisa além do que a evidência honestamente permitia — estas coisas talvez tenham sido de ajuda primária, apesar de que, nestas também, certamente falhamos de vez em quando, permitindo-nos ser controlados por idéias preconcebidas, deixando de nos apegar tão firmemente às Escrituras em si como deveríamos. Eu sei que isto era verdade em meu próprio caso ao preparar tópicos tais como "Tempos Designados das Nações", "Escravo Fiel e Discreto" e "Grande Multidão", todos contendo argumentos destinados a apoiar ensinos correntes das publicações da Torre de Vigia. Simplesmente porque, em minha mente, estes ensinos equivaliam então a "fatos", encontrei-me fazendo o que o "Prefácio", escrito mais tarde por mim, dizia não ser a intenção. Na página 6, edição em inglês, sob o título "Seu Propósito", aparecem as palavras: "*Ajuda ao Entendimento da Bíblia* não pretende ser um comentário doutrinal ou uma obra interpretativa". Também, que qualquer que fosse a aplicação feita de expressões figurativas e simbólicas, não se fazia isto "arbitrariamente ou para harmonizar-se a um credo". No geral, isso era verdade. Porém, as crenças arraigadas às vezes sufocavam nossos esforços em apegar-nos a esse padrão.

No ano em que foi lançado o livro *Ajuda* de forma completa, fui convidado para ser membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, o Corpo que dirige atualmente a atividade das Testemunhas de Jeová em mais de 200 países do mundo. Fora, até essa ocasião, constituído por sete membros, os mesmos sete membros da diretoria da corporação denominada Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, uma corporação fundada originalmente na Pensilvânia por Charles Taze Russell, o primeiro presidente. Em 20 de outubro de 1971, fui, juntamente com outros três, designado como membro do então ampliado Corpo Governante. Esta circunstância, talvez mais do

qualquer outra, colocou-me frente a frente com certas realidades com que jamais esperei confrontar-me.

Muitas Testemunhas de Jeová objetaram à declaração publicada no artigo da revista *Time* (22 de fevereiro de 1982) no qual meu nome figurava de forma destacada. Os escritores do artigo se referiram à organização das Testemunhas de Jeová como "secreta". Pode parecer estranho que se aplique um termo como esse a uma organização que incentiva vigorosamente uma obra das mais públicas — a atividade de casa em casa em cidades, vilas e zonas rurais ao redor do mundo. Os repórteres da revista *Time* escreveram o que escreveram porque acharam extremamente difícil obter qualquer comentário por parte da sede internacional sobre a situação descrita no primeiro capítulo deste livro.

Mas, o fato é que, mesmo entre as Testemunhas de Jeová, muito poucas fazem alguma idéia clara quanto a como funciona a parte central da organização. Não sabem como se chega a decisões com respeito aos ensinos doutrinais, como o Corpo Governante, que dirige as atividades em todo o mundo, conduz suas discussões, se as decisões são consistentemente unânimes ou o que se faz quando há discordância. Tudo isto se reveste de segredo, já que o Corpo Governante se reúne em sessões fechadas. Posso lembrar-me só de duas ou três ocasiões, nos nove anos em que fiz parte do Corpo, em que se admitiu a presença de outras pessoas que não eram membros designados, numa sessão regular do Corpo. E, nessas ocasiões a presença delas foi simplesmente para apresentar um relatório solicitado pelo Corpo Governante, após o que foram dispensadas e o Corpo Governante prosseguiu com suas deliberações de maneira reservada — a importância de seus relatórios não qualificava essas pessoas para participar da discussão. Também nunca se fornece alguma informação específica às Testemunhas de Jeová, como um todo, quanto a receitas, despesas, patrimônio ou investimentos da Sociedade (embora recebam uma breve menção de despesas no *Anuário* todo ano).[30]

(*continua na página 40*)

[30] Em 1978, um relatório financeiro para o Corpo Governante registrava US$ 332 milhões em ativos (propriedades, depósitos e assim por diante). Mesmo no Corpo Governante, poucos membros sabem muito sobre a natureza dos investimentos financeiros da Sociedade.

Witness Under Prosecution

A secretive and apocalyptic sect shuns a former leader

For 40 years Raymond Franz devoted his whole being to the Jehovah's Witnesses. The religion responded by raising him to the very top, as a member of its worldwide Governing Body. But it was a difficult period for the leadership. In 1975 the sect faced a debacle: the present world did not vanish as Witness publications had all but guaranteed. In a faith in which doubt is not tolerated, questions inevitably arose in the minds of some believers. Gradually Franz began to question other teachings, and now, in a downfall as dramatic as an excommunication within the College of Cardinals, he has been ostracized, or as the Witnesses say, "disfellowshipped." The result is that the former leader is being shunned by almost everyone he has ever worked with, cut off from all relatives except his wife, and denied any hope of eternal life.

Officials of the Watch Tower Society, as the religious organization of 2,257,000 followers is formally known, refused all comment on the unprecedented case. But Franz, 59, reluctantly agreed to break his silence and explain to TIME the accusations against him. In doing so, he provides a rare glimpse inside the secretive headquarters of the tightly organized faith.

Franz is a third-generation Witness. His uncle, Frederick W. Franz, 88, has been the religion's top ideologue for decades and, since 1977, its head. Raymond Franz began full-time work for the sect as soon as he finished high school. He suffered penury during 20 years as a missionary in the Caribbean, became a trusted writer of official publications, and joined the 17-member Governing Body in 1971.

Known to outsiders for their persistent door-to-door proselytizing, Jehovah's Witnesses exist within what Franz calls a "hermetically sealed" community; every doctrinal blip or scintilla of sin is closely monitored. Nowhere is this more true than at Bethel, the sect's Brooklyn headquarters. By Franz's account, reading or studying of the Bible is considered "evil" unless conducted in authorized discussions following Watch Tower doctrinal guides, lest staffers veer into error.

Because of his own work as an author of an official volume about the Bible and a growing feeling that Watch Tower discipline was too harsh, Franz privately concluded that the religion emphasized human organization rather than biblical teachings. Says he: "While producing people who were outwardly moral, they subverted the essential qualities of humility, compassion and mercy."

Franz never hinted at his uncertainties as he delivered speeches in 50 nations through the 1970s. But to ease his internal strain, he took a leave of absence from his Bethel duties early in 1980. Meanwhile, the Governing Body had begun a secret investigation of heresy rumors, and it used star-chamber tactics. Initially there were no direct confrontations. Instead, staff members were allegedly threatened with disfellowshipping to get their testimony about doctrinal discussions with others. On May 21, Franz was summoned to Brooklyn for a fateful grilling by his Governing Body colleagues. Did he doubt that Jehovah had only one chosen organization? Did he question the official End-times chronology? Franz sought to avoid

Ex-Jehovah's Witness Raymond Franz

Losing heaven over one restaurant meal

confrontation but could "only bend so far." It was not enough. Opponents were unable to get a two-thirds majority for his disfellowshipping on the spot, but he was forced to resign from Bethel. In all, about a dozen officials were purged, almost certainly the worst doctrinal crisis Watch Tower headquarters has ever faced.

But the pursuit of Franz was not over. As a refugee from Bethel and his life's work, he found himself with few marketable skills, a $10,000 settlement from headquarters and $600 in personal savings. He turned to an old friend in the faith, Peter Gregerson of Gadsden, Ala., who runs a regional supermarket chain. Gregerson loaned Franz and his wife a house trailer to live in and gave him work as a handyman. By 1981 Gregerson too had begun to question Watch Tower dogma and resigned from the faith.

Six months later, the official *Watchtower* newspaper announced that the policy of shunning disfellowshipped Witnesses included shunning those like Gregerson who were "disassociated." Not long afterward, Franz was seen in a restaurant eating a meal with his benefactor Gregerson. That single sighting provided the technical infraction for which Franz was finally disfellowshipped by the Gadsden leaders two months ago. "By one stroke they eliminated all my years of service," says Franz. "I frankly do not believe there is another organization more insistent on 100% conformity."

From the leaders' viewpoint, however, it was obviously imperative to strike at Franz and the others. The dissenters' Luther-like emphasis upon "Scripture alone" rather than official interpretation was only one threat to the foundations of the religion. Many other central Watch Tower doctrines were also at stake.

For one, Witnesses believe that only 144,000 of the faithful (a number taken from *Revelation 14: 1-3*) will be "born again" and go to heaven. The faith's rulers, among whom Raymond Franz was once numbered, come from this elite. The "other sheep" who are loyal to the Watch Tower are promised an earthly paradise. Jehovah will shortly annihilate the rest of the human race. The dissenters reject this class system. They contend that the figure of 144,000 is symbolic and that all believers since Christ's day will go to heaven.

The Witnesses also teach that the Second Coming occurred secretly in 1914, a date reached by complex historical and biblical rationales; the end of the world system must occur during the present generation (an interpretation of *Luke 21: 32*: "This generation will not pass away till all has taken place"). The dissidents have come to believe that Christ's kingdom and the "last days" were inaugurated at about A.D. 33, and that Christ's Second Coming is a future event.

The dissenters, in other words, have moved toward conventional Christianity, except for continuing to reject Christ's divinity. For his part, Franz has not become a bitter Watch Tower antagonist. "There is no life outside the organization" is all he will say about the pain of his shunning. But other ex-Witnesses have launched a barrage of protests, publications and lawsuits. These dissidents contend that roughly 1 million people have left the Watch Tower ranks over the past decade. The Witnesses report that they are still growing, thanks to nonstop recruiting. Still, that success may not go on for long. They have necessarily backed off the 1975 date, but the End must occur during the lifetime of people who still remember the earthly events of 1914. With the rapidly thinning ranks of such oldsters, the Witnesses confront an increasingly troublesome, self-imposed and absolute deadline. —*By Richard N. Ostling*

Reported by Anne Constable/Atlanta

Tradução do artigo da revista *Time* de 22 de fevereiro de 1982, página 66:

Testemunha Sob Acusação

Uma seita secreta e apocalíptica evita um ex-líder

POR 40 anos, Raymond Franz devotou-se por inteiro às Testemunhas de Jeová. A religião respondeu elevando-o ao topo, como membro do seu Corpo Governante mundial. Mas esse foi um período difícil para a liderança. Em 1975, a seita enfrentou um abalo: o mundo atual não desapareceu, como as publicações das Testemunhas haviam praticamente garantido. Numa fé em que a dúvida não é tolerada, surgem inevitavelmente questões nas mentes de alguns fiéis. Gradualmente, Franz começou a questionar outros ensinos, e agora, numa queda tão dramática como uma excomunhão dentro do Colégio de Cardeais, ele foi ostracizado, ou como as Testemunhas dizem, "desassociado". O resultado é que o ex-líder está sendo evitado por quase todas as pessoas com quem ele já trabalhou, cortado dos contatos com todos os parentes exceto sua esposa, e sendo-lhe negada qualquer esperança de vida eterna.

Representantes oficiais da Sociedade Torre de Vigia, como a organização religiosa de 2.257.000 seguidores é formalmente conhecida, recusaram-se a fazer qualquer comentário sobre este caso sem precedentes. Mas Franz, de 59 anos, concordou relutantemente em romper seu silêncio e explicar à TIME as acusações lançadas contra ele. Ao fazer isto, ele permite-nos ter um raro vislumbre do interior da misteriosa sede desta fé bem organizada.

Franz é uma Testemunha de terceira geração. Seu tio, Frederick W. Franz, de 88 anos, tem sido o principal ideólogo da religião durante décadas e, desde 1977, seu chefe. Raymond Franz começou a trabalhar por tempo integral para a seita logo depois de ter concluído o ensino secundário. Ele sofreu penúria durante 20 anos como missionário no Caribe, tornou-se um escritor de confiança de publicações oficiais, e juntou-se ao Corpo Governante de 17 membros em 1971.

Conhecidas pelas pessoas de fora devido ao seu persistente proselitismo de porta em porta, as Testemunhas de Jeová vivem dentro daquilo que Franz chama de uma comunidade "hermeticamente fechada"; toda vacilação doutrinal ou vestígio de pecado é vigiado de perto. Em parte alguma isto é mais evidente do que em Betel, a sede da seita em Brooklyn. Segundo o relato de Franz, ler ou estudar a Bíblia é considerado "mau", exceto se isto for feito em discussões autorizadas, seguindo os guias doutrinais da Torre de Vigia, para que os membros da sede não se desviem para o erro.

Devido ao seu próprio trabalho como autor de um volume oficial sobre a Bíblia e um sentimento crescente de que a disciplina da Torre de Vigia era muito severa, Franz concluiu em seu íntimo que a religião enfatizava a organização humana em vez de os ensinos bíblicos. Ele diz: “Ao mesmo tempo em que produziram pessoas que exteriormente são morais, eles subverteram as qualidades essenciais da humildade, compaixão e misericórdia.”

Franz nunca mencionou suas incertezas ao fazer discursos em 50 países durante a década de 1970. Mas para acalmar sua tensão interna, ele tirou uma licença dos seus deveres de Betel no início de 1980. Entretanto, o Corpo Governante tinha começado uma investigação secreta de rumores de heresia, e usou táticas de interrogatórios a portas fechadas. Inicialmente não houve confrontos diretos. Em vez disso, os membros do pessoal foram alegadamente ameaçados com a desassociação para obter seu testemunho acerca de discussões doutrinais com outros. A 21 de maio, Franz foi convocado a Brooklyn para um cerrado interrogatório pelos seus colegas do Corpo Governante. Duvidava ele que Jeová tinha apenas uma organização escolhida? Questionava ele a cronologia oficial do tempo do fim? Franz procurou evitar a confrontação, mas “só pôde curvar-se até onde foi possível”. Não foi suficiente. Os oponentes não conseguiram obter uma maioria de dois terços para o desassociarem ali mesmo, mas ele foi forçado a demitir-se de Betel. Ao todo, cerca de uma dúzia de funcionários foram expurgados, quase certamente a pior crise doutrinal que a sede da Torre de Vigia já enfrentou.

[FOTO DE RAYMOND FRANZ]

Raymond Franz, ex-Testemunha de Jeová.
Perdendo o céu por uma refeição num restaurante

Mas a perseguição a Franz não tinha terminado. Como exilado de Betel e do trabalho de sua vida, ele encontrava-se com poucas habilitações profissionais, um acordo de 10.000 dólares concedido pela sede e 600 dólares em poupanças pessoais. Ele recorreu a um velho amigo da fé, Peter Gregerson, de Gadsden, Alabama, que dirige uma cadeia regional de supermercados. Gregerson alugou a Franz e à sua esposa um trailer para morarem e deu-lhe emprego como ajudante geral. Por volta de 1981, Gregerson também tinha começado a questionar o dogma da Torre de Vigia e resignou da fé.

Seis meses depois, o jornal oficial *Sentinela* anunciou que a política de evitar Testemunhas desassociadas incluía evitar aqueles que, como Gregerson, estavam “dissociados”. Pouco tempo depois, Franz foi visto num restaurante comendo uma refeição com o seu benfeitor Gregerson. Essa simples observação forneceu a infração técnica pela qual Franz foi finalmente desassociado pelos líderes de Gadsden, dois meses atrás. “De um só golpe, eles eliminaram todos os meus anos de serviço”, diz

Franz. “Sinceramente, não acredito que exista outra organização que seja mais insistente em 100% de conformidade.”

Do ponto de vista dos líderes, todavia, era obviamente imperativo golpear Franz e os outros. A ênfase dos dissidentes, como a de Lutero, “somente nas Escrituras” em vez de na interpretação oficial, era apenas uma das ameaças aos fundamentos da religião. Muitas outras doutrinas centrais da Torre de Vigia também estavam em jogo.

Por exemplo, as Testemunhas acreditam que apenas 144.000 dos fiéis (número tirado de *Revelação 14:1-3*) vão “nascer de novo” e irão para o céu. Os governantes dos fiéis, entre os quais Raymond Franz já esteve, vêm desta elite. Para as “outras ovelhas” que são leais à Torre de Vigia promete-se um paraíso terrestre. Jeová aniquilará em breve o resto da raça humana. Os dissidentes rejeitam este sistema de classes. Eles defendem que o número de 144.000 é simbólico e que todos os crentes desde o tempo de Cristo irão para o céu.

As Testemunhas também ensinam que a Segunda Vinda ocorreu secretamente em 1914, data à qual chegam por racionalizações históricas e bíblicas complexas; o fim do sistema mundial tem de ocorrer durante a geração atual (uma interpretação de *Lucas 21:32*: “Esta geração não passará sem que tudo ocorra”). Os dissidentes passaram a acreditar que o reino de Cristo e os “últimos dias” começaram por volta de 33 A.D. e que a Segunda Vinda de Cristo é um evento futuro.

Em outras palavras, os dissidentes deslocaram-se em direção ao cristianismo convencional, exceto por continuarem a rejeitar a divindade de Cristo. De sua parte, Franz não se tornou um opositor amargo da Torre de Vigia. “Não há vida fora da organização”* é tudo o que ele diz acerca da dor da desassociação. Mas outras ex-Testemunhas lançaram uma onda de protestos, publicações e processos judiciais. Estes dissidentes afirmam que cerca de um milhão de pessoas saíram das fileiras da Torre de Vigia ao longo da última década. As Testemunhas relatam que ainda estão aumentando em número, graças ao recrutamento incessante. Ainda assim, esse sucesso pode não continuar por muito tempo. Eles tiveram de abandonar a data 1975, mas o Fim tem de ocorrer durante o período de vida das pessoas que ainda se lembram dos acontecimentos mundiais de 1914. Com a rápida diminuição das fileiras desses idosos, as Testemunhas se confrontam com um prazo final absoluto, que impuseram a si mesmas e que é cada vez mais problemático. – *Richard N. Ostling. Relatado por Anna Constable/Atlanta.*

---

* ***NOTA DO TRADUTOR***: A atribuição desta frase “Não há vida fora da organização” a Franz transmitiu um impressão errônea do pensamento dele. Para mais informações acerca dela, veja o livro *Em Busca da Liberdade Cristã*, capítulo 4, nota de rodapé 40, bem como o Apêndice referido lá.

Assim, numerosos fatores, que são de conhecimento relativamente geral em muitas organizações religiosas, são conhecidos apenas vagamente, se é que o são, pela vasta maioria das Testemunhas de Jeová. Todavia, as decisões tomadas pelo pequeno grupo de homens que formam o Corpo Governante podem, e muitas vezes conseguem, afetar as vidas delas da maneira mais íntima, e espera-se que estas sejam aplicadas mundialmente.

Isto me leva à razão final para escrever sobre o que aconteceu, a mais importante delas, já que, sem ela, as anteriores são de pouca conseqüência.

A OBRIGAÇÃO

> *Portanto tudo aquilo que quereis que os homens façam a vós, fazei-o vós mesmos a eles; pois esta é a Lei e os Profetas.* — Mateus 7:12, *Tradução Ecumênica.*

Esse princípio expresso por Jesus Cristo se aplica a qualquer um de nós que pretende ser cristão no que quer que façamos. Nenhuma pessoa honesta pode afirmar que cumpre de modo perfeito estas palavras, e eu não tenho tal pretensão. Mas creio que posso dizer que o que está escrito aqui se deve ao desejo sincero de seguir esse princípio.

O apóstolo Paulo falou de si mesmo como sendo "devedor" para com pessoas de toda sorte.[31] Ele sentia uma obrigação para com elas, e eu sinto um senso de obrigação semelhante. Se alguma outra pessoa tivesse conhecimento de fatos que me pudessem ser úteis na resolução de decisões vitais, eu iria querer que ela os tornasse disponíveis — não que tomasse a decisão por mim, mas que me suprisse a informação, deixando a meu critério a avaliação de seu mérito e importância. Se fosse um amigo, um amigo de verdade, acredito que faria isso.

Os nove anos de convivência com o Corpo Governante tiveram um tremendo impacto sobre mim e, particularmente, sobre minha consciência. Eu me vi enfrentando uma crise muito séria em minha vida, uma situação de encruzilhada com que jamais esperei confrontar-me. A decisão que tomei foi por minha própria conta e o custo resultante foi considerável. Mas não me arrependo, nem lamento ter obtido a informação que contribuiu para ela. Outros talvez decidissem

[31] Romanos 1:14.

de modo diferente; alguns fizeram isto. Essa é uma prerrogativa deles, algo entre eles e Deus.

Depois que renunciei como membro do Corpo Governante em maio de 1980, recebi numerosos telefonemas de jornais e revistas pedindo informações sobre a situação existente dentro da organização. Eu consistentemente dirigia os interessados à sede em Brooklyn. Os interessados, por sua vez, diziam insistentemente que haviam tentado essa via sem nenhum êxito: "Sem comentários". A minha resposta era que eu não poderia ser sua fonte de informação. Mantive essa posição por quase dois anos. O que aconteceu nesses dois anos, não simplesmente com respeito à minha pessoa, mas com respeito a outras pessoas, levou-me a reexaminar essa posição.

Durante esses dois anos, os motivos, o caráter e a conduta das pessoas que conscientemente discordaram da organização foram retratados nos piores termos. Sua preocupação em colocar a Palavra de Deus em primeiro lugar foi retratada como resultado de ambição, rebelião e orgulho, como pecado contra Deus e Cristo. Não se dá margem alguma à possibilidade de que qualquer deles tenha agido motivado pela sinceridade, pelo amor à verdade ou pela integridade diante de Deus. Não se faz esforço algum em estabelecer uma distinção, mas todos são "ajuntados" na mesma categoria. Qualquer má conduta ou atitude errada por parte de alguns que deixaram a organização é atribuída a todos os que saíram. No caso daqueles que demonstram realmente uma atitude errada, não se faz esforço algum em considerar que a atitude errada possa ser conseqüência de frustração, desapontamento e mágoa. Uma enorme quantidade de boatos e até tagarelice sórdida têm circulado entre as Testemunhas internacionalmente. Cristãos fiéis, com elevados padrões de moralidade, são acusados de praticarem a troca de casais, o homossexualismo, de serem hipócritas e egoístas, interessados em estabelecer um culto à sua personalidade. Os mais idosos são muitas vezes menosprezados como sendo "mentalmente perturbados" ou "senis".

Os únicos que poderiam coibir tal conversa, simplesmente por destacar a possibilidade de que tais pessoas poderiam ser genuinamente sinceras, poderiam ter um verdadeiro cuidado com a consciência — bem como por relembrar aos propagadores de boatos quão repugnante é diante de Deus o falso testemunho — na verdade,

estas pessoas têm contribuído para a disseminação de boatos pelo que têm publicado.[32]

Considere, por exemplo, esta matéria encontrada em *A Sentinela* de 1º de junho de 1982 (páginas 28 e 29), difundida aos milhões de exemplares em muitas línguas por toda a terra:

> [14] De vez em quando têm surgido nas fileiras do povo de Jeová alguns que, iguais ao Satanás original, adotaram uma atitude independente e crítica. Não querem servir "ombro a ombro" com a fraternidade mundial. (Veja Efésios 2:19-22.) Em vez disso, oferecem à palavra de Jeová "um ombro obstinado". (Zacarias 7:11, 12) Aviltando o modelo da "língua pura" que Jeová tão benevolamente tem ensinado ao seu povo durante o último século, esses soberbos procuram desviar as "ovelhas" do único "rebanho" internacional que Jesus ajuntou na terra. (João 10:7-10, 16) Procuram lançar dúvidas e separar os insuspeitos da "mesa" de alimento espiritual abundante, servido nos Salões do Reino das Testemunhas de Jeová, onde realmente 'nada falta'. (Salmo 23:16) Dizem que basta ler exclusivamente a Bíblia, quer em particular, quer em pequenos grupos em casa. Mas, o que é estranho é que por meio de tal 'leitura da Bíblia' voltaram novamente para trás, para as doutrinas apóstatas que os comentários dos clérigos da cristandade estavam ensinando há 100 anos, e alguns até mesmo voltaram a celebrar novamente as festividades da cristandade, tais como as saturnais romanas em 25 de dezembro! Jesus e seus apóstolos advertiram contra tais que são contra a lei. — Mateus 24:11-13; Atos 20:28-30; 2 Pedro 2:1, 22.

Assim, num só parágrafo, pessoas são descritas como *iguais a Satanás, independentes, críticas, obstinadas, aviltadoras, soberbas, apóstatas e contra a lei.* O que fizeram realmente para merecerem esta série de acusações? Entre os erros mencionados, está o de discordar, de algum modo não especificado, em alguma parte não especificada, dos ensinos da organização; também, o de acreditar que a Palavra inspirada de Deus sozinha seja suficiente e que grandes reuniões em um prédio não sejam essenciais.

Poderiam estas coisas *em si mesmas* colocar uma pessoa na categoria descrita de igual a Satanás? Não se diz nada que indique o contrário e, incrível como possa parecer, nas mentes de muitas

[32] Êxodo 20:16; Levítico 19:16; Salmo 15:3; 1 Pedro 2:21-23.

Testemunhas, inclusive anciãos e representantes viajantes, isto tem sido considerado suficiente para classificá-las dessa maneira e tratá-las segundo essa concepção.

Eis um quadro abaixo, baseado nos registros do Corpo Governante sobre a atividade mundial das Testemunhas de Jeová, que mostra o número de pessoas batizadas ano por ano e o número total dos ativamente associados nos anos de 1970 a 1979 inclusive:

Ano	Batizados no ano	Total dos que relataram atividade no ano
1970	164.193	1.384.782
1971	149.808	1.510.245
1972	163.123	1.596.442
1973	193.990	1.656.673
1974	297.872	1.880.713
1975	295.073	2.062.449
1976	196.656	2.138.537
1977	124.459	2.117.194
1978	95.052	2.086.698
1979	113.672	2.097.070
Total de batizados em dez anos:	**1.793.898**	

Isto revela que, durante um período de dez anos encerrados em 1979, um total de 1.793.898 pessoas foram batizadas. A organização normalmente considera que 1% dos associados morrem a cada ano. Calculando-se isto ano por ano, significaria que se perderam cerca de 185.308 dessa maneira. Se diminuirmos essa quantidade do número de batizados, sobram 1.608.590 como sendo o crescimento alcançado nesse período de dez anos, caso todas as pessoas tivessem permanecido na organização.

O que descobrimos? Adicionando-se 1.608.590 ao número dos ativos no ano anterior a este período de dez anos, 1.256.784 (em 1969), chega-se ao total de 2.865.374 dos que deveriam estar associados em 1979. O relatório desse ano, porém, mostra apenas 2.097.070 associados. Isso significa que, durante o período de dez anos, umas

768.304 pessoas deixaram a organização ou cessaram sua atividade. Isto corresponde a *quatro de cada dez pessoas* batizadas nesse mesmo período. Ou, em outras palavras, para cada três pessoas ainda na organização, uma tinha saído.

As razões que produziram esta situação de "porta giratória" são múltiplas. Não alimento ilusão de que todos estes mais de meio milhão de pessoas que deixaram a organização nesses dez anos o tenham feito por motivos de consciência, ou que cada uma destas seja necessariamente uma pessoa humilde, corretamente motivada, mais preocupada com a verdade do que consigo mesmo. Muitas, evidentemente, não o são; algumas têm seguido um modo de vida imoral, quer antes quer depois de sair; algumas que saíram por causa de divergência têm se tornado culpados dos mesmos erros contra os quais objetaram, expressando vingança, fazendo uso de zombaria, meias verdades e exageros. Algumas têm até causado distúrbios em reuniões ou assembléias das Testemunhas de Jeová, conduta que considero deplorável. Porém, conheço pessoalmente muitas e muitas pessoas que não são assim, que dão todo indício de serem pessoas decentes, tementes a Deus e compassivas. Se considerado de um ponto de vista egoísta, elas tinham tudo a perder e nada a ganhar com a posição que assumiram e com o caminho que seguiram desde então.

Em muitos casos, não foi algum tratamento desamoroso pelo qual elas mesmas tenham passado que as perturbou; foi ver tal tratamento infligido a outros; ver pessoas sofrerem devido a rigidez, mentalidade estreita, até arrogância da parte de homens em posição de responsabilidade, anciãos e outros, ou reconhecer os efeitos prejudiciais de certos decretos da organização que não se apoiavam no fundamento sólido das Escrituras. Em vez de queixosos descontentes e rancorosos, têm simplesmente implorado por uma maior compaixão e uma aderência mais fiel ao exemplo do próprio Filho de Deus, o Amo da família cristã da fé.

Este *sentimento em favor dos outros* é, creio eu, um fator decisivo quanto à genuinidade dos motivos destes. De maneira similar, o anseio pela verdade, o anseio de não serem culpados de deturpar a própria Palavra de Deus, o anseio de não serem hipócritas, dando a impressão de crer no que não acreditam, de apoiar o que conscienciosamente não podem apoiar, de condenar aquilo que as Escrituras não condenam — tal anseio, creio, é também determinante quanto à genuinidade dos

motivos de qualquer um que assuma tal posição. Conheço muitas pessoas que evidenciam claramente tal preocupação e que ainda assim são rotuladas de "apóstatas", "anticristos" e "instrumentos de Satanás". Em caso após caso, a única base para tal condenação é que não podiam honestamente concordar com todos os ensinos ou normas da organização.

Sinto uma obrigação para com tais pessoas. Virtualmente em cada caso, foram postas perante um pequeno grupo de três ou cinco homens (uma "comissão judicativa") em reuniões secretas, onde os que apareciam como testemunhas podiam apenas dar seu depoimento, mas não podiam permanecer para testemunhar a discussão. Depois, lia-se um breve anúncio de desassociação diante da congregação, que não apresentava nada do depoimento, nem da evidência em apoio da ação desassociadora. Depois da leitura desse anúncio, esperava-se que nenhuma Testemunha falasse com as pessoas desassociadas, eliminando, desse modo, qualquer possibilidade de elas mesmas se expressarem para dar uma explicação a amigos e associados. Para elas, terem feito isso *antes* da desassociação teria sido considerado como 'proselitismo', como estar 'minando a unidade da congregação', 'semeando divisão' e 'promovendo seita'. Qualquer pessoa que falasse com elas *depois disso*, estaria pondo em risco a sua própria posição, expondo-se a ser também desassociada.

Cumpre-se assim uma "quarentena" eficaz; põe-se uma "tampa" sobre qualquer discussão do assunto. O registro de desassociação e qualquer evidência utilizada acha-se agora num dos muitos arquivos volumosos do Departamento de Serviço em Brooklyn (ou nos arquivos dum escritório de filial) com o selo "Não destruir". Este arquivo contendo as acusações feitas contra elas, como no caso de sua audiência, é também confidencial, não estando sujeito a revisão.

As Escrituras nos dizem que "O verdadeiro companheiro está amando todo o tempo e é um irmão nascido para quando há aflição".[33] Pensei uma vez que tinha muitos, muitos de tais amigos. Mas, quando a crise chegou a um ponto decisivo, descobri que tinha apenas uns poucos. Ainda assim, considero esses poucos como preciosos, quer tenham dito muito ou pouco a meu favor. Devido a minha projeção anterior, as pessoas indagam a meu respeito. Entretanto, quase

[33] Provérbios 17:17.

ninguém sequer pergunta a respeito de outros que não contam com tal projeção, embora tenham passado pela mesma experiência, essencialmente, com os mesmos custos e tormentos.

O que deve sentir uma mãe, que viu uma filha ainda bebê sair de seu próprio corpo, amamentou essa criança, cuidou dela na doença, treinou a jovem durante os anos formadores da vida, vivendo com ela seus problemas, sentindo os desapontamentos e tristezas dela como se fossem seus, derramando lágrimas com as lágrimas dela — o que deve sentir essa mãe ao perceber de repente que sua filha, agora uma adulta, a rejeita e age dessa forma simplesmente porque a mãe dela procurou ser fiel à sua consciência e a Deus?

Como deve se sentir um pai ou uma mãe ao ver um filho ou uma filha casar-se e ser informado que, pelo mesmo motivo, ‘seria melhor que nem aparecessem no casamento’, ou ao saber que uma filha deu à luz uma criança ser informado que não deveria vir ver seu neto?

Isto não é imaginação. Essas coisas estão acontecendo exatamente assim a muitos pais que estiveram associados com as Testemunhas de Jeová.

Considere aqui só um exemplo de uma mãe, na Pensilvânia, que escreve:

> Tenho filhos na organização que são casados e que, por ocasião de minha dissociação, até me ofereciam para que eu viesse à casa deles para descansar, e a opinião deles com relação a mim como pessoa não fora alterada. Posteriormente, quando saiu a informação [em *A Sentinela* de 15 de dezembro de 1981, que apresentava instruções detalhadas quanto à associação com quem quer que tivesse, até então, se dissociado], tenho sido evitada por eles desde então e não querem mais falar comigo por telefone ou por qualquer outro meio. Tenho de fazer alguma coisa quanto a isso, mas não sei o quê. Não tomo nenhuma iniciativa por temer que seja uma iniciativa errada e os afaste ainda mais. Não lhes telefono pois receio que venham a adquirir um número fora da lista, e não escrevo, como disse, devido ao medo de dizer qualquer coisa que possa ser interpretada como uma ofensa. Estive hospitalizada durante este tempo devido a um esgotamento emocional e sofri uma crise adicional, tudo dentro de um curto espaço de tempo, o que se mostrou terrivelmente arrasador. “Talvez você compartilhe desta experiência. Não sei como vou suportar a perda de meus filhos (e futuros netos). A perda é monumental.”

Se a projeção que já tive puder agora contribuir de alguma forma para que se considere a situação de tais pessoas de maneira mais

compreensiva, e puder ajudar outros a reexaminarem sua atitude com relação a pessoas deste tipo, acho que tal projeção terá, dessa forma, servido talvez ao único propósito útil que já teve.

Penso aqui nas palavras de Paulo quando disse:

> O que somos está manifesto diante de Deus, e esperamos que esteja manifesto também diante da consciência de vocês. Não estamos tentando novamente recomendar-nos a vocês, porém lhes estamos dando a oportunidade de exultarem em nós, para que tenham o que responder aos que se vangloriam das aparências e não do que está no coração.
>
> Concedam-nos lugar no coração de vocês. A ninguém prejudicamos, a ninguém causamos dano, a ninguém exploramos. Não digo isso para condená-los; já lhes disse que vocês estão em nosso coração para juntos morrermos ou vivermos.[34]

Se a informação apresentada neste livro puder contribuir para que uma mãe, como a mencionada antes, seja vista por seus filhos, não com vergonha, mas com orgulho por apegar-se à sua consciência, todo o esforço envolvido terá valido a pena.

Esse é basicamente o motivo pelo qual este livro apresentará as coisas que vi, ouvi e senti durante meus nove anos no Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. É evidentemente necessário a fim de que se chegue à raiz do que constitui um problema angustiante para muitos em ambos os lados da questão.

O que é apresentado não tem a intenção de ser algum tipo de "revelação". Mesmo sendo verdade que algumas coisas foram chocantes para mim, estas não são apresentadas devido a seu valor sensacionalista. Dá-se sua apresentação porque ilustram e exemplificam problemas muito fundamentais, questões gravíssimas. Demonstram os extremos aos quais a "lealdade a uma organização" pode levar, como pessoas basicamente bondosas, bem-intencionadas, podem ser levadas a tomar decisões e medidas que são tanto desamorosas como injustas e até cruéis. Os nomes, bem como as datas e os locais, serão geralmente citados, já que isso parece necessário a uma apresentação digna de crédito e veraz. Tenho muita certeza do que é dito, sem estes dados, muitos duvidariam ou negariam a veracidade do que se diz. Onde estes aspectos parecerem dispensáveis e puderem, pela sua utilização, causar dificuldades desnecessárias às pessoas

[34] 2 Coríntios 5:11, 12; 7:2, 3, *NVI*.

envolvidas, nomes ou outros elementos identificadores não serão mencionados. As personalidades são consideradas somente à medida que figuram no quadro geral. Se algumas pessoas, tais como Nathan Knorr e Fred Franz, são citadas com grande freqüência, é porque tiveram muito a dizer e disseram-no com maior influência e efeito que outros. Outros, tais como Lyman Swingle e Karl Adams, podem ser ocasionalmente citados com mais freqüência, já que meu trabalho me levou a um contato mais íntimo com eles do que com alguns dos demais.

Tenho procurado ser razoável em tais citações, não as tirando do contexto, nem procurando atribuir um significado diferente do que foi dito. Creio que as citações apresentadas são típicas das pessoas citadas, não alguma coisa em desacordo com sua visão, abordagem e personalidade habituais. Não obstante, tenho mantido algumas citações anônimas, inclusive certas citações de membros do Corpo Governante, devido ao desejo de evitar dificuldade desnecessária para o indivíduo ou para aqueles relacionados intimamente com ele, ou por respeitar as circunstâncias particulares, ocasionalmente trágicas, relacionadas com a pessoa. É obviamente impossível fazer isto em todos os casos ou, do contrário, o relato perderia o significado. Creio também que nenhum de nós pode esperar ser totalmente isento da responsabilidade indicada pela declaração de Jesus: "Mas eu lhes digo que no dia do juízo os homens haverão de dar conta de toda palavra inútil que tiverem falado. Pois por suas palavras vocês serão absolvidos, e por suas palavras serão condenados."[35] Podemos buscar e até alcançar o perdão por coisas erradas ou prejudiciais que dissemos. Porém, somos ainda responsáveis por elas.

Alguns provavelmente condenarão determinada informação como 'lavagem de nossa roupa suja em público'. Curiosamente, estas mesmas pessoas não se opõem à lavagem da 'roupa suja' de outras religiões e é possível que tenham grande interesse nela, dando-lhe até ampla divulgação. Porém, acham que aquilo que acontece dentro da sua própria organização não deveria ser discutido fora de suas fronteiras.

Entretanto, a dura verdade é que, entre as Testemunhas de Jeová atualmente, não há simplesmente nenhuma possibilidade de que tal discussão aconteça. Qualquer um que tente fazê-lo será considerado

[35] Mateus 12:36, 37, *NVI*.

como demonstrando um espírito rebelde e só resultará em mais desassociação. Uma vez que a informação não pode ser discutida dentro e nem é para ser discutida fora da organização, isso significa que deve ficar sem ser considerada ou totalmente ignorada. Alguns, evidentemente, gostariam que ficasse desse jeito, mas, seria isso justo?

É verdade que o cristão confia apropriadamente em Deus para que veja todas as coisas e seja o Juiz verdadeiro e final de todos os assuntos. Inegavelmente, somente Ele pode eliminar de modo total e final todas as injustiças cometidas. Não há jamais justificativa alguma para retaliação furiosa ou recriminações rancorosas. Não há lugar para 'táticas de difamação'. As Escrituras não deixam dúvidas a esse respeito.[36] Todavia, exige isto que se mantenha um silêncio total quanto à injustiça? Requer isto que se mantenha calado enquanto o erro é propagado em nome de Deus? É, talvez, a discussão dela uma evidência de 'desrespeito pela autoridade divinamente instituída'?[37]

A posição da organização é de que não existe nenhuma injustiça. De que aquilo que se tem feito e que se está fazendo está em plena harmonia com as Escrituras, que as Escrituras, de fato, requerem que se tome tal medida. Se for assim, então não deveria haver objeção alguma a que houvesse uma discussão franca das coisas. Tal discussão deveria, na verdade, fazer com que a legitimidade da posição da organização se tornasse mais evidente, deveria inocentá-la de qualquer acusação de injustiça. Somente pessoas verdadeiramente responsáveis pela injustiça preferem o silêncio e procuram impô-lo, como tem sido, desde muito tempo, o caso de governos ditatoriais e de religiões autoritárias, tanto no passado como em tempos recentes.

Instam os exemplos bíblicos em si, contra a revelação de erros, quando estes envolvem os que ocupam posições elevadas de autoridade? Não parece ser assim, já que a obra dos profetas hebreus concentrava-se com freqüência em tais pessoas, mostrando a esses mesmos profetas os modos pelos quais aqueles líderes e homens de autoridade haviam se desviado das normas de Deus, e os problemas

---

[36] Salmo 37:5-9, 32, 33; Romanos 12:17-21; 1 Pedro 2:21-23.

[37] *A Sentinela* de 15 de fevereiro de 1983 (página 28), ao discutir as observações de Judas com relação àqueles que "falam de modo ultrajante dos gloriosos" (versículo 8), diz que esses gloriosos incluem os "superintendentes cristãos designados" e adverte contra a "tendência para desrespeitar a autoridade conferida por Deus". Veja também a informação do quadro na página 29 dessa mesma *A Sentinela*.

resultantes disso. As Testemunhas de Jeová têm muitas vezes apontado para tal imparcialidade e franqueza como uma das evidências de que a Bíblia é verdadeira, genuinamente o Livro de Deus.[38]

Que dizer também dos apóstolos e discípulos de Jesus? Foi a própria estrutura de autoridade do povo pactuado de Deus — seu Sinédrio, seus anciãos, e a autoridade sacerdotal divinamente instituída — que se opôs energicamente à publicidade feita pelos apóstolos sobre o tratamento injusto do caso de Jesus.[39] Em ambos os casos, tanto os profetas hebreus como os dos discípulos cristãos, quando publicavam as injustiças faziam-no motivados pelo respeito, em obediência a uma autoridade *superior*, ou nos interesses das pessoas que precisavam saber.

Obviamente, ninguém tem hoje uma comissão divina como profeta ou apóstolo. Porém, ninguém precisa ser profeta para adotar um proceder que siga o *exemplo* dos profetas de Deus. Do contrário, as palavras de Jesus perderiam seu significado quando, ao falar aos que eram vituperados e sobre quem se dizia toda sorte de coisa iníqua, ele os encorajou a se regozijarem, dizendo: "pois assim perseguiram os profetas antes de vós."[40] Foi por estarem seguindo um proceder correspondente que esses cristãos estavam recebendo um tratamento correspondente. Alguém não precisa ser um apóstolo para seguir o exemplo dos apóstolos, nem precisa ser, ou pretender ser, um Messias para andar nas pisadas de Jesus Cristo.[41]

Há, naturalmente, uma enorme diferença entre o tratamento concedido ao Filho de Deus no que se refere a importância, significado e conseqüências — e o concedido às pessoas envolvidas nesta situação dos tempos modernos. Mas parece que o princípio da exposição ampla, aprovada por Deus nos exemplos acima, é válido nesta situação dos dias atuais e fornece pelo menos algum indício de que Ele não é absolutamente contrário a que sejam expostas a injustiça e a falsidade encobertas, contanto que a motivação seja a de ajudar e alertar as pessoas para realidades que possam auxiliá-las a chegar a conclusões corretas. O ditado que diz "o mal prevalece quando os homens bons se

---

[38] Veja o livro *Toda a Escritura é Inspirada por Deus e Proveitosa,* publicado em 1990, página 341.
[39] Atos 4:5-23; 5:17-40.
[40] Mateus 5:11, 12, compare com Tiago 5:10, 11.
[41] 1 Coríntios 11:1; Efésios 5:1; 1 Pedro 2:21.

mantêm calados" parece ter aqui alguma validade. Apesar da seriedade dos assuntos ora revelados, não foram eles apenas que me levaram a uma decisão. Mas fizeram com que eu refletisse mais seriamente do que nunca antes sobre o significado das passagens e ensinamentos principais da Bíblia — sobre o porquê do apóstolo Paulo dar ênfase à salvação pela fé que "não se deve a obras, a fim de que nenhum homem tenha base para jactância", qual é a verdadeira diferença entre a justiça produzida pelo cumprimento da lei e a justiça resultante da graça ou benignidade imerecida de Deus, a importância do papel do Filho de Deus como Cabeça da congregação cristã, qual é o verdadeiro propósito da congregação, a razão para Deus conceder autoridade dentro dela e como tal autoridade pode ser usada abusivamente. As coisas que vi, ouvi e passei como membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, como parte do círculo executivo mais interno da administração, me fizeram compreender mais do que nunca antes a importância crucial desses ensinamentos.

Muitas outras Testemunhas de Jeová, não dispondo da informação que aqui forneço, chegaram à mesma encruzilhada e tomaram sua própria decisão, fazendo-o simplesmente com base no que tinham lido na Bíblia. Outras, entretanto, enfrentam uma séria crise de consciência e fazem-no com insegurança, com uma sensação de angústia hesitante e até de culpa. Minha esperança é que aquilo que está sendo apresentado neste livro possa ser-lhes de ajuda e eu sinto que lhes devo essa ajuda. É-lhes oferecido para que seja usado da forma que sua consciência indicar à medida que se submetam à orientação do espírito e da palavra de Deus.

3

O CORPO GOVERNANTE

Não é que sejamos os amos de vossa fé, mas somos colaboradores para a vossa alegria, porque é pela vossa fé que estais em pé. — 2 Coríntios 1:24.

A DECLARAÇÃO de Paulo acima citada vinha-me repetidamente à mente durante os nove anos em que fiz parte do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Eu desejaria que todas as Testemunhas pudessem ter a experiência de fazer parte dele. Talvez pudessem compreender então o que palavras apenas não podem transmitir.

Para esclarecer o que é o Corpo Governante:

As Testemunhas de Jeová entendem que Cristo Jesus, como Cabeça da congregação, alimenta e dirige sua congregação por meio da classe do "escravo fiel e discreto". Esta classe é atualmente composta de um restante das 144.000 pessoas ungidas como herdeiros do reino celestial de Cristo.[1] Mas há um pequeno número de homens procedentes de tal classe que atua como Corpo Governante e desempenha todas as funções administrativas com relação à congregação mundial, não apenas em relação ao número atual de cerca de 8.600 "ungidos", dos quais são tirados estes homens, mas também com relação aos mais de seis milhões de outras pessoas associadas, que não são consideradas como estando entre os herdeiros celestiais.[2]

[1] O termo "escravo fiel e discreto" é tirado da parábola de Jesus em Mateus 24:45-47 e o número 144.000 é tirado de Revelação 7:4 e 14:3.

[2] Veja o *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1994*, Página 33.

O autor, com outros membros do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, em foto do ano de 1976. Ele é o terceiro da esquerda para a direita, entre os que estão de pé.

Para mim, parecia uma responsabilidade atemorizante quando me tornei um dos onze membros do Corpo Governante mundial em 1971 (o número aumentou posteriormente para dezoito em 1977 e vem se alterando com o decorrer dos anos).[3] As primeiras sessões das reuniões semanais a que assisti mostraram-se muito diferentes do que eu esperava.[4]

Fora recentemente posto em prática o rodízio da presidência e o vice-presidente Fred Franz era o presidente daquele ano. Porém, os assuntos a serem discutidos eram determinados pelo presidente da sociedade, Nathan Knorr. O que quer que ele considerasse aconselhável para ser discutido pelo Corpo, ele o trazia à reunião e

---

[3] Na época, os sete membros eram: Nathan Knorr, Fred Franz, Grant Suiter, Thomas Sullivan, Milton Henschel, Lyman Swingle, John Groh (estes sete eram também diretores da Sociedade Torre de Vigia), seguidos por William Jackson, Leo Greenlees, George Gangas e Raymond Franz. Com exceção de Raymond Franz, todos estes já faleceram.

[4] O Corpo Governante como um todo se reúne todas as quartas-feiras.

essa era geralmente a primeira vez que tínhamos qualquer conhecimento do assunto em pauta. Durante algumas semanas, as reuniões consistiam simplesmente da consideração de listas de recomendações de representantes viajantes em diferentes países — o nome, a idade, a data de batismo, se era dos "ungidos" ou não, e os anos de serviço de tempo integral eram lidos em voz alta. Na vasta maioria dos casos, estes eram simplesmente nomes para nós; raramente conhecíamos qualquer dos indivíduos envolvidos. Assim, depois de ouvir tais leituras de listas do Suriname, Zâmbia ou Sri Lanka, costumávamos votar sobre a designação destes homens. Recordo-me de Thomas Sullivan (chamado geralmente de "Bud"), que estava então na casa dos oitenta, quase cego e com a saúde precária. Acontecia de ele ceder repetidamente ao sono durante estas sessões e parecia constrangedor acordá-lo para votar sobre coisas de que ele tinha pouco conhecimento. Às vezes, a reunião inteira não durava mais que poucos minutos; uma das que me recordo tendo durado apenas sete minutos (incluindo a oração inicial).

De vez em quando, o presidente Knorr trazia então alguma "correspondência de problemas" envolvendo questões quanto a certa conduta de Testemunhas individuais, e cabia ao Corpo decidir que norma deveria ser adotada em relação a estes, se a conduta específica exigia desassociação, alguma disciplina menor ou, absolutamente, nenhuma ação. Durante esse período (e estendendo-se até 1975), esperava-se que todas as decisões fossem unânimes. Após a discussão, fazia-se uma moção, reforçava-se esta e o presidente pedia então que se levantassem as mãos. Se não se obtivesse um voto unânime, visto que, ocasionalmente, os de posição diferente não votavam a favor duma moção, desenvolvia-se uma solução conciliatória a fim de obter-se unanimidade. Como é apenas natural nessas circunstâncias, havia certa sensação de pressão para se acompanhar a maioria em vez de se assumir uma postura solitária sobre os assuntos e parecer, desse modo, independente ou em desacordo com os demais. Houve votações em que não levantei a mão. Via de regra, porém, eu concordava. Nas poucas ocasiões em que a minha recusa em votar fazia com que alguém propusesse uma moção conciliatória, muito embora a moção conciliatória não parecesse completamente correta para mim, eu costumava ceder e votava com a maioria. Era evidente a necessidade de se concordar, se é que os assuntos seriam resolvidos e passados

adiante em vez de levados a um impasse. Todavia, começaram a surgir questões que tornaram isto cada vez mais difícil para mim.

À medida que se passavam as semanas, mantinham-se discussões sobre assuntos tais como se um pai está qualificado como ancião caso permita que um filho ou uma filha se case com apenas dezoito anos de idade; se alguém está qualificado como ancião caso seja favorável a que seu filho ou sua filha recebam educação superior;[5] se alguém está qualificado como ancião no caso de haver mudança no turno de trabalho e ele perde algumas vezes (durante o turno noturno) reuniões congregacionais; se os anciãos podem aceitar a evidência circunstancial de adultério ou o testemunho da esposa de que seu marido lhe confessou o adultério, e se isto é suficiente para admitir o divórcio bíblico e um novo casamento; se um divórcio é biblicamente aceitável se, mesmo quando se cometeu adultério, aquele que obtém o divórcio é o cônjuge culpado em vez do inocente;[6] que validade tem um divórcio quando conseguido por outros motivos sem ser adultério se, após ser concedido o divórcio, vem à tona a prova de adultério *antes* do divórcio; como fica a situação se ao se obter tal divórcio houver adultério *após* o divórcio; caso o cônjuge inocente tenha relações sexuais com o cônjuge adúltero (logo depois de saber do adultério), anulará isto o direito de divorciar-se desse cônjuge e estar livre para casar-se novamente; se é correto uma Testemunha pagar uma multa no caso desta multa ser imposta em razão de uma infração da lei em resultado de sua atividade de testemunho ou de alguma posição que tenha adotado a fim de aderir às crenças das Testemunhas;[7] se é correto enviar alimento ou outra ajuda a pessoas por meio da Cruz Vermelha (o argumento principal aqui era que a cruz é um símbolo religioso e, por esta razão, a organização da Cruz Vermelha deve ser semi-religiosa; esta discussão foi bastante demorada e foi adiada para uma reunião posterior); questões sobre a prática corrente da Sociedade de usar canais irregulares para introduzir

[5] A educação superior é geralmente desaprovada como capaz de conduzir à perda de fé e como proporcionando uma atmosfera que tende a contribuir para a imoralidade.

[6] Nessa época, a regra era que o divórcio somente seria biblicamente aceitável no caso de ser obtido pelo cônjuge inocente.

[7] A regra era que a multa não devia ser paga, que nestas circunstâncias, seria uma admissão de culpa e, portanto, uma transigência da integridade de alguém. Esta regra mudou.

dinheiro em certos países (a Indonésia, por exemplo) duma forma que obtinha maior valorização pelos dólares americanos envolvidos, fazendo uso desta apesar de o país em questão ter leis que a declarem ilegal; também quanto a introduzir certo equipamento em alguns países sem ter de pagar a pesada taxa de importação imposta por lei; se as Testemunhas que pertencem a sindicatos podem aceitar designações de atividade grevista ou podem acatar uma ordem do sindicato para fazer trabalho de limpeza no prédio do sindicato em vez de aceitar designações tais como as de fazer piquete; se as Testemunhas podem atender ao recrutamento militar simplesmente para trabalhar em campos de algodão (isto veio da Bolívia).

Esta é apenas uma amostra parcial das coisas discutidas durante cerca dos dois primeiros anos de minha permanência no Corpo. O efeito de nossas decisões era considerável em seu impacto nas vidas dos outros. Em assuntos de divórcio, por exemplo, os anciãos de congregação atuam como uma espécie de tribunal religioso e, caso não fiquem convencidos quanto à validade duma ação de divórcio, o indivíduo que passa por tal divórcio e volta a se casar mais tarde, torna-se sujeito à desassociação.

Um problema fora da lista dos que acabei de mencionar, mas que provocou considerável discussão, envolvia um casal de Testemunhas da Califórnia. Alguém tinha visto no quarto deles certa literatura e fotografias que tratavam de práticas sexuais incomuns. (Não me lembro se soubemos exatamente como a pessoa que relatou isto veio a ter acesso ao quarto do casal.) A investigação e o interrogatório por parte dos anciãos locais confirmaram que o casal realmente se envolveu em relações sexuais além da simples copulação genital.[8] Chegou a Brooklyn correspondência dos anciãos e pedia-se ao Corpo Governante que decidisse quanto a que ação tomar, se é que deveria ser tomada, com relação ao casal.

Antes de a correspondência ser lida para nós naquela manhã, nenhum de nós, com exceção do presidente, tivera qualquer oportunidade de pensar no assunto. Mesmo assim, dentro de poucas horas, chegou-se à

[8] O artigo de *A Sentinela* de 15 de junho de 1970 (páginas 380 e 381) havia concentrado a atenção pela primeira vez em tais relações sexuais, considerando-as extensamente, e isto serviu com certeza para tornar os anciãos sensíveis aos rumores de tal conduta. De fato, foi provavelmente o principal responsável por este relatório sobre práticas privadas do leito conjugal.

decisão de que o casal estava sujeito à desassociação. Isto ficou, daí por diante, estabelecido como uma regra formalmente publicada, aplicável a quaisquer pessoas que se envolvessem voluntariamente em práticas similares.[9]

A matéria publicada foi entendida e aplicada de tal forma que os casados se sentiam geralmente obrigados a relatar aos anciãos se existia ou se se desenvolveu tal prática em seu casamento, quer por consentimento mútuo quer por iniciativa só de um dos parceiros. (No último caso, esperava-se que o cônjuge que não deu início ao ato se apresentasse e transmitisse esta informação aos anciãos, caso o cônjuge que tomou a iniciativa não estivesse disposto a fazê-lo.) Deixar de prestar a informação era geralmente visto como sinal duma atitude impenitente e como pesando em favor da desassociação. A crença de que a desassociação separa alguém da única organização onde pode ser encontrada a salvação, bem como de amigos e parentes, exerce uma tremenda pressão sobre a pessoa para que se submeta à regra, não importando quão difícil possa ser confessar (ou relatar) aos anciãos.

A decisão do Corpo Governante em 1972 resultou num considerável número de "audiências judicativas" à medida que os anciãos investigavam os relatórios ou confissões das práticas sexuais envolvidas. As mulheres sofriam uma vergonha aflitiva em tais audiências ao responderem às perguntas dos anciãos sobre as intimidades de suas relações maritais. Muitos casamentos, em que um dos cônjuges não era Testemunha, passaram por um período turbulento, com o cônjuge que não era Testemunha protestando veementemente contra o que considerava uma invasão imprópria da privacidade do leito conjugal. Alguns casamentos se romperam, resultando em divórcio.[10]

Recebeu-se um volume sem precedente de correspondência durante um período de cinco anos, a maior parte dela questionando a base bíblica de tal intromissão na vida particular dos outros por parte dos membros do Corpo Governante e alegando incapacidade de compreender a validade dos argumentos propostos de forma impressa

---

[9] Veja *A Sentinela* de 1º de novembro de 1973, páginas 670 e 671; também a de 1º de maio de 1973, página 287.

[10] Num memorando dirigido ao Corpo Governante, datado de 9 de agosto de 1976, um membro do pessoal da sede, que cuida da correspondência, relata: "Houve muitos e muitos problemas em resultado da posição adotada, muitas vezes quando há um marido incrédulo [significando uma não-Testemunha]. Esposas têm se recusado a permitir que tais maridos as estimulem desta maneira ou a estimulá-los desta maneira. Em conseqüência disso, casamentos foram destruídos."

em apoio à posição adotada. (A principal passagem das Escrituras em que se apoiavam era Romanos, capítulo 1, versículos 24-27, que fala do homossexualismo, e os que escreviam à Sociedade salientavam que não podiam compreender como ela poderia ser corretamente aplicada às relações heterossexuais entre um homem e sua esposa.) Outras cartas, muitas vezes vindas de esposas, simplesmente expressavam confusão e angústia sobre sua incerteza quanto à propriedade de suas "preliminares sexuais".

Certa mulher disse que tinha falado com um ancião e ele lhe havia dito para escrever ao Corpo Governante "a fim de obter uma resposta segura". Assim, ela escreveu dizendo que ela e seu marido se amavam profundamente e descreveu então "certo tipo de preliminares sexuais" a que estavam acostumados, dizendo: "Creio que é um assunto de consciência, mas estou lhes escrevendo para ter certeza". Encerrou com as seguintes palavras:

> Estou assustada, sinto-me magoada, e estou mais preocupada neste momento com o sentimento [do meu marido] com relação à verdade... Eu sei que vocês me dirão o que devo fazer.

Em outra carta típica, um ancião escreveu dizendo que tinha um problema que precisava resolver em sua mente e em seu coração e, para chegar a isto, achou que "era melhor contatar a 'mãe' em busca de conselho".[11] O problema tinha a ver com sua vida sexual dentro do casamento e disse que ele e sua esposa estavam confusos quanto a "onde traçar uma linha entre as preliminares sexuais e o próprio ato sexual". Garantiu à Sociedade que ele e sua esposa "seguiriam ao pé da letra qualquer conselho que lhes fosse dado".

Estas cartas ilustram a confiança implícita que estas pessoas vieram a depositar no Corpo Governante e a crença de que os homens que formam esse Corpo podiam dizer-lhes onde 'traçar os limites', mesmo em aspectos tão íntimos de suas vidas pessoais, que eles deveriam seguir estritamente à risca, "ao pé da letra".

---

[11] Muitas Testemunhas se referem à organização como "nossa mãe" e isto se dá devido a revista *A Sentinela* (em inglês) haver usado este termo dessa maneira, como no número de 1º de fevereiro de 1952, página 80, e no número de 1º de maio de 1957, páginas 274, 84; veja também *A Sentinela* de 1º de abril de 1994, página 32.

Muitas cartas foram expedidas em resposta pela Sociedade. Com freqüência, esforçavam-se em prover algum esclarecimento limitado (expressando sem dizer diretamente) quanto a quais preliminares sexuais estavam dentro dos limites das ações condenadas, enquanto outras estavam, em razão disso, liberadas.

Um memorando de um membro do Departamento de Serviço da Sociedade, de 14 de junho de 1976, considerava uma conversa telefônica com um instrutor de seminários (cursos realizados para anciãos). O memorando relata que o instrutor havia telefonado sobre um ancião presente ao seminário que confessou certas práticas sexuais desaprovadas em seu casamento. Diz o memorando:

> O irmão [dando aqui o nome do instrutor] considerou detidamente o assunto com ele para determinar se era copulação oral o que estava envolvido... [O instrutor] lhe tinha dito que, em vista das circunstâncias, deveria ir até outros membros da comissão, e aconteceu de os outros membros da comissão estarem no curso, de modo que ele foi e conversou com eles. Agora [o instrutor] estava sem saber o que mais deveria ser feito... Sugeriu-se a [ele] que escrevesse um relatório completo à Sociedade sobre isto de modo que, quando tivesse qualquer caso como este aparecendo no futuro, ele já teria orientação quanto a como cuidar do assunto e não teria de telefonar.

Isto ilustra até que ponto chegava o interrogatório na vida íntima e até que ponto a sede da organização supervisionava toda a situação.

Carta após carta revelava que as pessoas envolvidas sentiam claramente a responsabilidade diante de Deus de relatar aos anciãos qualquer desvio da norma estabelecida pelo Corpo Governante. Um homem num estado do meio-oeste americano, que confessou ter violado a decisão do Corpo Governante no que se refere a suas relações maritais com a esposa, foi informado pelos anciãos que eles estavam escrevendo para a Sociedade sobre isto; ele também escreveu uma carta que seguiu anexa. Passaram-se oito semanas e finalmente ele escreveu outra vez a Brooklyn dizendo que a “espera, a ansiedade e a expectativa estão quase além do que posso suportar”. Disse que tinha sido removido de todas as designações na congregação, inclusive de fazer oração nas reuniões, e que, “quase a cada semana, estou perdendo alguma coisa pela qual tenho me esforçado e orado durante trinta anos”. Ele implorava por uma resposta urgente, dizendo:

Preciso muito de algum alívio mental quanto ao conceito que a organização de Jeová tem de mim.

Alguns anciãos se esforçavam em adotar uma maneira moderada de abordar o assunto. Todavia, agirem assim poderia torná-los passíveis de repreensão por parte dos escritórios da sede em Brooklyn. Considere esta carta:

SCE:SSE August 4, 1976

Body of Elders of the
W[redacted] Congregation
of Jehovah's Witnesses, M[redacted]
c/o [redacted]
W[redacted] M[redacted]

Dear Brothers:

We have a copy of the letter dated July 21 from the committee of the S[redacted] Congregation in California in which they write about matters involving J[redacted].

Please let us know if any of the elders in the congregation have been giving incorrect advice with regard to matters involving oral sex. If any of the elders in the congregation have advised married persons that it would not be improper for them to engage in oral sex, then on what basis was such counsel given? If wrong counsel was given, then let us know if appropriate steps have been taken to correct any misunderstanding on the part of individuals who were given wrong counsel and let us know if the elders concerned now are in agreement with what has been stated in the Society's publications with regard to oral sex.

If any of you brothers as elders have been advising individuals that oral sex would be permissible as foreplay prior to having actual sex relations, then such advice was not correct.

Thank you for your attention to the above matter. May Jehovah's rich blessing go with you as you endeavor always to care for your responsibilities as elders in an exemplary manner.

Your brothers,

cc: Judicial Committee of the
S[redacted] Congregation
of Jehovah's Witnesses, Ca

Tradução

SCE:SSE

4 de agosto de 1976

Corpo de Anciãos da Congregação W...
das Testemunhas de Jeová, M...

A/C:_____
W... M...

Prezados irmãos:

Temos uma cópia da carta datada de 21 de julho da comissão da Congregação S...da Califórnia, na qual escrevem sobre os problemas envolvendo J...

Informem-nos, por favor, se algum dos anciãos na congregação vem dando conselho incorreto com relação aos casos envolvendo sexo oral. Se algum dos anciãos na congregação tiver aconselhado a pessoas casadas que não seria impróprio para elas envolverem-se em sexo oral, então em que base foi dado tal conselho? Se foi dado um conselho errado, informem-nos então se foram dados passos apropriados para corrigir qualquer mal-entendido por parte dos indivíduos a quem foi dado o conselho errado e informem-nos se os anciãos envolvidos estão atualmente de acordo com o que tem sido apresentado nas publicações da Sociedade com relação ao sexo oral.

Se qualquer dos irmãos vem aconselhando a pessoas individuais que o sexo oral seria permissível como estimulação antes de ter-se propriamente relações sexuais, então tal conselho não foi correto.

Agradecemos por sua atenção ao assunto acima. Que a rica bênção de Jeová os acompanhe na medida em que se esforçam continuamente em cuidar de suas responsabilidades como anciãos de maneira exemplar.

Seus irmãos,

cc: Comissão Judicativa da
Congregação S... das
Testemunhas de Jeová, CA

A carta acima foi enviada pelo Departamento de Serviço da Sociedade a um Corpo de Anciãos (os nomes e os lugares específicos foram omitidos).[12]

Curiosamente, alguns anciãos até achavam que a posição do Corpo Governante era, de certa forma, um tanto tolerante ou limitada. Diz uma carta enviada por um ancião nos Estados Unidos:

Alguns dos anciãos de mais idade achavam que o Corpo Governante poderia ter ido ainda mais longe em condenar práticas

[12] Esta é uma reprodução da cópia a carbono e, por esta razão, não traz nenhum carimbo de assinatura. O símbolo "SCE" identifica o escritor da carta como Merton Campbell, do Departamento de Serviço.

> pervertidas entre os casados por incluir a adoção de certas posições na realização do ato sexual...

Mais adiante, esse ancião expressou sua própria opinião, dizendo:

> Já que Jeová foi tão minucioso neste capítulo [18] de Levítico, bem como nos outros capítulos sobre o comportamento sexual, por que não há nenhuma declaração dirigida aos casados quanto às formas aceitáveis e inaceitáveis de copulação? Não seria provável que Jeová o teria feito caso quisesse que esta área pessoal e particular da união matrimonial estivesse aberta ao escrutínio ou opiniões dos 'juízes' ou 'homens mais maduros' de Israel, de modo que se pudesse tomar uma ação apropriada contra os transgressores?

Alguns dos afetados pela regra da organização eram pessoas cujas funções sexuais normais haviam sido seriamente prejudicadas por uma operação ou acidente. Algumas destas expressavam desalento diante da situação em que foram colocadas pela decisão do Corpo Governante.

Uma destas pessoas, a qual havia ficado impotente desta maneira, havia durante os anos seguintes conseguido realizar sua função sexual por um dos meios agora condenados pela organização. Ele disse que, antes da decisão do Corpo Governante, fora capaz de deixar de sentir-se como um meio-homem porque ainda conseguia satisfazer sua esposa. Agora, ele escrevia dizendo que não podia ver nenhuma prova bíblica para a posição adotada na revista *A Sentinela*, mas que sua esposa se sentia na obrigação de obedecer e, como ele a amava, acedeu. Disse que sabia que ele era o mesmo de antes, embora estivesse emocionalmente desmoronando, visto temer que seu casamento fosse ficar seriamente afetado. Implorou que lhe informassem se não havia uma "brecha" na vontade de Deus que lhe permitisse o prazer de satisfazer sua esposa.

Todas estas situações exerciam uma enorme tensão sobre a consciência dos anciãos, exortados a tratar com os que violavam a decisão do Corpo Governante. Na conclusão da carta do ancião, mencionada anteriormente, ele diz:

> Acho que posso usar somente aquelas leis e princípios da Bíblia que compreendo com absoluta sinceridade e convicção ao representar a Jeová e Jesus Cristo e, caso tenha de aplicar estas leis e princípios ao

> exercer minha responsabilidade como ancião na congregação, quero fazê-lo, não porque vim a confiar que esta seja a organização de Jeová e vou segui-la, seja lá o que for que ela diga, mas fazê-lo porque creio sinceramente que é biblicamente aprovado e correto. Quero verdadeiramente continuar crendo como Paulo admoestou aos Tessalonicenses no segundo capítulo, versículo 13 [de sua primeira carta], a aceitar a palavra de Deus, não como de homens, mas pelo que verazmente é, como a palavra de Deus.

Apesar de eu achar as práticas sexuais envolvidas como sendo definitivamente contrárias a meus padrões pessoais, posso dizer honestamente que não fui a favor da decisão de desassociação tomada pelo Corpo. *Mas isso é tudo o que posso dizer*, pois, quando veio a votação, agi de acordo com a decisão da maioria. Senti-me consternado quando o Corpo me designou para preparar a matéria em apoio da decisão. Assim mesmo, aceitei a designação e a redigi como era desejo do Corpo e em conformidade com sua decisão. Assim, não posso dizer que agi de acordo com o mesmo ponto de vista excelente expresso pelo ancião que acabei de citar. A minha crença na organização como a única representação de Deus na terra me levou a fazer o que fiz naquela ocasião sem sentir, particularmente, grandes dores de consciência.

A maior parte da correspondência a este respeito nunca chegava ao Corpo Governante, sendo cuidada pelos membros do pessoal designado às "seções de correspondência" ou pelos membros do Departamento de Serviço. Entretanto, estou certo de que vários membros do Corpo Governante devem ter sido alertados, provavelmente através de contatos e conversas pessoais de que muitos achavam que eles tinham invadido de maneira imprópria a vida privada das pessoas. Quando finalmente, uns cinco anos depois, o assunto apareceu mais uma vez na agenda, a norma da desassociação foi revertida e o Corpo Governante se retirava então, de fato, dessa área íntima da vida dos outros. Mais uma vez, o Corpo me designou para preparar a matéria a ser publicada informando, desta vez, acerca da mudança. Achei pessoalmente satisfatório poder reconhecer, ainda que de maneira um tanto ambígua, que a organização estivera equivocada.

A Sentinela de 1° de agosto de 1978, páginas 29 a 31, continha essa matéria e incluía estes pontos:

> ...em vista da ausência de claras instruções bíblicas, trata-se de assuntos pelos quais o casal tem de levar a responsabilidade perante Deus, e que estas intimidades maritais não são da competência dos anciãos congregacionais, para tentar controlá-las ou promover a desassociação, tendo tais assuntos por base exclusiva... [Isto] expressa o vivo senso de responsabilidade de deixar as Escrituras predominarem, e de se refrear de tomar uma posição dogmática, quando a evidência parece não fornecer base suficiente.

De fato, esta era minha opinião com relação a uma infinidade de assuntos levantados diante de nós, de que não existia realmente nenhuma base nas Escrituras para se adotar as posições dogmáticas sobre a vasta maioria das coisas submetidas à nossa decisão. Expressei aí esse ponto de vista e ele foi aceito pelo Corpo com base neste argumento. Manifestei-o vez após vez posteriormente, mas raramente foi aceito.

Ao examinar as cartas disponíveis, algumas das quais nos haviam sido apresentadas, qualquer satisfação resultante de escrever essa matéria corrigindo a posição parece um tanto vazia. Pois sei que, não importa o que foi dito, isso jamais poderá compensar ou reparar de alguma maneira todo o dano e constrangimento, confusão mental, angústia emocional, sentimentos de culpa e casamentos arruinados em resultado da decisão anterior — decisão essa tomada em poucas horas por homens, dos quais quase todos estavam tendo uma abordagem ‘súbita’ do assunto, sem nenhum conhecimento prévio, não podendo pensar, meditar, nem orar especificamente sobre o assunto ou pesquisar as Escrituras, mas cuja decisão foi posta em vigor mundialmente durante cinco anos e afetou muitas pessoas pelo resto de suas vidas. Nada disso precisava ter ocorrido.

Outra questão suscitada, ligada de certo modo à anterior, envolvia uma Testemunha na América do Sul cujo marido lhe confessou ter tido relações sexuais com outra mulher. O problema era que ele tinha dito que as relações foram do tipo mencionado na questão anteriormente descrita, neste caso particular, copulação anal e não genital.

A decisão do Corpo Governante foi que isto não podia ser considerado como adultério; que o adultério requeria estritamente copulação genital, ‘capaz de gerar filhos’. Conseqüentemente, o homem não havia se tornado “uma só carne” com a outra mulher e,

portanto, a decisão foi que a esposa não tinha nenhuma base para o divórcio bíblico e um novo casamento no futuro.

A regra da votação existente exigia unanimidade na decisão e eu me ajustei à maioria. No entanto, senti-me realmente perturbado ao pensar nesta mulher e no fato dela ser informada de que não podia optar biblicamente por ficar livre de um homem culpado de tal ato. A decisão significava também que um marido, que se envolvesse em atos homossexuais com outros homens ou que tivesse até mesmo relações com um animal, não estava sujeito ao divórcio bíblico, já que o homem não podia, com possibilidades procriativas, tornar-se "uma só carne" com outro homem ou com um animal. Na verdade, um número de *A Sentinela* tinha instruído especificamente nesse sentido pouco antes naquele ano.[13]

A perturbação emocional que senti levou-me a fazer um estudo dos termos no idioma original (o grego) usados em Mateus 19:9. A *Tradução do Novo Mundo* da Sociedade apresenta Jesus como dizendo:

> Eu vos digo que todo aquele que se divorciar de sua esposa, exceto em razão de fornicação, e se casar com outra, comete adultério.

São usadas duas palavras diferentes, "fornicação" e "adultério", e ainda assim, as publicações da Torre de Vigia têm, durante muitas décadas, adotado a posição de que ambas se referiam essencialmente à mesma coisa, que a "fornicação" significava um homem ter relações adúlteras com uma mulher que não seja sua esposa (ou uma mulher ter tais relações com um homem que não seja seu marido). Por que então, eu perguntava a mim mesmo, usou Mateus, ao registrar a declaração de Jesus, duas palavras diferentes (*porneia* e *moikheia*) se queria realmente dizer a mesma coisa, adultério, em ambos os casos?

Ao examinar muitas traduções, dicionários bíblicos, comentários e léxicos na biblioteca de Betel, a razão se tornou óbvia. Praticamente, cada livro que abria mostrava que o termo grego *porneia* (traduzido como "fornicação" na *Tradução do Novo Mundo*) era um termo muito amplo e se aplicava a TODOS os tipos de imoralidade sexual e, por esta razão, muitas traduções da Bíblia simplesmente o vertiam como

[13] Veja *A Sentinela* de 15 de maio de 1972, página 319.

"imoralidade", "imoralidade sexual", "impudicícia", "infidelidade".[14] Os léxicos mostravam claramente que o termo era também aplicado a relações homossexuais. Entretanto, o ponto conclusivo para mim foi compreender que, na própria Bíblia, *porneia* é usado em Judas, versículo sete, para indicar a conduta notoriamente homossexual das pessoas de Sodoma e Gomorra.

Preparei quatorze páginas da matéria contendo os resultados da pesquisa e tirei cópias para cada membro do Corpo. Mas eu não me sentia muito seguro quanto a como ela seria recebida, e por este motivo, fui ao escritório de Fred Franz e expliquei o que tinha feito, expressando minhas dúvidas de que a matéria seria favoravelmente aceita. Ele me disse: "não creio que haverá alguma dificuldade".

Embora muito concisas, as palavras foram pronunciadas num tom de confiança. Quando lhe perguntei se gostaria de ver o que tinha sido encontrado, ele se recusou e disse novamente que achava que "não haveria problema". Minha impressão foi a de que ele já estava ciente de alguns pontos que minha pesquisa havia revelado, no entanto, há quanto tempo eu não tinha como sabê-lo. Já que ele tinha sido o tradutor principal da *Tradução do Novo Mundo* da Sociedade, achei que com certeza ele deve ter se informado do verdadeiro sentido da palavra *porneia* ("fornicação").[15]

Quando o assunto surgiu na sessão do Corpo Governante, a matéria que eu lhes submeti foi aceita, tendo Fred Franz manifestado seu apoio, e fui designado para preparar os artigos a serem publicados em *A Sentinela*, apresentando a mudança de posição que isto acarretaria.[16]

Ainda me lembro de uma carta recebida algum tempo depois da publicação dos artigos, de uma Testemunha que havia, alguns anos antes, descoberto seu marido tendo relações com um animal. Como disse ela, "Eu não podia viver com um homem destes", e se divorciou

---

[14] A palavra "adultério" que aparece no grego original de Mateus 19:9 é *moikheia* e, diferente de *porneia*, não é ampla quanto ao significado, mas bastante limitada, restringindo-se a adultério no sentido comum da palavra.

[15] A *Tradução do Novo Mundo* não traz o nome de nenhum tradutor e é apresentada como resultado do trabalho anônimo da "Comissão da Tradução do Novo Mundo". Outros membros dessa comissão eram Nathan Knorr, Albert Schroeder e George Gangas; entretanto, Fred Franz era o único com suficiente conhecimento dos idiomas bíblicos a tentar uma tradução deste tipo. Ele havia estudado grego durante dois anos na Universidade de Cincinnati, mas era apenas autodidata em hebraico.

[16] Veja *A Sentinela* de 1° de maio de 1973, páginas 286 e 287.

dele. Mais tarde, ela se casou novamente. A congregação a desassociou então porque não estava "biblicamente livre" para um novo casamento. Depois de aparecerem os artigos de *A Sentinela*, ela escrevia agora pedindo que, em vista da mudança de posição, fosse feita alguma coisa para limpar seu nome do vitupério que havia sofrido em resultado da ação desassociadora. A única coisa que eu pude fazer foi escrever para ela dizendo que os artigos publicados eram, em si mesmos, uma vindicação de seu modo de agir.

Apesar de ter sido satisfatório preparar mais uma vez a matéria reconhecendo e retificando um ponto de vista errôneo da organização, persistia em mim o pensamento sóbrio de que isto jamais poderia desfazer qualquer dano que a posição anterior tenha causado durante tantas décadas e — só Deus sabe — a quantas pessoas.

O Corpo Governante nessa época era, na realidade, tanto um tribunal judicativo como também — já que suas decisões e definições tinham força de lei para todas as Testemunhas de Jeová — um corpo legislativo. Era um "Corpo Governante" no mesmo sentido em que o Sinédrio dos tempos bíblicos podia ser chamado desse modo, sendo suas funções semelhantes. Assim como todas as principais questões envolvendo o povo para o nome de Jeová, nesse período, eram trazidas perante o Sinédrio em Jerusalém para ser resolvidas, acontecia também com o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová em Brooklyn.

Não era, porém, um corpo administrativo em nenhum sentido da palavra. A autoridade e responsabilidade administrativas ficavam exclusivamente com o presidente da corporação, Nathan H. Knorr. Eu não esperava por isto, uma vez que, no mesmo ano de minha designação, o vice-presidente Franz havia proferido um discurso, publicado posteriormente em *A Sentinela* de 1° de junho de 1972, no qual ele descreveu o papel do Corpo Governante, contrastando-o com o da corporação, a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Mencionado por alguns como o "discurso do rabo abanando o cão", sua linguagem era extraordinariamente audaciosa e franca, afirmando vez após vez que a corporação era simplesmente uma "agência", um "instrumento temporário" usado pelo Corpo Governante (páginas 338 e 344):

> **29** Esta organização evangelizadora mundial não é modelada segundo nenhuma sociedade civil da atualidade, que talvez seja exigida pelas leis dos governos políticos dos homens, que agora enfrentam a

destruição na “guerra do grande dia de Deus, o Todo-Poderoso”, no Har-Magedom. (Rev. 16:14-16) Nenhuma sociedade civil da terra amolda a organização evangelizadora nem a governa. Antes, esta governa tais sociedades como meros instrumentos temporários, úteis para a obra do grande Teocrata. Por isso, é modelada segundo o Seu objetivo para ela. É uma organização teocrática, regida do Alto divino para baixo, e não das fileiras para cima. Os membros dedicados e batizados dela estão sob a Teocracia! As sociedades terrenas deixarão de existir quando, dentro em breve, perecerem os governos humanos que lhes concedem alvará.

De modo que os membros votantes da Sociedade compreendem que este corpo governante poderia usar mais diretamente esta “agência administrativa” como instrumento para o trabalho da classe do “escravo fiel e discreto” por serem os membros do corpo governante parte da Diretoria da Sociedade. Reconhecem que esta Sociedade não é o corpo administrativo, mas apenas uma agência para assuntos administrativos.

Por isso, os membros votantes da Sociedade não desejam que haja qualquer base para conflito e divisão. Não desejam criar nenhuma situação em que a “agência administrativa” controle e dirija o usuário desta agência, usuário que é o corpo governante representando a classe do “escravo fiel e discreto”. Do mesmo modo como não é o rabo que abana o cão, mas o cão que abana o rabo. Uma pessoa jurídica religiosa, constituída segundo a lei de César, não deve tentar dirigir e controlar seu criador, antes, o criador da pessoa jurídica religiosa deve controlá-la e dirigi-la.

Estas foram declarações fortes. O problema era que apresentavam um quadro completamente contrário à realidade.

O corpo governante não controlava a corporação, nem no tempo em que o discurso mencionado acima foi dado pelo vice-presidente, nem no tempo em que a matéria foi publicada, nem por mais de quatro anos depois disso.

O quadro apresentado *tornou-se* eventualmente realidade, mas somente em conseqüência de um ajuste muito drástico, do tipo desagradavelmente carregado de emoções agitadas e de considerável divisão. Estranho como possa parecer à maioria das Testemunhas de Jeová atualmente, o tipo de Corpo Governante descrito nesse discurso

jamais havia existido em toda a história da organização. Levou mais de noventa anos para que ele viesse a surgir, e a sua existência atual compreende apenas um curto período de pouco mais de duas décadas e meia. Vou explicar por que faço tal afirmação e como ela é confirmada por fatos.

OS TRÊS MONARCAS

> *Como sabeis, os chefes das nações às mantêm sob seu poder e os grandes sob seu domínio. Não deve assim entre vós.* — Mateus 20:25, 26, *Tradução Ecumênica.*

A história das Testemunhas de Jeová assume registro oficial particularmente com a publicação da primeira edição da revista *Torre de Vigia* (agora *A Sentinela*), em 1º de julho de 1879. A corporação chamada Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados foi formada em 1881 e registrada como pessoa jurídica em 1884. É uma verdade comprovada que lá no passado a organização não 'amoldava, governava ou dirigia' (para usar as palavras do vice-presidente) o corpo governante dos que estavam associados com a Torre de Vigia. Não o fazia e nem, de fato, poderia fazê-lo, pela simples razão de que não existia um "corpo governante".

Charles Taze Russell iniciou pessoalmente a revista *A Sentinela* como sua própria revista e era seu único editor; durante sua vida, todos os que estavam associados com a Sociedade Torre de Vigia reconheciam-no como seu único e exclusivo pastor. Naturalmente, é verdade que a Sociedade, uma vez formada, tinha uma diretoria (a esposa de Russell, Maria, fazia originalmente parte dela). Mas a diretoria não era vista como um corpo governante, nem tinha essa função. Contudo, *A Sentinela* de 1º de junho de 1972, página 344, faz esta afirmação:

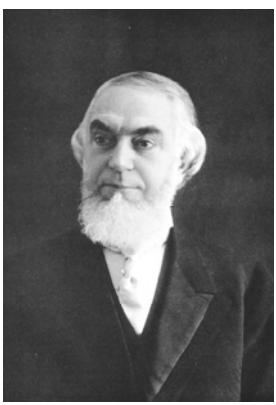
> Segundo os fatos disponíveis, o corpo governante chegou a estar associado com a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia. C. T. Russell fazia manifestamente parte daquele Corpo Governante lá no último quarto do século dezenove.

O que revelam realmente os "fatos disponíveis"?

Concernente à Diretoria, diz o próprio Russell numa edição especial da *Torre de Vigia de Sião*, datada de 25 de abril de 1894, página 59:

> Tendo, até 1º de dezembro de 1893, três mil, setecentas e cinco (3.705) ações com direito a voto, de um total de seis mil, trezentas e oitenta e três (6.383) ações com direito a voto, a irmã Russell e eu elegemos naturalmente os diretores e, dessa maneira, controlamos a Sociedade; e isto ficou plenamente entendido desde o princípio pelos diretores. A utilidade deles, ficou entendido, se manifestaria em caso de nossa morte.[17]

OS TRÊS PRIMEIROS PRESIDENTES DA TORRE DE VIGIA (EUA), E SEUS PERÍODOS NA PRESIDÊNCIA



Charles Taze Russell (1884-1916)

Joseph Franklin Rutherford (1917-1942)

Nathan Homer Knorr (1942-1977)

Que Russell claramente não considerava os diretores (ou quaisquer outros) juntos com ele mesmo como um corpo governante, é evidente pelo modo de agir que ele consistentemente seguiu. Diz *A Sentinela* de 1º de março de 1923, página 68:

[17] A Sra. Russell renunciou como editora adjunta de *A Sentinela* em outubro de 1886, devido a desacordo com seu marido e, em 9 de novembro de 1897, ela se separou dele. Ela continuou, entretanto, como diretora da Sociedade até 12 de fevereiro de 1900. Em 1906, obteve o divórcio.

> Sempre que outros lhe perguntavam: "Quem é o servo fiel e prudente?" — O irmão Russell costumava responder: "Alguns dizem que sou eu; enquanto outros dizem que é a Sociedade."

O artigo prossegue então dizendo:

> Ambas as declarações são verdadeiras; pois o irmão Russell era, de fato, a Sociedade no sentido mais absoluto, pelo seguinte, por ele determinar as diretrizes e o rumo da Sociedade sem prestar contas a nenhuma outra pessoa na terra. Algumas vezes ele buscava conselho de outras pessoas ligadas à Sociedade, ouvia suas sugestões e, em seguida, agia de acordo com seu próprio julgamento, crendo que o Senhor queria que ele assim o fizesse.

Em resposta à pergunta de alguns leitores de *A Sentinela*, C. T. Russell escreveu em 1906:

> Não, as verdades que apresento, como porta-voz de Deus não foram reveladas em visões ou sonhos, tampouco pela voz audível de Deus, nem todas elas de uma só vez, mas gradativamente; especialmente desde 1870 e, particularmente, desde 1880. Tampouco é este claro desvendamento da verdade devido a qualquer habilidade ou grande percepção humana, mas por causa do simples fato de que chegou o tempo devido de Deus; e, se eu não falasse e não se pudesse achar outro instrumento, as próprias pedras clamariam.[18]

Crendo ser ele mesmo o "porta-voz de Deus" e seu instrumento para desvendamento da verdade, compreende-se a razão pela qual ele não via necessidade alguma de um corpo governante. No ano seguinte a esta declaração, Russell preparou sua "Última Vontade e Testamento", que apareceu na revista *A Sentinela* de 1º de dezembro de 1916, depois de sua morte naquele ano. Visto que nada ilustra de maneira mais clara o poder absoluto exercido por Charles Russell sobre a revista *A Sentinela*, o texto completo deste testamento é apresentado no Apêndice. Podemos observar aqui o que declara o segundo parágrafo deste Testamento conforme publicado:

---

[18] *A Sentinela*,de 15 de julho de 1906, página 229, veja também *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, página 143, parágrafo 2.

> Contudo, ao fazer doação da revista Torre de Vigia de Sião, do Trimestral da Velha Teologia e dos direitos autorais dos livros Estudos das Escrituras da Aurora do Milênio, e de vários outros folhetos, hinários, etc., à Sociedade Torre de vigia de Bíblias e Tratados, eu o fiz com o entendimento de que eu manteria completo controle de todos os interesses destas publicações durante a minha existência e que, depois de minha morte, estes seriam conduzidos de acordo com meus desejos. Passo agora a declarar tais desejos — minha vontade com relação aos mesmos — conforme segue:

Apesar de ter doado a revista *A Sentinela* à corporação (ao ser registrada como pessoa jurídica em 1884), ele a considerava claramente como a *sua* revista, a ser publicada segundo a sua vontade, mesmo depois de sua morte. Ele dispôs que, com sua morte, uma Comissão Editora de cinco homens, escolhidos e nomeados pessoalmente por ele, deveria ter a inteira responsabilidade editorial pela revista *A Sentinela*.[19] Legou também todas as suas ações com direito a voto, da corporação, a cinco mulheres nomeadas por ele como fideicomissárias e providenciou que, no caso de algum membro da Comissão Editora ter de ser disciplinado por má conduta, estas mulheres deveriam servir, juntamente com outros fideicomissários da corporação (os diretores, evidentemente) e o resto dos membros da Comissão Editora, como um conselho de sentença para decidir o caso do membro da Comissão Editora acusado.[20]

Já que uma única pessoa não pode constituir um corpo coletivo, os fatos mostram que durante a vida de C. T. Russell, isto é, até 1916, não havia sequer a aparência de um corpo governante. E continuou sendo assim durante a presidência do seu sucessor, Joseph F. Rutherford. Alguém poderia supor que os membros da Comissão Editora, junto com a Diretoria, compunham tal corpo governante. Porém, os fatos mostram que essa suposição estava errada.

Na reunião anual da corporação em janeiro de 1917, Rutherford foi eleito para substituir Russell como presidente. No início de sua presidência, quatro dos sete diretores (a maioria) objetaram ao que

---

[19] Russell não incluiu Rutherford entre estes cinco mas o colocou num segundo grupo de cinco que poderiam servir como substitutos se a situação o exigisse.

[20] O livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), publicado em 1959, página 64, diz que, pela lei, os votos de Russell morreram com ele.

consideravam como um comportamento arbitrário da parte do presidente. Ele não estava reconhecendo a Diretoria e nem trabalhando com ela como um corpo, mas estava agindo unilateralmente, tomando medidas e informando-lhe só depois o que havia decidido fazer. Eles achavam que isto estava totalmente em desacordo com o que o Pastor Russell, o "servo fiel e prudente", havia delineado como o proceder a ser seguido. Ter eles expressado objeção resultou em sua eliminação sumária da Diretoria.[21]

Rutherford achava que, ainda que eles tivessem sido designados pessoalmente por C. T. Russell como diretores vitalícios, a condição de diretor destes quatro nunca fora confirmada numa reunião anual da corporação. Segundo A. H. MacMillan, membro destacado do pessoal da sede nessa época, Rutherford consultou um advogado de fora que concordou que isto dava margem à demissão dos homens — isto é, com apoio legal.[22]

Rutherford tinha, portanto, de escolher. Ele poderia acatar as objeções da maioria do conselho e procurar fazer as retificações. (Se ele tivesse visto estes homens como a maioria de um "Corpo Governante" do tipo descrito em *A Sentinela* de 1972, teria sido moralmente obrigado a fazer isso.) Ou, poderia aproveitar-se do dispositivo legal mencionado e usar sua autoridade presidencial para demitir os diretores que não concordavam com ele.

Preferiu o segundo caminho, designando diretores que ele mesmo escolheu em substituição.

Que dizer da Comissão Editora? *A Sentinela* (em inglês) de 15 de junho de 1938, página 185, mostra que, em 1925, a maioria desta

---

[21] Típico deste modo de agir foi a decisão de Rutherford de publicar o livro intitulado *O Mistério Consumado*, apresentado como 'obra póstuma de Russell', porém escrita realmente por Clayton J. Woodworth e George H. Fisher. Rutherford não só havia deixado de consultar os diretores sobre a escrita do livro, aliás, eles nem sequer sabiam que ele estava sendo publicado até Rutherford anunciá-lo diante da "Família de Betel", o pessoal da sede. Publicações posteriores da Torre de Vigia, inclusive o livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (páginas 70, 71), em inglês, dão a impressão de que esta era a causa inicial e primária das objeções dos quatro diretores. Isto distorce os fatos, já que Rutherford anunciou a demissão destes quatro homens como diretores no mesmo dia (17 de julho de 1917) em que apresentou o livro *O Mistério Consumado* diante do pessoal da sede. O anúncio da demissão dos diretores foi feito, de fato, *antes* de o livro ser apresentado.

[22] A. H. MacMillan, *A Fé em Marcha* (em inglês), (Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc., 1957), página 80. O prefácio do livro foi escrito por N. H. Knorr.

comissão "se opôs fortemente" à publicação do artigo intitulado "O Nascimento da Nação" (significando que "o reino havia começado a funcionar" em 1914). *A Sentinela* diz qual foi o resultado para aqueles que discordavam do presidente:

> ...mas, pela graça do Senhor, [o artigo] foi publicado, e isso marcou realmente o início do fim da comissão editora, indicando que o próprio Senhor está dirigindo a sua organização.

A Comissão Editora estava agora eliminada. Rutherford tinha efetivamente eliminado qualquer oposição a seu controle total da organização.

Um aspecto interessante de tudo isto é que, durante todo este tempo, não somente o livro *O Mistério Consumado*, o principal pomo de discórdia em 1917, mas também a revista *A Sentinela* estiveram ensinando de maneira vigorosa que o Pastor Russell era na verdade o "servo fiel e prudente" predito nas Escrituras, a quem o Amo faria "governante sobre sua casa".[23] A maneira pela qual este ensino fora usado para insistir na completa conformidade de todos é bem ilustrada por estas declarações de *A Sentinela* de 1º de maio de 1922, página 132:

FIDELIDADE É LEALDADE

> Ser fiel significa ser leal. Ser leal ao Senhor significa ser obediente ao Senhor. Abandonar ou repudiar o instrumento escolhido do Senhor significa abandonar ou repudiar o próprio Senhor, baseado no princípio de que aquele que rejeita o servo enviado pelo Amo, rejeita, por esse meio, o Amo.
>
> Não há ninguém hoje na verdade atual que possa honestamente dizer que recebeu conhecimento do plano divino de qualquer outra fonte além do ministério do irmão Russell, direta ou indiretamente. Por intermédio de seu profeta Ezequiel, Jeová prefigurou o cargo de um servo, identificando-o como alguém vestido de linho, com um tinteiro de escrevente de lado, o qual foi comissionado para passar através da cidade (a cristandade) e consolar os que gemem por iluminar suas mentes com relação ao grande plano de Deus. Notem que este era um privilégio não outorgado pelo homem, mas pelo próprio Senhor.

[23] Veja *O Mistério Consumado*, páginas 4, 11; *A Sentinela* (em inglês) de 1º de março de 1922, páginas 72, 73; 1º de maio de 1922, páginas 131; 1º de março de 1923, páginas 67, 68.

> Porém, em cumprimento ao arranjo do Senhor, ele usou um homem. O homem que ocupou esse cargo, pela graça do Senhor, foi o irmão Russell.

Mais uma vez, em *A Sentinela* de 1º de março de 1923, páginas 68 e 71, no artigo intitulado "Lealdade é a Prova", a submissão aos ensinos e métodos de Russell foi igualada a submissão à vontade do Senhor:

> [3] Cremos que todos os que estão agora se regozijando na verdade atual concordarão que o irmão Russell ocupou fielmente o cargo de servo especial do Senhor e que foi feito governante sobre todos os bens do Senhor.

> [38] Cada conservo tem demonstrado sua habilidade ou capacidade e progredido na mesma proporção em que tem se submetido alegremente à vontade do Senhor por trabalhar no campo da colheita do Senhor *em harmonia com o modo do Senhor*, modo esse em que o Senhor usou o irmão Russell para delinear, já que o irmão Russell ocupava o cargo desse "servo fiel e prudente". Ele fez a obra do Senhor de acordo com o modo do Senhor. Se, então, o irmão Russell fez a obra do Senhor no modo do Senhor, qualquer outro modo de fazê-la é contrário ao modo do Senhor e não poderia ser, portanto, um modo fiel de cuidar dos interesses do reino do Senhor.

A questão era bem clara. Ou alguém se alinhava e se conformava lealmente aos ensinos e ao modo deste 'governante sobre a casa do Amo' (Russell), ou se tornava culpado de repudiar a Cristo Jesus e, portanto, de ser um apóstata. Raramente um apelo à aceitação da autoridade humana foi expresso com mais vigor.

O que torna isso tão notável é que, alguns anos depois da morte de Russell e durante o próprio tempo em que se fizeram estas afirmações sobre ele, as providências tomadas por ele em vida e sua escolha pessoal de homens para o cargo de supervisão foram deixadas de lado pelo novo presidente. As declarações contidas em seu "Testamento" foram descartadas como não tendo força legal e nem também, evidentemente, força moral. *A Sentinela* (em inglês) de 15 de dezembro de 1931, página 376, fala sobre isso:

> [24] Os fatos que se sabe bem que existem e que se aplicam às palavras proféticas de Jesus são os seguintes: Em 1914, Jeová colocou seu Rei em seu trono. Os três anos e meio que vieram imediatamente

> depois proveram a oportunidade de provar os que haviam respondido à chamada do reino quanto a se eram egoístas ou altruístas. Em 1916, morreu o presidente da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Encontrou-se um papel escrito e assinado por ele, e que foi chamado de sua "última vontade e testamento", mas que não era de fato um testamento. Pareceu então que o irmão Russell, alguns anos antes de sua morte, tinha chegado à conclusão de que não podia fazer tal testamento. A obra da organização de Deus não está sujeita ao controle do homem ou ao controle da vontade de qualquer criatura. Portanto, não era possível dar continuidade à obra da Sociedade para a glória e a honra do Senhor conforme estava delineado nesse documento escrito, chamado 'testamento'.

Apenas oito anos antes, *A Sentinela*, o "canal do Senhor", havia insistido que Russell "fez a obra do Senhor de acordo com o modo do Senhor" e, por este motivo, "qualquer outro modo de fazê-la é contrário ao modo do Senhor". Agora, oito anos mais tarde, qualquer um que se opusesse a que Rutherford deixasse de lado as instruções dadas por aquele a favor de quem *A Sentinela* tinha argumentado tão rigidamente como o "servo fiel e prudente", era retratado como movido por má vontade e malícia, como obreiro da iniqüidade:

> No entanto, esta classe dos jogados fora ou rejeitados realmente choram e gemem, rangem seus dentes contra seus irmãos porque, dizem eles, 'a vontade do irmão Russell está sendo ignorada e *A Sentinela* não está sendo publicada como ele instruiu'; e erguem suas mãos em horror piedoso e derramam lágrimas de crocodilo porque a organização do Senhor na terra não está sendo usada de acordo com a vontade de um homem. Em outras palavras, usam estas pretensões como pretexto para pranto, lamento e pesar. Eles se lamentam, se queixam e choram porque não têm o encargo da Sociedade. Rangem seus dentes contra os que estão empenhados na obra do Senhor e dão expressão a toda forma de má vontade, malícia e declarações mentirosas contra aqueles que outrora eles alegavam ser seus irmãos. Judas menciona a mesma classe e suas palavras estabelecem definitivamente o tempo em que este lamento e pranto haveriam de começar, a saber, por ocasião da vinda do Senhor Jesus ao templo de Jeová para julgamento. Diz ele: "Estes são resmungadores, queixosos, comportando-se segundo as suas próprias paixões [desejos egoístas]; e suas bocas proferem palavras bombásticas [apresentando-se como os favorecidos de Deus], tendo pessoas de homens em admiração por

> interesse [em outras palavras, expressam sua admiração pela pessoa de um homem e desejam admiração para si mesmos, e sua conduta e modo de agir se encaixam exatamente nas palavras do apóstolo]. Ostentam grande pretensão de amor e devoção a um homem, a saber, o irmão Russell, mas está claro que agem desta maneira com o objetivo de auferir alguma vantagem egoísta. Portanto, o propósito de mencionar-se estas coisas e, evidentemente, o propósito de o Senhor permitir que seu povo as entenda é para que possam evitar tais obreiros da iniqüidade.

É difícil explicar um comportamento tão inconstante, instável, errático. Ainda assim, este era supostamente o canal que o Senhor Jesus achara tão digno de ser constituído como seu canal exclusivo para fornecer orientação às pessoas na terra.

Na realidade, por volta de 1925, J. F. Rutherford exercia a direção inconteste da Sociedade e os anos seguintes só fortaleceram seu controle sobre todas as funções da organização.[24]

Isto incluía o controle total do que seria publicado por meio do canal de *A Sentinela* e de outras publicações usadas em prover o alimento espiritual às congregações mundialmente. Recordo-me de meu tio ter-me falado certo dia em seu escritório sobre uma ocasião em que Rutherford apresentou certa questão, um novo ponto de vista, diante da família de Betel para ser discutido.[25] Meu tio contou que, na consideração, ele se expressou de maneira negativa sobre o novo ponto de vista proposto, fazendo-o com base nas Escrituras. Depois disso, o presidente Rutherford, disse ele, o designou pessoalmente para preparar a matéria *em apoio* deste novo ponto de vista, apesar de ele, Fred Franz, ter deixado claro que não o considerava bíblico.

---

[24] A. H. MacMillan relata em *A Fé em Marcha*: "Russell havia deixado muito a critério do indivíduo quanto a como deveríamos cumprir nossas responsabilidades. . . Rutherford queria unificar a obra de pregação e, em vez de permitir que cada indivíduo desse a sua própria opinião e dissesse o que pensava ser correto e fizesse o que estava na sua própria mente, Rutherford começou aos poucos a se tornar o principal porta-voz da organização. Essa era a maneira, pensava ele, em que a mensagem podia ser mais bem apresentada sem nenhuma contradição."

[25] O ponto em questão era, ou o novo entendimento de que as "potestades superiores" de Romanos 13:1 não eram as autoridades governamentais da terra, mas sim Jeová e Jesus Cristo, ou a decisão relacionada com a eliminação dos corpos de anciãos, qual dos dois eu não me recordo agora.

Em outra ocasião, ele relatou que o “Juiz” (Rutherford) estabeleceu, mais adiante em sua presidência, uma norma firme de que a revista *A Sentinela* trouxesse somente artigos que enfatizassem a profecia ou a obra de pregação. Por esse motivo, passou-se um período de anos em que artigos sobre temas tais como amor, bondade, misericórdia, longanimidade e qualidades similares simplesmente não apareciam na revista.

Assim, por um período de quase sessenta anos das presidências de Russell e Rutherford, cada homem agia segundo sua própria prerrogativa ao exercer sua autoridade presidencial sem o menor indício de algum corpo governante.

Quando o Juiz Rutherford morreu em 8 de janeiro de 1942, Nathan H. Knorr foi eleito unanimemente como presidente pela diretoria. A estrutura organizacional permaneceu basicamente a mesma, apesar de alguns ajustes, já que Knorr delegou parte da responsabilidade. (As circunstâncias tornaram isto realmente necessário, já que o número de Testemunhas aumentara de apenas 108.000 por ocasião da morte de Rutherford para mais de dois milhões durante a presidência de Knorr). Sem ser escritor nem particularmente um estudioso das Escrituras, Knorr se apoiava em Fred Franz (o vice-presidente) como uma espécie de árbitro final em assuntos bíblicos e redator principal da organização. Questões tais como as discutidas nas sessões do Corpo Governante (relatadas anteriormente neste capítulo) foram, durante décadas, submetidas a Fred Franz para uma decisão. Se o presidente Knorr achava que a decisão podia ter algum efeito crítico sobre o funcionamento da Sociedade em certos países do mundo, ele, normalmente, a discutia pessoalmente com Fred Franz e não hesitava em demonstrar de forma pragmática o que as circunstâncias tornavam recomendável, prevalecendo sobre o vice-presidente caso necessário. Como foi observado anteriormente, esta relação básica continuou até os anos 70, conforme ilustrado pela decisão de se voltar a ter corpos de anciãos nas congregações. Essa decisão em particular dependeu principalmente do ponto de vista e da opinião de uma só pessoa, o vice-presidente, e, quando ele mudou de idéia e favoreceu a volta dos corpos de anciãos, o presidente concordou.

Ocorria basicamente o mesmo com toda matéria publicada. O presidente selecionava os artigos principais para *A Sentinela* entre as matérias submetidas por vários escritores e, em seguida, passava-as

adiante para o Departamento de Redação para correção das provas e quaisquer ajustes ou aprimoramentos necessários. Estes eram então lidos finalmente pelo vice-presidente e pelo presidente e, caso aprovados, eram publicados. Karl Adams, que era o encarregado do Departamento de Redação quando me iniciei nele em 1965, me explicou que o presidente, nessa época, havia dado considerável liberdade ao departamento quanto à revisão de tais matérias. Ele destacou a única exceção, a saber, qualquer matéria escrita pelo vice-presidente, ao dizer que "o que vem do irmão Franz é visto como 'pronto para ser publicado', sem nenhum ajuste a ser feito."

No entanto, o presidente pôde, mais uma vez então, prevalecer pelo seu cargo. Como exemplo, em 1967 o presidente Knorr enviou a Karl Adams, Ed Dunlap e a mim, cópia de certa matéria "Perguntas dos Leitores" que Fred Franz havia preparado e entregue para ser publicada.[26] Bem no ano anterior, publicou-se um livro de autoria de Fred Franz no qual se destacava que o ano 1975 marcaria o fim de 6.000 anos da história humana. Comparando esses 6.000 anos a seis dias de mil anos cada, escreveu ele:

> Assim, dentro de poucos anos em nossa própria geração, atingiremos o que Jeová Deus poderia considerar como o sétimo dia da existência do homem.
>
> [43] Quão apropriado seria se Jeová Deus fizesse deste vindouro sétimo período de mil anos um período sabático de descanso e livramento, um grandioso sábado de jubileu para se proclamar liberdade através da terra a todos os seus habitantes! Isto seria muito oportuno para a humanidade. Seria bem apropriado da parte de Deus, pois, lembre-se de que a humanidade ainda tem na sua frente o que o último livro da Bíblia Sagrada chama de reinado de Jesus Cristo sobre a terra por mil anos, o reinado milenar de Cristo. Jesus Cristo, quando na terra há dezenove séculos, disse profeticamente a respeito de si mesmo: "Porque Senhor do sábado é o que é o Filho do homem." (Mateus 12:8) Não seria por mero acaso ou acidente, mas seria segundo o propósito amoroso de Jeová Deus que o reinado de Jesus Cristo, o "Senhor do sábado", correspondesse ao sétimo milênio da existência do homem.[27]

---

[26] Dos três que receberam as cópias, eu era o único que professava ser da classe "ungida", tendo feito tal afirmação desde 1946.

[27] *Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus*, publicado em 1966, páginas 29, 30.

Fazia muitas décadas que não se via tal sentimento de empolgação entre as Testemunhas de Jeová como a provocada por estas declarações. Desenvolveu-se uma tremenda onda de expectativa, ultrapassando em muito o sentimento de expectativa do fim que eu e outros tínhamos experimentado no início dos anos 40.

Por isso ficamos pasmos ao ver que a "Pergunta dos Leitores", que Fred Franz havia então formulado, argumentava que o fim de 6.000 anos viria de fato *um ano antes* do que se acabara de publicar no novo livro, a saber, que viria em 1974 em vez de 1975. Conforme Knorr contou a Karl Adams, quando recebeu esta matéria, ele foi a Fred Franz e perguntou a razão da mudança repentina. Franz replicou terminantemente: "É assim mesmo. *É 1974*."

Knorr não se sentia à vontade com a mudança e por isso enviou cópias a nós três com um pedido para que a submetêssemos a nossas observações individuais. A argumentação do vice-presidente se apoiava quase inteiramente no uso de um número cardinal e um ordinal no relato do dilúvio em Gênesis, capítulo 7, versículos 6 e 11 ("seiscentos anos" e o "seiscentésimo ano"). O argumento procurava mostrar que faltava um ano na contagem do tempo apresentada no novo livro e que se precisava acrescentar um ano, fazendo com que o fim de 6.000 anos viesse um ano antes, em 1974 em vez de 1975.

Cada um de nós escreveu de modo respeitoso que não achávamos que a matéria deveria ser publicada, que teria um efeito extremamente perturbador sobre os irmãos.[28] O presidente evidentemente concordou, já que a matéria preparada pelo vice-presidente nunca foi publicada; contudo, foi uma ocorrência bem rara.

Foi durante a presidência de Knorr que o termo "corpo governante" começou a ser usado com certa freqüência.[29] A literatura começava então a associar tal corpo com a Diretoria da Sociedade Torre de Vigia. No livro

---

[28] Em minha carta, salientei que o argumento se apoiava principalmente numa parte das Escrituras que é difícil de ser definida e que os motivos fornecidos para a mudança eram, na melhor das hipóteses, frágeis.

[29] Em *A Sentinela* (em inglês) de 1º de junho de 1938, página 168, num artigo sobre "Organização", as expressões "corpo central" e "autoridade central" são usadas, mas apenas com referência ao corpo dos apóstolos e àqueles que eram seus associados imediatos, sem fazer-se nenhuma aplicação moderna, a expressão "corpo governante" surgiu pela primeira vez em seu uso atual em *A Sentinela* (em inglês) de 15 de outubro 1944, página 315, e 1º de novembro de 1944, páginas 328-333.

da Sociedade, *Qualificados Para Ser Ministros*, (publicado em 1959, em português, página 328), aparece a declaração:

> Durante os anos desde que o Senhor veio a Seu Templo, o Corpo Governante visível tem sido intimamente identificado com a diretoria desta Corporação.

Assim, os sete membros da diretoria eram considerados como sendo os sete membros do "Corpo Governante".

Todavia, o fato é que essa situação deles era semelhante à observada no caso dos diretores dos dias de Russell e de Rutherford.

Marley Cole, uma Testemunha que escreveu um livro (com a colaboração total da Sociedade) intitulado *Testemunhas de Jeová – A Sociedade do Novo Mundo* (em inglês), destaca isto.[30] Numa parte com o título "Rebelião Interna", ele descreve a controvérsia entre Rutherford e a Diretoria em 1917, dizendo:

> Quatro diretores queriam uma reorganização . . . Como as coisas se achavam, o presidente era a administração. Ele não lhes consultava. Comunicava-lhes o que estava fazendo somente depois de ter feito. Ele os estava pondo na posição de conselheiros em assuntos legais da corporação.
>
> Rutherford não fazia mistério quanto a 'ir em frente'. O Pastor, antes dele, tinha trabalhado dessa maneira. O Pastor emitia ordens administrativas sem a aprovação antecipada da Diretoria.

Então, numa nota ao pé da página, diz Cole:

> Que o presidente da Sociedade continuou a exercer daí em diante tal liberdade irrestrita pode ser observado pelo seguinte relato sobre as ações de N. H. Knorr com relação à produção de uma nova tradução da Bíblia.[31]

A Sentinela (em inglês) de 15 de setembro de 1950, páginas 315 e 316, foi então citada. Ela revela que os membros da Diretoria foram pela primeira vez informados pelo presidente sobre a existência da *Tradução do Novo Mundo* (provavelmente, um dos maiores projetos já

---

[30] Marley Cole, *Testemunhas de Jeová — A Sociedade do Novo Mundo* (em inglês), (Nova York: Vintage Press, 1955), páginas 86-89. Cole escreveu o livro como se ele não fosse uma Testemunha e estivesse escrevendo um relato imparcial. A idéia era que por ter-se o livro publicado por uma editora de fora, ele poderia alcançar pessoas que normalmente não queriam aceitar literatura da Sociedade. Essa era, portanto, uma forma de tática de relações públicas.

[31] Ibid., página 88.

empreendidos pela organização) somente depois que a tradução da parte das Escrituras Gregas já tinha sido concluída e estava pronta para ser impressa.

Até 1971, quando foi dado o discurso do "rabo abanando o cão", a Diretoria não se reunia em base regular, mas somente quando o presidente decidia convocá-la. Às vezes, passavam-se meses sem reunião alguma, sendo a agenda mais freqüente composta, evidentemente, de assuntos corporativos tais como a compra de propriedades ou de algum novo equipamento. Normalmente, eles não tinham nada a dizer sobre que matéria bíblica seria publicada, nem se buscava sua aprovação. O vice-presidente Franz deixou isto claro quando depôs perante um tribunal na Escócia em 1954, num caso conhecido como o Caso Walsh. Perguntado quanto ao que era feito no caso de ser feita alguma mudança importante na doutrina e se essa tinha de ser primeiro aprovada pela Diretoria, o vice-presidente respondeu (sendo reproduzida aqui a matéria da transcrição oficial do tribunal, com "P" representando a pergunta do Advogado e "R" a resposta dada por Fred Franz):

> "**P.** Em assuntos espirituais, tem cada membro da Diretoria um parecer igualmente válido? **R.** O presidente é o porta-voz. Ele profere os discursos que revelam avanço no entendimento das Escrituras. Por conseguinte, ele pode designar temporariamente outros membros da sede para dar outros discursos que apresentem qualquer parte da Bíblia sobre a qual se tenha lançado luz adicional. **P.** Diga-me, são estes avanços no entendimento, como o senhor os chama, submetidos ao voto dos diretores? **R.** Não. **P.** Como se tornam eles pronunciamentos oficiais? **R.** Passam pela comissão editora e eu dou o meu O.K., depois de uma análise bíblica. Passo-os então para o presidente Knorr e o presidente Knorr dá o O.K. final. **P.** Não vai de maneira alguma perante a Diretoria? **R.** Não."[32]

[32] Apesar de o vice-presidente fazer referência a uma "comissão editora", ele mais tarde identifica somente a si mesmo e ao presidente Knorr como pertencente a essa comissão entre os membros da Diretoria. Na realidade, não havia "comissão editora" *oficial* alguma além destes dois. Em 1965, Karl Adams era a única outra pessoa cuja assinatura era regularmente requerida sobre matéria a ser publicada, e ele não era membro da Diretoria, nem professava ser da classe "ungida".

Eu pessoalmente sabia que essa versão dos fatos era verdadeira no que se relaciona à Diretoria. Antes de 1971, participei de uma reunião com vários membros do pessoal de redação, convocada por Karl Adams, e levantou-se a questão quanto a como conseguir-se a aprovação do presidente sobre certos melhoramentos sugeridos na revista *A Sentinela*. Alguém propôs que Lyman Swingle, que estava presente como um dos escritores, desse uma entrada no assunto com Knorr. A resposta de Swingle foi breve, mas demasiadamente representativa da realidade da situação. Disse ele: "Por que eu? Que posso fazer? Sou apenas um diretor."

A situação continuou a mesma, mesmo depois da ampliação do Corpo Governante de modo a incluir mais que os sete diretores. Em 1975, durante uma sessão, veio à discussão certa matéria preparada pelo vice-presidente para ser usada como discurso de congresso. Envolvia a parábola do grão de mostarda e a parábola do fermento (encontradas em Mateus capítulo 13) e argumentava com detalhes que o "reino dos céus" a que Jesus se referiu nestas parábolas era, na realidade, um reino "de imitação", uma contrafação. Um membro do Corpo que havia lido a matéria não se sentiu convencido pela argumentação. Após a discussão, dos catorze membros presentes, somente cinco (incluindo Knorr e Fred Franz) votaram a favor do uso da matéria como discurso de congresso, os outros nove não foram a favor. De modo que ela não foi usada – não como discurso, mas a matéria foi publicada num livro lançado no congresso e, em poucos meses, apareceu também na revista *A Sentinela*.[33] O fato de quase dois terços dos membros do Corpo presentes terem expressado pelo menos alguma falta de confiança na matéria não afetou a decisão do presidente de ir em frente com sua publicação.

Não só os conteúdos das revistas e de outras literaturas, mas também quase cada aspecto da atividade mundial das Testemunhas de Jeová — a direção dos 90 ou mais escritórios de filiais (sendo cada superintendente de filial descrito como o "ministro presidente do cristianismo dentro do território para o qual fora designado"), a supervisão de todo o trabalho de todos os representantes viajantes, a direção da escola de missionários de Gileade e a designação e o

[33] Veja o livro *Está Próxima a Salvação do Homem da Aflição Mundial!*, publicado em 1976, páginas 197-206; também *A Sentinela* de 1º junho de 1976, páginas 333-352.

trabalho de todos os missionários, o planejamento de congressos e programas de congresso — tudo isto e muito mais eram prerrogativa exclusiva de uma única pessoa: o presidente da corporação. O que quer que o Corpo Governante considerasse ou não em qualquer destas áreas ocorria estritamente em resultado da decisão e vontade dele.

Tudo isto era difícil de ser conciliado com os artigos publicados depois do "discurso do rabo abanando o cão" do vice-presidente. A sua linguagem ali tinha sido bastante enfática e deveras conclusiva:

> Assim, também, embora não estivesse presente nenhum dos apóstolos de Cristo no século dezenove, o espírito santo de Deus deve ter operado para com a formação do corpo governante para o seu restante ungido da classe do 'escravo fiel e discreto'. Os fatos falam por si mesmos. Surgiu um corpo de cristãos ungidos que aceitaram e assumiram as responsabilidades de governar os assuntos do povo dedicado, batizado e ungido de Jeová, que segue as pisadas de Jesus Cristo e se esforçava a cumprir a obra declarada na profecia de Jesus em Mateus 24:45-47. Os fatos falam mais alto do que palavras. O corpo governante existe. As testemunhas cristãs de Jeová sabem e afirmam com gratidão que não se trata duma organização religiosa de um só homem, mas que ela tem um corpo governante de cristãos ungidos pelo espírito.[34]

Infelizmente, o quadro apresentado simplesmente não era verdadeiro. Os fatos, já apresentados pelas próprias publicações aprovadas da Sociedade Torre de Vigia e pelas declarações de diretores, mostram claramente que não existia nenhum corpo governante em nenhum sentido real no século 19 durante a presidência de Russell, nem no século 20 durante a presidência de Rutherford, e nem existia algum no sentido descrito neste mesmo artigo de *A Sentinela* durante a presidência de Knorr. Era um quadro de aparência impressionante, mas era ilusório, fictício. O fato é que prevaleceu um arranjo monárquico desde a própria formação da organização (sendo a palavra "monarca" de origem grega e significando "aquele governa sozinho", também definida nos dicionários como "aquele que detém posição e poder preeminentes"). Que o primeiro presidente era benigno, o seguinte severo e autocrático, e o terceiro muito prático à

[34] *A Sentinela* de 1 de junho de 1972, página 345.

maneira de homens de negócios, não altera de maneira alguma o fato de que cada um dos três presidentes exerceu autoridade monárquica. A grande maioria das Testemunhas que constitui o que o artigo de *A Sentinela* havia descrito como as “fileiras” — e inclusive a maioria dos que compõem a “classe do escravo fiel e discreto” — estava totalmente despercebida disto. Aqueles que estavam em posições suficientemente próximas da sede da autoridade sabiam que era assim; quanto mais próximos estavam, mais conscientes dos fatos se tornavam.

Isto era particularmente veraz com relação aos membros do Corpo Governante e, em 1975, o “cão” decidiu que era tempo de “abanar o rabo”. A maioria dos membros sentiu que já era tempo para os fatos começarem finalmente a se harmonizar com as palavras que estavam sendo proferidas e publicadas.

Curiosamente, o que se fez foi essencialmente *a mesma coisa que os quatro diretores haviam proposto em 1917*, uma reorganização, um esforço da parte deles que tem sido, daí em diante, consistentemente descrito nas publicações da Torre de Vigia como um ‘complô ambicioso’ e uma ‘conspiração rebelde,’ dessas que, ‘pela graça de Deus, não logrou êxito!’ Cinqüenta e cinco anos mais tarde, basicamente a mesma proposta teve êxito, mas somente depois de meses de turbulência para o Corpo Governante.

4

REVOLUÇÃO INTERNA E REESTRUTURAÇÃO

Portanto, ninguém se glorie nos homens. — 1 Coríntios 3:21, *Almeida Revista e Atualizada.*

A INFORMAÇÃO apresentada pelo livro *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* sobre os anciãos desencadeou, sem dúvida, o processo. Até então, as congregações haviam estado sob a supervisão de uma única pessoa, o "superintendente de congregação". Sua substituição por um corpo de anciãos levantou necessariamente dúvidas sobre a organização de filiais, em que um único homem era o "superintendente" para todo o país, assim como um bispo ou arcebispo tinha sob sua supervisão uma vasta região composta de muitas congregações. E o comando central tinha seu presidente, a quem me referi pessoalmente (ao discursar num seminário para superintendentes de filiais) como "o superintendente presidente de todas as congregações da terra".[1]

Obviamente, a aparente anomalia, o contraste entre a situação nas congregações e a da sede internacional foi o que levou ao discurso do "rabo abanando o cão" e aos artigos de *A Sentinela*, já que estes procuravam atenuar a diferença existente entre a situação nas congregações e a no comando central. É quase certo que, ao mesmo tempo, estes artigos pretendiam emitir um sinal aos membros votantes da sociedade para que não tentassem expressar-se através de voto a fim de efetuar alguma mudança na estrutura da sede ou manifestar-se com relação ao quadro de membros do Corpo Governante e à sua administração.

No ano desse discurso, 1971, o presidente Knorr decidiu permitir que o Corpo Governante revisasse e passasse em julgamento o livro

[1] O presidente Knorr estava sentado no palco e não demonstrou qualquer discordância desta descrição.

Organização Para Pregar o Reino e Fazer Discípulos, uma espécie de manual eclesiástico que apresentava a estrutura organizacional e o sistema administrativo que rege todo o arranjo, desde a sede, passando pelas filiais, distritos e circuitos, e seguindo até as congregações. O Corpo Governante não fora solicitado a fornecer a matéria do livro. O presidente havia designado o projeto de elaboração do livro a Karl Adams, superintendente do Departamento de Redação (que não era membro do Corpo Governante e nem professava ser dos "ungidos"). Ele, por sua vez, designou Ed Dunlap e a mim para colaborarmos com ele no desenvolvimento do manual, cada um de nós escrevendo cerca de um terço dele.[2]

A matéria que desenvolvemos apresentava a relação entre o Corpo Governante e as corporações em harmonia com os artigos do "rabo abanando o cão". Quando certos pontos relacionados a esta surgiram perante o Corpo, provocaram uma discussão um tanto acalorada. O presidente Knorr se manifestou claramente como sentindo que havia um esforço para "assumir o controle" de sua responsabilidade e trabalho. Ele enfatizou que o Corpo Governante deveria preocupar-se estritamente com os "assuntos espirituais" e que a Sociedade cuidaria do resto. Mas, como era do conhecimento dos membros do Corpo, os "assuntos espirituais" designados a eles, a essa altura, consistiam quase totalmente da aprovação de designações de pessoas geralmente desconhecidas e da condução do constante fluxo de questões sobre "assuntos de desassociação", parecidos com um ritual.

Em certos pontos durante a discussão, expressei meu entendimento de que outros assuntos de natureza espiritual eram também da responsabilidade do Corpo. (Pessoalmente, eu não podia considerar a existência de um arranjo monárquico compatível com a declaração de Jesus de que "todos vós sois irmãos" e "vosso Líder é um só, o Cristo"; que "os governantes das nações dominam sobre elas e que os grandes homens exercem autoridade sobre elas", mas "não é assim entre vós".[3] Simplesmente, não parecia honesto dizer o que fora dito nos artigos de *A Sentinela* (em inglês) de 1971 e, depois, não o realizar.)

No entanto, toda vez em que eu agia assim, o presidente tomava as observações de modo muito pessoal, prolongando-se demais nos

---

[2] Recebi a designação dos capítulos sobre "Seu Serviço a Deus", "Preservação da Pureza da Congregação" e "Perseverança Que Resulta na Aprovação Divina".

[3] Mateus 23:8, 10; 20:25, 26.

comentários, com voz tensa e vigorosa, ao dizer que ‘alguns evidentemente não estavam satisfeitos com o modo como ele estava cuidando de seu trabalho’. Costumava entrar em detalhes quanto ao trabalho que estava realizando e costumava dizer então, “agora, parece que alguns não querem que eu cuide mais das coisas” e que talvez devesse “trazer tudo aqui, entregar a Ray Franz e deixar que ele tome conta.”

Achava difícil crer que ele de algum modo pudesse deixar de compreender o propósito geral de meus comentários, que eu estava me expressando a favor do arranjo de um *corpo*, não a favor de uma transferência de autoridade de um administrador individual para outro administrador individual. Toda vez que eu tentava explicar isto para ele, esclarecendo que o que fora dito nunca havia representado qualquer forma de ataque pessoal, que eu não achava que *alguma* pessoa individualmente deveria assumir as responsabilidades em questão, mas, pelo contrário, que o meu entendimento com base na Bíblia e na revista *A Sentinela* era que estas eram coisas a serem tratadas por um corpo de pessoas. Mencionei vez após vez que, se fosse uma questão de uma única pessoa cuidar de tudo, então a minha escolha seria ele; que eu achava que estivera fazendo simplesmente o que ele achava que deveria fazer e havia sempre feito no passado; que eu não tinha nenhuma queixa por ele haver agido dessa maneira. Todavia, isto não parecia surtir qualquer efeito e, percebendo que qualquer coisa que eu dissesse neste sentido provocaria simplesmente ira, depois de algumas tentativas, desisti. Nestas ocasiões, o restante dos membros do Corpo se mantinha impassível, observava e nada dizia. O que aconteceu poucos anos depois veio, portanto, como uma surpresa.

Em 1975, dois anciãos de Betel (um deles, um membro mais antigo do Departamento de Serviço, e o outro, superintendente assistente do Lar de Betel) escreveram cartas ao Corpo Governante expressando preocupação com certas condições prevalecentes entre o pessoal da sede, especificamente com referência a uma atmosfera de medo criada pelos que exerciam a supervisão e um crescente sentimento de desencorajamento e resultante descontentamento.

Nessa época, qualquer pessoa que fizesse uma petição para servir na sede (“serviço de Betel”) tinha de concordar em permanecer, no mínimo, quatro anos. A maioria dos peticionários eram homens jovens,

de 19 e 20 anos de idade. Quatro anos era o equivalente a um quinto da vida que tinham vivido até então. Durante as refeições, muitas vezes eu perguntava à pessoa próxima a mim: "Há quanto tempo está aqui?" Com dez anos então passados na sede, nunca ouvia nenhum destes jovens responderem usando números redondos, tipo "cerca de um ano" ou "cerca de dois anos". Invariavelmente, a resposta era: "um ano e sete meses", "dois anos e cinco meses", "três anos e um mês", e assim por diante, sempre fornecendo o ano ou os anos e o número exato de meses. Não pude deixar de lembrar que os homens que cumprem pena de prisão, adotam muitas vezes prática similar de contagem regressiva do tempo.

Geralmente, era difícil fazer estes jovens se expressarem sobre seu serviço na sede. Conforme vim a saber através de amigos que trabalhavam mais intimamente com eles, não estavam dispostos a falar muita coisa abertamente, visto temerem que qualquer coisa que dissessem, que não fosse positiva, os levasse a ser classificados como o que era popularmente chamado de "M.A.", alguém com "má atitude".

Muitos se sentiam como "engrenagem da máquina", vistos como trabalhadores mas não como pessoas. Resultava em insegurança de trabalho saber que podiam ser transferidos a qualquer momento para outra designação de serviço sem qualquer consideração prévia e, com freqüência, sem nenhuma explicação para a mudança efetuada. A linha de divisão "administração-empregado" era claramente traçada e cuidadosamente mantida.

A mesada mensal de quatorze dólares muitas vezes mal dava (e em alguns casos era insuficiente) para cobrir as despesas de transporte de ida e volta das reuniões no Salão do Reino. Aqueles cujas famílias e amigos eram mais abastados não tinham problema à medida que recebiam ajuda de fora. Mas outros raramente conseguiam providenciar alguma coisa além de suas meras necessidades. Os de lugares mais distantes, particularmente os de estados do oeste, deviam achar virtualmente impossível passar as férias com suas famílias, especialmente se vinham de família pobre. Contudo, ouviam regularmente os cumprimentos transmitidos à Família de Betel através de membros do Corpo Governante e de outros ao viajarem pelo país e para outras partes do mundo, dando discursos. Viam os diretores da corporação dirigindo Oldsmobiles novos, comprados pela Sociedade, conservados e limpos por trabalhadores iguais a eles mesmos. Seu

programa de trabalho de oito horas e quarenta minutos por dia e quatro horas aos sábados de manhã, combinado à assistência às reuniões três vezes por semana, mais a atividade semanal de "testemunho", parecia, para muitos, tornar suas vidas muito comprimidas, rotineiras e cansativas. Porém, sabiam que diminuir o passo em qualquer destas modalidades os colocaria na classe dos "M.A." e resultaria em serem convocados para uma reunião destinada a corrigir sua atitude.

As cartas dos dois anciãos de Betel tocaram nestes aspectos, mas sem entrar em detalhes. O presidente parecia mais uma vez achar, infelizmente, que isto constituía uma crítica à sua administração. Ele se manifestou ao Corpo Governante como querendo que fosse realizada uma audiência sobre o assunto e, em 2 de abril de 1975, fez-se isto. Vários anciãos de Betel falaram e muitos dos pontos específicos mencionados anteriormente foram então ventilados. Os que falavam não apontavam pessoas e nem faziam reivindicações, mas enfatizavam a necessidade de mais consideração pelo indivíduo, comunicação fraternal e do benefício de permitir que os intimamente ligados aos problemas partilhassem das decisões e soluções. Conforme expresso pelo superintendente assistente do Lar de Betel, "parecemos mais preocupados com produção do que com pessoas". O médico do pessoal, Dr. Dixon, relatou que recebia freqüentemente visitas de casais angustiados devido à incapacidade das esposas em lidar com as pressões e em acompanhar os horários rigorosos, tendo muitas das mulheres irrompido em pranto ao conversarem com ele.

Uma semana depois, 9 de abril, declarava a "Ata" oficial do Corpo Governante:

> Fizeram-se comentários sobre a relação entre o Corpo Governante, as corporações e o que fora publicado em *A Sentinela* de 1° de junho de 1972. Ficou combinado que uma comissão composta de cinco pessoas, L. K. Greenlees, A. D. Schroeder, R. V. Franz, D. Sydlik e J. C. Booth, investigasse os problemas concernentes a este assunto, as obrigações dos diretores das corporações e os problemas relacionados, e tomasse em consideração a opinião de N. H. Knorr, F. W. Franz e G. Suiter, que são diretores das duas sociedades, e então trouxesse as recomendações. A idéia geral é fortalecer a unidade da organização.

Numa reunião três semanas depois, 30 de abril, o presidente Knorr nos surpreendeu com a apresentação de uma moção de que, daí em

diante, todos os assuntos fossem decididos pelo voto de dois terços dos membros ativos (cujo número era, nessa época, dezessete).[4] Seguindo-se a isto, relata a "Ata" oficial dessa reunião:

> L. K. Greenlees começou então com seu relatório da comissão dos cinco sobre o pedido do irmão Knorr para informá-lo sobre o que ele deveria fazer.[5] A comissão considerou mui cuidadosamente o parágrafo 29 de *A Sentinela* de 1° de junho de 1972, e também a página 344. A comissão acha que, atualmente, o Corpo Governante deveria estar dirigindo as corporações e não o inverso. As corporações deveriam reconhecer que o Corpo Governante de dezessete membros tem a responsabilidade de administrar a obra nas congregações através do mundo. Tem havido uma demora em colocar-se em prática este arranjo em Betel quando comparado com as congregações. Tem havido confusão. Não queremos uma organização ambígua.
>
> Seguiu-se aí uma longa discussão das questões relacionadas com o Corpo Governante, as corporações e o presidente, com comentários de todos os membros presentes. No final do dia, N. H. Knorr propôs uma moção, seguida de um comentário de E. C. Chitty. L. K. Greenlees também apresentou uma moção. Ficou decidido que as três deveriam ser fotocopiadas e as cópias entregues a todos os membros, e que se reunissem novamente no dia seguinte, às oito horas da manhã. Haveria tempo para oração sobre o assunto, o que é sumamente importante.

As referidas moções fotocopiadas (na versão em inglês deste livro) diziam o seguinte:

> N. H. Knorr: "Eu proponho que o Corpo Governante assuma a responsabilidade de cuidar da obra regulamentada nos estatutos da Corporação de Pensilvânia e assuma as responsabilidades dispostas nos estatutos da Corporação de Pensilvânia e de todas as corporações através do mundo utilizadas pelas Testemunhas de Jeová."
>
> E. C. Chitty disse: "'Assumir' significa substituir a outra parte envolvida. Confio, da minha parte, que a responsabilidade fique como está. Preferivelmente, o certo seria dizer: "supervisionar a responsabilidade".

---

[4] O Colégio de Cardeais exige uma maioria similar de dois terços ao votar para eleger o sucessor do papa. Acho bem possível que Knorr e Fred Franz achassem improvável que tal maioria de membros votassem a favor de uma mudança.

[5] Foi aprovado por voto na primeira reunião da "Comissão dos Cinco", com base em minha moção, que Leo Greenlees servisse como presidente.

> L. K. Greenlees disse: “Proponho que o Corpo Governante se encarregue, em harmonia com as Escrituras, da plena responsabilidade e autoridade com vista à administração e supervisão da obra da associação mundial das Testemunhas de Jeová e de suas atividades; que todos os membros e diretores de todas e quaisquer corporações utilizadas pelas Testemunhas de Jeová ajam em conformidade com e sob a direção deste Corpo Governante; que esta relação incrementada entre o Corpo Governante e as corporações entre em vigor tão logo possa razoavelmente ser levada a efeito, sem trauma ou prejuízo para a Obra do Reino.”

No dia seguinte, 1º de maio de 1975, houve novamente uma longa discussão. O vice-presidente (que tinha escrito os referidos artigos de *A Sentinela*) objetou particularmente às propostas apresentadas e a qualquer mudança na estrutura existente, a qualquer redução na autoridade do presidente. (Isto me fez recordar e se harmonizava com as observações que ele fizera no passado, em 1971, de que acreditava que Jesus Cristo continuaria a dirigir a organização através de uma única pessoa até o tempo em que viesse a Nova Ordem.) Ele não fez nenhum comentário sobre a evidente contradição entre a apresentação feita nos artigos de *A Sentinela* (e suas declarações audaciosas sobre o Corpo Governante usar as corporações como meros instrumentos) e as três moções apresentadas, cada uma das quais mostrava que seus autores (inclusive o próprio presidente) reconheciam que, nessa época, o Corpo Governante não supervisionava as corporações.

A discussão ia e voltava. Pareceu chegar o momento decisivo com as observações de Grant Suiter, de fala agitada e secretário-tesoureiro das principais corporações da Sociedade. Diferente dos comentários feitos até então pelos que favoreciam uma mudança, suas expressões eram muito pessoais, parecendo o desabafo de um sentimento há muito sufocado com relação ao presidente, a quem mencionou diretamente. Ao discutir a estrutura do poder, ele não fez nenhuma acusação específica, exceto com relação ao direito de fazer certa mudança em sua sala pessoal, que havia solicitado e lhe fora negado, mas, à medida que prosseguia, seu rosto ficava corado, os músculos do queixo se contraíam e suas palavras ficavam mais emocionadas. Ele encerrou com a observação:

> Digo que, se havemos de ser um Corpo Governante, então governemos! Não exerci governo algum até agora.

Essas palavras me atingiram tão duramente que me contento por tê-las recordado e registrado como foram proferidas. Se pretendiam transmitir o sentido que tiveram isto está, naturalmente, além de meu conhecimento; podem muito bem ter sido simplesmente uma explosão de momento, não indicando qualquer motivo sincero. De qualquer forma, contribuíram para fazer-me pensar mui seriamente sobre a questão da motivação correta e senti uma considerável preocupação com que, o que quer que resultasse de todo este caso, fosse o resultado de um desejo sincero, da parte de todos os envolvidos, de apegar-se estritamente aos princípios e padrões bíblicos e não por qualquer outro motivo. Achei a reunião inteira abaladora, principalmente devido ao espírito geral não parecer harmonizar-se com o que alguém esperaria de um corpo cristão.

No entanto, pouco depois destes comentários do secretário-tesoureiro mencionados por último, N. H. Knorr chegou evidentemente a uma decisão e fez uma longa declaração, anotada em taquigrafia por Milton Henschel, que havia feito ele mesmo certas sugestões e atuava como secretário do Corpo.[6] Conforme registrado na "Ata" oficial, a declaração do presidente continha estas afirmações:

> . . . Acho que seria uma coisa muito boa para o Corpo Governante que se ativesse aos procedimentos mencionados pelo irmão Henschel e esboçasse um programa tendo em mente o que diz *A Sentinela*, que o Corpo Governante é o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Eu não vou argumentar contra ou a favor. Em minha opinião, isso não é necessário. *A Sentinela* já o declarou.
>
> . . . Será o Corpo Governante que terá poderes gerais para orientar e decidir. Assumirá suas responsabilidades como Corpo Governante e exercerá a direção através das diferentes divisões que estabelecer, bem como se organizará devidamente.

No final, disse ele: "Faço disso uma moção". Um tanto para minha surpresa, sua moção foi confirmada por F. W. Franz, o vice-presidente. Foi adotada unanimemente pelo Corpo como um todo.

---

[6] Milton Henschel, alto e de aspecto geralmente sério, raramente falava nas discussões, mas, quando o fazia, era com considerável firmeza e precisão. Nos anos em que era mais jovem, fora secretário pessoal do presidente Knorr; na ocasião aqui considerada, ele estava em meados da casa dos cinqüenta.

A linguagem corajosa de *A Sentinela* de quatro anos antes parecia prestes a transformar meras palavras em fato. Pelas expressões transmitidas pelo presidente, parecia haver uma transição suave pela frente. Era, em vez disso, apenas uma calmaria antecedendo ao período mais tempestuoso de todos.

Nos meses seguintes, a designada "Comissão dos Cinco" reuniu-se com todos os membros do Corpo Governante individualmente e com trinta e três outros membros antigos do pessoal da sede. A grande maioria foi a favor de uma reorganização. A Comissão traçou propostas detalhadas para formação das Comissões do Corpo Governante para cuidar dos diferentes aspectos da obra mundial. Onze dos dezessete membros do Corpo Governante, ao serem pessoalmente entrevistados, indicaram essencialmente sua aprovação.

Dos seis restantes, George Gangas, um grego simpático e entusiástico e um dos membros mais idosos do Corpo, era muito inconstante, variando em suas declarações conforme a disposição do momento. Charles Fekel, um europeu oriental que fora diretor da Sociedade muitos anos antes mas havia sido removido sob a acusação de ter transigido em sua integridade por causa do juramento prestado ao receber a cidadania americana estava então entre os recém-designados do Corpo e, sendo de uma natureza muito maleável, raramente participava da discussão, votando uniformemente em qualquer direção seguida pela maioria, e ele tinha pouco a dizer sobre esta questão. Lloyd Barry, um neozelandês e acrescentado recentemente ao Corpo, viera para Brooklyn depois de vários anos como superintendente de filial no Japão, onde as Testemunhas de Jeová tinham presenciado um crescimento fenomenal. Ele expressou fortes receios sobre as recomendações, particularmente quanto ao efeito descentralizador que haveria no que se relaciona à presidência; em uma carta datada de 5 de setembro de 1975, ele se referiu à mudança recomendada como "revolucionária". Bill Jackson, um texano realista e despretensioso (não tão incomum como alguns fariam parecer), tinha passado a maior parte de sua vida na sede, e, como Barry, achava que as coisas deveriam ser deixadas exatamente como estavam, especialmente depois de ter havido tão bons crescimentos numéricos sob a administração existente.

As mais fortes expressões de oposição foram as do presidente e do vice-presidente, o primeiro aquele que apresentou a moção e o segundo aquele que a apoiou!

Durante o período em que a designada "Comissão dos Cinco" esteve entrevistando os membros antigos do pessoal para obter o ponto de vista deles, chegou a vez do presidente de presidir à cabeceira da mesa de Betel por uma semana. Por diversas manhãs, ele usou a oportunidade para discutir perante os 1.200 ou mais membros da "Família de Betel" nos diversos refeitórios (todos interligados por som e televisão) o que chamou de "investigação" em andamento (as entrevistas da Comissão dos Cinco), dizendo que "algumas pessoas" favoreciam a mudança de coisas que, durante toda a existência da organização, haviam sido feitas de certa maneira. "Que prova têm eles de que as coisas não estão funcionando bem, de que é necessária uma mudança?", perguntava ele vez após vez. Disse que a "investigação" estava empenhada em "provar que esta família é má", porém, falou que estava confiante de que alguns "queixosos" não "suplantariam a alegria da maioria." Exortou a todos que "tivessem fé na Sociedade", apontando para suas muitas realizações. A certa altura, falou com intenso vigor e sentimento que as mudanças que alguns queriam fazer em relação à Família de Betel, sua obra e organização, "serão feitas sobre o meu cadáver."[7]

Deve ser dito com toda justiça para Nathan Knorr, que ele sem dúvida acreditava que o arranjo então existente era o correto. Sabia que o vice-presidente, o mais respeitado erudito da organização e alguém em que confiava para cuidar dos assuntos bíblicos, pensava desse modo. Knorr era basicamente uma pessoa afável, quase sempre cordial. Quando não estava no seu "uniforme" ou papel de presidente, eu apreciava genuinamente minha associação com ele. No entanto, sua posição, como acontece com muita freqüência, não permitia geralmente que esse lado dele fosse visto e (novamente, devido sem dúvida à sua opinião de que o papel que desempenhava estava de acordo com a vontade de Deus) tinha a tendência de reagir mui rápida e energicamente a qualquer transgressão contra sua autoridade presidencial. As pessoas aprenderam a evitar isto. Por tudo isso,

[7] As palavras entre aspas são de anotações feitas no momento em que foram proferidas; foram, naturalmente, ouvidas por mais de mil pessoas em cada ocorrência.

duvido seriamente que Nathan teria concordado com as severas medidas que mais adiante viriam do corpo coletivo que herdou sua autoridade presidencial.

Posso compreender seus sentimentos e reação, já que servi durante muitos anos como superintendente de filial em Porto Rico e na República Dominicana, onde se esperava que eu fosse, segundo o ponto de vista prevalecente da organização, "homem da dianteira" no país, representante pessoal do presidente. Meus esforços em agir de acordo com este ponto de vista faziam-me constantemente ciente da "posição" e da necessidade de defender essa "posição". Entretanto, descobri através da dura experiência que tentar viver à altura desse conceito organizacional não contribuía para relações agradáveis com outros e que isso tornava minha própria vida desagradável; as contradições geradas não eram algo com que me sentisse de algum modo naturalmente ajustado e, depois de pouco tempo, simplesmente desisti de tentar imitar o que vira na sede. Conseqüentemente, a minha vida se tornou muito mais agradável e percebi um efeito geral muito mais produtivo e proveitoso.

As últimas palavras mencionadas do presidente provaram-se quase proféticas. Na ocasião em que foram ditas, ele já tinha desenvolvido, evidentemente, um tumor maligno em seu cérebro, apesar deste fato só ser revelado depois que a reorganização veio a ser definitivamente um fato consumado, dando-se sua conclusão oficialmente no dia 1º de janeiro de 1976, e a morte de Knorr ocorrendo um ano e meio depois, em 8 de junho de 1977.

A oposição bastante expressiva do presidente foi igualada, e talvez até ultrapassada, pela do vice-presidente. No programa de formatura da missionária Escola de Gileade em 7 de setembro de 1975, assistido pelos membros da Família de Betel e convidados (principalmente parentes e amigos dos formandos), o vice-presidente deu um discurso, destaque costumeiro de todo programa de formatura.

Fred Franz usava um estilo inimitável, freqüentemente dramático (até melodramático) de falar. O que segue é extraído de uma reprodução exata do seu discurso, mas as palavras escritas não podem transmitir as inflexões, o espírito, o "sabor", até o sarcasmo ocasional, expressos no decorrer do próprio discurso.

Suas palavras iniciais dão uma indicação clara quanto aonde seu discurso pretendia chegar. Tendo em mente que a comissão

devidamente designada pelo Corpo Governante estava, naquele exato momento, trabalhando numa proposta de que o treinamento, a designação e a supervisão de missionários fossem dirigidos pelo Corpo Governante em vez de pelas corporações, podemos reparar em sua declaração inicial. Começou dizendo:

> Esta turma está sendo enviada pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados de Pensilvânia, em colaboração com a Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados de Nova York, Incorporada. Ora, levanta-se atualmente a questão: Que direito tem a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de enviar missionários ao campo?... Quem autorizou a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia a enviar missionários por toda a terra?
>
> Pode-se levantar então tal questão desafiadora com relação a um caso anterior. E esse se baseia no fato de que a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados foi fundada por um homem que se tornou um evangelizador de renome mundial, um dos mais eminentes evangelizadores deste século 20 e que alcançou especialmente fama mundial quando fez a sua viagem ao redor da terra no ano de 1912. Esse homem foi Charles Taze Russell, de Allegheny, Pensilvânia.

A atenção estava claramente concentrada sobre a corporação; não se mencionou o Corpo Governante. Naturalmente, ninguém tinha levantado a "questão desafiadora" que ele estava levantando nesta ocasião; a questão real com relação ao Corpo Governante era se a palestra dada por ele quatro anos antes sobre a relação entre o Corpo e a corporação deveria ser levada a sério. Todavia, ele prosseguiu dizendo em sua maneira característica:

> Então, tenho me perguntado acerca deste caso. Talvez vocês também o tenham. Exatamente, como se tornou Russell um evangelizador? Quem fez dele um evangelizador?... As várias instituições religiosas da cristandade estavam em funcionamento. Por exemplo, havia a Igreja Anglicana com seu corpo regente e a Igreja Protestante Episcopal com seu corpo regente. Havia a Igreja Metodista com sua Conferência; havia também a Igreja Presbiteriana, à qual Russell tinha pertencido, com seu Sínodo. Havia também a Igreja Congregacional, à qual Russell se filiou, com sua Congregação Central.

> Mas, não foi através de nenhuma destas organizações dirigentes... que Russell tornou-se evangelizador ou missionário.

Sem referir-se direta ou abertamente ao Corpo Governante, ele tratou de introduzi-lo indiretamente na discussão por referir-se a estes "corpos regentes" sob vários nomes. (Poderia ter mencionado também os Jesuítas, que têm uma administração que leva este nome: Corpo Governante.) Mas o que queria dizer era que nenhum corpo governante desse tipo teve algo a ver ou exerceu qualquer autoridade com relação a este fundador da corporação Torre de Vigia. Russell era um "independente", não sujeito a nenhum deles.

O Corpo Governante tinha designado a "Comissão dos Cinco" e essa comissão estava recomendando que se formassem comissões permanentes a fim de cuidar da administração da obra mundial. Em razão disso, estas palavras seguintes do discurso do vice-presidente adquiriram um significado adicional no momento em que, depois de falar dos setenta discípulos enviados por Jesus, disse à classe dos formandos:

> Ora, não devemos imaginar que, por enviar os setenta evangelizadores . . . por enviá-los em pares, o Senhor Jesus Cristo não ia transformar cada par numa comissão de dois, de modo que, para os setenta evangelizadores, houvesse trinta e cinco comissões de dois . . . ; vocês estão sendo enviados atualmente, após a sua formatura como missionários . . . dois vão para a Bolívia e há então outros que estão sendo enviados, talvez quatro ou seis ou oito, para diferentes países em designação de trabalho. Agora, não pensem vocês missionários que, por estar sendo enviados em conjuntos de dois, ou talvez de quatro ou seis ou talvez de oito, estejam sendo enviados como comissão para assumir a obra do país ao qual estão sendo designados. Nada disso! Vocês estão sendo enviados individualmente como missionários para ajudar-se mutuamente e cooperar com a filial da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados que estiver funcionando e dirigindo a obra no país ao qual foram designados para atuar como evangelizadores. Assim, não ponham esta idéia de comissão na cabeça de vocês . . .

Em tudo isto, o Corpo Governante permanecia "visível pela sua ausência", obscurecido pela corporação. Nem uma única pessoa havia sugerido que os missionários fossem enviados como "comissões" ou que eles "assumissem a obra" nos seus países designados, mas isto

serviu de meio para introduzir a idéia de comissões e pôr o conceito em descrédito.

O discurso continuou então a falar de Filipe, "o evangelizador", levantando mais uma vez a questão quanto a "quem fez dele evangelizador ou missionário?"[8] O vice-presidente referiu-se ao relato de Atos, capítulo seis, onde os apóstolos como um corpo acharam necessário designar sete homens, inclusive Filipe, para cuidar da distribuição de alimento, de modo a acabar com as reclamações que estavam sendo feita sobre discriminação contra certas viúvas. Disse ele então:

> Bem, agora, se vocês pesquisarem a *McClintock and Strong's Cyclopedia of Religious Knowledge*, verificarão que a obra designada pelos apóstolos a estes sete homens é chamada de "trabalho semi-secular". Mas os apóstolos não queriam esse trabalho semi-secular; eles a descarregaram sobre estes sete homens e disseram: 'vocês tomem conta disso. Bom, *nós vamos* especializar-nos em orações e ensino.' Ora, estavam estes doze apóstolos do Senhor Jesus Cristo, por livrar-se desta responsabilidade de cuidar de mesas, fazendo de si mesmos meros *testas-de-ferro* na congregação de Deus e Jesus Cristo? Certamente, que eles não estavam se tornando *testas-de-ferro*, pois se concentravam em coisas espirituais.

Para os membros do Corpo Governante que tinham ouvido o presidente enfatizar que o Corpo Governante deveria cuidar "estritamente das coisas espirituais" e deixar o resto com a corporação, as palavras do vice-presidente tinham um tom familiar. Surpreendentemente, no entanto, cerca da metade dos homens pertencentes ao Corpo estavam passando suas oito horas e quarenta minutos de cada dia exatamente em tal "trabalho semi-secular." Dan Sydlik e Charles Fekel trabalhavam na fábrica; Leo Greenlees cuidava de seguros e assuntos relacionados com o departamento do secretário-tesoureiro; John Booth exercia a supervisão da cozinha de Betel; Bill Jackson cuidava dos negócios e documentos legais; Grant Suiter estava diariamente ocupado com assuntos financeiros, investimentos, ações e testamentos; e Milton Henschel bem como o próprio presidente (que controlavam todas estas designações de trabalho) estavam empenhados

[8] Veja Atos 8:5-13; 21:8.

na maior parte do trabalho administrativo "semi-secular" do qual, dissera o vice-presidente, deveriam "isentar-se" para que outros cuidassem.

A história de Paulo, o convertido Saulo, foi então relatada, contando-se que, ao ir a Jerusalém após sua conversão, ele viu apenas dois dos apóstolos, não o corpo na sua totalidade; e como veio eventualmente a Antioquia, na Síria. Ao relatar a chamada do espírito santo de Paulo e Barnabé para a atividade missionária, o vice-presidente enfatizou continuamente que tudo isto fora feito através da congregação de Antioquia (portanto, não através de Jerusalém, onde se localizava o corpo apostólico).[9] Disse ele:

> E então, de repente, enquanto ele [Paulo] estava servindo em Antioquia, na Síria, não em Israel mas na Síria, por que o espírito de Deus falou a essa congregação lá em Antioquia e disse: 'Agora, de todas as coisas, separai VÓS, desta congregação, separai estes dois homens, a saber, Barnabé e Saulo, para a obra à qual eu os comissionei'. E assim fez a congregação de Antioquia e pousaram suas mãos sobre Paulo (ou Saulo) e Barnabé e foram enviados... e foram enviados pela operação do espírito santo através da congregação de Antioquia e partiram na sua primeira designação missionária.
>
> Portanto, vocês vêem que o Senhor Jesus Cristo estava atuando como o Cabeça da congregação e começando a agir diretamente, sem consultar a ninguém aqui na terra sobre o que deveria ou não deveria fazer. E agiu dessa maneira com relação a Saulo e Barnabé e ambos eram apóstolos da congregação de Antioquia.

À esta altura do discurso, recordo-me estar sentado lá e falando comigo mesmo: "Será que este homem percebe o que está dizendo? Eu sei que seu objetivo é negar a importância do Corpo Governante de modo a preservar a autoridade da sociedade e de seu presidente, mas será que ele se dá conta da implicação do que está dizendo? No processo de atingir o seu objetivo, ele está minando todo o ensino e alegação acerca da existência de um corpo governante centralizado no primeiro século, funcionando a partir de Jerusalém com a autoridade mundial de supervisionar e dirigir todas as congregações dos

[9] Deve ser lembrado que a inteira base do ensino das Testemunhas quanto ao arranjo e a autoridade de um "corpo governante" é que havia um arranjo semelhante funcionando em Jerusalém nos tempos bíblicos.

verdadeiros cristãos por toda parte sob todos os aspectos, conceito esse edificado nas mentes de todas as Testemunhas de Jeová e a que se apega a vasta maioria atualmente."

Mas o vice-presidente de modo algum havia terminado e persistia martelando na idéia com veemência cada vez maior. Descrevendo a conclusão da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé, ele prosseguiu com crescente intensidade e dramatização:

> ...e aonde foram eles, onde prestaram eles relatório? Eis aí o registro, leiam por si mesmos nos versículos finais do capítulo 14 de Atos. Voltaram a *Antioquia*, à congregação lá, e o relato diz que lhes relataram as coisas em detalhes, a esta congregação que os tinha confiado à benignidade imerecida de Deus para a obra que haviam realizado. Assim, eis aí onde prestaram relatório.
>
> De modo que o registro conta também que não demoraram nem por pouco tempo em Antioquia. Que aconteceu agora? Ocorreu repentinamente alguma coisa e eles, Paulo e Barnabé, sobem a Jerusalém? Bem, que problema os traz a Jerusalém?
>
> Bem, será que foi o corpo dos apóstolos e outros anciãos da congregação de Jerusalém que os convocou lá para dizer-lhes: 'Olhem aqui! Nós soubemos que vocês dois haviam partido em viagem missionária e a terminaram sem aparecer aqui para prestar-nos relatório. SERÁ QUE NÃO SABEM QUEM SOMOS NÓS? Nós somos o conselho de Jerusalém. SERÁ QUE NÃO RECONHECEM A CHEFIA DO SENHOR JESUS CRISTO? Se não aparecerem aqui depressa, iremos tomar uma ação disciplinar contra vocês!
>
> É isto o que diz o relato? Bem, se eles tivessem agido dessa maneira com relação a Paulo e Barnabé por terem prestado relatório à congregação por meio da qual haviam sido enviados pelo espírito santo, então este conselho dos apóstolos em Jerusalém e outros anciãos da congregação judaica ter-se-ia colocado acima da chefia do Senhor Jesus Cristo.

Seus argumentos eram completamente válidos. Eram também totalmente contrários ao ponto de vista apresentado pelas publicações da Sociedade, as quais apresentam um quadro de Jerusalém como a sede de um corpo governante que exerce plena autoridade e controle sobre todos os cristãos como representante de Cristo, atuando com autoridade divina. Esse é sem dúvida o motivo pelo qual, diferente de outros discursos dados pelo vice-presidente, este jamais foi usado

como base de artigos da revista *A Sentinela*. Para qualquer Testemunha individual, apresentar tal argumento atualmente seria considerado como discurso herético, rebelde. Se fosse realmente aplicado como foi dito, suas palavras significariam que qualquer congregação na terra poderia enviar seus próprios missionários, caso acreditasse que Jesus Cristo e o espírito a orientassem nesse sentido, fazendo-o sem consultar a ninguém mais, quer em Brooklyn, quer num escritório de filial. Não havia dúvida em minha mente quanto à reação rápida e adversa que isto provocaria na sede da Sociedade e em seus escritórios. Seria visto como uma ameaça à sua autoridade centralizada e, qualquer congregação que o fizesse, seria questionada exatamente com essas palavras: "Será que vocês não sabem quem somos nós? Será que não reconhecem a chefia do Senhor Jesus Cristo que opera por nosso intermédio?" Tudo o que ele disse no discurso era verdade, perfeitamente verdade. Mas era evidente que não pretendia ser posto mais totalmente em vigor que os pontos defendidos cerca de quatro anos antes na palestra do "rabo abanando o cão", *a menos que*, pelas referências a Antioquia, ele estivesse procurando estabelecer um paralelo com a corporação como funcionando à parte do Corpo Governante.

O discurso continuou a mostrar que o *verdadeiro motivo* da ida de Paulo e Barnabé a Jerusalém, conforme registrado em Atos, capítulo quinze, era porque *a própria Jerusalém* tinha sido a fonte de um sério problema para a congregação de Antioquia, já que homens desceram de Jerusalém e provocaram tumulto sobre a questão da observância da lei e da circuncisão. Portanto, a viagem a Jerusalém era para pôr fim à repercussão do ensino desses desordeiros de Jerusalém.

Continuando com o argumento, falou da segunda viagem missionária de Paulo e de seu novo companheiro Silas, e enfatizou novamente que foi da congregação de *Antioquia* que partiram, de modo que, "novamente, a congregação de *Antioquia* estava sendo usada para enviar missionários de grande projeção na história bíblica" que haviam retornado a *Antioquia* e que de *Antioquia*, Paulo deu início à sua terceira viagem. Resumindo o relato do livro de Atos, disse o vice-presidente:

> Assim, à medida que examinamos este relato sobre os dois mais destacados dentre os missionários mencionados na história bíblica,

> verificamos que foram enviados especialmente pelo Senhor Jesus Cristo, o Cabeça da igreja, fato que a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados tem sempre defendido e reconhecido, desde que a Sociedade foi fundada. Portanto, vemos como o Senhor Jesus Cristo é o Cabeça da igreja e tem o direito de agir diretamente, sem quaisquer outras organizações em vista, não importa quais sejam elas. Ele é o Cabeça da igreja. Não podemos contestar o que ELE FAZ.

Estas três últimas sentenças proferidas pelo vice-presidente representam a posição adotada por várias Testemunhas. Por adotarem essa mesma posição, são agora rotuladas de "apóstatas". Mais uma vez, no entanto, estas declarações aparentemente expressando profundo respeito pela autoridade superior de Cristo, transmitiam, na verdade, um conceito diferente, que punha a ênfase numa fonte diferente de autoridade. Pois o vice-presidente estava dizendo, naquele exato momento, que contestar a autoridade de seu presidente, era contestar o Senhor Jesus Cristo. Ele não acreditava que o pensamento e a ação da "Comissão dos Cinco" designada pelo Corpo Governante poderiam, de algum modo, ser representativas da direção do Cabeça da igreja, pela simples razão de haver Ele Jesus Cristo causado a formação da corporação e estar lhe dando por meio dela. Isto me dava a impressão de ser um caso de raciocínio confuso.

Que era este o alvo de seu discurso podia ser visto em que, ao chegar ao ponto crucial do matéria, aplicava agora todos estas particularidades aos tempos modernos. Ele falou da formação de Charles Taze Russell, de ele ter iniciado uma nova revista religiosa, a *Torre de Vigia* (hoje, *A Sentinela*), e, "Quem autorizou este homem a fazer isto?" Prosseguiu então sobre a constituição da Sociedade Torre de Vigia de Sião de Bíblias e Tratados como pessoa jurídica por Russell e, neste ponto, acrescentou:

> E observem vocês, amigos, que quando ele fundou essa Sociedade, a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, não estava fundando uma Sociedade ou organização QUE-NADA-FAZ.

"O Senhor Jesus Cristo e o espírito de Deus tinham suscitado Russell", disse ele, e também apoiado a formação da corporação, "desta Sociedade atuante, e *que-faz*." O vice-presidente descreveu então a origem da Escola de Gileade; que essa tinha sido idéia do

presidente da corporação; que, quando informada, a diretoria tinha dado seu apoio e que o presidente deveria ter a supervisão da Escola. Nathan Knorr estava sentado no palco enquanto o vice-presidente dava seu discurso e Fred Franz gesticulava em sua direção no decorrer destas observações a seguir:

> Assim, vejam vocês, caros amigos, que as diretorias da corporação de Nova York e da de Pensilvânia, conforme constituídas lá no passado, tinham *respeito* pela posição do presidente e eles não tratavam o presidente como um *testa-de-ferro, imóvel* e *sisudo*, presidindo sobre uma sociedade, uma sociedade *que-nada-faz*.

Desde o início do discurso eu havia pensado ser este o objetivo visado, de modo que não veio como surpresa para mim, embora a linguagem usada me tenha surpreendido. A partir deste estágio da apresentação, o tom do discurso abrandou e ele prosseguiu destacando esse dia específico, 7 de setembro de 1975, dizendo:

> E sabem o que isso significa? De acordo com este diário, um diário hebraico proveniente da terra de Israel [referindo-se agora a um pequeno folheto que segurava na mão], ora, este é o *segundo dia* do mês de tisri do ano lunar de 1976, sabem o que isso significa? Que, neste momento, neste dia da formatura de vocês, ora, esse é o *segundo dia do sétimo milênio* da existência do homem aqui na terra. Não significa isso alguma coisa? Não é isso alguma coisa grandiosa [houve aplauso neste momento] que o dia inicial do sétimo milênio da existência da humanidade seja assinalado pela funcionamento da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados em pleno cumprimento de seus estatutos, ao enviar a 59ª turma da Escola de Gileade para missionários?
>
> Jeová Deus certamente a tem abençoado e é, pelos seus frutos, que tem-se tornado conhecida como um instrumento aprovado na mão de Jeová Deus, de maneira que não há nenhuma necessidade de contestar-se o direito e a autoridade desta Sociedade de enviar missionários.
>
> Ainda, amigos, tomem nota disto, que da mesma maneira como Deus usou a congregação de Antioquia para enviar dois dos mais importantes missionários do primeiro século, Paulo e Barnabé, Jeová Deus está usando hoje a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia, em colaboração com a corporação de Nova York, para enviar mais missionários e elas estão determinadas a

> prosseguir nesta mesma direção. Isso é algo muito, muito gratificante.[10]

Não poderia haver dúvidas de que, na mente do vice-presidente, alguém tivesse "atirado a luva" em desafio à presidência. Por este discurso, as linhas de combate estavam cuidadosa e enfaticamente traçadas. A corporação tinha seu terreno soberano e esse estava além dos limites do Corpo Governante. O efeito lamentável de tudo isto foi que muitos de seus companheiros do Corpo Governante foram nitidamente projetados no papel de agressores e expostos abertamente como desrespeitosos da autoridade do Senhor Jesus Cristo investida neste "instrumento aprovado", a corporação.

Os convidados presentes, parentes e amigos dos formandos, ficaram, de modo geral, aturdidos pelas muitas coisas ditas e pela agressividade geral do discurso, a linguagem cortante ocasionalmente usada. Os membros da Família de Betel, embora tivessem uma vaga idéia das dificuldades, por causa dos comentários expressos pelo presidente e pelo vice-presidente ao presidirem a mesa de refeição, tinham agora sua suspeita reforçada de que havia de fato uma disputa no Corpo Governante, semelhante a uma luta pelo poder.

O contraste entre este discurso e o discurso do "rabo abanando o cão" não poderia ter sido maior. Foram dados pelo mesmo homem, e ainda assim, pareciam ir a direções totalmente opostas.

Não seria totalmente honesto se não admitisse que deixei o auditório nesse dia sentindo-me, não apenas profundamente perturbado, mas também um tanto doente. Parecia que a Palavra de Deus era algo que poderia ser adaptado a um argumento quando as circunstâncias o tornassem recomendável, e a um argumento contrário quando as circunstâncias fossem diferentes. Isto me perturbava mais do que qualquer outro aspecto da questão.

Como no caso de Nathan Knorr, certos fatores ajudam também, do mesmo modo, a entender o comportamento de Fred Franz. No final de 1941, quando o Juiz Rutherford estava prostrado no seu leito de morte em Bete Sarim, ele havia chamado três homens a seu lado: Nathan

---

[10] Seguindo-se ao discurso, o presidente Knorr falou visivelmente emocionado e com a voz quase embargada de emoção. Manifestou seu grande apreço pelo que fora dito e tenho certeza que ele estava sendo inteiramente sincero em suas declarações. Deu então um belo discurso sobre "O Uso de Boa Linguagem".

Knorr, Fred Franz e Hayden Covington. Disse-lhes que queria que dessem continuidade após sua morte e que deveriam "manter-se unidos" como equipe. Esse ato fazia lembrar o "Testamento" do Pastor Russell, embora dado aqui oralmente em vez de por escrito. Vinte anos depois, 1961, ao escrever o livro *"Santificado Seja o Teu Nome"* (em inglês), Fred Franz fez alusão a esta ocasião ao considerar o relato do profeta Elias passando o manto ("manto oficial" na *Tradução do Novo Mundo*) ao seu sucessor Eliseu.[11] Apresentou isto como um drama profético e declarou:

> [4] Em 7 de dezembro de 1941, Rutherford estava de cama no litoral do Pacífico, quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial. Dois homens do restante ungido (um desde 1913 e outro desde 1922) e um das "outras ovelhas" (desde 1934), foram chamados da sede em Brooklyn à cabeceira do acamado Rutherford, no lugar chamado "Beth-sarim", em San Diego, Califórnia. Em 24 de dezembro de 1941 ele deu aos três as suas instruções finais. Por anos ele tinha esperado ver os profetas, inclusive Elias e Eliseu, ressuscitados dos mortos, e instalados no Reino como "príncipes por toda terra", no novo mundo de Deus. (Salmo 45:16) Mas em 8 de janeiro de 1942, Rutherford morreu com 72 anos de idade, sendo fiel testemunha de Jeová Deus, e completamente dedicado aos interesses do reino de Deus. Foi destemido em apoiar o lado de Jeová na questão todo-importante do domínio universal.
>
> [5] Visto de nossos dias parece que o trabalho de Elias tinha terminado então para ser seguido pelo de Eliseu. Foi semelhante a quando Elias e Eliseu atravessaram o rio Jordão para as margens orientais, separando as águas, andando lado a lado, e esperando Elias ser levado.[12]

Quando o Corpo Governante discutiu a proposta de reorganização, o vice-presidente fez referência direta a esta designação do Juiz Rutherford pouco antes de sua morte. Não tenho dúvida que Fred Franz acreditava que tinha ocorrido certa "transferência de manto" nessa ocasião. Conforme foi dito, Nathan Knorr sucedeu Rutherford na presidência. Hayden Covington, o grande advogado do Texas, que defendeu as Testemunhas de Jeová em muitos casos perante a Suprema Corte dos Estados Unidos, foi convidado por Knorr para ser vice-

[11] 2 Reis 2:8, 11-14.
[12] *"Santificado Seja o Teu Nome"*, publicado em 1963, páginas 336, 337

presidente, sem levar em conta o fato de que Covington não professava então ser da classe "ungida". (Isto mostra que nem o Juiz Rutherford nem Nathan Knorr achavam inicialmente que ser dos "ungidos" fosse essencial para dirigir a obra mundial.) O próprio depoimento de Covington, dado durante o caso Walsh na Escócia, revela que foi só depois de receberem alguma correspondência poucos anos depois, questionando como isso poderia ser, que ele e Knorr conversaram sobre ele não ser dos "ungidos" e Covington decidiu que deveria renunciar.[13] À medida que o tempo passava, as relações entre os dois se deterioravam e Covington deixou eventualmente o pessoal da sede e voltou-se para a clientela particular.[14] Fred Franz foi eleito como vice-presidente em conseqüência da renúncia de Covington em 1944.

Embora os três herdeiros da transferência de responsabilidade ocorrida à cabeceira da cama de Rutherford (o que mostra, incidentalmente, que não havia nenhum "corpo governante" em funcionamento) tivessem agora se tornado dois, ainda existia evidentemente um sentimento bem definido de que a atuação do papel em cumprimento da profecia estava em vigor. Em 1978, num grande congresso em Cincinnati, Ohio, quando Fred Franz, agora presidente da Sociedade, foi convidado a falar para uma assistência de mais de 30.000 pessoas sobre a sua experiência de vida como Testemunha, preferiu passar a maior parte do tempo relatando seu relacionamento com o então falecido Nathan Knorr, enfatizando particularmente as palavras finais do Juiz Rutherford a eles. Pode ser dito com toda franqueza que o discurso assumiu o tom de um panegírico, à medida que Fred Franz descrevia as qualidades de Knorr e salientava que tinha se apegado a Knorr até o fim, "exatamente como o Juiz havia exortado", e que ele se orgulhava de ter agido assim.

Talvez ainda mais esclarecedora em relação à idéia de ser "investido do manto" seja uma declaração feita naquele mesmo ano durante uma reunião do que constituía agora a Comissão de Redação do Corpo Governante. Estavam presentes Lyman Swingle, Ewart

[13] Segundo o registro oficial do tribunal, páginas 387, 388 em inglês.

[14] Covington tinha tido uma dura batalha com o alcoolismo e havia se submetido a um tratamento de desintoxicação ainda enquanto estava servindo na sede. Submeteu-se a outro tratamento no Hospital Speers em Dayton, Kentucky, depois de ser desassociado durante os anos setenta, e venceu finalmente o problema. Foi readmitido e permaneceu associado até sua morte.

Chitty, Lloyd Barry, Fred Franz e eu. Um comentário sobre a Carta de Tiago estava sendo escrito por Ed Dunlap, e Fred Franz havia solicitado um ajuste na consideração de Dunlap sobre Tiago 3:1, onde diz o discípulo:

> Não muitos de vós deviam tornar-se instrutores, meus irmãos, sabendo que havemos de receber um julgamento mais pesado.

A matéria que Dunlap tinha elaborado dizia que esta era evidentemente uma advertência contra indivíduos desqualificados que procuravam servir como instrutores simplesmente por causa do desejo de destaque. Fred Franz solicitou a eliminação da maior parte da matéria sem dar nenhuma explicação especial para suas objeções a não ser perguntar por escrito:

> Se Jesus deu alguns para serem instrutores, quantos deveria dar? E, já que Jesus faz a dádiva, como podia Tiago dizer aos homens 'não *muitos* de vós deviam tornar-se instrutores'? Como se tornou o próprio Tiago um instrutor?

Já que eu fora designado para supervisionar o projeto de desenvolvimento do comentário, pedi a Fred Franz, na audiência da Comissão, para esclarecer sua objeção e dizer-nos exatamente o que *ele* pensava que este texto queria dizer. Ele declarou acreditar que o significado era de que fosse da vontade de Deus que houvesse apenas alguns poucos homens em toda a congregação cristã que poderiam ser corretamente chamados de "instrutores". Indaguei quem seriam tais em nosso tempo. Falando mui calmamente, ele respondeu:

> Bem, acredito que eu o seja. Estou aqui na sede há mais de cinqüenta anos e tenho estado envolvido no campo da redação e da pesquisa durante a maior parte desse tempo, de modo que acredito que eu o seja. E — existem outros irmãos através da terra que o são.

Esta resposta foi outra ocasião cujo efeito foi tão assustador que as palavras ficaram realmente ardendo em minha memória. Eu não fui a única testemunha delas, já que foram ditas perante outros três membros da Comissão de Redação. Por sua observação, tínhamos identificado diante de nós apenas um único instrutor pelo nome: Fred Franz. Quanto a quem eram os outros, cabia a nós especular. Conforme eu disse a Lyman Swingle mais de uma vez depois disso, lamentava não

ter levado o assunto adiante e perguntado pelos nomes dos outros "instrutores" de nosso tempo. Mas a resposta me deixou momentaneamente sem palavras.

Na mesma matéria em que apresentou sua objeção à matéria de Dunlap, o presidente Franz tinha também sugerido que se acrescentassem os seguintes pontos no comentário disponível (citando agora a página 2 do seu artigo):

> Não sabemos como o próprio Tiago se tornou instrutor, exceto que seu meio-irmão, Jesus Cristo, apareceu a ele após sua ressurreição. (1 Cor. 15:7; Atos 1:14) Nem todo varão cristão, dedicado e batizado, que talvez queira 'tornar-se instrutor' o faz por motivo de egoísmo e ambição. Viu-se tal instrutor corretamente motivado no caso do 'Redator e Editor', de 27 anos de idade, da revista *A Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo* em julho de 1879 [Pastor Russell].

Isto fez lembrar seu discurso na formatura de Gileade de 1975, quando demonstrou sua convicção de que Cristo Jesus tinha suscitado pessoalmente o Pastor Russell para desempenhar um papel especial. Três anos depois, esta matéria indicava que ele acreditava que tal escolha pessoal e individual por Cristo estivesse se perpetuando em outros casos, fazendo com que apenas umas poucas pessoas escolhidas fossem suscitadas como "instrutores" especiais para a congregação.[15]

Embora não fosse usada a matéria sugerida acima incluindo Russell na descrição, a informação encontrada nas páginas 99 até o alto da 102 no *Comentário à Carta de Tiago* é uma substituição da matéria de Dunlap que escrevi de modo a satisfazer as objeções do presidente Franz. Era, em certo sentido, uma refutação de seu ponto de vista, já que as palavras de Jesus em Mateus, capítulo 23, versículo 8, "Mas vós, não sejais chamados Rabi, *pois um só é o vosso instrutor, ao passo que todos vós sois irmãos*", pareciam ser completamente contrárias à idéia de um número muito restrito de homens constituindo algum tipo de grupo de "instrutores" especialmente selecionados, os

[15] Karl Klein referiu-se a Fred Franz em várias ocasiões durante as reuniões do Corpo Governante como tendo sido o "oráculo" da organização por muitos anos. Embora o dissesse com um sorriso, seu uso repetido do termo insinuava algo mais que simples brincadeira.

poucos escolhidos. O texto reescrito que submeti foi aprovado em comissão e publicado.

Há outra razão para ter havido uma contradição tão evidente entre certas declarações audaciosas e eloqüentes feitas de modo impresso (como nos artigos do "rabo abanando o cão") e a realidade comparativamente tímida e insignificante que de fato existia. O motivo é que os diretores da corporação podiam convencer-se de que uma mudança ou reforma pequena, simbólica, seria suficiente como substituição ou "indício" de uma mudança maior, genuinamente significativa.

Como exemplo disto, o mero fato de que o presidente Knorr tinha decidido em 1971 abrir mão de sua presidência às mesas de refeição de Betel, partilhando-a com outros membros da diretoria e também de que os tinha deixado servir, em base rotativa, como presidentes das sessões do Corpo Governante, era visto como tudo que se precisava para demonstrar que as corporações (e seus diretores) eram comandados e submissos ao Corpo Governante e que o 'cão estava realmente abanando o rabo'. Nenhuma outra ação perceptível ou mudança significativa ocorrera na estrutura do poder, nem era vista como necessária para dar realidade ao impressionante quadro pintado.

Que Fred Franz podia ver as coisas desse modo parece evidente, tanto assim particularmente já que tinha escrito *mais de vinte anos antes*, em 1944, o que é surpreendente, artigos para *A Sentinela* que continham todos os pontos *básicos* sobre anciãos e superintendentes que apareceram no livro *Ajuda*.[16] Apesar disto, não aconteceu então qualquer tipo de mudança no arranjo congregacional. Mas fora *dito*, fora *publicado*, e isto era visto como suficiente.

Nesses artigos, 1944 foi apresentado como um ano marcado na profecia bíblica, e isto principalmente por causa da aprovação de uma emenda pela qual os direitos a voto na corporação não seriam mais baseados numa contribuição de 10 dólares, como anteriormente. Em vez disso, um número máximo de 500 pessoas, selecionadas pela Diretoria da corporação, seriam as únicas com direito a votar. Qualquer pessoa que tenha assistido a uma reunião anual da Sociedade Torre de Vigia, em que ocorrem eleições de diretores, sabe que é extremamente rotineira e que a votação é uma mera formalidade. A

[16] *A Sentinela* (em inglês) de 15 de outubro de 1944.

maioria dos membros votantes não sabe virtualmente nada dos trabalhos internos da organização e nem tem influência, voz ativa ou controle quanto às metas e programas da organização. Como de costume, a efetiva parte *oficial* não leva mais do que uma hora; então se encerra até que se passe mais um ano.

Ainda assim, a adoção desta emenda com relação aos membros votantes foi apresentada nos artigos de *A Sentinela* de 15 de junho de 1972 (escritos por Fred Franz) como sendo uma ocasião de tal importância e magnitude que se tornou o centro da explicação da profecia de Daniel 8:14, considerando os 2.300 dias proféticos relacionados à 'condução do santuário a sua condição apropriada'. Duvido que uma Testemunha entre mil, se lhe fosse mostrado esse versículo atualmente, o relacionaria de alguma maneira com 1944 e com a emenda da corporação feita então. Não obstante, essa é a explicação oficial dessa profecia até o dia de hoje. Era mais um exemplo da habilidade de pegar um evento de repercussão relativamente pequena e revesti-lo então de valor simbólico como sendo de grande importância.

Em 15 de agosto de 1975, a Comissão dos Cinco apresentou finalmente suas conclusões e recomendações. Em nome da Comissão preparei um documento de 45 páginas, expondo os motivos históricos e, particularmente, os bíblicos para indicar que a estrutura basicamente monárquica deveria mudar, além de 19 páginas esboçando um sistema de comissões do Corpo Governante para comandar diferentes áreas de atividade. O documento inicial encerrava com este parágrafo:

> Todas as deliberações da comissão dos cinco foram tomadas com muita oração e cuidadosa consideração. Esperamos sinceramente que o espírito de Deus nos tenha orientado nos resultados e rogamos que esses sejam de alguma ajuda para o corpo chegar a uma decisão. Espera-se que os ajustes recomendados, caso aprovados, venham a contribuir para um relacionamento ainda mais agradável e pacífico entre os membros do Corpo Governante, ajudando-os a eliminar a tensão que tem às vezes surgido em nossas reuniões. (Salmo 133:1; Tiago 3:17, 18) Espera-se também que os ajustes recomendados, caso aceitos, venham realçar e tornar ainda mais destacada a chefia de Cristo Jesus e o espírito de genuína fraternidade encontrada entre seus discípulos. — Marcos 9:50.

Essas palavras expressaram meus sinceros sentimentos e anseios. Não conseguia ver como elas podiam ser vistas como um desafio à direção de Jesus Cristo sobre sua congregação.[17]

A matéria foi submetida ao Corpo Governante e, na sessão de 10 de setembro de 1975, ficou evidente que a maioria, por uma grande diferença, era a favor da mudança fundamental recomendada. Entretanto, foi designada uma segunda Comissão dos Cinco para fazer os ajustes finais.[18] O Corpo não escolheu o presidente ou o vice-presidente para servir nesta comissão, já que a oposição deles estava visivelmente estabelecida.

Os comentários do presidente a esta altura expressavam principalmente dúvida quanto à natureza prática da mudança. O vice-presidente, no entanto, foi franco em dizer que via a proposta como um "ataque à presidência." Quando a própria moção do presidente foi lida em voz alta para ele, replicou dizendo que o irmão Knorr tinha feito essa declaração "sob coação".

Lyman Swingle se expressou como achando que todos os membros do Corpo tinham respeito pelo presidente e não o viam como um "testa-de-ferro, sisudo e imóvel de uma sociedade que-nada-faz", usando aqui a linguagem do vice-presidente na cerimônia da formatura. Ele enfatizou que o presidente podia usar sua energia, força motivadora e iniciativa dentro do arranjo proposto. Mais adiante na discussão, o vice-presidente insistiu que o documento da Comissão dos Cinco havia feito exatamente o que ele dissera que estava sendo feito. Declarou que, na reunião anual seguinte, o seu voto seria para que os poderes da sociedade continuassem e falou que seu discurso na formatura de Gileade se devia a um sentimento de obrigação de deixar os irmãos cientes disto, de modo que eles não pensassem que se tinha praticado uma "fraude" para com eles.

Depois que a segunda comissão completou suas recomendações e as apresentou em 3 de dezembro de 1975, a questão chegou a uma

---

[17] Uma carta introdutória, escrita por Leo Greenlees, acompanhava o documento e incluía esta declaração: "Nossas recomendações não foram motivadas por insatisfação com o modo como o trabalho tem sido administrado até agora, mas principalmente devido à preocupação com a direção indicada pela Bíblia e pelos artigos de *A Sentinela*. Cremos que, uma vez feita a aplicação dos princípios bíblicos ao assunto, então se torna evidente a direção que devemos tomar."

[18] Esta segunda comissão era composta por Milton Henschel, Ewart Chitty, Lyman Swingle, Lloyd Barry e Ted Jaracz.

votação final.[19] O presidente pediu que levantassem as mãos. Todos com exceção de dois ergueram suas mãos em favor da moção de cumprir com as recomendações. Os dois que não ergueram suas mãos foram o presidente e o vice-presidente.

No dia seguinte, o Corpo se reuniu novamente. O vice-presidente disse que não havia participado da discussão no dia anterior já que ele "não queria ter nada mais a ver com isso"; e participar significaria estar a favor e ele "não podia conscienciosamente agir dessa maneira." Referiu-se repetidamente a Nathan Knorr como o "superintendente" da Sociedade, o "superintendente do povo do Senhor na terra", e disse que "Jesus Cristo não estava aqui na terra e, por este motivo, estava utilizando representantes para realizar sua vontade."

Dan Sydlik, homem de descendência eslava, atarracado e de voz profunda, disse que teria ficado "contente se visse o irmão Knorr ou o irmão Franz voltar-se para as Escrituras ou até mesmo para as publicações da Torre de Vigia a fim de apoiar sua posição, mas não tinha sido assim." Leo Greenlees observou que, se todas as congregações se submetiam alegremente à direção do Corpo Governante, por que as corporações não faziam o mesmo?

O presidente limitou suas observações basicamente a dizer que achava que a corporação iria atuar "paralela" ao Corpo Governante, porém notara que ao invés disso, o arranjo proposto subordinaria a corporação; "o que provavelmente é o correto," acrescentou. O vice-presidente disse que também achava que as duas organizações deviam funcionar paralelamente ("talvez como Antioquia e Jerusalém?") e concluiu: "Isto que o Corpo Governante quer fazer agora nunca antes havia me passado pela cabeça."

Era óbvio que o presidente e o vice-presidente estavam mantendo sua mesma posição. Lloyd Barry, em sua voz tensa e agitada pela emoção, apelava-lhes agora para que tornassem o assunto unânime, já que era evidente que seria aprovado de qualquer modo.

Foi feita outra votação e, desta vez, o presidente Knorr levantou a mão e o vice-presidente fez o mesmo.

Quatro anos depois, em 1979, numa reunião do Corpo Governante, Fred Franz, então presidente, declarou que dera seu voto em favor da mudança nessa ocasião "sob coação". Eu concordaria com ele. Quando

---

[19] Quanto à única mudança importante feita pela segunda comissão nas recomendações da primeira comissão foi que, em adição à presidência rotativa de cada comissão proposta do Corpo Governante, deveria haver um "coordenador" permanente da comissão.

Nathan Knorr cedeu, Fred Franz sentiu-se obrigado a juntar-se a ele. Continuou dizendo que não estivera, na ocasião, a favor da mudança e que, daquele momento em diante, tinha "ficado apenas observando" para ver qual seria o resultado.

O gráfico que se segue, preparado pela segunda Comissão dos Cinco, mostra o arranjo que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1976.

X – Presidente
*** - Coordenador**

John Booth, membro da primeira Comissão dos Cinco e, na fase inicial de sua vida fazendeiro do norte de Nova York, homem de boas maneiras que pensava profundamente, mas que tinha normalmente dificuldade em expressar bem esses pensamentos, pareceu ter feito a melhor descrição do que então passava a ser o caso da corporação. Numa das primeiras reuniões da Comissão dos Cinco, ele dissera:

> Uma sociedade (corporação) é simplesmente um instrumento legal. É como uma caneta postada sobre a escrivaninha. Quando preciso usar a caneta, eu a apanho. Quando termino, eu simplesmente a ponho lá até que queira usá-la novamente.

Essa se tornou então a situação da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia e de suas corporações subsidiárias. Isso significava, inevitavelmente, que a autoridade da presidência

estava aniquilada e virtualmente extinta, tendo agora esse cargo uma função quase puramente legal.

Quando Nathan Knorr morreu, o Corpo Governante considerou o assunto de seu sucessor. Os candidatos mais prováveis eram o vice-presidente Franz e Milton Henschel, que tinham trabalhado intimamente com Knorr na administração. Henschel propôs que Fred Franz se tornasse presidente e isto foi unanimemente aceito. Quando veio a substituição para o lugar de Knorr como "coordenador" da Comissão Editora, Henschel parecia logicamente o sucessor, mas Fred Franz, agora presidente, falou a favor de Lloyd Barry. As relações entre Knorr e Henschel tinham passado por dificuldades em anos recentes e, numa entrevista com a primeira Comissão dos Cinco, Knorr tinha insinuado que achava que Barry poderia assumir seu trabalho (sua obra presidencial) caso necessário. Fred Franz, evidentemente, viu isto levando um tanto em conta as instruções do Juiz Rutherford no seu leito de morte e achava que alguma transferência do "manto" estivesse em andamento, mas o Corpo elegeu Henschel para o cargo.

Um artigo da revista *Time*, ao descrever a eleição de Fred Franz como o novo presidente, declarou:

> Embora poucas pessoas conheçam seu nome, ele alcançou uma autoridade mais que papal sobre mais de 2,2 milhões de almas ao redor do mundo.[20]

Dificilmente essa declaração poderia estar mais enganada. Teria sido verdadeira cerca de um ano antes, mas o cargo de presidente, apesar de ainda transmitir certo prestígio e destaque, não era mais o centro da autoridade mundial que fora. Poucas pessoas de fora do Corpo podiam avaliar quão drástica era a mudança ocorrida.

Se o presidente tivesse realmente uma autoridade de alcance papal, mesmo sem os paramentos e a pompa do papado, os superintendentes de filiais teriam sido equiparados, em domínio, a arcebispos, cada um sendo o "ministro presidente do cristianismo em relação ao território que lhe fora designado e dentro dele".[21] Neste ponto, também, introduziu-se uma mudança à medida que as comissões de filiais assumiam esta responsabilidade.

---

[20] *Time*, 11 de julho de 1977, página 64.

[21] Citado das páginas 5 e 6 do livro *Procedimento do Escritório de Filial* (em inglês), um manual para todos os escritórios de filial em vigor na época.

Os anos de 1976 e 1977 trouxeram alguns momentos agradáveis. Um clima muito diferente parecia estar em evidência na sede internacional, um espírito de maior fraternidade, franqueza e eqüidade. Alguns o comparavam à "janela" aberta pelo papa João XXIII na Igreja Católica, 'permitindo a entrada de um sopro de ar fresco'.

As novas comissões do Corpo Governante puseram em vigor várias mudanças para melhorar as condições das famílias de Betel, tanto em Brooklyn como nas mais de noventa filiais. Deu-se maior consideração às necessidades financeiras dos chamados membros das "fileiras", às necessidades especiais das mulheres e às dos que eram mais idosos. Durante 1976, realizou-se uma série de reuniões com homens respeitados e estimados de várias categorias: foram trazidos primeiro representantes de filiais ao redor do mundo; em seguida, representantes viajantes pelos Estados Unidos; finalmente, foram convidados a Brooklyn anciãos de congregação representando diferentes setores do país.[22] Em todos os casos, havia uma liberdade de discussão e expressão que a maioria achava revigorante, diferente de qualquer outra experimentada no passado.

Em nível congregacional, duvido que se tenha sentido muito disto, já que muitas sugestões feitas por estes homens não foram aplicadas em qualquer grau importante. Mesmo assim, muitas Testemunhas expressavam agradecimento de que, durante pelo menos um período, a matéria publicada dava maior ênfase à autoridade das Escrituras e à chefia de Jesus Cristo e menos à autoridade de uma organização humana. Sentiam, de modo geral, que se estava tendo uma abordagem mais moderada, equilibrada e compassiva. Como o expressou uma antiga Testemunha: "Eu costumava sentir que eu *tinha* de fazer as coisas; agora, estou começando a sentir que eu *quero* fazê-las."

As sessões do Corpo Governante evidenciavam, até certo ponto, esta mudança de atmosfera. A passagem do tão divulgado ano de 1975 sem que chegasse o muito esperado jubileu milenar teve sem dúvida um efeito de certo modo humilhante, à medida que se diminuía perceptivelmente o dogmatismo. Mais cuidado quanto a imporem-se novas regras sobre as vidas das pessoas e menos tendência de classificar ações específicas como "transgressões merecedoras de

[22] Peter Gregerson, de Gadsden, Alabama, foi um destes convidados. Foi eu ter tido uma refeição com Peter alguns anos mais tarde o que me levou a ser desassociado.

desassociação" eram refletidas nas votações, se bem que nunca de um modo integral.

Durante esse ano (1976), a saúde de Nathan Knorr começou a deteriorar-se. Apesar disso, enquanto ele conseguia estar presente, participava das discussões e, embora não claramente satisfeito com as mudanças efetuadas, mostrava uma atitude geralmente cooperativa e prestimosa. Suas expressões às vezes ajudavam a superar pontos de vista exagerados. Embora elas raramente baseassem o argumento nas Escrituras, refletiam sua abordagem prática das coisas. Durante a maior parte deste período, o vice-presidente Franz preferia sentar-se e escutar, participando apenas ocasionalmente das discussões e o que ele tinha a dizer vinha quase invariavelmente próximo do final da discussão, logo antes de acontecer a votação. À essa altura, o consenso geral do julgamento era razoavelmente claro (baseado nos comentários individuais apresentados) e suas observações eram freqüentemente contrárias à tendência da maioria. Talvez nada ilustre com maior vigor a maneira de pensar do Corpo durante este período, como o fato de que a votação, ainda que algumas vezes demonstrasse uma inclinação influenciada pelas declarações de última hora do vice-presidente, amiúde eram contrárias às expressões dele. No geral, ele não dava, entretanto, nenhuma indicação de seu pensamento durante este período até que fosse solicitado o costumeiro levantamento das mãos e, segundo o registro da "Ata" oficial, houve numerosas vezes em que se lia a votação "Dezesseis [ou qualquer que fosse o número] a favor; uma abstenção", sendo essa do vice-presidente. Isto se dava geralmente com questões que envolviam mudanças de política no tocante aos chamados "assuntos de desassociação". As questões de área secular ou semi-secular (tais como compras de propriedade, procedimentos burocráticos) ou designações de membros de comissões de filiais eram geralmente unânimes.

Quando foi votado o novo arranjo, achei difícil que pudesse acontecer tamanha mudança na estrutura de autoridade, particularmente em vista da intensa oposição recebida por parte dos homens mais proeminentes da organização, bem como de alguns de seus associados íntimos de fora do Corpo. Minha forte esperança era que o efeito "nivelador" e estabilizador da mudança permitisse uma maior moderação, uma diminuição do dogmatismo, uma maior preocupação com o indivíduo e com suas circunstâncias e problemas

pessoais, e talvez algum dia, a eliminação da abordagem autoritária que produziu tantos regulamentos e assumiu um controle tão grande da vida particular das pessoas.

Como já foi observado, veio alguma coisa disso. Veio por pouco tempo. Daí, no intervalo de aproximadamente dois anos, como uma brisa que resfria no outono, assinalando a aproximação de um frio mais intenso, a evidência de uma oscilação muito clara em direção aos modos anteriores começou a emergir vez após vez.

5

TRADIÇÃO E LEGALISMO

Assim, por causa da sua tradição, vocês anulam a palavra de Deus. . . Seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens. — Mateus 15:6, 9 *Nova Versão Internacional*

A MAIORIA das Testemunhas de Jeová imagina as sessões do Corpo Governante como reuniões de homens que passam grande parte do seu tempo em estudo profundo da Palavra de Deus. Fazem uma imagem deles como pessoas que se reúnem para refletir humildemente sobre como podem ajudar seus irmãos a entender as Escrituras, para discutir maneiras construtivas e positivas de edificá-los na fé e no amor, qualidades que motivam as verdadeiras obras cristãs, fazendo tudo isto em reuniões nas quais se recorre sempre às Escrituras como a única autoridade válida, final e suprema.

Como já foi observado, os membros do Corpo Governante, melhor do que ninguém, sabiam que os artigos de *A Sentinela* descrevendo a relação entre a corporação e o Corpo Governante apresentavam um quadro que não se harmonizava com a realidade. Do mesmo modo, também, os membros do Corpo Governante sabem, melhor do que ninguém, que o quadro descrito no parágrafo anterior difere na mesma proporção da realidade.[1]

Examinando-se cuidadosamente os registros de uma reunião após outra, verifica-se que o aspecto mais destacado, mais constante e que consome mais tempo, é a discussão de questões que, em última análise, acabavam nesta pergunta: "É caso de desassociação?"

Eu compararia o Corpo Governante (e fiz tal comparação em minha mente por repetidas vezes) com um grupo de homens apoiados contra a parede com muitas pessoas arremessando bolas para eles pegarem e lançarem de volta. As bolas vêm com tamanha freqüência e em tal

[1] Uma vez que todas as reuniões do Corpo Governante são totalmente reservadas, só seus membros são testemunhas do que realmente nelas ocorre.

quantidade que há pouco tempo para qualquer outra coisa. Na verdade, parecia que cada regra feita e emitida produzia somente questões formuladas a partir de novos ângulos, sobrando pouco tempo para pensamento, estudo, discussão e ação verdadeiramente positivos e construtivos.

Ao longo dos anos, acompanhei muitas e muitas reuniões em que se discutiam questões que podiam afetar seriamente a vida das pessoas, sem que, no entanto, a Bíblia viesse às mãos ou mesmo aos lábios de praticamente nenhum dos participantes. Existiam motivos para isso; uma combinação de motivos.

Muitos membros do Corpo Governante admitiam que se achavam tão ocupados com vários assuntos que havia pouco tempo para estudo da Bíblia. Não há nenhum exagero em dizer que seus membros, em média não gastavam mais tempo, e às vezes menos, em tal estudo que muitas Testemunhas dentre os denominados “as fileiras”. Alguns dos que faziam parte da Comissão Editora (que incluía encarregados e diretores da corporação de Pensilvânia) eram notáveis com relação a isto, devido à tremenda quantidade de trabalho de redação com que se deparavam e por achar evidentemente que não poderiam ou não deveriam delegá-lo a qualquer outra pessoa para que tudo fosse revisado e apresentado, incluindo-se aqui as conclusões ou recomendações.

Nas poucas ocasiões em que se programava alguma discussão puramente bíblica era geralmente para discutir um artigo ou artigos para *A Sentinela* que alguém tinha preparado e sobre o qual havia alguma objeção. Nestes casos, regularmente acontecia que, apesar de avisado com um ou duas semanas de antecedência sobre o assunto, Milton Henschel, Grant Suiter ou algum outro membro desta comissão se sentia obrigado a dizer: “Tenho estado tão ocupado que só tive tempo para examiná-lo rapidamente.” Não havia nenhuma razão para se duvidar de que estivessem verdadeiramente ocupados. Essa era a questão que me vinha à mente: Como podiam eles votar então com boa consciência sobre a aprovação da matéria, quando não tinham conseguido meditar sobre ela, pesquisar as Escrituras para pô-la completamente à prova? Uma vez publicada, era vista como “a verdade” por milhões de pessoas. Que trabalho burocrático poderia equiparar-se a isto em importância?

Mas estes irmãos não estavam de maneira alguma sozinhos, já que as discussões em si mesmas demonstravam que a grande maioria do Corpo tinha feito pouco mais que ler a matéria escrita. O tema era muitas vezes desses que havia se originado e se desenvolvido na mente do escritor sem que o Corpo fosse consultado, mesmo representando este algum entendimento "novo" das Escrituras, e tendo muitas vezes o próprio escritor preparado então todos os seus argumentos e colocado a matéria na forma definitiva sem discutir as coisas e testar seu pensamento, nem sequer com alguma outra pessoa.[2] O argumento era freqüentemente complicado, enrolado, do tipo que jamais poderia permitir, através de uma leitura superficial, análise suficiente que provasse sua validade e determinasse se era biblicamente sólido ou apenas um caso de 'lógica acrobática', um malabarismo habilidoso com textos articulados para dizer algo além do que realmente diziam. Os que só tinham lido a matéria geralmente votavam a favor; os que tinham feito estudo e pesquisa extras eram os mais prováveis de levantar questões sérias.

Desta forma, depois da discussão de certo artigo que apresentava o entendimento de que a "festividade do ajuntamento da colheita" (celebrado, segundo a Bíblia, *no final* da estação da colheita) representava uma particularidade da história das Testemunhas *no início* de sua colheita espiritual, quantidade suficiente de membros votou a favor de que fosse aceito.[3] Lyman Swingle, que servia nessa época como coordenador da Comissão de Redação, disse então: "Tudo bem, se é isso o que querem fazer, vou enviá-lo à gráfica para ser impresso. Mas isso não significa que eu pense assim. É só mais uma pedra acumulada sobre o enorme monumento de testemunho de que *A Sentinela* não é infalível."

Uma segunda razão para a falta de verdadeira discussão bíblica, creio eu, vem obviamente da precedente. E essa é que a maioria do Corpo não era realmente tão versada nas Escrituras, pois sua "ocupação" não era nenhuma novidade. No meu próprio caso, eu tinha

---

[2] Mesmo durante a existência de Nathan Knorr, este era o procedimento normal seguido pelo principal escritor da Sociedade, Fred Franz. Somente quando apresentadas de forma completa é que qualquer outra pessoa — e geralmente só o presidente — tem oportunidade de considerar e discutir as idéias ou interpretações desenvolvidas.

[3] Veja *A Sentinela* de 15 de agosto de 1980, páginas 824.

estado até 1965 em tal "redemoinho" de atividades que me sobrava pouco tempo para um estudo realmente sério. Mas penso que o problema é mais profundo do que isso. Acho que predominava a sensação de que tal estudo e pesquisa não eram tão essenciais, que as normas e os ensinos da organização, desenvolvidos durante muitas décadas — eram em si mesmos um guia seguro, de modo que, não importava que moção o Corpo propusesse, desde que se harmonizasse com tais tradições, devia estar totalmente certa.

Os fatos apontam para esta conclusão. Às vezes uma longa discussão sobre alguma questão de "desassociação" era repentinamente resolvida porque um membro tinha descoberto uma declaração relacionada com o caso no livro *Organização*, da Sociedade, ou, mais provavelmente, no livro chamado *"Ajuda Para Responder Correspondência do Escritório de Filial"*, um compêndio de normas ordenadas alfabeticamente sobre uma ampla variedade de assuntos, emprego, casamento, divórcio, posição política, problemas militares, sindicatos de trabalhadores, sangue e dezenas de outros. Quando se encontrava tal declaração, apesar de não se citar qualquer texto bíblico em apoio do ponto específico referente à norma, esta parecia pôr fim à questão para a maioria dos membros do Corpo e eles geralmente se dispunham a votar sem hesitação a favor de qualquer moção que se harmonizasse com a norma impressa. Vi isto acontecer em diversas ocasiões e nunca deixei de ficar impressionado pela maneira como esse tipo de declaração normativa impressa podia causar uma transformação tão repentina no andamento e na decisão de uma discussão.

Uma razão final para a Bíblia ter pouca influência em tal discussão é que, em caso após caso, a questão envolvia alguma coisa sobre a qual as Escrituras eram, em si mesmas omissas.

Para citar exemplos específicos, a discussão poderia ser para decidir se a injeção de soro deveria ser vista do mesmo modo que as transfusões de sangue, ou se se deveria considerar as plaquetas sangüíneas tão objetáveis de serem aceitas quanto as células vermelhas em embalagem. Ou a discussão poderia concentrar-se sobre se a norma de que uma esposa que cometeu um ato de infidelidade está obrigada a confessá-lo a seu marido (mesmo que ele fosse conhecido como tendo natureza extremamente violenta) ou, do contrário, a sua alegação de

arrependimento não seria considerada válida, ficando ela passível de desassociação. Que textos bíblicos tratam de tais questões?

Considere este caso que surgiu para ser discutido e decidido pelo Corpo Governante. Uma das Testemunhas de Jeová, ao dirigir um caminhão da Coca-Cola, tinha como sua rota uma extensa base militar na qual fazia muitas entregas. A pergunta: Podia ele fazer isto e permanecer como membro numa condição aprovada ou é esta uma transgressão sujeita à desassociação? (O fator crítico aqui é que estavam envolvidos propriedade e pessoal *militares*.)

Novamente, que textos bíblicos tratam de tais problemas — de modo que se possa ver clara e razoavelmente, de modo a evitar a necessidade de raciocínios e interpretações relacionados? Não se apresentou nenhum; ainda assim, a maioria do Corpo decidiu que este trabalho não era aceitável e que o homem teria de arranjar outra rota para continuar numa condição aprovada. Veio à tona um caso similar envolvendo um músico que era Testemunha e tocava numa "banda" de um clube de oficiais numa base militar. Este, também, foi decidido como inaceitável pela maioria do Corpo. Sendo as Escrituras omissas, o raciocínio humano provia a solução.

Geralmente, em discussões deste tipo, se os que eram a favor da condenação do ato ou conduta *faziam* qualquer apelo a um texto bíblico, esse apelo ocorria por meio de declarações muito amplas tais como "Não fazem parte do mundo", encontrada em João, capítulo 15, versículo 19. Se um membro do Corpo Governante sentisse pessoalmente escrúpulos contra a ação ou conduta em discussão e não conseguisse pensar em nenhum outro argumento contra ela, ele muitas vezes passava a recorrer a este texto, ampliando-o e aplicando-o de modo a adaptá-lo a quaisquer que fossem as circunstâncias. A necessidade de deixar que o restante das Escrituras defina o que tal declaração de sentido amplo significa e como ela se aplica parecia ser considerada muitas vezes supérflua ou irrelevante.

Um fator importante nas decisões do Corpo Governante era a regra da maioria de dois terços. Isto às vezes produzia alguns resultados curiosos.

A regra era que se precisava de uma maioria de dois terços (dos membros ativos) para fazer-se aprovar uma moção. Eu pessoalmente apreciava a oportunidade concedida por isto para que um membro se "abstivesse" sem sentir que estava exercendo o "poder de veto". Nos

casos menos importantes, eu geralmente votava com a maioria. Mas quando surgiam questões que afetavam profundamente minha consciência, encontrava-me freqüentemente entre a minoria, raramente sozinho mas muitas vezes com apenas um, dois ou três de outros membros que alegavam objeção de consciência por não votar a favor da moção.[4] Muitas vezes não foi assim durante os primeiros dois anos mais ou menos depois da grande mudança efetuada na estrutura do poder (posta oficialmente em vigor em 1º de janeiro de 1976). Nos meus dois últimos anos como membro, entretanto, uma forte tendência a uma avaliação de "linha dura" me obrigou a abster-me com maior freqüência.

Porém, considere agora o que às vezes acontecia quando o Corpo estava completamente dividido em seu ponto de vista, uma ocorrência bem menos rara do que alguns poderiam imaginar.

Devia-se discutir uma questão envolvendo conduta que tinha, em algum ponto no passado da Sociedade, sido designada como "transgressão passível de desassociação", talvez receber particularmente certa pessoa injeção de pequena fração de sangue para controlar uma doença potencialmente fatal; ou, possivelmente, o caso de uma esposa que tinha marido não-Testemunha no serviço militar e que trabalhava num armazém da base militar de seu marido.

Às vezes o Corpo podia estar muito dividido em tais discussões, algumas vezes até rachado ao meio. Ou podia haver uma maioria que favorecia a retirada de uma determinada atividade, conduta ou tipo de emprego da categoria de "transgressão passível de desassociação". Considere o que podia acontecer por causa da regra da maioria de dois terços:

Se, dos quatorze membros presentes, nove favorecessem a retirada do rótulo de "transgressão passível de desassociação" e só cinco favorecessem sua manutenção, a maioria não era suficiente para mudar o rótulo indicativo de desassociação. Apesar da clara maioria, os nove não formavam uma maioria de *dois terços*. (Mesmo se houvesse dez deles a favor desta mudança, ainda não eram suficientes, pois, apesar de serem dois terços da maioria dos quatorze *presentes*, a regra era dois terços do *total dos membros ativos*, que durante a maior parte do tempo era dezessete ou dezoito.) Se alguém dentre os nove favoráveis

[4] Posso recordar-me, e meus registros o indicam, de apenas uma ou duas ocasiões, em mais de oito anos, em que me achei completamente sozinho em abstenção.

à remoção da categoria passível de desassociação apresentasse uma moção, ela iria fracassar, já que eram necessários doze votos para que ela passasse. Se alguém dentre os cinco favoráveis à manutenção da categoria de transgressão "passível de desassociação" apresentasse a moção de que a norma fosse mantida, fracassaria naturalmente também. Mas mesmo o fracasso da moção para se reter a categoria não resultaria na remoção dessa categoria passível de desassociação. Por que não? Porque a norma era que alguma moção tinha de ser *aprovada* antes de fazer-se qualquer mudança em uma norma anterior. Em um dos primeiros destes exemplos de tal voto dividido, Milton Henschel havia expressado o ponto de vista de que, quando não houvesse nenhuma maioria de dois terços, então o "status quo deveria prevalecer", nada deveria mudar. Era muito raro, nestes casos, um membro fazer uma mudança no seu voto, de modo que a coisa acabava geralmente num impasse.

Isso significava que a Testemunha que exercesse determinada atividade ou tivesse determinado emprego considerado, ainda estaria sujeita à desassociação, *apesar da maioria do Corpo ter deixado claro que ela não deveria mais estar sujeita a isto!*

Em mais de uma ocasião, quando uma minoria considerável ou mesmo uma maioria (apesar de não ser de dois terços) achava que um problema não deveria ser uma transgressão passível de desassociação, manifestei minha opinião de que a nossa posição era desarrazoada e até incompreensível. Como podíamos permitir que as coisas continuassem como antes, com pessoas sendo desassociadas por tais coisas, quando bem dentro do Corpo Governante, havia vários de nós, algumas vezes a maioria, que achavam que a atividade envolvida não merecia tal julgamento severo? Como se sentiriam os irmãos e as irmãs ao saberem que isto acontecia e estavam, ainda assim, sendo desassociados?[5]

Para ilustrar, se cinco anciãos congregacionais que compõem uma "comissão judicativa" tivessem de dar consideração a um caso e três dos cinco não acreditassem que a atividade ou conduta da pessoa requeria desassociação, iria o fato de eles serem apenas uma maioria

[5] A natureza secreta das sessões do Corpo Governante admite, evidentemente, pouca probabilidade de alguém vir a saber disto. As "Atas" das reuniões nunca são abertas para ser vistas por outras Testemunhas.

de três quintos e não uma maioria de dois terços tornar sua posição inválida?[6] Seria a pessoa então desassociada? Certamente que não. Como poderíamos nós, então, permitir que uma simples regra de votação fizesse prevalecer uma posição tradicional sobre desassociação, quando a maior parte dos membros do Corpo pensava o contrário? Não deveríamos nós tomar, pelo menos, a posição de que, *em todos os casos de desassociação*, mesmo quando uma minoria considerável (e especialmente uma maioria embora pequena) achasse que não havia razões suficientes para desassociação, então a regra de não-desassociação deveria ser mantida?

Estas questões submetidas ao Corpo ficavam sem resposta, mas vez após vez em tais casos, vigorava a norma previamente estabelecida, tradicional, e fazia-se isto como coisa de rotina, como algo normal. Qualquer que fosse o efeito na vida das pessoas isto não exercia influência suficiente para fazer com que os membros se sentissem movidos a abrir mão de sua norma "padrão" em tais casos. Em algum momento no passado da organização, fora formulada uma norma de desassociação (resultante muitas vezes da opinião de um único homem, muitíssimas vezes alguém flagrantemente isolado das circunstâncias consideradas) e colocara-se essa norma em vigor; adotara-se uma regra e essa regra imperava, a menos que fosse derrubada por uma maioria de dois terços.

Talvez nenhum outro caso ilustre tão bem essa estranha maneira de encarar as coisas como o que envolve a questão do serviço alternativo.

"Serviço alternativo" representa o serviço civil oferecido pelo governo como uma alternativa para aqueles que têm objeções de consciência à participação no serviço militar. Um bom número de países esclarecidos oferece esta alternativa a tais pessoas entre seus cidadãos.

A posição oficial da Sociedade Torre de Vigia, desenvolvida durante a 2ª Guerra Mundial, é que se alguém das Testemunhas de Jeová aceita esse serviço alternativo, ele "transige", viola sua integridade para com Deus. O raciocínio por trás disso é que, já que este serviço é um "substituto", assume portanto o lugar daquilo que substitui e (assim vai aparentemente o raciocínio) vem a representar a mesma coisa. Já que é oferecido em lugar do serviço militar e o serviço

[6] Três tirado de cinco é apenas 60%, não 66,6 % como numa maioria de dois terços.

militar envolve (potencialmente pelo menos) o derramamento de sangue, então qualquer um que aceite o substituto torna-se "culpado de sangue". Esta norma extraordinária desenvolvida no período anterior ao Corpo Governante tornou-se realidade e foi evidentemente decidida por Fred Franz e Nathan Knorr durante o tempo em que produziram todas as principais decisões normativas.

Durante anos, em obediência a esta norma, literalmente milhares de Testemunhas de Jeová, em diferentes países ao redor do mundo, foram para a prisão em vez de aceitar as provisões de serviço alternativo. Muitas Testemunhas foram para a prisão por este motivo. Deixar de aderir à norma da Sociedade significaria serem vistos automaticamente como "dissociados" e tratados do mesmo modo como se fossem desassociados.

Em novembro de 1977, uma carta de uma Testemunha na Bélgica questionava o raciocínio sobre o qual se apoiava esta norma. Isto levou à consideração do problema pelo Corpo Governante, primeiro em 28 de janeiro de 1978, depois em 1º de março e, novamente, em 26 de setembro, 11 de outubro, 18 de outubro e 15 de novembro. Foi feita uma pesquisa mundial e receberam-se cartas dos cerca de noventa escritórios de filiais. Um número considerável indicava que as Testemunhas em seus respectivos países tinham dificuldade de ver qualquer base bíblica existente para a posição adotada. Considere o que aconteceu no Corpo Governante.

Na reunião de 11 de outubro de 1978, dos treze membros presentes, nove votaram a favor de mudar-se a norma tradicional de modo que a decisão de aceitar ou rejeitar o serviço alternativo seria deixado a cargo da consciência do indivíduo, mas quatro votaram contra. Resultado? Visto que havia então dezesseis membros no Corpo e nove não representavam dois terços de dezesseis, não se fez nenhuma mudança.

Em 15 de novembro, todos os dezesseis membros estavam presentes e onze votaram a favor da mudança da norma, de modo que a Testemunha que se sentisse conscienciosamente em condições de aceitar tal serviço, não seria automaticamente classificada como infiel a Deus e dissociada da congregação. Isto representava uma maioria de dois terços. Realizou-se a mudança?

Não, pois depois de um breve intervalo, um dos membros do Corpo Governante anunciou que tinha mudado de idéia. Isso acabou com a maioria de dois terços. Feita uma votação subseqüente, com quinze

membros presentes, houve nove a favor da mudança, cinco contra e uma abstenção.[7]

Apesar de, em todas estas votações, uma clara maioria do Corpo Governante favorecer a revogação da norma existente, essa norma continuou em vigor e, em conseqüência disso, ainda se esperava que varões Testemunhas corressem o risco de ser presos em vez de aceitar serviço alternativo — apesar de achá-lo conscienciosamente apropriado aos olhos de Deus. Embora pareça incrível, esta foi a posição adotada, e a maioria dos membros do Corpo pareceu aceitá-la, tudo como se não houvesse nada com que se perturbar. Estavam, afinal de contas, simplesmente seguindo as regras em vigor.

Em todos estes casos controvertidos, a "transgressão passível de desassociação" não era algo claramente identificado nas Escrituras como pecaminoso. Era assim puramente em resultado da norma organizacional. Uma vez publicada, essa norma se transformava numa carga lançada sobre a associação mundial dos irmãos para que eles a carregassem, junto com as conseqüências da norma. Em tais circunstâncias, é errado achar que se aplicam as palavras de Jesus: "Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los"?[8] Deixo que o leitor tire sua conclusão. Apenas sei o que me ditava a minha consciência e a posição que me sentia forçado a tomar.

Não obstante, acho que os membros do Corpo Governante geralmente acreditavam estar fazendo a coisa certa. Que pensamento poderia fazê-los apegar-se a uma posição de desassociação em face de uma minoria considerável ou, possivelmente, da metade ou mais dos seus companheiros?

Num caso em que a discussão prolongada tornou previsível tal situação, Ted Jaracz manifestou um ponto de vista que pode refletir apropriadamente o pensamento dos demais. De descendência eslava (polonês) como Dan Sydlik, Jaracz se destacava tanto em estatura como em temperamento. Enquanto Sydlik era freqüentemente levado

---

[7] Segundo meus registros, os que votaram a favor foram: John Booth, Ewart Chitty, Ray Franz, George Gangas, Leo Greenlees, Albert Schroeder, Grant Suiter, Lyman Swingle e Dan Sydlik. Os que votaram contra foram: Carey Barber, Fred Franz, Milton Henschel, William Jackson e Karl Klein. Ted Jaracz se absteve.

[8] Mateus 23:4, *NVI*

pelo sentimento de "ousadia" com relação à condição certa ou errada de certa questão, Jaracz era de uma natureza mais moderada. Nesta reunião em particular, ele admitiu que 'a norma existente poderá trazer certa medida de dificuldade sobre alguns indivíduos nesta situação específica em discussão' e disse: "Não é que não sintamos compaixão pelos envolvidos com o problema, mas temos sempre de ter em mente que não estamos tratando com apenas duas ou três pessoas, temos de ter em perspectiva uma grandiosa organização mundial e temos de pensar no efeito sobre essa organização mundial."[9]

Esta visão, de que aquilo que é bom para a organização é bom para as pessoas que fazem parte dela, e que os interesses do indivíduo são, de fato, "sacrificáveis" quando os interesses da grandiosa organização parecem exigi-lo, parecia ser aceita como uma posição válida por muitos dos membros.

Adicionalmente, alguns podiam apresentar o argumento de que qualquer abrandamento da posição poderia "abrir o caminho" para uma enxurrada de transgressão. Se se conhecessem um ou mais exemplos extremos de má conduta que pudessem ser relacionados com o assunto em discussão, estes eram apresentados como forte evidência do perigo potencial. Apresentava-se usualmente o aspecto ameaçador de tal perigo nestes casos, mesmo antes de ser apresentada uma moção, quando era bem evidente que um número considerável do Corpo se inclinava a favor de uma mudança. Num desses casos, Milton Henschel recomendou seriamente cautela seriamente, fazendo crer que, "Se *deixarmos* os irmãos fazerem isto, não sabemos até onde irão."

Creio que ele e outros que insistiam no mesmo ponto em outras ocasiões, sem dúvida, acreditavam sinceramente ser necessário apegar-se firmemente às antigas normas a fim de 'manter as pessoas na linha', prendê-las dentro da "cerca" protetora, para que não se perdessem.

Se a "cerca" protetora destas normas tivesse sido na realidade do tipo claramente delineado na Palavra de Deus, eu teria sido obrigado a concordar e o teria feito com prazer. Muitas vezes não era esse o caso e, que não era, foi claramente indicado pelo fato de os anciãos (muitas vezes, homens das comissões de filial), que haviam escrito sobre o

[9] Estes pontos podem também ter sido substancialmente o que Milton Henschel quis dar a entender quando comentava freqüentemente sobre a necessidade de "ser prático" em nossa maneira de tratar de tais assuntos, pois, ao votar, sua posição e a de Ted Jaracz coincidiam com regularidade.

assunto, não terem encontrado nada nas Escrituras que tratasse do problema, e pelo fato de o próprio Corpo não ter encontrado nada também. Portanto, os membros tinham de recorrer à sua própria argumentação numa discussão prolongada, sob muitos aspectos, num debate.

Na última ocasião mencionada, seguindo-se à declaração de Milton Henschel, meu comentário foi que eu não acreditava que *nos* coubesse "deixar" os irmãos fazerem certas coisas. Em vez disso, eu cria que Deus é o Único que os "deixa" fazer certas coisas, quer porque sua Palavra as aprova quer porque é omissa quanto ao problema, e que Ele é o Único que os proíbe, quando sua Palavra condena claramente o ato, quer de maneira explícita quer através de um princípio claro. Que não acreditava que nós, como homens imperfeitos e sujeitos a erros, estivéssemos jamais autorizados por Deus a decidir o que deveria ser permitido ou proibido para eles. A minha pergunta diante do Corpo era: "Quando um assunto não estiver claro nas Escrituras, por que deveríamos nós tentar fazer o papel de Deus? Atuamos tão mal nesse papel. Por que não O deixamos, em tais casos, ser o Juiz destas pessoas?" Repeti este ponto de vista em outras ocasiões em que estava sendo apresentada a mesma linha de argumento, mas não creio que a maioria tivesse esse entendimento e suas decisões provaram que não tinham.

Pintar um quadro agourento do potencial de maldade irreprimida por parte dos irmãos simplesmente porque nós, como Corpo Governante, revogamos algum regulamento existente, parecia-me como dizer que suspeitávamos que nossos irmãos careciam de verdadeiro amor à justiça, *desejando* interiormente pecar e precisando ser mantidos sob controle somente por regulamentos organizacionais.

Veio-me à mente um artigo publicado alguns anos antes na revista *Despertai!* da Sociedade. Descrevia uma greve da polícia em Montreal, Canadá, e mostrava que a ausência de força policial por cerca de um dia, levou a toda sorte de atos de desordem por pessoas geralmente acatadoras da lei.

O artigo da *Despertai!* destacava que os verdadeiros cristãos não tinham de estar sujeitos a uma imposição da lei para agir de maneira lícita.[10]

[10] Veja a *Despertai!* de 8 de junho de 1970, páginas 21-24.

Por que então, eu me perguntava, o Corpo Governante adotou a posição de que era perigoso revogar um regulamento tradicional, na crença de que isto podia "abrir o caminho" para a imoralidade e má conduta generalizadas por parte dos irmãos? O que dizia isso sobre nossa atitude para com esses irmãos e a confiança neles? Quão diferentes achávamos que eram estes irmãos daqueles indivíduos que violaram as leis durante a greve da polícia em Montreal, e quão profundo e genuíno acreditávamos ser realmente o amor deles à justiça? Às vezes, parecia ser esse o sentimento predominante dentro do Corpo: não confiem em ninguém além de nós. Para mim, isto, também, não parecia refletir uma modéstia recomendável.

Outro indício deste pensamento em tais casos era a ênfase dada à natureza duradoura de uma determinada norma. Isto ocorria porque, através dos anos, milhares haviam aderido fielmente às normas da Sociedade, mesmo que isso tivesse resultado num severo fardo para eles, levando talvez a encarceramento ou outro sofrimento. "Mudar agora", argumentava-se, "poderá fazer com que tais pessoas achem que o que passaram foi desnecessário e, na medida em que tenham sentido satisfação pessoal em sofrer dessa maneira, encarando-o como 'sofrimento pela causa da justiça', poderão daqui em diante sentir-se desiludidas, possivelmente achando até injusto que tenham suportado uma forma de martírio enquanto outros poderão agora safar-se dele".

Achava difícil harmonizar isto com o espírito encorajado pelas Escrituras. A impressão era que tais pessoas deveriam, em vez disso, regozijar-se em saber que não seria exigido de outros levarem esse fardo para que permanecessem numa boa condição na organização. Se, como ilustração, uma pessoa tivesse perdido uma fazenda devido a impostos onerosos, não deveria ela se regozijar por causa de amigos, confrontados com o mesmo prejuízo, se soubesse que o imposto oneroso foi suspenso? Não deveria um mineiro que sofre de doença nos pulmões ficar feliz se melhorassem as condições nas minas, mesmo que ele não pudesse mais tirar proveito delas? A impressão era que um cristão verdadeiro reagiria assim.

A atitude com a qual alguns membros do Corpo expressavam grave preocupação parecia mais refletir o espírito dos homens do vinhedo, do relato de Jesus, homens esses que haviam suportado o calor e o trabalho árduo durante longas horas e achavam injusto terem os trabalhadores das onze horas, que não haviam passado por isso,

recebido a mesma recompensa que eles. Ou, aquele do irmão mais velho do filho pródigo, que disse a seu pai, "Eis que trabalhei tantos anos como escravo para ti, e *nunca, nem mesmo uma única vez, transgredi teus mandamentos,*" e que achava injusto que seu irmão mais moço não tivesse de fazer o mesmo para receber a aprovação de seu pai.[11] Novamente, parecia-me que, esperar dos irmãos qualquer coisa exceto ficarem felizes por outros não terem de sofrer o que haviam sofrido, seria atribuir motivação errada a eles. Dava-me a impressão de que precisávamos perguntar-nos quanto da preocupação expressa não poderia ser atribuída à preocupação com a própria "imagem" do Corpo Governante, sua credibilidade, e sua influência sobre a confiança das pessoas, sendo afetada pelo medo de que, por admitir um erro, esta se enfraqueceria.

As conseqüências advindas destas decisões divididas não eram, de maneira alguma, irrelevantes. Deixar de harmonizar-se com uma decisão do Corpo Governante, uma vez publicada ou anunciada, poderia levar, e realmente levava, à desassociação, a ser separado da congregação, da família e dos amigos. Harmonizar-se, por outro lado, poderia exigir a desistência de certo emprego, às vezes em situações quando empregos eram escassos e os custos de manutenção de uma família eram elevados. Poderia significar tomar uma posição contrária aos desejos do companheiro, posição essa que poderia levar, e às vezes levava, ao divórcio, à dissolução do casamento, do lar e da família, separando os filhos do pai e da mãe. Poderia significar sentir-se forçado a recusar-se a obedecer a certa lei, e ser então preso e afastado da família e do lar para um lugar de encarceramento. Poderia, na realidade, significar a perda da própria vida ou, o que pode ser ainda mais difícil de suportar, ver entes queridos perdidos na morte.

Para ilustrar as dificuldades que poderiam surgir, mesmo quando se *fazia mudança* em alguma regra anterior, considere a posição organizacional adotada com relação aos hemofílicos e o uso de frações de sangue (tais como Fator VIII, um fator coagulante) para prevenir uma hemorragia fatal.

Por muitos anos, pedidos de informação enviados à sede da organização (ou seus escritórios de filiais) por hemofílicos recebiam a resposta de que aceitar tal fração de sangue *uma única vez* poderia ser

[11] Mateus 20:1-15; Lucas 15:25-32.

visto como não objetável, de fato, como "medicação". Mas fazê-lo *mais de uma vez* significaria "alimentar-se" dessa fração de sangue e seria, portanto, considerado uma violação da injunção bíblica contra comer sangue.[12]

Anos mais tarde, esta regra mudou. Os membros da equipe, que trabalhavam em responder à correspondência, sabiam que tinham enviado cartas, no passado, dizendo o contrário e que os hemofílicos que tinham tomado sua injeção "uma única vez" estavam ainda sob a impressão de que, fazê-lo novamente, seria contado como uma violação das Escrituras. Poderiam sangrar até morrer por apegarem-se a tal posição.

A administração não era favorável à publicação impressa da nova posição já que a posição antiga nunca havia sido impressa mas apenas transmitida aos indivíduos que tinham solicitado particularmente a informação. Publicar alguma coisa exigiria primeiro explicar qual tinha sido a antiga posição e então explicar que ela estava agora obsoleta. Isto não parecia desejável. Desse modo, os trabalhadores da equipe fizeram uma busca diligente em seus arquivos para achar os nomes e endereços de todas essas pessoas e enviou-se outra carta a cada uma avisando da mudança. Os trabalhadores da equipe se sentiam melhor com isto.

Perceberam então que muitos dos pedidos de informação tinham vindo por telefone e que não tinham nenhum registro de tais chamadas telefônicas e absolutamente nenhuma maneira de determinar quem eram os hemofílicos que pediram a informação. Se, no ínterim, entre a antiga e a nova regra, alguns tivessem morrido, eles não poderiam saber; se alguns, a quem não tinham conseguido contatar ainda morreriam por apegar-se à antiga regra, eles também não poderiam saber; só sabiam que tinham seguido instruções, sendo lealmente obedientes a seus superiores na organização.

Esta mudança na norma tornou-se oficial na sessão de 11 de junho de 1975 do Corpo Governante. (Veja também o Apêndice) Foi somente em 1978 que a mudança foi finalmente colocada de forma impressa, embora expressa de maneira um tanto obscura e, o que é curioso, arrolada à questão do uso de injeções de plasma para combater doença (ao passo que a hemofilia não é doença mas uma deficiência

[12] Os textos referidos incluíam Gênesis 9:3, 4; Levítico 17:10-12; Atos 15:28, 29.

hereditária), no número de *A Sentinela* de 1° de dezembro de 1978. Não se reconhecia ainda que isto representava uma mudança na norma anterior quanto ao múltiplo uso de fração de sangue por hemofílicos.

Escutar alguns dos argumentos apresentados nas sessões do Corpo Governante fez lembrar os muitos casos ganhos pelas Testemunhas de Jeová perante a Suprema Corte dos Estados Unidos. Advogados de acusação haviam usado, em muitos aspectos, argumentos similares aos usados no Corpo Governante. Tais advogados enfatizavam os perigos *potenciais*. Eles alegavam que havia um forte risco de a visita de porta em porta poder transformar-se num sério aborrecimento ou num subterfúgio para o roubo e outras atividades criminosas, e que isto justificava impor restrições à liberdade das Testemunhas de levar adiante esta atividade. Diziam que conceder liberdade às Testemunhas para prosseguirem com sua atividade pública ou fazerem discursos em parques de certas comunidades poderia resultar em tumulto, devido à atitude adversa e hostil da comunidade como um todo, e que, por isso, dever-se-ia impor-lhes restrições. Argumentavam que dar permissão às Testemunhas para estas expressarem seus pontos de vista sobre assuntos tais como saudar a bandeira, ou sua atitude com relação aos governos do mundo como "parte da organização do Diabo", poderia ser prejudicial aos interesses da maior parte da comunidade e gerar possivelmente uma deslealdade generalizada, portanto, sediciosa; assim, as restrições eram algo necessário.

Os magistrados da Suprema Corte demonstravam, em muitos casos, discernimento e clareza mental extraordinários ao penetrar em tais argumentos, provando ser eles arguciosos. Não concordavam que os direitos do indivíduo ou de uma pequena minoria impopular pudessem ser apropriadamente restringidos simplesmente porque um perigo *possível* ou *imaginário*, ou os interesses reivindicados pela grande maioria fizessem com que isto parecesse desejável. Sustentavam que, antes de aplicar-se qualquer restrição legítima limitando tais liberdades, o perigo deve ser mais que um "medo", algo que *se supõe* provável de manifestar-se. Deve ser provado que é um "perigo *claro* e *presente*", do tipo realmente existente.[13]

Quantas decisões favoráveis teriam as Testemunhas recebido se os magistrados da Suprema Corte não tivessem demonstrado tal sabedoria

[13] Veja a publicação da Sociedade *Defendendo e Estabelecendo Legalmente as Boas Novas* (em inglês), página 58.

criteriosa, tal habilidade de ver em que se baseia a verdadeira questão, tal preocupação pelo indivíduo? Suas decisões foram aplaudidas nas publicações da Sociedade. Infelizmente, entretanto, seus elevados padrões de julgamento e sua abordagem com relação a questões emocionalmente carregadas pareciam estar, com freqüência, num nível mais elevado que o evidenciado em muitas sessões do Corpo Governante. Faz lembrar a declaração de um magistrado da Suprema Corte no caso de uma determinada Testemunha. Disse ele:

> O caso se torna difícil, não porque os princípios de sua decisão são obscuros, mas porque a bandeira envolvida é a nossa. No entanto, aplicamos as limitações da Constituição sem nenhum temor de que a liberdade de ser intelectual e espiritualmente diferente ou mesmo contrário venha a desintegrar a organização social... a liberdade de divergir não está limitada a coisas que não tenham muita importância. Essa seria uma mera sombra da liberdade. O teste de sua substância consiste no direito de divergir com relação às coisas que tocam o âmago da ordem existente.[14]

A confiança expressa pelo magistrado na 'ordem social existente' e nas liberdades por esta defendidas parecia consideravelmente maior que a confiança expressa por alguns membros do Corpo Governante em suas co-Testemunhas e no resultado que sua liberdade de consciência, pudesse ter, se exercida, na "ordem Teocrática" existente. Se os magistrados da Suprema Corte tivessem raciocinado como alguns membros do Corpo Governante raciocinavam, as Testemunhas teriam provavelmente perdido um caso após outro.

As decisões da Corte são julgadas pela história. A declaração bíblica sobre um dia que na certa virá, em que cada ancião cristão "prestará contas" ao Supremo Juiz dos seus procedimentos e tratamento com o rebanho de Deus, deveria certamente dar àqueles que exercem grande autoridade entre os cristãos um sério motivo para avaliarem cuidadosamente o que fazem.[15]

Por causa do poder que a organização exerce sobre seus membros através de suas decisões e por causa da enorme repercussão que estas podem ter sobre a vida das pessoas, parece apropriado recapitular aqui um dos maiores exemplos de inconsistência verificados nos meus nove

[14] *Ibid*., página 62
[15] Hebreus 13:17.

anos no Corpo. Ainda parece difícil de acreditar que homens, que proclamavam tamanha preocupação com “uma posição intransigente”, em “manter a organização limpa”, ao evitar qualquer mancha de “mundanismo”, pudessem, ao mesmo tempo, tentar ignorar uma circunstância que só pode ser descrita como chocante. Você pode julgar a propriedade desse termo pelo que segue.

6

CRITÉRIOS DUPLOS

Os escribas e os fariseus estão sentados na cátedra de Moisés; fazei, pois, e observai tudo o que vos disseram, mas não vos reguleis por seus atos, pois eles dizem e não fazem. — Mateus 23:2, 3, *Tradução Ecumênica*.

MUITAS considerações importantes e proveitosas podem ser encontradas nas publicações da Sociedade Torre de Vigia. Os artigos, com freqüência, provêem apoio para crença num Criador, encorajam uma vida familiar salutar, exortam à honestidade, enfatizam a importância da humildade e de outras virtudes, fazendo-o com base nas Escrituras. Outros artigos denunciam vigorosamente a fraude e a hipocrisia religiosas. Considere, por exemplo, parte de um artigo publicado na revista *A Sentinela*, reproduzido na próxima página.

A Sociedade Torre de Vigia, por toda a sua história, jamais foi culpada de "tolerar e 'branquear' a transgressão e a violação das normas e dos modos justos de Deus" por parte de várias organizações e de seus líderes. As publicações da Torre de Vigia têm tomado a dianteira em divulgar, de maneira corajosa e por todo o mundo, qualquer má conduta ou evidência de hipocrisia dentro destas organizações. Têm destacado a equivalência entre a falsidade de tais líderes religiosos e a dos fariseus dos dias de Jesus. Têm manifestado a sua posição declarada de estrita aderência às normas justas, de integridade moral e retidão, bem como de procedimento honrado e honesto para com todos.

Foi exatamente isto que tornou tão desconcertante certa informação vinda à tona na mesma ocasião em que estava sendo debatida a questão do serviço alternativo dentro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. A informação vinha do México. Tão chocante quanto a própria informação, o que achei bem mais inquietante foi o forte contraste que ela revelava entre a posição adotada pela organização

Pode-se Ser Fiel a Deus, TODAVIA OCULTAR OS FATOS?

O QUE resulta quando se deixa uma mentira passar incontestada? Não ajuda o silêncio a passar a mentira como sendo verdade, a ter mais liberdade para influenciar muitos, talvez para prejuízo sério deles?

O que acontece quando se deixa que má conduta e imoralidade fiquem sem serem expostas e condenadas? Não é como encobrir uma infecção, sem empenho para curá-la e impedir que se espalhe?

Quando há pessoas em grande perigo, duma fonte de que não suspeitam, ou quando são desencaminhadas por aqueles que consideram ser seus amigos, será que é desamoroso adverti-las? Talvez prefiram não acreditar na advertência. Podem até mesmo ressentir-se dela. Mas livra isso alguém da responsabilidade moral de dar tal advertência?

PREFERE QUE SE ENCUBRA A VERDADE . . . ?

Se estiver entre os que procuram ser fiéis a Deus, as questões suscitadas por tais perguntas lhe são vitais hoje. Por quê? Porque os servos de Deus, em cada período da história, tiveram de enfrentar o desafio apresentado por tais questões. Tiveram de expor a falsidade e o proceder errado, bem como advertir as pessoas contra perigos e fraude — não só de modo geral, mas sim de modo específico, no interesse da adoração pura. Teria sido muito mais fácil ficar calados ou dizer apenas o que as pessoas queriam ouvir. Mas a fidelidade a Deus e o amor ao próximo induziram-nos a falar. Sabiam que "melhor a repreensão revelada do que o amor escondido". — Pro. 17:5.

O PADRÃO PERSISTENTE

Considere a situação do antigo Israel e o exemplo dado então pelos profetas de Deus. A transgressão tornou-se desenfreada naquela nação. A desonestidade, a violência, a imoralidade e a hipocrisia infamavam o nome de Deus, a quem os israelitas afirmavam adorar. Acolheram as pessoas a correção divina? Ao contrário, a Bíblia mostra que disseram o seguinte aos profetas de Deus:

> "'Não deveis ver', e aos que têm visões [inspiradas]: 'Não deveis visionar para nós nenhumas coisas diretas. Falai-nos coisas macias; visionai coisas enganosas. Desviai-vos do caminho; apartai-vos da vereda.'" — Isa. 30:9-11.

A maioria dos líderes religiosos procuravam a popularidade por fazerem exatamente isso, tolerando e "caiando" a transgressão e a violação das normas e dos modos justos de Deus. Mas as instruções de Deus aos seus verdadeiros profetas são exemplificadas pelo que ele disse ao profeta Ezequiel:

. . . OU DESEJA SABER OS FATOS?

"No que se refere a ti, ó filho do homem, constitui-te vigia para a casa de Is-

com relação a este país, quando comparada com a adotada em outro país, Malaui (ex-Niassalândia), país do leste africano.

Para avaliar isto, é importante conhecer certos antecedentes. A partir de 1964, as Testemunhas de Jeová em Malaui começaram a sofrer perseguição e violência numa escala raramente igualada em tempos modernos. Sucessivas ondas de ataques violentos por todo o país e de brutalidade de turbas selvagens se arrastaram sobre elas em 1964, 1967, 1972 e, novamente, em 1975. No primeiro ataque, 1.081 famílias malauis viram suas pequenas casas incendiadas ou, de outro modo, demolidas e 588 campos de plantação destruídos. Nos ataques de 1967, Testemunhas relataram os estupros de mais de mil de suas mulheres, sendo uma mãe sexualmente violentada por seis homens diferentes e sua filha de treze anos por três. Pelo menos quarenta das mulheres foram relatadas como tendo sofrido aborto em conseqüência disto. Em cada onda de violência, lamentavelmente, açoites, tortura e até assassinato passavam virtualmente sem ser reprimidos pelas autoridades e atingiam tal intensidade que milhares de famílias fugiam de seus lares e campos para os países vizinhos. Em 1972, estimativas fidedignas indicavam que 8.975 fugiram para Zâmbia e 11.600 para Moçambique. Quando a violência diminuía, as famílias se infiltravam prontamente de volta à sua pátria. Então, uma nova onda os forçava a fugirem novamente. Em adição a toda esta tragédia, estavam os relatórios, vindos dos acampamentos, sobre crianças pequenas morrendo por falta de remédio e de tratamento médico.[1]

Qual era a questão em torno da qual girava esta tempestade repetitiva de violência? Era a recusa das Testemunhas em comprar uma carteira do partido político no poder. Malaui era um estado de partido único, governado pelo Partido do Congresso de Malaui através de seu presidente, Dr. H. Kamuzu Banda, que era "presidente vitalício" do país. O escritório da filial instruía as Testemunhas de Jeová, que pediam informações, que comprar tal carteira do partido seria uma violação de sua neutralidade cristã, uma transigência e, portanto, uma

[1] Detalhes destes ataques e as condições nos campos de refugiados encontram-se no *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1965* (em inglês), página 171; revista *Despertai!* de 22 de julho de 1968, páginas 16-22; *A Sentinela* de 1º de agosto de 1968, páginas 455, 463; *Despertai!* de 8 de abril de 1973, páginas 9-28 e 22 de janeiro de 1976 páginas 3-13. Outros detalhes no livro *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, página 674, parágrafos 2 e 3.

infidelidade a Deus. A posição da filial era apoiada pela sede mundial da organização e apresentada detalhadamente nas publicações da Sociedade Torre de Vigia. A vasta maioria das Testemunhas malauis se apegavam firmemente a essa posição, embora com enormes custos para elas.

A brutalidade que era praticada contra pessoas indefesas em Malaui jamais poderá ser justificada. Não há dúvidas em minha mente quanto a isso. O governo e os funcionários do partido estavam decididos a alcançar um estado de total conformidade à sua meta de que todas as pessoas deveriam possuir uma carteira do partido; era visto como uma evidência tangível de lealdade à estrutura governamental. Os métodos usados para alcançar esse objetivo eram corruptos e criminosos.

Há, no entanto, uma séria dúvida em minha mente quanto à posição adotada pelo escritório da filial e apoiada pelo escritório central em Brooklyn. Existem várias razões para tal dúvida.

Em 1975, fui designado para escrever uma matéria sobre a última campanha de terror que estava sendo empreendida contra as Testemunhas malauis. Ao explicar por que as Testemunhas de Jeová viam a compra da carteira do partido com tanta seriedade, apresentei informações que haviam sido publicadas anteriormente, traçando um paralelo entre a posição delas e a dos cristãos de tempos primitivos que se recusavam a colocar uma pitada de incenso num altar como sacrifício ao "gênio" do imperador.[2] Na ocasião em que redigia a matéria, senti uma sensação de insegurança; seria o paralelo *completamente verdadeiro*? Não havia dúvida de que colocar incenso sobre o altar era visto como um ato de adoração. Seria comprar uma carteira do partido claramente igual a um ato de *adoração*? Não pude ver realmente qualquer argumento forte nesse sentido. Era, então, uma violação da neutralidade cristã, um rompimento da integridade para com Deus?

Não posso dizer que a minha opinião sobre o assunto tenha se cristalizado totalmente naquela ocasião, nem que eu seja atualmente dogmático sobre o ponto em questão. Mas, vieram-me à mente os seguintes pensamentos, fazendo-me perguntar quão sólido era o fundamento utilizado pela organização, de cujo Corpo Governante eu

[2] Este argumento foi apresentado na revista *Despertai!* de 8 abril de 1973, página 20. Os artigos que escrevi apareceram no exemplar da mesma publicação de 22 de janeiro de 1976.

era agora membro, para adotar uma posição definitiva e inflexível de condenar tal compra de carteira como um ato de infidelidade a Deus:

A questão se apoiava no fato de que a carteira era uma carteira "política", representando filiação a um partido "político". Para muitos e, particularmente para as Testemunhas de Jeová, a palavra "político" é vista como descrevendo algo inerentemente mau. Políticos corruptos têm, através dos séculos, contribuído para a conotação repugnante transmitida com freqüência pelo termo na atualidade. O mesmo pode ser dito, entretanto, com relação a termos tais como "piedoso", que suscitam geralmente a idéia de santimoniosidade e santidade fingida devido à hipocrisia de algumas pessoas religiosas. Apesar disso, o termo "piedoso" se relaciona realmente à reverência respeitosa e à devoção sincera a Deus; esse é o sentido básico. Similarmente, a palavra "política" leva esta definição básica:

> Sistema de regras respeitantes à direção dos negócios públicos. Arte de bem governar os povos. Princípio doutrinário que caracteriza a estrutura constitucional do Estado; atividade exercida na disputa dos cargos de governo e no proselitismo partidário.[3]

Eu sabia que a palavra "político" bem como "política" se originam da palavra grega *polis* que significa simplesmente *cidade*. Em grego, *polités* significava "cidadão" (sendo esta palavra derivada do termo latino para "cidade"), e o adjetivo *politikos* (do qual é derivado o nosso termo "político") significava "dos cidadãos, do estado." O nosso idioma recebeu estes termos através do latim e o termo latino *politia* significa simplesmente "cidadania, governo, administração". Palavras tais como "polícia" e "política" se derivam todas da mesma fonte. Obviamente, todo governo é *político* neste sentido fundamental da palavra. Cada governo da terra é uma entidade política; cada povo organizado sob uma forma particular de governo é um "estado político" (do grego *politeia*). Ser *cidadão* de qualquer país significa ser *membro* de tal estado político, gozando dos benefícios e arcando com as responsabilidades que esta condição de membro acarreta. O *grau* em que alguém pode submeter-se às ordens de tal estado político pode variar, mas a condição de membro é ainda um fato.

---

[3] *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2ª edição.

É a respeito de tais estados políticos e de seus governantes que o apóstolo Paulo escreve em Romanos, capítulo 13, exortando os cristãos a lhes serem submissos como a um "ministro" ou "servo de Deus". De fato, a atividade política pode tornar-se corrupta — e não há dúvida de que o estado político de Roma tornou-se extremamente corrupto — embora isso, em si mesmo, não torne tudo o que é político inerentemente pernicioso. Tampouco torna cidadania nacional — a condição de membro de um estado político ou nação — algo inerentemente mau. Os partidos políticos, em sua competição pelo poder, são em grande parte responsáveis pelo sentido adicional, secundário (não o básico ou elementar), que a palavra "política" pode ter, o de "conspiração ou armação de esquema por parte dos que buscam poder, glória e posição pessoais, ou coisa parecida". Isto *é* mau, mas não porque tudo o que se relaciona com a atividade política seja pernicioso, pois a ausência de atividade política significa, em seu sentido secular, a ausência de governo.

Eis o que levou ao segundo motivo de meu questionamento. Posso compreender por que alguém poderia conscienciosamente desejar estar separado da disputa política e da competição violenta que geralmente caracteriza a política *partidária*. Os fatores que me fizeram pensar seriamente sobre a situação em Malaui, todavia, foram que ele era, e até recentemente permaneceu *um estado de partido único*. O Partido do Congresso de Malaui era o partido governante do país, sem que fossem permitidos outros partidos. Tornara-se portanto equivalente, *em sentido real*, ao próprio governo, à "autoridade superior." Se alguém pode ser cidadão, e, por conseguinte, membro da comunidade política nacional, sem violar a integridade para com Deus, onde está a evidência para provar que ser submisso à insistência do governo (expressa desde a partir do chefe de estado), no sentido de que "*todos* têm de comprar uma carteira do partido governante", constitui uma violação da integridade para com Deus? Eu me perguntava então e ainda me pergunto, quão grande é a diferença?

Acima de tudo, pergunto-me, caso se encontrassem numa situação similar nos tempos bíblicos, teriam Abraão, Daniel, Jesus e seus apóstolos, ou os cristãos primitivos visto a submissão a tais ordens governamentais da mesma maneira como a organização a tem apresentado?

Admita-se que não houvesse nenhuma *lei* verdadeira adotada em Malaui, que exigisse a compra da carteira, mas teria tal princípio técnico sido visto por Jesus Cristo como decisivo diante das declarações feitas por todo o país pelas autoridades governantes?[4] Como teriam os cristãos do primeiro século visto isso, tomando em consideração a exortação do apóstolo, "Rendei a todos o que lhes é devido, a quem exigir imposto, o imposto; a quem exigir tributo, o tributo; a quem exigir temor, tal temor; a quem exigir honra, tal honra"?[5]

Submeter-se então a tais ordens, como agora, seria certamente condenado por alguns como uma "transigência", uma "rendição" às ordens das autoridades políticas. Mas estou certo que, nos dias de Jesus, havia muitos judeus devotos que achavam que, aceitar alguém as ordens de um oficial militar do odiado Império Romano para que levasse certa bagagem por uma milha, seria igualmente detestável; muitos prefeririam sofrer maus-tratos a submeter-se. Ainda assim, Jesus disse para submeter-se e ir, não apenas uma milha, mas duas![6] Para muitos de seus ouvintes, este conselho era sem dúvida repugnante, tendo gosto de rendição covarde em vez de devoção inquebrantável a uma posição de não colaboração com autoridades estrangeiras, gentias.

De uma coisa fiquei eventualmente convencido, de que eu precisaria estar muito confiante de que a posição adotada fosse solidamente fundamentada na Palavra de Deus, e não em meros raciocínios humanos, antes de poder pensar em defendê-la ou divulgá-la, particularmente em vista das graves conseqüências ocasionadas. Não sentia mais confiança de que as Escrituras davam realmente tal apoio *claro* e *inequívoco* à política adotada com respeito à situação em Malaui. Eu podia compreender como alguém poderia sentir-se impelido pela consciência a recusar-se a comprar tal carteira e, se era esse o caso, *deveria* então recusar-se, em harmonia com o conselho do

[4] Compare com Mateus 17:24-27, onde Jesus declara que certo imposto não se aplicava corretamente a ele, mas recomenda, todavia, a Pedro que o pague para 'não ofender as autoridades.'

[5] Romanos 13:7.

[6] Mateus 5:41.

apóstolo em Romanos capítulo 14, versículos de 1 a 3 e versículo 23.[7] Mas não conseguia ver o princípio básico de alguém impor sua consciência a outro neste assunto, nem de apresentar tal posição como um padrão rígido a ser seguido pelos outros, particularmente sem maior apoio das Escrituras e dos fatos.

Em contraste com tal cenário de acontecimentos relacionados com Malaui, considere agora a informação que veio à tona durante a discussão do Corpo Governante sobre a questão do serviço alternativo. Muitas das declarações emitidas pelos membros ao debater esta questão refletiam a atitude estrita, inflexível com que eram encorajadas as Testemunhas malauis. Fizeram-se declarações como estas:

> Mesmo se houver um pequeno indício de transigência ou de dúvida, não devemos fazê-lo.
>
> Não deve haver transigência alguma... Novamente, é preciso esclarecer que a posição de neutralidade, como a de 'não fazer parte do mundo', mantendo-se livres desses poderes do mundo — a religião, a política e o militarismo — não os apoiando, quer direta quer indiretamente, é a posição a ser abençoada por Jeová. Não queremos nenhuma área de indefinição, queremos saber exatamente onde nos posicionamos como cristãos não comprometidos.[8]
>
> ...fazer trabalho civil no lugar do serviço militar é... um reconhecimento tácito ou implícito da obrigação de alguém para com a máquina de guerra de César... Portanto, não se pode exigir do cristão que apóie a instituição militar, quer direta quer indiretamente.[9]
>
> Para uma das Testemunhas de Jeová dizer a um juiz que está disposta a aceitar trabalho num hospital ou trabalho similar, seria fazer um 'acordo' com o juiz e estaria violando a integridade dela para com Deus."[10]
>
> Aceitar o serviço alternativo é uma forma de apoio moral ao sistema.[11]

---

[7] Declaram estes versículos: "Acolhei o homem que tem fraquezas na sua fé, mas não para fazer decisões sobre questões subjetivas. Um homem tem fé para comer de tudo, mas o homem que é fraco come hortaliças. Quem come não menospreze ao que não come, e quem não come não julgue aquele que come, pois Deus tem acolhido a esse." "Mas, se tiver dúvidas, já está condenado, se comer, porque não come em fé. Deveras, tudo o que não vem da fé é pecado."

[8] Extraído do memorando apresentado por Lloyd Barry, membro do Corpo Governante.

[9] Extraído do memorando de Karl Klein, membro do Corpo Governante.

[10] Extraído de declarações de Fred Franz, membro do Corpo Governante, e parafraseada numa carta de William Jackson a Paul Trask.

[11] Extraído da carta da Comissão de Filial da Dinamarca, citado no memorando de Lloyd Barry.

> Devemos ter uma posição unida em todo o mundo. Devemos ser decisivos neste assunto... Se tivéssemos de conceder esta amplitude aos irmãos, teríamos problemas. Os irmãos precisam ter suas consciências educadas.[12]
>
> Se cedermos diante de César, não é dado então nenhum testemunho.[13]
>
> Os que aceitam este serviço substituto estão adotando uma saída fácil.[14]

O que acho surpreendente é que, ao mesmo tempo em que se faziam estas declarações enérgicas e inflexíveis, os que as proferiam estavam cientes da situação no México. Quando forneci a cada membro do Corpo Governante uma cópia do levantamento dos relatórios das comissões de filial sobre o serviço alternativo, incluí o material enviado pela comissão de filial do México. Incluía esta parte que tratava da "Cartilla de Identidade do Serviço Militar" ("cartilla" significa certificado):

> A "Cartilla do Serviço Militar" deve ser obtida por se dar cumprimento ao serviço militar durante um ano. Os que portam a Cartilla têm a obrigação de apresentar-se quando a nação os convocar, seja pela mobilização de forças ou, pelo menos, para efeito de apresentação. (Artigos 136 a 139, página 6)
>
> Entretanto, embora a lei proíba os militares ou membros dos Órgãos de Alistamento de confeccionarem "Cartillas" por meios ilegais, tais como pagamento, a grande maioria dos funcionários violam estas leis. (Artigos 50 e 51, página 21; Artigo 3, página 29; Instrução Normativa número 1, de 16 de setembro de 1977, página 2, parágrafos 3 e 4)
>
> Praticamente qualquer pessoa, sob qualquer pretexto, pode evitar o serviço militar e pagar a um funcionário para anotar supostos comparecimentos à instrução semanal, (dando a impressão de um comparecimento regular) ou pagar na mesma ocasião para que o documento lhes seja fornecido devidamente legalizado. No México, isto é muito comum. O governo mexicano está tentando impedir que os funcionários confeccionem documentos do serviço militar para pessoas que não tenham prestado tal serviço, quando não houver nenhuma justificativa de acordo com a lei. Disse recentemente um general, quando o Presidente da República, Licenciado Jose Lopez Portillo,

[12] Extraído de declarações do membro Ted Jaracz.
[13] Extraído de declarações do membro Carey Barber.
[14] Extraído de declarações do membro Fred Franz.

> esteve numa cerimônia de juramento à bandeira, em 5 de maio de 1978, perante quase 100.000 jovens recrutas, que "o exército não tolerará operações ilegais para receber 'Cartilla' do Serviço Militar". Prosseguiu o general: "tornamo-nos responsáveis pela erradicação, num curto período de tempo, das últimas saliências de ilegalidade no serviço e teremos sucesso em fazer com que todos os jovens possam ir às Juntas de Alistamento Municipais a fim de receber suas 'Cartillas'." (Veja El Heraldo, 6 de maio de 1978)

Qual era a posição das Testemunhas de Jeová quanto a tais "operações ilegais" em conexão com esta lei? A carta da comissão da filial prossegue dizendo:

> Os publicadores jovens no México não têm tido nenhuma dificuldade com relação ao serviço militar. Embora as leis sobre o serviço militar sejam muito específicas, geralmente não são impostas de maneira rigorosa. Se um publicador, ao chegar à idade do serviço militar, não se apresentar voluntariamente diante de um junta de alistamento, não é intimado a fazê-lo. Por outro lado, aqueles que têm sua "cartilla" e estão numa das reservas nunca foram convocados. Eles têm apenas de ir para carimbar sua "cartilla" quando se transferir de uma reserva para outra, mas isto não envolve qualquer cerimônia exceto apenas apresentar-se num escritório encarregado de carimbar a "cartilla".
>
> A "cartilla" tornou-se um documento de identificação. É usada como documento de identificação quando alguém pede emprego, embora não seja indispensável. Para obter-se um passaporte, este documento é indispensável. Ninguém pode deixar o país sem a "cartilla", a menos que consiga uma permissão especial das autoridades militares. Publicadores que desejarem adquirir uma "cartilla" vão a uma das juntas de alistamento registrar-se e receber imediatamente sua "cartilla", mas isto, naturalmente, não está encerrado, isto é, ela não está legalizada. Então, a fim de legalizá-la, vão a alguma pessoa de influência que eles conheçam ou diretamente a um funcionário. Para isto, têm de pagar certa quantia em dinheiro (conforme o que possa ser solicitado). Desta forma, adquirem os publicadores sua "cartilla", ou a maioria dos que a possuem.

Em resumo, no México, homens em idade de alistamento são obrigados a passar por uma jornada de treinamento militar durante o período de um ano. Por ocasião do registro, o inscrito recebe um

certificado ou "cartilla" com espaços para anotação de comparecimento às aulas semanais de instrução militar. É ilegal e punível qualquer funcionário preencher este registro de comparecimento caso o inscrito não tenha realmente comparecido. Mas os funcionários podem ser subornados para agirem dessa forma, e muitos homens no México o têm feito. Segundo a comissão do escritório da filial, esta é também uma prática comum entre as Testemunhas de Jeová no México. Por quê? Note o que continua a dizer a declaração da filial:

> A posição dos irmãos no México relacionada com este assunto foi considerada anos atrás pela Sociedade, e dispomos da orientação que temos seguido desde então quando os irmãos vêm à Sociedade em busca de informação sobre este assunto. (Veja a cópia fotostática em anexo.)

Qual era a orientação provida pela Sociedade que o escritório da filial no México vinha seguindo durante anos? Como foi ela fornecida? Como se comparavam a orientação provida, com a posição adotada em Malaui e as declarações enérgicas, inflexíveis, expressas pelos membros do Corpo Governante contra até mesmo "um pequeno indício de transigência", contra qualquer forma de "apoio moral", "quer diretamente quer indiretamente", à instituição militar?

Fiz uma viagem ao México alguns dias após a reunião do Corpo Governante de 15 de novembro de 1978, a qual havia resultado num impasse sobre a questão do serviço alternativo. Fui designado para visitar o escritório da filial do México, bem como os de vários países da América Central. Durante minha reunião com a comissão de filial do México, eles trouxeram à atenção a prática descrita em seu relatório. Disseram que a terrível perseguição suportada pelas Testemunhas de Jeová em Malaui por causa da sua recusa de comprar uma carteira do partido tinha feito com que muitas Testemunhas no México se sentissem perturbadas em sua consciência. Esclareceram, entretanto, que seu conselho às Testemunhas mexicanas se harmonizava plenamente com o conselho que o escritório da filial havia recebido da sede mundial. Que conselho era esse? Pode parecer difícil para alguns acreditar que o conselho dado fora realmente dado, mas esta é a prova apresentada pela comissão da filial. Primeiro vem esta carta:

February 4, 1960 No. 123

N. H. Knorr
124 Columbia Heights
Brooklyn 1, New York

Dear Brother Knorr:

We have two questions that we would like the Society's policy on. First we have a case where the father of the girl is congregation servant. The girl is married and her husband as well as she were publishers and living with the father who is congregation servant. The son-in-law is disfellowshiped because he had another woman. Over a period of some years this son-in-law raises two families - one by his legal wife and sister in the truth and lives with her in the home of his father-in-law who is congregation servant and at the same time has his other woman and raises a family by her. Of course he is disfellowshiped all this time. Because of the father-in-law of this wicked man permitting him to live with his daughter in his own house has caused much confusion and dissention in the congregation until the number of publishers has dropped over the years and the congregation (unit) is in a very bad condition. The question is, does the daughter have the right to live with this man? He is her legal husband it is true but at the same time retains another family. Is the father-in-law doing right to permit this man to live with his daughter (a sister) in his house? We would like the Society's policy in such a case so we can handle this case.

Another thing that has to be contended with here is the law to march as part of the military training program. After "marching" for 1 year you get a card showing you have marched your 1 year and this card is your basic document to secure a passport, driver's liscence and in fact many legal transactions. The brothers understand the Christian's position of neutrality with regard to such matters but many brothers pay money to certain officials and they arrange for their marching card. Is this action right? If a brother actually marches we apply the policy that they have comprimized and we will not appoint them as servants for at least 3 years. But here a brother who probably is a servant or circuit servant has his marching card which he uses now and then in such legal transactions but he has not marched. What is correct in this regard? It is and has been the custom among the brothers to pay this sum of money and secure their marching cards and many of them are now serving as circuit servants and congregation servants. Are they living a lie? Or is it just one of those things in this crookked system of things? Shall we pass it by or should something be done about it? There are so many irregularities in this country. A cop pulls you over for some traffic violation and works for his "mordida" or little bribe of 40 cents. Everyone knows he has no right to do it but they give him the 5 pesos in order to avoid going to the police station and be charged 50 pesos and waste much time. It is a habit here, common practice. Is the marching card the same? Your counsel on this will be appreciated.

With you serving Jehovah,

Tradução

4 de fevereiro de 1960 Nº 123

N. H. Knorr
124 Columbia Heights
Brooklyn 1, Nova York

Prezado irmão Knorr:

Temos duas perguntas que gostaríamos de submeter à diretriz da Sociedade. Primeiro, temos um caso em que o pai da moça é servo de

congregação. A moça é casada e seu marido, bem como ela, eram publicadores e estavam morando com o pai que é servo de congregação. O genro é desassociado porque tinha outra mulher. Durante um período de alguns anos, este genro cria duas famílias — uma com a sua esposa legal e irmã na verdade, vivendo com ela na casa de seu sogro que é servo de congregação e tem, ao mesmo tempo, a sua outra mulher e cria uma família com ela. Evidentemente, ele está desassociado há todo este tempo. Devido ao sogro deste homem iníquo permitir-lhe viver com sua filha em sua própria casa, tem-se provocado muita confusão e dissensão na congregação ao ponto do número de publicadores ter caído com os anos e a congregação (unidade) estar numa condição muito ruim. A pergunta é: tem a filha o direito de viver com este homem? Ele é seu marido legal, é verdade, mas, ao mesmo tempo, mantém outra família. Está o sogro agindo corretamente ao permitir que este homem viva com sua filha (uma irmã) em sua casa? Gostaríamos de dispor das normas da Sociedade em tal situação de modo que possamos cuidar deste caso.

Outra coisa que tem de ser discutida aqui é a lei de marchar como parte do programa de treinamento militar. Depois de "marchar" por um ano, consegue-se a carteira provando que cumprimos com nosso ano de marcha e esta carteira é nosso documento básico para garantir-nos um passaporte, carteira de motorista e, de fato, muitas transações legais. Os irmãos compreendem a posição cristã de neutralidade com relação a tais assuntos mas muitos irmãos fazem pagamento em dinheiro a certos funcionários e eles põem em ordem sua carteira de marcha. É este procedimento honesto? Quando um irmão realmente marcha, aplicamos a norma de que eles transigiram e não os designamos como servos durante pelos menos três anos. Mas aqui um irmão, que provavelmente é servo ou servo de circuito tem sua carteira de marcha, a qual usa de vez em quando em suas transações legais, mas sem ter marchado. O que é correto neste respeito? O costume entre os irmãos é e tem sido pagar por isto uma quantia em dinheiro e garantir sua carteira de marcha, e muitos deles estão servindo atualmente como servos de circuito e servos de congregação. Estão eles representando uma farsa? Ou é simplesmente uma dessas coisas deste sistema de coisas fraudulento? Devemos deixá-lo passar ou deve ser feita alguma coisa em relação a isso? Existem irregularidades neste país. O guarda o faz parar no acostamento e trabalha por sua "mordida" ou pequeno suborno de quarenta centavos. Todo mundo sabe que ele não tem nenhum direito de fazer isso, mas lhe dão cinco pesos para escapar de ir à delegacia, ser multado em cinqüenta pesos e

perder muito tempo. É um hábito aqui, uma prática geral. Significa a carteira de marcha o mesmo? Seu conselho sobre isto será apreciado.

Unidos no serviço de Jeová,

O que você acabou de ler é uma cópia de uma carta da filial do México ao presidente da Sociedade, cujo segundo parágrafo mostra a pergunta feita pela filial visando uma resposta sobre o pagamento de subornos em troca de um documento militar falsificado. (A cópia é da cópia a carbono, guardada pela filial, que, diferente do original, não leva costumeiramente assinatura.)

Que resposta foi dada à indagação deles? A resposta da Sociedade veio numa carta de duas páginas, datada de 2 de junho de 1960. A segunda página tratava da questão militar sobre a qual se escreveu. Esta é a página da carta que a comissão da filial me apresentou, contendo o conselho da Sociedade sobre suas perguntas.

La Torre Del Vigia
Calzada Melchor Ocampo No. 71
Mexico 4, D.F.
Mexico

June 2, 1960 (157) Page Two

course as that described above would not be necessary. The major stumblingblock, namely, the man's adultery, would be removed. Consequently the matter will have to be presented very straight and unmistakenably to both the congregation servant and his daughter. The congregation servant will have to make the first move in the right direction in the interests of the congregation to which he by his course is a stumblingblock now if he refuses to eject the adulterous son-in-law and continues to furnish offense to the congregation, disturbing its unity and peace of heart and mind. If he chooses not to follow this course, then he must be removed from his position as congregation servant.

As to those who are relieved of military training by a money transaction with the officials who are involved therewith, this is on a par with what is done in other Latin American countries where brothers have paid for their relief through some military official in order to retain their freedom for theocratic activities. If members of the military establishment are willing to accept such an arrangement upon the payment of a fee then that is the responsibility of these representatives of the national organization. In such a case the money paid does not go to the military establishment, but is appropriated by the individual who undertakes the arrangement. If the consciences of certain

brothers allow them to enter into such an arrangement for their continued freedom we have no objection. Of course, if they would get into any difficulties over their course of action then they would have to shoulder such difficulties themselves, and we could not offer them any assistance. But if the arrangement is current down there and is recognized by the inspectors who do not make any inquiries into the veracity of the matter then the matter can be passed by for the accruing advantages. Should a military emergency arise and confront these brothers with their marching card it would oblige them to make a decision by which they could not extricate themselves by a money payment and their mettle would be tested and they would have to demonstrate outright where they stand and prove that they are in favor of Christian neutrality in a determinative test.

Faithfully yours in the Kingdom ministry,

Watch Tower B.&T. Society
OF PENNSYLVANIA

Tradução do segundo parágrafo, referente ao serviço militar:

Com relação aos que são isentos do treinamento militar por meio de uma transação monetária com os funcionários nela envolvidos, assemelha-se ao que é feito em outros países latino-americanos, nos quais os irmãos têm gratificado algum funcionário militar pela isenção, a fim de preservar sua liberdade para atividades teocráticas. Se os membros da instituição militar estiverem dispostos a aceitar tal arranjo, com base no pagamento de uma gratificação, então isso é responsabilidade destes representantes da organização nacional. Em tal situação, o dinheiro pago não vai para a instituição militar, mas fica na posse do indivíduo encarregado do arranjo. Se a consciência de certos irmãos os permite participar de tal arranjo visando continuar em liberdade, não temos nenhuma objeção. Evidentemente, caso se envolvam em quaisquer dificuldades por causa de seu modo de agir, então terão de arcar eles mesmos com tais dificuldades, e nós não poderemos prestar-lhes nenhuma assistência. Mas, se o arranjo é comum aí e é aceito pelos fiscais, os quais não fazem nenhuma investigação sobre a veracidade do assunto, então o problema pode ser ignorado pelas suas vantagens de crescimento. Caso surja uma emergência militar e sejam estes irmãos confrontados com sua carteira de marcha, serão obrigados a tomar uma decisão da qual não poderão safar-se por meio de pagamento em dinheiro e a sua integridade será

provada, tendo de demonstrar prontamente qual é a sua posição e provar que são a favor da neutralidade cristã num teste decisivo.

Lealmente a seu dispor no ministério do Reino,

Sociedade Torre de Vigia de B. e T.
de Pensilvânia

Embora a carta da filial fosse dirigida ao presidente Knorr, a resposta, que leva a assinatura carimbada da corporação, foi evidentemente escrita pelo vice-presidente Fred Franz, que, conforme dito anteriormente, era regularmente consultado pelo presidente Knorr a fim de formular princípios sobre assuntos desta natureza. A linguagem é típica do vice-presidente.

As declarações contidas nesta carta são dignas de nota. Seria útil deter-se um pouco para voltar atrás e compará-las com as declarações anteriormente relacionadas dos membros do Corpo Governante ao debaterem a questão do serviço alternativo, declarações feitas então sem rodeios e sem pautar-se por uma linguagem amena, mas que eram muitas vezes duras e até agressivas.

Nesta resposta à indagação do México, evita-se a palavra "suborno", substituindo-a pelas referências a "uma transação monetária", a "pagamento de uma gratificação". A ênfase recai sobre o fato de que o dinheiro vai para um indivíduo em vez de ir para a "instituição militar", indicando aparentemente que isto realça, de alguma maneira, o aspecto moral do "negócio". A carta fala do arranjo como sendo "comum aí" e diz que, enquanto os fiscais não investigarem a "veracidade do assunto", pode ser "ignorado" em função das "vantagens de crescimento". Encerra mencionando a manutenção da integridade em algum possível "teste decisivo" no futuro.

Se esta mesma mensagem fosse colocada no mesmo tipo de linguagem dos membros do Corpo Governante ouvida nas sessões em que se debatia o serviço alternativo, creio que sua leitura se pareceria mais com a seguinte:

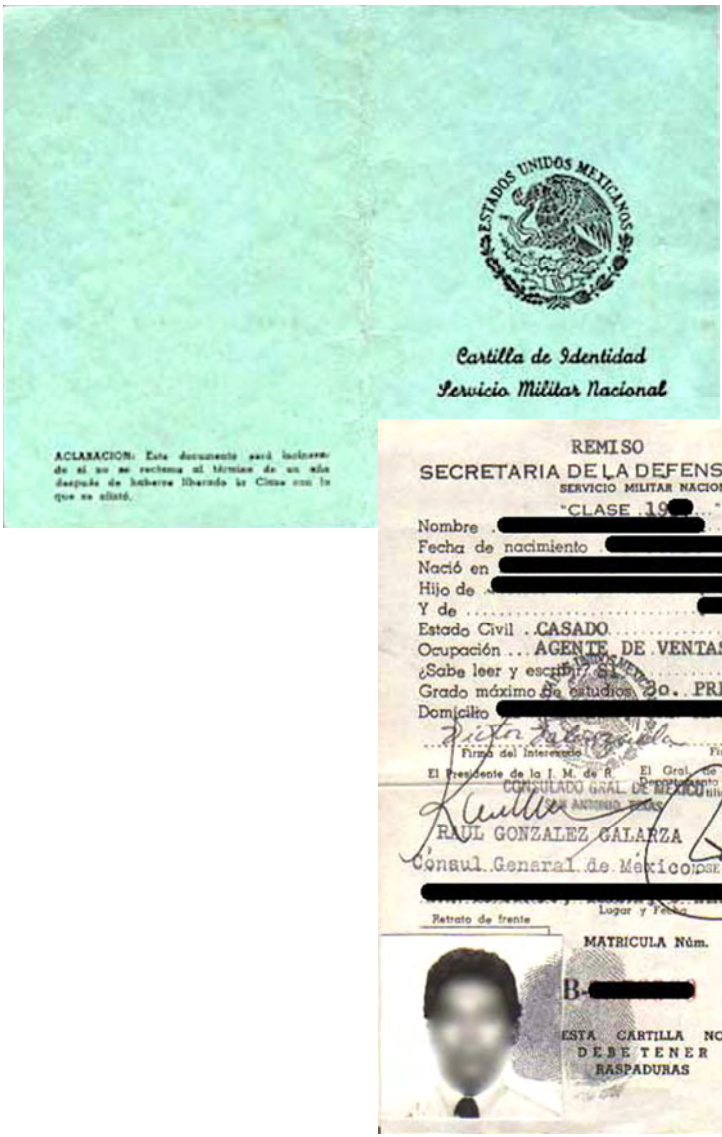
Pagar subornos a funcionários corruptos é prática das Testemunhas de Jeová em outros países latino-americanos. Se os homens da máquina de guerra estiverem dispostos a ser subornados, o risco é

> deles. Pelo menos, não se está pagando o suborno à própria máquina de guerra em si — simplesmente a um coronel ou oficial que embolsa o suborno para si. Se a consciência dos irmãos lhes permitir fazer um 'negócio' com algum funcionário encarregado da 'receptação', não faremos objeção alguma. Evidentemente, se houver problema, não deverão voltar-se para nós em busca de ajuda. Já que todo mundo lá está fazendo isso e os fiscais não fazem nenhuma questão quanto aos documentos falsificados, então vocês do escritório da filial podem simplesmente desviar também a sua vista. Se vier uma guerra, haverá tempo suficiente para ficarem apreensivos quanto a enfrentar corajosamente a questão da neutralidade.
>
> Lealmente ao seu dispor no ministério do Reino
>
> **...**

Não é minha intenção ser sarcástico e não creio que essa colocação constitua sarcasmo. Creio que seja uma apresentação razoável do conselho da Sociedade ao escritório da filial do México posta em linguagem realista, livre de eufemismos; linguagem mais parecida com a usada nas mencionadas reuniões do Corpo Governante.

Um motivo pelo qual esta informação é pessoalmente tão chocante para mim é que, no exato momento em que a carta afirmava que a Sociedade não tinha "nenhuma objeção" caso as Testemunhas no México, confrontadas com a convocação para treinamento militar, achassem conveniente "safar-se por meio de pagamento em dinheiro", havia dezenas de jovens na República Dominicana gastando anos preciosos de sua vida na prisão; porque tinham se recusado a um tipo idêntico de treinamento. Alguns, tais como Leon Glass e seu irmão Enrique, foram condenados duas ou três vezes devido à sua recusa, desperdiçando um total de até nove anos de sua juventude na prisão. O presidente e o vice-presidente da Sociedade tinham visitado a República Dominicana durante esses anos e fizeram-se até visitas à prisão onde muitos destes jovens estavam detidos. Eu não podia compreender como se podia estar ciente da situação destes prisioneiros dominicanos e, ainda assim, aplicar tal critério duplo.

(*continua na página 155*)



ESTADOS UNIDOS MEXICANOS

Cartilla de Identidad
Servicio Militar Nacional

ACLARACION: Este documento será inclusive de si no se reclama al término de un año después de haberse liberado la Clase con la que se alistó.

REMISO
SECRETARIA DE LA DEFENSA NACIONAL
SERVICIO MILITAR NACIONAL
"CLASE 19[redacted]"

Nombre [redacted]
Fecha de nacimiento [redacted]
Nació en [redacted]
Hijo de [redacted]
Y de [redacted]
Estado Civil CASADO
Ocupación AGENTE DE VENTAS
¿Sabe leer y escribir? SI
Grado máximo de estudios 3o. PREPARATORIA
Domicilio [redacted]

Firma del Interesado — Firma del Operador

El Presidente de la J. M. de R. — El Gral. de Bgda. DEM., Jefe del Departamento de Reclutamiento e Identificación Militar

CONSULADO GRAL. DE MEXICO
SAN ANTONIO, TEXAS
RAUL GONZALEZ GALARZA
Cónsul General de México
JOSE CORTES ALFAN
(SUBJEFE)

[redacted]
Lugar y Fecha

Retrato de frente — Huella digital

MATRICULA Núm.
B-[redacted]

ESTA CARTILLA NO DEBE TENER RASPADURAS

A "cartilla" do serviço militar do México, que era obtida ilegalmente (mediante suborno) pelas Testemunhas de Jeová daquele país.

Quatro anos depois de haver sido dado aquele conselho ao México, ocorreu a primeira irrupção de ataques violentos contra as Testemunhas de Jeová em Malaui (1964) e levantou-se a questão do pagamento da carteira do partido. A posição adotada pelo escritório da filial de Malaui era que, fazer isso, seria uma violação da neutralidade cristã, uma transigência desonrosa para o verdadeiro cristão. A sede mundial sabia que esta era a posição adotada. Pouco depois, a violência diminuiu e estourou então outra vez em 1967 de maneira tão furiosa que milhares de Testemunhas foram forçadas a fugir de seu país. Os relatórios sobre as terríveis atrocidades chegavam em número crescente, inundando a sede mundial.

Que efeito teve sobre eles e suas consciências no que se refere à posição adotada no México? Em Malaui, Testemunhas estavam sendo espancadas e torturadas, mulheres estavam sendo estupradas, lares e campos estavam sendo destruídos, e famílias inteiras estavam fugindo para outros países (Veja o livro *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, página 674), decididas a apegar-se à posição da organização de que pagar por uma carteira do partido era um ato de deslealdade. Ao mesmo tempo, no México, Testemunhas estavam *subornando* funcionários militares para preencherem um certificado declarando falsamente que tinham cumprido com suas obrigações militares e, quando iam ao escritório da filial, o pessoal de lá seguia o conselho da Sociedade e não dizia nada que indicasse de maneira alguma que esta prática fosse inconsistente com as normas da organização ou com os princípios da Palavra de Deus. *Tendo conhecimento disto,* como foram afetados os de posição mais elevada na organização? Considere:

Nove anos depois de a filial do México ter escrito a sua primeira carta, escreveram uma segunda carta datada de 27 de agosto de 1969, também endereçada ao presidente Knorr. Desta vez, eles enfatizaram um ponto específico que achavam ter sido passado por alto. Esta é uma amostra da matéria das páginas três e quatro da carta, que me foi fornecida pela comissão da filial. Sublinhei o ponto principal focalizado pela filial.

Question. During the branch meetings in June the matter was discussed which is presented on pages 34 and 35 of the "Aid to Answering." Due to the way the military question has been handled over the years here I brought the matter to the attention of some of the brothers there but since I thought I might not have some of the details of the matter in mind it was thought best to wait and write from here and then get an answer. After checking back in the files we have found a letter dated February 4, 1960, No. 123, in which the question was asked as to what to do because many were paying a sum of money to obtain the legal document given to those of draft age. However, it was not mentioned in the question that when this document is obtained it places the receiver in the first reserve subject to being called if and when an emergency should arise which the army in uniform could not handle. So our question is this: Does this change the policy set out in your letter of June 2, 1960 (157) Page Two which answered our letter mentioned above? Your letter said this: "As to those who are relieved of military training by a money transaction with the officials who are involved therewith, this is on a par with what is done in other Latin American countries where brothers have paid for their relief through some military official in order to retain their freedom for theocratic activities. If members of the military establishment are willing to accept such an arrangement upon the payment of a fee then that is the responsibility of these representatives of the national organization. In such a case the

---

Watch Tower Bible and Tract Society
Office of the President
124 Columbia Heights
Brooklyn, New York 11201

August 27, 1969 Page 4 No. 182

money paid does not go to the military establishment, but is appropriated by the individual who undertakes the arrangement. If the consciences of certain brothers allow them to enter into such an arrangement for their continued freedom we have no objection. Of course, if they would get into any difficulties over their course of action then they would have to shoulder such difficulties themselves, and we could not offer them any assistance. But if the arrangement is current down there and is recognized by the inspectors who do not make any inquiries into the veracity of the matter then the matter can be passed by for the accruing advantages. Should a military emergency arise and confront these brothers with their marching card it would oblige them to make a decision by which they could not extricate themselves by a money payment and their mettle would be tested and they would have to demonstrate outright where they stand and prove that they are in favor of Christian neutrality in a determinative test." What has been quoted from your letter is what has been followed but it seems that there would be some modification in this when it is considered that these brothers are in the first reserves. Of course, it appears that Jehovah's blessing has been on his servants here because the work has progressed very well over the years and this even though the majority of the circuit and district servants and those in the Bethel family have followed this procedure. We would very much appreciate having some information from you on this matter if a change should be made or not. If a change is made and this procedure is not followed then the brothers could not obtain a passport but they can always attend an assembly in the country. If a change is made what will be the position of those in the first reserves? How should this be handled? We will await your answer on the matter.

The construction of our new building is progressing very well and we look forward to seeing it finished and in use to Jehovah's praise and to build up the brothers by the assemblies to be held there. Be assured of my love and best wishes.

Your brother and fellow servant,

Tradução

Pergunta. Durante as reuniões da filial em junho, discutiu-se o assunto, o qual é apresentado nas páginas 34 e 35 do "Ajuda Para Responder". Devido ao modo como a questão militar tem sido tratada ao longo dos anos aqui, eu trouxe o assunto à atenção de alguns dos irmãos daí, porém, já que achei que eu podia não ter em mente alguns dos detalhes do assunto, achou-se melhor esperar e escrever daqui e obter então a resposta. Ao fazermos uma revisão nos arquivos antigos, encontramos uma carta de 4 de fevereiro de 1960, nº 123, na qual se fez a pergunta quanto ao que fazer em vista dos muitos que estavam pagando uma quantia em dinheiro para receber o documento legal dado aos em idade de serviço militar. No entanto, não foi mencionado na pergunta que, quando se recebe este documento, o recebedor é enquadrado como reservista de primeira classe, sujeito a ser convocado caso venha a surgir eventualmente uma emergência de que o exército da ativa não possa dar conta. Portanto, esta é a nossa pergunta: Muda isto a norma apresentada em sua carta de 2 de junho de 1960 (157), página 2, a qual responde nossa carta acima mencionada? Eis o que o dizia a sua carta: "Com relação aos que são isentos do treinamento militar por meio de uma transação monetária com os funcionários nela envolvidos, assemelha-se ao que é feito em outros países latino-americanos, nos quais os irmãos têm gratificado algum funcionário militar pela isenção, a fim de preservar sua liberdade para atividades teocráticas. Se os membros da instituição militar estiverem dispostos a aceitar tal arranjo, com base no pagamento de uma gratificação, então isso é responsabilidade destes representantes da organização nacional. Em tal situação, o dinheiro pago não vai para a instituição militar, mas fica de posse do indivíduo encarregado do arranjo. Se a consciência de certos irmãos os permite participar de tal arranjo visando continuar em liberdade, não temos nenhuma objeção. Evidentemente, caso se envolvam em quaisquer dificuldades por causa de seu modo de agir, então terão de arcar eles mesmos com tais dificuldades, e nós não poderemos prestar-lhes nenhuma assistência. Mas, se o arranjo é comum aí e é aceito pelos fiscais, os quais não fazem nenhuma investigação sobre a veracidade do assunto, então o problema pode ser ignorado pelas suas vantagens de crescimento. Caso surja uma emergência militar e sejam estes irmãos confrontados com sua carteira de marcha, serão obrigados a tomar uma decisão da qual não poderão safar-se por meio de pagamento em dinheiro e a sua integridade será provada, tendo de

demonstrar prontamente qual é a sua posição e provar que são a favor da neutralidade cristã num teste decisivo." O que foi citado da sua carta é o que tem sido seguido, mas parece que deveria haver alguma modificação nisso quando se considera que estes irmãos são reservistas de primeira classe. Naturalmente, a impressão é que a bênção de Jeová tem estado com seus servos daqui, já que a obra tem progredido muito bem durante os anos e isto apesar de a maioria dos servos de circuito e distrito e daqueles que servem na família de Betel haverem seguido este procedimento. Apreciaríamos muito contar com alguma informação dos irmãos sobre este assunto quanto a se se deve fazer uma mudança ou não. Caso se faça uma mudança e este procedimento não seja seguido, os irmãos não poderão então receber um passaporte, contudo, podem sempre assistir a assembléias no país. Caso seja feita uma mudança, qual será a situação dos que são reservistas de primeira classe? Como deverá isto ser tratado? Estamos à espera de sua resposta sobre o assunto.

A construção do nosso novo prédio está progredindo muito bem e ansiamos por vê-lo terminado e em funcionamento para o louvor de Jeová e para a edificação dos irmãos pelas assembléias a serem realizadas lá. Estejam certos do nosso amor e melhores votos.

Seu irmão e conservo,

A resposta enviada, com data de 5 de setembro de 1969, traz o carimbo da sociedade de Nova York, mas o símbolo antes da data indica que foi escrita pelo presidente através de um secretário ("A" é o símbolo do presidente e "AG" é o símbolo mantido por um de seus secretários). Tendo em mente que a sede mundial estava plenamente informada do sofrimento horrendo pelo qual as Testemunhas de Jeová em Malaui já tinham passado em 1964 e em 1967 por recusarem-se firmemente a pagar pela carteira do partido, quando forçadas a isto pelo governo de seu país, considere a resposta enviada a 5 de setembro de 1969, atendendo à consulta da filial do México.

TELEPHONE (212) 858-1340

WATCHTOWER
BIBLE AND TRACT SOCIETY
OF NEW YORK, INC.

CABLE WATCHTOWER

117 ADAMS STREET, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A.

A/AG September 5, 1969

Mexico Branch

Dear Brothers:

We have your letter of August 27 (182) in which you ask a question about brothers who had registered in Mexico and are now in the first reserves.

The letter that you quoted of February 4, 1960 (123) covers the whole matter. There is nothing more to be said. The responsibility will be upon these individuals if they are ever called up as to what they are going to do and that is soon enough to take any action. In the meantime these brothers who have registered and who have paid a fee are free to go ahead in the service. Not that we are giving our approval in this matter, but it is their conscience, not ours, that has allowed them to take the course of action that they have taken. If their conscience allows them to do what they have done and they are not compromising in any way then you just lay the matter on the shelf. There is no reason for you to answer any questions or give comment to individuals, nor to enter into a discussion. Someday we may have to face the issue and they may have to make a decision, as the letter points out, and then it will be for them to decide. We cannot decide the lives of everyone in the world. If the consciences of these persons allowed them to do what they did and to be registered in the reserves that is for them to worry about, if they are worried. It is not for the Society's office to be worried about it.

The Society has always said that people should comply with the law and if the individual has done what you have described in your letter and it does not hurt his conscience then we leave the matter just as it is. There is no reason for us to decide another man's conscience, nor to get into an argument or controversy over the matter. If the individuals are not compromising in the sense of taking up arms, and what they are doing continues to allow them to beat their swords into pruning shears, then the decision rests with them. If they change that position in their lives that is soon enough for the overseers in the congregation to take action. So leave things stand as they are and have been since February of 1969 with no further comment.

May Jehovah's rich blessing go with you.

Your brothers,

Watchtower B. & T. Society
OF NEW YORK, INC.

Tradução

Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados
A/AG 5 de setembro de 1969

Filial do México

Prezados irmãos:

Temos em mãos a sua carta de 27 de agosto (182) na qual fazem uma pergunta sobre os irmãos que se alistaram no México e que são agora reservistas de primeira classe.

A carta citada por vocês de 4 de fevereiro de 1960 (123) abrange todo o assunto. Não há nada mais a dizer. A responsabilidade recairá sobre estes indivíduos quanto ao que pretendem fazer no caso de serem alguma vez convocados e é bastante cedo para tomar-se qualquer atitude. No ínterim, estes irmãos que se alistaram e que pagaram uma taxa estão livres para ir em frente com seu serviço. Não que estejamos dando a nossa aprovação sobre este assunto, mas é a consciência deles, não a nossa, que lhes tem permitido seguir este modo de agir que têm adotado. Se a consciência deles lhes permite fazer o que têm feito e se não estão transigindo de maneira alguma, então simplesmente deixem o assunto de lado. Não há nenhum motivo para vocês responderem quaisquer perguntas ou darem comentário a pessoas, nem se envolverem numa discussão. Algum dia, talvez eles se defrontem com a questão e tenham de tomar uma decisão, como destaca a carta, e então caberá aos mesmos decidirem. Não podemos decidir pela vida de cada um no mundo. Se a consciência destas pessoas lhes permitir fazer o que fazem e alistarem-se como reservistas, caberá a eles preocupar-se, caso fiquem preocupados. Não compete ao escritório da Sociedade preocupar-se com isso.

A Sociedade sempre disse que as pessoas devem agir de acordo com a lei, e se o indivíduo tiver feito o que vocês descreveram em sua carta e se isso não fere a consciência dele, então deixemos o problema simplesmente como está. Não há nenhum motivo para decidirmos pela consciência de outro homem, nem para envolvermo-nos em debate ou controvérsia sobre o assunto. Se os indivíduos não estiverem transigindo no sentido de portarem armas e se o que estão fazendo continua a permitir-lhes que transformem suas espadas em podadeiras, então, a decisão fica com eles. Caso venham a mudar essa

> posição em suas vidas, é bastante cedo para que os superintendentes na congregação adotem alguma medida. Portanto, deixem as coisas ficarem como estão e tem estado desde fevereiro de 1960, sem mais comentários.
>
> Que a rica bênção de Jeová esteja com vocês.
> Seus irmãos,

O que torna tudo isto absolutamente incrível é que a posição da organização quanto a fazer parte das forças armadas tem sido sempre idêntica à sua posição quanto a fazer parte de uma organização "política". Em ambos os casos, qualquer Testemunha que passe a ter tal participação é automaticamente vista como "dissociada". Todavia, a comissão da filial do México deixou claro como cristal que todas estas Testemunhas que haviam recebido o certificado completo do serviço militar (por meio de suborno) estavam agora classificadas como *reservistas de primeira classe das forças armadas*. As Testemunhas de Malaui arriscavam totalmente a vida, lares e terras, para aderir à postura adotada com relação a seu país. No México, não estando envolvido tal tipo de risco, ainda assim, aplicou-se a indulgência máxima. Lá, os varões Testemunhas podiam ser membros reservistas de primeira classe do exército e ainda assim ser superintendentes de circuito ou distrito, ou membros da família de Betel! O relatório da comissão da filial torna isto claro (bem como mostra quão comum era a prática de suborno para receber-se o certificado entre as Testemunhas). Prossegue dizendo:

> Conforme indicado na carta acima mencionada de Brooklyn, os irmãos têm de usar a sua própria consciência sobre este assunto. Algo que, não obstante, seria bom explicar é que, no México, obter a "cartilla" desta maneira (por pagamento) tornou-se muito comum na organização. As inconveniências causadas por não receber-se a "cartilla" são as de que ninguém pode deixar o país (algo feito freqüentemente pelos irmãos deste país ao irem às assembléias nos Estados Unidos) ou ter um pouco de dificuldade em conseguir trabalho quando este documento é exigido. À parte disso, os jovens não teriam nenhuma forte razão para procurar receber o documento. Mas é tão fácil recebê-lo e, ao consultar outros jovens que o receberam, ficam sabendo como fazê-lo e estes jovens nem mesmo pensam se isso é

> totalmente correto em si mesmo, que eles recebam individualmente este documento da maneira acima mencionada.

Literalmente, milhares de Testemunhas no México sabem a verdade da situação assim descrita. Todos os membros da comissão de filial do México sabem disso. E todos os membros do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová sabem qual era a posição estabelecida pela sede mundial sobre o assunto. Todavia, fora do México, muito poucas pessoas têm qualquer idéia do que foi dito. Provavelmente, ninguém entre as Testemunhas em Malaui a tem.

Não posso imaginar um critério mais obviamente duplo. Nem posso conceber um raciocínio mais distorcido do que o que admite a posição adotada no México, e argumenta, ao mesmo tempo, de maneira tão veemente e dogmática que aceitar o serviço alternativo é condenável porque é "visto pelo governo como cumprimento do serviço militar", é um "reconhecimento tácito e implícito da máquina de guerra de César". Os mesmos homens que fizeram essas declarações nas reuniões do Corpo Governante e insistiam que "não queremos nenhuma área de indefinição" e que "os irmãos precisam ter suas consciências educadas", disseram-no sabendo que, por mais de vinte anos, uma prática comum entre as Testemunhas de Jeová no México havia sido pagar suborno por um certificado declarando que tinham cumprido com seu serviço militar, uma prática declarada oficialmente pela sede mundial como 'dependendo da consciência deles'.

Apesar disso, alguns membros (e, felizmente, em várias das reuniões eram apenas uma minoria) argumentavam a favor da posição tradicional de rotular um homem como "dissociado" no caso de ele, em atenção à pergunta de um juiz quanto a trabalhar em hospital, responder de modo sincero e honesto que sua consciência o permite. Favoreciam essa norma enquanto sabiam que, no México, homens que eram anciãos, superintendentes de circuito, superintendentes de distrito e membros do pessoal do escritório da filial, subornaram funcionários para conseguir seus certificados completos de serviço militar, declarando que eles eram agora reservistas de primeira categoria das forças armadas, a "máquina de guerra".

Dois membros da administração, o que era presidente e o vice-presidente, tinham desenvolvido, na maior parte, a norma de que responder, com toda honestidade e absoluta legalidade, à pergunta de

um juiz da forma indicada constituía um "acordo" que devia ser condenado. Incrivelmente, estes eram os mesmos que haviam se pronunciado sobre fazer uso de suborno para receber, por meios ilegais, um certificado de serviço militar — não como "acordo" condenável —, mas como uma 'questão de consciência pessoal'.

Um membro do Corpo Governante, ao argumentar a favor da posição tradicional, citou um membro da comissão de filial da Dinamarca, Richard Abrahamson, como tendo dito em relação ao serviço alternativo: "Estremeço só em pensar nestes jovens exercerem sua própria capacidade de escolha." Todavia, o conselho oficial enviado pela sede da organização à filial do México era que o pagamento de suborno pelo jovens irmãos em troca de um documento falsificado, declarando-os como reservistas de primeira classe cabia "a eles preocupar-se, caso fiquem preocupados. Não compete à Sociedade ficar preocupada com isso." "Não há nenhum motivo para decidirmos pela consciência de outro homem", diz a carta mais adiante.

Por que não se tomou a mesma posição com relação aos irmãos em Malaui? Duvido seriamente que a maioria das Testemunhas lá, teria chegado às mesmas conclusões a que chegou o pessoal do escritório da filial. É igualmente duvidoso que houvesse um só nativo de Malaui (na época Niassalândia) entre os que decidiram a adoção de tal norma.

Será que não recai responsabilidade alguma sobre os que têm autoridade dentro da organização pelo que se constitui numa disparidade grotesca na orientação emitida?

O que é notável é que, no que se relaciona à falha das autoridades malauis em defender os elevados princípios de sua constituição, a Sociedade Torre de Vigia declarou que a "responsabilidade final" deve recair sobre o presidente Banda, ao dizer:

> Se sabe e permite que isso [os maus-tratos das Testemunhas] continue, então certamente ele, como líder do país e do Partido do Congresso Malaui, tem de arcar com a responsabilidade pelo que está acontecendo em seu país e no nome de seu partido político.
>
> Semelhantemente, os membros do Parlamento e os membros do partido que incitam os jovens à violência ou fecham os olhos ao que acontece, não podem ser eximidos da responsabilidade. Podem os funcionários públicos, os oficiais de polícia, a classe judicial e outras autoridades responsáveis que, por causa da preocupação pela sua

> segurança da posição, aprovam pelo silêncio o que está acontecendo em Malaui, se absolver da responsabilidade?[15]

O mesmo critério pelo qual a organização julgou as ações das autoridades malauis deveria ser aplicado também à organização. Se o Corpo Governante, não só sabendo do que se havia dito sobre as autoridades malauis e sua responsabilidade, mas tendo também conhecimento da posição adotada pela organização no México, realmente acreditasse que a posição promulgada entre a irmandade em Malaui fosse a certa, então teriam certamente de sentir-se impelidos a rejeitar a posição adotada no México. Para apegar-se à posição rígida adotada em Malaui, eles deveriam ter estado positivamente convencidos da justeza dessa posição, sem nenhuma dúvida quanto a ser ela a única posição a ser adotada por um verdadeiro cristão, do tipo que se baseia de maneira firme e segura na Palavra de Deus. Apoiar de alguma maneira a posição adotada no México seria negar que mantivessem tal convicção. Se, por outro lado, acreditassem que a posição adotada no México, ao permitir que homens exercessem sua consciência pessoal quanto a receber o certificado de serviço militar (mesmo por meios ilícitos), fosse certa ou, pelo menos, aceitável, então eles deveriam certamente ter estendido aos irmãos em Malaui o mesmo direito de exercer sua consciência num assunto que não envolvia *nem suborno, nem ilegalidade, nem falsificação*. Qualquer demonstração de tolerância, de 'fechar os olhos diante dos fatos', de 'consentir pelo silêncio' num critério duplo, talvez por causa da "preocupação pela sua segurança da posição", significaria seguir o mesmo procedimento condenado por eles com respeito aos funcionários malauis, do maior ao menor.

O que foi dito realmente pelo Corpo Governante durante as reuniões nas quais se trouxe à sua atenção a informação procedente do México? A norma para o México fora desenvolvida primariamente por apenas dois homens, mas agora todo o Corpo tinha conhecimento dela.[16] Qual a responsabilidade que sentiam e como reagiram à evidente disparidade entre esta posição e a adotada em Malaui?

---

[15] Transcrito da *Despertai!* de 22 de julho de 1968, páginas 21, 22; compare com Mateus 7:1-5.

[16] Nessa época (1978) Nathan Knorr era falecido; Fred Franz, agora presidente, participava de todas as reuniões que envolviam a discussão do serviço alternativo.

Quando suscitei o assunto, não se ouviu nenhuma palavra de desaprovação ou de indignação moral por parte dos que argumentavam com termos tão veementes e intransigentes contra o serviço alternativo. Não houve requerimento algum em prol de alguma ação para mudar-se a norma existente no México, do tipo em prol do qual se declarasse audaciosamente contra o menor "indício" de transigência. Apesar de as Testemunhas malauis terem sido atingidas pela terceira e quarta ondas de violência (em 1972 e 1975), não ouvi nenhuma expressão de pesar diante da disparidade entre o critério de lá e o aplicado no México. A maioria dos membros achavam aparentemente que podiam aceitar a norma do México ao passo que insistiam simultaneamente num critério totalmente diferente para as pessoas de outros lugares.

Digo mais uma vez, não acho que o assunto se resuma simplesmente a tendências pessoais, aos membros individuais envolvidos. Cheguei à conclusão de que esta maneira de ver é, na realidade, um resultado característico de qualquer estrutura de autoridade que adote uma abordagem legalista com relação ao cristianismo, possibilitando aos que fazem parte da estrutura de autoridade presenciarem critérios duplos sem padecer de dores agudas de consciência. Para o seu próprio mérito, os irmãos no México ficaram perturbados em suas consciências ao saberem do intenso sofrimento das Testemunhas em Malaui, que se recusavam a pagar um preço legal de maneira lícita por uma carteira do partido do governo que regia o país, enquanto eles mesmos estavam adquirindo ilegalmente um certificado de serviço militar por meio de suborno. Os da "cúpula", da chamada "torre de marfim", pareciam, entretanto, estranhamente livres de tais sentimentos, insensíveis quanto às conseqüências de tal critério duplo sobre as pessoas. Este, creio eu, é também um resultado do sistema, motivo pelo qual acho tal sistema particularmente tão repulsivo.

Todos os membros do Corpo Governante estavam plenamente cientes da norma no México por volta do outono de 1978. Quase *um ano depois*, em setembro de 1979, o Corpo Governante deu novamente continuidade à discussão da questão ainda não decidida do serviço alternativo, suscitada desta vez por uma carta da Polônia.

Advertindo que o serviço alternativo podia ser uma "cilada para doutrinar os irmãos", Milton Henschel admoestou extrema cautela, ao falar em favor da prática de muitas Testemunhas polonesas que

adotavam um recurso conveniente de ir trabalhar nas minas de carvão para evitar o recrutamento. Lloyd Barry instou mais uma vez para que nos apegássemos à posição de que as Testemunhas "deveriam manter-se livres de toda a organização militar". Ted Jaracz disse que "nossos irmãos vão ter problemas e eles se voltam para a organização de Jeová em busca de orientação", que havia necessidade de evitar diversidade de opiniões, que não deveríamos dar aos irmãos a idéia de que o Corpo Governante estava dizendo 'vão em frente e se submetam' às ordens do serviço alternativo. Carey Barber manifestou a opinião de que "não há margem neste caso para exercer a consciência, é algo em que temos simplesmente de ir em frente" sem fazer concessões. Fred Franz disse que nossa "consciência tem de ser treinada pela Bíblia" e firmou novamente seu apoio à posição tradicional contra aceitar qualquer serviço alternativo.

Nessa ocasião, Ewart Chitty não era mais membro do Corpo, tendo apresentado sua renúncia de acordo com os desejos do Corpo Governante. Grant Suiter estava ausente da reunião, tendo, tanto ele como Chitty, votado a favor de uma mudança na norma, na reunião de 15 de novembro de 1978. Mas havia dois novos membros no Corpo, Jack Barr (da Inglaterra) e Martin Poetzinger (da Alemanha), e eles estiveram presentes à reunião de 15 de setembro de 1979. Quando se apresentou finalmente uma moção, a votação ficou dividida bem ao meio, oito a favor da mudança na norma e oito contra (inclusive os dois novos membros).

Em 1980, no dia 3 de fevereiro, pôs-se mais uma vez o assunto na agenda. Nessa época, tinha transcorrido mais de um ano desde a minha visita ao México e Albert Schroeder tinha feito outra visita anual lá. Os membros da comissão de filial do México expressaram novamente sua preocupação com a prática de suborno para obter documentos falsificados do serviço militar, e Schroeder relatou sobre esta persistente situação ao Corpo ao voltar. As observações feitas por vários membros durante a reunião tornaram evidente que não seria alcançada a maioria de dois terços para qualquer dos lados da questão do serviço alternativo e, nessa situação, não se apresentou sequer uma moção.

O assunto foi "arquivado". Desde o tempo em que foi recebida a carta de Michel Weber, o ancião da Bélgica, em novembro de 1977, até fevereiro de 1980, o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová

havia tentado, em *seis ocasiões diferentes*, resolver a questão sem sucesso.[17]

Que dizer, no entanto, das *pessoas* afetadas pela norma que continuava em vigor, daqueles que foram chamados pela revista *A Sentinela* de "as fileiras"? Podiam eles também "arquivar" a questão? Pelo contrário, a incapacidade do Corpo de chegar a uma maioria indispensável de dois terços significava que as Testemunhas de Jeová do sexo masculino, em qualquer país do mundo, que agissem de acordo com sua consciência e aceitasse o serviço alternativo como uma exigência apropriada do governo, poderia no entanto fazê-lo, somente com o custo de ser visto como alguém fora da organização, igual a pessoas expulsas. Isso também significava que o Corpo Governante como um todo era favorável a que a norma com vinte anos em vigor no México continuasse em vigor enquanto uma norma totalmente diferente em Malaui permanecia inalterada.

DOIS TIPOS DE PESOS E DE MEDIDAS

Dois tipos de pesos são algo detestável para Jeová, e uma balança fraudulenta não é boa. — Provérbios 20:23.

Isso talvez ajude a entender o raciocínio de alguns membros no caso de outras circunstâncias prevalecentes no México virem a ser reexaminadas. Em resultado da revolução mexicana, e em razão da longa história da Igreja Católica de deter imensas extensões de terra e outras propriedades no país, a constituição mexicana proibia, até recentemente, a qualquer organização religiosa o direito de possuir bens imóveis. As igrejas e os bens da igreja eram, de fato, mantidos sob custódia pelo governo, que permitia o uso destes pelas organizações religiosas. Devido à exploração no passado por parte de clérigos estrangeiros, não se permitia aos missionários ou ministros estrangeiros exercer tal função no México. Qual foi o resultado disto para a organização das Testemunhas?

A administração da sede da organização das Testemunhas de Jeová decidiu muitas décadas atrás, em função da lei existente, que as

[17] Para mais detalhes sobre este assunto, veja a seqüência de *Crise de Consciência*,intitulada *Em Busca da Liberdade Cristã* (em inglês), páginas 256 a 270.

Testemunhas de Jeová do México se apresentariam, não como uma organização religiosa, mas como uma organização "cultural". A corporação local aí formada, La Torre del Vigía, foi assim registrada junto ao governo do México.[18] De modo que as Testemunhas de Jeová, durante muitas décadas, não falavam em ter reuniões religiosas ou reuniões bíblicas mas em ter reuniões "culturais". Nestas reuniões, elas não tinham orações ou cânticos, e isto também se aplicava ao caso de assembléias maiores. Quando se empenhavam na atividade de casa em casa, carregavam somente literatura da Torre de Vigia — que diziam ser provida pela Sociedade Torre de Vigia — como uma "ajuda para eles em sua atividade cultural". Não levavam a Bíblia durante tal atividade pois isso os identificaria como se empenhando em atividade religiosa. Um grupo de Testemunhas de determinada área não era chamado de "congregação", mas de "companhia". Não falavam em ter batismos, mas referiam-se à mesma coisa chamando-a de realizar o "símbolo".

Não se usava esta "linguagem dupla" por morarem em algum país totalitário que tomava medidas repressivas contra a liberdade de adoração.[19] Fazia-se isso principalmente para escapar de ter de cumprir com os regulamentos do governo referentes à posse de bens imóveis por parte de organizações religiosas. Não se deve pensar que o arranjo fosse algo inventado e decidido pelas próprias Testemunhas mexicanas. Era um arranjo desenvolvido e posto em prática pela sede internacional em Brooklyn.[20]

---

[18] Tenho cópia de um registro feito com data de 10 de junho de 1943, no qual a *Secretaria de Relaciones Exteriores* autoriza o registro de La Torre del Vigía como "Associación Civil Fundada para la Divulgación Científica, Educadora y Cultural No Lucrativa". Supõe-se que este seja o registro original e, em tal caso, este arranjo esteve em vigor por uns 46 anos.

[19] O governo do México havia, na realidade, demonstrado considerável tolerância para com as Testemunhas, já que deviam ter conhecimento de que a apresentação que faziam de si mesmas como uma organização "cultural" e não-religiosa era simplesmente um subterfúgio.

[20] Em 1970, eu e minha esposa assistimos a uma assembléia internacional na Cidade do México e nos hospedamos no Betel da Sociedade. O presidente Knorr estava presente e, durante nossa permanência, conduziu um grupo de nós num passeio pelos vários edifícios da filial. Durante o passeio, ele comentou diretamente sobre a categoria de acordo com a lei de "organização cultural" que predominava no México e mencionou especificamente como razão primária para esta categoria inusitada o fato de eles permitirem manter o controle sobre as propriedades da organização no país.

É interessante contrastar a eliminação deliberada de orações e cânticos nas reuniões de Testemunhas no México com a postura da Sociedade nos Estados Unidos, onde estavam dispostos a lutar, caso após outro, em todas as instâncias até a Suprema Corte do país, em vez de abrir mão de certas práticas, tais como oferecer literatura de porta em porta sem autorização e sem ter de registrar-se na polícia, do direito de usar carros de som, distribuir literatura nas esquinas das ruas, e muitas outras práticas que são abrangidas pelos direitos constitucionais. A organização não queria renunciar a nenhuma destas coisas. Lutou para garanti-las, apesar de estes métodos específicos não serem coisas certamente utilizadas pelos cristãos primitivos do primeiro século e não poderem ser, portanto, contados como estando entre as práticas cristãs primárias.

Todavia, a oração congregacional ou em grupo *era uma prática* religiosa primária nas reuniões cristãs primitivas e o tem sido entre os servos de Deus desde tempos imemoriais. As Testemunhas de Jeová, no entanto, eram instruídas a dizer que suas reuniões *não* eram religiosas. Poucas coisas poderiam ser vistas como mais plenamente relacionadas com a adoração a Deus, como mais puramente espiritual, que a oração. Quando um decreto imperial na Pérsia proibiu a oração a qualquer pessoa, com exceção do rei, por um período de trinta dias, o profeta Daniel considerou a questão tão crucial que arriscou o cargo, os recursos e a própria vida por violar o decreto.[21]

A sede da organização considerou, entretanto, conveniente sacrificar a oração congregacional entre as Testemunhas de Jeová por todo o México. Com que benefício, com que "vantagem de crescimento"? Por abrir mão da oração e cântico congregacionais e do uso da Bíblia na atividade pública de testemunho, a organização podia conservar a posse dos bens da Sociedade no México e funcionar livre dos regulamentos governamentais a que outras religiões se submetiam. Estavam dispostos a dizer que a sua organização não era uma organização religiosa, que as suas reuniões não eram reuniões religiosas, que a sua atividade de testemunho não era uma atividade religiosa, que o batismo não era um ato religioso — quando em qualquer outro país do mundo as Testemunhas de Jeová estavam

[21] Daniel 6:1-11.

dizendo exatamente o contrário. (Para informação adicional, veja o Apêndice.)

Já que eles sabiam deste arranjo, alguns membros do Corpo Governante talvez tenham ficado inclinados a aceitar o pagamento de suborno por documentos falsificados como não estando tão fora dos limites da diretriz geral para as Testemunhas de Jeová nesse país. Isto talvez explique, em parte, como eles podiam, enquanto isso, falar tão inflexivelmente contra "transigência" em outros países. Parece evidente que, na mente de alguns membros, não se trata de uma questão de critério duplo. Essa é a norma: *fazer o que quer que a organização decida e aprove*. A organização tomou decisões com relação ao México e à prática de suborno lá, deixando-a a cargo da consciência individual e, portanto, isso é aceitável, um homem pode pagar tal suborno por um certificado militar e ainda ser usado nas maiores responsabilidades, sem nenhuma necessidade de preocupação especial diante de Deus por parte dos que dirigem a obra lá. A organização decidiu de modo diferente com relação ao serviço alternativo (como fez também com relação à situação em Malaui), e, portanto, qualquer homem que deixe de seguir essa decisão é indigno de ocupar absolutamente qualquer cargo na congregação, é de fato um violador da integridade para com Deus.

Eu não conseguia então entender como cristãos podiam adotar tal ponto de vista e nem consigo entender agora. Para mim, isso fez com que todos os apelos impetuosos, quase estridentes, de alguns, para que se 'mantivessem limpos do mundo' soassem vazios, como pura retórica, como linguagem impressionante que não se ajustava à realidade. Não podia, de maneira alguma, identificar-me com o raciocínio que admitia tais expressões a despeito de fatos que eram bem conhecidos por todos os membros que proferiam e ouviam essas declarações.

Vivi em países latino-americanos por quase vinte anos e não paguei nenhum suborno. Mas sei muito bem que existem alguns lugares, não só na América Latina, mas em várias partes da terra, onde, apesar de a lei estar do seu lado e de aquilo que você procura ser perfeitamente legal, é quase impossível resolver certas coisas sem dar dinheiro a um funcionário que não tem o direito de recebê-lo. Não é difícil ver que uma pessoa, confrontada com esta situação, possa encará-la como uma forma de extorsão, como até nos tempos bíblicos, cobradores de

impostos e também militares podiam exigir mais do que era devido e, assim, praticar extorsão. Não me parece justo julgar, de maneira adversa, pessoas que se achem obrigadas a se submeterem a tal extorsão. Mais que isso, não tenho a presunção de julgar aqueles no México que, não tendo a lei do seu lado, agiam contra a lei, que não se submetiam simplesmente a extorsão mas que, em vez disso, *faziam solicitação* deliberada de ações ilegais a um funcionário, por meio da oferta de dinheiro, a fim de obterem um documento falsificado, ilegal. *Não* é isto o que eu achava tão chocante e até atemorizante no caso todo.

É, sobretudo, a maneira pela qual homens de elevada autoridade podem admitir que supostos "interesses organizacionais" sejam considerados como de tamanha importância, quando comparado com interesses de pessoas comuns, pessoas com filhos, lares e empregos, indivíduos, muitos dos quais dão evidência de serem tão escrupulosamente conscienciosos em sua devoção a Deus, como qualquer um desses homens que se sentam como que num tribunal para decidir o que está e o que não está dentro do domínio da consciência de tais pessoas.

É ver homens de autoridade, que atribuem a *si mesmos* o direito de manter uma opinião dividida, mas que exigem uniformidade de todos os demais; homens que expressam desconfiança quanto a outros fazerem uso da liberdade da consciência cristã, mas esperam que esses outros depositem confiança implícita neles e em suas decisões, enquanto concedem a si mesmos o direito de exercer sua consciência por tolerar manobras ilegais e uma óbvia representação enganosa da realidade.

É presenciar homens de autoridade que, por causa da mudança de um voto que reduz a maioria de 66 % para 62½ %, estarem dispostos a permitir que se mantenha em vigor uma norma que pode fazer com que outros homens sejam submetidos à prisão, separados da família e do lar por meses, ou até mesmo mandados para o cárcere por anos, quando esses homens não compreendem a base bíblica da norma que se lhes manda seguir e crêem, em alguns casos, que a norma está errada.

É o fato de homens de autoridade poderem aplicar uma norma que exorta pessoas comuns, homens, mulheres e crianças, a enfrentarem a perda do lar e propriedades, espancamentos, tortura, estupro e morte

por causa da recusa de pagar uma taxa legal em troca de uma carteira da organização que, para todos os efeitos, é a autoridade governante de seu país, ao passo que dizem, ao mesmo tempo, a homens de outro país que é aceitável para eles subornarem funcionários militares em troca de uma carteira que declara falsamente que cumpriram com seu serviço militar e que são reservistas de primeira classe do exército.

É tudo *isto* o que acho chocante. E, não importa quão sinceros alguns possam ser, eu ainda acho tais coisas assustadoras.

Particularmente, eu não conseguia compreender como homens adultos podiam deixar de ver inconsistência em tudo isto, conseguiam deixar de sentir repulsa diante disso, podiam deixar de comover-se profundamente pelos seus efeitos nas vidas das pessoas. Afinal, isso simplesmente me convenceu de que a "lealdade organizacional" pode levar as pessoas a conclusões incríveis, permitir-lhes desfazer pelo raciocínio, as mais torpes das iniqüidades, livrá-las de serem pessoalmente afetadas por qualquer sofrimento que suas normas possam causar. O efeito anestésico que a lealdade à organização é capaz de produzir, está, sem dúvida, muito bem documentado, tendo sido demonstrado vez após vez através dos séculos, tanto na história religiosa como na política, pelos casos extremos da Inquisição e durante o regime nazista. Mas ainda pode produzir um efeito doentio quando vista de perto numa área em que alguém jamais esperou. No meu entender, isso ilustra de modo muito forte o motivo pelo qual nunca foi do propósito de Deus que os homens exercessem autoridade tão excessiva sobre seus semelhantes.

7

PREDIÇÕES E PRESUNÇÃO

Quando o profeta falar em nome de Jeová e a palavra não suceder nem se cumprir, esta é a palavra que Jeová não falou. O profeta proferiu-a presunçosamente. Não deves ficar amedrontado por causa dele. — Deuteronômio 18:22.

QUANDO se consideram atitudes em torno da prometida volta de Cristo Jesus, deve-se certamente preferir expectativa ansiosa à apatia. Os cristãos primitivos, decididamente, não eram apáticos acerca desse evento tão esperado.

Em certa ocasião, assisti a um programa de televisão no qual um representante de relações públicas do escritório da filial das Testemunhas de Jeová no Canadá, Walter Graham, respondia a perguntas sobre o fracasso de certas predições relacionadas com a volta de Cristo. Ele disse que, caso se achasse qualquer responsabilidade da parte das Testemunhas de Jeová neste respeito, isso se devia então exclusivamente ao "nosso anseio de ver o nome de Deus vindicado e o seu Reino governando a terra".

A maioria das pessoas, penso eu, concordará que é simplesmente humano cometer o erro de falar coisas sob o impulso do momento, deixar que o pensamento fantasioso ou talvez o desejo intenso e a empolgação ansiosa influenciem nosso julgamento fazendo com que tiremos conclusões precipitadas. Em algum momento de nossas vidas, todos nós temos feito isso. Com certeza, se isso fosse tudo o que estava envolvido, ninguém teria motivo para grande preocupação.

No entanto, não acredito, pessoalmente, que isso seja tudo o que está envolvido aqui. As questões vão mais profundamente e os fatores relacionados têm um significado muito maior do que os de algum erro comum e incidental que às vezes todos nós cometemos. Isto se dá particularmente dessa maneira por causa do modo como as predições envolvidas afetaram os interesses mais importantes da vida das pessoas.

Um fator que não pode ser tratado levianamente é que o Corpo Governante encara as Testemunhas de Jeová, pelo menos os da "classe ungida" (à qual pertencem todos os membros do Corpo Governante) como desempenhando o papel de um "profeta", designadas por Deus para essa tremenda responsabilidade.

Dessa forma, o exemplar da revista *A Sentinela* de 1º de outubro de 1972, na página 581, trouxe um artigo intitulado "Saberão Que Houve um Profeta no Seu Meio". Levantava a questão quanto a se Jeová Deus tinha, nos tempos modernos, um profeta para ajudar o povo, "para avisá-los dos perigos e declarar-lhes as coisas vindouras". A resposta dada foi sim, que o histórico atestava que havia tal profeta.

IDENTIFICAÇÃO DO "PROFETA"

> A estas perguntas pode-se responder na afirmativa. Quem é este profeta?
>
> ———————
>
> Este "profeta" não era um só homem, mas um grupo de homens e mulheres. Era o grupo pequeno de seguidores das pisadas de Jesus Cristo, conhecidos naquele tempo como Estudantes Internacionais da Bíblia. Hoje, são conhecidos como testemunhas cristãs de Jeová. Ainda proclamam um aviso, e nesta sua obra comissionada juntam-se a eles e ajudam-lhes centenas de milhares de pessoas que escutaram a sua mensagem, crendo nela.
>
> Naturalmente, é fácil dizer-se que este grupo age como "profeta" de Deus. Outra coisa é provar isso. A única maneira em que isto pode ser feito é recapitular a história. O que demonstra ela?

A "história" merece ser recapitulada. Que ela revela erros, até a organização central reconhece. Certa manhã em 1980, quando presidia a consideração do texto diário no lar de Betel em Brooklyn, o presidente da Sociedade, Fred Franz, relatou à família da sede suas recordações das expectativas mantidas em torno do ano de 1925, predito como o tempo para o "restabelecimento de todas as coisas" no milênio. Ele citou o Juiz Rutherford como tendo dito logo depois com relação às suas próprias predições: "Sei que fiz papel de asno."[1] [Ou como se diria em português: "Sei que fiz papel de tolo"]

[1] Esta declaração de Rutherford é citada na revista *Despertai!* de 22 de setembro de 1987, página 19, em nota de rodapé.

A organização, no entanto, trata estes erros como mera evidência da imperfeição humana e também como evidência do grande desejo e aspiração de ver cumpridas as promessas de Deus.

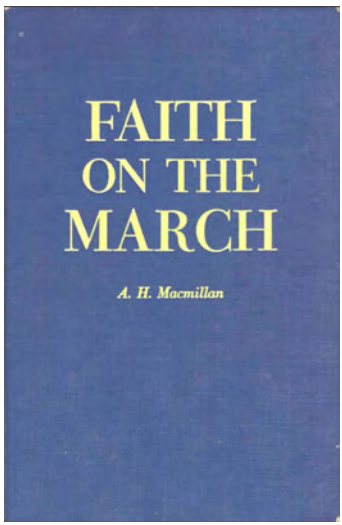
Eu creio que a "história" mostra que há algo mais que isso. Uma coisa é um homem fazer papel de "asno" por querer ver alguma coisa acontecer. Outra coisa bem diferente é ele instar com outros para que partilhem de suas idéias, criticá-los se não as aceitam, até duvidar da fé deles e contestar seus motivos se não entendem o assunto como ele entende.

Mais sério ainda é que uma organização que se apresenta como o porta-voz designado de Deus para toda a humanidade faça isto — e o faça, não por alguns dias ou meses, mas por anos, até mesmo décadas, repetidamente, a nível mundial. A responsabilidade pelos resultados não pode, na verdade, ser minimizada por dizer-se simplesmente: "Bem, ninguém é perfeito."

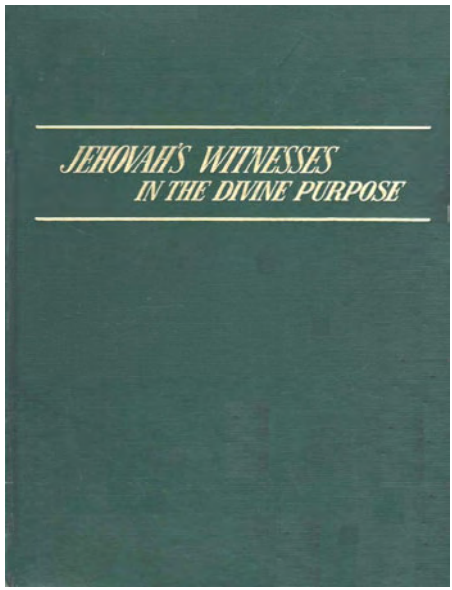
Ninguém é perfeito, mas cada um de nós leva a responsabilidade pelo que faz. E isso se dá especialmente quando nossas ações afetam dramaticamente algo tão importante e pessoal como a relação dos outros com Deus.

Não é menos sério quando um grupo de homens está dividido em sua opinião quanto às predições relacionadas com certa data e apresenta, ainda assim, perante seus adeptos, uma aparência externa de confiança unificada, encorajando esses adeptos a depositarem confiança inabalável nessas predições.

Suponho que devo atribuir o mérito por convencer-me da realidade destas coisas também à minha experiência com o Corpo Governante. Durante os primeiros vinte anos mais ou menos de minha associação ativa com as Testemunhas de Jeová, eu tinha, no máximo, uma vaga idéia acerca de alguns fracassos de predições passadas e não lhes dava absolutamente qualquer importância significativa. Não tinha nenhum interesse em literatura que atacasse nossos ensinos neste ponto. Desde o fim dos anos cinqüenta em diante, certas publicações da Sociedade, tais como *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (uma história da organização, em inglês) e o livro patrocinado pela Sociedade *A Fé em Marcha* (em inglês) mencionavam realmente estes fracassos, mas fazia isso de modo a fazê-los parecer como de pouca conseqüência e eu os via nessa mesma perspectiva.



A Fé em Marcha **(1957)**



As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino **(1959)**

Foi somente no final dos anos setenta que me dei conta de quão longe tinha ido exatamente o assunto. Inteirei-me então sobre isso, não através da chamada "literatura dos opositores", mas através das próprias publicações da Torre de Vigia e de Testemunhas ativas e respeitadas, inclusive co-membros do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová.

1914 é a data principal sobre a qual se apóia grande parte da estrutura de doutrinas e de autoridade das Testemunhas de Jeová. As Testemunhas de Jeová defendem atualmente as seguintes crenças ligadas a essa data:

> Que, em 1914, Cristo Jesus passou a estar "presente" de maneira invisível aos olhos humanos, começando, conseqüentemente nessa data, um período de julgamento para todos os seus professos seguidores e para o mundo.
>
> Que, em 1914, Cristo Jesus começou sua regência ativa com relação ao mundo inteiro, com seu reino assumindo oficialmente o poder.
>
> Que 1914 assinala o início dos "últimos dias" ou do "tempo do fim" predito na profecia bíblica.

> Que a geração de pessoas que viviam em 1914 e que tinham a capacidade de compreender o que viram então acontecer seria a ‘geração que não passaria até que se cumprissem todas as coisas’, inclusive a destruição do sistema existente de coisas (isto foi mudado em 1995).
>
> Que, três anos e meio depois de 1914 (em 1918), começou a ressurreição dos cristãos que dormiam na morte, desde os apóstolos em diante.
>
> Que, por volta do mesmo tempo (em 1918), os verdadeiros seguidores de Cristo que viviam então entraram em cativeiro espiritual com relação à Babilônia, a Grande, sendo libertados no ano seguinte, 1919, ocasião em que Cristo Jesus os reconheceu coletivamente como seu “escravo fiel e discreto”, sua agência aprovada para dirigir sua obra e cuidar de seus interesses na terra, seu único canal para transmitir orientação e esclarecimento a seus servos por toda a terra.
>
> Que, desse tempo em diante, está em andamento a obra da “colheita” final, resultando na divisão de todas as pessoas em duas classes, “ovelhas” e “cabritos”, com salvação ou destruição como seus respectivos destinos. (Isto foi mudado em 1995).

Enfraquecer a crença no significado da data fundamental de 1914 seria enfraquecer toda a superestrutura doutrinal (descrita acima), que se fundamenta nela. Seria também enfraquecer a pretensão de autoridade especial alegada pelos que atuam como o grupo que representa oficialmente a classe do “escravo fiel e discreto”.

Eliminar essa data como sendo de tanta importância poderia significar o virtual colapso de toda a estrutura de doutrinas e autoridade nela fundamentadas. Eis quão crítico é.

Apesar disso, poucas Testemunhas sabem atualmente que, por quase meio século — desde 1879 até o fim dos anos vinte —, as profecias relativas a datas na revista *A Sentinela*, (chamada *A Torre de Vigia*, na época) e publicações correlatas eram essencialmente *contrárias a todas as crenças delineadas* pouco acima. Quanto a mim, não me dei conta disso até anos recentes. Descobri então que, durante quase cinqüenta anos, o “canal” da *Torre de Vigia* (*A Sentinela*) havia atribuído tempos e datas diferentes para cada uma das coisas relacionadas acima, e que foi só o fracasso de todas as expectativas originais com relação a 1914 que levou à designação de novas datas para aqueles pretensos cumprimentos de profecias.

Conforme considerado num capítulo anterior, a pesquisa que eu tive de fazer com relação ao livro *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* convenceu-me de que a data de 607 A.E.C. da Sociedade para a destruição de Jerusalém por Babilônia era contrária a toda evidência histórica conhecida. Ainda assim, continuei a depositar confiança nessa data apesar da evidência, achando que tinha apoio bíblico. Sem 607 A.E.C., a data crucial de 1914 seria posta em dúvida. Adotei o ponto de vista de que a evidência histórica era provavelmente defeituosa e argumentei nesse sentido no livro *Ajuda*.

Aí, em 1977, uma Testemunha de Jeová da Suécia, chamada Carl Olof Jonsson, enviou à sede em Brooklyn uma quantidade substancial de pesquisa que fizera sobre cronologia relacionada com a Bíblia e sobre especulação cronológica. Jonsson era ancião e estivera ativamente associado com as Testemunhas de Jeová por uns vinte anos.

Tendo eu mesmo experiência com pesquisa sobre cronologia, fiquei impressionado com a profundidade com que ele havia examinado a matéria, bem como pela inteireza e veracidade de sua apresentação. Basicamente, ele procurou chamar a atenção do Corpo Governante para a fragilidade nos cálculos cronológicos da Sociedade que levam à data de 1914 como o ponto final dos "tempos dos gentios", mencionados por Jesus em Lucas, capítulo 21, versículo 24 (chamados de "os tempos designados das nações" na *Tradução do Novo Mundo*).

Explicado de forma resumida, chega-se à data de 1914 pelo seguinte processo:

No quarto capítulo da profecia de Daniel, ocorre a expressão "sete tempos", aplicada aí ao rei babilônico Nabucodonosor enquanto descreve um período de sete anos de loucura pelo qual o rei passaria.[2] A Sociedade ensina que esses "sete tempos" profetizam algo maior, a saber, o período de tempo que se estende desde a destruição de Jerusalém (fixada pela Sociedade como 607 A.E.C.) até o fim dos "tempos dos gentios", explicados como significando o período durante o qual as nações gentias exercem domínio "ininterrupto" sobre a terra.

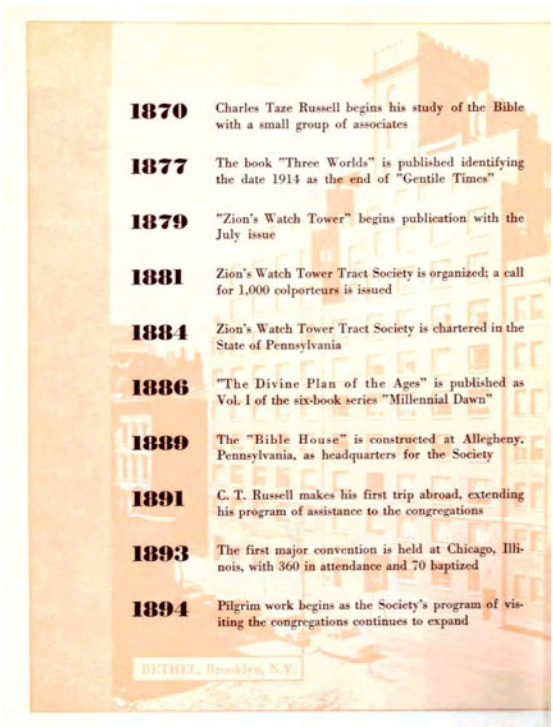
Os "sete tempos" são interpretados como significando sete anos, com cada ano se constituindo de 360 dias. Sete multiplicado por 360 dá 2.520 dias. Entretanto, faz-se referência a outras profecias que usam

[2] Daniel 4:17, 23-33.

a expressão “um dia por um ano.”[3] Empregando-se esta fórmula, os 2.520 dias se transformam em 2.520 anos, que vão de 607 A.E.C. ao ano de 1914 E.C.

Conforme observado anteriormente, os ensinos atuais da Sociedade sobre o início da regência do reino de Cristo, os “últimos dias”, o começo da ressurreição e coisas relacionadas estão todos ligados a este cálculo. Poucas Testemunhas são capazes de explicar a complicada aplicação e combinação de textos envolvidos. Todos, porém, aceitam o produto final deste processo e cálculo.

A maioria das Testemunhas de Jeová entende que esta explicação, que leva a 1914, é mais ou menos peculiar à sua organização, tendo sido publicada inicialmente pelo primeiro presidente da Sociedade, o Pastor Russell. Em sua contracapa, a publicação da Sociedade *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino*, traz estas declarações:



1870 Charles Taze Russell inicia seu estudo da Bíblia com um pequeno grupo de associados.

1877 É publicado o livro “Três Mundos” identificando a data 1914 como o fim dos “Tempos dos Gentios”.

A impressão transmitida aqui, bem como a apresentada dentro do livro, é que este livro *Os Três Mundos* (que Russell apenas financiou) foi a primeira publicação a conter este ensino sobre 1914.

[3] Números 14:34; Ezequiel 4:6.

Isto é o que eu pensava até a chegada do material do ancião sueco à sede mundial. Percebi então quantos fatos haviam sido ignorados ou encobertos pelas publicações da Sociedade.

Jonsson traçou primeiro a longa história da especulação cronológica. Mostrou que a prática de se aplicar arbitrariamente a fórmula de "um dia por um ano" a vários períodos de tempo encontrados na Bíblia foi inicialmente utilizada por rabinos judaicos, datando do primeiro século E.C. No século 9 E.C., uma "série de rabinos judaicos" começaram a fazer cálculos e predições utilizando esta fórmula de dia = ano com relação aos períodos de tempo de 1.290, 1.335 e 2.300 dias encontrados na profecia de Daniel, aplicando em cada caso suas conclusões ao tempo para o aparecimento do Messias.[4]

Entre professos cristãos, a prática surgiu pela primeira vez no século 12, começando com um abade católico romano, Joaquim de Flora. Não apenas os períodos de dias encontrados na profecia de Daniel, mas também os períodos de 1.260 dias mencionados em Revelação, capítulo 11, versículo 3, e capítulo 12, versículo 6, foram então interpretados empregando-se o método de "um dia por um ano". Com o passar do tempo, os diversos intérpretes chegaram a uma notável sucessão de datas, incluindo em suas predições o ano de 1260, depois 1360 e, posteriormente, várias datas no século 16. Mudanças e novas interpretações tornavam-se regularmente necessárias à medida que uma data após outra passava sem que acontecesse o evento predito.

Em 1796, George Bell, ao escrever numa revista de Londres, predisse a queda do "Anticristo" (o papa, segundo seu entendimento). Isto deveria acontecer em "1797 ou 1813", baseando sua predição na interpretação dos 1.260 dias, usando, porém, um ponto de partida diferente dos outros intérpretes (alguns haviam começado sua contagem a partir do nascimento de Cristo, outros a partir da queda de Jerusalém, outros a partir do início da Igreja Católica). Sua predição foi escrita durante a Revolução Francesa. Não muito depois de tê-la formulado, ocorreu um evento surpreendente — o papa foi capturado pelas tropas francesas e forçado a ir para o exílio.

---

[4] Daniel 8:14; 12:11, 12. O texto completo da pesquisa de Carl Olof Jonsson acha-se desde então publicado sob o título *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*, (Primeira edição: Lethbridge: Hart Publishers, 1983; segunda, terceira e quarta edições: Commentary Press, 1987, 1998 e 2004, respectivamente; primeira edição em português: 2008).

Muitos viram isto como um extraordinário cumprimento da profecia bíblica e 1798 foi aceito por eles como o fim dos proféticos 1.260 dias. Com base nisto, desenvolveu-se o entendimento de que o ano seguinte, 1799, marcava o começo dos "últimos dias".

Revoltas adicionais na Europa produziram uma enxurrada de novas predições. Entre os prognosticadores, achava-se um homem na Inglaterra chamado John Aquila Brown. Pelo início do século 19, ele publicou uma explicação dos 2.300 dias de Daniel, capítulo 8, que os apresentava como terminando em 1844 E.C. Este entendimento foi adotado pelo pioneiro americano do Segundo Advento, William Miller.

Veremos como estes cálculos vieram mais tarde a desempenhar um papel na história das Testemunhas de Jeová.

Entrementes, John Aquila Brown desenvolvia uma explicação que está intimamente relacionada com o ano de 1914, tal como essa data figura nas crenças das Testemunhas de Jeová. De que modo?

A evidência indica que Brown foi o verdadeiro originador da interpretação dos "sete tempos" de Daniel capítulo 4, a interpretação que produz os 2.520 anos pela fórmula dia-ano.

Brown publicou esta interpretação pela primeira vez em 1823 e seu método convertia os "sete tempos" em 2.520 anos, de um modo *exatamente igual ao encontrado nas publicações da Torre de Vigia atualmente*.

Isto foi 29 anos antes do nascimento de Charles Taze Russell, 47 anos antes de ele iniciar seu grupo de estudo da Bíblia e mais de meio século antes do aparecimento do livro *Os Três Mundos.*

Eu ignorava isso totalmente até o momento em que li o material enviado da Suécia para a Sociedade.

John Aquila Brown, entretanto, iniciava seu período de 2.520 anos em 604 A.E.C. e encerrava-o, portanto, em 1917 E.C. Ele predisse que nesse tempo "*a plena glória* do reino de Israel seria aperfeiçoada".

De onde se originou, então, a ênfase sobre a data de 1914?

Após o fracasso das expectativas em torno do ano de 1844, houve conseqüentemente um divisão de vários grupos do Segundo Advento, estabelecendo a maioria deles novas datas para a volta de Cristo. Um destes grupos se formou em torno de N. H. Barbour, de Rochester, Nova York.

Barbour estudou as obras de John Aquila Brown e adotou a maior parte de sua interpretação, mas alterou o ponto de partida dos 2.520 anos para 606 A.E.C. e surgiu com a data final de 1914 E.C. (Na realidade, isto representava um erro de cálculo, já que abrangeria somente 2.519 anos.)

Em 1873, Barbour publicava uma revista para seus adeptos do Segundo Adventismo intitulada inicialmente *O Grito da Meia-Noite* e, mais tarde, *O Arauto da Aurora*. Vê-se na página seguinte uma cópia da primeira página do *Arauto da Aurora* de julho de 1878, o ano anterior à publicação do primeiro número de *A Sentinela*. Note a frase no canto inferior à direita: "'Os tempos dos Gentios' terminam em 1914".

Esta cópia foi tirada da revista que é mantida no arquivo da sede em Brooklyn, embora não esteja disponível ao uso geral. Sua existência lá mostra que algumas pessoas do pessoal da sede devem ter tido conhecimento de que a revista *A Sentinela não* foi evidentemente a primeira a publicar e a defender a data de 1914 como o fim dos tempos dos gentios. Esse ensino foi na verdade adotado da publicação do Segundo Adventismo de N. H. Barbour.

Pode-se observar também que, nessa época, julho de 1878, C. T. Russell havia-se tornado "editor assistente" desta revista do Segundo Adventismo, o *Arauto da Aurora*. O próprio Russell explica como ele veio a associar-se a N. H. Barbour e como veio a adotar a cronologia de Barbour, cuja maior parte inclui os "sete tempos" de Daniel capítulo quatro, que Barbour tinha, por sua vez, adotado de John Aquila Brown. A explicação de Russell acha-se publicada no número de *A Sentinela* de 15 de julho de 1906.

> Foi por volta de janeiro de 1876 que o tema do tempo profético me chamou especialmente a atenção, no que se relaciona a estas doutrinas e esperanças. Aconteceu deste modo: Recebi um periódico chamado *O Arauto da Aurora*, enviado por seu editor, sr. N. H. Barbour. Quando o abri, identifiquei-o de imediato pela gravura em sua capa com o Adventismo e examinei-o com certa curiosidade para ver que data eles estabeleceriam em seguida para a queima do mundo. Mas, imaginem

HERALD OF THE MORNING

"*All nations whom thou hast made, shall come and worship before thee,*"

Vol. 7. ROCHESTER, N. Y., JULY, 1878. No. 1.

THREE WORLDS

N. H. BARBOUR, Editor.

ASSISTANT EDITORS,

C. T. RUSSELL, PITTSBURG, PA. ELD. J. H. PATON, ALMONT, MICH.

PLAN OF THE AGES:

"*Both the Cherubim of one measure and one size.*"

PLANE OF THE FLESH

Earthly Jerusalem.

Earthly Sacrifice.

Earthly Kingdom.

This one looking forward to the sacrifice.

TWELVE TRIBES.

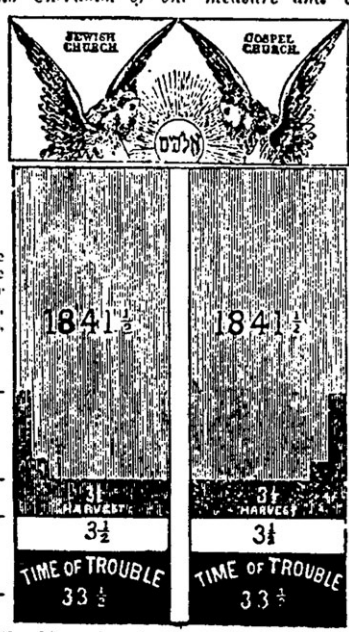
From the end of the Patriarchal age, at the death of Jacob, to the end of the Jewish age, at the death of Christ, was 1845 years.

Birth of Jesus—

Baptism of Jesus—

Crucifixion, A. D. 33—

Jerusalem destroyed—A. D. 70.



PLANE OF THE SPIRIT

Heavenly Jerusalem.

Spiritual Sacrifice.

Heavenly Kingdom.

This one looking back to the sacrifice.

TWELVE APOSTLES.

From the end of the Jewish age, at the death of Christ, to the end of the Gospel age, should, if of equal measure, be 1845 years.

2300 days ended in 1843–4.

1335 days ended in 1874, also Jubilee cycles 1875, the *double* complete.

"Times of the Gentiles" end in 1914.

TERMS—Six Months, 25 Cents; One Year, 50 Cents.

minha surpresa e alegria quando descobri, pelo seu conteúdo, que o editor estava começando a abrir os olhos para temas que, por alguns anos, haviam proporcionado grande regozijo aos nossos corações aqui em Allegheny — que o objetivo da volta do nosso Senhor não é destruir, mas abençoar todas as famílias da terra, e que a sua vinda seria como um ladrão, e não na carne, mas como um ser espiritual, invisível aos homens; e que o ajuntamento da sua igreja e a separação do "trigo" do "joio" prosseguiria no fim desta era sem que o mundo estivesse consciente disso.

Regozijei-me em descobrir que outros estavam chegando à mesma posição avançada, mas fiquei espantado em encontrar a declaração expressa com muita cautela de que o editor acreditava nas profecias que indicavam que o Senhor já estava *presente* no mundo (fora da vista, portanto, invisível), e que já estava no tempo da obra da colheita do trigo, — e que este entendimento era corroborado pelas profecias relativas ao tempo, as quais, apenas uns poucos meses atrás, ele supunha terem falhado.

Eis aqui um novo raciocínio: Seria possível que as *profecias relativas ao tempo*, que eu havia desprezado por tanto tempo, por causa do seu mau uso pelos Adventistas, pretendiam realmente indicar quando o Senhor estaria *invisivelmente presente* para estabelecer seu reino — algo que eu entendia claramente que não podia ser percebido de nenhuma outra maneira? Parecia, falando sem exagero, uma coisa razoável, muito razoável, esperar que o Senhor informasse seu povo sobre o assunto — especialmente por ter ele prometido que o fiel não haveria de ser abandonado na escuridão do mundo, e que, embora o dia do Senhor viesse como um ladrão de noite sobre todos os demais (furtivamente, sem avisar), não haveria de ser assim com os santos vigilantes e zelosos. — 1 Tessalonicenses 5:4.

Recordo certos argumentos usados por meu amigo Jonas Wendell e por outros Adventistas para provar que 1873 testemunharia a queima do mundo, etc. — a cronologia do mundo indicando que os seis mil anos desde Adão terminaram com o início de 1873 — e outros argumentos tirados das Escrituras que se supunha coincidir. Seria possível que estes argumentos *relativos ao tempo*, os quais eu havia desconsiderado como não merecendo atenção, contivessem realmente uma verdade importante que eles haviam aplicado erroneamente?"

Observe que, até esta ocasião, Russell afirma que não dava nenhuma importância a profecias relativas ao tempo, que as tinha, na verdade, "desprezado". Que fez ele então?

Ansioso por aprender, de qualquer fonte, o que quer que Deus tivesse a ensinar, escrevi imediatamente ao sr. Barbour, informando-o sobre minha concordância com outros pontos e desejando saber particularmente por que e com base em que evidências bíblicas sustentava ele que a presença de Cristo e a colheita da era evangélica datava a partir do outono de 1874. A resposta mostrou que a minha suposição estivera correta, isto é, que os argumentos relativos ao tempo, cronologia, etc., eram os mesmos que os usados pelos Segundos Adventistas em 1873, e explicou como o sr. Barbour e o sr. J. H. Paton, de Michigan, um companheiro de trabalho dele, haviam sido Segundos Adventistas ativos até aquela época; e que, com a passagem da data de 1874 sem que o mundo fosse queimado e sem que eles vissem Cristo na carne, ficaram por certo tempo aturdidos. Examinaram as profecias relativas ao tempo que tinham passado aparentemente sem se cumprir e não conseguiram achar nenhuma falha, e começaram a perguntar-se se o tempo estava correto mas suas expectativas erradas, — se os conceitos do restabelecimento e bênção para o mundo, que eu mesmo e outros estávamos pregando, eram as coisas que se devia esperar. Parece que, não muito tempo depois do desapontamento deles quanto a 1874, um leitor do *Arauto da Aurora*, que possuía um exemplar da *Diaglott*, notou algo nele que lhe chamou a atenção, — que em Mateus 24:27, 37, 39, a palavra que em nossa versão comum é vertida por *vinda*, era traduzida *presença*. Esta era a chave. E, seguindo-se a isso, o *tempo* profético levou-os a conceitos corretos com relação ao objetivo e o modo da volta do Senhor. Eu, pelo contrário, fui levado desde o início a conceitos apropriados quanto ao objetivo e o modo da volta do nosso Senhor e, em seguida, ao exame do tempo para estas coisas, indicados na Palavra de Deus. Desse modo, Deus guia muitas vezes seus filhos a partir de diferentes pontos de verdade; mas quando o coração é sincero e confiante, o resultado deve ser o ajuntamento de todos esses.

Não havia, porém, nenhum livro ou outra publicação que apresentasse as profecias relativas ao tempo como eram então entendidas, de maneira que custeei as despesas do sr. Barbour para que viesse ver-me em Filadélfia (onde eu tinha alguns compromissos de negócios durante o verão de 1876), a fim de mostrar-me cabal e biblicamente, caso pudesse, que as profecias indicavam 1874 como a data em que a presença do Senhor e a 'colheita' começaram. Ele veio e eu fiquei convencido da evidência. Sendo um pessoa de firmes convicções e plenamente dedicado ao Senhor, vi imediatamente que os tempos especiais em que vivemos têm uma importância significativa sobre a nossa obrigação e trabalho como discípulos de Cristo; que,

> estando nós no tempo da colheita, o trabalho de colheita teria de ser realizado; e essa verdade presente era a foice pela qual o Senhor nos levaria a efetuar um ajuntamento e uma obra de colheita por toda a parte, entre seus filhos.

Assim, a visita do Segundo Adventista, N. H. Barbour, mudou as idéias de Russell sobre as profecias relativas a datas. Russell tornou-se editor assistente da revista de Barbour, o *Arauto da Aurora*. Deste tempo em diante, as profecias relativas ao tempo constituíram um aspecto destacado dos escritos de Russell e da revista *A Sentinela* que ele logo depois fundou.[5]

A interpretação dos "sete tempos" e a data de 1914, que Russell assimilou, estavam totalmente associados a data de 1874, havendo recebido importância primária por parte de Barbour e de seus adeptos (1914 ainda estava décadas no futuro, enquanto 1874 acabava de passar). Eles acreditavam que 1874 marcava o fim de 6.000 anos de história humana e esperavam a volta de Cristo naquele ano. Quando o ano passou e nada aconteceu, sentiram-se desiludidos. Como mostra a matéria citada anteriormente, um Segundo Adventista, que contribuía para a revista de Barbour, chamado B. W. Keith, notou mais adiante que certa tradução do Novo Testamento, *The Emphatic Diaglott*, usou a palavra "presença" em vez de "vinda" nos textos relacionados com volta de Cristo. Keith propôs a Barbour a idéia de que Cristo havia de fato retornado em 1874, porém *invisivelmente*, e de que Cristo estava agora invisivelmente "presente", completando a obra de julgamento.

Uma "presença invisível" é uma coisa muito difícil para se contra-argumentar ou refutar. É algo semelhante a ter um amigo que lhe confessa receber a visita invisível e o conforto de um parente falecido e tentar *provar* então para esse amigo que não é realmente assim.

O conceito da "presença invisível" facultava, portanto, a estes Segundos Adventistas associados com Barbour dizerem que haviam tido, afinal, "a data certa [1874], mas haviam simplesmente esperado a

[5] Foi *depois* da reunião com Barbour que Russell escreveu um artigo no *The Bible Examiner* (Examinador da Bíblia), publicada por George Storrs, outro adventista, no qual Russell apresentou a data 1914 a que Barbour havia chegado. Como tantas revistas dos Segundos Adventistas, a revista a que Russell deu início, incluía o termo *Herald* (Arauto) em seu título, *Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo* (presença de Cristo que se acreditava ter iniciado em 1874).

coisa errada nessa data."[6] Essa explicação foi também aceita e adotada por Russell.

Atualmente, vários milhões de Testemunhas de Jeová crêem e ensinam que a presença invisível de Cristo começou em 1914. Muito poucas se dão conta de que, *por quase cinqüenta anos,* a Sociedade Torre de Vigia anunciou e proclamou, em seu papel de profeta, que tal presença *invisível* começara em 1874. Tão tardiamente quanto em 1929, quinze anos *depois* de 1914, elas ainda estavam ensinando isto.[7]

As Testemunhas de Jeová crêem atualmente que Cristo iniciou oficialmente a regência do seu Reino em 1914. A revista *A Sentinela* ensinou durante décadas que isto acontecera em 1878.[8]

As Testemunhas de Jeová crêem atualmente que, em 1914, começaram também os "últimos dias" e o "tempo do fim". A revista *A Sentinela* ensinou durante *meio século* que os "últimos dias" começaram em 1799 (aceitando a interpretação de George Bell publicada em 1796).

Elas crêem atualmente que a ressurreição dos cristãos ungidos, que morreram do tempo de Cristo em diante, começou a acontecer em 1918. Por mais de quarenta anos, a revista *A Sentinela* ensinou ter ela começado em 1881.

Sua crença atual é que, desde 1914 e depois dessa data, particularmente de 1919 em diante, está em andamento a grande obra da "colheita", que deve chegar ao clímax com a destruição do atual sistema e de todos aqueles que não se mostraram sensíveis à sua atividade de pregação. Desde seu início, a revista *A Sentinela* tinha ensinado que, em vez disso, a "colheita" se estenderia de 1874 a 1914, e que, por volta de 1914, ocorreria a destruição de todas as instituições humanas deste mundo.

A organização coloca hoje a queda de "Babilônia, a Grande" (o "império mundial da religião falsa") em 1919. Durante pelo menos

---

[6] *A Sentinela* de 15 de julho de 1906, anteriormente citada, mostra que eles fizeram realmente uso desse mesmo argumento.

[7] Veja o livro *Profecia* (em inglês), publicado em 1929, páginas 64, 65. *A Sentinela* de 15 de fevereiro de 1975, páginas 122, 123, faz menção desta crença, mas não dá nenhum indício de que continuou sendo ensinada depois de 1914.

[8] Este entendimento começou a ser mudado em 1922, no congresso de Cedar Point, oito anos *depois* de 1914.

quatro décadas, *A Sentinela* a situava em 1878, com a completa destruição de Babilônia esperada para 1914 ou 1918.

O que provocou a mudança em todos estes ensinos proféticos importantes aceitos durante tantas décadas e por tanta gente?

Foi o mesmo que se deu no caso de toda a longa série de predições do século 13 em diante — a falta de cumprimento de suas expectativas anunciadas.

Alguns talvez estejam inclinados a não levar isto a sério, encarando-a como se fosse uma mera afirmação. Afinal de contas, quase nenhuma das Testemunhas tem acesso atualmente aos números mais antigos de *A Sentinela*, e mesmo hoje, quando se discute a história passada da organização, as publicações da Sociedade ignoram ou apresentam uma visão parcial, às vezes alterada, destes ensinos advogados por tanto tempo. Não dão a mínima idéia do fervor e da confiança com que se promoviam estes entendimentos.

Considere então uma parte da evidência tirada do "histórico oficial" desta organização que professa exercer o papel de profeta dos tempos modernos.

Ao rever os números mais antigos da revista *A Sentinela*, de 1879 em diante, um aspecto notável é que estavam esperando que acontecessem coisas grandiosas *bem naquele momento*. Embora cressem que 1914 marcaria o fim dos "tempos dos gentios", essa data tinha relativamente pouca influência sobre seu pensamento. Estavam pensando muito mais em 1874 e na crença de que Cristo tinha começado nessa ocasião sua presença invisível, introduzindo, daí em diante, o governo do seu Reino. Assim, esperavam passar muito em breve pela experiência da transferência para a vida celestial. Com isto, seria encerrada a oportunidade de chegarem a fazer parte da "noiva de Cristo". Também esperavam que, muito antes de 1914, o mundo entraria num período de grande aflição, que se agravaria e evoluiria para um estado de caos e anarquia. Por volta de 1914, estaria tudo terminado, acabado, e Cristo Jesus teria assumido o pleno controle dos assuntos da terra, com a substituição completa de todo os sistemas humanos de governo pelo seu Reino.

Isto é bem ilustrado pela seguinte matéria tirada do número de janeiro de 1881 de *A Sentinela*, sendo certos pontos sublinhados aqui para conveniência do leitor:

Vemos também que, não somente a colheita da era judaica e a do evangelho formam um paralelo no ponto inicial, mas também no período de duração; a deles sendo ao todo quarenta anos, desde o tempo da unção de Jesus [no início de sua colheita, 30 A.D.] até a destruição de Jerusalém, em 70 A.D. Portanto, a nossa, tendo começado em 1874, termina com o fim do "dia da ira" e com o fim dos "tempos dos gentios" em 1914 — um período similar e correspondente de quarenta anos. Os primeiros sete anos da colheita judaica eram especialmente dedicados ao ajuntamento do trigo maduro dessa igreja; dos quais, três anos e meio se deram enquanto ele estava presente como o Noivo e os outros três anos e meio foram depois de ele ter vindo a eles como rei e sido glorificado, embora estivesse tudo sob sua supervisão e direção.

Conforme fora dito por João, ele limpou sua eira, recolheu seu trigo e queimou a palha. Portanto, eis aqui o paralelo se cumprindo: Encontramos [conforme demonstrado anteriormente — veja "A Aurora do Dia"] *a lei e os profetas* declarando-o presente na culminação dos "ciclos do Jubileu", em 1874. E os paralelos nos mostram que começou então a colheita, e que o recolhimento da noiva para um lugar de segurança levará um tempo correspondente de sete anos, terminando em 1881. Mas, como, quando e por que a tropeçaram sobre Cristo "os servos da casa"? Se pudéssemos certificar-nos disto, conseguiríamos um indício de como, quando e por que tropeça a casa do evangelho, especialmente em vista do fato de que, em muitos aspectos, a obra final daquela era é o *modelo exato* desta.

Cremos que Cristo está agora presente, no sentido de ter começado a obra de tomar para si seu grande poder e domínio. A obra começou com a separação do joio do trigo na igreja vivente e na associação do trigo de todas as eras consigo mesmo na autoridade de seu reino. "Àquele que vencer, concederei sentar-se comigo no meu trono," e "dar-lhe-ei autoridade sobre todas as nações", para continuar até que todas as coisas sejam subjugadas sob ele. Parece apropriado, também, que a obra deveria começar assim, por tomar a sua noiva e os dois se tornarem um.

A verdadeira data-base para *A Sentinela* nessa época era claramente 1874. A partir dessa data, Cristo estava presente. Nos próximos quarenta anos, ele concluiria toda a sua obra de colheita. Por acreditarem nisto, achava-se que eventos dramáticos deveriam ocorrer

mui rapidamente, talvez naquele mesmo ano de 1881, conforme argumentado no artigo adicional com o título “Por Quanto Tempo, Ó Senhor?” Observe estes pontos:

> Esta é, sem dúvida, uma questão que muitos têm se perguntado, a saber: ‘Quão cedo virá a nossa mudança?’ Muitos de nós têm aguardado esta mudança por anos e, ainda com maior alegria, imaginamos o tempo em que nos juntaremos a Jesus e o veremos como ele é. No artigo concernente à nossa mudança, no periódico de dezembro, expressamos a opinião de que estava mais próxima do que muitos supunham e, enquanto não tentássemos provar que a nossa mudança se daria em algum tempo específico, mesmo assim, propomos que olhemos para as evidências que *parecem* indicar que a trasladação ou mudança da condição natural para a espiritual deverá ocorrer antes ou por volta do outono do nosso ano de 1881. A evidência de que a nossa mudança se dará por volta desse tempo aumenta, já que temos visto que a transformação em corpos espirituais não é o casamento. Enquanto pensávamos que o casamento fosse a mudança e sabendo que havia, desde 1978, três anos e meio de favor especial para a igreja nominal (deixada agora desolada), não podíamos esperar nenhuma trasladação antes de 1881 ou durante estes três anos e meio. Mas, uma vez que reconhecemos que ser admitido em casamento não significa apenas estar pronto para mudança (por reconhecer sua presença), mas também que essa admissão inclui a própria mudança, então as evidências de que entramos (ou seremos mudados) dentro do tempo mencionado são fortes e se apresentam a todos os interessados como dignas de investigação. À parte de qualquer prova direta de que a nossa mudança está próxima, o fato de que a maneira da mudança pode agora ser entendida é evidência de que estamos próximos do tempo da *mudança*, pois a verdade é “alimento no tempo devido” e só é entendida quando esse tempo chega. Será relembrado que, depois da primavera de 1878 (quando entendíamos que Jesus deveria aparecer como Rei), o tema da santidade ou das vestes de casamento estava muito agitado. E, à parte do paralelo em relação à era judaica e do favor que se demonstrava naquela época à nação judaica, o que implicava na presença do Rei, a consideração das vestes de casamento era também prova da exatidão da aplicação, pois “o Rei havia entrado para ver os convidados,” [Mat. xxii, 11] e todos estavam, portanto, interessados em saber como se encontravam diante dele. Ora, como a inspeção dos convidados é a última coisa que antecede à nossa mudança, a qual vem antes do casamento e estamos todos dando consideração agora à *mudança*, parece que o tempo dela está próximo.

Apresentaremos agora o que mencionamos através dos modelos e pontos proféticos como parecendo indicar que a trasladação dos santos e o fechamento da porta à chamada de cima se darão por volta de 1881.

Seguiu-se argumentação detalhada, com ênfase no outono de 1881 como o tempo provável de sua mudança para vida celestial e da ocasião "em que a porta — a oportunidade de vir a ser membro da noiva — se fechará". Isto seria *35 anos antes de 1914*, o que, para eles, era apenas um ponto final, o tempo durante o qual todas as coisas se acabariam.

A expectativa de que os cristãos ungidos da "classe da Noiva" passariam por uma transição para a vida celestial pelo outono de 1881, obviamente, não se materializou. À medida que os anos se passavam, o período considerado começou a prolongar-se e 1914 começou a receber uma ênfase um tanto maior. Todavia, ainda era o *ponto terminal*, quando a eliminação dos reinos terrestres e a destruição da "cristandade nominal" haveriam de se completar, já que se acreditava que Cristo começara a exercer seu pleno poder do Reino em 1878, conforme demonstrado no livro publicado por Russell em 1889, com o título *O Tempo Está Próximo* página 239:

Just so it has been in this harvest: Our Lord's presence as Bridegroom and Reaper was recognized during the first three and a half years, from A. D. 1874 to A. D. 1878. Since that time it has been emphatically manifest that the time had come in A. D. 1878 when kingly judgment should begin at the house of God. It is here that Rev. 14:14–20 applies, and our Lord is brought to view as the Reaper *crowned*. The year A. D. 1878, being the parallel of his assuming power and authority in the type, clearly *marks the time* for the actual assuming of power as King of kings, by our present, spiritual, invisible Lord—the time of his taking to himself his great power to reign, which in the prophecy is closely associated with the resurrection of his faithful, and the beginning of the trouble and wrath upon the nations. (Rev. 11:17, 18.)

Tradução:

Tem sido exatamente assim nesta colheita: A presença de nosso Senhor como Noivo e Ceifeiro foi reconhecida durante os primeiros três anos e meio, de 1874 A.D. a 1878 A.D. Desde esse tempo, ficou

enfaticamente claro que em 1878 A.D. chegou o tempo em que deveria começar o julgamento real da casa de Deus. É aqui que se aplica Rev. 14:14-20, e nosso Senhor tornou-se visível como o Ceifeiro coroado. Sendo o ano 1878 A.D. o paralelo de sua tomada de poder e autoridade no tipo, assinala o tempo claramente para a verdadeira tomada do poder como Rei dos reis pelo nosso presente, espiritual e invisível Senhor — o tempo dele assumir seu grande poder para reinar, o que, na profecia, está intimamente associado à ressurreição de seus fiéis e ao começo da aflição e da ira sobre as nações. (Rev. 11:17, 18)

NÃO RECONHECERAM O TEMPO DA SUA INSPEÇÃO

LUCAS 19:44; MATEUS 24:38, 39

NOSSO SENHOR SE APRESENTANDO EM TRÊS PAPÉIS — COMO NOIVO, CEIFEIRO E REI.

JOÃO 3:29; 4:35, 38; MATEUS 21:5, 9, 4; 2 COR. 11:2; REV. 14:14, 15; 17:14.

UM MOVIMENTO DO ADVENTO NA ÉPOCA DO NASCIMENTO DE JESUS, 30 ANOS ANTES DE SEU ADVENTO E UNÇÃO COMO MESSIAS NA ÉPOCA DO BATISMO.	UM MOVIMENTO DO ADVENTO EM 1844, 30 ANOS ANTES DA VERDADEIRA ÉPOCA DE SUA PRESENÇA, PARA DESPERTAR E PROVAR A IGREJA.
A PRÓPRIA PRESENÇA DO SENHOR COMO NOIVO E CEIFEIRO — OUTUBRO, 29 A.D. ASSUME PODER E TÍTULO COMO REI TRÊS ANOS E MEIO DEPOIS — 33 A.D.	A PRÓPRIA PRESENÇA DO SENHOR COMO NOIVO E CEIFEIRO — OUTUBRO, 1874 A.D. ASSUME PODER E TÍTULO COMO REI TRÊS ANOS E MEIO DEPOIS — 1878 A.D.

A PRIMEIRA OBRA DO REI, O JULGAMENTO.

REJEITADA A CASA DOS JUDEUS NOMINAIS; É LIMPADO O TEMPLO LITERAL. — **MAT. 20:18; 21:5-15; 23:37; 24:1.** A INTEIRA DESTRUIÇÃO DO ESTADO JUDAICO, CONSUMADA 37 ANOS APÓS TER SIDO REJEITADO — OU 40 ANOS A PARTIR DO INÍCIO DA COLHEITA — 70 A.D.	REJEITADA A CASA DOS CRISTÃOS NOMINAIS; É LIMPADO O TEMPLO ESPIRITUAL. — **1 PE. 4:17; REV. 3:16; MAL. 3:2** A INTEIRA DESTRUIÇÃO DA CRISTANDADE NOMINAL, CONSUMADA 37 ANOS APÓS TER SIDO REJEITADA — OU 40 ANOS A PARTIR DO INÍCIO DA COLHEITA — 1914 A.D.

Mesmo depois da virada do século, nos primeiros anos após 1900, o foco ainda se concentrava sobre 1874 e 1878 como datas-chaves em torno das quais girava todo pensamento. Eles já estavam *dentro dos* "últimos dias" desde 1799, *dentro do* período da "colheita" desde

1874, Cristo estivera exercendo seu poder real desde 1878 e a ressurreição havia então começado. O passar dos anos não alterou estas afirmações. Estavam todas relacionadas a *eventos invisíveis*, diferente da predição acerca da 'trasladação para o céu dos santos vivos' esperada em 1881. Sem nenhuma evidência visível para tirar-lhes o crédito, estas afirmações podiam ser, e foram, mantidas.

A três anos de 1914, em 1911, *A Sentinela* ainda proclamava a importância de 1874, 1878 e 1881. "Babilônia, a Grande" havia caído em 1878 e seu "fim total" viria em outubro de 1914. Foi feito, entretanto, um 'ajuste' com relação ao "fechamento da porta" da oportunidade para tornar-se parte da classe do Reino celestial, colocada anteriormente em 1881. Agora os leitores de *A Sentinela* são informados de que a "porta" ainda "se mantém entreaberta" nesta matéria do número de 15 de junho de 1911:

> Observando estes paralelos, encontramos 1874 como o início desta 'colheita' e do ajuntamento dos 'eleitos' desde os quatro ventos do céu; 1878 como o tempo em que Babilônia foi formalmente rejeitada, Laodicéia foi vomitada — o tempo desde o qual se declara, 'Caiu, caiu Babilônia' —, destituída do favor divino. O paralelo em 1881 parece indicar que ainda se mantinham certos favores aos em Babilônia até essa data, não obstante a rejeição do sistema; e, desde essa data, temos entendido que essa relação não tem sido em nenhum sentido vantajosa, mas tem sido, em muitos sentidos da palavra, uma clara desvantagem da qual, somente com dificuldade poderia alguém libertar-se, auxiliado pela graça do Senhor e pela verdade. E, em harmonia com este paralelismo, outubro de 1914 testemunhará o fim total de Babilônia, 'como uma grande mó lançada no mar', completamente destruída como sistema.
>
> Voltando atrás: Admitamos que seja razoável concluir que o encerramento dos favores sobre o Israel carnal represente o encerramento do favor especial da era Evangélica, a saber, o convite à chamada de cima; dessa forma, nosso entendimento é que a 'chamada' ampla ou geral desta era para as honras do reino cessou em outubro de 1881. Entretanto, como já foi mostrado nos ESTUDOS DAS ESCRITURAS, fazemos a distinção entre o fim da "chamada" e o fechamento da 'porta'; e cremos que a porta para a classe do reino não está ainda fechada; que se mantém entreaberta por um tempo, a fim de permitir que os que já aceitaram a 'chamada' e deixaram de usar seus privilégios e oportunidades, com o sacrifício de si mesmos, sejam

> expulsos e a fim de permitir que outros entrem e recebam suas coroas, em harmonia com Rev. 3:11. Portanto, o tempo atual, desde 1881 até que a porta para o sacrifício no serviço do Senhor seja completamente fechada, é um período de "peneiramento com respeito a todos os que já estão no favor divino, numa relação pactuada com Deus."

Isso foi escrito em 1911 e a data do desfecho final, 1914, estava agora próxima. Com sua chegada, a colheita estaria terminada, os últimos dias teriam alcançado seu ponto culminante, suas esperanças estariam completamente cumpridas. O que ensinavam exatamente as publicações da Torre de Vigia que aconteceria quando chegasse a data de 1914?

O livro *O Tempo Está Próximo*, publicado 25 anos antes de 1914, nas páginas 76 a 78, estabelece sete pontos, conforme alistados a seguir:

In this chapter we present the Bible evidence proving that the full end of the times of the Gentiles, *i. e.*, the full end of their lease of dominion, will be reached in A. D. 1914; and that that date will be the farthest limit of the rule of imperfect men. And be it observed, that if this is shown to be a fact firmly established by the Scriptures, it will prove:—

Firstly, That at that date the Kingdom of God, for which our Lord taught us to pray, saying, "Thy Kingdom come," will have obtained full, universal control, and that it will then be "set up," or firmly established, in the earth.

Secondly, It will prove that he whose right it is thus to take the dominion will then be present as earth's new Ruler; and not only so, but it will also prove that he will be present for a considerable period before that date; because the overthrow of these Gentile governments is directly caused by his dashing them to pieces as a potter's vessel (Psa. 2:9; Rev. 2:27), and establishing in their stead his own righteous government.

Thirdly, It will prove that some time before the end of A. D. 1914 the last member of the divinely recognized Church of Christ, the "royal priesthood," "the body of Christ," will be glorified with the Head; because every member is to reign with Christ, being a joint-heir with him of the Kingdom, and it cannot be fully "set up" without every member.

Seventhly, It will prove that *before that date* God's Kingdom, organized in power, will be in the earth and then smite and crush the Gentile image (Dan. 2:34)—and fully consume the power of these kings. Its own power and dominion will be established as fast as by its varied influences and agencies it crushes and scatters the "powers that be"—civil and ecclesiastical—iron and clay.

A fotocópia acima omite os pontos 4, 5 e 6. Mas segue-se a tradução de *todos* os sete pontos:

Neste capítulo, apresentamos a evidência bíblica que prova que o término total dos tempos dos gentios, isto é, o término total de sua licença de domínio se vencerá em 1914 A.D.; e que essa data será o limite máximo da regência de homens imperfeitos. E observe-se que, se isso se revela como um fato firmemente estabelecido pelas escrituras, provará:

Em primeiro lugar que, nessa data, o Reino de Deus, pelo qual nosso Senhor nos ensinou a orar, dizendo, "Venha o Teu Reino", terá alcançado o pleno controle universal, e que será então 'instalado', ou firmemente estabelecido, na terra.

Em segundo lugar, provará que ele, cujo direito é portanto assumir o domínio, estará então presente como o novo Regente da terra; e não apenas isso, mas provará também que ele há de estar presente por um período considerável antes dessa data; já que a derrubada destes governos gentios é causada diretamente por ele espatifá-los como um vaso de oleiro (Salmos 2:9; Rev. 2:27), e pelo estabelecimento de seu próprio governo justo em substituição a eles.

Em terceiro lugar, provará que, algum tempo antes do fim de 1914 A.D., o último membro da divinamente reconhecida Igreja de Cristo, do 'sacerdócio real', do 'corpo de Cristo', será glorificado com a Cabeça; já que cada membro deve reinar com Cristo, sendo co-herdeiro com ele no Reino, que não pode ser plenamente 'instalado' sem cada membro.

Em quarto lugar, provará que, daquele tempo em diante, Jerusalém não será mais pisoteada pelos gentios, mas se erguerá do pó do desfavor divino para honra, visto que os "tempos dos gentios" terão se cumprido ou completado.

Em quinto lugar provará que, nessa data, ou antes dela, começará a ser retirada a cegueira de Israel, já que a 'cegueira parcial' devia continuar somente 'até que houvesse entrado a plenitude dos gentios' (Rom. 11:25), ou, em outras palavras, até que o pleno número dentre os gentios, que haveriam de ser membros do corpo ou noiva de Cristo, fossem plenamente selecionados.

Em sexto lugar, provará que o grande 'tempo de aflição' tal como nunca houve desde que existe nação", alcançará seu ponto culminante no reino mundial da anarquia; e os homens aprenderão então a ficar parados e a reconhecer que Jeová é Deus e que ele será exaltado na terra. (Salmo 46:10) A condição das coisas, descrita em linguagem simbólica como ondas agitadas do mar, o derretimento da terra, o

> nivelamento da montanhas e a queima dos céus, terá se passado e a 'nova terra e novo céu', com suas bênçãos de paz começarão a ser reconhecidas pela humanidade abalada pela aflição. Mas o Ungido do Senhor e a sua autoridade legítima e justa serão primeiro reconhecidos pela companhia dos filhos de Deus, enquanto atravessam a grande tribulação — a classe representada por ***m*** e ***t*** no Plano das Eras (veja também as páginas 235 a 239, Vol. I.); posteriormente, bem no seu final, pelo Israel carnal; e, finalmente, pela humanidade em geral.
>
> Em sétimo lugar, provará que, *antes dessa data*, o Reino de Deus, organizado em poder, estará na terra, e golpeará e esmagará então a imagem gentia (Dan. 2:34) — consumirá totalmente o poder destes reis. Seu próprio poder e domínio serão estabelecidos tão logo ele esmiúce e pulverize, por suas variadas influências e operações, as 'potências que são' — civis e eclesiásticas — ferro e argila.

Estas declarações são da edição anterior a 1914. Note como algumas de suas declarações foram 'ajustadas' na edição posterior a 1914 (1924).

Conforme pode ser observado na matéria citada, a edição anterior a 1914 diz claramente que 1914 "será o *limite máximo* da regência de homens imperfeitos". Disse que, nessa data, o Reino de Deus "*terá alcançado* o pleno controle universal, e que será então 'instalado', ou firmemente estabelecido, na terra".

A edição posterior a 1914 encobre isto ao dizer:

> Neste capítulo apresentamos a evidência bíblica provando que o término total dos tempos dos gentios, isto é, o término total de sua licença de domínio se vencerá em 1914 A.D.; e que essa data verá a desintegração da regência de homens imperfeitos.
>
> E observe-se que, se isso se revela como um fato firmemente estabelecido pelas escrituras, provará:
>
> Em primeiro lugar que, nessa data, o Reino de Deus, pelo qual nosso Senhor nos ensinou a orar, dizendo, 'Venha o Teu Reino', começará a assumir o controle, e que será pouco depois 'instalado', ou firmemente estabelecido na terra, sobre as ruínas das instituições atuais.

No terceiro ponto, a edição anterior a 1914 declarou que, antes do fim em 1914, o último membro do "corpo de Cristo" seria glorificado com a Cabeça. Aqui, também, a edição posterior a 1914 alterou a fraseologia e eliminou qualquer referência ao ano de 1914:

> Em terceiro lugar, provará que, algum tempo antes do fim da derrocada, o último membro da divinamente reconhecida Igreja de Cristo, do 'sacerdócio real', do "corpo de Cristo", será glorificado com a Cabeça; já que cada membro deve reinar com Cristo, sendo co-herdeiro com ele no Reino, que não pode ser plenamente 'instalado' sem cada membro."

Assim, fez-se um esforço visível nas edições posteriores para encobrir os mais óbvios fracassos das declarações mais confiantes feitas com relação a 1914, já que essa data havia passado sem que os eventos preditos acontecessem. Poucas Testemunhas de Jeová hoje fazem qualquer idéia da magnitude das pretensões envolvendo esse ano ou do fato de que nenhum dos sete pontos originais sequer se cumpriu como foi declarado. Essas expectativas recebem atualmente apenas menção muito rápida nas publicações da Sociedade; algumas são totalmente ignoradas.[9]

De fato, ao ler as recentes publicações da Sociedade, alguém pode chegar talvez à conclusão de que Russell, o presidente da Torre de Vigia, não falou especificamente sobre o que 1914 traria exatamente. Essas insinuam que qualquer expectativa exagerada ou afirmação dogmática era da responsabilidade dos outros, os leitores. Um exemplo disto se encontra na história oficial, *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), página 52:

> Não há dúvida de que muitos, durante este período, eram excessivamente entusiásticos em suas declarações quanto ao que se podia esperar. Alguns liam as declarações de *A Sentinela* como dizendo o que jamais pretenderam dizer e, ao passo que era necessário para Russell chamar a atenção para a certeza de que estava prevista uma grande mudança no fim dos tempos dos gentios, ele ainda encorajava seus leitores a manterem a mente aberta, especialmente quanto ao elemento de tempo.

O livro cita trechos de revistas *A Sentinela* mas estes, ao serem examinados, simplesmente não apóiam a declaração apresentada. O

[9] Do mesmo modo, também, com as afirmações feitas acerca dos anos 1878 e 1881, as quais, juntamente com aquelas envolvendo 1799 e 1874, foram todas eventualmente descartadas como errôneas.

único que trata especificamente de um "elemento de tempo" específico é tirado de *A Sentinela* de 1893, que diz:

> Uma grande tempestade está próxima. Apesar de ninguém saber exatamente quando ela irromperá, parece razoável supor que não pode ser *mais* que doze ou catorze anos ainda no futuro.

Isto não contribui em nada para provar a asserção feita; simplesmente confirma o que é mostrado por outros escritos de Russell, isto é, que ele definitivamente esperava que rebentasse uma calamidade mundial *antes* da chegada de 1914, não mais tarde que 1905 ou 1907, de acordo com a matéria citada, e que esta deflagração levaria à eventual destruição de todos os governantes da terra nessa data final.

O livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (página 53) cita a declaração de Russell em *A Sentinela* de 1912, conforme segue:

> Há certamente espaço para ligeiras diferenças de ponto de vista sobre este assunto e isso nos leva a conceder um ao outro a mais ampla latitude. A permissão de poder aos gentios pode terminar em outubro de 1914 ou em outubro de 1915. E o período de intensa luta e anarquia "tal como nunca existiu desde que há nação" pode ser o fim conclusivo dos tempos dos gentios ou o começo do reinado do Messias.
>
> Porém, alertamos mais uma vez a todos os nossos leitores que não profetizamos nada sobre os tempos dos gentios acabarem em um tempo de calamidade, nem sobre a época gloriosa que seguirá imediatamente depois da catástrofe. Simplesmente destacamos o que dizem as Escrituras, expressando nossas opiniões com respeito a seu significado e instando com nossos leitores a que julguem, cada um por si mesmo, o significado delas. *Estas profecias ainda querem dizer a mesma coisa para nós*... Por mais que *alguns* possam fazer afirmações categóricas do que sabem, e do que não sabem, *nós nunca nos entregamos a isto*; porém, simplesmente asseveramos que cremos dessa e daquela maneira, por tais e tais razões.

Este é, portanto, o quadro que a organização procura transmitir. Compare-o com outras declarações apresentadas na revista *A Sentinela* e demais publicações, declarações sobre as quais as publicações da Sociedade não fazem atualmente a menor referência. Pergunte-se se é verdade que a responsabilidade por quaisquer afirmações dogmáticas recai fora da Sociedade, que, em vez disso, recai sobre aqueles que

"lêem" nas publicações uma certeza jamais intencionada, particularmente com relação ao que 1914 haveria de trazer.

Extraído de *O Tempo Está Próximo*, publicado em 1889, páginas 98 e 99, lemos o seguinte:

True, it is expecting great things to claim, as we do, that within the coming twenty-six years all present governments will be overthrown and dissolved; but we are living in a special and peculiar time, the "Day of Jehovah," in which matters culminate quickly; and it is written, "A short work will the Lord make upon the earth." (See Vol. I., chap. xv.)

In view of this strong Bible evidence concerning the Times of the Gentiles, we consider it an established truth that the final end of the kingdoms of this world, and the full establishment of the Kingdom of God, will be accomplished by the end of A. D. 1914. Then the prayer of the Church, ever since her Lord took his departure—"Thy Kingdom come"—will be answered; and under that wise and just administration, the whole earth will be filled with the glory of the Lord—with knowledge, and righteousness, and peace (Psa. 72:19; Isa. 6:3; Hab. 2:14); and the will of God shall be done "*on earth, as it is done in heaven.*"

Tradução:

Na verdade, é esperar grandes coisas afirmar, como o fazemos, que dentro dos próximos 26 anos, todos os atuais governos serão derrubados e dissolvidos; porém, estamos vivendo em um tempo especial e peculiar, 'O Dia de Jeová,' no qual os assuntos chegarão a uma conclusão rápida; e está escrito, 'O Senhor realizará uma obra curta sobre toda a terra.'" (Veja Vol. I., cap. xv.)

Em vista da forte evidência bíblica concernente aos tempos dos gentios, consideramos uma verdade estabelecida que o final definitivo dos reinos deste mundo e o pleno estabelecimento do Reino de Deus estarão realizados pelo fim de 1914 A.D. Nessa ocasião, a oração da Igreja, desde quando seu Senhor empreendeu sua partida _ "Venha o Teu Reino" _ , será respondida; e sob essa administração sábia e justa, a terra inteira se encherá da glória do Senhor _ com conhecimento,

justiça e paz (Salmo 72:19; Isa. 6:3; Hab. 2:14); e a vontade de Deus será feita *"na terra, como é feita no céu"*.

Se você disser, não simplesmente que alguma coisa é verdadeira, mas que a considera uma *"verdade estabelecida"*, não é isso o mesmo que dizer que *sabe que é assim*? Não é isso 'entregar-se a afirmações categóricas'? Se existe alguma diferença, quão grande é esta diferença?

Na mesma publicação, na página 101, aparece esta declaração:

> "Não se surpreendam, pois, se apresentamos, nos capítulos seguintes, provas de que o estabelecimento do Reino de Deus já começou, que está destacado na profecia como devendo começar a exercer o poder em 1878 A.D., e que a 'batalha do grande dia do Deus, o Todo-poderoso' (Rev. 16:14), que terminará em 1914 A.D. com a completa destruição do atual domínio da terra, já foi iniciada. O ajuntamento dos exércitos está claramente visível do ponto de vista da Palavra de Deus.
>
> Se a nossa visão não ficar obstruída pelo preconceito, quando conseguimos ajustar corretamente o telescópio da Palavra de Deus, podemos ver com clareza o caráter de muitos dos eventos que devem ocorrer no 'Dia do Senhor' _ de que estamos bem no meio desses eventos, e que chegou 'o Grande Dia de Sua Ira.

Dois anos depois de ter-se publicado este livro, publicou-se outro livro de Russell, *Venha o Teu Reino* (em inglês), em 1891 e, na página 153, encontramos o seguinte:

> The fall, plagues, destruction, etc., foretold to come upon mystic Babylon, were foreshadowed in the great trouble and national destruction which came upon fleshly Israel, and which ended with the complete overthrow of that nation in A. D. 70. And the period of falling also corresponds; for from the time our Lord said, "Your house is left unto you desolate," A. D. 33, to A. D. 70 was 36½ years; and so from A. D. 1878 to the end of A. D. 1914 is 36½ years. And, with the end of A. D. 1914, what God calls Babylon, and what men call Christendom, will have passed away, as already shown from prophecy.

Tradução:

A predita queda, pragas, destruição, etc., que sobreviriam à mística Babilônia, foram prefiguradas pela grande angústia e destruição nacional que sobrevieram ao Israel carnal, e que terminou com a completa destruição da nação em 70 A.D. E o período da queda tem também uma correspondência; visto que, desde o tempo em que nosso Senhor disse, 'Vossa casa vos fica abandonada', de 33 A.D. a 70 A.D. são 36 anos e meio; e, do mesmo modo, de 1878 A.D. ao fim de 1914 A.D. são 36 anos e meio. E com o fim de 1914, aquilo que Deus chama de Babilônia e os homens chamam de cristandade, terá passado, conforme já está demonstrado pela profecia.

No ano seguinte, 1892, no número de 15 de janeiro, *A Sentinela* dizia que a "batalha" final já havia começado, devendo seu fim ocorrer em 1914:

Enquanto era uma surpresa agradável para nós (em vista dos relatos sensacionais e hostis que se publicam com tanta freqüência), achar a situação na Europa, como a descrevemos aqui — de acordo com o que as Escrituras nos haviam induzido a esperar —, ainda assim, tão grande é nossa confiança na Palavra de Deus e na luz da verdade atual que brilha sobre ela, que não poderíamos ter duvidado de seu testemunho, quaisquer que fossem as aparências. A data do encerramento dessa "batalha" está definitivamente marcada nas Escrituras como sendo outubro de 1914. Ela já está em andamento, datando seu início de outubro de 1874. Até agora, tem sido principalmente uma batalha de palavras e um tempo para organização de forças – capital, trabalho, exércitos e sociedades secretas.

Nunca houve um tempo em que se formaram tantas coligações como no presente. As nações não estão apenas se aliando umas às outras para proteger-se contra outras nações, mas as várias facções dentro de cada nação estão se organizando para proteger seus diversos interesses. Mas, por enquanto, as várias facções estão simplesmente estudando a situação, examinando a força de seus adversários e procurando aperfeiçoar seus planos e poder para a luta futura, que muitos, sem o testemunho da Bíblia, parecem convencer-se de que é inevitável. Outros ainda se iludem dizendo, Paz! Paz! quando não há nenhuma possibilidade de paz até que o reino de Deus assuma o controle, compelindo-os a que se faça sua vontade na terra como é feita agora no céu.

Este aspecto da batalha deve continuar com variável sucesso para todos os envolvidos; a organização deve ser muito cabal; e a luta final será comparativamente curta, terrível e decisiva _ resultando em anarquia geral. Em muitos sentidos, as convicções dos grandes generais do mundo coincidem com as predições da Palavra de Deus. Então, 'Ai do homem ou nação que der início a próxima guerra na Europa; pois .'. Esta será induzida não apenas por animosidades nacionais, mas também por ressentimentos, ambições e animosidades sociais e, caso não seja levada a um fim pelo estabelecimento do reino de Deus nas mãos de seu eleito e da então glorificada Igreja, a espécie seria exterminada. _ Mateus 24:12.

Este pequeno artigo que aparece em *A Sentinela* de julho de 1894 revela o quanto eles viam as condições mundiais daquele tempo como prova clara de que o mundo estava então prestes a entrar em suas ânsias finais, com seu último suspiro ocorrendo em 1914:

CAN IT BE DELAYED UNTIL 1914?

Seventeen years ago people said, concerning the time features presented in MILLENNIAL DAWN, They seem reasonable in many respects, but surely no such radical changes could occur between now and the close of 1914: if you had proved that they would come about in a century or two, it would seem much more probable.

What changes have since occurred, and what velocity is gained daily?

"The old is quickly passing and the new is coming in."

Now, in view of recent labor troubles and threatened anarchy, our readers are writing to know if there may not be a mistake in the 1914 date. They say that they do not see how present conditions can hold out so long under the strain.

We see no reason for changing the figures—nor could we change them if we would. They are, we believe, God's dates, not ours. But bear in mind that the end of 1914 is not the date for the *beginning*, but for the *end* of the time of trouble.

Tradução:

PODE SER ADIADO ATÉ 1914?

Dezessete anos atrás as pessoas diziam, com relação aos detalhes cronológicos apresentados na AURORA DO MILÊNIO: Parecem razoáveis em muitos aspectos, mas certamente não ocorrerão mudanças radicais entre o momento atual e o final de 1914; se vocês

> tivessem provado que aconteceriam dentro um século ou dois, isso pareceria muito mais provável.
>
> Que mudanças têm ocorrido desde então e que velocidade está se alcançando diariamente?
>
> "O velho está passando rapidamente e o novo está chegando."
>
> Agora, em vista dos recentes problemas trabalhistas e da ameaça de anarquia, nossos leitores estão escrevendo para saber se não deve haver algum erro na data de 1914. Eles dizem que não vêem como as condições atuais podem agüentar tanto tempo sob tensão.
>
> Não vemos nenhum motivo para mudarmos os números — nem poderíamos mudá-los se quiséssemos. Eles são, acreditamos, datas de Deus, não nossas. Mas, tenham em mente que o fim de 1914 não é a data para o *início*, mas para o *fim* do tempo de aflição. Não vemos motivo algum para alterarmos nossa opinião expressa na visão apresentada em *A Torre de Vigia* de 15 de janeiro de 1892. Aconselhamos que a leiam novamente.

É verdade que se usa aqui a palavra "opinião", mas quão significativo isto é quando, ao mesmo tempo, se inclui Deus no quadro como apoiando as datas anunciadas? Quem estaria inclinado a duvidar das "datas de Deus"?

Atualmente, a organização diria que estes assuntos são todos superficiais, de somenos importância quando comparados ao que costumam apresentar como uma verdade maior, a saber, que a Sociedade estava certa sobre o "fim dos tempos dos gentios" como ocorrendo em 1914, a *única* crença inicial com relação a 1914 que ainda permanece. Mas, ao dizerem isto, eles cometem provavelmente o maior ato de representação falsa de todos. Pois o fato é que tudo o que se reteve foi a *expressão*: "o fim dos tempos dos gentios". O significado atribuído à expressão é *totalmente diferente* do significado a ela atribuído pela Sociedade Torre de Vigia durante os quarenta anos que vão até 1914.

Durante todos aqueles quarenta anos, os associados à Sociedade Torre de Vigia entendiam que o "fim dos tempos dos gentios" significaria a derrubada completa de todos os governos terrenos, sua total destruição e substituição pela regência de toda a terra pelo reino de Cristo. Não restaria nenhuma regência humana. Recordem a declaração nas páginas 98 e 99 do livro *O Tempo Está Próximo*, dizendo que "dentro dos próximos 26 anos [a partir de 1889], *todos os*

atuais governos serão derrubados e dissolvidos." Que, "Em vista da *forte evidência bíblica* concernente aos tempos dos gentios, consideramos uma *verdade estabelecida* que *o final definitivo dos reinos deste mundo* e o pleno estabelecimento do Reino de Deus estarão realizados pelo fim de 1914 A.D."

Atualmente, o significado atribuído à expressão "fim dos tempos dos gentios" (ou "os tempos designados das nações") é completamente diferente. Não é o fim *real* do domínio dos governos humanos como resultado de sua destruição por Cristo. Diz-se agora que é o fim de sua "regência ininterrupta" da terra, sendo a interrupção o resultado de haver Cristo assumido invisivelmente o poder e começado a reinar em 1914 e a dirigir sua atenção de um 'modo especial' para a terra, (o que é, na verdade, aquilo que fora ensinado anteriormente quanto ao ano de 1874).

Já que, mais uma vez, é no domínio invisível que se diz que isto ocorreu, é difícil argumentar contra tal teoria. O fato de que nada mudou absolutamente desde 1914 com relação ao domínio da terra pelos governos terrenos não parece ser visto como de alguma conseqüência. A "licença" deles expirou, diz-se agora, estando invisivelmente cancelada pelo Rei invisível, e, dessa forma, veio o "fim" do seu tempo designado.

Tudo isto é comparável a proclamar-se durante quarenta anos que, numa certa data, o ocupante indesejável de uma propriedade seria completamente expulso, removido para sempre, e então, quando a data vem e se vai e o ocupante ainda continua lá como sempre, aparecer então com uma explicação evasiva dizendo: "Bem, eu cancelei sua licença e, no que me diz respeito, é como se ele tivesse ido embora. E, além do mais, agora estou vigiando as coisas mais de perto".

Reconhecidamente, quanto mais se aproximava 1914, mais cautelosas se tornavam as previsões. Ao passo que Russell havia argumentado que a tempestade de aflição e a anarquia universal ocorreriam antes de outubro de 1914, mais tarde, em um número de 1904 da revista, ele disse:

UNIVERSAL ANARCHY—JUST BEFORE OR AFTER OCTOBER, 1914 A. D.

What seems at first glance the veriest trifle and wholly unrelated to the matter, has changed our conviction respecting the time when universal anarchy may be expected in accord with the prophetic numbers. We now expect that the anarchistic culmination of the great time of trouble which will precede the Millennial blessings will be after October, 1914, A. D. —very speedily thereafter, in our opinion—"in one hour," "suddenly."

Tradução:

ANARQUIA UNIVERSAL — POUCO ANTES OU DEPOIS DE OUTUBRO DE 1914 A.D.

O que parece ser à primeira vista a coisa mais trivial e totalmente desvinculada do assunto, mudou nossa convicção com respeito ao tempo de quando pode ser esperada a anarquia universal, segundo os números proféticos. Agora, esperamos que o clímax anárquico do grande tempo de aflição, que precederá as bênçãos do Milênio ocorrerá depois de outubro de 1914, A.D. — bem imediatamente depois, em nossa opinião — "em uma hora", "repentinamente".[10]

E, enquanto ele havia afirmado em 1894 que os cálculos expostos eram "datas de Deus, não nossas", em *A Sentinela* de 1º de outubro de 1907, sete anos antes de 1914, disse ele então:

Um querido irmão pergunta: Podemos nos sentir absolutamente seguros de que é correta a cronologia apresentada nos ESTUDOS DA AURORA DO MILÊNIO? — de que a colheita começou em 1874 A.D. e findará em 1914 A.D. numa calamidade de amplitude mundial, que eliminará todas as instituições atuais e será seguida pelo reino de justiça do Rei da Glória e de sua noiva, a igreja?

Respondemos, como o temos freqüentemente feito antes nas AURORAS e SENTINELAS, oralmente e por carta, que nós nunca afirmamos que nossos cálculos fossem infalivelmente corretos; nós nunca afirmamos que fossem *conhecimento*, nem baseados em evidência incontestável, fatos, *conhecimento*; a nossa afirmação tem sido sempre que eles se baseiam na *fé*.

[10] *A Torre de Vigia* de 1º de julho de 1904.

Este mesmo artigo continua, entretanto, a dar a entender que os que duvidam desses cálculos são carentes de fé. Diz ele:

> "Lembrem-se mais uma vez de que os pontos fracos da cronologia são suplementados pelas várias profecias que se entrelaçam com ela de maneira tão notável que *a fé* na cronologia se torna quase *conhecimento* de que é correta. A mudança de um único ano tiraria a harmonia das belas correspondências; já que algumas profecias são contadas a partir de A.C., algumas a partir de A.D., e algumas dependem de ambos os períodos. Cremos que Deus pretendia que essas profecias fossem compreendidas 'no tempo devido'; cremos que as compreendemos agora — que elas nos falam através desta cronologia. Não selam elas desse modo a cronologia? Selam com respeito *à fé*, mas não independente dela. Nosso Senhor declarou, "O sábio entenderá"; e ele nos diz "Vigiai" para que possamos conhecer; e é esta cronologia que *nos convence* (a qual podemos aceitar e realmente a aceitamos pela fé) de que a Parábola das Dez Virgens está agora em processo de cumprimento — que ouviu-se seu primeiro grito em 1844 e que seu segundo grito, 'Eis aqui o Noivo' — presente — se deu em 1874.

Quão proveitoso é — ou, quanto a isso, quanta humildade demonstra — reconhecer própria falibilidade enquanto se dá a entender, ao mesmo tempo, que somente aqueles que aceitam os seus pontos de vista estão demonstrando fé, estão entre os sábios que entenderão'? Não estariam aqueles que deixaram de atender a estes "gritos" de 1844 e 1874 classificados logicamente como as "virgens tolas" da parábola?

O mesmo artigo havia dito anteriormente:

> Os tempos e as épocas de Deus são dados de tal maneira como sendo convincentes somente àqueles que, pela intimidade com Deus, são capazes de reconhecer seus métodos característicos.

Desse modo, se alguém expressasse dúvidas quanto à cronologia da Sociedade, colocava-se sutilmente em dúvida a própria qualidade de sua relação com Deus — juntamente com sua fé e sua sabedoria. Esta é uma forma de intimidação intelectual, uma prática que aumentou de múltiplas maneiras, uma vez que o ano de 1914 havia se passado sem que se cumprissem as expectativas publicadas mundialmente.

8

JUSTIFICAÇÃO E INTIMIDAÇÃO

> *Quanto mais você fala, mais perto está de pecar; se você é sábio controle a sua língua.* — Provérbios 10:19, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*

CHARLES Taze Russell, que fizera referência a si mesmo como "porta-voz de Deus", morreu em 1916. Deixou para trás um legado de profecias relativas a datas, das quais, nenhuma teve os resultados preditos. Também deixou para trás milhares de seguidores confusos. O livro *Luz I* publicado em 1930, página 194, descreve a situação do seguinte modo:

> Todos os do povo do Senhor ansiavam por 1914 com uma expectativa jubilante. Quando essa data chegou e passou, houve muito desapontamento, vergonha e pesar, e o povo de Deus foi imensamente censurado. Foram ridicularizados pelo clero, principalmente, pelos aliados destes, e apontados com desprezo por terem falado tanto sobre 1914 e sobre o que viria a acontecer, e não se cumprirem suas profecias.

Com a passagem tanto de 1914 como de 1915 sem que houvesse a completa derrubada de todos os reinos e instituições humanas, sem que o reino de Cristo assumisse o domínio de toda a terra, sem que os ungidos passassem à vida celestial, nem houvesse a destruição de "Babilônia, a Grande" e a conversão de Israel ao cristianismo — tudo predito como devendo ocorrer em 1914 —, levantaram-se sérias dúvidas entre os adeptos da Torre de Vigia. Na realidade, houve o começo da 1ª Guerra Mundial, mas não resultou na anarquia mundial predita.

Em outubro de 1916, pouco antes de sua morte, Russell, ao escrever um prefácio para a nova edição de *O Tempo Está Próximo*, procurou

minimizar a importância do erro do que fora predito para 1914. O que segue é ilustrativo da abordagem adotada por ele:

> O autor reconhece que apresenta neste livro o pensamento de que os santos do Senhor podem esperar estar com Ele em glória no final dos tempos dos gentios. Este foi um erro natural no qual se pode cair, mas o Senhor o invalidou para a bênção de Seu povo. O pensamento de que a Igreja seria ajuntada em glória antes de outubro de 1914, teve certamente um efeito muito estimulante e santificador sobre milhares, todos os quais podem conseqüentemente louvar o Senhor — até pelo erro. Muitos, na verdade, podem expressar-se como estando agradecidos ao Senhor por não ter a culminação das esperanças da Igreja chegado no tempo esperado; e por termos, como o povo do Senhor, mais oportunidades de aperfeiçoarmos a santidade e de sermos participantes com nosso Amo na apresentação adicional de Sua Mensagem a Seu Povo.

Ao envolver Deus e Cristo nos erros cometidos, com Deus 'invalidando' certas predições, provê-se uma saída muito conveniente de ter de arcar com a verdadeira responsabilidade de ter apresentado falsamente como "datas de Deus" coisas que não eram datas de Deus, mas simplesmente o produto de especulação humana não autorizada. Acha-se mérito até em falsas predições por causa do efeito "estimulante e santificador" produzido, de modo que alguém possa "louvar o Senhor — até pelo erro." Essa abordagem deu margem a mais predições falsas com seu efeito "estimulante". Faz-nos lembrar as palavras de Deus apresentadas pelo profeta verdadeiro, ao dizer:

> Ai dos que dizem que o bom é mau e que o mau é bom, os que põem a escuridão por luz e a luz por escuridão, os que colocam o amargo pelo doce e o doce pelo amargo![1]

Enquanto ele ainda vivia e por alguns anos após sua morte, os seguidores de Russell mantinham-se esperançosos. Quando a guerra acabou e as coisas começaram a se normalizar, a passagem de cada ano fazia com que surgissem mais dúvidas sobre a cronologia apresentada.

---

[1] Isaías 5:20.

Essa é a situação que o Juiz Rutherford herdou. (Ele fora eleito como presidente da Sociedade em janeiro de 1917, na reunião anual da corporação.) Ele tinha diante de si duas alternativas: retificar por meio da franca admissão do erro ou tentar justificar as predições de seu antecessor. Ele preferiu seguir o caminho da justificação.

Agindo rapidamente para restaurar qualquer confiança oscilante por parte dos leitores de *A Sentinela,* Rutherford fez arranjos para um livro chamado O Mistério Consumado que seria publicado em 1917, ano seguinte à morte de Russell.

Este livro procurava transferir algumas das coisas esperadas em 1914 para 1918, fazendo-o por traçar um paralelo com o esmagamento da revolta judaica pelos romanos. A destruição de Jerusalém pelos romanos veio em 70 E.C., mas o fim da luta só aconteceu três anos e meio depois, no ano 73 E.C. Assim, acrescentou-se essa mesma quantidade de tempo ao outono de 1914 e *O Mistério Consumado* apontava agora para a primavera de 1918 como uma nova data de grande importância.

As partes do livro aqui sublinhadas mostram o que se predisse que ocorreria então. Ao lê-las, observe a linguagem usada e pergunte-se se estaria ‘lendo no livro coisas que não estão lá’ ao dizer que ele continha predições explícitas e suscitava expectativas que nunca foram cumpridas. Veja o que diz a página 62:

O Mistério Consumado REV. 8

> A informação apresentada nos comentários sobre Rev. 2:1 prova que a conquista da Judéia só se completou no dia da páscoa, 73 A.D., e, à luz dos textos bíblicos precedentes, *provam* que a primavera de 1918 trará um espasmo de angústia sobre a cristandade até maior do que o experimentado no outono de 1914. Reexaminem a tabela das Dispensações Paralelas no livro “ESTUDOS DAS ESCRITURAS”, Vol. 2, páginas 246 e 247; mudem o 37 para 40, o 70 para 73 e 1914 para 1918, e cremos que está correto e que se cumprirá “com grande poder e glória”. (Marcos 13:26) Era inteiramente impossível prever se o nosso Senhor pretendia que 70 A.D. ou 73 A.D. deveria servir-nos de guia quanto ao tempo em que o estado judaico chegou ao fim depois de outubro de 1915 haver passado. Além do mais, temos visto os prometidos sinais, “na terra angústia de nações em perplexidade; os corações dos homens desvanecendo-se de temor e por causa da expectativa dessas coisas que hão de vir sobre a terra”, e temos as

palavras do Senhor de que, ao haver presenciado essas coisas, "o Reino de Deus está próximo", "às portas", e nossa "redenção se aproxima." (Lucas 21:25-36; Marcos 13:27-30.) É possível que 1980 A.D. marque o recolhimento de todos os do Israel natural de seu cativeiro de morte. São exatamente setenta anos depois de 1910, a data em que o Pastor Russell deu seu grande testemunho ao povo judaico no Hipódromo de Nova York. Veja página 551 (1).

Mas se o tempo das dores de parto da Sião nominal (Isa. 66:8) está destinado a ocorrer na primavera de 1918, e se estamos agora a apenas "um dia" (um ano) desse evento mencionado pelo profeta, qual deveria ser nossa expectativa com relação ao sentimento do "pequeno rebanho" neste ínterim? "A dor de parto simbólica na profecia acima é uma referência ao grande Tempo de Aflição — as dores de parto que hão de vir sobre a igreja evangélica nominal, a Grande 'Babilônia', da qual alguns são considerados dignos de escapar.

1918 havia, portanto, de ver as nações da cristandade sofrerem um "espasmo de angústia" maior do que o sofrido em 1914 quando começou a 1ª Guerra Mundial. Na realidade, esse ano presenciou o fim da guerra em um armistício. O livro predisse também que o restante dos "ungidos", os "últimos da classe de Elias", passariam por sua mudança para o céu nesse ano, conforme se relata na página 64:

Quarenta dias depois da ressurreição de Cristo, ocorreu sua ascensão ao céu. Isto confirma a esperança da glorificação da Igreja quarenta anos (um ano por um dia) depois de despertar os santos de seu sono na primavera de 1878. Os sete dias antes do Dilúvio podem representar sete anos, de 1914 a 1921, no meio de cuja "semana de anos", os últimos membros do Messias passarão através do véu. A classe da Grande Companhia será cortada por ocasião de seu final — o fato de que vemos a primeira metade desta semana marcada de maneira tão distinta nos leva a esperar mais três anos e meio de testemunho pela classe da Grande Companhia; pois essa parece ser a maneira do Pai Celestial realizar Sua obra por semanas e meias semanas, desde o próprio início da criação até agora. O pacto com Abraão, 2045 A.C., se deu na metade do período (2081 anos de cada lado) entre a queda de Adão, 4127 A.C. e a conversão de Cornélio em 36 A.D. A última observância do jubileu típico por Israel, 626 A.C., se deu na metade do período (2500 anos de cada lado) desde o fim do Dia de Adão, 3127 A.C., e o início dos Tempos de Restituição, 1874 A.D. O cativeiro, 606 A.C., marca o início dos Tempos dos Gentios, na

metade do período (2520 anos de cada lado) entre o fim do dia milenar de Adão, 3127 A.C., e o fim dos Tempos dos Gentios, 1914 A.D. O cativeiro, 606 A.C., marca um ponto na metade do período (1845 anos de cada lado) entre a queda do homem, 4127 A.C., e seu pleno restabelecimento no favor divino, 2914 A.D. A morte de Cristo, 33 A.D., marca um ponto na metade do período (três anos e meio de cada lado) entre seu batismo, 29 A.D., e a conversão de Cornélio, 36 A.D.

O despertar dos santos adormecidos, 1878 A.D., deu-se exatamente na metade (três anos e meio de cada lado) entre o início dos Tempos de Restituição em 1874 e o encerramento da Chamada de Cima em 1881. Nossa proposição é que a glorificação do Pequeno Rebanho na Primavera de 1918 A.D. ocorra na metade do período (três anos e meio de cada lado) entre o encerramento Tempos dos Gentios e o fechamento do Entrada Celestial, 1921 A.D.

Similar à predição relacionada a 1881, esta também falhou. Talvez, a linguagem mais forte tenha sido a usada nas predições da terrível destruição que deveria ocorrer às igrejas da cristandade e seus membros em 1918, com seus cadáveres espalhados por todos os lados e insepultos. As páginas 484 e 485 contêm dois dos vários exemplos desta profecia:

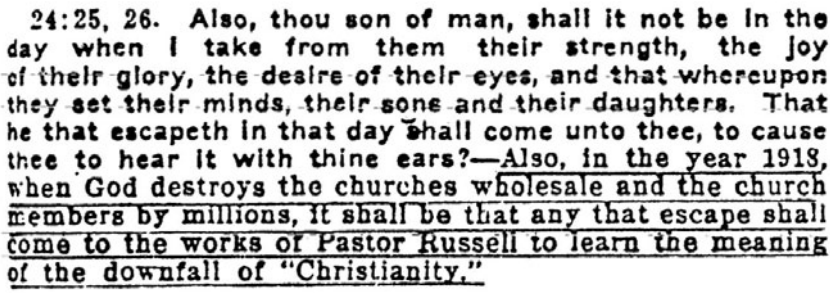
AS IGREJAS DEIXAM DE EXISTIR

24:20, 21 **Então, eu lhes respondi: Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Dize à casa de Israel: Assim disse o Senhor Deus: Eis que profanarei meu santuário, a excelência da vossa força, o desejo dos vossos olhos, e aquilo de que se apieda a vossa alma; e vossos filhos e vossas filhas, a quem abandonastes, cairão pela espada.** — Deus dá o motivo. Era semelhante a um quadro ou parábola do que deve acontecer à cristandade. Até 1878, a igreja nominal foi, de certo modo, o santuário ou Templo de Deus; mas deste tempo em diante, culminando em 1918, Ele tem estado a eliminá-la com um golpe ou praga de doutrinas errôneas e práticas divinamente permitidas. A Igreja era a força da cristandade, em torno da qual se centralizava sua vida, em volta do que, erigiram-se suas instituições. Era o desejo dos olhos das pessoas, aquilo que todos os cristãos amavam. No entanto, Deus estava prestes a tornar manifesta a profanação em que o excessivo zelo religioso tinha transformado a Igreja Cristã e feito com que as organizações eclesiásticas se tornassem para Ele como um morto, uma coisas impura, que não devia ser tocada ou lamentada. E os “filhos da igreja” perecerão pela espada da guerra,

da revolução e anarquia, e serão levados a ver, pela Espada do Espírito, que perderam sua esperança de vida no plano espiritual que "a porta está fechada."

24:22. **E fareis como tenho feito: não encobrireis vossos lábios, nem comereis o pão dos homens.** — Tão universais e pavorosas serão as aflições que os mortos jazerão literalmente sem ser enterrados ou lamentados. Não pode haver nenhum pesar pelos mortos em um tempo em que os sobreviventes são sobrepujados por aflições piores do que a morte.

———————


24:25, 26. Also, thou son of man, shall it not be in the day when I take from them their strength, the joy of their glory, the desire of their eyes, and that whereupon they set their minds, their sons and their daughters, That he that escapeth in that day shall come unto thee, to cause thee to hear it with thine ears?—Also, in the year 1918, when God destroys the churches wholesale and the church members by millions, it shall be that any that escape shall come to the works of Pastor Russell to learn the meaning of the downfall of "Christianity."

O PASTOR RUSSELL MORTO, MAS FALANDO OUTRA VEZ

24:25, 26. **Também tu, ó filho do homem, não será no dia em que tirarei deles a sua força, a alegria de sua glória, o desejo de seus olhos, e aquilo em que fixam suas mentes, e seus filhos e suas filhas, que virá a ti aquele que escapar nesse dia para fazer com que o ouça com teus ouvidos?** — Também, no ano de 1918, quando Deus destruir as igrejas em escala total e os membros das igrejas aos milhões, será nesse dia que, qualquer que escapar, se voltará para as obras do Pastor Russell para aprender o significado da queda da "cristandade."

24:27. **Naquele dia, tua boca se abrirá para aquele que escapar e tu falarás e não ficarás mais mudo; e serás um sinal para eles; e saberão que sou o Senhor.** — A voz do Pastor Russell tem estado silenciada pela morte; sua voz está, falando-se de maneira comparativa, muda quanto ao que acontecerá. No tempo de revolução e anarquia, ele falará, e não ficará mais mudo para aqueles que escaparem da destruição nesse dia. O Pastor Russell "será um sinal para eles", falará a eles a verdade a respeito da designação Divina da calamidade, à medida que consultarem os livros dele, espalhados ao número de dez milhões por toda a cristandade. Suas palavras serão um

sinal de esperança para eles, habilitando-os a ver o lado brilhante da nuvem e a aguardar com antecipação o reino glorioso de Deus a ser estabelecido. Então, "conhecerão o Senhor."

Não apenas as igrejas da cristandade, mas também seus governos enfrentariam a catástrofe e o completo esquecimento (página 513):

A Cristandade Não Deve Perdurar

31:14. **A fim de que nenhuma de todas as árvores, próximas a águas, se exaltem pela sua altura, nem as que brotam suas copas em espessos ramos e nem mantenham suas árvores sua altura, todas as regadas pela água; pois, estão todas entregues à morte, às partes baixas da terra, no meio dos filhos do homem, com os que descem à cova.** — Nenhum outro sistema terreno pode seguir seu exemplo orgulhoso; pois, todos eles estão entregues, como sistemas, à morte, a um lugar de desonra entre a camada mais baixa da sociedade.

31:15. Thus saith the Lord God; In the day when he went down to the grave I caused a mourning: I covered the deep for him, and I restrained the floods thereof, and the great waters were stayed: and I caused Lebanon to mourn for him, and all the trees of the field fainted for him. —In the year 1918, when Christendom shall go down as a system to oblivion, (Sheol) to be succeeded by revolutionary republics, God will cause mourning. He will restrain and defer for a brief period the threatening waves of anarchy. He will cause the nations to mourn for Christendom, and all the man-made systems (trees) of the world (field) to become weak on account of her fall.—E392, 372.

31:16. I made the nations to shake at the sound of his fall, when I cast him down to hell (Sheol) with them that descend to the pit: and all the trees of Eden, the choice and best of Lebanon, all that drink water, shall be comforted in the nether parts of the earth.—God will cause the nations to shake with gigantic revolutions, when He shall cast worldly Christendom, as an organized system, down to oblivion (as He did the Jews in the Dives parable).

31:15. **Assim disse o Senhor Deus: No dia em que desceu à sepultura, causei uma lamentação; cobri a profundeza por sua causa e impedi as enchentes e as grandes águas foram detidas; e, por sua causa, fiz com que o Líbano pranteasse e que todas as árvores do campo desfalecessem por causa dele.** — No ano de 1918, quando a cristandade como sistema descer ao esquecimento (Seol), e

ser sucedida por repúblicas revolucionárias, Deus causará lamentação. Ele segurará e retardará por um curto período as ondas ameaçadoras da anarquia. Ele fará com que as nações pranteiem por causa da cristandade e que todos os sistemas feitos pelo homem (árvores) do mundo (campo) se tornem fracos por causa da queda dela. — E392, 372.

31:16. **Fiz tremer as nações diante do som da sua queda, quando eu o lancei no inferno (Sheol) junto com os que descem à cova; e todas as árvores do Éden, as escolhidas e as melhores do Líbano, todas as irrigadas, serão consoladas nas partes baixas da terra.** — Deus fará tremer as nações com revoluções gigantescas, ao lançar a cristandade mundana, como sistema organizado, no esquecimento (como fez aos judeus na parábola do rico).

31:17. **Desceram também junto com ele ao inferno (Seol), aos que são mortos pela espada; e os que estavam em seu galho e moravam sob sua sombra, no meio dos gentios.** — Mas elas também descerão ao esquecimento (Seol) (E392, 372), com a cristandade, bem como os que eram seu poder, que moravam sob sua proteção entre os povos.

Todas estas coisas foram preditas para o ano 1918. Nenhuma delas aconteceu. Mas o livro também predisse eventos estupendos para o ano 1920. As revoluções gigantescas, que deviam começar em 1918, alcançariam o clímax em 1920 com o desaparecimento de todos os tipos de governos organizados. Diz a página 258:

16:20. And every island fled away.—Even the republics will disappear in the fall of 1920.
And the mountains were not found.—Every kingdom of earth will pass away, be swallowed up in anarchy.

16:20. **E toda ilha fugiu.** — Até as repúblicas desaparecerão no outono de 1920.

E não se acharam os montes. — Todos os reinos da terra passarão, serão tragados pela anarquia.

16:21. **E caiu sobre os homens.** — Em grego “Os Homens”, os adoradores da fera e da sua imagem, i. e., o clero.

Uma grande saraiva do céu. — A verdade, compacta, chegando com força esmagadora. Uma declaração concludente de como o sétimo volume dos *Estudos das Escrituras* parece aos adoradores da fera e da sua imagem. — Rev. 1:19; Isa. 28:17; 30:30; Eze. 13:11 Josué 10:11.

Cada pedra pesando cerca de um talento — 51,25 quilos (Mal. 3:10) Outra visão do sétimo volume dos *Estudos das Escrituras*, conforme parece aos adoradores da fera e da sua imagem, se encontra na última das pragas egípcias, a morte do primogênito. Êxodo, capítulos 11 e 12. Tão logo ocorreu esta praga aos egípcios, todos, do Faraó para baixo, estavam ansiosos para apressar a partida do visitante e dispostos a entregar todas as jóias de prata (a Grande Companhia) e as jóias de ouro (o Pequeno Rebanho). Com relação à afirmação que diz "não existia uma casa onde não houvesse um morto," admite-se que, no caso de alguma seita ter sido passada por alto nas listas citadas nos comentários sobre os capítulos 8 e 9, a omissão não foi intencional e será corrigida em edições futuras. Os três dias nos quais as hostes de Faraó perseguiram os israelitas no deserto representam os três anos de 1917 a 1920, tempo no qual os mensageiros de Faraó serão tragados pelo mar da anarquia. As rodas se soltarão de suas carroças — organizações.

Dessa maneira, até os elementos radicais que haviam de produzir as revoluções na cristandade em 1918 e dar origem aos governos trabalhistas e socialistas deveriam ver estes movimentos enfrentar sua extinção. Isto se daria porque, mesmo enquanto esses movimentos estavam destinados a provocar a queda dos governos existentes da cristandade, eles mesmos seriam derrubados pelos anarquistas em 1920. Veja a página 542:

O Mistério Consumado EZEQ. 35

sobre a excessiva religiosidade e a cristandade com ira e furor, e com ciúme odioso, assim fará Deus à ordem de coisas socialista e trabalhista. Do mesmo modo como eles ajudaram a destruir a cristandade, serão eles mesmos destruídos pelos anarquistas.

————————

35:13 **Desse modo, vós vos jactastes com vossa boca contra mim e multiplicastes vossas palavras contra mim; eu as ouvi**. — Os movimentos socialistas e assemelhados, enquanto falam ferozmente contra o capitalismo, e secretamente contra o cristianismo, estão, na verdade, falando contra uma ordem permitida por Deus e na qual Deus estava — ao morar por meio de seu Espírito Santo em tais cristãos verdadeiros enquanto estavam nos sistemas. Ao expressarem a determinação de guiar o mundo para fora da escuridão das más condições econômicas, sociais e políticas, jactam-se, sem saber, contra

Deus por ter a presunção de realizar aquilo que Deus havia planejado previamente para ser feito pela sua fiel igreja e que é absolutamente impossível de ser realizado por qualquer instrumento inferior, Deus não deixará passar despercebidas as palavras dos socialistas, sindicalistas, trabalhistas, etc. Ele as escutará e se lembrará delas visando uma justa retribuição.

35:14 **Assim diz o Senhor Deus; quando toda a terra regozijar, eu causarei desolação.** — Quando os 'tempos de restituição' de todas as coisas ocorrerem, uma das coisas que não será restaurada, será o movimento socialista trabalhista. Quando toda a sociedade se regozijar na nova ordem de coisas estabelecida por Deus, o estado Socialista terá sido então desolado completamente e para sempre.

35:15. As thou didst rejoice at the inheritance of the house of Israel, because it was desolate, so will I do unto thee; thou shalt be desolate, O mount Seir, and all Idumea, even all of it: and they shall know that I am the Lord.— As the fleshly-minded apostates from Christianity, siding with the radicals and revolutionaries, will rejoice at the inheritance of desolation that will be Christendom's after 1918, so will God do to the successful revolutionary movement; it shall be utterly desolated, "even all of it." Not one vestige of it shall survive the ravages of world-wide all-embracing anarchy, in the fall of 1920. (Rev. 11:7-13.)

35:15. **Como te regozijaste diante da herança da casa de Israel, por ter sido desolada, assim farei a ti; serás desolado, ó monte Seir, e todo o Edom, sim, todo ele; e saberão que eu sou o Senhor**. — Assim como os apóstatas de mentalidade carnal do cristianismo, aliando-se aos radicais e revolucionários, se regozijarão diante da herança de desolação que virá a ser da cristandade depois de 1918, assim fará Deus ao movimento revolucionário triunfante; será completamente desolado, "mesmo toda ela". Não sobreviverá nenhum vestígio dele nas ruínas da anarquia mundialmente abrangente no outono de 1920. (Rev. 11:7-13)

"Anarquia mundialmente abrangente no outono de 1920." Apesar de toda a linguagem impressionante e impactante e da certeza das afirmações, nada disso aconteceu. Como no caso de 1914, as novas datas de 1918 e 1920 passaram sem o "espasmo de angústia" sobre a cristandade, sem a derrubada de seus governos sem a destruição de

suas igrejas ou a transferência dos ungidos para o céu, que foram preditas.

Em vez disso, 1918 presenciou o presidente Rutherford e seis outros destacados diretores da Sociedade julgados e sentenciados à prisão, sob acusações de tempo de guerra de que o livro *O Mistério Consumado* e outras publicações continham declarações sediciosas. No ano seguinte, 1919, foram libertados e exonerados de todas as acusações.

Assim, estavam livres para observar 1920, ano em que, na estação do outono, todas as repúblicas e "todos os reinos da terra" seriam "tragados pela anarquia", de acordo com *O Mistério Consumado*. Naquele ano foram, todavia, desenvolvidas e proclamadas novas predições. Sem nem mesmo deixar 1920 passar, apresentou-se agora uma nova data a ser ansiosamente esperada.

"MILHÕES QUE AGORA VIVEM JAMAIS MORRERÃO"

> *Não enviei os profetas, no entanto, eles mesmos correram. Não falei com eles, no entanto, eles mesmos profetizaram.* — Jeremias 23:21.

Em 1920, o presidente da Torre de Vigia, Rutherford, publicou um folheto intitulado *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*. Essa frase atraente é ainda usada até hoje pela organização. Naquela época, entretanto, baseava-se em uma nova predição que o presidente da Torre de Vigia havia desenvolvido. A base da afirmação de que milhões que viviam então jamais morreriam estava ligada a uma nova data: 1925. Observe o que dizem as partes sublinhadas do folheto nas páginas 110, 111 e 112 com relação a esse ano:

quanto Deus os guiou, durante dezoito seculos, era um povo typico, representativo. Sua lei era symbolica, representando cousas maiores e melhores, no futuro. O Senhor ordenou a Moysés inaugurar o systema do Sabbado no anno em que Israel entrou na terra de Cannan, 1575 annos antes de Christo. (Levitico, 25:1-12), e que cada quinquagesimo anno seria celebrado o jubilo. Isto foi realizado no decimo dia do setimo mez, o dia da Expiação. "E santificareis o quinquagesimo anno e proclamareis liberdade por toda a terra, a todos os habitantes, e ha de ser um jubilo para vós e voltará cada um para as suas possessões, e voltará cada um para sua familia".

Outras Escripturas mostram que haviam de guardar setenta jubilos. (Jeremias, 25:11: 2.° Chronicas 36:17-21). Simplesmente calculando estes jubilos, chegamos ao seguinte facto importante: Setenta jubilos de cincoenta annos cada um dará o total de 3.500 annos. Este periodo de tempo principiando 1.575 annos antes da éra Christan, naturalmente terminará no outomno do anno 1925, data esta, na qual termina o typo, e o grande prototypo se iniciará. Qual então será o acontecimento que devemos esperar? Pelo typo, deve haver completa restauração, portanto o grande prototypo marcará o principio da restauração de todas as cousas. A cousa principal a ser restituida é vida á raça humana: desde que outras escripturas definitivamente estabelecem o facto, de que Abrahão, Isaac e Jacob resussitarão e outros fieis antigos, e que estes seriam os primeiros favorecidos, podemos esperar em 1925

a volta desses homens fieis de Israel, resurgindo da morte e completamente restituido á perfeição humana, os quaes serão visiveis e reaes representantes da nova ordem das cousas na terra.

Uma vez estabelecido o Reino do Messias, Jesus e sua egreja glorificada, a qual constitue O Messias, estes ministrarão as bençams ao povo, as quaes por tanto tempo estão esperando e orando. E quando chegar esse tempo, haverá paz e não guerras, segundo a bella declaração do propheta : — "Mas acontecerá nos ultimos dias que o monte da casa de Jehovah será estabelecido no cume dos montes, e será exaltado sobre os outeiros, e a elle concorrerão povos. Irão muitas nações e dirão, vinde subamos ao monte de Jehovah, e a casa do Deus de Jacob, Elle nos ensinará acerca dos seus caminhos, e andaremos nas suas veredas; porque de Sião sahirá a *lêi e de Jerulém* a palavra de Jacob. Elle julgará entre muitos povos, e reprovará nações poderosas e longinquas; elles converterão as suas lanças em podadeiras e forjarão suas espadas em relhas de arados; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais guerrear, mas sentar-se-hão, cada um debaixo da sua parreira e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os amedronte; porque a bocca de Jehovah dos exercitos o disse". (Miqueas, 4:1-4).

GOVERNADORES MUNDANOS

Como préviamente temos demonstrado, o grande cyclo do jubilo deve principiar em 1925.

Nesta data a parte terrestre do Reino será reconhecido. O Apostolo S. Paulo, no capitulo onze aos Hebreus, cita os nomes de muitos homens fieis que morreram antes da crucificação do Senhor e antes de iniciar a selecção da egreja. Estes nunca terão parte na classe celestial; elles não têm esperanças celestiaes. Mas Deus tem reservado cousas bôas para elles. Elles resussitarão homens perfeitos e serão principes e governadores da terra, de accôrdo com a Sua promessa. (Psalmos, 14:16; Isaias, 32:1; S. Matheus. 8:11). Portanto, podemos seguramente esperar que 1925 marcará a volta ás condições de perfeição humana, de Abrahão, Isaac, Jacob e os antigos prophetas fieis, especialmente esses mencionados pelo Apostolo no capitulo onze de Hebreus.

que todos aquelles que guardarem as palavras do Senhor, jámais verá a morte. Jesus não faria esta promessa, se Elle não tivesse intenção de completal-a e executal-a no tempo determinado.

Ainda Elle disse : — "E todo que vive e crê em mim nunca jámais morrerão". (S. João, 11:26). Cremos nesta declaração do Mestre ? Então, quando chegar o tempo, para que o mundo saiba, então aquelles que crêem e se submettem em absoluta obediencia ás condições, tem certeza, pela positiva declaração de Jesus que elles jámais morrerão.

Baseado nos argumentos até aqui apresentados, isto é, que a ordem velha das cousas, o velho mundo está se findando e desapparecendo, e que a nova ordem ou organização está se iniciando, e que 1925 será a data marcada para ressurreição dos anciões dignos e fieis, e o principio da reconstrucção, chega-se á conclusão razoavel de que milhões dos que vivem agora na terra, ainda estarão vivos no anno de 1925. Então, baseados nas promessas encontradas nas palavras Divinas, chegamos á positiva e indiscutivel conclusão de que, milhões que agora vivem jámais morrerão.

Isto constituía a base do que se chamava a "Campanha dos Milhões", um esforço mundial durante um período de dois anos para chamar a atenção para a mensagem deste folheto. Conforme descreve o livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), "erigiram-se enormes painéis em todas as cidades grandes com o letreiro estendido anunciando: 'Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão'."

Essa publicidade era reforçada com anúncios nos jornais. Todos os discursos públicos dados por representantes da Torre de Vigia focalizavam este tema.[2] A Sociedade narra estes aspectos principais deste extraordinário esforço mundial. Até usa ocasionalmente este lema espetacular em nossos dias. O que não informa a seus leitores é que a *base primária* e *toda a força* da afirmação de que "Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão" se fixavam nas predições com relação a 1925, predições que se provaram inteiramente falsas.

Em 1921, Rutherford publicou seu primeiro livro de tamanho normal, *A Harpa de Deus*. Esse reafirmava a confiança e a fé da Sociedade em 1799 como o início dos "últimos dias" e em 1874 como o tempo em que Cristo começou sua "presença invisível". Observe, nas partes que seguem, com os pontos chaves sublinhados, o modo como a evolução dos acontecimentos característicos daqueles dias e as condições mundiais foram usadas como testemunho "incontestável" em apoio a essas datas. Veja a página 236 (da versão em inglês):

A Harpa de Deus

> [399] O propósito aqui é chamar atenção para certas datas importantes e ver então até que ponto tem a profecia se cumprido, se é que tem, dentro destas datas. A cronologia depende, até certo ponto pelo menos, de cálculos exatos e há sempre alguma possibilidade de erro. A profecia cumprida é o registro de fatos físicos que realmente existem e estão fixados de maneira definida. Os fatos físicos não se contradizem. Mantêm-se como testemunhas silenciosas cujo testemunho deve ser aceito como incontestável.
>
> [400] Há aqui duas datas importantes que não devem ser confundidas mas claramente diferenciadas, a saber, o começo do "tempo do fim" e o da "presença do Senhor". "O tempo do fim" envolve um período desde 1799 A.D., conforme indicado acima, até o tempo da completa derrubada do império de Satanás e do estabelecimento do reino do

[2] *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês), páginas 98, 100, 104.

Messias. O tempo da segunda presença do Senhor data desde 1874, conforme declarado anteriormente. Evidentemente, o segundo período está dentro do primeiro mencionado, e compreende a última parte do período conhecido como "o tempo do fim".

———————————

[404] Desse tempo em diante, tem havido de modo correspondente um aumento extraordinário do conhecimento em todas as ciências e, de fato, em todos os ramos da aprendizagem. A escola pública, sempre com a oposição do papado, tem proporcionado um meio de educação geral e aumento do conhecimento para pessoas de todas as rodas da vida. Têm surgido faculdades e universidades por todo o mundo. Com o aumento do conhecimento em vários ramos, têm surgido as numerosas invenções das quais o homem agora dispõe, máquinas que poupam tempo e trabalho, etc.

[405] Antes de 1799, os meios de transporte eram tais que um homem podia viajar em um dia apenas uma pequena distância. Ele tinha de ir de veículo puxado a cavalos ou bois, ou a pé; e, a quando atravessava o oceano, ele tinha de ir de barco a vela que se movia muito lentamente. Em 1831, foi inventada a primeira locomotiva a vapor. Fez-se um avanço tão maravilhoso neste sentido que alguém pode agora viajar por quase qualquer parte da terra a um ritmo acelerado num trem de ferrovia. Mais tarde, vieram as locomotivas elétricas e os carros com motores elétricos e à gasolina; em conseqüência disso, há atualmente uma tremenda quantidade de viagens em toda a parte da terra. Não é nada fora do comum alguém viajar a uma velocidade de 120 ou 160 quilômetros por hora; e isto é particularmente certo por meio do avião, que é uma invenção muito moderna.

[406] As invenções mencionadas acima estão relacionadas com 'o dia de preparação de Deus' durante a presença de Cristo. — Naum 1:1-6.

[407] Em 1844 inventou-se o telégrafo e, mais tarde, o telefone. Estes instrumentos foram usados no início com fios e, por meio da eletricidade, enviavam-se mensagens por toda a terra; mas agora, por meio de invenção posterior, os fios são dispensados e, pelo uso de instrumentos, as mensagens são irradiadas pelo ar por toda a parte da terra.

[408] Este extraordinário aumento do conhecimento e a tremenda corrida de pessoas para lá e para cá em várias partes da terra são, sem dúvida, um cumprimento da profecia dando testemunho quanto ao "tempo do fim". Estes fatos físicos não podem ser contestados e são suficientes para convencer a toda mente razoável de que estamos, desde 1799, no "tempo do fim".

[409] A última parte do "tempo do fim" é designada por Jesus como o tempo da colheita, já que ele diz: "A colheita é o fim do mundo [era]." Ele diz que estaria presente nesse tempo. De 1874 em diante ocorre a última parte do período do "tempo do fim". Desde 1874, ocorre o tempo da segunda presença do Senhor, conforme mencionado acima. O Apóstolo Paulo, ao enumerar as muitas coisas feitas concernentes a Israel, diz que "foram escritas para nossa admoestação, para quem chegaram os finais do mundo [eras]". (1 Coríntios 10:11) Deve-se presumir que estas coisas seriam entendidas no "tempo do fim".

———————————

[410] As classes trabalhadoras têm sido sempre esmagadas e mantidas em sujeição a príncipes financeiros, eclesiásticos e políticos. Foi no ano de 1874, data da presença do nosso Senhor, que se criou a primeira organização trabalhista. Desse tempo em diante, tem havido um aumento maravilhoso de luz, e as invenções e descobertas têm sido numerosas demais para mencionarmos todas elas aqui, mas faz-se menção de algumas das que vieram à existência desde 1874, como evidência adicional da presença do Senhor desde aquela data: a África Negra, alumínio, arados de disco, arame farpado, arranha-céus, aspiradores de pó, automóveis, aviões, bicicletas, caixas registradoras, carborundo, celulóide, cinema, cirurgia anti-séptica, colheitadeiras, desnatadeiras, dinamite, engates automáticos, escadas rolantes, escolas por correspondência, ferrovias elétricas, fogões sem fogo, fonógrafos, gás de iluminação, isqueiros, linotipos, máquinas de somar, máquinas de escrever, máquinas de costurar sapatos, metrôs, monotipo, motores de partida, motores a gasolina, o Canal do Panamá, o Plano Divino das Eras, o Pólo Norte, o Pólo Sul, pasteurização, pólvora sem fumaça, rádio (quim.), radiotelegrafia, raios X, semáforos de ferrovia, soldagem elétrica, submarinos, telefones, televisão e tinturas artificiais.

Observe particularmente que, depois de descrever o desenvolvimento de coisas tais como as Sociedades Bíblicas, o aumento do número de faculdades e universidades, os meios de transporte a vapor, elétrico e a gasolina, o telégrafo e o telefone — resultando tudo num grande aumento do conhecimento e da mobilidade, — diz o livro na página 239:

> [Isto] é *sem dúvida* um cumprimento da profecia dando testemunho quanto ao "tempo do fim". Estes fatos físicos não podem ser contestados e são suficientes para convencer a toda mente razoável de que estamos, desde 1799, no "tempo do fim".

Aquilo que é *"sem dúvida"* é logicamente infalível. A palavra "infalível" não é usada — mas, para os todos os efeitos, faz-se a afirmação. E se alguns tiverem dúvida ou não estiverem convencidos, bem, simplesmente não podem ser enquadrados na categoria dos que têm uma "mente razoável". Isto é também uma intimidação intelectual, uma arma que a verdade sólida jamais precisaria usar.

Apesar de qualquer que fosse o efeito "estimulante e santificador" que estas novas previsões e vigorosas afirmações sobre algumas das antigas datas possam ter tido, por ocasião do ano 1922, com 1914 então há oito anos no passado, a confiança que muitos haviam depositado nas profecias relativas a datas da Sociedade estava se esgotando. Os métodos aos quais a sede da organização recorreu ao procurar superar este problema são reveladores.

Em vez de tornar-se mais moderada em suas afirmações acerca de suas interpretações ou assumir uma visão mais modesta de sua autoridade, a organização tornou-se muito mais insistente quanto à conformidade, e as alegações acerca da exatidão de sua cronologia tornaram-se mais dogmáticas. A "lealdade" aos ensinos do "servo fiel e prudente" (que se argumentava então como se aplicando claramente ao irmão Russell) era o distintivo. Os que questionassem a cronologia baseada em seus ensinos (cuja cronologia se baseava, por sua vez, nos ensinos de N. H. Barbour, John Aquila Brown e outros) eram retratados, não apenas como carentes de fé, mas também como excessivamente convencidos com sua própria sabedoria, como orgulhosos, egoístas, ambiciosos, rebeldes, desencaminhados pelo adversário e culpados de repudiar o Senhor. Dar qualquer valor ao testemunho dos antigos historiadores em contradição às datas da organização significava depositar confiança nos "agentes do império de Satanás."

Se isso parecer difícil de acreditar, considere as declarações feitas numa corrente contínua de artigos em *A Sentinela* durante 1922 e 1923. Observe o uso repetido de termos tais como "incontestável", "correto além de dúvida", "divinamente corroborado", "absoluta e indiscutivelmente correto", "incontestavelmente estabelecido", "certeza comprovada", "de origem divina" — termos aplicados a todo o esquema cronológico que inclui 1799 (o início dos últimos dias), 1874 (o início da presença invisível de Cristo), 1878 (o início da ressurreição dos ungidos), 1881 (o tempo em que Russell foi

plenamente designado como o mordomo do Senhor), bem como 1914, 1918 e a data profética mais recente de 1925, considerada como tendo ‘tanto apoio bíblico quanto 1914’. Para conveniência do leitor, os trechos estão sublinhadas.

Extraído de *A Sentinela* de 1º de março de 1922:

O TEMPO DA COLHEITA

Jesus disse que a era terminaria com uma colheita durante a qual ele estaria presente, e que enviaria então seus mensageiros para recolher seus eleitos. (Mateus 13:24-30; 24:31) É de se esperar que o Senhor teria alguma testemunha na terra no tempo da colheita para anunciar a ocorrência de sua presença e da colheita. Eis aqui mais uma evidência circunstancial que serve de prova conclusiva; alguns fatos físicos adicionais que falam mais alto que palavras audíveis, a saber: Foi o irmão Russell quem anunciou o tempo da colheita e da presença do Amo da colheita. Foi ele quem primeiro saiu pelo país anunciando, ‘Eis a colheita; vão para o campo e trabalhem’. E milhares de outros, ao aceitar a palavra de ordem, juntaram-se à proclamação da mensagem.

Jesus disse claramente que, durante o tempo de sua presença, teria um servo fiel e prudente que ele usaria para dar o alimento à família (da fé) no tempo apropriado. Todo aquele que tem hoje conhecimento do plano divino das eras deve responder verazmente que derivou esse conhecimento de seu estudo da Bíblia em conexão com o que o irmão Russell escreveu; que, antes desse tempo, ele nem sequer sabia que Deus tinha um plano de salvação. Toda pessoa que se regozija atualmente na luz da verdade da palavra de Deus se dá conta de que Deus lhe trouxe a verdade, revelando-a através do ministério e trabalho iniciado pelo irmão Russell, que veio logo depois da presença do Senhor.

Sob o título “Sábio Para Com Deus” (referindo-se a Russell), o artigo fala com desdém dos que “acreditam possuir sabedoria superior aos demais” e diz que é típico destes “fazer declarações de forma dogmática.” Alguns parágrafos mais adiante começam apresentando os “fatos incontestáveis” acerca de 1799 e 1874. O que é “dogmatismo” nos outros é evidentemente considerado como “convicção sincera” quando posto em prática pelos redatores da revista.

SÁBIO PARA COM DEUS

Era ele sábio? Pelo modo como o mundo compreende essa palavra, e particularmente a definem os clérigos mundanos, ele não era. E graças a Deus que ele não era. Tivesse ele possuído grande sabedoria mundana, como a usada por seus difamadores, o Senhor jamais o teria usado. Note-se que estes clérigos pretensamente instruídos o acusam de não ser versado em grego e nem hebraico. Essa acusação é verdadeira. Os fatos demonstram além de dúvida que a maioria dos homens que possuem conhecimento de grego e hebraico se tem em alta conta. Começam a pensar que sabem tanto que devem apresentar algo assombroso para transtornar o que tenha sido feito por outra pessoa. Eles se desviam do caminho do Senhor e se estribam em sua própria compreensão, contrária à Palavra dele. (Provérbios 3:5, 6) Falam e escrevem em tal fraseado que a mente comum não pode compreender; e fazem-no na esperança de magnificar a sua própria sabedoria aos olhos dos outros. Visto que pensam ter sabedoria superior aos demais, fazem declarações de forma dogmática, sem importar se estão certas ou erradas, confiando que serão engolidas por outros por não poderem penetrar nesta suposta sabedoria.

———————————

Os fatos incontestáveis mostram, portanto, que o "tempo do fim" começou em 1799; que a segunda presença do Senhor começou em 1874; que a colheita se seguiu daí em diante e que uma luz mais grandiosa tem sido lançada sobre a Palavra de Deus. Com relação a isto, observemos então as palavras de Jesus: "Quem é então o servo fiel e prudente, a quem seu senhor constituiu governante sobre sua família para dar-lhe o alimento no tempo apropriado? Abençoado é aquele servo a quem seu senhor, ao chegar, o achar fazendo assim."

Dois meses depois, o número de 1º de maio de 1922 continuou a campanha para desarraigar qualquer tendência de pôr em dúvida os ensinos da organização, utilizando a mesma tática:

OS FRUTOS DA AMBIÇÃO

De vez em quando, eis que surge alguém que tem estado seguindo o Senhor, pelo menos por certo tempo, e que possui certa medida de beleza de mente, de caráter e, possivelmente, de personalidade — alguém que leva a si mesmo excessivamente a sério. Alguém que consegue convencer-se de que foi designado pelo Senhor para cuidar das coisas divinas e guiar o povo de Deus para fora do deserto. À medida que prossegue neste caminho, ele fica convencido em sua própria mente de que o Senhor cometeu um erro ao escolher o irmão

> Russell como esse servo; e esta dúvida o leva posteriormente à conclusão de que o irmão Russell não era de forma alguma "aquele servo". Ele começa a duvidar daquilo que o irmão Russell escreveu e assim se expressa. Agora ele desconsidera a palavra do Senhor que diz: "Confia no Senhor com todo o teu coração e não te apóies em tua própria compreensão. Reconhece-o em todos os teus caminhos e ele dirigirá as tuas sendas."
>
> Portanto, ao desconsiderar esta admoestação e ser *induzido pela influência sutil do adversário*, ele se convence de que é sua missão solene desfazer todas as coisas que o irmão Russell ensinou e corrigir a visão da igreja para a direção correta. Prepara um manuscrito e representações gráficas em apoio da mesma, expondo suas idéias. Ao submetê-lo a outras pessoas e ser advertido de que seus pensamentos estão errados, atribui isso ao desejo de não deixar brilhar a sua luz e rejeita tal advertência. Fica tão convencido de que deve ensinar as pessoas e desfazer o que tem sido ensinado que começa com a publicação de seus pensamentos, enviando-os aos consagrados. Seus argumentos parecem razoáveis aos que fazem apenas um exame superficial e especialmente aos que se esqueceram daquilo que lhes foi ensinado. Surgem dúvidas nas mentes de alguns que vão até certo ponto na leitura. É aí que vem a prova.

A lealdade aos ensinos da Sociedade, recebidos de Russell, era igualada à lealdade a Deus e a Cristo. Rejeitar os ensinos de Russell significava rejeitar a Cristo. Esta pretensão espantosa está claramente expressa no mesmo número de *A Sentinela*:

> Jesus indicou claramente que teria, durante sua segunda presença, um servo fiel e prudente na igreja, por meio do qual ele daria o alimento à família da fé no tempo apropriado. A evidência concernente à segunda presença do Senhor, ao tempo da colheita, e de que o cargo "daquele servo" foi preenchido pelo irmão Russell é sobrepujante. Isto não é de maneira alguma adoração de homem. Não interessa quem era Charles T. Russell — se era médico, servente de pedreiro ou vendedor de camisas. São Pedro era pescador; São Paulo advogado. Mas estas questões são irrelevantes. Acima de tudo, estes homens eram os vasos escolhidos do Senhor. Independente de sua vocação terrena, o irmão Russell era, acima de tudo, o servo do Senhor. Assim, repudiar a ele e à sua obra equivale a repudiar ao Senhor, com base no princípio anunciado anteriormente.

Esta linha de raciocínio é exatamente a mesma que foi usada meio século mais tarde, nos anos oitenta, ao condenar os chamados

"apóstatas". Tanto naquele tempo como agora, a cronologia era um fator importante, transformando-se numa "Prova de Fé" quanto a genuinidade do cristianismo de alguém. Este mesmo número de *A Sentinela* advertia que duvidar do sistema de datas da Sociedade, inclusive 1799, 1874, 1914 e 1925, levaria eventualmente a um "repúdio de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo e do sangue com o qual fomos comprados". Dizia assim:

> Novamente, vem a prova. Desta vez tem a ver com a cronologia. E seguindo nesta direção, descobrir-se-á que o caminho da dúvida e da oposição levará alguém a duvidar da segunda presença do Senhor, do tempo da colheita, do cargo "daquele servo" e daquele que o ocupa, das evidências do fim do mundo, da inauguração do reino, da aproximação do restabelecimento do homem e, finalmente, a um repúdio de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo e do sangue com o qual fomos comprados.

Agora, um artigo após outro focalizava a cronologia da Sociedade, falando desdenhosamente de qualquer evidência contrária e exaltando a exatidão do próprio sistema de datas da organização. 1914 era apenas um detalhe deste sistema de datas e a Sociedade argumentava insistentemente que *todas* as datas (e as alegações acompanhantes em torno delas) estavam corretas, como produto da orientação divina; portanto, não havia necessidade alguma de se duvidar de nenhuma delas. Extraído de *A Sentinela* de 15 de maio de 1922, lemos:

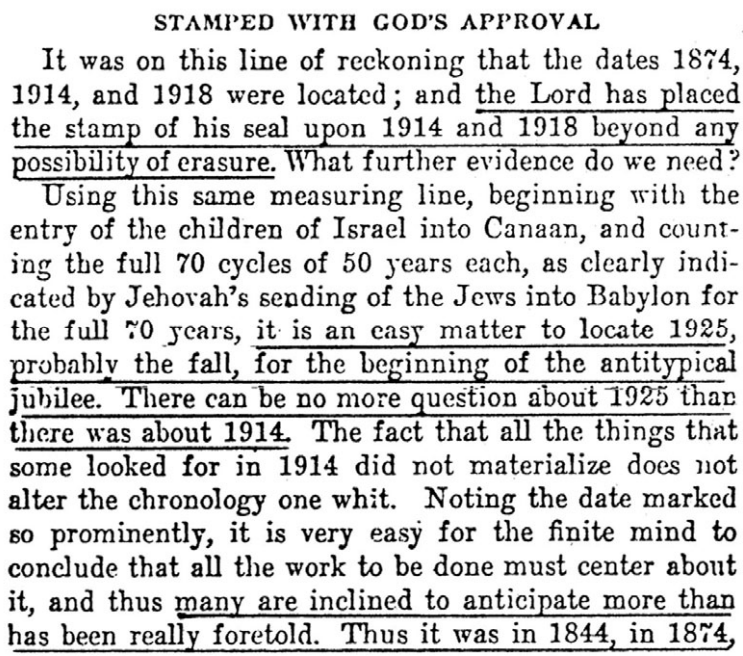
CRONOLOGIA

> **N**ão temos absolutamente nenhuma dúvida com relação à cronologia referente às datas de 1874, 1914, 1918 e 1925. Alguns alegam ter achado uma nova luz em relação ao período de "setenta anos da desolação" e do cativeiro de Israel em Babilônia, e estão procurando zelosamente fazer outros crer que o irmão Russell estava errado.
>
> O apóstolo Tiago nos assegura que "se qualquer um de vós tiver falta de sabedoria, peça-a a Deus, que dá liberalmente a todos os homens, e não censura; e ser-lhe-á dada". Cremos nessa promessa e na petição diária por sabedoria e graça celestial para sermos guiados corretamente. Também cremos que as orações dos santos ascendem diariamente ao trono da graça celestial em busca da orientação divina quanto ao que há de aparecer na revista *A Sentinela*, e somos muito gratos por esse fato.

Os leitores foram advertidos para não penderem facilmente a favor da evidência da história secular que contradissesse a cronologia da Sociedade. Note a declaração final deste parágrafo:

> Algumas de suas melhores "autoridades" acham-se às vezes não merecedoras de confiança como, por exemplo, Josefo e Ptolomeu. Estes homens viveram durante os dois primeiros séculos depois de Cristo. Eles tiveram dificuldade em compilar seus registros, pois não tinham acesso a informações completas. Sem dúvida, eles fizeram o melhor que podiam dentro dos limites de suas circunstâncias. São considerados como estando entre os melhores que a história secular pôde produzir. Destes e de outros, certas datas têm sido geralmente aceitas por historiadores; mas ser geralmente aceita não implica necessariamente em exatidão absoluta. Entretanto, para impressionar seus leitores com o peso de sua erudição, estas conclusões são freqüentemente expressas em linguagem categórica, e o estudante fica inclinado a aceitá-las à primeira vista, sem investigação adicional.

Compare essa declaração final com o tipo de linguagem usada em *A Sentinela* daí em diante, ao insistir na aceitação de seu sistema de datas:



STAMPED WITH GOD'S APPROVAL

It was on this line of reckoning that the dates 1874, 1914, and 1918 were located; and the Lord has placed the stamp of his seal upon 1914 and 1918 beyond any possibility of erasure. What further evidence do we need?

Using this same measuring line, beginning with the entry of the children of Israel into Canaan, and counting the full 70 cycles of 50 years each, as clearly indicated by Jehovah's sending of the Jews into Babylon for the full 70 years, it is an easy matter to locate 1925, probably the fall, for the beginning of the antitypical jubilee. There can be no more question about 1925 than there was about 1914. The fact that all the things that some looked for in 1914 did not materialize does not alter the chronology one whit. Noting the date marked so prominently, it is very easy for the finite mind to conclude that all the work to be done must center about it, and thus many are inclined to anticipate more than has been really foretold. Thus it was in 1844, in 1874,

in 1878 as well as in 1914 and 1918. Looking back we can now easily see that those dates were clearly indicated in Scripture and doubtless intended by the Lord to encourage his people, as they did, as well as to be a means of testing and sifting when all that some expected did not come to pass. That all that some expect to see in 1925 may not transpire that year will not alter the date one whit more than in the other cases.

MARCADAS O COM SELO DA APROVAÇÃO DE DEUS

Foi nesta linha de cálculo que as datas 1874, 1914 e 1918 foram situadas; e o Senhor pôs a marca do seu selo sobre 1914 e 1918 além de qualquer possibilidade de ser apagada. Que evidência adicional precisamos?

Usando esta mesma linha de contagem, começa-se com a entrada dos filhos de Israel em Canaã, e contando-se setenta ciclos inteiros de cinqüenta anos cada, conforme está claramente indicado por ter Jeová enviado os Judeus a Babilônia por setenta anos completos, é tarefa fácil localizar 1925, provavelmente o outono, para o início do jubileu antitípico. Não pode haver mais nenhuma dúvida com relação a 1925 do que havia com relação a 1914. O fato de que todas as coisas que alguns esperavam para 1914 não se materializaram não altera em nem um pouquinho a cronologia. Observando a data marcada de modo tão proeminente, é muito fácil para a mente finita concluir que todo o trabalho a ser feito deve se centralizar em torno dela e, assim, muitos estavam inclinados a antecipar mais do que se havia realmente predito. Assim se deu em 1844, em 1874, em 1878 bem como em 1914 e 1918. Olhando para trás, podemos ver agora facilmente que essas datas estavam claramente indicadas nas Escrituras e foram indubitavelmente intencionadas pelo Senhor para encorajar seu povo, como de fato se deu, bem como para servir de instrumento de teste e peneiramento, quando tudo o que alguns esperavam não veio a acontecer. Mesmo que tudo que alguns esperam ver em 1925 possa não se revelar nesse ano, não alterará a data em nem um pouquinho a mais do que alterou nos outros casos.

Mais uma vez, as expectativas frustradas resultantes das profecias anteriores baseadas na cronologia são todas creditadas na conta do Senhor, como se fossem invenção dele, e usadas por ele, “indubitavelmente intencionadas pelo Senhor para encorajar seu povo”. Não se vê nada estranho neste conceito de que Deus e Cristo se

valeriam da falsidade como meio de encorajar seus servos. Todavia, lemos na Escritura que "Deus é luz e não há nenhuma escuridão em união com ele".[3] A idéia de que Deus ou seu Filho utilizam o erro para a orientação dos cristãos é alheia às Escrituras. É claramente um esforço para colocar na defensiva aquele que suscita dúvidas, projetando-o no papel de murmurador contra Deus.

Deu-se grande ênfase à alegação de que mudar a cronologia apresentada, *mesmo que fosse em um ano*, seria desastroso, "destruiria o inteiro sistema de cronologia" promovido pela Sociedade.[4] O fato é que a maioria das datas usadas para o período A.E.C. têm sido substancialmente mudadas pela Sociedade em tempos mais recentes.

Nenhum adjetivo parecia tão exagerado e nenhuma afirmação tão extravagante de usar-se como quando insistiam na exatidão do que se chamava então "a cronologia da verdade atual". Tendo em mente que grande parte dela tem sido rejeitada desde então, considere estas afirmações feitas em *A Sentinela* de 15 de junho de 1922:

PROVA ADICIONAL DA CRONOLOGIA DA VERDADE ATUAL

> Existe uma bem conhecida lei da matemática que se chama "lei das probabilidades". São freqüentes as aplicações desta lei na vida cotidiana para estabelecer questões duvidosas. Numa família de filhos, se se comete certo tipo de malfeito, as probabilidades são — de fato, a certeza é — que tenha sido feito por um determinado filho e que os demais com certeza não o fizeram. Caso se tenha causado algum prejuízo peculiar durante a noite em uma única casa, então, pela lei das probabilidades, deve ter sido por puro acidente; se tiver acontecido da mesma maneira a duas casas, provavelmente não foi acidental, mas foi feito de propósito por alguma pessoa; mas se tiver acontecido da mesma maneira a três ou mais casas, sai da possibilidade de acidente para a certeza de que foi de propósito.

[3] 1 João 1:5.
[4] *A Sentinela*, 15 de junho de 1922, página 187.

The chronology of present truth might be a mere happening if it were not for the repetitions in the two great cycles of 1845 and 2520 years, which take it out of the realm of chance and into that of certainty. If there were only one or two corresponding dates in these cycles, they might possibly be mere coincidences, but where the agreements of dates and events come by the dozens, they cannot possibly be by chance, but must be by the design or plan of the only personal Being capable of such a plan—Jehovah himself; *and the chronology itself must be right.*

In the passages of the Great Pyramid of Gizeh the agreement of one or two measurements with the present-truth chronology might be accidental, but the correspondency of dozens of measurements proves that the same God designed both pyramid and plan—and at the same time proves the correctness of the chronology.

The agreement of the chronology with certain measurements of the Tabernacle and the Temple of Ezekiel further stamps the chronology as true.

A cronologia da verdade atual poderia ser uma mera casualidade se não fosse pela repetição em dois grandes ciclos de 1845 e 2520 anos, que a tira do domínio da probabilidade para o da certeza. Se houvesse apenas uma ou duas datas correspondentes nestes ciclos, seriam possivelmente meras coincidências, mas onde a concordância entre datas e eventos ocorre às dúzias, não pode ser por acaso, mas deve ser pelo desígnio ou plano do único Ser pessoal capaz de tal plano — o próprio Jeová; *e a cronologia em si deve estar correta*.

Nas passagens da Grande Pirâmide de Gizé, a concordância de uma ou duas medidas com a cronologia da verdade atual pode ser acidental, mas a correspondência de dúzias de medidas prova que o mesmo Deus desenhou tanto a pirâmide como o plano — e prova ao mesmo tempo a exatidão da cronologia.

A concordância da cronologia com certas medidas do Tabernáculo e do Templo de Ezequiel sela ainda mais a cronologia como verdadeira.

It is on the basis of such and so many correspondencies—in accordance with the soundest laws known to science—that we affirm that. *Scripturally, scientifically, and historically, present-truth chronology is correct beyond a doubt.* Its reliability has been abundantly confirmed by the dates and events of 1874, 1914, and 1918. Present-truth chronology is a secure basis on which the consecrated child of God may endeavor to search out things to come.—1 Peter 1:11, 12; John 16:13.

É com base nessa e em muitas outras correspondências — de acordo com as mais bem-estabelecidas leis conhecidas da ciência — que fazemos essa afirmação. *Bíblica, cientifica e historicamente, a cronologia da verdade atual está, além de dúvida, correta*. Sua confiabilidade tem sido abundantemente confirmada pelas datas e eventos de 1874, 1914 e 1918. A cronologia da verdade atual é uma base segura sobre a qual o consagrado filho de Deus pode procurar investigar as coisas por vir. — 1 Pedro 1:11, 12; João 16:13.

A cronologia se manteve "firme como uma rocha, baseada na Palavra de Deus", dizia o artigo, enfatizando que a crença nela era uma "questão de fé em Jeová e em sua Palavra inspirada".[5] Insistia-se na natureza "divina" da agora quase totalmente rejeitada cronologia, não em certas partes ou elementos dela, mas *em toda ela*, "absolutamente". Tinha o "selo da aprovação do Deus Todo-Poderoso". Assim, em *A Sentinela* de 15 de julho de 1922, sob o título "O Cabo Forte da Cronologia", se dizia:

> A cronologia da verdade atual é, para começar, uma cadeia de datas, semelhante a outras cronologias. Isso significa dizer: as datas são conhecidas cada uma como estando a tantos anos antes e depois das datas que lhes sucedem e lhes precedem, sendo cada etapa provada pela evidência mais fidedigna em existência. Mas se esta fosse toda a prova da confiabilidade da cronologia, não se poderia verdadeiramente afirmar que ela fosse mais confiável do que as cronologias seculares. Até aí, é uma cadeia, e não menos forte do que o seu elo mais fraco.
>
> Existem aí, portanto, relações bem-estabelecidas entre as datas da cronologia da verdade atual. Estas ligações internas de datas conferem

[5] *A Sentinela*, 15 de junho de 1922, página 187.

uma força muito maior do que a que pode ser encontrada em outras cronologias. Algumas delas são de caráter tão notável de modo a indicar claramente que esta cronologia não é de homem, mas de Deus. Sendo de origem divina e divinamente corroborada, a cronologia da verdade atual se mantém por si mesmo numa categoria absoluta e indiscutivelmente correta.

———————

INCONTESTAVELMENTE ESTABELECIDA

Quando uma data é indicada por várias linhas de evidência, ela está firmemente estabelecida. A lei científica das probabilidades confere uma força unificada aos fios do cabo da cronologia muito maior do que a soma das linhas individuais de evidência. Esta é uma lei em que se confia implicitamente em assuntos importantes: isto é, quando uma coisa é indicada de uma única maneira, pode ser por coincidência; e, em caso de mais de duas maneiras, é geralmente impossível que seja por coincidência ou que não seja verdade; e a adição de mais provas a transfere completamente do domínio da probabilidade para o da certeza comprovada.

Este princípio é aplicado diariamente nas questões mais importantes nos tribunais de justiça. O depoimento de uma única testemunha pode ser considerado duvidoso, mas o de apenas duas ou três testemunhas estabelece, de modo incontestável, a verdade. “Pela boca de duas ou três testemunhas, toda palavra será estabelecida.” — 2 Coríntios 13:1.

Na cronologia da verdade atual, existem tantas relações internas entre as datas que não se trata de mera cadeia de datas, nem de uma corrente, mas de um cabo de fios firmemente entrelaçados — de um sistema divinamente unificado, com a maioria das datas tendo relações tão notáveis entre si, de modo a selar o sistema como não sendo de origem humana.

———————————————

PROVA DA ORIGEM DIVINA

Ficará claramente demonstrado que a cronologia da verdade atual revela evidência incontestável da presciência divina com relação às datas básicas, e que o sistema não é uma invenção humana mas uma descoberta de verdade divina.

A prova consiste nas muitas inter-relações conectivas entre as datas. Sem estas relações, a cronologia não seria diferente dos sistemas seculares, porém, com estas, cremos que ela leva o selo de aprovação do Deus Todo-Poderoso.

Confiava-se firmemente em “paralelismos” como evidência da origem divina do sistema de data proposto, aplicando-se períodos paralelos de 1.845 e de 2.520 anos a um considerável número de datas e eventos da história. A respeito deste sistema de utilização de paralelismos, dizia o artigo neste mesmo número de *A Sentinela*:

> Paralelismos desta natureza são prova da origem divina da cronologia da verdade atual, visto indicar presciência. No caso citado, a divisão de Israel e a da cristandade, separadas por 2.520 anos, constituem evidência de que quando se permitiu a primeira, previu-se a segunda. Isto é verdadeiro por causa da relação entre os dois eventos, tanto com respeito ao tempo como à natureza.
>
> Quando se descobre que existe uma série ou sistema de datas paralelas composta de pares de datas, separadas por 2.520 anos, a presciência se torna óbvia. Seria absurdo alegar que a relação constatada não tenha sido o resultado do arranjo divino. Somente Deus tem tal presciência, e isto prova que ele controla os tempos e os eventos de tal maneira que estes deveriam estar entrelaçados em um todo belo e harmonioso, sublime demais para ser resultado do acaso ou da invenção humana.

Apesar de descrito tão obviamente como produto da presciência divina que negar sua confiabilidade e importância seria “absurdo”, o inteiro sistema de utilização de paralelismos tem sido descartado desde esse tempo pela organização.

Toda esta matéria, que martelava persistentemente contra qualquer tendência de questionar as profecias relativas ao tempo que constituíam uma parte tão vital da estrutura doutrinal da organização, parecia estar preparando os leitores de *A Sentinela* para um evento vindouro. Visava aparentemente desenvolver certo espírito e atitude antes da realização do congresso naquele ano em Cedar Point, Ohio. Mencionado freqüentemente como um marco importante na história da organização, esse congresso de 1922 teve como seu discurso principal uma explicação que se edificava sobre o alicerce já estabelecido pelos artigos anteriores de *A Sentinela*. Atualmente, a organização cita um pequeno trecho desse discurso em apoio de 1914. Ignora o fato de que 1799 e 1874 figuravam com igual intensidade no argumento apresentado e na conclusão a que a assistência foi estimulada a chegar, conforme observado nas seguintes partes publicadas em *A Sentinela* de 1º de novembro de 1922:

A profecia bíblica indica que o Senhor estava destinado a aparecer pela segunda vez no ano de 1874. A profecia cumprida mostra, além de dúvida, que ele realmente apareceu em 1874. A profecia cumprida é também chamada de fatos físicos; e estes fatos físicos são incontestáveis. Todos os fiéis observadores estão familiarizados com estes fatos, conforme descritos nas Escrituras e explicados na interpretação pelo servo especial do Senhor.

O próprio Jesus declarou que, no tempo da sua presença, comandaria uma colheita de seu povo, durante a qual ele juntaria a si mesmo os verdadeiros e leais. Durante alguns anos, esta obra tem estado em operação e se aproxima de sua conclusão. Ele disse que, durante sua presença, teria alguém que ocuparia a posto de servo fiel e prudente, por meio de quem o Senhor proveria a seu povo o alimento no tempo apropriado. Todos os fatos indicam que essas profecias têm sido cumpridas.

DIA DE PREPARAÇÃO

Por que veio o Rei? Para estabelecer seu reino e reinar como Rei. Mas ele tinha uma obra a fazer antes de começar o seu reino, e essa é uma obra preparatória. Uma vez que os membros de seu corpo hão de estar associados com ele no seu reino, estes devem ser ajuntados e preparados para o início do reinado. Os tempos dos gentios sob a supervisão do deus deste mundo terminaram em 1º de agosto de 1914. Antes dessa data, não teria sido consistente da parte do Senhor, o Rei da glória, assumir seu grande poder e reino. (Ezequiel 21:27) Já que ele está presente desde 1874, segue-se que, pelos fatos como os vemos agora, o período de 1874 a 1914 é o dia da preparação. Isto não contraria de modo algum o pensamento de que "o tempo do fim" vai desde 1799 até 1914. O período de 1799 a 1874 não poderia ser considerado como um dia de preparação, mas como um dia de crescente luz. Não é razoável pensar que o Rei iniciasse os preparativos antes de estar presente.

Durante seis mil anos Deus tem se preparado para este reino. Durante 1.900 anos ele tem estado recolhendo dentre os homens a classe do reino. Desde 1874, o Rei da glória está presente e, durante esse tempo, tem comandado a colheita e ajuntado a si a classe do templo. Desde 1914, o Rei da glória assumiu seu poder e reina. Tem limpado os lábios dos da classe do templo e os envia com a mensagem. A importância da mensagem do reino não pode ser por demais enfatizada. É a mensagem de todas as mensagens. É a mensagem do momento. É a obrigação dos que pertencem ao Senhor proclamá-la. O

> reino do céu está próximo; o Rei reina; o império de Satanás está caindo; milhões que agora vivem jamais morrerão.
>
> Credes nisso? Credes que o Rei da glória está presente e o tem estado desde 1874? Credes que ele tem, durante esse tempo, comandado o trabalho da colheita? Credes você que ele tem tido, durante esse tempo, um servo fiel e prudente por meio do qual dirigiu a sua obra e a alimentação da família da fé? Credes que o Senhor está agora em seu templo, julgando as nações da terra? Credes que o Rei da glória começou sua regência?
>
> Então, voltai ao campo, ó filhos do Deus altíssimo! Ponde a vossa armadura! Sede sóbrios, sede vigilantes, sede ativos, sede corajosos. Sede testemunhas fiéis e verdadeiras do Senhor. Avançai na luta até que todo vestígio de Babilônia venha a jazer desolado. Proclamai a mensagem por toda a parte. O mundo deve saber que Jeová é Deus e que Jesus é Rei dos reis e Senhor dos senhores. Este é o dia de todos os dias. Eis que o Rei reina! Vós sois seus agentes de publicidade. Portanto, anunciai, anunciai, anunciai, o Rei e seu reino.

Apesar dos veementes apelos em prol da "lealdade" aos ensinos e à cronologia do Pastor Russell, o "servo fiel e prudente", este discurso é notável por revelar os primeiros sinais de um afastamento gradual desses mesmos ensinos. No livro *O Tempo Está Próximo*, Russell havia ensinado que "1878, ao ser paralelo de sua [de Cristo] assunção ao poder e autoridade no tipo, assinala claramente o tempo para a verdadeira posse no poder como Rei dos reis pelo nosso presente, espiritual e invisível Senhor — o tempo em que ele assumiu seu grande poder para reger." Pelo discurso de Rutherford em Cedar Point, estes atos — atos invisíveis — foram trazidos de 1878 para 1914, uma data que havia se mostrado vazia de todas as coisas preditas e esperadas. Foi o princípio do que se tornaria mais tarde uma transferência quase total dos eventos destinados a datas anteriores a 1914 para 1914 e datas posteriores.

Em harmonia com o folheto *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*, a organização estava agora ensinando que o ciclo do Jubileu (que, segundo a lei de Deus dada através de Moisés, envolvia períodos consecutivos de cinqüenta anos, com o ano do Jubileu ocorrendo no qüinquagésimo ano) apontava para 1925 como o início do milênio. Este deveria ser marcado pela volta dos profetas do passado à terra. Em 1924, a organização publicou um folheto destinado a ser usado por jovens com o título *O Caminho Para o Paraíso*. Observe nesse livro,

nas páginas 224 a 227 quão confiantemente eram estas predições oferecidas a estas mentes jovens, incluindo uma descrição da Jerusalém terrestre como a capital mundial da humanidade restabelecida:

O Caminho Para o Paraíso

The Jewish legal year begins in the fall, about our October first. The year 1926 would therefore begin about October first, 1925. It would be very reasonable to expect to see some beginning of God's favor returning to the Jewish people, as a part of the world, shortly after that date. Many of the Jews are already looking longingly towards their old home-land, Palestine. God's limit of time to the Gentiles as nations expired in 1914, as we have already seen. Thus as the Jewish nation, as a nation, lost favor with God when they crucified Jesus, and the Gentile nations have no further recognition by God as nations, Christ will soon begin to deal with the world as individuals, commencing with the Jew first, through the ancient worthies. We should, therefore, expect shortly after 1925 to see the awakening of Abel, Enoch, Noah, Abraham, Isaac, Jacob, Melchisedec, Job, Moses, Samuel, David, Isaiah, Jeremiah, Ezekiel, Daniel, John the Baptist, and others mentioned in the eleventh chapter of Hebrews.

O ano legal judaico se inicia no outono, correspondendo ao nosso 1º de outubro. O ano 1926 começa, portanto, por volta de 1º de outubro de 1925. Seria muito razoável esperar ver certo começo do favor de Deus se voltando para povo judeu, como parte do mundo, pouco depois dessa data. Muitos dos judeus já estão olhando ansiosamente em direção à sua antiga terra natal, a Palestina. O prazo concedido por Deus aos gentios como nações expirou em 1914, como já vimos. Portanto, já que a nação judaica, como nação, perdeu o favor de Deus quando crucificou Jesus, e as nações gentias não têm mais o

reconhecimento de Deus como nações, Cristo começará em breve a lidar com o mundo como indivíduos, começando primeiro com o judeu, por meio dos fiéis do passado. Devemos, portanto, esperar ver, pouco depois de 1925, o despertar de Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Melquisedeque, Jó, Moisés, Samuel, Davi, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, João Batista, e dos demais mencionados no capítulo onze de Hebreus.

Estes formarão o núcleo do novo reino na terra. Uma das primeiras coisas necessárias será pôr Jerusalém na condição de capital do mundo. Isto exigirá uma grande quantidade de trabalho, mas haverá muitos trabalhadores voluntários. As notícias correntes nos informam que a atenção já se concentra sobre a Palestina e que milhares de judeus estão procurando voltar para lá. Já se fez trabalho considerável no sentido de construir melhores estradas e cultivar os campos. Entretanto, não devemos esperar ver muito trabalho sistemático em andamento até que estes "príncipes" tenham sido levantados e colocados em seus cargos.

A capital de cada país deverá estar em comunicação direta e imediata com todas as partes de seu território. Se Jerusalém há de ser a capital do mundo, deverá ser capaz de entrar em contato imediato com qualquer localidade. O reino de Cristo há de desfazer em mil anos todo o mal causado à humanidade nos seis mil anos antecedentes. Métodos antiquados não serão suficientes. *Já* vemos a ocorrência de grandes mudanças. Atualmente, a radiotelegrafia e o rádio podem transmitir mensagens à outra metade do globo e, no tempo em que os príncipes forem trazidos, estas invenções estarão aperfeiçoadas de modo a ser captadas por toda parte.

Todas as pessoas do mundo estarão, por assim dizer, "numa única sala". A sala será um pouco maior do que aquela em que possamos estar acostumados a reunir-nos, mas que dizer disso? Ora, quando lemos em Isaías 2:3 e Zacarias 14:16, 17, vemos quão fácil será para todos os povos "subirem a Jerusalém". Os príncipes podem facilmente irradiar suas instruções para qualquer parte do mundo. Imaginem o Príncipe Abraão, tendo alguma instrução geral para transmitir, chamando "Atenção"; e todas as pessoas por toda parte escutando, e prestando atenção a cada palavra pronunciada, tão facilmente como se ele estivesse se dirigindo a elas da tribuna de um salão público!

Naturalmente, se alguém quiser visitar Jerusalém e entrevistar pessoalmente os príncipes, ou se os príncipes desejarem fazer inspeção pessoal de alguma obra pública, os aviões estarão em breve tão aperfeiçoados que será uma questão de apenas poucas horas viajar de

qualquer parte da terra para Jerusalém ou vice-versa. Este será na verdade um novo mundo, feito glorioso em todos os sentidos. — Zacarias 14:20, 21; Revelação 21; Salmos 72 e 145.

Estes fiéis da antiguidade terão também o poder de usar a "vara de ferro", caso necessário, para lidar com os obstinados e desobedientes. Todos devem aprender que não se permitirá a injustiça. A justiça é a lei fundamental do novo reino. — Salmo 37:9, 10, 2, 38.

Sem dúvida, muitos meninos e meninas que lêem este livro viverão para ver Abraão, Isaque, Jacó, José, Daniel e aqueles outros homens fiéis do passado surgirem na glória de sua "melhor ressurreição", perfeitos na mente e no corpo. Não levará muito tempo para que Cristo os nomeie para seus postos de honra e autoridade como seus representantes terrestres. O mundo e as atuais comodidades lhes parecerão, no primeiro instante, estranhos, mas logo ficarão acostumados com os novos modos. Eles podem ter inicialmente algumas experiências divertidas, pois nunca viram telefones, rádios, automóveis, luzes elétricas, aviões, máquinas a vapor, e muitas outras coisas tão familiares para nós.

Que privilégio estar vivendo exatamente neste tempo e ver o final do antigo e a chegada do novo! De todos os tempos da história da terra, o atual é o mais maravilhoso.

Não é preciso dizer que os meninos e as meninas a quem foi dirigida esta publicação são atualmente homens e mulheres idosos, no mínimo, em seus oitenta e tantos anos.

Apesar de a Sociedade empregar ocasionalmente o slogan atraente *"Milhões que agora vivem jamais morrerão,"* e de chamar atenção para o fato de que o quadro de membros das Testemunhas alcançou a escala de milhões, eles encobrem um evidente embuste. A pretensão de que *"milhões que agora vivem jamais morrerão"* não foi feita a pessoas que vivem agora. Foi feita a pessoas que viviam nos anos de 1918 a 1925. Somente uma pequena fração dos milhões de membros atuais das Testemunhas de Jeová viviam então. Só se houvesse atualmente mais de dois milhões de Testemunhas com idade superior a noventa anos, poderia haver alguma pretensão de estar a predição, de algum modo, confirmada.

1925, o ano sobre o qual se baseava a predição e o slogan, provou-se vazio de todas as coisas preditas. O ensinamento era sem substância, mera lanugem, fantasia profética.

No entanto, toda esta matéria, que aparecia na revista *A Sentinela* e em outras publicações, era supostamente "alimento no tempo apropriado", sendo provido por meio do canal de comunicação de Deus, um canal que professava ter a aprovação especial e direção de Cristo Jesus como o Rei agora reinante. Como eles mesmos dizem, falavam como "profeta genuíno" de Deus.

A passagem de 1925 e o fracasso destas últimas predições provaram, entretanto, que os prognosticadores não agiram como "escravo fiel e discreto". Não haviam se apegado fiel e humildemente à Palavra inspirada de Deus, a única que merece os termos tais como "incontestável", "absoluta e indiscutivelmente correta", "incontestavelmente estabelecida". Nem foram discretos durante todos os anos em que publicaram tais afirmações dogmáticas por toda a terra, sendo essa indiscrição admitida com efeito pelo Juiz Rutherford ao reconhecer que fizera papel de "asno" (ou "tolo" como aparece em publicações da Sociedade Torre de Vigia para suavizar a expressão).

A linguagem intimidatória usada pelo proclamado "canal" de Deus, a Sociedade Torre de Vigia, as insinuações de ambição, orgulho e deslealdade a Cristo que ela dirigia a qualquer um que não quisesse adotar o mesmo comportamento presunçoso, influenciaram indubitavelmente a maioria a 'seguir o líder' enquanto ele reconhecidamente fazia afirmações asininas. Muitos, no entanto, achavam que não podiam continuar apoiando tal conduta irresponsável e a organização sofreu uma perda maior de adeptos depois de 1925.[6]

Como descrevem as publicações recentes da organização a situação de 1925? *O Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976* atribuiu o problema, não à organização que publicou a informação, mas aos "irmãos" que a leram, ao dizer na página 146:

> Veio e foi-se o ano de 1925. Os seguidores ungidos de Jesus ainda estavam na terra como classe. Os homens fiéis da antiguidade — Abraão, Davi e outros — não foram ressuscitados para se tornarem príncipes na terra. (Salmo 45:16) Assim, como recorda Anna MacDonald: "1925 foi um ano triste para muitos irmãos. Alguns deles tropeçaram; suas esperanças foram despedaçadas. Tinham esperado ver alguns dos 'antigos dignitários' [homens da antiguidade como Abraão] serem ressuscitados. Ao invés disso ser considerado uma

[6] Entre estes, estava Alvin Franz, irmão de meu pai e o mais jovem dos quatro irmãos Franz.

> ‘probabilidade’, eles leram que era uma ‘certeza’, e alguns se prepararam para seus próprios entes queridos, na expectativa de sua ressurreição.

Será que uma revisão das declarações publicadas em *A Sentinela* como as encontradas nas páginas anteriores deste livro, justifica de alguma maneira esta transferência de responsabilidade para os “irmãos” por terem desenvolvido esperanças tão elevadas e verem estas esperanças despedaçadas?

O *Anuário de 1981* (publicado em inglês em 1980, no mesmo ano em que o presidente Franz contou perante a família de Betel a observação feita em particular por Rutherford) deu similarmente esta versão sobre o assunto.

Relata, na página 62, a visita do Juiz Rutherford à Suíça em maio de 1926 tendo em vista um congresso e a sua participação em uma sessão de perguntas na qual ocorreu este intercâmbio:

> Pergunta: Retornaram os merecedores da antiguidade?
>
> Resposta [de Rutherford]: Certamente não retornaram. Ninguém os viu e seria tolice fazer tal declaração. Foi declarado no livro “Milhões” que poderíamos razoavelmente esperar que retornassem pouco depois de 1925, mas isto era simplesmente uma opinião expressa.

Todo mundo tem o direito de expressar opiniões. Mas homens que alegam ser porta-vozes de Deus na terra certamente não têm o direito de expressar meras opiniões enquanto afirmam que aquilo que dizem é apoiado pela própria Palavra de Deus e deve ser aceito como tal. Vimos que no folheto *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*, o mesmo Rutherford havia dito que “podemos *seguramente* esperar que 1925 marcará o retorno de Abraão, Isaque, Jacó e dos antigos profetas”. Foi declarado em *A Sentinela* que “Não pode haver mais nenhuma dúvida com relação a 1925 do que havia com relação a 1914”.Quando se espalham declarações ao redor do globo como sendo a mensagem de Deus para a humanidade, como “alimento espiritual no tempo apropriado”, aqueles que as publicam não são nem “fiéis” nem “discretos”, pois expressam irresponsavelmente opiniões falaciosas, argumentam tenazmente em seu favor e menosprezam quem quer que discorde ou, pior, duvidam de sua lealdade e humildade diante de Deus.

Em 1930, a organização construiu a casa chamada Bete-Sarim em San Diego, Califórnia. Quanto a esta, diz o livro *O Novo Mundo* (em inglês), escrito por Fred Franz, na página 104:

> O Senhor Jesus chegou ao templo para julgamento e o restante dos membros do "seu corpo" ainda na terra tem sido ajuntado por ele à condição do templo, de perfeita união consigo mesmo (Malaquias 3:1-3) e, conseqüentemente, pode-se aguardar que esses homens fiéis da antiguidade retornem da morte a qualquer dia agora.
>
> Com esta expectativa, a casa em San Diego, Califórnia, casa esta que tem recebido muita publicidade com intenção maliciosa por parte de inimigos religiosos, foi construída em 1930 e denominada "Beth-Sarim", que significa "Casa dos Príncipes". É mantida agora em fideicomisso para ser ocupada por esses príncipes por ocasião de seu retorno. Os fatos mais recentes indicam que os fanáticos religiosos deste mundo condenado estão rangendo seus dentes por causa do testemunho dado por essa "Casa dos Príncipes" sobre o novo mundo. Para esses fanáticos religiosos e seus aliados, a volta desses homens fiéis da antiguidade para governar o povo com julgamento não trará nenhum prazer.[7]

Conforme mostrado no capítulo anterior, foi em 1941, apenas dezesseis anos depois de 1925, em um congresso em Saint Louis, Missouri, que o chefe da organização, o presidente Rutherford, estava mais uma vez garantindo a jovens ainda crianças que os homens e mulheres fiéis dos tempos bíblicos voltariam muito em breve. Eles orientariam os jovens em sua escolha de parceiros de casamento, o que tornava aconselhável para eles adiarem o casamento até esse tempo. Ao descrever então o evento, a revista *A Sentinela* fez seu comentário sobre o livro *Filhos*, lançado nesta ocasião, como sendo "um instrumento provido pelo Senhor para a obra mais eficaz *nos meses que restam antes do Armagedom."*

Aproximadamente trezentos meses depois, em 1966, ganhou destaque uma nova data: **1975**.

---

[7] Poucos anos depois da publicação deste livro (1942), a casa foi vendida. Numa grande assembléia das Testemunhas de Jeová realizada no Estádio Ianque, na cidade de Nova York, Fred Franz deu um discurso no qual a predita volta dos "príncipes" antes do Armagedom foi oficialmente abandonada e substituída pelo entendimento de que os anciãos designados pela Sociedade nas congregações já exerciam tal papel principesco.

9

1975: ‘O TEMPO APROPRIADO PARA DEUS AGIR’

> *Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade.* — Atos 1:7, *Nova Versão Internacional.*

DURANTE a segunda metade da presidência de Rutherford, a maioria das profecias relacionadas com datas mais antigas, defendidas tão energicamente na primeira metade, foram gradualmente abandonadas ou remanejadas.

O início dos “últimos dias” foi mudado de 1799 para 1914.

A presença de Cristo em 1874 foi também mudada para 1914 (como já havia sido feito em 1922 com o início oficial da regência ativa do Reino de Cristo).

O começo da ressurreição foi mudado de 1878 para 1918.

Por algum tempo, afirmava-se até que 1914 havia de fato ocasionado o “fim do mundo” no sentido de que Deus havia encerrado ‘legalmente’ a concessão de domínio das nações mundanas sobre a terra. Isto foi também abandonado e o “fim” ou a “terminação do sistema de coisas” (conforme a versão da *Tradução do Novo Mundo*) é agora considerado como estando no futuro.

A organização pretende crer que os acontecimentos alistados tiveram cumprimento nos novos anos selecionados, mas como se trata inteiramente de cumprimentos *invisíveis*, é obvio que a aceitação de tais eventos depende inteiramente da fé da pessoa nas interpretações apresentadas. Depois de uma reunião do Corpo Governante, em que se suscitou a discussão destas profecias e as mudanças em suas datas, Bill Jackson me disse sorrindo: “Costumávamos dizer, você simplesmente retira a data deste ombro e a passa para o outro”.

Foi somente depois da morte de Rutherford em 1942 que foi feita a mudança com respeito ao ano 606 A.E.C. como o ponto inicial dos

2.520 anos. Curiosamente, o fato de que os 2.520 anos a contar de 606 A.E.C. levavam na realidade a 1915 E.C., e não a 1914 E.C., não foi reconhecido ou considerado por mais de 60 anos.

Então, discretamente, o ponto inicial retrocedeu em um ano para 607 A.E.C., permitindo a manutenção do ano 1914 E.C. como o ponto final dos 2.520 anos. Nenhuma evidência histórica foi apresentada para indicar que a destruição de Jerusalém tivesse ocorrido um ano mais cedo do que o acreditado. O desejo da organização em manter 1914 como uma data marcada e apontada por eles durante tantos anos (algo que eles não haviam feito com 1915) ditou a antecipação da destruição de Jerusalém em um ano, uma coisa simples de se fazer — no papel.

Em meados dos anos 40, tinha sido decidido que a cronologia usada durante as presidências de Russell e Rutherford estava errada em 100 anos com relação à contagem do tempo até a criação de Adão. Em 1966, a organização disse que, em vez de ocorrer em 1874 conforme ensinado anteriormente, o fim de seis mil anos de história humana chegaria em 1975.

Isto foi publicado no verão de 1966 no livro escrito por Fred Franz, intitulado *Vida Eterna — na Liberdade dos Filhos de Deus*. No seu primeiro capítulo, o livro lançava mão do arranjo do Jubileu, o qual havia também figurado com destaque nas predições relacionadas com 1925, e argumentava (como também se fizera lá naquela época) em favor da crença em seis "dias" de mil anos cada um, durante o qual a humanidade deveria passar pela imperfeição, a ser seguido por um sétimo "dia" de mil anos em que se restabeleceria a perfeição num grandioso jubileu de libertação da escravidão ao pecado, à doença e à morte. Dizia o livro nas páginas 27 a 29:

> [41] Desde o tempo de Ussher, fizeram-se estudos intensivos da cronologia bíblica. Neste século vinte, realizou-se um estudo independente que não acompanha cegamente certos cálculos cronológicos tradicionais da cristandade, e a tabela de tempo publicada, resultante deste estudo independente, fornece a data da criação do homem como sendo 4026 A.E.C. Segundo esta cronologia bíblica fidedigna, os seis mil anos desde a criação do homem terminarão em 1975 e o sétimo período de mil anos da história humana começará no outono (segundo o hemisfério setentrional) do ano de 1975 E.C.

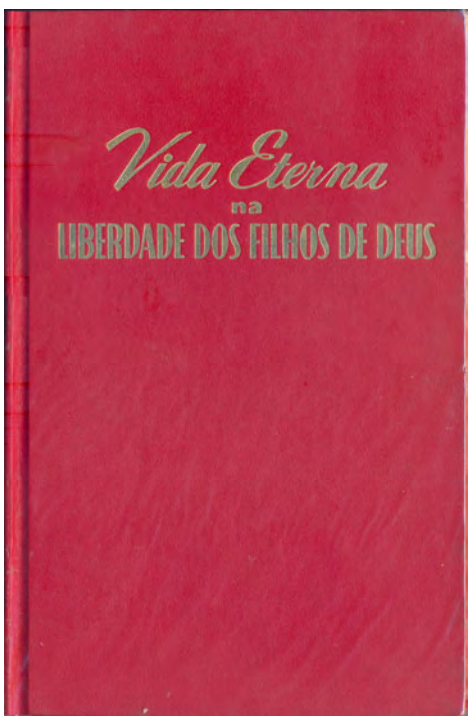
> [42] Assim, seis mil anos da existência do homem na terra acabarão em breve, sim, dentro desta geração. Jeová Deus não tem limite de tempo, conforme está escrito no Salmo 90:1, 2: "Ó Jeová, tu mesmo mostraste ser uma verdadeira habitação para nós durante geração após geração. Antes de nascerem os próprios montes ou de teres passado a produzir como que com dores de parto a terra e solo produtivo, sim, de tempo indefinido a tempo indefinido, tu és Deus." Portanto, do ponto de vista de Jeová Deus, a passagem destes seis mil anos da existência humana são apenas como que seis dias de vinte e quatro horas, pois este mesmo salmo (versículos 3 e 4) prossegue, dizendo: "Fazes o homem mortal voltar à matéria quebrantada e dizes: 'Retornai, filhos dos homens.' Pois mil anos aos teus olhos são apenas como o ontem que passou e como uma vigília durante a noite." Assim, dentro de poucos anos em nossa própria geração atingiremos o que Jeová Deus poderia considerar como o sétimo dia da existência do homem.

Qual seria a importância disto? O livro passa a fazer esta aplicação dos pontos desenvolvidos:

> [43] Quão apropriado seria se Jeová Deus fizesse deste vindouro sétimo período de mil anos um período sabático de descanso e livramento, um grandioso sábado de jubileu para se proclamar liberdade através da terra a todos os seus habitantes! Isto seria muito oportuno para a humanidade. Seria muito apropriado da parte de Deus, pois, lembre-se de que a humanidade ainda tem na sua frente o que o último livro da Bíblia Sagrada chama de reinado de Jesus Cristo sobre a terra por mil anos, o reinado milenar de Cristo. Jesus Cristo, quando na terra há dezenove séculos, disse profeticamente a respeito de si mesmo: "Por que Senhor do sábado é o que é o Filho do homem." (Mateus 12:8) Não seria por mero acaso ou acidente, mas seria segundo o propósito amoroso de Jeová Deus que o reinado de Jesus Cristo, o "Senhor do sábado", correspondesse ao sétimo milênio da existência do homem.

Tinha a organização dito 'sem rodeios' que 1975 marcaria o início do milênio? Não. Mas o parágrafo acima constituía o clímax para o qual toda a argumentação complexa, cuidadosamente arquitetada, desse capítulo fora desenvolvida.

Não se fez nenhuma predição direta, absoluta, sobre 1975. Mas o autor se dispôs a declarar que seria “muito apropriado da parte de Deus” que Ele iniciasse o milênio nesse tempo específico. Pareceria razoável que, para um homem imperfeito dizer o que é e o que não é apropriado para o Deus Todo-Poderoso fazer, é necessário um alto grau de certeza, certamente diferente de ‘se expressar uma mera opinião’. A discrição requereria, ou melhor, exigiria que assim fosse. Ainda mais forte é a declaração seguinte de que “seria segundo o propósito amoroso de Jeová Deus que o reinado de Jesus Cristo, o ‘Senhor do sábado’, correspondesse ao sétimo milênio da existência do homem”, sétimo milênio esse que já se havia declarado como devendo começar em 1975.



O livro *Vida Eterna – Na Liberdade dos Filhos de Deus*, escrito por Frederick W. Franz em 1966. Foi a primeira publicação da Torre de Vigia a gerar expectativa quanto ao ano de 1975.

Mais uma vez, o recente livro de história da Torre de Vigia intitulado *Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus* teve uma oportunidade de demonstrar a objetividade e a candura que seu prefácio promete. Em uma apresentação muito breve da matéria, ele diz o seguinte (na página 104), tratando do congresso de 1966 no

qual Fred Franz apresentou o novo livro que introduziu a informação sobre 1975:

> No congresso realizado em Baltimore, Maryland, F. W. Franz deu o discurso concludente. Ele começou por dizer: "Pouco antes de eu subir à tribuna, um jovem se aproximou de mim e disse: 'Diga-me, que significa esse 1975?'" O irmão Franz mencionou muitas perguntas feitas sobre se a matéria no novo livro queria dizer que em 1975 o Armagedom teria terminado, e Satanás estaria amarrado. Ele disse, em síntese: 'Pode ser. Mas não estamos dizendo isso. Todas as coisas são possíveis a Deus. Mas não estamos dizendo isso. E que ninguém seja específico ao falar sobre o que irá acontecer a partir de agora até 1975. Mas, prezados irmãos, a grande questão é: o tempo é curto. O tempo está-se esgotando, não resta dúvida sobre isso.'
>
> Nos anos que se seguiram a 1966, muitas Testemunhas de Jeová agiram em harmonia com o espírito do conselho dado. Todavia, outras declarações foram publicadas sobre esse assunto, e algumas foram provavelmente mais taxativas do que seria aconselhável. Isso foi reconhecido em *A Sentinela* de 15 de setembro de 1980 (página 17). Mas as Testemunhas de Jeová foram também acauteladas no sentido de se concentrarem principalmente em fazer a vontade de Jeová e não ficarem excessivamente preocupadas com datas e expectativas de pronta salvação.

Como é típico, a matéria cita a única declaração acauteladora feita na época. Ela reconhece que "outras declarações foram publicadas sobre esse assunto, e algumas foram provavelmente mais taxativas do que seria aconselhável"[1] Aproximadamente dois terços dos atuais membros da organização entraram nela depois de 1975 e, desta forma, não tiveram a experiência de saber o que se seguiu. Eles não têm

[1] Em uma nota de rodapé, o livro de história da Torre de Vigia cita certas publicações como evidência de outras declarações acauteladoras. Só uma delas apareceu na década de 1960 (*A Sentinela* de 1º de novembro de 1968), e, como foi o caso das outras declarações acauteladoras envolvendo predições anteriores, as outras duas foram publicadas quando 1975 já estava *iminente* ou *em curso* (as *Sentinelas* de 15 de dezembro de 1974 e 1.° de novembro de 1975). Daí a nota de rodapé volta para antes do lançamento do livro que anunciava 1975 e cita o livro de 1963 (em inglês), intitulado *"Toda a Escritura É Inspirada por Deus e Proveitosa"*, que declara: "Não adianta usar a cronologia bíblica para especular sobre datas que se acham no futuro na corrente do tempo. — Mat. 24:36." A nota não explica por que o autor do livro que apontava para 1975 em conexão com o início do milênio falhou de maneira tão flagrante em seguir o princípio declarado três anos antes.

qualquer conhecimento do *alcance* e da *intensidade* da ênfase que foi dada ao ano de 1975 e o significado associado a esse ano. Mas os membros do Corpo Governante sabem. Pelo menos alguns dos que estão no Departamento de Redação devem ter lido e aprovado o que aparece no livro de história de 1993. Eles certamente sabem quão incompleto e branqueado é o quadro que o livro oferece. O que aconteceu realmente?

No ano seguinte, o número da *Despertai!* de 22 de abril de 1967, a revista companheira de *A Sentinela*, trazia um artigo intitulado "Quanto Tempo Ainda Levará?" e, sob o subtítulo "Os 6.000 Anos Terminam em 1975", também raciocinava que o milênio seria os últimos 1.000 anos de um dia de descanso de 7.000 anos de Deus. Passou a dizer (página 20):

> Por conseguinte, estarmo-nos aproximando do fim dos primeiros 6.000 da existência do homem é algo de grande significado.
>
> Será que o dia de descanso de Deus decorre paralelamente ao tempo em que o homem tem estado na terra, desde sua criação? Parece que sim. Segundo as investigações mais fidedignas da cronologia bíblica, harmonizadas com muitas datas aceitáveis da história secular, descobrimos que Adão foi criado no outono do ano 4026 A.E.C. Em algum tempo naquele mesmo ano, Eva bem que poderia ter sido criada, logo após o que começou o dia de descanso de Deus. Em que ano, então, terminariam os primeiros 6.000 anos do dia de descanso de Deus? No ano de 1975. Isto é digno de nota, especialmente em vista de que os "últimos dias" começaram em 1914, e que os fatos físicos de nossos dias, em cumprimento da profecia, marcam esta como a última geração deste mundo iníquo. Por conseguinte, podemos esperar que o futuro imediato esteja cheio de eventos emocionantes para aqueles que depositam sua fé em Deus e em suas promessas. Isto significa que dentro de relativamente poucos anos testemunharemos o cumprimento das profecias restantes que têm que ver com o "tempo do fim".

A Sentinela de 1º de novembro de 1968 continuou a estimular esta expectativa. Usando praticamente o mesmo argumento do último artigo citado, disse então (página 660):

> *O futuro imediato com certeza estará repleto de eventos climáticos*, pois este velho sistema se aproxima de seu fim completo. *Dentro de alguns anos, no máximo*, as partes finais da profecia bíblica relativas a estes "últimos dias" terão cumprimento, resultando na libertação da humanidade sobrevivente para o glorioso reino milenar de Cristo. Que dias difíceis, mas, ao mesmo tempo, que dias grandiosos estão bem à frente! [O grifo é meu.]

Já se passaram mais de 30 anos desde que se escreveu isso. Alguém pode muito bem perguntar: O que significa a expressão *"futuro imediato"?* Quantos anos representam *"alguns anos, no máximo"?*

No artigo intitulado "O Que Trará a Década de 1970?", a *Despertai!* de 22 de abril de 1969 enfatizava novamente a brevidade do tempo restante, dizendo no início (página 13):

> O fato de que já se passaram quase cinqüenta e cinco anos do período chamado de 'últimos dias' é altamente significativo. Quer dizer que restam apenas alguns anos, no máximo, antes de o corrupto sistema de coisas que domina a terra ser destruído por Deus.

Mais adiante, recorrendo ao ano de 1975 como o encerramento dos seis mil anos da história humana, dizia o artigo (página 14):

> Há outro meio que ajuda a confirmar que vivemos nos poucos anos finais deste "tempo do fim". (Dan. 12:9) A Bíblia mostra que nos aproximamos do fim de 6.000 completos da história humana.

Vez após vez, as publicações da Torre de Vigia citavam declarações feitas por pessoas importantes ou "peritos" em qualquer área que fizessem alguma referência a 1975. Por exemplo, a declaração feita em 1960 pelo ex-secretário de estado dos Estados Unidos, Dean Acheson, que disse:

> Sei bastante do que está acontecendo para assegurar-lhes que, em quinze anos, a partir de hoje [portanto, 1975], este mundo será perigoso demais para se viver nele.

O livro *Fome — 1975!* (em inglês), de dois peritos em alimentação, era citado repetitivamente, particularmente, estas declarações:

> Por volta de 1975, o mundo se confrontará com um desastre de magnitude sem precedente. Fomes, maiores do que qualquer outra na história, assolarão as nações subdesenvolvidas.
>
> Prevejo uma data específica, 1975, quando a nova crise estará sobre nós em toda a sua importância aterradora.
>
> Por volta de 1975, distúrbios civis, anarquia, ditaduras militares, inflação galopante, o colapso dos transportes e um tumulto caótico serão a ordem do dia em muitas nações famintas.

Três anos depois do enfoque original sobre 1975 no livro *Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus*, o autor, Fred Franz escreveu outra publicação intitulada *A Paz de Mil Anos Que Se Avizinha*.[2] De certa forma, sua linguagem era ainda mais definitiva e específica do que a das publicações anteriores. Lançada em 1969, continha as seguintes declarações nas páginas 25 e 26:

> Mais recentemente, pesquisadores sérios da Bíblia Sagrada verificaram novamente a sua cronologia. Segundo os seus cálculos, os seis milênios da vida da humanidade na terra terminariam nos meados da década de mil novecentos e setenta. Portanto, o sétimo milênio a partir da criação do homem por Jeová Deus começaria em menos de dez anos.
>
> ——————————————
>
> A fim de que o Senhor Jesus Cristo seja 'Senhor até do Sábado', seu reinado de mil anos terá de ser o sétimo de uma série de períodos de mil anos ou milênios. (Mateus 12:8, Al) Seria assim um reinado sabático.

O argumento aqui é bem claro e direto: Assim como o sábado era o sétimo período em seqüência a seis períodos de labuta, o reinado de mil anos de Cristo será um sétimo milênio sabático em seqüência a esses seis mil anos de labuta e sofrimento. A apresentação não é de maneira alguma imprecisa ou ambígua. Conforme diz a página 26:

> A fim de que o Senhor Jesus Cristo seja 'Senhor até do Sábado', seu reinado de mil anos terá de ser o sétimo de uma série de períodos de mil anos ou milênios.

[2] A mesma matéria apareceu também no número de 15 de abril de 1970, páginas 238, 239 de *A Sentinela.* Os índices mais recentes das publicações da Torre de Vigia, porém, não a alistam sob o título "1975", simplesmente ignorando-a apesar da intensa ênfase que se deu a essa data.

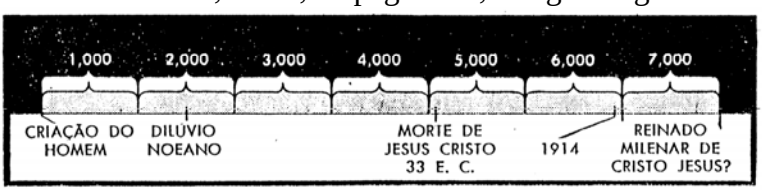
Do mesmo modo como se determinava o que seria "apropriado" e "adequado" para Deus fazer, estabelece-se agora também um requisito para Jesus Cristo. Para que ele seja o que diz que será, 'Senhor até do sábado', o seu reinado "*terá* de ser" então o sétimo milênio duma série de milênios. O raciocínio humano impõe este requisito ao Filho de Deus. Os seis mil anos terminariam em 1975; a regência de Cristo, de acordo com o argumento, "terá de ser o sétimo" período seguinte de mil anos. O "escravo fiel e discreto" tinha, com efeito, delineado o programa que ele esperava que seu Amo seguisse se é que ele havia de ser fiel à sua própria palavra.

Apesar de a redação ser mais polida e as expressões mais refinadas, esta matéria é, em essência, extraordinariamente semelhante à apresentada no folheto do Juiz Rutherford, *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*, no qual ele fez afirmações que admitiu serem asininas. Com exceção da data de publicação, era como se se tivesse atrasado o relógio em cerca de meio século até os dias anteriores a 1925. A diferença era que as coisas ditas então eram agora ditas com relação a 1975.[3]

Quando chegou a década de 70, a edificação de expectativa continuou. A *Despertai!* de 22 de abril de 1972 ainda falava novamente nos seis períodos de labuta e fadiga, seguidos por um sétimo período (sabático) de descanso, e na página 28,dizia:

> Assim, ao nos aproximarmos do término de seis mil anos de existência humana, durante esta década, há emocionante esperança de que um grandioso Sábado de descanso e alívio se acha deveras às portas.

Relacionado a isso, havia, na página 27, o seguinte gráfico:



Ao nos aproximarmos do fim dos 6.000 anos da história humana em meados de 1970, há emocionante esperança de grandioso alívio.

[3] É verdade que (na página 27) usa-se a expressão menos específica "em meados dos anos setenta", mas o ano 1975 já havia sido apresentado como uma data biblicamente marcada e esta data estava agora firmemente gravada na mente de todas as Testemunhas de Jeová por toda a terra.

Todas estas declarações se destinavam claramente a fomentar e a edificar esperança e expectativa. Não se destinavam a acalmar ou desarmar um espírito de empolgada expectativa. Na verdade, a maioria era acompanhada de alguma declaração moderadora no sentido de que 'não estamos dizendo positivamente' ou não estamos 'apontando para uma data específica', e de que 'não sabemos o dia e a hora'. Mas, deve ser lembrado que a organização não era novata neste campo. Toda a sua história, desde precisamente seu próprio começo, tem sido do tipo que edifica a esperança das pessoas em certas datas só para vê-las passarem sem que a esperança se realize. Nos casos passados, as publicações da Sociedade procuravam logo em seguida colocar a responsabilidade por alguma desilusão sobre os que recebiam a informação, não sobre os que a transmitiam, como estando inclinados a esperar demais. Seguramente, os homens responsáveis pela organização deveriam, então, ter se dado conta do perigo, ter compreendido como é a natureza humana e percebido quão facilmente se pode suscitar grandes esperanças.

Mesmo assim, enquanto evitavam cuidadosamente qualquer predição explícita no sentido de que uma data específica veria o início do milênio, esses homens responsáveis aprovaram o uso das expressões "dentro de relativamente poucos anos", "o futuro imediato", "dentro de, no máximo, alguns anos", "apenas alguns anos, no máximo", "os poucos anos finais", todas usadas nas revistas *A Sentinela* e *Despertai!* com referência ao início do reinado milenar e todas dentro de um contexto que incluía a data de 1975. Significam estas palavras alguma coisa? Ou foram usadas de maneira desconexa, descuidada? São as esperanças, os planos e os sentimentos das pessoas algo com que se brincar? No entanto, *A Sentinela* de 15 de fevereiro de 1969, (página 116) deu até a entender que alguém deveria ser cuidadoso quanto a pôr excessiva confiança nas próprias palavras acauteladoras de Jesus.

35 Uma coisa é absolutamente certa, a cronologia bíblica, reforçada pela profecia bíblica cumprida, mostra que em breve, sim, dentro desta geração, acabarão seis mil anos da existência do homem! (Mateus 24:34) Portanto, este não é o tempo para se ser indiferente e complacente. Não é o tempo para se brincar com as palavras de Jesus de que "acerca daquele dia e daquela hora *ninguém* sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente o Pai". (Mateus 24:36) Ao

> contrário, é o tempo em que se deve estar vivamente apercebido de que o fim deste sistema de coisas está chegando rapidamente ao seu término violento. Não se engane, basta que o próprio Pai *saiba* ‘o dia e a hora’!

Como podia um “escravo fiel e discreto” dizer isto; dizer, com efeito, que, “Realmente, meu amo disse isso e aquilo, mas não dêem muita importância; ao contrário, conscientizem-se de que o que lhes digo deve ser a força orientadora de suas vidas”?

Algumas das declarações mais diretas vieram do Departamento de Serviço da sede internacional, que produz um periódico mensal chamado *Ministério do Reino*, destinado apenas às Testemunhas e não ao público. O número de maio de 1968, (página 4) exortava a se entrar na atividade de pregação por tempo integral (“serviço de pioneiro”) dizendo:

> Em vista do curto período de tempo que resta, desejamos fazer isso tão amiúde quanto as circunstâncias o permitam. Apenas pensem, irmãos, restam menos de noventa meses até que se completem os 6.000 anos da existência do homem na terra.

O número de julho de 1974, (páginas 3 e 4) do *Ministério do Reino*, referindo-se ao “pouco tempo que resta”, disse:

> Receberam-se notícias a respeito de irmãos que venderam sua casa e propriedade e que planejam passar o resto dos seus dias neste velho sistema de coisas empenhados no serviço de pioneiro. Este é certamente, um modo excelente de passar o pouco tempo que resta antes de findar o mundo iníquo. — 1 João 2:17.

Um número considerável de testemunhas fez exatamente isso. Alguns venderam seus negócios, largaram seus empregos, venderam suas casas ou fazendas e se mudaram com suas esposas e filhos para outras áreas a fim de ‘servir onde houvesse mais necessidade’, confiando que tinham fundos suficientes para sustentá-los até 1975.

Outros, inclusive algumas pessoas de idade, converteram em dinheiro apólices de seguro ou outros certificados de valor. Alguns adiaram intervenções cirúrgicas na esperança de que a entrada do milênio eliminasse a necessidade de fazê-las.

Quando 1975 passou e seus fundos se esgotaram ou sua saúde piorou seriamente, tinham agora de tentar lidar com a dura realidade e reconstruir suas vidas do melhor modo possível.

Qual era o pensamento dentro do Corpo Governante durante esse período?

Alguns dos homens de mais idade do Corpo tinham experimentado pessoalmente as expectativas fracassadas de 1914, 1925, bem como as esperanças suscitadas no início dos anos quarenta. A maioria, pelo que pude observar, assumiu uma atitude de ‘esperar para ver’. Estavam relutantes em pedir moderação. Estavam ocorrendo grandes aumentos. Considere o registro de batismos correspondente ao período de 1960 até 1975:

Ano	Número de Batizados	Ano	Número de Batizados
1960	69.027	1968	82.842
1961	63.070	1969	120.805
1962	69.649	1970	164.193
1963	62.798	1971	149.808
1964	68.236	1972	163.123
1965	64.393	1973	193.990
1966	58.904	1974	297.872
1967	74.981	1975	295.073

Desde 1960 até 1966, o índice de crescimento havia se reduzido, quase parado. Mas depois de 1966, quando se passou a dar publicidade a 1975, houve um período de crescimento fenomenal como mostra a tabela.

Durante os anos de 1971 a 1974, enquanto eu estava servindo no Corpo Governante, não me lembro de ter ouvido nenhuma manifestação de séria preocupação por parte dos membros do Corpo com relação às expectativas suscitadas que haviam sido criadas. Não

quero dizer que eu mesmo não tenha me sentido inicialmente empolgado em 1966, quando saiu o livro *Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus* com seu quadro brilhante da proximidade de um jubileu milenar. Nem iria alegar que não tive qualquer participação na etapa inicial da campanha que concentrava a atenção na data alvo de 1975. Mas cada ano que passava, de 1966 em diante, fazia a idéia parecer cada vez mais irreal. Quanto mais eu lia as Escrituras, mais fora de harmonia parecia todo o conceito; não se enquadrava com as declarações do próprio Jesus Cristo, tais como:

> Acerca daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente o Pai.
>
> Portanto, mantende-vos vigilantes, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor.
>
> Por esta razão, vós também mostrai-vos prontos, porque o Filho do Homem vem numa hora em que não pensais.
>
> Persisti em olhar, mantende-vos despertos, pois não sabeis quando é o tempo designado.
>
> Não vos cabe obter conhecimento dos tempos ou das épocas que o Pai tem colocado sob a sua própria jurisdição.[4]

Como membro do pessoal da sede de uma organização que transbordava de alegria por deslizar sobre a onda de um crescimento extraordinário, contudo, não havia muito que se pudesse fazer. Eu procurava moderar alguns artigos que vinham a mim para serem editados, mas isso era praticamente tudo. Em minha atividade pessoal, procurava chamar atenção para os versículos bíblicos que acabei de mencionar, tanto em conversas particulares como em discursos públicos.

Certo domingo à noitinha em 1974, depois de minha esposa e eu havermos retornado de um compromisso de discurso em outra parte do país, meu tio, então vice-presidente, veio até nosso quarto. (Como a vista dele estava extremamente fraca, costumávamos ler a matéria de estudo de *A Sentinela* em voz alta para ele toda semana.) Minha esposa mencionou para ele que, em meu discurso daquele final de semana, eu tinha advertido os irmãos contra ficarem indevidamente empolgados

[4] Citado de Mateus 24:36, 42, 44; Marcos 13:33; Atos 1:7.

em relação a 1975. Sua resposta imediata foi: “E por que *não deveriam* ficar empolgados? É algo com que se empolgar”.

Não há nenhuma dúvida em minha mente de que, de todos os membros do Corpo Governante, o vice-presidente era o mais convencido da exatidão do que ele escrevera e sobre o qual outros haviam construído. Noutra noitinha, no verão de 1975, um irmão grego de idade avançada chamado Peterson (originalmente Papagyropoulos) participou de nossa leitura, como era seu costume. Depois da leitura, meu tio disse a Peterson: “Sabe, tudo isso lembra muito 1914. Tudo estava calmo até os meses de verão. Então, de repente, as coisas começaram a acontecer e estourou a guerra.”

Antes disso, no início de 1975, o presidente Knorr havia feito uma viagem ao redor do mundo, levando consigo o vice-presidente Franz. Os discursos do vice-presidente em todos os países visitados giravam em torno de 1975. Ao retornarem, os outros membros do Corpo Governante, tendo ouvido relatos procedentes de muitos países sobre o efeito emocionante do discurso do vice-presidente, pediram para ouvir uma gravação dele feita na Austrália.[5]

Em seu discurso, o vice-presidente falou de 1975 como um “ano de grandes possibilidades, tremendas probabilidades”. Disse a sua assistência que, de acordo com o calendário hebraico, estavam “já no quinto mês lunar de 1975”, restando menos de sete meses lunares. Ele enfatizou também várias vezes que o ano hebraico se encerraria com o Rosh Hashana, o Ano Novo Judaico, em 5 de setembro de 1975.

Reconhecendo que teria de acontecer muita coisa nesse curto período se é que o desfecho final estava para vir nessa ocasião, ele passou a falar sobre a possibilidade de uma diferença de mais ou menos um ano devido a algum lapso de tempo entre a criação de Adão e a criação de Eva. Fez referência ao fracasso das expectativas em 1914 e 1925 e citou a observação de Rutherford, “fiz papel de asno”. Disse que a organização tinha aprendido a não fazer “predições muito audaciosas e extremas”. Chegando ao final, exortou seus ouvintes, no entanto, a não adotarem uma visão indevida e imaginarem que a vindoura destruição pudesse estar a “anos no futuro”, e focalizar sua atenção em outros assuntos, tais como casar-se e cuidar de uma

[5] Isto aconteceu na sessão de 19 de fevereiro de 1975.

família, desenvolver um excelente empreendimento comercial ou passar anos na faculdade em algum curso de engenharia.

Depois de escutar a fita, alguns membros do Corpo Governante expressaram preocupação no sentido de que, sem dúvida, se nenhuma predição "muito audaciosa e extrema" estava sendo feita, algumas predições sutis estavam sendo feitas e o efeito era evidente de modo palpável na empolgação que se gerou.

Esta foi a primeira vez que se expressou preocupação nas discussões do Corpo Governante. Mas não se adotou nenhuma medida, nem se decidiu nenhuma diretriz a respeito. O vice-presidente repetiu muitos dos pontos do mesmo discurso em 2 de março de 1975, na formatura da Escola de Gileade que se seguiu.[6]

1975 passou – como haviam passado 1881, 1914, 1918, 1920, 1925 e os anos 40. Deu-se muita publicidade por parte de outras pessoas quanto ao fracasso das expectativas da organização em torno de 1975. Houve muita conversa a respeito entre as próprias Testemunhas de Jeová. Em minha opinião, a maior parte do que se disse não tocou no ponto principal da questão.

Senti que a verdadeira questão ia muito além da exatidão ou falta de exatidão de algum indivíduo, ou até da confiabilidade ou falta de confiabilidade de uma organização, ou da sensatez ou credulidade de seus membros. Pareceu-me que o fator realmente importante era como tais predições refletiam finalmente sobre Deus e a sua Palavra. Quando os homens fazem tais prognósticos e dizem que o estão fazendo com base na Bíblia, engendrando argumentos para eles com a Bíblia, afirmando que são o "canal" de comunicação de Deus; qual é o resultado quando seus prognósticos se provam falsos? Honra a Deus ou edifica a fé nele e na confiabilidade de sua Palavra? Ou resulta no contrário? Não dá isso motivo adicional a alguns para se sentirem justificados em dar pouca importância à mensagem e aos ensinos da Bíblia? Aquelas Testemunhas que fizeram grandes mudanças em suas vidas podiam, na maioria dos casos, recolher os destroços, e de fato o fizeram, e prosseguir vivendo apesar de sentirem-se desiludidas. Nem todas conseguiram fazê-lo. Contudo, seja qual for o caso, causou-se sério prejuízo em mais de uma maneira.

---

[6] Veja *A Sentinela* de 15 de setembro de 1975, página 552.

Em 1976, um ano depois da passagem daquela data amplamente anunciada, uns poucos membros do Corpo Governante começaram a insistir em que se deveria fazer alguma declaração reconhecendo que a organização havia se equivocado, que tinha estimulado falsas expectativas. Outros disseram que achavam que não se deveria fazê-lo, que isso "serviria apenas de munição para os opositores". Milton Henschel recomendou que o procedimento sábio a seguir seria simplesmente não suscitar o assunto e que, com o tempo, os irmãos deixariam de falar sobre ele. Não havia, evidentemente, apoio suficiente favorecendo a aprovação desta moção. Um artigo em *A Sentinela* de 15 de janeiro de 1977 fez realmente referência às expectativas não cumpridas, mas o artigo teve de se harmonizar com o sentimento prevalecente dentro do Corpo Governante e não foi possível nenhum reconhecimento claro da responsabilidade da organização.

Em 1977, o assunto surgiu novamente numa reunião. Apesar de se levantarem as mesmas objeções, aprovou-se uma moção no sentido de que se deveria incluir uma declaração em um discurso de congresso que Lloyd Barry estava incumbido de preparar. Meu entendimento é que, mais tarde, os membros do Corpo Governante Ted Jaracz e Milton Henschel conversaram com Lloyd sobre sua opinião acerca do assunto. Qualquer que tenha sido o caso, não se incluiu nenhuma menção a 1975 na preparação do discurso. Recordo-me de ter perguntado a Lloyd sobre isso e a sua resposta foi que ele simplesmente não tinha conseguido encaixá-la em seu tema. Passaram-se quase dois anos e, então em 1979, o Corpo Governante voltou a considerar o assunto. Nessa época, tudo indicava que 1975 tinha produzido uma séria brecha de credibilidade.

Certo número de membros do pessoal da sede se expressaram nesse sentido. Alguém descreveu 1975 como um "albatroz" rondando em volta de nossos pescoços. Robert Wallen, um secretário do Corpo Governante, escreveu o seguinte:

> Estou associado como Testemunha batizada há mais de 39 anos e, com a ajuda de Jeová, continuarei a ser um servo leal. Mas, dizer que não estou decepcionado seria uma mentira, pois eu sei que meus sentimentos com relação a 1975 foram nutridos em razão daquilo que li em várias publicações e quando sou efetivamente informado de que cheguei às falsas conclusões por mim mesmo, sinto que isso não está

sendo justo ou honesto. Sabendo que não estamos tratando com a infalibilidade, para mim o correto só pode ser que, sempre que homens imperfeitos, porém tementes a Deus, cometerem erros, sejam feitas então as correções quando os erros forem encontrados.

Raymond Richardson, do Departamento de Redação, disse:

Não são as pessoas atraídas pela humildade e não estão mais dispostas a depositar confiança onde há candura? A própria Bíblia é o maior exemplo de candura. Esta é uma das razões mais destacadas para acreditarmos que ela seja veraz.

Fred Rusk, também do Departamento de Redação, escreveu:

Apesar de quaisquer declarações atenuadoras que possam ter sido feitas ao longo do caminho a fim de alertar os irmãos para não dizerem que o Armagedom viria em 1975, o fato é que houve uma quantidade de artigos nas revistas e outras publicações que faziam mais do que insinuar que o velho sistema seria substituído pelo novo sistema de Jeová em meados dos anos setenta.

Merton Campbell, do Departamento de Serviço, escreveu:

Outro dia uma irmã me telefonou de Massachusetts. Ela estava no trabalho. Tanto a irmã como o marido dela estão trabalhando para pagar as contas que haviam se acumulado devido a enfermidade. Ela expressou que se sentira tão confiante de que 1975 traria o fim, que ambos estavam tendo dificuldade em fazer frente aos fardos deste sistema. Este exemplo é típico de muitos dos irmãos que nós encontramos.

Harold Jackson, também do Departamento de Serviço, disse:

O que se precisa agora não é de uma declaração no sentido de que estávamos equivocados com relação a 1975, mas sim de uma declaração explicando por que todo o assunto tem sido passado por alto por tanto tempo, já que tantas vidas têm sido afetadas. Confrontamo-nos agora com uma brecha de credibilidade e essa pode provar-se desastrosa. Se formos dizer absolutamente alguma coisa, falemos de maneira direta e sejamos francos e honestos com os irmãos.

Howard Zenke, do mesmo departamento, escreveu:

Não queremos certamente que os irmãos leiam ou escutem alguma coisa e depois digam em suas próprias mentes que essa forma de tratar

> o assunto que temos adotado seja equivalente a um ‘Watergate’ [um caso de escândalo político na capital dos EUA que culminou na renúncia forçada do presidente Nixon].

Outros fizeram comentários similares. Ironicamente, alguns que expressavam nessa ocasião as mais severas críticas haviam estado entre os mais exaltados antes de 1975 em enfatizar essa data e a extrema “urgência” que ela evocava, tendo até escrito alguns dos artigos anteriormente citados e aprovado as declarações no *Ministério do Reino* recomendando aqueles que estavam vendendo suas casas e propriedades, à medida que 1975 se aproximava. Muitas das declarações mais dogmáticas acerca de 1975 foram feitas por representantes viajantes (superintendentes de circuito e distrito), todos os quais estavam sob a supervisão direta do Departamento de Serviço.

Na reunião do Corpo Governante de 6 de março de 1979, apresentaram-se os mesmos argumentos contra publicar-se qualquer coisa ; de que isso exporia a organização a mais críticas por parte de opositores, que nesta hora tão tardia, não havia necessidade alguma de se apresentar um pedido de desculpas, que não se conseguiria nada com isso. Todavia, até mesmo aqueles que argumentavam neste sentido o faziam com menos intensidade que em reuniões anteriores. Isto se devia particularmente a um fator: as cifras mundiais haviam registrado sérios decréscimos durante dois anos.

Os relatórios anuais sobre o número total dos participantes na atividade de testemunho revelam o seguinte:

Ano	*Total dos que Relataram Atividade*	*% de Aumento sobre o Ano Anterior*
1970	1.384.782	10,2
1971	1.510.245	9,1
1972	1.596.442	5,7
1973	1.656.673	3,8
1974	1.880.713	13,5
1975	2.062.449	9,7
1976	2.138.537	3,7
1977	2.117.194	- 1,0
1978	2.086.698	- 1,4

Esta diminuição, mais do que qualquer outro fator, parecia ter influenciado os membros do Corpo Governante em sua posição. Houve uma votação de 15 a 3 a favor de fazer-se uma declaração expressando pelo menos algum reconhecimento quanto à parcela de responsabilidade da organização pelo erro. Isto foi publicado em *A Sentinela* de 15 de setembro de 1980.

Levou quase quatro anos para que a organização, através de sua administração, admitisse finalmente que estivera errada, que havia, durante toda uma década, criado falsas esperanças. Não é que uma declaração tão franca, ainda que verdadeira, não pudesse ser feita. O que quer que fosse escrito tinha de ser aceitável para o Corpo como um todo a fim de ser publicado. Eu sei disso porque fui designado para redigir a declaração e, como em casos similares no passado, eu tive de me conduzir; não por aquilo que eu gostaria de ter dito ou até por aquilo que eu achasse que os irmãos precisavam ouvir; mas por aquilo que pudesse ser dito de modo a receber a aprovação de dois terços do Corpo Governante quando lhe fosse apresentado.

Atualmente, toda essa longa década em que se criou esperanças focalizadas em 1975 é desconsiderada como não tendo qualquer importância significativa. A essência das palavras de Russell em 1916 é novamente expressa pela organização: Isso “teve certamente um efeito muito estimulante e purificador sobre milhares, todos os quais podem louvar o Senhor – até pelo erro.

10

1914 E “ESTA GERAÇÃO”

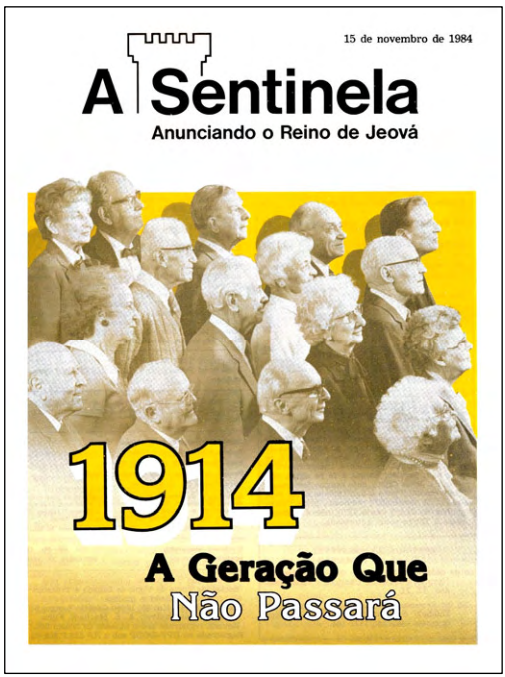
Pois o leito mostrou-se curto demais para se estirar nele, e o próprio lençol tecido é demasiado estreito para se enrolar nele. — Isaías 28:20.

POR mais de três décadas, o ano de 1914, foi apresentado como o *ponto final* das profecias cronológicas da organização Torre de Vigia. Agora, por aproximadamente oito décadas, essa mesma data tem sido apresentada como o *ponto de partida* para a profecia cronológica que constitui o maior estímulo à “urgência” na atividade das Testemunhas de Jeová.

Talvez nenhuma outra religião dos tempos modernos tenha investido tanto e seja tão dependente de uma única data. A alegação da organização das Testemunhas de ser o único canal terrestre e instrumento de Deus e de Cristo está inseparavelmente ligada à data, pois se alega que naquele ano Cristo começou sua “presença invisível” como rei recém-entronizado, e logo depois examinou as muitas organizações religiosas da terra e selecionou a que estava associada com a Torre de Vigia para representá-lo perante toda a humanidade. Correlacionado com isso, ele reconheceu com aprovação aquele mesmo corpo de indivíduos como uma classe do “escravo fiel e discreto”, à qual ele designou sobre todos os seus bens terrestres. O Corpo Governante das Testemunhas de Jeová deriva disso sua alegação de autoridade, apresentando-se como a parte administrativa da classe do “escravo fiel e discreto”. Eliminar 1914 e sua alegada significação, faria a base de sua autoridade ser grandemente dissipada.

A evidência mostra que o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová sente certo grau de desconforto quanto a esta principal profecia cronológica. A projeção do tempo destinado ao seu cumprimento está se provando bastante curta e estreita no que se refere a cobrir as coisas

preditas. A passagem de cada ano só serve para acentuar o sentimento de desconforto.



Desde a década de 1940, as publicações da Torre de Vigia têm representado as palavras de Jesus, "Deveras eu vos digo que esta geração de modo algum passará até que todas estas coisas ocorram", como tendo começado a aplicar-se nesse ano, 1914. Falava-se na "geração de 1914", e ela era apresentada como se referindo a um período no qual o cumprimento final das "profecias dos últimos dias" ocorreria e viria uma nova ordem.

Na década de 1940 defendia-se a idéia de que uma "geração" cobria um período de aproximadamente 30 ou 40 anos. Isto se traduzia na constante insistência na extrema brevidade do tempo restante. Pelo menos alguns exemplos bíblicos podiam ser citados em confirmação disso. (Veja, por exemplo, Números 32:13).

Com a chegada da década de 1950, porém, o período de tempo permitido por essa definição tinha efetivamente passado. Havia necessidade de alguma "prorrogação" e assim na *Sentinela* de 1º de setembro de 1952, págs. 542 e 543 (em inglês) a definição foi mudada e pela primeira vez, o período de tempo abrangido por uma "geração" foi definido como representando o período de uma *vida inteira*, chegando assim a – não apenas 30 ou 40 anos – mas a 70, 80 ou mais anos.

Por algum tempo, isso pareceu conceder um confortável intervalo de tempo no qual as predições publicadas poderiam ocorrer. Ainda assim, com o passar dos anos a aplicação do termo "geração de 1914" passou por ajuste e definição adicionais. Observe as frases aqui

sublinhadas de um artigo na *Despertai!* de 22 de abril de 1969 (páginas 13 e 14):

> Jesus falava obviamente sobre os que eram suficientemente idosos para testemunhar *com entendimento* o que aconteceu quando começaram os "últimos dias". Afirmava Jesus que algumas dessas pessoas que viviam quando surgiu o 'sinal dos últimos dias' ainda estariam vivas quando Deus pusesse fim a este sistema.
>
> Até se presumirmos que os jovens de 15 anos teriam suficiente percepção mental para discernir a importância do que aconteceu em 1914, isso ainda faria com que os mais jovens 'desta geração' tivessem quase setenta anos atualmente. Assim, a grande maioria da geração a que Jesus se referia já havia desaparecido na morte. Os restantes atingem a velhice. E, lembrem-se, Jesus disse que o fim deste mundo iníquo viria *antes* de tal geração desaparecer na morte. Isto, em si, nos informa que não podem ser muitos os anos antes de chegar o fim predito.

Quando a revista *Despertai!* discutiu isto há mais de 30 anos atrás nos dias que antecederam 1975, a ênfase dada era sobre quão *logo* terminaria a geração de 1914, *quão pouco tempo* restava à extensão de vida desta geração. Para alguém entre as Testemunhas de Jeová ter sugerido em 1969 que as coisas poderiam continuar por outros vinte ou trinta anos teria sido visto como manifestando uma atitude fraca, não indicativa de uma fé forte.

Quando 1975 passou, a ênfase mudou. Agora, fazia-se o esforço para mostrar que a extensão da geração de 1914 *não era tão curta quanto alguém poderia pensar*, que podia estender-se por um período ainda bem longo.

Dessa forma, *A Sentinela* de 15 de janeiro de 1979 falava, não daqueles que testemunharam "*com entendimento* o que aconteceu" em 1914, mas dos que "eram capazes de *observar*" os eventos que começaram naquele ano. Ser capaz de fazer uma mera *observação* é bastante diferente de ter *entendimento*. Isto podia logicamente baixar o limite da idade mínima dos que compõem "esta geração".

Dando continuidade a esta tendência, dois anos mais tarde, *A Sentinela* de 15 de abril de 1981 página 31, citou um artigo da revista *U. S. News & World Report* no qual se sugeria que dez anos de idade

seria o ponto no qual os eventos começam a criar "uma impressão duradoura na memória da pessoa". O artigo dizia que, se isso era verdade, "então há atualmente mais de 13 milhões de estadunidenses que têm uma lembrança da Primeira Guerra Mundial".

'Lembrança' também dá margem a uma idade mais tenra do que a que permite entender, sugerida como se verificando entre "jovens de quinze anos de idade" na *Despertai!* de 1969 acima citada. (Na realidade, a 1ª Guerra Mundial continuou até 1918, com a participação americana começando somente em 1917. Assim, a sugerida idade de dez anos dada na citada revista noticiosa não se aplica necessariamente a 1914.)

Ainda que os diferentes sistemas de medida possibilitassem ganhar um ano a mais ou a menos aqui e ali, permanecia o fato de que a geração do período de 1914 estava encolhendo com grande rapidez, uma vez que a taxa de mortalidade é sempre maior entre os de idade mais avançada. O Corpo Governante estava consciente disto, já que o assunto veio à discussão várias vezes.

Levantou-se a questão durante a sessão do Corpo de 7 de junho de 1978. Fatores anteriores levaram a tal. Albert Schroeder, membro do Corpo Governante, tinha distribuído entre os membros a cópia de um relatório demográfico dos Estados Unidos. Os dados indicavam que menos de um por cento da população que estava na adolescência em 1914 ainda estava viva em 1978. Porém, o fator que recebeu mais atenção tinha a ver com as declarações feitas por Schroeder por ocasião de sua visita a certos países da Europa.

Afluíam relatórios a Brooklyn no sentido de que ele estava sugerindo a outras pessoas que a expressão "esta geração" conforme usada por Jesus em Mateus, capítulo 24, versículo 34, se aplicava à geração dos "ungidos", e que, enquanto qualquer um destes estivesse ainda vivo, tal "geração" não teria passado. Isto era evidentemente contrário ao ensino da organização e algo não autorizado pelo Corpo Governante.

Quando o assunto foi suscitado, depois da volta de Schroeder, a interpretação sugerida por ele foi rejeitada e votou-se para que fosse publicada uma "Pergunta dos Leitores" num dos números seguintes de *A Sentinela* reafirmando o ensino padrão com respeito a "esta

geração”.[1] É interessante que não se dirigiu nenhuma repreensão ou reprovação ao membro do Corpo Governante Schroeder por ter apresentado seu ponto de vista não autorizado e contraditório quando esteve na Europa.

A questão surgiu novamente tanto na reunião de 6 de março como na de 14 de novembro de 1979. Já que a atenção estava voltada para este tema, tirei fotocópias das primeiras vinte páginas do material enviado pelo ancião sueco que detalhava sobre a história da especulação cronológica e revelava a verdadeira origem do cálculo dos 2.520 anos e da data 1914. Cada membro do Corpo recebeu uma cópia. Com exceção de um comentário incidental, não acharam conveniente discutir o material.

Lyman Swingle, como chefe do Departamento de Redação, já estava familiarizado com este material. Ele dirigiu a atenção do Corpo para algumas das declarações dogmáticas e insistentes publicadas em *A Sentinela* de 1922, lendo trechos destas em voz alta para todos os membros. Ele disse que era muito novo em 1914 (tendo então só uns quatro anos de idade) para se lembrar de muita coisa sobre a data, mas que realmente se lembrava das discussões que ocorreram em sua casa com relação a 1925.[2] Que também sabia do que tinha acontecido em 1975. Ele acrescentou que, pessoalmente, não queria ser desencaminhado com relação a outra data.

No decorrer da reunião, destaquei que a data inicial de 607 A.E.C. da Sociedade era desprovida de qualquer evidência histórica para sua sustentação. Quanto a 1914 e a geração então em existência, a minha pergunta foi: Se o ensino tradicional da organização for válido, como é possível aplicarmos *as palavras acompanhantes* de Jesus às pessoas que viviam em 1914? Disse ele: “Quando virdes todas estas coisas, sabei que ele está próximo às portas”, e “quando estas coisas principiarem a ocorrer, erguei-vos e levantai as vossas cabeças porque o vosso livramento está-se aproximando”. As publicações afirmavam

[1] Veja *A Sentinela* de 15 de janeiro de 1979, página 32.

[2] Dos membros do Corpo Governante na época desta discussão, somente Fred Franz (agora falecido) havia passado da adolescência em 1914, tendo então 21 anos de idade. George Gangas tinha 18, John Booth 12, Karl Klein e Carey Barber tinham 9, Lyman Swingle 4, Albert Schroeder 3, Jack Barr 1, e Lloyd Barry, Dan Sydlik, Milton Henschel e Ted Jaracz e Gerrit Loesch ainda não tinham nascido, ocorrendo seus nascimentos depois de 1914. (A maioria destes membros já faleceu).

com regularidade que essas palavras começaram a ser aplicadas de 1914 em diante àqueles cristãos que viviam em 1914. Mas, se assim for, *a quem* entre eles podem estas ser aplicadas? Àqueles que tinham então cinqüenta anos de idade? Mas estes, se ainda estivessem vivos, estariam agora (isto é, em 1979, o ano desta discussão) com 115 anos. Aos de quarenta anos? Eles estariam com 105 anos. Até os de trinta anos estariam com 95 e os que tivessem acabado de completar vinte anos estariam com 85 em 1979. (Até mesmo estes estariam com mais de 100 anos de idade, caso ainda estejam vivos atualmente.)

Se essas palavras emocionantes 'levantai vossas cabeças porque vosso livramento *está-se aproximando*, está *às portas*' se aplicassem então de fato às pessoas em 1914 e significassem que elas podiam esperar ver o desfecho final, esse anúncio empolgante precisaria razoavelmente ser alterado de modo a dizer: "Sim, *podeis* vê-lo – isto é, desde que sejais agora bastante jovens e que tenhais uma vida muito, muito longa". Como exemplo, destaquei o caso de meu pai que, tendo nascido em 1891, era apenas um jovem de 23 anos em 1914. Ele viveu não apenas setenta ou oitenta anos, mas chegou aos 86 anos de idade. Estava então morto já por dois anos e morrera sem ter visto as coisas preditas.

Portanto, perguntei aos membros do Corpo que significado teria a aplicação das palavras de Jesus em Mateus capítulo 24, versículos 33 e 34, em 1914, se apenas os que podiam esperar ver seu cumprimento fossem meninos que estivessem chegando à adolescência ou fossem mais jovens ainda. Não me foi dada nenhuma resposta específica.

No entanto, certo número dos membros manifestou de fato seu apoio a favor do ensino existente da organização sobre "esta geração" e a data de 1914. Lloyd Barry expressou sua consternação pessoal por haver dúvidas dentro do Corpo com relação a este ensino. Ao referir-se à leitura de Lyman Swingle das declarações nas *Sentinelas* de 1922, ele declarou que não via nenhum motivo de preocupação com relação a elas, que eram "verdade atual" para os irmãos daquela época.[3] Quanto à velhice da geração de 1914, ele salientou que, em algumas partes da União Soviética, havia regiões em que as pessoas chegavam a viver

[3] A expressão "verdade atual" era popular no tempo de Russell e Rutherford e se baseava numa tradução ambígua de 2 Pedro 1:12. O termo grego aí não se refere a *tempo* (atualidade), mas a *presença* (localidade). A *Tradução do Novo Mundo* verte aí mais corretamente: "a verdade que está presente em vós".

130 anos. Instou para que se transmitisse uma posição unida aos irmãos de modo que eles mantivessem seu senso de urgência. Outros se expressaram como sendo da mesma opinião.

Quando o presidente voltou a me conceder a palavra, comentei sobre a aparente necessidade de precaver-nos contra a possibilidade de a "verdade atual" tornar-se também com o tempo "verdade passada" e de a "verdade atual", que substituiu a "verdade passada", vir a ser por sua vez substituída pela "verdade futura". Eu achava que a palavra "verdade" usada dessa maneira se tornara simplesmente sem sentido.

Alguns membros do Corpo disseram que, se a explicação atual não era a correta, qual *era* então a explicação das declarações de Jesus? Já que a pergunta parecia dirigir-se a mim, respondi que acreditava na existência de uma explicação que se harmonizasse com as Escrituras e os fatos, mas que qualquer coisa apresentada não deveria ser com certeza alguma idéia sob o "impulso do momento", mas algo cuidadosamente pesquisado e analisado. Eu disse que achava que existiam irmãos capazes de fazer esse trabalho, mas que eles precisariam da autorização do Corpo Governante. Estaria o Corpo interessado em que isto fosse feito? Não houve nenhuma resposta e a pergunta foi posta de lado.

No final da discussão, com exceção de uns poucos, os membros do Corpo indicaram acreditar que 1914 e o ensino sobre "esta geração" ligado a essa data deveriam continuar a ser enfatizados. O coordenador da Comissão de Redação, Lyman Swingle, comentou: "Tudo bem, se é isto o que vocês querem fazer. Mas pelo menos vocês sabem que, no que diz respeito a 1914, as Testemunhas de Jeová receberam tudo – armas, bagagem e munição – dos segundos adventistas".

Uma das coisas talvez mais perturbadoras para mim era o fato de saber que, enquanto a organização exortava os irmãos a manterem uma confiança inabalável na interpretação, havia homens em posição de responsabilidade dentro da organização que tinham se manifestado como não tendo plena confiança nas predições baseadas na data de 1914.

Como exemplo notável, por ocasião da reunião de 19 de fevereiro de 1975, na qual o Corpo Governante escutou a gravação do discurso de Fred Franz sobre 1975, houve depois certa discussão sobre a incerteza das profecias relativas a datas. Nathan Knorr, o então presidente, falou claramente e disse:

> "Há algumas coisas que sei — eu sei que Jeová é Deus, que Cristo Jesus é seu Filho, que ele deu sua vida como resgate por nós e que há uma ressurreição. De outras coisas, não tenho muita certeza. 1914 — eu não sei. Nós temos falado sobre 1914 durante muito tempo. Talvez estejamos certos e espero que estejamos."[4]

Nessa reunião, a data em discussão era 1975, de modo que foi uma surpresa que a data muito mais fundamental de 1914 fosse mencionada em tal contexto. Como foi mencionado, as palavras do presidente foram proferidas, não em conversa particular, mas perante o Corpo Governante reunido.

Antes da discussão principal sobre 1914 (na sessão plenária do Corpo Governante de 14 de novembro de 1979), a Comissão de Redação do Corpo havia discutido, numa reunião de comissão, se seria aconselhável continuar a enfatizar 1914.[5] Na discussão da comissão, sugeriu-se que devíamos pelo menos refrear-nos de "insistir com" a data. Pelo que recordo, Karl Klein nos fez lembrar a prática muitas vezes seguida de simplesmente não mencionar certo ensino por algum tempo, de modo que, caso chegasse a ocorrer alguma mudança, isto não iria causar uma impressão muito forte.

É notável como a Comissão de Redação votou unanimemente a favor de seguir-se basicamente essa mesma diretriz nas publicações com relação a 1914. Esta posição teve, no entanto, vida curta, já que a reunião geral do Corpo Governante em 14 de novembro de 1979 deixou claro que a maioria era a favor de que se enfatizasse a data como de costume.

Que as dúvidas quanto a este ensino não se limitavam a Brooklyn tornou-se evidente para mim por um incidente ocorrido enquanto eu estava numa viagem a África Ocidental, no outono de 1979. Na Nigéria, dois membros da comissão da filial nigeriana e um missionário veterano, me levaram para ver uma propriedade que a

---

[4] Este não parece ter sido um pensamento momentâneo por parte do presidente Knorr, pois o mesmo ponto de vista foi expresso virtualmente nas mesmas palavras por um de seus associados mais íntimos, George Couch. Conhecendo os dois, parece mais provável que Couch tenha adquirido este ponto de vista de Knorr e não vice-versa.

[5] O quadro de membros da Comissão de Redação era então composto por Lloyd Barry, Fred Franz, Raymond Franz, Karl Klein e Lyman Swingle.

Sociedade havia comprado para construção de uma nova sede da filial. Na viagem de volta, perguntei-lhes quando esperavam poder mudar-se para o novo local. A resposta foi que, após a limpeza do terreno, a obtenção da aprovação dos projetos e o recebimento das autorizações necessárias, e então a própria construção, a mudança possivelmente aconteceria em 1983.

Em vista disso, perguntei: "Vocês recebem perguntas por parte dos irmãos locais com relação à duração do tempo que já se passou desde 1914?" Houve silêncio por um momento, e então disse o coordenador da filial: "Não, os irmãos nigerianos raramente fazem perguntas dessa natureza; mas NÓS fazemos". Quase imediatamente, disse o missionário veterano: "Irmão Franz, seria possível que essa referência de Jesus a 'esta geração' se aplicasse somente às pessoas naquele tempo que viram a destruição de Jerusalém? Se fosse assim, então tudo poderia se encaixar".

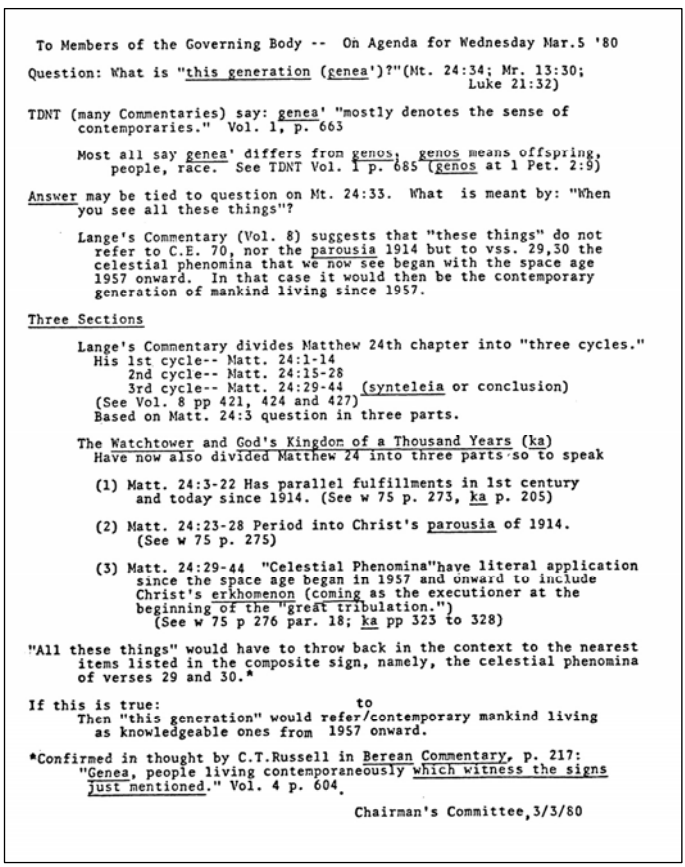
Era mais que evidente que nem tudo parecia se encaixar em sua mente, pelo modo como se aplicava o ensino em vigor. Minha resposta foi simplesmente que eu supunha ser essa uma possibilidade, mas que não havia muito mais que se pudesse dizer a favor da idéia. Repeti esta conversa perante o Corpo Governante depois de minha volta, pois isso me dava evidência das dúvidas existentes nas mentes de homens por todo o mundo, homens respeitados em posições de considerável autoridade. Os comentários feitos pelos homens na Nigéria e a *maneira* como os fizeram indicavam claramente que tinham discutido a questão entre si, antes da minha visita ocorrer.

Pouco depois de minha volta da África, uma sessão do Corpo Governante em 17 de fevereiro de 1980, Lloyd Barry expressou mais uma vez sua opinião quanto à importância do ensino com relação a 1914 e a "esta geração". Lyman Swingle disse que a matéria publicada em "Perguntas dos Leitores" em 1978 não tinha resolvido a questão na mente dos irmãos. Albert Schroeder relatou que, na Escola de Gileade e nos seminários das comissões de filial, os irmãos trouxeram a atenção o fato de que se estava falando agora sobre 1984 como uma possível nova data, contando 1984 setenta anos desde 1914 (vendo-se

o número setenta como tendo alguma importância especial). O Corpo decidiu discutir a assunto mais extensamente na sessão seguinte.[6]

A Comissão do Presidente, composta por Albert Schroeder (presidente), Karl Klein e Grant Suiter, havia preparado desta vez o documento mais incomum. Forneceram uma cópia para cada membro do Corpo Governante. Dito de maneira breve, estes três homens estavam sugerindo que, em vez de aplicar-se às pessoas vivas em 1914, a expressão "esta geração" começaria a aplicar-se a partir de 1957, 43 anos mais tarde!

Veja a seguir essa matéria exatamente como nos foi fornecida pelos três membros do Corpo Governante:



To Members of the Governing Body -- On Agenda for Wednesday Mar.5 '80

Question: What is "this generation (genea')?"(Mt. 24:34; Mr. 13:30; Luke 21:32)

TDNT (many Commentaries) say: genea' "mostly denotes the sense of contemporaries." Vol. 1, p. 663

Most all say genea' differs from genos, genos means offspring, people, race. See TDNT Vol. 1 p. 685 (genos at 1 Pet. 2:9)

Answer may be tied to question on Mt. 24:33. What is meant by: "When you see all these things"?

Lange's Commentary (Vol. 8) suggests that "these things" do not refer to C.E. 70, nor the parousia 1914 but to vss. 29,30 the celestial phenomina that we now see began with the space age 1957 onward. In that case it would then be the contemporary generation of mankind living since 1957.

Three Sections

Lange's Commentary divides Matthew 24th chapter into "three cycles."
His 1st cycle-- Matt. 24:1-14
2nd cycle-- Matt. 24:15-28
3rd cycle-- Matt. 24:29-44 (synteleia or conclusion)
(See Vol. 8 pp 421, 424 and 427)
Based on Matt. 24:3 question in three parts.

The Watchtower and God's Kingdon of a Thousand Years (ka)
Have now also divided Matthew 24 into three parts so to speak

(1) Matt. 24:3-22 Has parallel fulfillments in 1st century and today since 1914. (See w 75 p. 273, ka p. 205)

(2) Matt. 24:23-28 Period into Christ's parousia of 1914. (See w 75 p. 275)

(3) Matt. 24:29-44 "Celestial Phenomina"have literal application since the space age began in 1957 and onward to include Christ's erkhomenon (coming as the executioner at the beginning of the "great tribulation.") (See w 75 p 276 par. 18; ka pp 323 to 328)

"All these things" would have to throw back in the context to the nearest items listed in the composite sign, namely, the celestial phenomina of verses 29 and 30.*

If this is true: to
Then "this generation" would refer/contemporary mankind living as knowledgeable ones from 1957 onward.

*Confirmed in thought by C.T.Russell in Berean Commentary, p. 217: "Genea, people living contemporaneously which witness the signs just mentioned." Vol. 4 p. 604.

Chairman's Committee,3/3/80

[6] Contrário ao que dizem alguns, o próprio Corpo Governante nunca deu importância à data de 1984 e, que eu me recorde, esta foi a única ocasião em que esta data foi mencionada, e apenas por causa dos rumores em circulação.

Tradução

Aos membros do Corpo Governante — Referente à Agenda de Quarta-Feira, 5 de março de 1980.

Pergunta: O que é "esta geração (genea')?" (Mat. 24:34; Mar. 13:30; Lucas 21:32)

TDNT***** (muitos comentários) diz: genea' "denota principalmente o sentido de contemporâneos". Vol. 1, p. 665

A maioria diz que genea' difere de genos; genos significa descendência, povo, raça. Veja TDNT Vol. 1, p. 685 (genos em 1Pe. 2:9)

A resposta pode estar ligada à pergunta em Mat. 23:33. O que se quer dizer com: "Quando virdes todas estas coisas"?

O Comentário de Lange (Vol. 8) sugere que "estas coisas" não se referem a 70 E.C., nem à parousia de 1914 mas aos versículos 29 e 30, aos fenômenos celestiais que vemos agora iniciar-se com a era espacial de 1957 em diante. Nesse caso, seria então a geração contemporânea da humanidade que vive desde 1957.

Três Seções

O comentário de Lange divide Mateus capítulo 24 em "três ciclos".

1º ciclo-Mat. 24:1-14

2º ciclo-Mat. 24:15-28

3º ciclo-Mat.24:29-44 (synteleia ou conclusão)

(Veja Vol. 8, pp. 421, 424 e 427)

Baseado em Mat. 24:3, pergunta em três partes.

A Sentinela e o Reino de Deus de Mil Anos (ka) Também dividiram agora Mateus 24 em três partes, a saber:

(1) Mat. 24:3-22 Tem cumprimento paralelo no 1º século e hoje desde 1914. (Veja w 75 p. 657, ka p. 205)

(2) Mat. 24:23-28 Introduzido o período da parousia de Cristo de 1914. (Veja w 75 p. 659)

(3) Mat. 24:29-44 "Fenômenos Celestiais" têm aplicação literal desde que começou a era espacial em 1957 e daí em diante até incluir a erkhomenon de Cristo (vinda como executor no início da "grande tribulação".) (Veja w 75 p. 660 par. 18; ka pp. 323 a 328)

A expressão "Todas estas coisas", teria de ser lançada no contexto dos itens alistados no sinal composto, a saber, os fenômenos celestiais dos versículos 29 e 30.

Se isto for certo:

Então "esta geração" se referiria à humanidade contemporânea, com capacidade de ter entendimento das coisas, vivendo desde 1957 em diante.

Confirmado pelo pensamento de C. T. Russell no Comentário Bereano, p. 217: "Genea, pessoas vivendo contemporaneamente que presenciam os sinais já mencionados." Vol. 4 p. 604.

Comissão do Presidente, 03/03/80

***** Refere-se ao *Theological Dictionary of the New Testament*.

1957 marcou o ano em que foi lançado o primeiro Sputnik russo ao espaço. Evidentemente, a Comissão do Presidente achava que este evento podia ser aceito como assinalando o início do cumprimento destas palavras de Jesus:

> ... o sol ficará escurecido, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados.[7]

Com base nessa aplicação, a conclusão deles seria conforme a declararam:

> Então 'esta geração' se referiria à humanidade contemporânea, com capacidade de ter entendimento das coisas, vivendo de 1957 em diante.

Os três homens não estavam sugerindo que 1914 fosse esquecido. Permaneceria como o "fim dos tempos dos gentios". Mas "esta geração" não começaria a ser aplicada antes de 1957.

Em vista da rápida diminuição no número dos da geração de 1914, esta nova aplicação da expressão podia provar-se sem dúvida até mais útil do que a alegação de alguma pessoa viver 130 anos em certa parte da União Soviética. Quando comparado com o início em 1914, esta nova data com início em 1957 daria *43 anos adicionais* de extensão ao período envolvido na expressão "esta geração".

As normas do Corpo Governante exigiam que, para qualquer comissão recomendar alguma coisa, deveria haver acordo unânime entre os membros da comissão (do contrário, o ponto de vista dividido deveria ser apresentado ao Corpo para uma decisão final). A apresentação da idéia inovadora envolvendo 1957 era, portanto, o tipo de idéia com a qual os três membros da Comissão do Presidente deveriam ter estado de acordo.

Imagino que, se perguntados atualmente sobre esta apresentação, a resposta seria: "Ah, isso foi só uma sugestão". Possivelmente, mas se assim foi, tal *sugestão foi* feita com seriedade. E visto que Albert Schroeder, Karl Klein e Grant Suiter haviam trazido tal *sugestão* ao Corpo Governante, *eles deveriam ter estado dispostos em suas próprias mentes a ver a mudança sugerida posta em vigor*. Se, na verdade, a crença e a convicção deles quanto ao ensino mantido durante muito tempo pela Sociedade sobre "esta geração" (como se

[7] Mateus 24:29.

aplicando de 1914 em diante) tivessem sido fortes, firmes e inequívocas, eles certamente jamais teriam ido adiante com esta nova interpretação apresentada.

O Corpo Governante não aceitou o novo entendimento proposto por estes membros. Os comentários apresentados indicavam que muitos a consideraram fantasiosa. Persiste, entretanto, o fato de que os membros do Corpo Governante, Schroeder, Klein e Suiter apresentaram sua idéia como uma proposta séria, *revelando sua própria falta de convicção* quanto à solidez do ensino existente sobre o tema.

Apesar de toda essa evidência de opinião dividida quanto à validade das alegações referentes a 1914 e à "geração de 1914", declarações audaciosas, categóricas e fortes com respeito a 1914 e a "esta geração" como fatos biblicamente estabelecidos continuaram a ser publicadas pela organização "profeta" e todos entre as Testemunhas de Jeová foram exortados a pôr total confiança nelas e levar a mensagem sobre isto a outras pessoas por toda a terra. Num esforço aparente para acalmar a inquietação com relação à rápida redução nas fileiras da geração de 1914, a mesma *A Sentinela* (15 de abril de 1981, página 31) que insinuava que o limite de idade para os membros dessa geração poderia ser baixado para dez anos de idade, também disse:

> E se o sistema iníquo deste mundo sobrevivesse até a virada do século, o que é altamente improvável, em vista das tendências mundiais e do cumprimento da profecia bíblica, ainda haveria sobreviventes da geração da Primeira Guerra Mundial.

Isso foi escrito em 1981. Vinte anos depois, na virada do século, os de dez anos de idade de 1914 estariam com 96 anos. Não obstante, existiriam ainda uns poucos deles aqui e acolá, e isto era visto evidentemente como tudo o que se precisava para que as palavras de Jesus tivessem cumprimento; dependendo, naturalmente, de que se aceite a idéia de que Jesus estava dirigindo suas palavras particularmente a meninos de dez anos de idade. Isto ilustra os extremos a que a organização estava disposta a ir para manter sua definição da "geração de 1914".

Mais anos se passaram e agora não se fazia mais qualquer menção aos "jovens de 10 anos", mas, em vez disso, a referência era simplesmente aos "que estavam vivos em 1914" ou algo assim. Isto, naturalmente permitia que os bebês recém-nascidos fossem incluídos

na "geração de 1914". Porém, com a chegada da década de 1990, e com o terceiro milênio às portas, até mesmo tal "ajuste no entendimento" só proveu um alívio momentâneo para o problema. Mesmo um recém-nascido em 1914 estava com quase 90 anos no ano 2000.

Uma coisa que posso dizer com segurança sobre o assunto é que eu, pessoalmente, achava incrível o raciocínio utilizado dentro do Corpo Governante. Achava trágico que uma profecia relativa a data pudesse ser proclamada ao mundo como uma coisa sólida sobre a qual as pessoas podiam e *deviam* confiantemente se apoiar, sobre a qual edificar suas esperanças e planejar suas vidas ; quando os mesmos que a publicavam sabiam que, dentro do seu próprio corpo coletivo, não existia uma unanimidade de convicção genuína e firme quanto a exatidão desse ensino. Pode ser que, quando confrontados com todo um cenário de décadas de fixação e mudança de datas pela organização, sua atitude se torne mais compreensível.

Talvez o mais incrível para mim é que os membros da Comissão do Presidente, Albert Schroeder, Karl Klein e Grant Suiter, com cerca de *dois meses* que haviam apresentando sua nova idéia sobre "esta geração", incluíram o ensino sobre o início da presença de Cristo em 1914 na lista dos ensinos decisivos para determinar se pessoas (inclusive membros do pessoal da sede) eram culpadas de "apostasia" e merecedoras, portanto, de desassociação. Fizeram-no sabendo que poucos meses antes, eles mesmos haviam questionado o corolário, a doutrina acompanhante referente a "esta geração".

Ao longo de meio século no qual a organização promulgou o conceito de uma "geração de 1914", o seu período se revelou constantemente como um leito que é curto demais para ser confortável, e os raciocínios usados para cobrir esse "leito" doutrinal revelaram-se como um lençol tecido que é demasiado estreito, incapaz de proteger, neste caso, dos fatos frios da realidade.

A liderança tinha feito numerosos ajustes e agora tinha poucas opções restantes. Havia a data de 1957 como a data inicial para "esta geração", conforme proposto pelos membros Schroeder, Klein e Suiter, mas isso parecia uma escolha improvável. Havia a idéia de Albert Schroeder de aplicar a expressão à classe "ungida" (uma idéia que estivera flutuando em torno da organização por muitos e muitos anos) que oferecia certas vantagens. Há sempre pessoas adicionais (algumas

bastante jovens) que a cada ano decidem, pela primeira vez, que fazem parte da classe "ungida". De modo que isto proporcionaria uma extensão quase ilimitada de tempo para o ensino sobre "esta geração".

Havia outra opção. Eles poderiam reconhecer a evidência histórica que situa a destruição de Jerusalém vinte anos depois da data 607 A.E.C. da Sociedade. Isto faria com que os tempos dos gentios (usando-se a interpretação deles dos 2.520 anos) findassem por volta de 1934. Mas, tinha-se atribuído uma importância tão enorme a 1914 e, conforme já foi mostrado, há tanto da superestrutura doutrinal ligado a tal data, que esta também parecia ser uma iniciativa improvável.

Os sinais inevitáveis de um "ajuste no entendimento" adicional começaram a aparecer na *Sentinela* de 15 de fevereiro de 1994. Nesta, o início da aplicação da declaração de Jesus sobre "sinais no sol e na lua e nas estrelas, e na terra angústia de nações" foi mudado do ano de 1914 para um momento após o início da ainda futura "grande tribulação". De modo semelhante, o predito 'ajuntamento dos escolhidos desde os quatro ventos', que antes se ensinava como tendo começado a partir de 1919, era agora também mudado para o futuro, após o início da "grande tribulação" e depois do aparecimento dos fenômenos celestiais. Cada uma das posições agora abandonadas tinha sido ensinada por mais de cinqüenta anos. (Veja, como apenas um de numerosos exemplos, a Sentinela de 15 de julho de 1946, em inglês).

Embora aclamadas como "nova luz", as mudanças simplesmente moviam os ensinos da Torre de Vigia para perto dos entendimentos apresentados muito tempo atrás por aqueles que a organização desdenha como "eruditos da cristandade".

Em setembro de 1994, a oitava impressão de *Crise de Consciência* (em inglês), tratava desta edição de 15 de fevereiro de 1994 de *A Sentinela* e do deslocamento que ela faz da aplicação de partes de Mateus 24 para adiante do início da "grande tribulação". Nessa discussão, incluí os seguintes pensamentos:

> O que talvez seja mais notável é que a expressão "esta geração" — que *A Sentinela* enfatiza tão constantemente e que se encontra em Mateus 24:34 e Lucas 21:32 — não aparece em parte alguma desses artigos, sendo conspícua por sua ausência. É difícil dizer se a organização poderá agora direcionar Mateus 24: 29-31 para algum ponto *após* o início da futura "grande tribulação" e ainda continuar a aplicar a declaração de Jesus sobre "esta geração" feita três versículos

depois, ao período de tempo que se iniciou em 1914. Mas conforme se mostrou, é razoável acreditar que o Corpo Governante receberia bem algum meio de fugir da posição cada vez mais difícil criada por se ter atrelado a expressão "esta geração" (junto com as acompanhantes palavras "não passará até que todas estas coisas ocorram") à data de 1914, que cada vez mais fica para trás no tempo.

Se esta nova interpretação está simplesmente preparando o caminho para uma mudança crucial na aplicação da expressão "esta geração", é preciso esperar para ver. Indubitavelmente, a saída mais desejável seria o surgimento de uma explicação que *retivesse* 1914 como o "início dos últimos dias" e ao mesmo tempo *desconectasse* com êxito a expressão "esta geração" daquela data. Como já se disse, dificilmente a organização poderá desistir completamente de 1914 sem desmantelar uma porção de ensinos baseados naquela data. Mas se a expressão "esta geração" pudesse ser desvinculada de 1914 e ser aplicada a algum período futuro de data desconhecida, então a passagem do tempo, a chegada do terceiro milênio no ano 2000, e até mesmo a aproximação do ano 2014, fariam com que este raciocínio não se mostrasse tão difícil, particularmente em vista de os membros da organização estarem treinados para aceitar qualquer coisa que a "classe do escravo fiel e discreto" e seu Corpo Governante venham a lhes oferecer.

Como se afirmou, essa informação foi impressa em setembro de 1994. Apenas *treze meses depois*, surgiram na edição de *A Sentinela* de 1º de novembro de 1995 artigos que faziam quase exatamente o que se tinha sugerido na edição de 1994 de *Crise de Consciência*. Conforme fora indicado, eles agora *desvinculavam* a expressão "esta geração" (Mateus 24:34) da data de 1914, mas ainda *retiveram* a data como sendo biblicamente significativa.

Isto foi conseguido por meio de uma nova definição do significado da palavra "geração" neste texto. Há cerca de 70 anos atrás, a revista *A Idade de Ouro* (hoje *Despertai!*) de 20 de outubro de 1926, vinculou as palavras de Jesus sobre "esta geração" à data de 1914 (o mesmo fizeram as revistas *A Sentinela* subseqüentes). Uns vinte e cinco anos mais tarde, *A Sentinela* (em inglês) de 1º de junho de 1951, página 335, com relação a 1914, declarou, "Por conseguinte nossa geração é a geração que verá o início e o fim de todas estas coisas, inclusive o Armagedom". Na edição (em inglês) de 1º de julho de 1951, página

404, “esta geração” foi novamente vinculada a 1914. A respeito de Mateus 24:34, ela disse:

> O real significado destas palavras é, sem dúvida alguma, o mesmo que considera uma “geração” no sentido comum, como visto em Marcos 8:12 e Atos 13:36, ou por aqueles que viverem no período especificado.

E então acrescentou:

> Portanto, isto significa que a geração de 1914 não passará até que tudo seja cumprido, e em meio a uma era de grandes dificuldades.

Daí em diante, e por mais de quarenta anos, as publicações da Torre de Vigia continuaram a atribuir um significado *temporal* à palavra “geração” de Mateus 24:34. O envelhecimento da geração de 1914 era repetidamente apontado como evidência clara do pouco tempo restante.

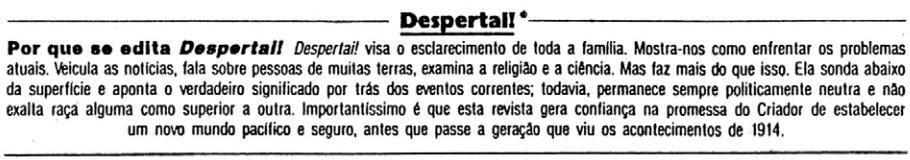
Na definição revisada, contudo, em lugar de se estabelecerem parâmetros de limitação do tempo ou qualquer *ponto de partida*, disse, ao invés, que a geração deve ser identificada não por padrões de tempo, mas por padrões qualitativos, por suas *características*, como ao referir-se a uma “geração iníqua e adúltera” na época de Jesus. Diz-se agora que “esta geração” se constitui dos “povos da terra que vêem o sinal da presença de Cristo, mas que não se corrigem”.

A data de 1914, todavia, não é posta de lado, algo que a organização não poderia fazer sem derrubar a principal estrutura teológica e os dogmas distintivos da religião. 1914 permanece como a pretensa data da entronização de Cristo nos céus, o início de sua segunda presença, invisível, bem como o começo dos “últimos dias”. E ela ainda figura, embora que indiretamente, na nova definição da “esta geração”, já que o “sinal da presença de Cristo” — que os condenados vêem, mas rejeitam ou ignoram — supostamente começou a ser visível mundialmente de 1914 em diante.

Qual é então, a diferença significativa? É que agora, para qualificar-se como parte da “esta geração”, alguém não precisa mais ter estado *vivo* em 1914 para ser parte da “esta geração”. *Qualquer um* pode ver o suposto sinal da presença de Cristo *em qualquer época*, mesmo que pela primeira vez, agora nos anos 90, ou se for o caso no próximo milênio – e ainda qualificar-se como sendo parte da “esta geração”.

Isto permite que a expressão possa *flutuar livre de qualquer data de início*, e diminui consideravelmente a necessidade de explicar tanto o embaraçoso período de tempo que já transcorreu desde 1914, como as fileiras dos que estavam vivos naquela data que rapidamente se reduzem.

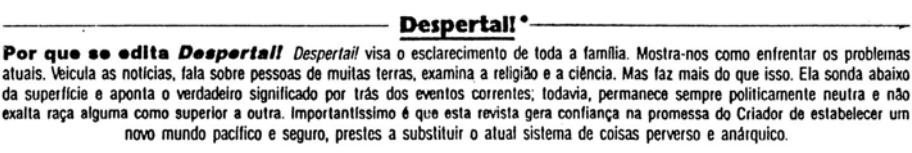
Talvez a principal evidência gráfica desta mudança possa ser vista no expediente da revista *Despertai!* Até 22 de outubro de 1995, ali se lia:



Despertai!

Por que se edita *Despertai!* *Despertai!* visa o esclarecimento de toda a família. Mostra-nos como enfrentar os problemas atuais. Veicula as notícias, fala sobre pessoas de muitas terras, examina a religião e a ciência. Mas faz mais do que isso. Ela sonda abaixo da superfície e aponta o verdadeiro significado por trás dos eventos correntes; todavia, permanece sempre politicamente neutra e não exalta raça alguma como superior a outra. Importantíssimo é que esta revista gera confiança na promessa do Criador de estabelecer um novo mundo pacífico e seguro, antes que passe a geração que viu os acontecimentos de 1914.

A afirmação de que "esta revista gera confiança na promessa do criador de estabelecer um novo mundo pacífico e seguro, antes que passe a geração que viu os acontecimentos de 1914", apareceu ano após ano a partir de 1982 até 22 de outubro de 1995. Com o número de 8 de novembro de 1995, a afirmação foi alterada para o seguinte:



Despertai!

Por que se edita *Despertai!* *Despertai!* visa o esclarecimento de toda a família. Mostra-nos como enfrentar os problemas atuais. Veicula as notícias, fala sobre pessoas de muitas terras, examina a religião e a ciência. Mas faz mais do que isso. Ela sonda abaixo da superfície e aponta o verdadeiro significado por trás dos eventos correntes; todavia, permanece sempre politicamente neutra e não exalta raça alguma como superior a outra. Importantíssimo é que esta revista gera confiança na promessa do Criador de estabelecer um novo mundo pacífico e seguro, prestes a substituir o atual sistema de coisas perverso e anárquico.

Toda a referência a 1914 está agora apagada, apresentando a evidência gráfica desta mudança crucial — bem como, de fato, indicando que "o Criador" tinha, de algum modo, renegado sua "promessa" relacionada com a geração de 1914.

Resta saber que efeitos trará esta mudança. Imagino que os que sentirão estes efeitos de modo mais agudo serão os adeptos mais idosos, com mais tempo na organização, que haviam se agarrado à esperança de não morrerem antes do cumprimento de suas expectativas com respeito à plena realização das promessas de Deus. Provérbios 13:12 diz que "a expectativa adiada faz adoecer o coração, mas a coisa desejada, quando vem, é árvore de vida". Quaisquer sentimentos advindos de um coração doente que estes venham agora a experimentar, não são de responsabilidade do Criador, mas dos

homens que neles implantaram e alimentaram as expectativas falsas conectadas a uma data.

Os mais jovens ou mais recentemente filiados à organização provavelmente não sentirão de modo tão forte o impacto da mudança. Esta veio, afinal de contas, envolta num linguajar que nenhum reconhecimento faz dos erros por parte da organização, mas que recobre a mudança de termos como "entendimento progressivo" e "luz crescente". A Sentinela de 1º de maio de 1999 diz na página 13: "Nosso progresso no entendimento da profecia nos capítulos 24 e 25 de Mateus tem sido emocionante", isso ao mesmo tempo em que se descarta uma interpretação atrás da outra, ensinada por anos como verdade divina! Os muitos que são novos na organização talvez não tenham conhecimento da intensa insistência com que, durante décadas, o conceito da "geração de 1914" foi propagado, de quão positivamente ele foi apresentado como indicador seguro da "proximidade do fim". Eles talvez não imaginem o modo firme com que o ensino da "geração de 1914" foi apresentado como sendo, não de origem humana, mas de origem *divina*, não um cronograma baseado em promessas humanas, mas baseado na "promessa *de Deus*". Esta vinculação implícita, de quarenta anos, entre Deus e sua Palavra e um conceito agora falido, apenas aumenta o peso da responsabilidade. Alguém poderia recordar-se das palavras de Jeová em Jeremias 23:21:

> Eu não enviei os profetas, assim mesmo eles correram; não falei com eles, assim mesmo, eles profetizaram.

Esta mudança básica só pode ter ocorrido em resultado de uma decisão do Corpo Governante. Como se demonstrou, o tema essencial envolvido veio a discussão ainda nos anos 70. Não se pode senão imaginar quais serão os pensamentos dos membros do Corpo Governante hoje, que sensação de responsabilidade eles sentem. Cada membro daquele Corpo sabia na ocasião, e sabe hoje, qual tem sido o histórico da organização no campo do estabelecimento de datas e das predições. Por meio das publicações, isto é desculpado à base de "um desejo fervoroso de ver o cumprimento das promessas de Deus em sua própria época", como se não se pudesse ter tal desejo fervoroso sem a presunção de estabelecer um cronograma para Deus, ou de fazer predições e atribuí-las a Ele, como se fossem baseadas em sua Palavra. Eles sabem também que, apesar dos repetidos erros, os líderes da

organização continuaram a alimentar os membros dela com novas predições. Eles sabem que a liderança tem consistentemente deixado de assumir a plena responsabilidade pelos seus erros, de admitir que a liderança estava simples e meridianamente errada. Eles se empenharam em proteger sua imagem e suas reivindicações de autoridade por esforçar-se em fazer parecer que os erros cabiam aos membros da religião como um todo. Em um artigo sobre "Predições Falsas ou Profecia Verdadeira," a *Despertai!* de 22 de junho de 1995 (página 9) disse:

> Os Estudantes da Bíblia, conhecidos desde 1931 como Testemunhas de Jeová, esperavam também que o ano de 1925 traria o cumprimento de maravilhosas profecias bíblicas. Eles presumiram que naquele tempo começaria a ressurreição terrestre, que traria de volta homens fiéis do passado, como Abraão, Davi e Daniel. Mais recentemente, muitas Testemunhas achavam que eventos relacionados com o começo do Reinado Milenar de Cristo poderiam começar a ocorrer em 1975. Sua expectativa baseava-se no entendimento de que o sétimo milênio da história humana começaria então.

A revista *A Sentinela* ao apresentar o novo ensino com respeito a "esta geração", segue a mesma tática, ao dizer (na página 17):

O povo de Jeová, ansioso de ver o fim deste sistema iníquo, às vezes tem especulado sobre quando irromperia a "grande tribulação", até mesmo relacionando isso com cálculos sobre a duração da vida duma geração desde 1914. No entanto, 'introduzimos um coração de sabedoria', não por especular sobre quantos anos ou dias constituem uma geração, mas por refletir em como 'contamos os nossos dias' em dar alegre louvor a Jeová. (Salmo 90:12)

Desta forma, a liderança tira dos ombros a responsabilidade que, com toda justiça cabe a ela, aconselhando piedosamente a comunidade de seus membros com respeito às suas condições espirituais, como se tivesse sido o ponto de vista espiritual *deles* a causa do problema. Não querem reconhecer que os membros *não dão origem a nada*, e que os membros se apegaram a esperanças quanto a várias datas, exclusivamente porque *os líderes* da organização os alimentaram com matéria claramente destinada a estimular tais esperanças, que cada data mencionada e todas as 'conjecturas', 'especulações' e 'cálculos' ligados a essas datas, se originaram, não da comunidade de membros, mas *dos líderes*. De certo modo, é como se uma mãe, cujos filhos adoeceram de indigestão, dissessem de tais filhos, "Eles não tiveram cuidado com o que comeram", quando, de fato, os filhos comeram simplesmente aquilo que a mãe lhes serviu. E não apenas lhes serviu mas *insistiu* que o alimento devia ser aceito como saudável, parte de uma dieta superior impossível de se obter em qualquer outro lugar, tanto que qualquer demonstração de insatisfação com tal alimento seria respondida com ameaça de punição.

Os homens que agora estão no Corpo Governante sabem todos que, por todo o tempo em que quaisquer dos ensinos da organização ligados à data de 1914 estavam em vigor, qualquer questionamento aberto ou discordância com respeito a estes poderia resultar e de fato resultou, em desassociação. Eles sabem que o próprio "coração de sabedoria" ao qual tanto exorta agora o artigo de *A Sentinela* – um coração que evita a especulação baseada em datas e que, ao invés disso se concentra em simplesmente viver cada dia de nossas vidas como para Deus – é o mesmíssimo coração que alguns membros do pessoal da sede de Brooklyn procuraram cultivar, e que foi a posição deles exatamente neste respeito que se constituiu no centro da acusação pela qual eles foram julgados como "apóstatas". Quais são os pensamentos dos atuais membros do Corpo Governante, eu não sei. Posso apenas dizer que, se eu tivesse tomado parte na versão dos fatos que agora se fez, e tivesse também, deixado de fazer uma admissão franca e corajosa da responsabilidade por ter iludido e por ter julgado tão mal outros cristãos sinceros, não vejo como poderia deixar de sentir agora alguma sensação de covardia moral.

É difícil não se impressionar com o contraste entre este procedimento e o procedimento adotado em outra religião culpada de

fazer similares predições de datas, a Igreja Mundial de Deus. Após a morte daquele que fora seu líder por muito tempo, Herbert W. Armstrong, no fim dos anos 80, a nova liderança publicou um artigo no número de março/abril (em inglês) na principal publicação dessa religião, a revista *A Clara Verdade*. O artigo intitulava-se "Perdoa-nos as Nossas Ofensas", e começava dizendo, "A Igreja Mundial de Deus, patrocinadora da revista A Clara Verdade, tem mudado sua posição sobre numerosas crenças e práticas mantidas por muito tempo durante os últimos anos". Ao entrar em detalhes, ela também dizia:

> "... Ao mesmo tempo, estamos profundamente conscientes da pesada herança de nosso passado.
>
> Nosso entendimento doutrinal falho obscureceu o claro evangelho de Jesus Cristo e levou a uma variedade de conclusões erradas e práticas não-bíblicas. Temos muito do que nos arrepender e porque nos desculpar.
>
> Fomos judiciosos e auto-justos – condenando outros cristãos, denominando-os de "os supostos cristãos" e rotulando-os de "enganados" e "instrumentos de Satanás."
>
> Impusemos aos nossos membros uma abordagem voltada para obras em vez de uma vida cristã. Exigimos uma adesão a pesados regulamentos do código do Antigo Testamento. Exercemos uma abordagem fortemente legalista para o governo da igreja.
>
> Nossa anterior abordagem de velho pacto gerou atitudes de exclusivismo e superioridade em lugar do ensino do novo pacto, de fraternidade e unidade.
>
> Demos ênfase demais à predição e especulação profética, minimizando o verdadeiro evangelho da salvação por meio de Jesus Cristo.
>
> Estes ensinos e práticas são fontes de supremo pesar. Estamos dolorosamente conscientizados da dor e do sofrimento causados por tais ensinos e práticas.
>
> Estávamos errados. Jamais foi nosso propósito enganar alguém. Estávamos tão concentrados naquilo que acreditávamos estar fazendo para Deus, que não reconhecemos o rumo espiritual que percorríamos. Tendo a intenção ou não, esse rumo não era o bíblico.
>
> Ao olharmos para trás, nos perguntamos como pudemos estar tão errados. Nossos corações se dirigem a todos aqueles que receberam nossos ensinos distorcidos das Escrituras. Não

> minimizamos nossa desorientação e confusão espirituais. Honestamente, desejamos a compreensão e o perdão de vocês.
>
> ---
>
> Nenhuma tentativa fazemos de encobrir os enganos doutrinais e bíblicos de nosso passado. Não é nossa intenção meramente passar uma mão de tinta por sobre as rachaduras. Estamos olhando para nossa história diretamente no olho e confrontando-nos com as faltas e pecados que encontramos. Elas sempre permanecerão como parte de nossa história servindo como memorial perpétuo dos perigos do legalismo."

Tal franca admissão e aceitação da responsabilidade pelo erro não é encontrada nas publicações da Torre de Vigia. Já que os conheço pessoalmente, estou convicto de que muitos dos homens do Corpo são sinceros na crença de que estão servindo a Deus. Infelizmente, essa crença é acompanhada por uma crença paralela de que a organização liderada por eles é o canal de comunicação de Deus, superior a todas as outras organizações religiosas da terra – uma crença que dá evidências de um estado de negação, no qual eles não se permitem encarar a realidade do curso e do histórico tortuosos da organização. Qualquer que seja o grau de sinceridade no desejo deles de servir a Deus, isto lamentavelmente não os protegeu de uma notável insensibilidade para com o potencial efeito desilusório de suas predições apocalípticas que falharam, o efeito debilitante que isto pode ter sobre a confiança das pessoas na fidedignidade e no valor das Escrituras.

11

MOMENTO DA DECISÃO

> *Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas.* — Filipenses 3:7, 8, *Nova Versão Internacional*.

EM FINS de 1979, eu tinha chegado a minha encruzilhada pessoal. Tinha passado quase quarenta anos como representante por tempo integral, servindo em cada nível da estrutura organizacional. Os últimos quinze anos eu passei na sede internacional e, desses, os nove finais como membro do Corpo Governante mundial das Testemunhas de Jeová.

Foram esses anos finais que provaram ser um período crucial para mim. A ilusão, a essa altura, se encontrou com a realidade. Desde então, vim a apreciar a exatidão de uma citação expressa por um estadista já falecido, que dizia:

> O grande inimigo da verdade muitas vezes não é a mentira — deliberada, maquinada e desonesta — mas o mito — persistente, persuasivo e irrealista.

Comecei então a dar-me conta de que grande parte daquilo em que eu baseara o inteiro rumo de minha vida adulta era exatamente isso, um mito — "persistente, persuasivo e irrealista". Não significava que minha opinião com relação à Bíblia tivesse mudado. De todos os modos, meu apreço por ela foi realçado por tudo aquilo que passei. Só ela deu sentido e significado ao que vi acontecer, as atitudes que observei sendo demonstradas, os raciocínios que ouvi sendo apresentados, a tensão e a pressão que senti. A mudança que de fato aconteceu veio quando me dei conta de que o meu modo de ver as

Escrituras fora de um ponto de vista completamente sectário, uma armadilha contra a qual eu pensava estar protegido. Ao deixar que as Escrituras falassem por si mesmas — sem ser primeiro afuniladas por alguma agência humana falível como forma de "canal" — descobri que se tornavam imensamente mais significativas. Fiquei espantado com o quanto de seu sentido eu tinha deixado de perceber.

A questão era: o que devo fazer agora? Os meus anos no Corpo Governante, as coisas que ouvi dizer nas suas reuniões e fora delas, o espírito que observei ser basicamente demonstrado, levaram-me gradativamente a reconhecer que, com respeito à organização, o 'odre tinha envelhecido', tinha perdido toda a flexibilidade que possa alguma vez ter tido, e estava endurecendo sua cerviz contra qualquer correção das Escrituras, tanto com relação às crenças doutrinais como em relação a seus métodos de lidar com aqueles que se voltavam para ela em busca de orientação.[1] Eu achava, e ainda acho, que havia muitos homens bons no Corpo Governante. Numa ligação interurbana, uma ex-Testemunha me disse: "Fomos seguidores de seguidores." Outra me disse: "Fomos vítimas de vítimas." Creio que ambas as declarações são verdadeiras. Charles Taze Russell seguia as concepções de certos homens do seu tempo, era vítima de alguns dos mitos que eles propagavam como "verdade revelada". Cada parte sucessiva da liderança organizacional tem seguido o mesmo rumo, agregando às vezes, mito adicional em apoio ao mito original, ou fazendo uma reedição dele. Em vez de rancor, sinto tão-somente piedade por estes homens que conheço, pois eu fui, assim como eles, uma "vítima de vítimas", um "seguidor de seguidores".

Embora cada ano no Corpo Governante, particularmente de 1976 em diante, se tornasse para mim sempre mais difícil e tenso, eu me apegava à esperança de que as coisas ainda melhorariam. Com o tempo, fui obrigado a reconhecer que esta era uma esperança sem o apoio de evidências.

Não que eu fosse contrário à autoridade. Eu era contrário aos extremos a que esta era levada. Não podia acreditar que Deus tivesse jamais o propósito de que homens exercessem um controle autoritário tão intrínseco nas vidas dos co-membros da congregação cristã. O meu entendimento era que Cristo outorga autoridade em sua congregação

[1] Compare com as palavras de Jesus em Lucas 5:37-39.

apenas com o objetivo de servir, não de dominar.[2]

Do mesmo modo, eu não fazia objeção ao termo "organização" no sentido de um arranjo ordeiro, pois entendia que a própria congregação envolvia tal arranjo ordeiro.[3] Mas acreditava que, qualquer que fosse o arranjo, o propósito e a função deste, sua existência em si, era apenas uma forma de ajuda para os irmãos; estava lá para servir aos interesses deles, não ao inverso. Qualquer que fosse o arranjo, deveria destinar-se a edificar homens e mulheres, de modo que não fossem bebês espirituais, dependentes de homens ou de um sistema institucionalizado, mas que fossem cristãos maduros, plenamente desenvolvidos. Não visava treiná-los para serem simplesmente conformistas com relação a um conjunto de preceitos e regulamentos organizacionais, mas ajudá-los a tornarem-se pessoas "que têm as suas faculdades perceptivas treinadas para distinguir tanto o certo como o errado".[4] Qualquer que fosse o arranjo existente, este deveria contribuir para um genuíno senso de fraternidade, com a liberdade de expressão e confiança mútua que a verdadeira fraternidade proporciona — não uma sociedade constituída por uns poucos que são governantes e os muitos que são governados. E, finalmente, qualquer que fosse o arranjo, o modo de se 'assumir a liderança' nele deveria ser pelo exemplo, por apegar-se firmemente à Palavra de Deus, transmitindo-a a outros e inculcando-lhes as instruções do Mestre da mesma maneira como ele as tinha transmitido, não as "ajustando" para se encaixar naquilo que parecesse estar dentro dos interesses de uma organização criada pelo homem, nem por 'fazer as pessoas sentirem o peso da autoridade imposta por alguém', à maneira dos homens poderosos do mundo.[5] Esse arranjo deveria resultar na exaltação de Cristo Jesus como o Cabeça, nunca na exaltação de uma estrutura de autoridade terrena e de seus representantes. Como estava, senti que o papel de Cristo Jesus como Cabeça atuante estava sendo obscurecido, virtualmente eclipsado pelo comportamento autoritário e pela constante auto-recomendação e auto-glorificação da organização.

---

[2] Mateus 20:25-28; 23:8-12; 2 Coríntios 4:5; 1 Pedro 5:3.
[3] 1 Coríntios 12:4-11, 25; 14:40.
[4] Hebreus 5:14; 1 Coríntios 8:9; 16:13, 14.
[5] Mateus 20:25.

Ademais, eu não negava o valor e a necessidade do ensino. Mas não podia aceitar que interpretações organizacionais, baseadas em raciocínios humanos mutáveis pudessem ser igualadas em autoridade às próprias declarações encontradas na imutável Palavra de Deus. A grande importância dada a conceitos tradicionais, o ato de torcer e manipular a Palavra de Deus para acomodá-la a tais conceitos, bem como as inconsistências, as quais resultaram em padrões dúplices de comportamento, constituíam uma fonte de sério transtorno emocional para mim. O que achava inaceitável nem sempre era o ensino, mas o dogmatismo.

As convicções que mantinha comigo, procurei refleti-las nos meus anos de serviço no Corpo Governante. Desde o início, descobri que isto me trazia dificuldade, animosidade. No final, acabou me trazendo rejeição, expulsão.

No outono de 1979, fui designado para fazer uma "visita de zona" a certos escritórios de filial na África Ocidental. Alguns ficavam em países onde o governo havia proscrito oficialmente a atividade das Testemunhas de Jeová. Sabendo quão facilmente poderia acontecer alguma coisa que resultasse em eu ser detido e encarcerado, senti-me na obrigação de falar sobre algumas de minhas preocupações com minha esposa. (Em vista de seus anteriores problemas de saúde, incluindo uma doença no sangue que quase causou sua morte em 1969, achei melhor fazer a viagem sozinho.) Embora ela não pudesse deixar de perceber a tensão emocional que eu sentia, nunca havia considerado com ela as reais circunstâncias que geravam essa tensão, quais eram as verdadeiras questões que estavam me afetando. Não me sentira livre para fazê-lo. Agora, não somente sentia que era oportuno, mas que tinha também a obrigação de considerar com ela o que vim a compreender, particularmente à luz das Escrituras. Como poderia eu permitir que homens me impedissem de considerar com a minha própria esposa as verdades que via na Palavra de Deus?

Nessa época, concluímos que o aconselhável para nós era encerrar nossa atividade na sede internacional. Sentíamos que nossa tranqüilidade mental e de coração, assim como nossa saúde física, o exigiam. Também acalentávamos remotas esperanças de que ainda fosse possível termos um filho e tínhamos, na verdade, consultado dois médicos neste sentido, inclusive um dos médicos do pessoal da sede,

Dr. Carlton, de forma confidencial.[6] Eu estava com cinqüenta e sete anos e sabia que seria muito difícil arranjar emprego secular devido a esse fator. Mas confiava que, de alguma maneira, as coisas dariam certo.

A decisão não era fácil. Sentia-me dividido entre dois desejos. Um destes era que eu achava que, por permanecer no Corpo Governante, podia pelo menos falar a favor dos interesses dos outros, defender a verdade das Escrituras, a bem da moderação e do equilíbrio, muito embora minha voz fosse ouvida com irritação ou mesmo desconsiderada. Pressentia que o limite de tempo em que eu podia fazer isso estava se esgotando rapidamente, que qualquer que fosse a voz que eu ainda tivesse nas discussões do Corpo Governante logo seria calada, silenciada. O desejo de livrar-me de uma atmosfera de suspeita que via desenvolver-se, de estar isento de participação numa estrutura de autoridade que eu não podia biblicamente defender e livre de decisões que eu não podia moralmente justificar, pesava com igual gravidade sobre mim.

Se segurança e conforto fossem meu objetivo, teria certamente optado por ficar onde estava, pois como membros integrantes do pessoal da sede, todas as nossas necessidades físicas nos seriam supridas. Nossos muitos anos de serviço nos proporcionavam certos privilégios como o de escolher algum dos melhores quartos que se tornavam periodicamente disponíveis nos vários edifícios enormes da Sociedade.[7] Nosso período de férias se estenderia pelo equivalente a umas seis semanas por ano e, por ser membro do Corpo Governante, seria sempre possível combinar este período com compromissos de discursos que nos permitiriam visitar lugares por todos os Estados Unidos e Canadá, ou com visitas de zona que nos dariam a oportunidade de viajar por toda a terra. (Os membros do Corpo Governante podem regularmente gozar suas férias em lugares com os quais a maioria das pessoas só conseguem sonhar.) Em 1978, minha

[6] Minha esposa é 13 anos mais nova do que eu. Reconhecíamos os riscos que os médicos salientaram que corríamos, mas estávamos dispostos a enfrentá-los.

[7] Não muito tempo antes a Sociedade tinha comprado o Hotel Towers, de quinze andares, complementando assim outras residências de dez andares que já possuía na área de Brooklyn Heights. Desde então, a Sociedade passou a comprar (por intermédio de agentes) o Hotel Standish Arms e o Hotel Bossert, ambos no Brooklyn.

esposa e eu fizemos mais de cinqüenta viagens de avião somente nesse ano e, durante aqueles anos, chegamos a viajar para a América Central, América do Sul, Ásia, África e Oriente Médio.

Hotéis adquiridos pela Torre de Vigia para acomodar os seus trabalhadores da sede mundial

Outros prédios residenciais da Torre de Vigia na área de Brooklyn, Nova Iorque

Se prestígio e destaque fossem aquilo que buscava, eu razoavelmente não precisaria pedir mais. Já estava recusando, numa base mensal, cerca de três ou quatro convites para fazer discursos, para cada um que aceitava. Em nível internacional, quando desejávamos viajar para Paris, Atenas, Madri, Lisboa, Cidade do México, São Paulo, ou para qualquer outra cidade

Discursando em Madri - Espanha

importante, era apenas necessário avisar ao escritório da filial e, então, uma reunião à qual compareciam milhares de Testemunhas de Jeová era automaticamente organizada. Era quase comum dirigir-me a assistências que variavam de tamanho, algo entre cinco a trinta mil pessoas. Praticamente, a qualquer lugar que vá um membro do Corpo Governante, ele é um convidado de honra entre suas co-Testemunhas.[8]

Quanto ao próprio Corpo Governante, era bastante evidente para mim que a estima dos colegas deste Corpo podia ser assegurada simplesmente por se manifestar total apoio à organização e, com raras exceções, por observar em qual direção se inclinava a maioria durante as discussões, e por expressar-se e votar nessa direção. Não estou sendo cínico ao dizer isto. Aqueles poucos no corpo que se sentiam ocasionalmente impelidos a expressar suas objeções de consciência quanto a certas posições, normas ou ensinos tradicionais, sabem — mesmo que não o digam — que é deste jeito.

Mesmo nessa situação, fui designado membro das comissões que podiam ser consideradas como das mais influentes do Corpo Governante, a Comissão de Redação e a Comissão de Serviço. A Comissão de Redação achou conveniente designar-me para supervisionar o desenvolvimento (não propriamente escrever) de várias publicações impressas eventualmente em muitas línguas em milhões de exemplares.[9]

A "fórmula", se é que podia ser chamada assim, de manter uma posição de destaque na organização era facilmente discernível. Mas eu não podia achar que isso fosse conscienciosamente aceitável.

Precisaria ter estado cego para não ter percebido que minhas declarações sobre certos assuntos, motivados pelo que sentira serem princípios claros das Escrituras, não agradavam a muitos no Corpo. Houve ocasiões em que eu ia às reuniões do Corpo Governante tendo decidido simplesmente não falar nada a fim de que a animosidade não aumentasse. Mas quando se levantavam questões que podiam afetar

---

[8] Tudo isto me fazia lembrar as palavras de Jesus em Mateus 23:6.

[9] Estes incluíam os livros *É Esta Vida Tudo o Que Há*? (escrito realmente por Reinhard Lengtat); *A Vida Tem Objetivo* (por Ed Dunlap); *Torne Feliz Sua Vida Familiar* (escrito principalmente por Colin Quackenbush); *A Escolha do Melhor Modo de Vida* (por Reinhard Lengtat); e *Comentário à Carta de Tiago* (por Ed Dunlap). Por ocasião da minha renúncia, eu estava designado para supervisionar o desenvolvimento de um livro sobre a vida de Jesus Cristo, o qual Ed Dunlap estava incumbido de escrever.

seriamente a vida das pessoas, descobria que não podia refrear-me de fazer alguma manifestação. Não tinha nenhuma ilusão de que o que dizia tivesse particularmente alguma influência — de fato, eu sabia, por experiência própria, que isso só contribuía mais provavelmente para tornar minha situação mais difícil, mais precária. Sentia, porém, que se não me declarasse em favor de algumas coisas, de certos princípios que achava serem cruciais para o cristianismo, então não havia quaisquer finalidades para estar ali e, pela mesma razão, nenhum propósito real na vida.

Já foi mencionado que, por volta de 1978 em diante, começou a manifestar-se um clima alterado no Corpo. A euforia inicial que acompanhou a mudança dramática ocorrida na administração havia desaparecido. O espírito de companheirismo fraternal que pareceu prevalecer por algum tempo, junto com suas acompanhantes expressões de moderação e maior flexibilidade de ponto de vista, também tinha diminuído sensivelmente. Os membros tinham se acomodado às suas respectivas posições nas várias comissões e, depois de um período, parecia haver certa "exibição de músculos" por parte de alguns. Tendências razoavelmente discerníveis começaram a tornar-se evidentes dentro do quadro de membros, de modo que, muitas vezes, não era difícil de prever qual seria o provável resultado da votação em torno de um assunto.

Se, por exemplo, as mãos de Milton Henschel, Fred Franz, Ted Jaracz e Lloyd Barry se levantassem indicando aprovação, podia-se *geralmente* ter certeza de que as mãos de Carey Barber, Martin Poetzinger, William Jackson, George Gangas, Grant Suiter e Jack Barr se levantariam também. Se as mãos dos primeiros permanecessem abaixadas, as mãos dos últimos ficariam geralmente assim também. Alguns dos outros membros votariam *provavelmente* com estes, mas o voto deles não era assim tão previsível. Com raras exceções, este era o padrão predominante.

Este padrão se revelava particularmente veraz quando alguma norma ou posição tradicional estava em discussão. Podia-se saber de antemão quais os membros que votariam, com quase toda certeza, em favor da manutenção dessa norma tradicional e contra qualquer mudança nela. Mesmo no caso da questão do "serviço alternativo", já considerada num capítulo anterior, apesar de constituir uma minoria, estes membros ainda conseguiram impedir que se fizesse uma

mudança na posição quanto a essa questão por falta da maioria necessária de dois terços.

Em certos casos controversiais, parecia haver pelo menos alguma evidência de "lobby" por parte de alguns membros. Eu achava que, se alguém quisesse apresentar uma informação à parte da reunião em andamento, a melhor maneira de fazê-lo seria por escrito, apresentando uma cópia a todos os membros. Nesse caso, pelo menos cada um tomaria conhecimento da mesma coisa e, na realidade, 'todas as cartas estariam sobre a mesa'. Mas tais apresentações escritas eram geralmente muito raras e, quando feitas, dificilmente eram discutidas com alguma profundidade.

A reunião do Corpo Governante de 14 de novembro de 1979 foi, na minha concepção, a precursora dos eventos traumáticos que abalaram violentamente a sede na primavera de 1980, resultando na desassociação de vários membros de Betel acusados de "apostasia" e, também, em minha própria renúncia ao Corpo e à equipe da sede mundial.

Nesse dia, cuidamos de quatro assuntos de somenos importância; cada moção foi aprovada por unanimidade. Qualquer sensação de harmonia que possa ter existido foi, entretanto, rapidamente desfeita por uma nota dissonante. Grant Suiter disse que desejava levantar um assunto sobre o qual, disse ele, havia "considerável boato". Ele disse que tinha ouvido relatos de que alguns membros do Corpo Governante e do Departamento de Redação haviam dado discursos, nos quais fizeram comentários que não estavam em harmonia com o ensino da Sociedade, e que isto estava causando confusão. Tinha também ouvido, segundo disse, que dentro da família de Betel em Brooklyn, alguns estavam usando expressões tais como "Quando o rei Saul morrer, então as coisas vão mudar".[10]

Eu nunca tinha ouvido ninguém, na família da sede, fazer tais comentários. Grant Suiter não disse onde obtivera tal informação ou quem fora a fonte do "boato" a que se referiu, mas ele se mostrou muito veemente, e tanto suas palavras como suas expressões faciais refletiam uma emoção forte e acalorada. Assim, pela primeira vez, surgiu o termo "apostasia" numa reunião do Corpo Governante.

---

[10] Presumivelmente, a referência era ao presidente da Sociedade, alguns aparentemente acreditando (erroneamente) que a presidência ainda representava a base do poder que ela exercera até 1976.

Seguiu-se uma considerável discussão com a maioria dos membros dando a entender que estavam ouvindo tais coisas pela primeira vez. Na minha vez de falar, eu disse que tinha proferido discursos por todos os Estados Unidos e em muitos países e que, em nenhum deles, jamais tinha feito declarações contrárias aos ensinos publicados da organização. Era raro que discursos feitos por um membro do Corpo Governante não fossem gravados por pelo menos uma pessoa e, se alguma coisa fora do estabelecido tivesse sido dita, a evidência estaria disponível. Nesse caso, assinalei, o Corpo Governante não precisaria seguramente confiar em rumores para inteirar-se disso, pois alguém certamente escreveria a respeito, fazendo perguntas. Perguntei a Grant Suiter se ele sabia pessoalmente de algum caso deste tipo envolvendo algum membro do Corpo Governante ou do Departamento de Redação. Seu comentário foi simplesmente que 'estava-se falando acerca destes assuntos', e que alguns membros de comissões de filial, que participaram de cursos na sede, tinham dito que estavam "confusos" por ter ouvido alguns pontos de vista conflitantes daqueles que dirigiam o programa.

A decisão foi que a Comissão de Ensino (que exercia a supervisão dos seminários) deveria investigar. Numa sessão posterior, eles relataram que não tinham encontrado evidência alguma das coisas mencionadas, que a única confusão entre os homens das filiais era sobre um ponto discorrido numa aula dirigida por Carey Barber. Ele tinha falado do reino de Cristo como tendo iniciado em 33 E.C., por ocasião de sua ascensão aos céus, e alguns tiveram dificuldade de conciliar este entendimento com o ensino acerca de 1914.[11] A solução do assunto a que se chegou foi um acordo de que todos os membros do Corpo Governante exerceriam cuidado quando proferissem discursos em cumprimento de designações; ficou claramente estabelecido na reunião, entretanto, que isto não implicava em qualquer tentativa de controlar as conversas particulares dos membros, como as que se tem entre amigos pessoais. Esta posição final não resistiu quando sobreveio o teste.

Achei a discussão significativa. Apesar de Grant Suiter não ter demonstrado que sabia de algum caso em que um membro do Corpo

[11] O ensino oficial é que, na sua ascensão, Cristo começou a reger como rei somente com relação à sua congregação; que, em 1914, ele assumiu o pleno poder para reinar sobre toda a terra.

Governante tivesse, em cumprimento de sua designação, feito comentários contrários aos ensinos publicados, eu sabia que alguns podiam ser citados. O Corpo já tinha considerado o acontecimento da visita de Albert Schroeder a algumas filiais européias e sua apresentação do ponto de vista de que a expressão "esta geração" poderia ter um significado diferente daquele publicado. A informação neste respeito chegara até nós de mais de um lugar. Sabia-se também que o presidente, Fred Franz, tinha introduzido um novo entendimento com relação às "chaves do reino" (mencionadas em Mateus 16:19) enquanto ensinava a certas turmas na Escola de Gileade, entendimento este que contradizia os ensinos publicados da organização. Isto fora feito sem nenhuma consulta prévia junta ao Corpo e o entendimento foi apresentado, não como sugestão, mas como o ponto de vista *correto*.[12] Turmas inteiras da Escola de Gileade partiram para suas designações com este novo entendimento, a respeito do qual o restante dos irmãos não teve nem notícia.

No entanto, nenhum destes casos foi suscitado na reunião do Corpo Governante, e não me senti inclinado a fazê-lo.[13] Mas eu percebia que, definitivamente, se movimentava uma corrente por debaixo da superfície que mais cedo ou mais tarde viria à tona. E eu não tinha dúvida de que, quando isto acontecesse, sua força seria dirigida, não contra tais pessoas, mas contra mim mesmo e, fora do corpo, contra Edward Dunlap.

Devido ao sentimento que pude discernir em vários membros, eu já estivera cogitando que seria aconselhável renunciar à Comissão de Serviço, limitando assim minha participação em comissões só à

---

[12] Eventualmente, isto chegou ao Corpo e, depois de muito debate, foi finalmente aprovado (embora não unanimemente) e publicado em *A Sentinela* de 1º de maio de 1980, páginas 16-29.

[13] Numa reunião (em Chicago, creio eu) de Testemunhas que eram advogados e médicos, outro membro do Corpo Governante, Grant Suiter, os havia convidado a emitirem sua opinião quanto a se era correta a posição da Sociedade então em vigor sobre o uso do termo "ministro ordenado". Embora não tenha expressado nessa reunião nenhuma declaração aberta de discordância, ele o havia feito diante do Corpo, e a reação que se seguiu a seu convite indicou claramente que sua audiência se sentia livre para criticar essa posição em vigor. Este é um assunto que tem sido amplamente discutido entre as Testemunhas, ainda que raramente com algum conhecimento dos fatos. Para os interessados em mais informações, detalhes são fornecidos no Apêndice.

Comissão de Redação. Certo dia, em conversa com Robert Wallen, que atuava como secretário da Comissão de Serviço (ele não era membro do Corpo Governante), mencionei que tinha quase decidido deixar a comissão.[14] Sua resposta foi: "Você não pode fazer isso. Precisa haver algum equilíbrio na comissão." E insistiu comigo para mudar de idéia.

Entretanto, o mesmo sentimento adverso demonstrado na sessão de 14 de novembro de 1979, surgiu noutra reunião e, como havia imaginado, fui então envolvido ao ser mencionado especificamente. No decorrer da sessão, Lloyd Barry, que tinha a responsabilidade de verificar que cada número da revista *A Sentinela* fosse composto e pronto para publicação, expressou forte preocupação com relação ao fato de eu não ter colocado minha assinatura numa quantidade considerável (ele deu a quantidade) de artigos de *A Sentinela* que haviam circulado na Comissão de Redação. (Cada artigo a ser publicado circulava primeiro entre os cinco membros da comissão e a assinatura deles na margem superior indicava aprovação.) Embora não compreendesse sua razão para levantar o assunto numa sessão plenária do Corpo, em vez de falar primeiro comigo em particular ou numa reunião da Comissão de Redação, reconheci que o que ele dizia era verdade. (Fiquei realmente surpreso ao ouvir a quantidade exata dos artigos que eu não tinha assinado, já que eu mesmo não fizera nenhuma contagem deles; ele fizera isso.)

Expliquei que não havia posto minha assinatura nesses casos simplesmente porque não pudera fazê-lo conscienciosamente. Ao mesmo tempo, não tinha feito nenhum tipo de esforço para impedir especificamente a publicação destes artigos (alguns dos quais eram artigos que tinham sido escritos pelo presidente sobre a profecia de Jeremias e que davam muita ênfase ao 'papel profético' da organização e a certas datas, tais como 1914 e 1919), nem feito qualquer esforço para criar caso em torno do assunto. A ausência de minha assinatura representava abstenção, e não oposição. Declarei perante o plenário do Corpo que, se isto fosse visto como problema, ou seja, se ter alguém de refrear-se de assinar por motivos de consciência fosse visto como indesejável, havia então uma solução simples. Eles poderiam designar alguma outra pessoa para servir na Comissão de Redação, alguém que não sentisse tais restrições de consciência quanto a aprovar as matérias.

[14] Os outros membros da comissão na época eram Ted Jaracz (o coordenador), Milton Henschel, Albert Schroeder, William Jackson e Martin Poetzinger.

Mencionei nessa ocasião meus pensamentos de renunciar à Comissão de Serviço, de modo a poder gastar mais tempo em contribuir para as necessidades da Comissão de Redação. Dessa maneira, coloquei o assunto nas mãos deles e deixei claro que, fosse qual fosse a decisão que resolvessem adotar, esta seria aceitável para mim.

Depois da reunião, Lyman Swingle, então coordenador tanto da Comissão como do Departamento de Redação, falou comigo no seu escritório e disse: "Você não pode fazer isso comigo. Se eles resolverem por conta deles substituí-lo na Comissão de Redação, tudo bem. Mas *não se ofereça para renunciar*." Ele falou com considerável veemência. Disse-lhe que eu estava simplesmente deixando o assunto a cargo do Corpo, mas que estava cansado de controvérsia e ficaria feliz com qualquer coisa que me aliviasse de algum modo a tensão que sentia. Ele tornou a insistir comigo.

O Corpo não fez nenhuma mudança em minha designação.

Mesmo assim, eu tinha um forte pressentimento de que alguma situação difícil estava se desenvolvendo. Mas não tinha como saber que, dentro de seis meses, eu me acharia no meio de uma tormenta de intensidade quase beirando o fanatismo, com o Corpo Governante reagindo com medidas severas àquilo que via como uma "conspiração" de sérias proporções, que ameaçava o próprio coração da organização. Considere, agora, em que consistia realmente esta "conspiração perigosa", exatamente quão "extensas" eram suas proporções, quão grande era o crime dos envolvidos, qual era a justificativa para o estado de "mentalidade de estar sob sítio" que se desenvolveu dentro da organização e que persiste até o dia de hoje e para os eventos que levaram ao "expurgo" na primavera de 1980.

Antes de partir para Paris, na primeira etapa de minha viagem à África Ocidental (16 de novembro de 1979), o presidente da Sociedade estava presidindo nesse dia a consideração do texto diário da Bíblia (sendo essa a sua semana de servir como presidente). Em seus comentários, ele declarou que alguns estavam pondo em dúvida a posição da Sociedade (apresentada recentemente em *A Sentinela*) de que Jesus é mediador só dos "ungidos" e não dos outros dois (agora mais de seis) milhões de Testemunhas de Jeová.[15] Disse ele sobre esses:

[15] Veja A *Sentinela* de 15 de setembro de 1979, página 31; 15 de junho de 1980, páginas 21-27.

> Pretendem juntar todos numa mesma categoria e tornar Jesus Cristo o mediador de todo Fulano, Beltrano e Sicrano.

Não pude deixar de pensar em todos os Fulanos, Beltranos e Sicranos ali presentes na família de Betel e de perguntar-me como essas palavras haviam soado para eles. Eu sabia que havia bastante discussão entre os membros da família sobre este tema, sendo parte dessa discussão definitivamente desfavorável.

O presidente passou a afirmar que o ensino da Sociedade era correto. O único texto a que fez referência nas Escrituras foi o de Hebreus, capítulo 12, versículos 7 e 8, que dizem:

> É para disciplina que estais perseverando. Deus vos trata como a filhos. Pois, que filho há a quem o pai não disciplina? Mas, se estais sem a disciplina de que todos se tornaram participantes, sois realmente filhos ilegítimos, e não filhos.

Forneceu então a ilustração do cavalo cujo dono usa de disciplina para treiná-lo a andar em círculo e disse: "Às vezes pode-se precisar de alguns açoites com o chicote para conseguir que ele faça isto." Exortou a todos que tivessem dúvidas sobre o ensino da Sociedade neste ponto para agüentar firmes, aceitar a disciplina e "mostrar que têm *peito* para apegar-se a ela".[16]

Naquela noite embarquei para Paris, mas me senti abatido por vários dias, não simplesmente por causa dessas palavras, mas por causa da atitude e do espírito geral que eu tinha testemunhado nos últimos anos.

Para mim, era evidente nas Escrituras que Jesus tinha se oferecido como mediador, propiciando a reconciliação com Deus, a todos os Fulanos, Beltranos e Sicranos e que a entrega voluntária de sua vida por todas as pessoas, sua provisão do sacrifício resgatador, tornando seus benefícios disponíveis a todos que resolvessem aceitá-los, era exatamente o oposto da atitude expressa naquela discussão na sede. Parecia que estávamos ouvindo "boas novas diferentes", não as boas

[16] Comentando depois sobre isto, Ed Dunlap disse: "Eu sempre pensei que o que nos habilitava a perseverar era a fé, não 'peito'."

novas como foram apresentadas pelos escritores inspirados do primeiro século.

Na África, o penúltimo país que visitei foi Mali. A maioria dos missionários ali era de nacionalidade francesa. Depois de com dificuldade, fazer uma apresentação em francês de alguns pontos que eu estava abrangendo com os missionários de cada país, perguntei se tinham alguma pergunta. A segunda pergunta apresentada foi: "A *Sentinela* diz que Jesus é mediador só dos ungidos, e não dos demais de nós. Poderia esclarecer-nos isto? Nem mesmo em oração ele é nosso mediador?"

"Testemunhando" na África

Se tivesse sido meu interesse semear dúvidas, esta teria sido uma oportunidade óbvia. Em vez disso, tentei acalmá-los, dirigindo sua atenção para 1 João 2:1, onde se fala de Jesus como o "Ajudador" daqueles para quem ele é um "sacrifício propiciatório pelos pecados", incluindo aqueles do "mundo inteiro". Eu disse que, embora eles não pudessem pensar em Jesus como o Mediador deles, podiam seguramente pensar em Jesus como o Ajudador deles. E, de uma coisa podiam ter certeza: que seu interesse neles era tão grande como seu interesse em qualquer outra pessoa na terra.

Senti que tinha contornado o assunto de modo a evitar que se tornasse um problema sério para eles e sem dizer nada que pusesse de algum modo em dúvida as declarações de *A Sentinela*.

No entanto, poucos dias depois, quando fui para o aeroporto para embarcar para o Senegal, os missionários vieram despedir-se de mim. Uma das missionárias se chegou a mim e perguntou: "Mas nem mesmo em oração Jesus é nosso mediador?" Não pude fazer nada a não ser repetir e enfatizar basicamente os mesmos pontos que eu havia apresentado antes na reunião do lar missionário.

Retornei a Brooklyn depois de ter passado aproximadamente três semanas viajando, sendo a única dificuldade encontrada na África, o descarrilamento noturno do trem no qual eu estava fazendo uma viagem de vinte horas de Uagadugu, Alto Volta (atualmente Burkina Faso), a Abidjã, na Costa do Marfim.

Locomotiva do trem descarrilado

Na manhã seguinte à minha chegada, à mesa do café da manhã, estavam sentados perto de mim visitante membro de uma comissão de filial e sua esposa. O café mal tinha começado quando a esposa quis saber se podia fazer-me uma pergunta. Respondi: “Pode fazer. Não sei se poderei respondê-la.” Ela contou que, na noite anterior, tinha assistido ao estudo de *A Sentinela* que tratava do papel de Cristo como mediador, e fez então virtualmente a mesma pergunta que a missionária em Mali havia feito. Eu dei a mesma resposta.

No final daquela semana, fui a Nova Jersey proferir um discurso, após o qual uma mulher da assistência (uma Testemunha ativa) apareceu e me disse que tinha algumas perguntas. Eram três perguntas e a segunda tinha a ver com o papel de Cristo como mediador. Mais uma vez eu dei a mesma resposta.

Estes incidentes são citados porque representavam meu modo normal de proceder quando surgiam perguntas de pessoas como estas envolvendo ensinos publicados da organização. Qualquer dúvida que eu mesmo pudesse ter quanto ao apoio bíblico para os ensinos da organização, falava dela apenas com aqueles a quem eu conhecia pessoalmente de muito tempo de relacionamento, cada um deles (no caso dos homens), ancião. Ainda até 1980, com exceção de minha esposa, não creio que houvesse mais de quatro ou cinco pessoas na terra que conhecessem, até certo ponto, em que consistiam minhas preocupações, e nenhum deles sabia de todas as razões que provocaram estas preocupações. Teria sido necessário um livro como este para que as conhecessem.

Eu não tinha, no entanto, a menor dúvida de que muitos, muitos outros entre nós, Testemunhas de Jeová, tinham uma porção das minhas mesmas preocupações.[17] Pelos meus anos no Corpo Governante, não via evidência alguma de que essas preocupações fossem francamente encaradas ou que lhes fosse dada consideração que mereciam mediante uma pesquisa cuidadosa e completa das Escrituras, e decididas, não com base em conceitos tradicionais mantidos há muito tempo, mas com base na evidência bíblica ou na ausência desta.

A evidência apontava, em vez disso, para a conclusão de que qualquer discussão aberta destas dificuldades seria vista como um grande perigo para a organização, como deslealdade a seus interesses. A unidade (na realidade, uniformidade) era aparentemente considerada mais importante do que a verdade. Questões sobre os ensinos organizacionais podiam ser discutidos dentro do círculo íntimo do Corpo Governante, mas em nenhum outro lugar. Não importa quão acalorado tivesse sido o debate sobre algum ponto nesse círculo íntimo, o Corpo deveria apresentar uma aparência de unanimidade para todos os de fora, ainda que tal "aparência" mascarasse um sério desacordo sobre o ponto em questão.

Não encontrei nada nas Escrituras que justificasse este fingimento, pois essas mesmas Escrituras faziam recomendação de si mesmas como verazes pela sua franqueza, sinceridade e candura em reconhecer as diferenças que existiam entre os cristãos primitivos, incluindo os apóstolos e anciãos. Mais importante ainda, não achei nada nas Escrituras que justificasse a restrição das discussões a tal sociedade fechada de homens, cujas decisões aprovadas em sigilo por uma maioria de dois terços deviam então ser aceitas por todos os cristãos

[17] Certo dia, um membro antigo do Departamento de Serviço chegou-se a mim, levantando uma pergunta acerca de um artigo escrito pelo presidente. Disse-lhe que eu não eu podia responder pelo artigo e sugeri-lhe que apresentasse sua pergunta por escrito. Ele respondeu: "Não; fiz isso antes e saí queimado." Disse-lhe que, a menos que as pessoas escrevessem, ninguém ficaria sabendo das suas inquietações. Respondeu ele: "Se vocês querem realmente saber como as pessoas se sentem em relação a estes artigos, digam aos superintendentes de circuito e de distrito que escrevam dizendo como se sentem em relação a alguns dos artigos. Mas têm de dizer-lhes que NÃO assinem seus nomes, do contrário, escreverão somente aquilo que acham que é esperado deles." Ele disse que o mesmo ocorreria se os anciãos de Betel fossem convidados a escrever.

como “verdade revelada”. Não cria que a verdade tivesse nada a temer de uma discussão aberta, nem qualquer razão para esconder-se de um escrutínio cuidadoso. Qualquer ensino que precisasse ser protegido contra tal investigação não merecia ser mantido.

Desde o tempo da escrita da obra de referência chamada *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*, eu vinha mantendo associação íntima com Edward Dunlap. Conheci-o em 1964 enquanto assistia a um curso de dez meses na Escola de Gileade. Ele era, na época, o secretário da escola e um de seus quatro instrutores. Nossa turma (a 39ª) se compunha de umas cem pessoas, sendo a maioria homens dos escritórios de filiais. Pode-se afirmar com veracidade que a maioria deles considerava as aulas de Dunlap, com certeza, as mais instrutivas no que se referia a adquirir entendimento das Escrituras.[18] Originário de Oklahoma, de aparência um tanto desbastada, Ed tinha uma instrução regular mas tinha a capacidade de pegar temas muito difíceis e complexos e colocá-los numa linguagem compreensível, quer se tratasse das funções da Lei Mosaica quer de um estudo científico da genética. No entanto, o mais importante para mim era sua falta de pretensão. Com exceção de seu gosto por gravatas de cores vivas, ele era basicamente uma pessoa simples e sem ostentação, tanto na aparência, como na conduta e modo de falar. Qualquer que fosse a responsabilidade que se lhe designasse, continuava a mesma pessoa.

Edward Dunlap

Um incidente que tipificava para mim sua personalidade foi uma observação que ele me fez em conexão com uma prova semestral.

[18] Lloyd Barry estava também nesta turma e fez comentários semelhantes em mais de uma ocasião já como membro do Corpo Governante. Duvido que qualquer dos demais estudantes tenha jamais duvidado do profundo amor de Ed pelas Escrituras, bem como de seu conhecimento delas.

Estávamos estudando as várias cartas de Paulo em nossas aulas e toda semana havia um teste sobre os pontos estudados. Entre os pontos, havia geralmente perguntas sobre a provável data e local da escrita de cada carta. Considerando uma carta de cada vez, isto não era difícil de ser lembrado. Quando chegou a data das provas no final do semestre, dei-me conta então que teríamos TODAS as treze cartas de Paulo estudadas, e lembrar as diferentes datas e locais sugeridos da escrita me parecia um problema de proporções consideráveis. Estas não seguiam nenhuma ordem cronológica no cânon da Bíblia. Trabalhei durante muito tempo com estes dados e desenvolvi finalmente um sistema mental para recordá-los.

Chegou a hora da prova, com um período de duas horas para terminá-la. Acabei relativamente cedo e, ao sair da sala de aula, deparei-me com Ed que vinha entrando. Ele perguntou: "Como se saiu?" Respondi: "Oh, não me saí mal. Mas nunca vou perdoá-lo." Ele quis saber o que eu queria dizer. Disse eu: "Trabalhei e trabalhei para desenvolver um sistema para me lembrar das datas e dos lugares da escrita de cada carta e você não fez uma *única* pergunta sobre isso." Encarando minha observação de modo um tanto mais sério do que era minha intenção, ele disse: "Você sabe a razão de eu não pôr perguntas sobre isso nas provas semestrais? É que eu mesmo não consigo guardar essas coisas na minha mente." Havia quatro instrutores na escola, Ulysses Glass, Bill Wilkinson, Fred Rusk e Ed Dunlap. Creio que é razoável dizer que, dos quatro, só Ed teria dado a resposta que deu. Isto era típico de sua personalidade despretensiosa.

Ele sempre estivera totalmente devotado à organização; seu registro de tempo integral se igualava ao meu em extensão. Outra circunstância que diz algo a respeito dele está relacionada com uma doença que desenvolveu em fins dos anos sessenta. Comumente chamada *tic douloureux* (um termo francês que significa "espasmo doloroso"), o termo médico para esta doença é neuralgia trifacial, uma inflamação de um nervo extenso que se divide em três ramificações pelo rosto e produz um dos mais dolorosos padecimentos humanamente conhecidos. A dor aguda e ofuscante pode ser provocada por qualquer coisa, uma brisa suave, um toque, que excite o nervo e, à medida que a enfermidade se agrava, a vítima tem dificuldade de fazer coisas normais tais como pentear-se, escovar os dentes, ou comer, sem correr

o risco de um ataque. Alguns assim afligidos chegam até a cometer suicídio.

Ed sofreu por causa disso durante sete anos, passando por algumas melhoras temporárias seguidas de agravamento. Durante este tempo, o presidente, Nathan Knorr, passou a ter, por algum motivo, a opinião (baseada talvez em comentários de outros) de que isto era algo de natureza emocional da parte de Ed, não um problema de origem genuinamente físico. Certo dia, ele falou com Ed e indagou sobre sua vida marital e outros assuntos relacionados com sua doença. Ed lhe garantiu que isso não tinha absolutamente nada a ver com o problema, que ele podia estar usufruindo férias totalmente descontraído e, ainda assim, os ataques podiam surgir sem avisar. O presidente não deu, entretanto, importância alguma à explicação de Ed e lhe informou que tinha decidido enviá-lo para a gráfica por algum tempo, para proporcionar-lhe mais exercício. Ele iria trabalhar no departamento de encadernação.

Ed, então, na casa dos sessenta, vinha há algum tempo, tomando forte medicação, receitada pelo médico do Betel de Brooklyn, destinada a suprimir os ataques dolorosos e ocasionalmente ele ficava acamado por vários dias ou por toda uma semana com a doença. Mas era agora enviado para a encadernação, onde foi designado para alimentar uma máquina na linha de encadernação. Ele fez isso durante meses e se esforçou calmamente em fazer o máximo nesta designação "teocrática". Mas, como me disse ele confidencialmente, isso o fez dar-se conta, pela primeira vez, do controle absoluto que a organização exercia sobre sua vida. Suas tentativas de explicar-se foram ignoradas e, contrário a todo bom senso, ele foi colocado na situação menos desejável para alguém com tal tipo de doença.

Foi só depois de alguns anos, quando já estava à beira do desespero total, que soube de um neurocirurgião em Pittsburgh que cria ter descoberto a causa desta antiga doença e que tinha aperfeiçoado uma micro cirurgia capaz de remediá-la. Ed se submeteu à operação (a qual envolvia a remoção de uma parte do crânio e uma operação corretiva da artéria principal do cérebro, que corre em sentido paralelo ao nervo inflamado). Ele foi, dessa maneira, finalmente curado. Não esperava nenhum pedido de desculpas por parte da organização pelo sério erro de julgamento cometido ao considerar e cuidar de seu problema angustiante. Não recebeu nenhum.

Já que nossos lugares de trabalho, tanto durante o projeto *Ajuda* como daí por diante, não estavam a mais que uma seção da outra, conversávamos com regularidade, partilhando um com o outro quaisquer pontos interessantes que encontrávamos no decorrer das pesquisas. A Comissão de Redação do Corpo Governante nos designou para trabalharmos juntos numa porção de projetos, tais como o *Comentário à Carta de Tiago*. Em nossas conversas, nem sempre concordávamos em todos os pontos, mas isso não afetava nossa amizade ou respeito mútuo.

Menciono tudo isto porque Edward Dunlap foi uma das poucas pessoas que sabiam quão profundas eram minhas preocupações quanto ao que via na organização e, particularmente, dentro do Corpo Governante. Ele partilhava dessa preocupação. Assim como eu, ele o fazia porque não conseguia harmonizar muito do que via, ouvia e lia com aquilo que havia nas Escrituras.

Apesar de associado à organização desde o início dos anos trinta, durante a maior parte dessa associação, ele não se considerava como estando entre os "ungidos". Eu estava conversando com ele certo dia em fins dos anos setenta e ele me contou que, quando começou a associar-se, *A Sentinela* ensinava nessa época que havia duas classes que herdariam a vida celestial: os "eleitos" (composta de 144.000) e a "grande companhia" (ou a "grande multidão" de Revelação capítulo 7). Dizia-se da "grande companhia" que se tratava de cristãos com *uma fé inferior* à dos eleitos e que, por este motivo, embora destinados também à vida celestial, essa "grande companhia" não estaria entre aqueles que reinariam com Cristo como reis e sacerdotes. Já que, das duas classes, uma era claramente superior e a outra inferior, Ed tipicamente assumiu que devia pertencer à classe inferior, a "grande companhia".

Veio 1935 e o Juiz Rutherford anunciou, na assembléia de Washington, D.C., a "verdade revelada" de que os da "grande companhia" estavam biblicamente destinados a viver, não no céu, mas na terra. Como disse Ed, ele tinha sempre abrigado consigo a esperança de vida celestial e sentia que não podia haver nada mais maravilhoso que servir na presença de Deus e na companhia do seu Filho. Mas, devido à mudança anunciada no ponto de vista da organização, ele reprimiu essas esperanças e aceitou aquilo que lhe

disseram que devia ser a sua esperança como parte da "grande companhia".

Foi só em 1979 que ele chegou claramente à decisão de que nenhuma organização humana podia mudar o convite encontrado nas Escrituras, estabelecendo uma data para uma mudança na esperança que a Bíblia apresentava como estando aberta a qualquer pessoa que quisesse abraçar tal esperança, qualquer que fosse seu nome: Fulano, Beltrano, Sicrano ou Ed. Assim, quarenta e quatro anos depois de 1935, ele começou a participar dos emblemas, o pão e o vinho, na Refeição Noturna do Senhor, algo que só os 'ungidos' entre as Testemunhas de Jeová fazem.

Quando uma Testemunha ou qualquer outra pessoa pergunta, "Como é que alguém sabe se ele ou ela é da classe dos 'ungidos', com a esperança celestial?" a resposta padrão é fazer referência à declaração de Paulo em Romanos 8:16, 17:

> O próprio espírito dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Então, se somos filhos, somos também herdeiros: deveras, herdeiros de Deus, mas co-herdeiros de Cristo, desde que soframos juntamente para que também sejamos glorificados juntamente.

O ensino oficial tem sido, e é, que somente estes dos 144.000 "ungidos" podem ter tal 'testemunho do espírito', e que este lhes indica que são do grupo seleto dos 144.000, os únicos que podem esperar a vida celestial. Todos os outros podem ser apenas classificados como "prospectivos" filhos de Deus e sua esperança deve ser terrena.

Na leitura do contexto, desde o próprio início do capítulo, ficou evidente para Ed que o apóstolo Paulo estava, na verdade, escrevendo sobre duas classes. Mas *não* sobre duas classes divididas por sua esperança de vida celestial ou terrena no futuro.

Em vez disso, as duas classes claramente eram: aqueles guiados pelo espírito de Deus, de um lado, e aqueles governados pela carne pecaminosa, do outro.

O contraste que o apóstolo apresentou não era entre a esperança de vida no céu ou de vida na terra, mas entre a vida e a morte em si mesmas, entre a amizade com Deus ou a inimizade com Ele. Como declaram os versículos de 6 a 9:

> Pois a mentalidade segundo a carne significa morte, mas a mentalidade segundo o espírito significa vida e paz; porque a mentalidade segundo a carne significa inimizade com Deus, visto que não está em sujeição à lei de Deus, de fato, nem pode estar. De modo que os que estão em harmonia com a carne não podem agradar a Deus.
>
> No entanto, vós estais em harmonia, não com a carne, mas com o espírito, se o espírito de Deus verdadeiramente morar em vós. Mas, se alguém não tiver o espírito de Cristo, este não pertence a ele.

Não havia nenhuma questão a respeito da vida celestial ou terrena nas considerações de Paulo, mas simplesmente se alguém estava vivendo pelo espírito de Deus ou estava, em vez disso, vivendo de acordo com a carne pecaminosa. Paulo deixou claro que era uma coisa ou outra: Ou alguém tinha o espírito de Deus e produzia seus frutos ou estava em inimizade com Deus e não pertencia a Cristo. Sem esse espírito não podia haver "vida e paz", só morte. Se a pessoa *tinha*, de fato, o espírito de Deus, então era um filho de Deus, pois Paulo diz (versículo 14):

> Porque todos os que são conduzidos pelo espírito de Deus, estes são filhos de Deus.[19]

Como Ed observou, Paulo não disse alguns, mas "todos os que são conduzidos pelo espírito de Deus" são seus filhos. Estes que são conduzidos por esse espírito teriam o "testemunho" do espírito nesse sentido, inclusive a evidência dos frutos dele em suas vidas, algo similar à maneira em que diz a Bíblia que Abel, Enoque, Noé e outros tiveram "testemunho que se lhes foi dado" de que estavam agradando a Deus.[20]

A relevância destes pontos se tornará evidente à medida que os acontecimentos posteriores forem considerados.

---

[19] Compare o uso que faz o apóstolo da mesma frase "conduzidos por espírito" num contraste similar entre a carne pecaminosa e o espírito de Deus em Gálatas 5:18, onde se afirma que aqueles que são "conduzidos por espírito" não estão "debaixo de lei". Negar que isto se aplica a *todos* os cristãos, preferindo aplicá-lo a um grupo seleto, seria deixar todos os demais debaixo da lei e da condenação da lei.

[20] Heb. 11:1-7.

Basta dizer aqui que Ed Dunlap compartilhava comigo das mesmas preocupações básicas, particularmente a preocupação com o dogmatismo e o espírito autoritário que estavam sendo manifestados. Tanto seu ponto de vista, como o meu, era de que a autoridade humana, quando levada além de seus limites apropriados, detrai inevitavelmente do papel de Cristo Jesus como Cabeça da congregação.

Não muito depois de meu regresso da África, um amigo de longa data passou em nosso quarto na sede. Seu nome era René Vasquez e eu já o conhecia por uns trinta anos. A primeira vez que o vi foi em Porto Rico, na cidade de Mayagüez, onde ele vivia com seu pai que tinha se casado pela segunda vez. Nessa época René era um estudante adolescente do segundo grau. Tanto seu pai como sua madrasta se opunham fortemente a que René estudasse com as Testemunhas de Jeová. A oposição deles se tornou tão intensa que, numa noitinha, depois de ter estudado na casa de alguns missionários, René sentiu que não podia suportar mais. Passou a noite num banco de jardim de uma praça pública. Na manhã seguinte, ele foi até a casa de uns tios e lhes pediu que o deixassem morar com eles, no que consentiram. Embora não fossem favoráveis às Testemunhas de Jeová, eram pessoas tolerantes. Ao concluir o segundo grau, René ingressou imediatamente no "serviço de pioneiro" por tempo integral.

Tendo ele assistido a uma assembléia em Nova York em 1953, decidiu permanecer nos Estados Unidos, conheceu uma jovem em Michigan, casaram-se e os dois serviram juntos como "pioneiros". Foram convidados para trabalhar viajando entre as congregações de língua espanhola nos Estados do oeste dos Estados Unidos, cursaram mais tarde a Escola de Gileade e foram enviados à Espanha. René foi logo designado superintendente de distrito naquele país. A obra das Testemunhas de Jeová estava sob proscrição oficial e ele e sua esposa viajavam por toda a Espanha, tendo de estar em constante alerta por causa da polícia e conscientes do perigo de ser descobertos e presos ou deportados. Todas as reuniões eram realizadas clandestinamente. Depois de anos em tal atividade às ocultas, os nervos de René ficaram esgotados quase à beira de um colapso. A essa altura, ele e Elsie já estavam na Espanha por sete anos. Devido à sua condição de saúde e a algumas necessidades da família de Elsie, eles retornaram aos Estados

Unidos, arcando eles mesmos com suas despesas de viagem e chegando praticamente sem nenhum recurso.

Após sua chegada, o único trabalho que René pôde conseguir foi de levantar fardos pesados numa usina siderúrgica. De estatura pequena, sua estrutura franzina acabou cedendo no segundo dia, indo parar no hospital. Encontrou mais tarde outro trabalho e tendo uma vez resolvido seus problemas financeiros, ele e sua esposa acharam-se novamente no serviço de "pioneiro", depois no trabalho de circuito e distrito e, finalmente, foram convidados a fazer parte da equipe da sede em Brooklyn, onde René foi designado para supervisionar a mesa de serviço que cuidava de todas as congregações de língua espanhola nos Estados Unidos, que se compunha de cerca de trinta mil Testemunhas. Ele serviu lá até 1969, quando Elsie engravidou, o que os obrigou a deixar seu "serviço de Betel".

René me disse que procuraria continuar em Nova York, não porque gostasse da cidade, mas porque entendia que, se suas circunstâncias permitissem, ele poderia ser de alguma forma útil à sede da organização. Assim aconteceu e, dentro de poucos anos, ele estava doando dois dias por semana de seu tempo em prestar ajuda, por fazer tradução para o espanhol, dirigindo a gravação de dramas em espanhol para congressos nesse idioma e fazendo trabalho de superintendente de circuito e de distrito por tempo parcial entre dezenas de congregações de língua espanhola na área de Nova York. Como ele tinha passado algum tempo em Portugal, ao se estabelecerem algumas congregações de língua portuguesa nessa área, ele recapitulou seus conhecimentos do idioma e serviu também a essas congregações.

Nos seus trinta e tantos anos de associação com a organização, duvido seriamente que haja alguém em Porto Rico, na Espanha ou nos Estados Unidos que tenha tido algum motivo de queixa em relação ao serviço de René. De uma natureza bastante gentil, ele era ao mesmo tempo uma pessoa de princípios: tinha aprendido a arte de ser firme, contudo, sem ser de maneira alguma duro ou rude. Mesmo em vista de sua situação, a qual será apresentada mais adiante, duvido que qualquer uma dessas pessoas que trabalharam com René Vasquez em um dos lugares onde ele serviu, negue que o que foi dito acima seja uma avaliação honesta dele como pessoa. Se tinha alguma falha notável, esta era, segundo ele mesmo reconhece, a de ser muito condescendente quando lhe pediam que fizesse alguma coisa pelos

outros, particularmente pela Sociedade. Ele sente atualmente que sua vida familiar foi desnecessariamente prejudicada por causa disto.

Como um exemplo, ele e sua esposa tinham passado alguns anos sem tirar verdadeiras férias e ele tinha planejado uma viagem que os levaria de volta à Espanha para uma visita. Pouco antes da data da viagem, Harley Miller, na época chefe do Departamento de Serviço, o chamou e pediu que fizesse algum trabalho de circuito justamente naquele período. René sentiu que a coisa correta a fazer era aceitar, pois nunca tinha recusado uma designação da "organização do Senhor". Sua esposa fez a viagem à Espanha, acompanhada da mãe dela.

René morava próximo ao Aeroporto La Guardia e membros do Departamento de Serviço, entre eles Harley Miller, ao viajar de avião para cumprir com suas designações de discurso nos fins de semana, combinavam regularmente com René para esperá-los e levá-los para Betel por ocasião da volta deles. Alguns dos vôos chegavam perto da meia-noite, outros chegavam até mais tarde. René tinha insistido em prestar-me tal serviço e eu o tinha aceitado com base em nossa longa amizade, mas então fiquei sabendo até que ponto outros estavam se aproveitando de sua boa vontade em colaborar. Na minha mente, eles estavam abusando de sua benevolência e eu por isso decidi optar por outros meios de transporte daí em diante.

Penso que, se fosse possível obter o ponto de vista do Corpo Governante quanto a quem figuraria na lista dos principais personagens implicados na "conspiração contra a organização", e aos quais eles procuraram com uma ação tão drástica eliminar, apontariam para nós três — Ed, René e eu. No entanto, nunca houve uma ocasião em que nós três passássemos algum tempo juntos. Durante o período considerado, mantive conversações prolongadas com René talvez em duas ocasiões; o mesmo era verdade no caso de Ed e René. Quais eram as atividades supostamente sinistras em que estávamos envolvidos? Simplesmente esta: considerávamos a Bíblia como amigos e com nossos amigos de longa data.

Na noite em que René passou em nosso apartamento, ele estivera assistindo a um seminário para anciãos organizado pela Sociedade. Dialogamos sobre suas impressões, as quais eram basicamente favoráveis. Em certo ponto da conversa, ele disse: "A mim parece-me como se estivéssemos quase adorando *números*. Às vezes, meu desejo

é de que abolíssemos totalmente os relatórios." Por relatórios, ele se estava referindo ao sistema que faz com que toda Testemunha apresente mensalmente folhinhas de relatório registrando que atividade de "testemunho" foi feita, incluindo as horas gastas, a literatura distribuída, e assim por diante.[21]

Recordei alguns pontos destacados no programa da assembléia de distrito anterior sobre "a fé e as obras" e falamos sobre isto, bem como sobre as declarações do apóstolo em Romanos sobre o assunto. Da maneira como eu entendia, o ensino do apóstolo apontava antes de tudo para a necessidade de edificar as pessoas na fé; quando isso fosse feito, as obras acompanhariam — pois a fé genuína é produtiva e ativa da mesma maneira como o amor genuíno o é. Alguém pode pressionar constantemente as pessoas para que façam certas obras e elas talvez o façam em resultado da pressão. Mas, onde está a evidência de que essas obras tenham sido geradas pela fé e pelo amor? E se não forem assim motivadas, quão agradáveis serão estas de alguma forma para Deus?

Parecia evidente que as obras da fé tinham de ser espontâneas, não sistematizadas ou feitas para se encaixar em certo molde, assim como os atos de amor deveriam ser espontâneos, não algo realizado por mero cumprimento de uma escala de atividades programadas por outros. Arranjos ordeiros são excelentes, mas devem atender ao propósito da conveniência, não como um meio sutil de compulsão, usado para criar complexo de culpa naqueles que não se 'ajustam ao molde'. Quanto mais minuciosamente os homens procuram supervisionar a vida e as atividades dos companheiros cristãos, mais eles restringem a oportunidade da fé e do amor servirem de motivação e controle.

[21] É inegável a importância atribuída a estes relatórios. Cada Testemunha entrega seu relatório à congregação, cada congregação ao escritório de filial em seu país, cada escritório de filial envia um relatório mensal detalhado à sede internacional, onde estes relatórios mensais são compilados, calculadas as médias e anotados os percentuais de crescimento (ou decréscimo). São estudados com o mesmo ávido interesse com que uma grande empresa costuma estudar os números nos seus registros de produção ou da sua expansão nos negócios; quaisquer oscilações ou tendências de decréscimo no número das Testemunhas que relatam atividade, nas horas relatadas ou na distribuição de literatura, tornam se motivos para preocupação. Os representantes de filial ficam apreensivos se os relatórios mensais de seu país deixam de indicar algum crescimento ou, pior, revelam uma diminuição.

Reconheço que é um trabalho mais difícil e muito mais árduo edificar a fé e o apreço das pessoas através das Escrituras do que simplesmente dar discursos de encorajamento ou fazer as pessoas sentirem-se culpadas, mas, pelo que o apóstolo escreveu, esse modo mais árduo me parecia ser o único biblicamente correto e sábio.

Essa foi a essência da conversa. O assunto das folhinhas de relatório deu ânimo à conversa mas, daí em diante, não fez mais parte dela. Ao encontrar-me com René na entrada de um dos edifícios algum tempo depois, ele me disse que abordar os assuntos à luz dos escritos de Paulo em Romanos tornou seu trabalho de superintendente de circuito e de distrito muito mais agradável e suas considerações com os anciãos mais significativas.

Algumas semanas depois, minha esposa e eu fomos à casa dele para uma refeição. Apesar dos dois casais terem estado juntos na mesma congregação de língua espanhola no Queens, Nova York, durante nossos primeiros anos nessa cidade, os nossos encontros haviam sido desde então muito esporádicos. Tanto antes como depois da refeição, René queria conversar sobre a mensagem de Romanos. Embora num grau menor do que no caso de minha esposa, senti a obrigação de responder às perguntas dele em vez de recorrer a evasivas. Eu já o conhecia por trinta anos; sabia que ele era um estudante sério das Escrituras. Falei-lhe como amigo, não como autoridade organizacional e, ao considerar com ele a Palavra de Deus, senti que minha responsabilidade primária era diante de Deus, não diante de homens, nem de uma organização. Se me refreasse de falar a pessoas como esta sobre aquilo que eu via como ensinos bem-definidos das Escrituras, como podia eu dizer o mesmo que Paulo em suas palavras aos anciãos efésios, registradas em Atos 20:26, 27:

> Eu vos chamo como testemunhas, no dia de hoje, de que estou limpo do sangue de todos os homens, pois não me refreei de falar a todos vós todo o conselho de Deus.

Paulo sabia que foi por fazer isto que se havia falado dele de maneira injuriosa na sinagoga de Éfeso.[22] Eu sabia que, igualmente, minhas palavras podiam produzir resultados semelhantes.

[22] Atos 19:8, 9.

Entre outras coisas, nós consideramos a primeira parte do capítulo 8 de Romanos (apresentada anteriormente neste capítulo). Eu estava interessado em saber como ele entendia o versículo 14, no que se refere à relação com Deus na condição de filho, quando considerada à luz do contexto. Ele nunca o tinha examinado com base no contexto (o que provavelmente se aplica a praticamente toda Testemunha de Jeová). Ao fazê-lo, sua reação foi tanto espontânea como comovente. O que para outros deve parecer óbvio, pode tocar uma das Testemunhas de Jeová como se fosse uma revelação. O comentário de René foi: "Durante anos eu tinha a sensação de estar resistindo ao espírito santo quando lia as Escrituras Cristãs. Costumava seguir lendo e aplicando a mim tudo o que lia, então, de repente, acontecia de eu parar e dizer: 'Mas estas coisas não se aplicam a mim, aplicam-se só aos ungidos'."

Eu sei, ele sabe e Deus sabe que não usei de persuasão alguma para fazer com que ele visse as coisas de maneira diferente. Foram as próprias palavras do apóstolo na Bíblia, lidas com base no contexto, que operaram a persuasão. Seu comentário num posterior contato casual foi que, daquele momento em diante, as Escrituras como um todo adquiriram vida, com um significado muito maior para ele.

Embora possa parecer estranho, chegar uma Testemunha de Jeová (não dos mais de 8.600 "ungidos") à conclusão de que as palavras encontradas de Mateus a Revelação se dirigem e se aplicam, *de fato*, a eles, não meramente "por extensão", mas real e diretamente, faz com que se abra uma porta a uma hoste inteira de perguntas, perguntas que haviam estado muitas vezes ansiando por uma resposta, mas que não ousavam ser feitas.

Quando faço um retrospecto do que se tem feito nos tempos recentes no empenho de defender as interpretações da organização, recorrendo-se a manipulação das Escrituras e dos fatos, só posso sentir-me agradecido por não ter deixado que a preocupação com o favor de uma organização me refreasse de dirigir a atenção de pelo menos algumas pessoas para os textos bíblicos sobre estes pontos.

Em 4 de março de 1980, submeti à Comissão de Pessoal do Corpo Governante um pedido de licença que se estenderia de 24 de março a 24 de julho. Minha esposa e eu sentíamos que nossa saúde exigia uma mudança prolongada. Durante esse período, eu esperava também

investigar a possibilidade de arranjar emprego e um lugar para morar, caso precisássemos encerrar nosso serviço na sede. Tínhamos cerca de 600 dólares numa conta-poupança e um automóvel com sete anos de uso como nossos recursos principais.

Um de nossos primeiros passos foi fazer um exame físico completo. O meu indicou que eu estava me aproximando do nível de alto risco de sofrer problemas cardíacos.

Enquanto assistíamos a assembléias de distrito no Alabama, tempos antes, tínhamos conhecido e nos familiarizado com uma Testemunha chamada Peter Gregerson. Posteriormente, ele nos convidou em duas ocasiões para visitar Gadsden, Alabama, de modo que eu pudesse falar às congregações locais. Peter tinha montado uma pequena rede de supermercados na região do Alabama e da Geórgia. Em 1978, por ocasião de uma "viagem de zona" que nos levou, a mim e a minha esposa a Israel, Peter e sua esposa se juntaram a nós lá e passamos partes de duas semanas fazendo excursão por aquelas terras bíblicas.

Nessa oportunidade, Peter expressou sérias preocupações quanto aos efeitos gerados pelas predições (predições "insinuadas"?) sobre 1975. Disse que pensava que seria um grave erro se a Sociedade continuasse insistindo em sua data de 1914; que a desilusão resultante de 1975 não seria nada em comparação com o que aconteceria se a Sociedade se visse forçada a se afastar daquela cronologia de 1914. Reconheci que sua avaliação era sem dúvida correta, mas não nos aprofundamos no assunto.

Quando Peter soube que nós pretendíamos tirar licença, instou conosco para que passássemos algum tempo em sua companhia e preparou uma casa móvel, pertencente a um de seus filhos, para que nos acomodássemos nela. Propôs que eu fizesse trabalho de manutenção nos terrenos de sua propriedade para ajudar-nos a cobrir algumas de nossas despesas e, ao mesmo tempo, beneficiar-me com alguns dos exercícios físicos vigorosos que me haviam sido recomendados como terapia.

O pai de Peter tornara-se Testemunha de Jeová quando ele ainda era pequeno, sendo levado por seus pais para as reuniões desde a idade de quatro anos. Quando rapaz, Peter se tornou "pioneiro" por tempo integral e, mesmo depois de casado e da chegada do primeiro filho, ele

lutou para manter-se nessa atividade por tempo integral, fazendo trabalho de limpeza em edifícios para sustentar-se economicamente.[23] Foi enviado pela Sociedade a áreas "problemáticas" em Illinois e Iowa para ajudar a resolver dificuldades e edificar certas congregações. Em 1976, fez parte de um grupo representativo de anciãos convidado a Brooklyn para manter discussões com o Corpo Governante e, dois anos depois, pediram-lhe para servir como instrutor de um curso para anciãos na área do Alabama.

Entretanto, cerca de um ano depois deste curso, ele decidiu renunciar como ancião de congregação. Havia passado recentemente à presidência da empresa de supermercados para um de seus irmãos e feito uso de seu tempo, agora mais livre, para estudar mais a Bíblia. Ele se sentia perturbado com alguns ensinos da organização e queria reafirmar sua convicção quanto à veracidade dessas crenças, restabelecer sua confiança na religião a que se dedicara durante toda a sua vida. (Tinha então pouco mais de cinqüenta anos.)

O resultado foi exatamente o oposto. Quanto mais ele estudava as Escrituras, mais convencido ficava de que havia sérios erros na teologia da organização. Isto o levou à sua decisão com relação ao cargo de ancião. Conforme ele o expressou em conversa comigo sobre essa decisão: "Não posso chegar-me diante das pessoas e dirigir estudos sobre coisas para as quais não consigo ver nenhum apoio bíblico. Eu me sentiria como um hipócrita agindo dessa forma e minha consciência não me permitiria fazê-lo." Apesar de tê-lo, ao escutar pela primeira vez acerca de sua decisão, encorajado a reconsiderá-la, eu não podia negar a validade de suas sérias questões e tive de respeitar sua consciência e sua aversão à hipocrisia. Ele havia chegado à sua própria encruzilhada pessoal antes de eu chegar à minha.

Este foi o homem que a norma da organização classificou mais tarde como "iníquo", com quem não se deveria nem mesmo comer; e foi o fato de eu ter tomado uma refeição com ele num restaurante em 1981, que causou meu julgamento e expulsão da organização.

Foi em abril de 1980, enquanto estávamos de licença em Gadsden, que comecei a ouvir falar, pela primeira vez, daquilo que me pareceu

[23] Ele e sua esposa têm agora sete filhos e um número ainda maior de netos.

tratar-se de estranhos acontecimentos em Brooklyn. A tempestade esperada tinha começado a cair sobre nós.

INQUISIÇÃO

> *Quando ele saiu de lá os escribas e os fariseus começaram a persegui-lo terrivelmente e a cercá-lo de interrogatórios a respeito de muitas coisas, armando-lhe ciladas para surpreenderem-lhe uma palavra de sua boca.* — Lucas 11:53, 54, *Bíblia de Jerusalém*.

Uma inquisição, em sentido religioso, é uma *investigação* para descobrir as convicções e crenças pessoais dos indivíduos.

Historicamente, seu objetivo tem sido, não o de ajudar o indivíduo ou de prover uma base para se raciocinar com ele, mas o de incriminá-lo, culpá-lo de heresia.

A causa que dá início à investigação muitas vezes não tem nada a ver com o indivíduo ser semeador de divisão, malicioso ou mesmo particularmente alguém que se manifeste abertamente sobre suas crenças. A mera suspeita é motivo suficiente para pôr em movimento uma ação inquisitória. O suspeito é visto, na realidade, como não tendo nenhum direito: até suas conversas pessoais com amigos íntimos são consideradas como algo que os inquisidores têm o pleno direito de investigar.

Não foram somente os atos cruéis de punição realizados pela inquisição espanhola que lhe renderam um nome tão repulsivo na história. Foram também a maneira autoritária e os métodos arrogantes de interrogatório empregados para conseguir a incriminação buscada tão zelosamente pelo tribunal religioso de justiça. A tortura e a punição violenta empregadas naquela época são atualmente consideradas ilegais. Mas a maneira autoritária e os métodos arrogantes de interrogatório podem ser praticados ainda com aparente impunidade.

Isto me faz lembrar um artigo no número da revista *Despertai!* de 22 de dezembro de 1981,(página 17) com o título “Em Busca de Raízes Jurídicas”. Ele enfatizava os magníficos precedentes legais encontrados na Lei Mosaica e, entre outras coisas, dizia:

> Visto que o tribunal local estava situado nos portões da cidade, não havia dúvida de o julgamento ser público! (Deut. 16:18-20) Sem

> dúvida, os julgamentos públicos ajudavam os juízes no sentido de exercerem cuidado e justiça, qualidades estas que às vezes faltam nas audiências em tribunais secretos e arbitrários.

Este princípio foi elogiado na publicação da Sociedade. Na prática adotada, ele foi totalmente rejeitado. Como disse Jesus: "Pois eles dizem e não fazem."[24] Preferiram-se as "audiências em tribunais secretos e arbitrários", conforme a evidência claramente atesta. Somente o medo do poder da verdade leva a esse tipo de procedimento. Esses métodos servem, não aos interesses da justiça ou da misericórdia, mas à causa dos que buscam a incriminação.

Quatro semanas depois de ter iniciado minha licença, enquanto estava no Alabama, recebi um telefonema de Ed Dunlap. Depois de uma conversa genérica, ele me contou que dois membros do Corpo Governante, Lloyd Barry e Jack Barr, tinham vindo a seu escritório e o tinham interrogado por umas três horas sobre suas crenças pessoais. A certa altura, Ed perguntou: "Qual é a finalidade desta 'tentativa de forçar uma confissão'?" Eles lhe asseguraram que não era uma 'tentativa de forçar uma confissão' mas que estavam simplesmente querendo saber o que ele achava a respeito de alguns assuntos.

Não lhe deram nenhuma explicação quanto ao que havia motivado o interrogatório. Apesar de terem alegado que a discussão era simplesmente informativa, a impressão de Ed era claramente a de que isso significava o início de uma ação por parte da organização que se provaria tanto inquisitória como punitiva. As perguntas deles eram sobre seus pontos de vista quanto à organização, os ensinos relacionados com 1914, as duas classes de cristãos, a esperança celestial e pontos semelhantes.

Com respeito à organização, ele falou a seus interrogadores que sua maior preocupação era com a óbvia falta de estudo bíblico por parte dos membros do Corpo Governante, que ele achava ser obrigação deles perante os irmãos fazerem de tal estudo e pesquisa das Escrituras sua preocupação primária, em vez de se deixarem ficar tão preocupados com trabalho burocrático e com outros assuntos a ponto de se afastarem do estudo da Bíblia. Em relação a 1914, reconheceu francamente que sentia ser algo a respeito do qual não se devia ser

[24] Mateus 23:3, *TEB.*

dogmático, e perguntou-lhes se o próprio Corpo Governante acreditava que isto era algo completamente sólido, seguro. A resposta dos dois homens foi que ‘enquanto havia um ou dois que tinham dúvidas, o Corpo como um todo apoiava a data plenamente’. Ele lhes disse que, se outros no Departamento de Redação pudessem se expressar, se tornaria evidente que quase todos tinham opiniões diferentes sobre certos pontos.

No dia seguinte, Albert Schroeder e Jack Barr começaram um interrogatório pessoal de cada membro do Departamento de Redação. Nenhum deles admitiu a insegurança que sentia com relação a algum ensino em particular, embora em conversação pessoal virtualmente cada um tivesse algum ponto sobre o qual tinham manifestado um conceito diferente.

O aspecto irônico desta situação era a diversidade de opiniões existente dentro do próprio Corpo Governante, algo que os interrogadores jamais mencionaram ou admitiram diante de seus interrogados.

Eu sabia que Lyman Swingle, coordenador da Comissão de Redação do Corpo Governante e também coordenador do Departamento de Redação, estava ausente numa viagem de zona. Achei enigmático que uma investigação tão intensiva pudesse ser iniciada em sua ausência. Ainda assim, os membros do Corpo Governante que faziam essa investigação não davam nenhuma indicação de ter surgido algo fora do normal que exigisse uma investigação em tão grande escala. Pela experiência com a organização, senti que esta ausência de qualquer explicação quanto a ação deles era um sinal, não de alguma coisa inócua ou benigna, mas de alguma coisa que, quando se revelasse, poderia se provar bastante devastadora para os afetados por ela. Por esse motivo, na segunda-feira, 21 de abril de 1980, telefonei do Alabama para a sede em Brooklyn e pedi para falar com Dan Sydlik, membro do Corpo Governante. Ele não estava disponível, informou-me a telefonista. Então pedi para falar com Albert Schroeder, membro do Corpo Governante, que estava atuando como presidente do Corpo nesse ano. Ele também não estava disponível. Deixei um recado com a telefonista dizendo que apreciaria muito que um ou outro me telefonasse.

No dia seguinte, recebi uma chamada de Albert Schroeder.

Antes de considerar o teor da conversa e a forma como ele, na qualidade de presidente do Corpo Governante, respondia a minhas perguntas, considere o que eu fiquei eventualmente sabendo quanto ao que já havia acontecido e estava quase acontecendo no momento em que ele falou comigo.

Em 14 de abril, oito dias antes de Schroeder responder a minha ligação, uma Testemunha de Nova York chamada Joe Gould telefonou para o Departamento de Serviço de Brooklyn e falou com Harley Miller, um dos cinco membros da comissão do Departamento de Serviço.[25] Ele disse a Miller que um colega de trabalho, uma Testemunha cubana de nome Humberto Godínez, lhe havia contado sobre uma conversa que teve na casa dele com um amigo que era membro da família de Betel. Ele dissera que o membro da família de Betel se havia expressado sobre vários pontos que divergiam dos ensinos da organização. Miller recomendou a Gould que procurasse obter de Godínez o nome do membro da família de Betel. Fez-se isto e o nome fornecido foi o de Cris Sánchez. Godínez disse também que meu nome, os de Ed Dunlap e René Vasquez entraram na conversa. Miller não recomendou a Gould e a Godínez que se empenhassem em esclarecer o assunto com os envolvidos, nem em buscar uma solução para o caso por meio de uma conversa entre irmãos. Tampouco Miller falou com Ed Dunlap, a quem conhecia bem e que trabalhava num escritório em frente ao seu, do outro lado da rua. Tampouco fez uma ligação telefônica para René Vasquez, a quem conhecia há anos e de cujos serviços como motorista voluntário fazia uso com regularidade. Não procurou entrar em contato com Cris Sánchez, que trabalhava na gráfica da Sociedade e lhe era acessível por telefone.

Ele falou primeiro com os membros da comissão do Departamento de Serviço, perguntando-lhes se algum deles poderia fornecer qualquer informação similar. Daí, ele foi ao presidente do Corpo Governante, Albert Schroeder.

Foi-lhe dito que providenciasse a vinda de Godínez e sua esposa à sede para uma entrevista com Miller. Não se disse nada a Cris Sánchez, Ed Dunlap ou a René Vasquez, nem me comunicaram nada. O presidente da Comissão do Corpo Governante evidentemente pensou que agir de tal maneira amigável, procurando deste modo evitar que o

[25] Esta comissão supervisiona o Departamento de Serviço, cujo quadro de pessoal se compunha naquela ocasião de cerca de quarenta pessoas.

assunto se transformasse num problema maior, não era o modo desejável de proceder.

Durante a entrevista com os Godínez, ele sugeriu a Godínez que telefonasse para René Vasquez e tentasse "com tato" fazê-lo expressar-se sobre o assunto. Miller não achou apropriado ele mesmo fazer isso, nem considerou aconselhável telefonar para Ed Dunlap ou atravessar a rua para falar com ele sobre o assunto. Foi feita a ligação telefônica para René e o aparente objetivo foi alcançado, já que René respondeu de uma maneira que podia ser vista como incriminatória. Providenciou-se outra entrevista com o casal Godínez, desta vez com a Comissão do Presidente, composta pelos membros do Corpo Governante Schroeder, Suiter e Klein, presentes. Esta foi realizada numa terça-feira, 15 de abril. Ainda não se havia dito nada a René, Ed, Cris ou a mim. A entrevista durou duas horas e foi gravada. Por meio das lembranças e impressões dos Godínez, tomaram conhecimento de sua conversa com Cris Sánchez, compatriota cubano e amigo de longa data, depois de uma refeição na casa dos Godínez. Consideraram-se vários pontos controvertidos. O relato dos Godínez incluía numerosas referências a René, Ed Dunlap e a mim. No final da gravação, cada um dos três membros do Corpo Governante, Schroeder, Suiter e Klein, elogiou o casal Godínez por sua lealdade e expressou (na gravação) sua desaprovação dos que haviam sido implicados pela entrevista.

Como Miller, a Comissão do Presidente do Corpo Governante não fez nenhum empenho para falar com Cris Sánchez, contra quem tinha escutado evidência baseada apenas em rumores. Não fizeram nenhum empenho para falar com René Vasquez, Ed Dunlap ou comigo, sobre quem tinham ouvido apenas informação de terceiros. Mesmo assim, no dia seguinte, na quarta-feira, 16 de abril de 1980, na reunião regular do Corpo Governante, a Comissão do Presidente tocou toda a fita com as duas horas de entrevista para o Corpo (Milton Henschel, Lyman Swingle e eu estávamos ausentes).

Tudo isto tinha acontecido *uma semana* antes de Schroeder ter falado comigo por telefone, na ligação telefônica que fez para mim somente porque a solicitei.

Foi depois desta reprodução da fita diante do Corpo Governante que ocorreu o interrogatório de Ed Dunlap e, subseqüentemente, de todo o pessoal da Redação. Foi essa fita que motivou o interrogatório. Os membros do Corpo Governante, que conduziram o interrogatório,

Barry, Barr e Schroeder, sabiam que tinha sido assim. No entanto, não disseram nada sobre isso, mesmo quando Ed Dunlap perguntou a Barry e a Barr qual era o motivo do interrogatório. Por que não o fizeram?

A ação tomada foi rápida, extensa e coordenada. Tanto Cris Sánchez e sua esposa, como também Néstor Kuilan e sua esposa foram então interrogados. Cris e Néstor trabalhavam ambos no departamento de tradução para o espanhol, onde René servia dois dias por semana.

Harley Miller telefonou então para René e perguntou se ele poderia vir ao escritório, dizendo: "Queremos apenas captar um pouco de suas idéias para entender alguns pontos."

A Comissão do Presidente havia providenciado a formação de comissões para cuidar do interrogatório destas pessoas separadamente. Com exceção de Dan Sydlik, todos os homens destas comissões eram membros do pessoal mas não do Corpo Governante. O Corpo Governante, por meio de sua Comissão do Presidente, dirigiu todas as ações mas, deste ponto em diante, se manteve na retaguarda. Fizeram arranjos então para que todos os vários homens que serviam nestas comissões de investigação escutassem partes da fita de duas horas que havia sido reproduzida diante do Corpo, a fim de equipá-los para atuarem na comissão. Eis o motivo de estas comissões terem usado meu nome e o de Ed em seus interrogatórios a Sánchez, Kuilan e Vasquez. No entanto, a Comissão do Presidente ainda não tinha achado apropriado informar-nos de que a fita sequer existisse. Por que não?

O objetivo das comissões de investigação tornou-se evidente pela direção tomada em seus interrogatórios. A comissão que interrogava Néstor lhe pediu que descrevesse suas conversações pessoais com Ed Dunlap e comigo. Ele respondeu que não achava que suas conversas pessoais fossem algo que os outros tivessem o direito de investigar. Esclareceu que, se achasse que tivesse sido dita qualquer coisa errada ou "pecaminosa", não hesitaria em informar-lhes, mas que este, com certeza, não era o caso. Seus interrogadores lhe disseram que deveria 'cooperar ou estaria sujeito a uma possível desassociação'. Sua resposta foi: "Desassociação? Por causa de quê?" A resposta foi "Por encobrir apostasia". "Apostasia? Onde está a apostasia? Quem são os apóstatas?" Responderam que isto ainda estava sendo determinado, mas que tinham toda a certeza de que estes existiam.

Isto se parece mais ou menos com um homem ser ameaçado de prisão a menos que coopere por fornecer informação sobre certas pessoas e, quando ele quer saber por que, é informado de que a prisão seria por cumplicidade no assalto de um banco. Quando ele pergunta: "Que banco foi assaltado e quem são os assaltantes?" Dizem-lhe: "Bem, nós não sabemos ainda que banco foi assaltado ou quem o assaltou, mas temos toda certeza de que houve um assalto a banco em algum lugar e, a menos que responda nossas perguntas, nós o julgaremos culpado de cumplicidade e você poderá ir para a cadeia."

Néstor explicou que tinha estudado na Escola de Gileade tendo Ed Dunlap como um de seus instrutores e, portanto, o conhecia desde então, e que me conhecia desde o tempo em que servi como missionário e superintendente de filial em Porto Rico. Ele admitiu ter conversado com cada um de nós ocasionalmente, mas que essas conversas não envolviam nada pecaminoso ou mau e que eram assunto pessoal dele.

Por volta de 22 de abril, quando Albert Schroeder atendeu à minha solicitação e me telefonou, a máquina judicativa da organização estava em pleno funcionamento e se movendo com rapidez. Ele, como presidente do Corpo Governante, sabia melhor do que ninguém de todos estes fatos, pois todas as comissões de investigação envolvidas estavam sob a direção da Comissão do Presidente.

Ele sabia que sua comissão tinha reproduzido a fita de duas horas, mencionada anteriormente, diante do Corpo Governante uma semana antes de seu telefonema.

Ele sabia que as várias comissões de investigação tinham sido todas "instruídas", ao escutar partes da fita, e que estavam, naquele exato momento em que ele falava comigo, usando meu nome, junto com o de Ed Dunlap, em seus interrogatórios.

Ele sabia que se incluía a acusação extremamente grave de "apostasia" nas audiências de comissão. Sabia das seriíssimas repercussões que isto poderia ter sobre nós dois, homens a quem ele conhecia por décadas e a quem ele chamava de seus "irmãos".

Que me disse então ele nesta conversa telefônica? Considere:

Após uma breve troca de cumprimentos, eu lhe disse: "Diga-me, Bert, o que está se passando no Departamento de Redação?"

Sua resposta foi:

> Bem — o Corpo Governante achou por bem que alguns de nós fizéssemos uma investigação no departamento para ver o que se poderia fazer para melhorar a coordenação, a cooperação e a eficiência do departamento — e — para ver se alguns dos irmãos tinham reservas sobre certos pontos.

Esta expressão final, no que se relaciona a pessoas terem reservas, foi dita de uma maneira um tanto despreocupada, como se fosse de importância secundária. Ele teve uma oportunidade clara para relatar-me os fatos quanto ao que estava acontecendo. Preferiu não fazê-lo.

Então perguntei-lhe que motivo poderia haver para tal investigação em grande escala? Ele tinha agora uma segunda oportunidade para dar-me uma explicação honesta da situação. Sua resposta foi:

> Bem, o departamento não está funcionando tão eficientemente como deveria. O livro para o congresso deste verão vai chegar à gráfica um tanto atrasado.

Pela segunda vez ele preferiu dar uma resposta evasiva em vez de responder diretamente a minha pergunta. Quanto à sua declaração, respondi-lhe que isto não era nenhuma novidade, mas que, no ano anterior, o *Comentário à Carta de Tiago* (escrito por Ed Dunlap) e o livro *A Escolha do Melhor Modo de Vida* (escrito por Reinhard Lengtat) tinham chegado à gráfica no início de janeiro, com tempo suficiente. (Eu sabia disto, uma vez que era minha responsabilidade designada providenciar para que estes livros fossem desenvolvidos a tempo. O livro para 1980, intitulado *Felicidade, Como Encontrá-la* estava sendo escrito por Gene Smalley, que nunca escrevera um livro antes, e o projeto não estava sob minha supervisão.) Acrescentei que não via razão para que isto se constituísse em causa para tal investigação.

Schroeder continuou:

> E, além disso, alguns dos irmãos não estão muito contentes com a maneira como seus artigos estão sendo reescritos. Ray Richardson disse que tinha entregado um artigo [ele deu aqui o tema do artigo] e que estava muito descontente com o modo como este foi refeito.

Eu disse: “Bert, você sabe como são os autores; nenhum deles gosta de saber que suas matérias sofreram uma ‘cirurgia’. Mas isso também não é nenhuma novidade, tem sido sempre assim desde que existe o Departamento de Redação. O que Lyman [Swingle, o Coordenador do Departamento de Redação] acha disso?”

Ele respondeu: “Oh, Lyman não está aqui agora.”

“Eu sei que ele não está aí”, respondi, “ele está numa viagem de zona. Escreveu para ele?”

“Não”, disse ele.

Então falei: “Bert, acho isto muito estranho. Se, por exemplo, Milton Henschel [o coordenador da Comissão Editora, que supervisiona todas as operações da gráfica] estivesse ausente e outro membro da Comissão Editora estivesse também ausente, digamos Grant Suiter, e chegassem relatórios ao Corpo Governante dando conta de que a gráfica aí não estava funcionando tão eficientemente como deveria — você acha que o Corpo Governante iniciaria uma investigação em grande escala da gráfica e de seu funcionamento na ausência destes dois irmãos?” (Eu sabia que tal ação não seria sequer cogitada.)

Ele balbuciou alguma coisa e disse: “Bem, o Corpo Governante nos pediu para fazer isto e estamos simplesmente fazendo um relatório para eles. Vamos apresentar nosso relatório amanhã.”

A minha resposta foi: “Bem, apreciaria que você mencionasse minha opinião sobre o assunto. Acho que é um insulto para Lyman Swingle, sim, para o homem, para seus anos de serviço e para sua posição, tomar uma ação como essa sem consultá-lo, sem nem mesmo avisá-lo.”

Schroeder disse que transmitiria este meu parecer. Acrescentei que, se houvesse qualquer coisa de importância verdadeiramente grande que exigisse uma discussão, eu poderia ir lá. Ele disse: “Você poderia?” Respondi: “É claro que poderia. Seria só uma questão de pegar um avião e ir aí.” Ele perguntou se eu poderia vir na quarta-feira seguinte. Respondi-lhe: “Qual será a finalidade se Lyman Swingle não vai estar aí nessa ocasião?” A conversa parou aí.

O presidente do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová teve múltiplas oportunidades de atender franca e honestamente a meus pedidos de informação por dizer: “Ray, o que achamos é que surgiu um problema muito sério e que existem até acusações de apostasia

sendo feitas. Achamos que você deveria saber que seu nome foi envolvido e, antes de fazer qualquer coisa, pensamos que a única coisa cristã a fazer era falar primeiro com você."

Em vez disso, ele não disse nada, nem uma única palavra, que indicasse ser este o caso. Naturalmente, ele não poderia ter expressado muito bem a última parte dessa declaração, visto que ele e os outros membros da Comissão do Presidente já haviam desencadeado uma operação em grande escala que incluía gravações, comissões de investigação e interrogatórios. O quadro que me foi apresentado pelo representante do Corpo Governante foi, falando de modo franco, enganoso, fictício. Porém, eu não tinha como saber exatamente naquela ocasião quão enganoso e fictício era. Logo comecei a ficar sabendo, mas principalmente através de fontes fora do Corpo Governante.

Se era difícil entender o comportamento do Corpo Governante e de sua Comissão do Presidente neste respeito, considerei ainda mais inexplicável — e injustificável — não terem sido eles abertos e francos com Ed Dunlap, que estava lá mesmo na sede. Quando ele perguntou a Barry e a Barr qual era o propósito do interrogatório deles, o mero senso de justiça deveria tê-los impelido a dizer-lhe por que o Corpo Governante os havia designado para interrogá-lo e quais as graves acusações que estavam sendo feitas. Os princípios bíblicos, incluindo a declaração do Senhor Jesus Cristo de que deveríamos fazer aos outros como desejaríamos que eles nos fizessem, teriam certamente *exigido* de alguém que lhe dissesse, em sua presença, quais as acusações de "apostasia" que lhe estavam fazendo pelas costas. Os que sabiam disso preferiram não fazê-lo naquela ocasião. Eles decidiram não fazê-lo *por quase mais um mês*. Não obstante, tanto seu nome, como o meu, foram passados para os membros das comissões de investigação e, em seguida, para os das comissões judicativas — para pelo menos uma dúzia ou mais de homens — e, *ainda assim*, ninguém do Corpo Governante se chegou a ele para informar-lhe quais as graves acusações que estavam sendo vinculadas a seu nome. *Contudo, muitos deles o viam numa base diária*.

Não entendo como esse procedimento pode ser considerado digno de ser chamado cristão.

Na sexta-feira, 25 de abril, apenas três dias depois do telefonema de Schroeder em resposta à minha solicitação, comissões judicativas, que

funcionavam sob a sanção e direção da Comissão do Presidente do Corpo Governante, desassociaram Cris Sánchez, sua esposa e Néstor Kuilan. René e Elsie Vasquez foram também desassociados por outra comissão ao mesmo tempo em que o foi um ancião de uma congregação próxima à de René. Os nomes de todos, com exceção do ancião de congregação, foram lidos perante todo o pessoal da sede, indicando que eles haviam sido desassociados. Dessa maneira, o Corpo Governante fez o anúncio a bem mais de mil e quinhentas pessoas. No entanto, eles não acharam adequado dar-me essa informação. Tomei eventualmente conhecimento do ocorrido, é claro, mas por meio de telefonemas dos afetados, não por parte de nenhum dos meus companheiros do Corpo Governante.

Diane Beers, que servia como membro da equipe da sede havia dez anos e que conhecia bem os Sánchez e os Kuilan, descreveu suas impressões dos eventos da semana de 21 a 26 de abril do seguinte modo:

> Creio que a coisa que ficou mais gravada na minha mente durante aquela semana foi a maneira cruel como estes amigos estavam sendo tratados. Eles nunca sabiam quando seriam chamados para uma audiência com a comissão. De repente, tocava o telefone e lá se ia Cris. Em seguida, ele estava de volta, o telefone tocava e lá se ia Néstor. Assim ia vez após vez. Foram mantidos constantemente em expectativa durante aquela semana. Um dia, quando eu estava conversando com Norma, ela me contou que a comissão queria que ela conversasse com eles sem a presença de Cris e ela não sabia o que fazer. Sugeri-lhe que Cris deveria estar presente em todas as ocasiões porque, do contrário, ela nunca teria uma testemunha do que eles haveriam de dizer-lhe, nem de como ela lhes responderia. Eles poderiam dizer qualquer coisa, e ela não teria como provar que foi diferente. Estava ficando evidente que eles estavam tentando jogar Norma contra Cris.
>
> Finalmente, na tarde de sexta-feira [25 de abril], às 4:45, a comissão chegou acelerado ao 8º andar, onde todos trabalhávamos e se dirigiu para o salão de conferências que ficava diretamente por trás de minha escrivaninha. Pouco depois, todos começaram a deixar o trabalho e a ir para os quartos, mas fiquei por ali para ver qual seria o resultado. Chamaram Cris e Norma e Néstor e Toni e, à medida que cada um saía, eu ia ver qual tinha sido o ‘veredito’. Lembro que, quando fui ao escritório de Néstor para falar com Toni e com ele, eles

me disseram que era melhor eu sair antes de me meter em problemas também por ser vista com eles. Caminhei sozinha para o quarto, enquanto procurava a todo custo segurar as lágrimas. Sentia-me simplesmente arrasada. Não podia crer no que estava acontecendo. É um sentimento que jamais esquecerei. Este lugar tinha sido meu lar durante muitos anos e eu tinha desfrutado minha permanência ali — agora, era como se eu estivesse num lugar totalmente estranho para mim. Raciocinava sobre as palavras de Cristo de que, pelos seus frutos, os reconhecereis, e simplesmente não conseguia conciliar o que eu tinha visto e ouvido durante essa semana como sendo algo cristão. Foi tão rude e desamoroso. Estas eram pessoas que tinham contribuído com anos e anos de serviço para a Sociedade, tinham boa reputação e eram muito estimadas por todos. E não obstante, nenhuma misericórdia pôde ser-lhes demonstrada. Isso era incompreensível para mim.

Eu tinha uma reunião naquela noite, mas resolvi não ir porque me sentia verdadeiramente perturbada. Mais tarde naquela noite, quando Leslie [a companheira de quarto de Diane] voltou da reunião, nós ficamos conversando quando ouvimos alguém bater na porta. Isto foi por volta das onze horas da noite. Era Toni Kuilan. Mal entrou, foi logo caindo em pranto, simplesmente soluçava. Ela não queria que Néstor soubesse quão transtornada ela estava. Sentamo-nos todas ali, choramos juntas e conversamos. Fizemos-lhe saber que ela e Néstor eram nossos amigos agora como sempre o foram, e procuramos encorajá-la o mais que podíamos. Não consegui dormir muito bem naquela noite e me levantei por volta das duas ou três horas da madrugada. Apenas me sentei no banheiro meditando sobre o que tinha acontecido e senti como se fosse um pesadelo — não parecia ser real para mim.

No sábado pela manhã, fui ver Néstor e Toni e Cris e Norma e, quando cheguei ao quarto dos Kuilan, tinham acabado de receber a visita de John Booth [um membro do Corpo Governante]. Ele tinha sido enviado para informá-los de que sua apelação tinha sido rejeitada pelo Corpo Governante. A comissão lhes tinha dito, na sexta-feira à noite, que teriam de entregar sua apelação na manhã seguinte, às oito horas. Isto, por si só, era ridículo, mas eles cumpriram e entregaram a apelação por volta das oito horas da manhã. Booth foi enviado para informá-los do “Não”. Néstor lhe perguntou por que, e ele lhe disse que ele [Booth] era apenas um ‘mensageiro’ — deixou claro que não queria discutir nada com nenhum deles.

Tratava-se aqui de pessoas que haviam estado associadas durante décadas, que tinham dedicado, de toda alma e por tempo integral, muitos anos de sua vida ao serviço que acreditavam ser de Deus e, apesar disso, no espaço de seis dias, a contar de segunda-feira, de 21 a 26 de abril, tudo isso foi deixado de lado e foram desassociadas. Durante essa semana, quando as Escrituras eram utilizadas por seus interrogadores, era de um modo acusador e condenatório, não da maneira descrita pelo apóstolo Paulo em 2 Timóteo 2:24, 25, onde ele instrui:

> Ao servo do Senhor não convém brigar mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade. — *Nova Versão Internacional*.

Creio que depõe contra si mesma qualquer religião que não esteja disposta a tomar tempo para arrazoar com as pessoas por meio da Palavra de Deus — não durante algumas horas ou mesmo durante alguns dias, mas durante semanas ou meses —, quando essas pessoas questionarem a base bíblica dos ensinos dessa religião. Quando os que estavam sendo interrogados na sede traziam à atenção pontos bíblicos, eram sucintamente advertidos: “Não estamos aqui para debater suas questões bíblicas.” Harley Miller disse a René Vasquez: “Não pretendo ser erudito bíblico. Procuro manter-me atualizado com as publicações da Sociedade e isso é mais ou menos tudo o que posso fazer.” Na mente dos interrogadores, a questão principal era, não a lealdade a Deus e à sua Palavra, mas a lealdade à organização e a seus ensinos. Nisto, como já foi demonstrado, eles tinham o amplo apoio das publicações da Sociedade.

Pode-se dizer com toda a verdade que nenhuma das pessoas desassociadas entretinham qualquer intenção de separar-se das Testemunhas de Jeová, nem qualquer intenção de incentivar outros a se separarem. A atitude delas é expressa de forma comovedora nesta carta escrita por René Vasquez ao apelar da ação desassociadora tomada contra ele e sua esposa:

René Vasquez
31-06 81 Street
Jackson Heights, NY 11370
4 maio de 1980

Comissão Judicativa
A/C Claudius Johnson
1670 E 174 Street Apto. 6 A
Bronx, NY 10472

Prezados irmãos:

Acho mais uma vez necessário, por meio desta, apelar para seu raciocínio são e julgamento imparcial no sentido de que vejam que não somos culpados da acusação lançada contra nós, minha esposa e eu. Nós, na realidade, não entendemos realmente nem sabemos quem são os nossos acusadores.

Durante nossa audiência, declaramos vez após vez, de coração, com toda veracidade diante de Jeová Deus, que a mera idéia de promover uma seita ou sermos apóstatas era totalmente inconcebível da nossa parte. Não é isto corroborado pelo meu serviço dedicado a Jeová Deus durante os últimos trinta anos, a ponto de dar atenção mínima a minha própria família e a meu trabalho secular? Por que deveriam minhas ações recentes com respeito à consideração de alguns pontos bíblicos em conversa particular com alguns irmãos e amigos queridos ser, de repente, interpretadas como um ataque à organização ou como apostasia? Por que deveria ser tomada uma ação tão extrema como a desassociação, quando a ponderação sensata, a bondade, o verdadeiro amor cristão e a misericórdia, poderiam reparar e sanar quaisquer mal-entendidos ou mágoa em resultado de comentário imprudente ou da repetição de coisas que não estão em harmonia com o que tem sido publicado pela Sociedade? Onde está a pessoa má, iníqua, o odiador de Jeová, o indivíduo rebelde, o praticante impenitente de atos iníquos que deveria ser eliminado? Por que deveria ser usada uma definição legalista de apostasia de maneira tão fria e sem misericórdia para condenar pessoas que não têm feito outra coisa senão servir fielmente e derramar suas almas em favor dos irmãos por tantos anos?

Quem são os que estão causando vitupério ao nome de Jeová e dando uma reputação ou imagem ruim da organização? Não são as ações drásticas que estão sendo tomadas e os métodos desamorosos que estão sendo usados, e os rumores caluniosos que estão sendo espalhados, e a falta de misericórdia e amor cristão, a suspeita, o medo e o terror das investigações inquisitórias, o que está multiplicando mil vezes qualquer mal-entendido ou dano involuntário devido a pessoas que repetiram de maneira inadequada algumas coisas que lhes foram ditas?

Irmãos, não há nada em nosso coração a não ser amor pela inteira associação de nossos irmãos, e de maneira alguma temos minha esposa ou eu desejado agir com, ou tido, alguma intenção maliciosa de causar confusão ou perturbação de sua fé. Como trataria Cristo Jesus de uma situação como esta?

Parece que o objetivo principal da comissão era estabelecer a culpa por provar que houve apostasia. Apesar de nossas expressões repetidas declarações de coração de que buscar um proceder de apostasia é inconcebível, de que tal coisa jamais veio ao nosso coração, ainda persistiu essa acusação. A comissão parece ter sido incumbida de provar que somos apóstatas por mostrar que as conversas pessoais, em particular, que tivemos com alguns de nossos queridos amigos eram, na verdade, parte de um esquema malicioso com o objetivo de formar uma seita ou causar divisão por apostasia. Em duas ocasiões diferentes, o irmão Harold Jackson usou a ilustração de uma moça que cometeu fornicação mas que, na sua mente, a idéia de fazer isso era tão objetável que ela, de fato, acreditava que não tinha cometido fornicação, mas estava grávida. A aplicação era que, não importa quão detestável fosse para nós a idéia de sermos apóstatas, não importa se nosso coração e consciência nos dissessem que é inconcebível para nós fazer tal coisa, ainda assim somos apóstatas.

Mas, irmãos, sabemos a diferença entre a nossa mão direita e a esquerda. Este não é o caso de uma moça com falta de compreensão e experiência. No entanto, em consideração ao argumento, ainda que este fosse o caso, que nós somos alguma coisa que não somos, já que não o somos em nosso coração, mente e consciência, como trataria Cristo do assunto? Não estenderia ele sua benignidade e misericórdia sobre essa moça, de modo que o pecado não dominasse como rei, visto que ele morreu para que se nos mostrasse misericórdia?

Por outro lado, demonstraria a sabedoria de cima usar o exemplo dessa moça como princípio para julgar outro caso no qual a moça tem certeza de que não cometeu fornicação mas seu ventre está crescido? Que dizer se um exame apropriado mostrasse que ela tinha um cisto no útero, de modo que estivesse de fato falando a verdade, mas lhe pressionaram tanto com interrogatórios e angústia mental que a fizeram sofrer, e para agravar, começaram a circular rumores caluniosos dizendo que ela estava grávida, que ia ter gêmeos, que já deu à luz a trigêmeos, e assim por diante? Quem estaria causando o verdadeiro dano? Não evitaria o amor e a misericórdia de Cristo Jesus uma injustiça tão grande?

Por esta mesmíssima razão, Cristo Jesus disse aos que o condenaram por fazer obras de cura no sábado: “Parai de julgar pela aparência externa, mas julgai com julgamento justo.” — João 7:24

O irmão Epíscopo, que fazia parte da comissão judicativa, declarou, por meio de várias perguntas capciosas, que um apóstata podia ser muito sincero no que estava ensinando, mas ainda era um apóstata. A aplicação seria que, apesar de nossas contínuas manifestações indicando que tal proceder apóstata é inconcebível da nossa parte, que jamais havíamos participado de qualquer plano malicioso contra a organização, nem de formação de seita, ainda deveríamos ser tratados como apóstatas por causa das coisas que consideramos em nossas conversas particulares com nossos amigos.

No entanto, se fôssemos usar essa definição de apostasia, então teríamos de concluir que nossa história como organização representada pelas

Testemunhas de Jeová está cheia de atos de apostasia. Quando estávamos ensinando que a presença invisível de Cristo Jesus começou em 1874, éramos muito sinceros. Mas Jeová sabia que o que estávamos ensinando não estava em harmonia com a verdade bíblica. Então Ele teria de ter nos considerado apóstatas, segundo a definição expressa pelo irmão Epíscopo. Vez após vez, temos ensinado como organização, com devoção piedosa e sinceridade, o que resultou não estar em harmonia com a Palavra de Deus, e a fé de muitos foi perturbada quando as coisas não se revelaram da maneira como ensinávamos. Estaria em harmonia com a misericórdia e o amor julgar a organização como apóstata com base nisso? Seria um raciocínio sensato colocar a organização na classe de Himeneu e Fileto, que estavam subvertendo a fé dos outros, dizendo que a ressurreição já tinha ocorrido?

A base da ação contra nós é termos considerado certos pontos da Bíblia com alguns irmãos em conversa particular com eles. Um dos privilégios fundamentais que cada um tem como indivíduo é o de falar confidencialmente com um amigo ou pessoa de confiança. Se este privilégio for retirado, ou se for-nos dito que temos de confessar tal conversa confidencial e ser então julgados com base em tais declarações, ou se os indivíduos que tomamos em nossa confiança forem forçados, por temor de uma ação contra eles, a acusar-nos de conversar com eles, que tipo de sujeição estamos exigindo como organização? Não estaria isso efetivamente violando a chefia de Cristo Jesus sobre a congregação?

Podemos dar vários exemplos desse tipo de conversa no passado por parte de muitos, inclusive de alguns dos que estão em nossa comissão, envolvendo coisas não publicadas ou ensinadas pela organização. Se eu estou a par de tais conversas, quantos mais sabem ou souberam delas? A quantos falaram eles a respeito dessas coisas? Deveríamos agora iniciar uma investigação inquisitória para determinar isso e argumentar que eles são apóstatas? A própria razão pela qual não mencionei tais exemplos, dando nomes, é porque sei que seria injusto fazer tal coisa. Não queremos dar a impressão de estarmos apontando o dedo para alguma outra pessoa. Estão os irmãos agora sob uma atmosfera de terror de modo que a simples menção de leitura da Bíblia em casa seja vista como suspeita e possível apostasia ou, melhor dizendo, "heresia"?

Em nossa reunião judicativa, quando dissemos que estávamos muito tristes por causa da perturbação que, de alguma maneira, nos foi atribuída devido a uma repetição muito precipitada de certos pontos a vários irmãos e, quando demos a garantia de que não conversaríamos de maneira alguma novamente sobre tais coisas com outros, mas, em vez disso, diríamos a quem quer que mencionasse tais coisas que tal conversa deveria ser contida, o irmão Harold Jackson declarou enfaticamente que eu teria de fornecer alguma espécie de garantia quanto a isso, e prosseguiu então dizendo que éramos um perigo para a organização, e insinuando que eu estava seguindo um molde de encobrir as coisas, e que ele pessoalmente não acreditava no que eu estava dizendo. Qual é a orientação dada na Bíblia com relação a isto? Como se pode dar essa "garantia"? Mesmo se houvesse motivo válido para alguém ser acusado de

promover uma seita, Tito 3:10 diz: "Quanto ao homem que promove uma seita, rejeita-o depois da primeira e da segunda admoestação." A segunda admoestação seria devido ao indivíduo continuar com novas transgressões, indicando que insistia em promover uma seita. Mesmo que fôssemos vistos como essa espécie de pessoas, desde precisamente o primeiro e lamentável mal-entendido, temos até nos tornado anormalmente não-comunicativos a fim de evitar qualquer mal-entendido adicional. Já que a mera garantia verbal não seria suficiente, conforme dá a entender o conselho de Paulo, a conduta do indivíduo, dispensando uma segunda admoestação pela repetição do erro, seria a garantia necessária. Mesmo esse benefício da dúvida não nos está sendo concedido.

Foi dito mais de uma vez pelo irmão Jackson que as coisas comentadas constituíam um ataque contra o próprio coração da organização. Porém, em primeiro lugar, não existe tal ataque, e não tenho, pessoalmente, conhecimento de ninguém comandando um ataque. Poderia ser o caso de alguém estar usando uma expressão cunhada por alguma pessoa sem discernimento, fazendo um julgamento apressado e apresentando uma reclamação? Deveria uma declaração, ou julgamento apressado como esse, ser de repente aceita como uma verdade absoluta e usada para medir todo mundo por ela? Irmãos, as medidas extremas e estranhas que estão sendo tomadas em relação a esta situação são muito perturbadoras e desconcertantes.

Apelamos com base na justiça e na misericórdia, pois fomos julgados por um erro que não cometemos.

Estejam certos de nossas orações a Jeová para que se esclareça este assunto, para a bênção de Seu nome e o bem-estar espiritual do seu povo.

Seus irmãos,

René Vasquez
Elsie Vasquez

Uns trinta anos antes, René tinha deixado a casa de seu pai para escapar do que sentia ser uma atmosfera opressivamente intolerante, que revelava estreiteza mental. Buscou a liberdade para prosseguir com seu interesse nas Testemunhas de Jeová. Daí em diante, ele se entregou, de corpo e alma, ao serviço delas. Agora, no espaço de duas semanas, viu esses trinta anos postos de lado como não tendo nenhum valor especial, foi submetido a um intenso interrogatório, sua sinceridade e motivação foram contestadas, e foi rotulado de rebelde contra Deus e contra Cristo. Sua carta expressa sua angústia dolorosa ao encontrar-se na mesma atmosfera de intolerância religiosa e estreiteza mental da qual imaginava ter escapado.

René teve sua apelação acatada e se reuniu mais uma vez com uma comissão (formada por cinco anciãos diferentes). Todo esforço que ele fez para ser conciliatório, para mostrar que não estava procurando criar uma controvérsia sobre questões doutrinais específicas, que não tinha nenhum desejo de ser dogmático sobre tais coisas, foi rejeitado como evasivo, como evidência de culpa.

A certa altura, depois de horas de ser repetidamente atacado com perguntas, ele foi interrompido por Sam Friend, membro da comissão de apelação, que disse: "Isto é um monte de *hogwash* ["besteira" no inglês coloquial, literalmente "água em que porcos foram lavados]. Agora vou ler esta lista de perguntas para você e quero que responda sim ou não." Para René, cujo idioma materno é o espanhol, o termo "hogwash" era estranho, e apesar de ter concluído depois tratar-se simplesmente de alguma expressão regional, ele disse que, naquele momento, se sentiu atingido como por uma imagem tão real de imundície, que "estalou" alguma coisa dentro dele e respondeu: "Não! Não vou responder a mais nenhuma de suas perguntas. Vocês estão tentando peneirar meu coração e não vou mais suportar isso." Anunciou-se um recesso na sessão; René saiu caminhando e, ao chegar à rua, desatou a chorar.

A comissão manteve a decisão de desassociação.

De todas as pessoas que René tinha conhecido e com quem havia trabalhado no Departamento de Serviço em Brooklyn, inclusive aquelas que haviam estado dispostas a aproveitar-se de sua bondade e prestimosidade durante muitos anos, não apareceu nenhum para dizer pelo menos alguma coisa a seu favor, para expressar algum pedido visando um tratamento similarmente bondoso com relação a ele.[26] Na balança da justiça da organização, sua sinceridade inegável, seu registro impecável dos últimos trinta anos — nada disto tinha peso algum caso ele não estivesse totalmente de acordo com a organização e não se mantivesse em silêncio absoluto. Em meio a tudo isto, parecem aplicar-se as palavras do discípulo Tiago, ao escrever:

[26] Enquanto é verdade que todos estes procedimentos estavam sendo conduzidos num estilo de "tribunais secretos e arbitrários", havia muitos no Departamento de Serviço que sabiam o que estava acontecendo, quer por conhecimento direto quer por "tagarelice departamental".

> Falai pois, e agi como os que hão de ser julgados pela Lei da liberdade porque o julgamento será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia. A misericórdia, porém, desdenha o julgamento.[27]

Finalmente, em 8 de maio de 1980, o Corpo Governante me informou oficialmente que meu nome estava envolvido nisto. Veio uma chamada telefônica do presidente Albert Schroeder e ele disse que o Corpo Governante queria que eu fosse a Brooklyn para comparecer perante ele. Esta foi a *primeira vez* que me deram qualquer indicação em absoluto de que eu estava de alguma maneira sob suspeita.

Tinham-se passado quinze dias desde nossa conversa anterior na qual o presidente evitara repetidamente dizer-me o que estava realmente acontecendo. Eu ainda não tinha conhecimento da existência da entrevista gravada de duas horas ou de que ela tinha sido apresentada diante do Corpo Governante em sessão geral. Tinham se passado 23 dias desde que isso fora feito.

Nesses 23 dias, eles tinham não só apresentado essa gravação diante do Corpo Governante, mas também repassado partes dela que incluíam meu nome e o de Ed Dunlap diante de pelo menos 17 pessoas fora do Corpo (aqueles que formavam as comissões de investigação e julgamento), tinham desassociado três membros do pessoal da sede e três pessoas de fora, uma delas era amigo meu de trinta anos, tinham gravado outra entrevista com um homem chamado Bonelli (fita essa que será considerada mais adiante), e, no geral, não apenas solicitavam mas procuravam ativamente qualquer evidência de natureza incriminatória que pudesse ser conseguida dos membros da família de Betel e de outros, sendo usada até ameaça de desassociação para arrancar informação de alguns.

Somente depois disto tudo é que o Corpo Governante, por meio de seu presidente, achou conveniente informar-me que me via como estando, de alguma forma, implicado no que estava acontecendo. Por quê?

O que eu sabia foi aquilo de que tomei conhecimento inteiramente por outras fontes, não pelo Corpo Governante do qual tinha sido membro durante nove anos. Os membros da sede de Betel, que eram submetidos a interrogatório e julgamento, me telefonavam expressando

---

[27] Tiago 2:12, 13, *BJ*.

seu desalento diante da atitude rude e intolerante demonstrada. Expressavam seu pensamento de que os que dirigiam todo o processo estavam simplesmente avançando por meio deles de modo a chegar a seu verdadeiro objetivo, Edward Dunlap e eu. Achavam que tais pessoas estavam seguindo o que consideravam ser o caminho mais estratégico de começar pelos "menores", os menos conhecidos e menos proeminentes, estabelecendo sua "culpa", fazendo parecer como se a situação fosse de proporções grandes e perigosas, e em seguida, tendo estabelecido uma base tão sólida quanto possível, passariam a tratar dos mais conhecidos e proeminentes. Certa ou errada, esta era a impressão que eles tinham. Seria interessante ouvir os membros da Comissão do Presidente, a quem finalmente chegavam todos os relatórios e que respondiam a todos os pedidos de orientação por parte das comissões de investigação e julgamento — a fim de saber que possíveis razões podia essa comissão ter para proceder da maneira como o fez.

Quando o presidente Schroeder me telefonou em 8 de maio, expressei meus sentimentos de quão difícil eu achava compreender o motivo, depois de termos morado e trabalhado juntos, semana após semana, por nove anos com os membros do Corpo Governante (quinze anos com alguns), de nenhum deles ter tido a consideração fraternal de comunicar-se comigo quanto ao que estava acontecendo. (Com toda justiça aos membros como um todo, deve se admitir que eles podem não ter sabido detalhadamente como a Comissão do Presidente estava manejando o assunto. Podem não ter conhecido o conteúdo da conversa telefônica de Albert Schroeder comigo em 23 de abril e das respostas enganosas dadas às minhas perguntas — apesar de parecer possível, até mesmo provável, que a conversa tenha sido gravada, como parece indicar o desenrolar dos acontecimentos posteriores. De qualquer modo, deve-se reconhecer que alguns ou muitos dos membros podem ter esperado e acreditado que a Comissão do Presidente estava conduzindo os casos em um nível elevado, de acordo com os princípios cristãos, fazendo aos outros o que queriam que os outros lhes fizessem.)

Perguntei então a Albert Schroeder como ele teria se sentido se, no tempo em que ele estava na Europa transmitindo seus pensamentos dando uma aplicação diferente da expressão crítica "esta geração", alguns em Brooklyn, ao ter notícia disto, tivessem apresentado

acusações de "tendências apóstatas" de sua parte, e começassem então a juntar quaisquer outras declarações que ele possa ter feito em qualquer lugar, em qualquer ocasião e a qualquer pessoa como evidência para substanciar essa acusação grave — e tivessem feito tudo isto sem ter sequer se comunicado com ele para avisá-lo do que estava acontecendo. Como teria se sentido?

Não deu resposta alguma. Eu lhe disse que iria a Brooklyn conforme solicitado, e a conversa chegou ao fim.

Quando cheguei a Brooklyn, a 19 de maio, a contínua pressão sobre meus nervos tinha me levado quase a um estado de choque. Parecia haver algo muito irracional acerca do que estava acontecendo, dos métodos utilizados. Alguns o chamavam de "pesadelo". Outros achavam que se precisava de um termo mais forte, a saber, "paranóia". Cristãos inocentes estavam sendo tratados como se fossem inimigos perigosos.

Tempos depois, encontrei um artigo que eu tinha lido e recortado alguns anos atrás do *New York Times*. Com o título "Acha-se Desconfiança no Pessoal de Nixon", entre outras coisas, dizia o artigo:

> Um psiquiatra do pessoal da Casa Branca, de 1971 a 1973, diz que o grupo íntimo em volta de Richard M. Nixon desconfiava profundamente das motivações das outras pessoas, considerava a preocupação pelos sentimentos dessas pessoas como debilidade do caráter, e não podia respeitar a oposição ou a discordância leais.
>
> "A discordância e a deslealdade eram conceitos que nunca eram diferenciados o suficiente em suas mentes", disse o Dr. Jerome H. Jaffe. "Essa era realmente a parte trágica. Discordar significava ser desleal. Esse é o tema que vinha à mente vez após vez." ...
>
> "A Administração admirava pessoas que podiam ser frias e desapaixonadas ao tomarem decisões sobre a equipe", disse. "Fazer concessões aos sentimentos das pessoas, reconhecer que um objetivo em particular não justificava a destruição de pessoas no processo de sua realização, não era algo que atraísse qualquer admiração. Tal preocupação era encarada como uma debilidade fatal."
>
> "Desconfiavam profundamente das motivações das outras pessoas e eram incapazes de acreditar que elas pudessem sobrepor-se a motivos egoístas", disse ele.[28]

[28] *New York Times*, 12 de janeiro de 1976, página 12.

Verifico uma correspondência de precisão assustadora entre esta situação e as atitudes demonstradas em Brooklyn na primavera de 1980. “Discordar significava ser desleal. Esse é o tema que vinha à mente vez após vez.” A bondade de Jesus Cristo parecia estar seriamente em falta. Qualquer ardor de amizade e compreensão compassiva, que dá à amizade sua cordialidade, pareciam ter sido substituídos por um tratamento organizacional frio que supunha o pior, que negava o benefício da dúvida, e encarava a longanimidade e a paciência como debilidade, contrária aos interesses da organização e às suas metas de uniformidade e conformidade. Era como se uma enorme máquina legal tivesse sido posta em movimento e saísse esmagando de maneira insensível e implacável na direção do seu objetivo final. Achava difícil de acreditar que isto estivesse realmente acontecendo.

Na sede, descobri, entre outras coisas em cima de minha escrivaninha, uma nota preparada pela Comissão do Presidente desde 28 de abril de 1980 (veja a seguir). Alguns dos pontos se revelaram surpreendentes para mim, pois eu nunca os havia sequer considerado, muito menos falado sobre eles com outras pessoas. Eram-me repugnantes os termos dogmáticos nos quais os pontos estavam definidos. E pensei que as “Observações” ao pé da página representavam, de fato, a questão verdadeira. Pois essas observações concentravam repetida ênfase sobre a “‘*estrutura*’ *bíblica básica das crenças cristãs da Sociedade*”, o “‘*modelo de palavras salutares*’ *que veio a ser biblicamente aceito pelo povo de Jeová ao longo dos anos.*”

Isto tinha um tom familiar, pois era um argumento usado com bastante freqüência nas sessões do Corpo Governante, o argumento de que se deve aderir aos ensinos já com muito tempo de tradição na Sociedade, como se os anos em que se acreditou neles constituíssem prova de que eram corretos. Esses ensinos tradicionais, e não a Palavra de Deus em si, eram o X da questão.

(Ao Corpo Governante) EVIDÊNCIAS RECENTES DE ENSINOS ERRADOS QUE ESTÃO SENDO DISSEMINADOS

Eis a seguir alguns dos ensinos errados que estão sendo disseminados como se se originassem de Betel. Estes foram trazidos à atenção do Corpo Governante por relatórios provenientes do campo de 14 de abril em diante.

1. Que Jeová não tem uma organização hoje na terra e que seu Corpo Governante não está sendo dirigido por Jeová.

2. Que todos os batizados do tempo de Cristo (33 E.C.) em diante até o fim devem ter a esperança celestial. Todos estes devem participar dos emblemas por ocasião da Comemoração e não apenas os que professam ser do restante ungido.

3. Que não existe nenhum arranjo apropriado como o da classe do "escravo fiel e discreto", composto pelos ungidos e por seu Corpo Governante para dirigir os assuntos do povo de Jeová. Em Mateus 24:45, Jesus usou esta expressão apenas como ilustração da fidelidade de indivíduos. Não se precisa de regras, é só seguir a Bíblia.

4. Que não existem duas classes atualmente, a classe celestial e a terrestre, também chamada de "outras ovelhas" em João 10:16.

5. Que o número 144.000 mencionado em Rev. 7:4 e 14:1 é simbólico e não é para ser entendido de modo literal. Os da "grande multidão" mencionados em Rev. 7:9 servem também no céu conforme indicado no versículo 15, onde se diz que essa multidão serve "dia e noite, no seu templo (naós)" ou conforme diz a K. Int: "na habitação divina dele".

6. Que não estamos vivendo agora num período especial de "últimos dias", mas que os "últimos dias" iniciaram há 1900 anos, desde 33 E.C., conforme indicado por Pedro em Atos 2:17 quando citou o profeta Joel.

7. Que 1914 não é uma data estabelecida. Cristo Jesus não foi entronizado nessa ocasião, mas tem estado regendo em seu reino desde 33 E.C. Que a presença (parousia) de Cristo ainda não aconteceu mas se dará quando "o sinal do Filho do homem aparecer no céu" (Mat. 24:30) no futuro.

8. Que Abraão, Davi e outros homens fiéis do passado também terão vida celestial, baseando tal entendimento em Heb. 11:16.

———————————

Observações: Os pontos bíblicos acima passaram a ser aceitos por alguns e estão agora sendo passados adiante a outros como "novos entendimentos". Tais pontos de vista são contrários à "estrutura" bíblica básica das crenças cristãs da Sociedade. (Rom. 2:20; 3:2) Também são contrários ao "modelo de palavras salutares" que veio a ser biblicamente aceito pelo povo de Jeová ao longo dos anos. (2 Tim. 1:13) Tais "mudanças" são condenadas em Prov. 24:21, 22. Portanto, os ensinos mencionados acima são 'desvios da verdade que estão subvertendo a fé de alguns'. (2 Tim. 2:18) Levando tudo em conta, não é isto uma APOSTASIA e passível de ação disciplinar por parte da congregação? Veja KS 77 página 58.

Comissão do Presidente 28/04/80

No dia 20 de maio, reuni-me com a Comissão do Presidente e eles tocaram para mim a fita do relatório que eles deram para o Corpo Governante sobre as entrevistas com os membros do pessoal da Redação, e sobre os passos subseqüentes da Comissão do Presidente para dar andamento aos processos de investigação e julgamento. Deram-me então duas fitas para eu levar e escutar, uma com a entrevista de duas horas do casal cubano (os Godínez) e a outra, mais curta, com a entrevista de uma Testemunha chamada Bonelli. Fiquei sabendo aí pela *primeira vez* da existência da fita de duas horas e que a tinham reproduzido perante o Corpo Governante mais de um mês antes. Achei quase absurdo que, depois de todo o estrago provocado nas vidas das pessoas desde quando se tocou essa fita, eles estivessem só agora persuadidos a deixar-me escutá-la, um dia antes de minha audiência na sessão plenária do Corpo Governante.

Levei as fitas ao meu escritório e escutei as gravações. Isso me fez passar mal. Dava-se a cada coisa uma impressão tão horrível. Não tinha dúvida de que os Godínez estavam procurando repetir as coisas conforme as haviam escutado, pois eu os conhecia e os tinha sempre achado pessoas decentes. Porém, à medida que Harley Miller os conduzia no decorrer da entrevista, eu ficava a perguntar-me: "Foram as coisas ditas a eles realmente apresentadas da maneira extrema como aparecem aqui?" Eu estava efetivamente impedido de tirar isso a limpo, uma vez que a Comissão do Presidente já havia dado instruções

quanto à formação das comissões judicativas, as quais haviam efetuado a desassociação daqueles envolvidos.

No final da fita, ouvi os três membros da Comissão do Presidente expressarem-se individualmente como satisfeitos por ter agora um quadro claro dos assuntos, e elogiando, primeiro, o casal entrevistado por sua lealdade ao passo que condenavam, em seguida, aqueles implicados. Isto aumentava ainda mais minha sensação de mal-estar. Como podiam fazer isto sem terem sequer falado com Cris Sánchez? Por que não estava ele ali? Por que René Vasquez foi de fato pego numa cilada mediante a sugestão de Harley Miller (expressa nesta mesma fita) de que Godínez telefonasse para René e procurasse ver "com tato" se ele falaria algo comprometedor? Qual era o interesse destes homens, o que buscavam? Seria ajudar sinceramente as pessoas, compreender o ponto de vista delas e trabalhar em prol de uma solução pacífica, buscar esclarecer os assuntos com o mínimo de dificuldade ou dor, por meio de conselho bondoso, de exortação à moderação e à prudência, se era disso que elas precisavam — ou seria criar um caso contra essas pessoas? Não encontrei nada em toda a fita que indicasse outro interesse a não ser esse último.

Se o conteúdo dessa primeira fita era ruim, o da segunda era muito pior. Os Godínez haviam expressado o que lembravam de uma conversa na casa deles e como as coisas ditas os deixaram impressionados e, como disse, creio que o fizeram de maneira muito sincera. A segunda fita estava quase que completamente cheia de boatos. Mas o aspecto mais desanimador de toda a gravação eram as manifestações feitas pelos entrevistadores da sede.

Bonelli era membro de uma congregação de língua espanhola próxima à de René. A fita começou com Albert Schroeder apresentando Bonelli como um homem que tinha sido "servo ministerial" (ou "diácono") em duas congregações anteriores, mas que, no momento, não exercia tal posição. Ele citou Bonelli como tendo dito que não estava designado como servo ministerial em sua congregação atual devido à atitude adversa de um dos anciãos de lá, chamado Angulo.

Bonelli passou a dar então testemunho contra este mesmo ancião que, segundo ele, tinha contribuído para que ele não fosse designado como servo ministerial. (Angulo foi um dos desassociados.) Disse também que, depois da Comemoração (a Refeição Noturna do Senhor)

em 31 de março, ele tinha ido à casa de René Vasquez, onde viu a esposa e a mãe dele participarem dos emblemas do pão e do vinho.[29] Bonelli acrescentou que ele participou também dos emblemas.

Esta última declaração gerou comentários de surpresa por parte dos seus entrevistadores, Albert Schroeder e representantes do Departamento de Serviço, Dave Olson e Harold Jackson. Bonelli passou a dizer como explicação — e cito aqui suas palavras exatamente como aparecem na fita: "Sou astuto". Ele disse que tinha ido à casa de René para obter informação sobre eles.[30]

Ele prosseguiu dizendo que tinha ouvido de outra Testemunha que o ancião chamado Angulo já tinha conseguido um prédio no qual ele e René realizariam reuniões, que eles já tinham batizado pessoas em sua nova crença.

Na realidade, não havia *uma só palavra de verdade* nestes boatos. Os interrogadores não perguntaram onde ficava o suposto local de reuniões ou quais eram os nomes das pessoas supostamente batizadas. Nada poderia ter sido fornecido se isto tivesse sido solicitado, pois tais coisas não existiam.

Mais adiante no decorrer da fita, Bonelli teve dificuldade em expressar certa coisa e Harold Jackson, que fala espanhol, fez com que ele o dissesse em espanhol e o traduziu em seguida para o inglês. Bonelli soltou uma risada e disse: "Meu inglês não é muito bom, mas a informação que estou fornecendo é boa." A voz de Dave Olson surgiu imediatamente dizendo: "Sim, irmão, você nos está fornecendo exatamente o que precisamos. Continue."

Quando ouvi essas palavras, foi como se caísse um peso esmagador sobre meu coração. Durante toda a entrevista, este homem não havia

---

[29] Antes da minha partida para tirar meu período de licença, René me contou que ele, sua esposa e sua mãe, sentiam todos conscienciosamente que deviam participar dos emblemas. Ele disse que tinha certeza que, se todos os três o fizessem no Salão do Reino, causaria muito falatório (é raro qualquer congregação de língua espanhola ter alguém entre eles que professe ser dos "ungidos"). Disse que achava que o meio de causar menos problema seria ele, sua esposa e sua mãe esperarem até depois da reunião da congregação e participarem dos emblemas tranqüilamente em casa. Acrescentou que Bonelli não estava na congregação deles e não foi convidado a acompanhá-los até em casa mas que ele mesmo lhe havia pedido para fazê-lo. (A mãe de René tinha, em certa ocasião, dirigido um estudo bíblico com Bonelli e o conhecia bem.)

[30] Pessoalmente, duvido que tenha sido essa a motivação dele na ocasião.

dito uma só coisa que pudesse ser considerada como de ajuda, se o objetivo era tentar ajudar às pessoas que tinham uma compreensão errada das Escrituras. Se o objetivo era apenas criar um caso judicativo, obter a evidência incriminante e condenatória, só então podia-se dizer que 'estava fornecendo exatamente o que precisavam'. Mas, mesmo a evidência fornecida era metade boato, sem fundamento, completamente falsa, e a outra metade só podia ser considerada como significativa se alguém defendesse a idéia de que uma organização religiosa tem o direito de proibir conversas particulares com amigos pessoais sobre a Bíblia, caso estas não adiram totalmente aos ensinos da organização, como também o direito de julgar as ações, guiadas pela consciência das pessoas mesmo quando realizadas na privacidade de seus próprios lares.

No final do testemunho gravado de Bonelli, Dave Olson lhe perguntou se podia fornecer nomes de outros "irmãos" que poderiam dar informação similares. Bonelli tinha dito que um grande número de pessoas ouviram falar sobre as crenças "apóstatas". Ele respondeu à pergunta de Olson dizendo que achava que conhecia um "irmão" em Nova Jersey que talvez pudesse dar alguma informação. Olson pediu o nome dele. Bonelli respondeu que não se lembrava, mas achava que poderia descobri-lo. Olson disse: "Mas deve haver muitos outros que podem prover a informação." Bonelli disse então que achava que conhecia algumas "irmãs" que talvez fossem capazes de fazê-lo. Quais eram os seus nomes? Isso, também, ele teria de averiguar.

Albert Schroeder expressou então agradecimento a Bonelli por sua cooperação em testemunhar e aconselhou-o a 'manter-se espiritualmente forte por assistir às reuniões regularmente', e acrescentou que, se Bonelli soubesse de qualquer outra informação, deveria vir até eles com tal informação.

Em minha opinião, nada expressa com maior clareza e força a direção tomada em todo o processo da investigação, interrogatório e condenação final do que esta fita em particular. Posso acreditar que não haveria nada de maior ajuda para as Testemunhas de Jeová, em toda a parte, quanto a ter uma visão equilibrada e imparcial do que aconteceu, do "clima" predominante, de como os homens ligados ao "canal" de Deus na sede se comportaram, do que ouvirem esta fita e a compararem com o que a organização lhes tem informado até então ou com o que tenham ouvido por meio de tagarelice. Mas deveriam ter

também o direito de fazer perguntas quanto ao que foi feito para se verificar o depoimento deste homem, para separar os fatos dos boatos, e também o direito de perguntar por que este tipo de depoimento foi considerado pelos homens da sede como de tanto valor, *"exatamente o que precisavam"*.

A probabilidade de a organização fazer isso, permitir que esta fita pudesse ser ouvida (sem que nenhuma parte dela fosse apagada) e que se levantassem perguntas, é, creio eu, virtualmente inexistente. Acredito pessoalmente que eles prefeririam destruí-la a permitir que isso acontecesse. Eu ainda não entendo por que a Comissão do Presidente não se sentiu envergonhada em me deixar ouvi-la como fizeram.

O Corpo Governante sabia que, dias depois da desassociação dos membros do pessoal da sede, rumores semelhantes aos contidos nesta fita começaram a circular dentro da família de Betel. Os "apóstatas" estavam formando sua própria religião, tinham realizado reuniões separadas, batizado pessoas, e que sua nova crença levava o nome de "Filhos da Liberdade" — estas e outras expressões similares faziam parte da conversa geral. Eram também totalmente falsas. Os membros do Corpo Governante que presidiam as discussões bíblicas matinais faziam muitos comentários sobre os "apóstatas", mas não acharam conveniente expor a falsidade dos boatos em circulação. Esses boatos passavam sem ser refreados e se espalharam eventualmente pelo mundo inteiro. No entanto, toda Testemunha que os passava adiante estava levantando, mesmo sem perceber, falso testemunho contra seu próximo. Os únicos que estavam em condições de expor a falsidade desses boatos e, portanto, de fazer parar o falso testemunho eram os membros do Corpo Governante. Por que preferiram não fazer isso, só eles sabem. Não tenho dúvidas de que, entre eles, havia alguns que acreditavam honestamente nas coisas que ouviam como sendo reais. Mas creio que, em sua posição e com sua carga de responsabilidade, tinham a obrigação de investigar e auxiliar outros a compreender que isso não era verdade, era ficção, e não apenas ficção, mas ficção prejudicial e até maldosa.

Não pretendo argumentar que os erros de julgamento estiveram todos de um só lado. Não tenho a menor dúvida de que houve, entre alguns de nós "trazidos a julgamento", casos de declarações insensatas. A evidência indica que algumas das declarações mais extremas foram

feitas por um homem que, ao ser abordado, ofereceu-se rapidamente para tornar-se 'testemunha de acusação', depondo contra um co-ancião. Eram pessoas que eu desconhecia totalmente.[31]

Não teria sido impróprio a sede ter feito pelo menos alguma investigação do assunto em resultado da informação que lhe foi trazida à atenção. Fazer isso teria sido inteiramente natural. Se eles criam que aquilo que ensinavam era a verdade da parte de Deus, estaria errado deixar de fazê-lo.

O que acho muito difícil de entender e harmonizar com as Escrituras é a *maneira* em que se fez isto, a reação precipitada, a pressa, os métodos empregados — como encobrir e reter informações de pessoas cujos interesses vitais estavam intimamente envolvidos, cuja reputação estava em jogo, as abordagens ardilosas empregadas para conseguir informação prejudiciais, a coação por meio da ameaça de desassociação a fim de conseguir "cooperação" na obtenção de evidência incriminante — e, acima de tudo, o espírito demonstrado, o despotismo opressivo, o tratamento insensível e legalista, e a severidade das ações tomadas. Quaisquer que tenham sido as declarações insensatas feitas por alguns dos que foram 'submetidos a julgamento', acho que os fatos mostram que foram ultrapassadas em muito pelos meios usados ao tratar do assunto.

Como na Inquisição, todos os direitos estavam nas mãos dos inquisidores, os acusados não tinham nenhum. Os investigadores achavam que tinham o direito de fazer qualquer pergunta e, ao mesmo tempo, de recusar-se a responder às perguntas que lhes eram formuladas. Insistiam em manter seus procedimentos judicativos em segredo, completamente longe das vistas de qualquer outra pessoa e, no entanto, reivindicavam o direito de investigar as conversas particulares e as atividades daqueles a quem interrogavam. Seu segredo judicativo era legítimo, era o exercício da "confidencialidade", seu uso de evasivas significava simplesmente ser "prático", estratégico, mas os esforços dos acusados em manter a privacidade de suas conversas pessoais eram classificados como sendo desonestos, como evidência de uma conspiração às escondidas. Eles esperavam que suas ações fossem encaradas como evidência de seu zelo por Deus, a favor da "verdade revelada", ao passo que suspeitavam, ao mesmo

[31] Estes anciãos eram da congregação vizinha à que René freqüentava.

tempo, do pior em tudo que os acusados tivessem feito, não faziam nenhuma concessão à sinceridade deles em querer pôr Deus em primeiro lugar, ao amor deles à verdade, mesmo quando essa verdade estivesse em contradição com os ensinos tradicionais.

Quando René Vasquez, por exemplo, ao ser interrogado, se esforçou em expressar-se de maneira comedida, não dogmática, em demonstrar que não tinha nenhum desejo de transformar assuntos doutrinais de somenos importância em questões de debate inflamado, em esclarecer que não estava insistindo que alguma outra pessoa visse as coisas do modo dele ou adotasse suas idéias, descobriu que isto não era satisfatório para os membros da comissão judicativa. Eles procuraram encurralá-lo em suas opiniões mais íntimas, em suas crenças pessoais. Conforme ele o expressou, quando uma pergunta de um lado não alcançava este objetivo, então uma pergunta vinda de outra direção tentava forçá-lo a alguma resposta categórica. Na sua audiência diante da primeira comissão judicativa, outro ancião, chamado Benjamim Angulo, estava também "em julgamento". Angulo foi muito positivo, e até inflexível, em muitas de suas declarações. Quando René falou em termos moderados, um dos membros da comissão, Harold Jackson, lhe disse: "você nem sequer é um bom apóstata". Ao dizer que René não defendia claramente suas crenças, Jackson prosseguiu:

> Observe Angulo, ele as defende. Você falou a Angulo sobre estas coisas e veja como ele agora fala delas. Ele pode ser desassociado, e você ainda nem se definiu acerca destes pontos.

Na segunda audiência com a comissão de apelação, como foi demonstrado, os esforços de René em ser moderado provocaram a expressão "hogwash" ("bobagem"). Brandura, moderação, disposição de ceder onde as questões permitem, estas qualidades não fornecem uma boa evidência para desassociar pessoas como "apóstatas" rebeldes. Entretanto, estas são qualidades que fazem parte da natureza de René Vasquez, e aqueles que o conhecem sabem que isto é verdade.

Dois anos depois de sua desassociação, conversei com René sobre o caso todo e perguntei-lhe como se sentia agora quanto a ter falado a outros sobre o que via nas Escrituras. O que diria ele a alguém que lhe apresentasse o argumento de que, como no caso de alguém que

trabalhe para uma organização comercial, deveria defender todas as suas normas enquanto fizesse parte dessa organização e, se não pudesse defendê-las, deveria primeiro deixá-la antes de falar qualquer coisa. Sua resposta foi:

> Mas aí se tratava duma organização comercial e eu não pensava nas coisas nestes termos. Via o assunto como envolvendo uma relação mais elevada, uma relação com Deus. Eu sei quais eram meus sentimentos naquela ocasião e o que se passava no meu coração, e ninguém pode me desmentir. Se eu estivesse envolvido em alguma maquinação, por que o negaria agora? Quando vieram as audiências, orei para não ser desassociado. Os outros fizeram o mesmo. Ainda assim, aconteceu.
>
> Se fosse minha vontade continuar na organização simplesmente para praticar proselitismo, eu seria agora um militante. Onde está a 'seita' em prol da qual eu estava trabalhando? Onde estão os efeitos posteriores que provam que essa era a minha meta? Até o dia de hoje, mesmo quando pessoas puxam conversa comigo, depois de tudo o que aconteceu, prefiro esperar que elas tomem a iniciativa de comunicar-se comigo novamente em vez de eu mesmo fazê-lo.
>
> Se tivesse que fazer tudo novamente, eu estaria enfrentando o mesmo dilema. Sinto que tirei tanto proveito do que aprendi das Escrituras que resultou ser uma bênção ter as coisas esclarecidas e ser levado a achegar-me mais a Deus.
>
> Se eu tivesse algum "esquema", poderia ter programado o modo em que iria fazer as coisas. Entretanto, o que fiz foi simplesmente humano e procedi segundo a reação humana. Esse fator humano teve precedência sobre o temor a uma organização. Nunca foi idéia minha dissociar-me das Testemunhas. Só estava me regozijando com o que estava lendo na Bíblia. As conclusões a que cheguei foram o resultado de minha leitura pessoal da Bíblia. Não estava de maneira alguma procurando ser dogmático.
>
> A pergunta que faço é: depois de todos estes trinta anos como Testemunha, dos sentimentos que eu tinha de misericórdia e compaixão, por que não foram estes demonstrados *por eles*? Que razão justifica a maneira sutil e maliciosa com a qual as perguntas foram feitas? As audiências foram realizadas como se tivessem o objetivo de juntar informações que provassem a culpa, não o de ajudar a um irmão "em erro".

Um boato difundido ampla e internacionalmente, era que estes três homens (Vasquez, Sánchez e Kuilan), que trabalhavam todos no departamento de tradução para espanhol, estavam fazendo deliberadamente mudanças na matéria enquanto traduziam e que eu sabia disso e o havia consentido. (Nos países de língua francesa, o boato foi adaptado para aplicar-se ao trabalho de tradução para o francês.) Os comentários de René neste respeito foram:

> Isso é ridículo. Teria sido impossível fazer tal coisa. Não foram feitas mudanças e isso nunca passou pelas nossa mente. Ninguém jamais nos acusou disso. Tudo o que era traduzido tinha de passar por umas cinco pessoas diferentes para ser conferido, sendo Fábio Silva o último a lê-lo. Na tradução, era sempre necessário esforçar-se para ser fiel à idéia original.[32]

O boato mais vil, provavelmente, espalhado por anciãos e outros em várias partes dos Estados Unidos como "verdade", era que estava sendo praticado homossexualismo entre os "apóstatas". De onde surgiu uma mentira tão vulgar, é difícil imaginar. A única explicação que posso imaginar é que, cerca de um ano antes de iniciarem-se as táticas de inquisição, um membro da organização em posição de considerável responsabilidade havia sido acusado de tendências homossexuais. O Corpo Governante cuidou do caso e procurou manter este assunto em sigilo. Mesmo assim, parece que circulou realmente alguma conversa. Nas esteiras dos boatos, as ações deste homem foram então transferidas para os "apóstatas". Isto era fácil de fazer, já que boateiros raramente se importam com os fatos. Não posso imaginar nenhuma outra explicação plausível.

Por que pessoas que se orgulham de seus elevados princípios cristãos espalhariam boatos tão vis quando não tinham absolutamente nada em que se basear a não ser tagarelice? Creio que, em muitos casos, foi simplesmente porque muitos sentiam uma necessidade de

[32] Não só era tudo conferido por várias pessoas diferentes em Brooklyn, mas ainda por muitos da equipe dos escritórios de filial nos países de língua espanhola, que sabia inglês e lia as publicações em ambos os idiomas. Se tal acusação de alteração deliberada tivesse sido verdadeira, teria sido relatada imediatamente. Pensar o contrário revela simplesmente uma ignorância dos fatos ou falta de preocupação com os fatos por parte dos que deram origem aos rumores e os espalharam.

justificar de alguma maneira, em suas próprias mentes e corações, o que tinha acontecido. Precisavam ter razões, diferentes das verdadeiras, para explicar porque foram tomadas ações tão sumárias e severas contra pessoas de reputação imaculada, a quem até seus associados mais íntimos reconheciam como pessoas pacíficas, não agressivas. Ver o terrível rótulo de "apóstata" colocado de repente sobre estas pessoas requeria *algo mais* do que aquilo que os fatos relacionados com o assunto admitiam. Sem tais boatos, os que conheciam estas pessoas, e outros que ficaram sabendo sobre elas, teriam se sentido obrigados a encarar a possibilidade de que a organização, que viam como único canal de comunicação e orientação de Deus na terra, não fosse talvez aquilo que pensavam que era. Para muitos, isto significava conceber o inconcebível. Poderia perturbar severamente seu sentimento de segurança, uma segurança que se apóia em grande parte (muito mais do que a maioria estaria disposta a reconhecer) em sua confiança inquestionável numa organização humana.

EXPERIÊNCIA SEMELHANTE A DO SINÉDRIO

> *O que se requer deste encarregados é que sejam fiéis. Pouco me importa ser julgado por vocês, ou por qualquer tribunal humano; de fato nem eu julgo a mim mesmo. Embora em nada minha consciência me acuse, nem por isso, justifico a mim mesmo; o Senhor é quem me julga.* — 1 Coríntios 4:2-4, *Nova Versão Internacional*.

Quando cheguei a Brooklyn, toda a informação que me havia sido negada foi-me fornecida numa única e grande dose. Eu deveria comparecer perante o Corpo Governante em sessão plenária na manhã seguinte.

Posteriormente, pude recapitular a informação e ver exatamente o que fora feito, o programa de ação seguido e os métodos empregados. Na ocasião, porém, tudo isso criou em mim apenas uma sensação de choque. Não havia meio de indagar dos envolvidos se o que me estava sendo agora transmitido era mesmo verdade — eles já tinham sido desassociados, seu testemunho não mais podia ser aceito pelo Corpo.

Ainda achava difícil acreditar que pessoas, pessoas essas com quem compartilhei a herança religiosa de toda uma vida, chegassem a fazer o que as via fazendo. Os sentimentos que tive ao ir à sede em Brooklyn

eram estranhamente comparáveis ao que tive quando fazia as viagens à República Dominicana, durante o regime do ditador Trujillo. Em Porto Rico, meu ponto de partida, era tudo tão livre e à vontade; as pessoas na rua ou nos transportes públicos conversavam sem nenhum sentimento de restrição. Mas tão logo o avião em que eu ia, aterrissava no aeroporto do que se chamava então Ciudad Trujillo (agora São Domingos), a mudança era quase palpável. As pessoas eram tão cautelosas quanto ao que diziam que, nos transportes públicos, as conversas eram mínimas, pois todos estavam temerosos de que qualquer observação viesse a ser entendida como algo desfavorável em relação ao ditador e fosse comunicada pelo sistema de espionagem que proliferava durante esse regime. As conversas e o intercâmbio de idéias, que eram considerados completamente normais em Porto Rico, eram práticas perigosas na República Dominicana, capazes de trazer sobre alguém o rótulo de inimigo do estado. Em certo país, um homem podia expressar uma opinião diferente daquela da maioria e não sentir preocupação alguma de vir mais tarde a saber que foi citado por alguém. Em outro, um homem que expressasse qualquer pensamento que não se conformasse com a ideologia existente achar-se-ia depois recriminando a si mesmo, sentindo-se como se tivesse cometido algum erro, algo de que devia sentir-se culpado, e com o pensamento de que ser citado por alguém fosse uma coisa agourenta. Neste último caso, a questão não era se o que alguém havia dito era verdade; não era se sua declaração tinha motivos honestos e era moralmente correta. A questão era: como seria entendida por aqueles no poder?

Qualquer sensação deste último tipo que eu tivera na sede antes da primavera de 1980 fora apenas passageira, momentânea. Agora ela me rodeava, parecia sobrepujante. A visão adotada pelos que exerciam a autoridade governante tornou-se óbvia pelo relato que me foi fornecido pela Comissão do Presidente e pelas observações que eles e os homens do Departamento de Serviço tinham feito nas fitas. Pela atmosfera altamente emocional e o clima de suspeita que haviam se desenvolvido, era difícil imaginar que o que eu ou os outros tinham dito pudesse ser visto de alguma forma, diferente da maneira áspera em que estes homens a haviam expressado. Ter em mente que aquilo que podia ser condenado como heresia do ponto de vista da organização, podia, do ponto de vista da Palavra de Deus, ser correto, próprio e bom, era difícil, particularmente depois de uma vida de

serviço intenso na organização. Eu sabia que não tinha procurado ninguém para falar sobre estas coisas; as pessoas se chegaram a mim e eu me senti na obrigação de dirigir sua atenção à Palavra de Deus como fonte das respostas, mesmo que essas respostas ali encontradas fossem diferentes daquelas recebidas dos homens que detinham a autoridade.

Tinha certeza de que a grande maioria dos homens diante dos quais eu teria de comparecer veriam o assunto de um ponto de vista estritamente organizacional. Se, logo do início, se tivesse adotado algum outro ponto de vista, eu não teria dúvida de que todo o assunto poderia ter sido resolvido de maneira discreta, pacífica e simples, por meio de uma conversa amigável e fraterna, encorajando-se à moderação caso se tivesse usado alguma linguagem exagerada, exortando-se à restrição de forma considerada onde esta tivesse sido exercida sem reflexão. Por evitar-se confrontações condenatórias, recusando-se a recorrer a métodos arbitrários e a abordagens legalistas, não teria sido necessário que as conversas reservadas e os incidentes que envolveram um diminuto punhado de pessoas explodissem, alcançando proporções tamanhas a ponto de tornar-se um caso notório, um assunto de ampla repercussão, com impacto violento sobre a vida de muitas pessoas, chegando a produzir repercussões e tagarelice em escala mundial.

Ao comparecer perante o Corpo Governante, não tinha o menor desejo de jogar mais lenha na fogueira que já ardia furiosamente. Ela já havia consumido alguns amigos muito amados. Estava disposto a reconhecer que algo que eu deplorava pessoalmente — declarações de natureza extrema e dogmática — podia ter sido feito por alguns dos envolvidos, embora eu não tivesse como determinar nessa ocasião até que ponto isto era verdade, pois se relacionavam primariamente a pessoas com quem eu não fizera qualquer consideração sobre a Bíblia, algumas das quais nem sequer conhecia.

Na quarta-feira, 21 de maio, foi aberta a sessão sob a presidência de Albert Schroeder. Ele declarou inicialmente que a Comissão do Presidente me havia perguntado se eu estava disposto a aceitar que a discussão com o Corpo Governante fosse gravada e que eu havia concordado, na condição de que me fosse providenciada uma cópia da gravação.

O salão de conferências do Corpo Governante tinha uma longa mesa ovalada, capaz de acomodar cerca de vinte pessoas sentadas em volta dela. O Corpo completo de dezessete membros estava presente. Com exceção de Lyman Swingle, que se sentou à minha esquerda, nenhum membro tinha conversado comigo. No dia anterior, ninguém (nem mesmo o membro que era meu parente) me tinha visitado, quer em meu escritório quer em meu quarto. Se existia qualquer cordialidade ou compaixão fraternal no salão de conferências do Corpo Governante, não pude discernir. Só senti as sensações que sentia no passado quando comparecia a julgamentos em tribunais seculares, com a exceção de que, nesses casos, eu me sentia mais livre para falar e sabia que outras pessoas estavam presentes, as quais podiam testemunhar o que era dito e as atitudes expressas. Esta, ao contrário, era uma sessão a portas fechadas, secreta; a atitude demonstrada parecia apenas confirmar o que René Vasquez me havia falado sobre a atitude manifestada para com ele.

O presidente disse que o Corpo queria primeiramente que eu me expressasse sobre cada um dos oito pontos que a Comissão do Presidente tinha esboçado como evidência de apostasia (em seu memorando de 28 de abril). Fiz isso, esforçando-me em cada caso para ser moderado, não dogmático, tão transigente e conciliatório quanto podia ser, sem ir contra minha consciência por ser desonesto ou hipócrita. A forma absolutista em que estes foram apresentados pela Comissão do Presidente em seu memorando — como se alguém devesse aceitar totalmente o ensino da organização sobre estes pontos ou, do contrário, entendê-los de maneira dogmática como estavam expressos no memorando — simplesmente não se encaixava no meu caso. A questão não era se Deus tinha uma "organização" na terra, porém, *que tipo* de organização? Uma organização centralizada, altamente estruturada, autoritária, ou simplesmente uma congregação de irmãos, onde a única autoridade é a autoridade para ajudar, orientar, servir, nunca dominar? Portanto, minha resposta foi que eu cria que Deus tinha uma organização na terra no sentido de que ele tinha uma congregação na terra, a congregação cristã, uma irmandade.

A questão não era se Deus tinha guiado (ou guiaria) os que compõem o Corpo Governante, mas até que ponto, e sob que condições? Eu não duvidava ou questionava que Deus desse sua orientação a estes homens se isto fosse sinceramente buscado (eu

achava que algumas das decisões adotadas, particularmente nos anos anteriores, tinham sido decisões boas, decisões compassivas), mas não achava que isto fosse de modo algum automático; era sempre algo condicional, dependente de certos fatores. Assim, a minha resposta incluiu a declaração de que eu acreditava que tal orientação era sempre determinada pela mesma proporção em que se aderia à Palavra de Deus; que, nessa proporção, Deus dava sua orientação ou a retirava. (Penso que isso se aplica ao caso de qualquer indivíduo ou grupo de pessoas, não importa quem seja.)

As minhas respostas a todas as perguntas foram expressas desta maneira. Se algum dos acusados tivesse falado sobre estes assuntos da maneira dogmática e absolutista em que a Comissão do Presidente os apresentara, sentia então o desejo de fazer qualquer coisa possível para restaurar certa medida de razoabilidade e moderação, para conciliar em vez de exacerbar. Portanto, curvei-me até onde me foi possível.

As outras perguntas feitas a mim foram relativamente poucas. Lyman Swingle perguntou qual era a minha opinião quanto aos livros de comentários bíblicos, pelo que deduzi que isto já havia sido tema de discussão entre os do Corpo. Respondi que tinha começado a usá-los mais extensamente em resultado das recomendações de meu tio durante o projeto do livro *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* e que, se a opinião era que não se devia usá-los, havia então seções inteiras na biblioteca de Betel que precisariam ser esvaziadas, já que havia dúzias e dúzias de coleções de comentários lá.

Martin Poetzinger, que tinha passado vários anos em campos de concentração durante o regime nazista, expressou insatisfação com minhas respostas à série de oito perguntas doutrinais. Como podia ser, perguntou ele, que eu me sentisse da maneira como me expressei se estas outras pessoas estavam fazendo declarações tão veementes? (Assim como os outros, ele nunca tinha falado pessoalmente com nenhuma delas.)[33] Respondi que não podia ser responsável pela maneira como os outros pudessem ter expressado as coisas, e dirigi a atenção dele para Romanos 3:8 e para 2 Pedro 3:15, 16, como exemplos de como até as declarações do apóstolo Paulo foram expressas ou entendidas erroneamente por alguns. Embora não o tenha

[33] Lloyd Barry também manifestou insatisfação similar, ao dizer que eu tinha "procurado confundi-los" com relação a cada um dos oito pontos esboçados pela Comissão do Presidente como prova de "apostasia".

dito, senti francamente que minha situação era semelhante à descrita em Lucas 11:53, como estando entre homens que estavam 'me fazendo perguntas sobre muitos assuntos procurando tirar das minhas próprias palavras motivos para me acusar'.[34] A conduta do Corpo durante as semanas anteriores não dava margem a que me sentisse de outro modo.

Poetzinger prosseguiu externando sua opinião com relação aos "apóstatas" desassociados, dizendo, com grande emoção, que eles tinham demonstrado sua verdadeira atitude por "jogar sua literatura da Torre de Vigia no lixo antes de irem embora!" (Este foi um dos rumores que circulou mais amplamente entre a família de Betel. De fato, isto foi relatado certa manhã para a inteira família de Betel por um membro do Corpo Governante.) Eu disse a Martin Poetzinger que jamais desejaria chegar a uma conclusão sem ter falado com os envolvidos para saber dos fatos. Eu disse que, durante os quinze anos em que estivera na sede, era raro alguém entrar num dos setores que continham cestos de lixo e não ver montes de literatura da Sociedade — revistas e livros mais antigos — descartados pelos membros da família; e que, pelo que eu tinha ouvido, alguns dos desassociados do pessoal de Betel estavam partindo de avião para Porto Rico e que os itens mais pesados, e os de mais fácil reposição, seriam tais livros. Repeti que não achava certo fazer um julgamento com base em boatos e que, particularmente, achava impróprio que alguém, sentado como juiz, agisse dessa maneira. Ele olhou fixamente para mim mas não disse mais nada.

Fez-se outra pergunta com relação à Comemoração (a Refeição Noturna do Senhor) que eu havia dirigido no mês anterior (abril) em Homestead, Flórida.[35] Era verdade que eu não tinha falado sobre as "outras ovelhas" (os com esperança terrena) em meu discurso lá? Eu disse que isso era verdade, e relatei-lhes minha experiência no primeiro ano após minha vinda para Brooklyn procedente da República Dominicana. Minha esposa e eu tínhamos assistido à Comemoração numa congregação que realizou esta reunião bem cedo da noite. Assim, retornamos ao lar de Betel a tempo de ouvir meu tio, o então vice-presidente, dar todo o seu discurso. Depois do discurso, fomos convidados, juntamente com meu tio, para ir ao quarto de um membro

[34] *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.

[35] As Testemunhas de Jeová realizam esta cerimônia unicamente como celebração anual, mais ou menos na data da páscoa judaica.

da sede, Malcolm Allen. Nesta ocasião, minha esposa disse a meu tio: "Observei que você não mencionou as 'outras ovelhas' em parte alguma do seu discurso. Por que foi isso?" Ele respondeu que considerava a noite como sendo especial para os "ungidos" e acrescentou: "Dessa forma, simplesmente me concentrei neles." Informei ao Corpo que ainda possuía minhas anotações feitas desse discurso do vice-presidente e que as tinha usado muitas vezes ao dirigir reuniões da Comemoração. Eles eram bem-vindos quanto a examiná-las se desejassem. (Fred Franz naturalmente estava presente caso se interessassem em interrogá-lo acerca de seu discurso.) O assunto foi posto de lado.[36]

Minha expressão de pesar pelo que tinha acontecido, baseada na premissa de que algumas pessoas tinham sido aparentemente extremadas em suas declarações, era sincera. Disse ao Corpo que, se eu tivesse sido informado a respeito da situação, teria feito tudo que estivesse a meu alcance para impedi-la. Não neguei que se tinha demonstrado insensatez, nem excluí a mim mesmo ao dizer isto, mas afirmei que achava que era errado igualar o que é insensato ao que é malicioso. Expressei meu respeito e minha confiança nas qualidades cristãs daqueles que eu conhecia pessoalmente, que eram vistos e tratados como se tivessem agido com malícia. Narrei-lhes o que sabia sobre os trinta anos de serviço de René Vasquez, sua devoção sincera, seu histórico impecável em Porto Rico, na Espanha e nos Estados Unidos. Também expressei meu desalento diante de que, depois de ter vivido e trabalhado com eles como companheiros no Corpo por tantos anos, nenhum deles tinha achado apropriado comunicar-se comigo e transmitir honestamente os fatos com relação ao que estava acontecendo.

Schroeder, que servia como presidente, foi o único a responder. Disse rapidamente: "Mas Ray, você não foi também completamente franco conosco. Você não disse [na conversa telefônica] de que

[36] Típico dos rumores que circulavam (e me escreveram perguntando sobre isto até da Nova Zelândia) era que eu tinha dado um discurso encorajando todos a participarem dos emblemas e que uma congregação inteira o havia feito (o que seria na verdade um evento espetacular para as Testemunhas de Jeová). Entretanto, o fato é que, no discurso que proferi na Flórida em abril de 1980, houve só duas pessoas que participaram dos emblemas, eu e uma mulher visitante que não era Testemunha mas membro de uma igreja local.

maneira ficou sabendo da investigação do Departamento de Redação." Repliquei: "Você me perguntou?" "Não", foi sua resposta. "Se você tivesse perguntado, eu lhe teria dito sem hesitação. Ed Dunlap me telefonou e fez menção dela." Pouco depois, Karl Klein, outro membro do Comissão do Presidente, reconheceu sorrindo que "Não fomos totalmente francos com Ray", e acrescentou que "se René Vasquez tivesse respondido às perguntas da maneira como Ray fez, ele não teria sido desassociado". Já que nem Karl, nem qualquer outro membro de todo o Corpo Governante havia feito esforço algum para falar com René, para assistir à primeira entrevista "investigativa" feita com ele, ou à primeira audiência judicativa com ele, ou à audiência de apelação com ele, eles só podiam julgar as respostas dele pelos relatórios que lhe foram passados por aqueles que realizaram tais diligências por eles. Como achavam eles que podiam julgar ou fazer uma avaliação com base em tais informações de segunda-mão? Isto eu não podia compreender. A Comissão do Presidente, da qual Karl Klein fazia parte, estivera disposta a tirar tempo para reunir-se com os acusadores, para ouvir as acusações apresentadas, inclusive o depoimento adverso dado pelo casal Godínez e por Bonelli, mas seus membros *não tinham achado tempo para conversar com um só dos acusados*. Acho difícil ver nisto uma expressão exemplar do amor fraternal, do sentimento de companheirismo ou compaixão.

A maioria dos integrantes do Corpo simplesmente ficou sentada escutando, sem fazer nenhuma pergunta, nenhum comentário. Depois de duas ou três horas (eu estava tão afetado emocionalmente que não me dei conta do tempo), fui informado de que podia deixar o salão de conferências e que eles entrariam em contato comigo. Fui para meu escritório e esperei. Chegou o meio-dia e, ao olhar pela janela, vi os membros do Corpo Governante caminharem através do jardim em direção ao refeitório. Não tinha nenhuma vontade de comer e continuei esperando. Às três horas da tarde, eu me sentia tão esgotado que não agüentei continuar lá e fui para meu quarto. As semanas anteriores, a conversa telefônica com o presidente do Corpo e o choque que me sobreveio ao descobrir quão enganosa tinha sido esta, a angústia expressa na infinidade de chamadas telefônicas dos que estavam sendo submetidos a intenso interrogatório e pressão, a rapidez e a inflexibilidade das desassociações que se seguiram e, acima de tudo, o contínuo silêncio por parte do Corpo Governante quanto a informar-me

sobre um só de todos estes desdobramentos, tinham agora culminado na minha experiência dessa manhã, com a frieza demonstrada e as horas de espera que se seguiram. À noitinha, acabei fisicamente doente.

Nessa mesma noite, recebemos em nosso quarto uma chamada telefônica do presidente Schroeder me pedindo para reunir-me com o Corpo para uma sessão noturna de mais perguntas. Minha esposa tinha atendido ao telefone por mim e eu lhe pedi para informá-lo que eu estava simplesmente muito mal para ir e que eu já havia dito o que tinha a dizer. Eles podiam tomar sua decisão com base no que tinham ouvido.

Mais tarde naquela noite, Lyman Swingle, que morava dois andares acima do nosso, apareceu para ver como eu estava me sentindo. Fiquei muito agradecido por isto e contei-lhe quão estressante esse período de muitas semanas havia sido. Disse-lhe que o que me preocupava mais profundamente não era qual a ação que o Corpo podia tomar com relação a mim, mas como as verdades maravilhosas da Palavra de Deus tinham sido retratadas como tendo uma aparência desagradável. Foi isso que dei a entender então, e ainda sinto que o aspecto mais sério de tudo o que aconteceu foi o modo como uma série de ensinos organizacionais foi usada como critério para avaliar as declarações óbvias da Bíblia e que essas declarações facilmente compreendidas (só por não se conformarem ao "padrão" organizacional de interpretação) foram retratadas como ensinos deturpados, que davam evidência de "apostasia".

Eu tinha em mente declarações óbvias e, ainda assim, maravilhosas da Palavra de Deus tais como:

> Um só é o vosso instrutor, ao passo que todos vós sois irmãos.
>
> Não estais debaixo de lei, mas debaixo de benignidade imerecida.
>
> Todos os que são conduzidos pelo espírito de Deus, estes são filhos de Deus.
>
> Há um só corpo e um só espírito, assim como também fostes chamados em uma só esperança a que fostes chamados; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por intermédio de todos, e em todos.
>
> Pois, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este copo, estais proclamando a morte do Senhor, até que ele chegue.

> Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e homens, um homem, Cristo Jesus.
>
> Não vos cabe obter conhecimento dos tempos ou das épocas que o Pai tem colocado sob a sua própria jurisdição.[37]

Em contraste, os oito pontos usados pela Comissão do Presidente como uma espécie de "Confissão de Fé" pela qual julgar as pessoas, *não tinham um único ponto* em que o ensino envolvido da Sociedade pudesse ser apoiado por declarações simples e precisas das Escrituras. Que declaração óbvia das Escrituras pode alguém, seja ele membro do Corpo Governante ou outra pessoa qualquer, apontar e dizer, "Aqui a Bíblia diz claramente":

1. Que Deus tem uma "organização" na terra — uma do tipo aqui em questão — e que usa um Corpo Governante para dirigi-la? *Onde faz a Bíblia tais declarações*?
2. Que a esperança celestial não está disponível a toda e qualquer pessoa que a adote, que ela foi substituída por uma esperança terrena (desde 1935) e que as palavras de Cristo com relação ao pão e vinho emblemáticos, "Fazei isto em memória de mim", não se aplicam a todas as pessoas que depositam fé em seu sacrifício resgatador? *Que textos bíblicos fazem tais declarações*?
3. Que o "escravo fiel e discreto" é uma "classe" composta só de certos cristãos, que não pode ser aplicado a indivíduos, e que esta opera por meio de um Corpo Governante? *Novamente, onde faz a Bíblia tais declarações*?
4. Que os cristãos estão divididos em duas classes, com uma relação diferente com Deus e Cristo, com base num destino terreno ou celestial? *Onde se diz isto*?
5. Que os 144.000 em Revelação *devem* ser entendidos como um número literal e que a "grande multidão" não se refere, e nem pode se referir, a pessoas que servem nas cortes celestiais de Deus? *Em que parte a Bíblia diz isto*?
6. Que os "últimos dias" começaram em 1914, e que quando o apóstolo Pedro (em Atos 2:17) falou dos últimos dias como se aplicando de Pentecostes em diante, não se referia aos mesmos "últimos dias" que Paulo mencionou (em 2 Timóteo 3:1)? *Onde*?

---

[37] Mateus 23:8; Romanos 6:14; 8:14; Efésios 4:4-6; 1 Coríntios 11:26; 1 Timóteo 2:5; Atos 1:7.

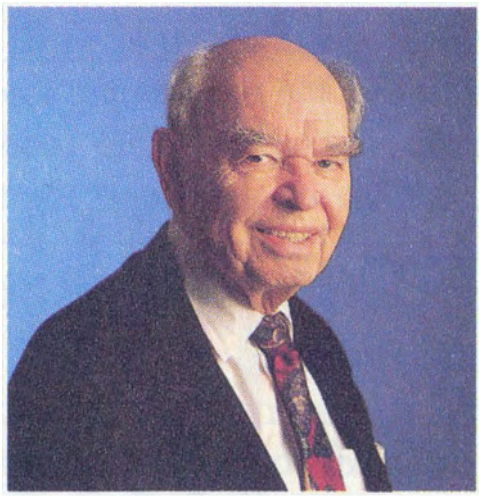
7. Que o ano de 1914 foi o ano em que Cristo foi oficialmente entronizado pela primeira vez como Rei sobre toda a terra e que essa data do calendário marca o início de sua *parousia*? *Onde*?
8. Que quando a Bíblia diz em Hebreus 11:16 que homens tais como Abraão, Isaque e Jacó estavam "procurando alcançar um lugar melhor, isto é, um pertencente ao céu", não há *possibilidade* alguma disto significar que eles teriam vida celestial? *Onde*?

Nem um único ensino da Sociedade aí considerado podia ser apoiado por qualquer declaração óbvia e direta das Escrituras. Cada um destes exigiria por sua vez explicações complicadas, combinações complexas de textos e, em alguns casos, o que se poderia considerar como uma ginástica mental, na tentativa de apoiá-lo. Mesmo assim, estes ensinos foram usados para julgar o cristianismo das pessoas, foram apresentados como base para determinar se as pessoas que tinham devotado suas vidas ao serviço de Deus eram apóstatas!

Na manhã seguinte à minha audiência perante o Corpo Governante, o presidente Schroeder veio a meu quarto com um gravador para gravar minha resposta sobre um depoimento adicional dado por um membro da equipe, Fabio Silva, que relatou coisas ditas a ele por René Vasquez certo dia enquanto René o trazia do aeroporto. Eu disse que não tinha nada a comentar em relação a tal testemunho baseado em "disse-me-disse".

Passaram-se as horas da manhã. Senti que precisava sair daquele lugar e da atmosfera opressiva que havia nele. Quando percebi que o período do almoço tinha terminado, saí do meu quarto, subi as escadas e consegui falar com Lyman Swingle enquanto ele ia do elevador a caminho do quarto dele. Perguntei-lhe quanto tempo eu ainda teria de esperar. Ele me disse que se tinha chegado a uma decisão e que eu seria notificado naquela tarde. Suas observações me deram motivo para pensar que alguns membros tinham insistido fortemente na minha desassociação e, enquanto falava comigo, subitamente seu rosto ficou muito contraído e falou, "Não consigo compreender como alguns homens pensam. Lutei, oh, como eu lutei..." — e então seus lábios se comprimiram, seus ombros se agitaram, e ele começou a soluçar abertamente. Vi-me de repente tentando consolá-lo, assegurando-lhe que eu realmente não dava assim tanta importância a qual seria a decisão deles, que eu queria simplesmente que o assunto chegasse a

uma conclusão. Já que suas lágrimas continuavam caindo, afastei-me para que ele pudesse seguir andando para o quarto dele.


Lyman Swingle

Sei que não existe nenhuma pessoa no Corpo Governante mais dedicada à organização das Testemunhas de Jeová que Lyman Swingle. Eu sentia admiração e afeição por ele por causa de sua honestidade e coragem. Não faço idéia sobre qual seria sua atitude para comigo atualmente. Pode ser que seja totalmente o oposto. Só sei que, ainda que não tivesse outra razão, eu sempre estimarei esse homem pelo sentimento sincero que ele expressou naquele dia no corredor. Em sua tristeza, encontrei forças.[38]

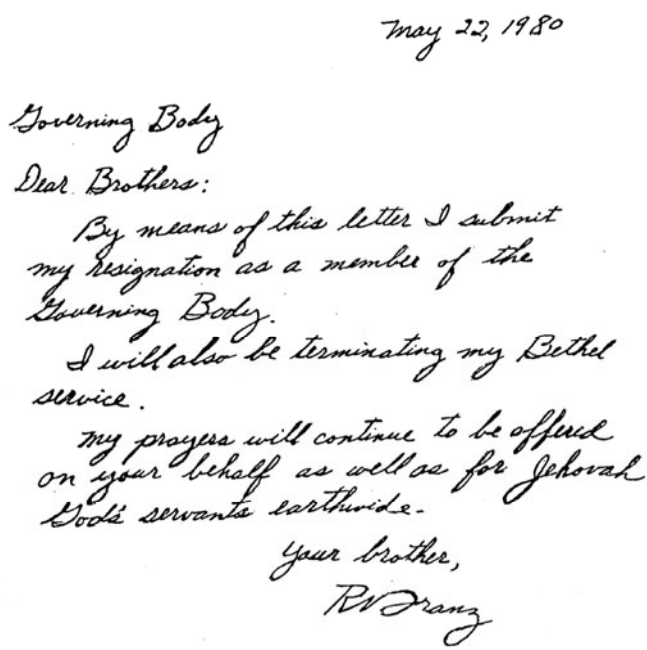
Nessa tarde, o presidente Schroeder me trouxe a decisão do Corpo Governante. Evidentemente, os que buscavam a minha desassociação não tinham conseguido uma maioria de dois terços, pois ele simplesmente me informou que eu estava sendo solicitado a renunciar ao Corpo e também à condição de membro da equipe da sede. O Corpo se ofereceu para colocar a mim (e minha esposa) no que é conhecido como a lista dos "Pioneiros Especiais Inválidos" (um arranjo oferecido com freqüência a superintendentes de circuito e distrito que tiveram de abandonar o trabalho de viajante devido a velhice ou a saúde precária). Os que fazem parte desta lista relatam todo mês para a Sociedade e recebem mensalmente uma ajuda financeira, mas não se exige deles que atinjam particularmente alguma "quota" de horas no trabalho de pregação.[39] Informei-lhe que nenhum de nós se sentia interessado em submeter-se a algum arranjo que impusesse qualquer obrigação, ainda que pro forma. Ele fez então algumas observações sobre "que

[38] Nos meses seguintes, Lyman Swingle, apesar de continuar como membro do Corpo Governante, foi removido de sua posição como coordenador da Comissão de Redação e do Departamento de Redação, sendo substituído por Lloyd Barry. Lyman já faleceu.

[39] Creio que, nessa época, a mesada era de cerca de 175 dólares por pessoa.

maravilha de trabalho” tinha sido o livro *Ajuda ao Entendimento da Bíblia*. Depois foi embora.

Pus minha renúncia por escrito, a qual aparece a seguir. Não deixei de fazer o que disse ali que faria, até a época atual.



May 22, 1980

Governing Body

Dear Brothers:

By means of this letter I submit my resignation as a member of the Governing Body.

I will also be terminating my Bethel service.

My prayers will continue to be offered on your behalf as well as for Jehovah God's servants earthwide.

Your brother,

R V Franz

Tradução:

22 de maio de 1980

Corpo Governante

Prezados irmãos:

Por meio desta carta, apresento minha renúncia como membro do Corpo Governante.

Também estarei encerrando meu serviço em Betel.

Continuarei a fazer orações a favor de vocês, bem como dos servos de Jeová Deus em toda a terra.

Seu irmão,
R.V. Franz

Minha esposa e eu nos ausentamos por uns dois dias para por nossas emoções em ordem e voltamos em seguida para retirar quaisquer pertences que pudéssemos levar. Deixei a maior parte de meus arquivos, trazendo principalmente os arquivos dos assuntos nos quais eu estivera mais pessoalmente envolvido. Senti a necessidade de poder documentar minha posição em tais assuntos no caso desta vir a ser apresentada de maneira deturpada no futuro, como aconteceu em vários casos.

Ao voltarmos, avistei Ed Dunlap parado na frente de um dos prédios da sede. Ele tinha de reunir-se nesse dia com uma comissão judicativa.

Ed contava então 69 anos de idade. No ano anterior, 1979, ele tinha falado seriamente em deixar a sede. Sabia que tinha sido objeto de ataque pessoal tanto dentro do Corpo Governante como fora dele. A certa altura, ele chegou a pedir à Comissão de Redação para que deixasse de importuná-lo. A Comissão de Redação designou três de seus membros, Lyman Swingle, Lloyd Barry e Ewart Chitty, para que falassem com o membro do Corpo Governante Karl Klein (que não era ainda membro da Comissão de Redação, embora o tenha se tornado depois da renúncia de Chitty). Eles insistiram com ele para que parasse de entrar no escritório de Ed para falar com ele de maneira crítica, bem como de falar com outros a respeito dele de tal maneira. Isto parece ter surtido efeito por algum tempo no que se refere ao que se dizia fora do Corpo, mas não dentro do Corpo e em suas sessões.

Quando, no final de 1979, informei a Ed de nossos pensamentos de deixar a sede, ele disse que tinha considerado a idéia mas tinha chegado à conclusão de que não lhe era possível. Em sua idade avançada e situação econômica, não via como poderia razoavelmente esperar sustentar a si e a esposa. Permanecendo, teriam pelo menos um lugar para viver, alimentação e cuidados médicos quando precisassem. De modo que, como disse ele, tinha decidido permanecer e acrescentou: “Se me importunarem demais no Departamento de Redação, eu simplesmente pedirei que me transfiram para a carpintaria ou para algum outro tipo de trabalho.”

Menos de um ano depois, viu-se intimado para uma audiência com uma comissão judicativa. No dia em que o vi, ele disse: “Vou ser bem franco com eles. É contra minha natureza recorrer a evasivas.” Falou que tinha pouca dúvida quanto ao que a comissão iria fazer.

Era já quase o final de maio. Tinham se passado cerca de seis semanas desde que a Comissão do Presidente tinha reproduzido a fita de Godínez perante o Corpo Governante, na qual o nome de Ed foi usado várias vezes. Tinha se passado mais ou menos esse intervalo de tempo desde que Barry e Barr o haviam entrevistado, assegurando-lhe de que estavam 'apenas buscando informações'. Durante todas essas semanas — embora Ed Dunlap estivesse bem no meio deles, trabalhando até o último momento numa designação do Corpo Governante para preparar um livro sobre a vida de Jesus Cristo — *nenhum sequer* da Comissão do Presidente se chegou a ele para tratar destes assuntos, para informá-lo das graves acusações que estavam sendo feitas contra ele. Estes homens estavam no pleno comando do caso, todos eles conheciam a Ed intimamente e, mesmo assim, até o final, não lhe disseram uma só palavra sobre o assunto.[40]

Depois da entrevista inicial de Barry e Barr com ele, durante quase seis semanas, *ninguém de todo o Corpo Governante* foi até Edward Dunlap para falar do assunto, para raciocinar ou considerar a Palavra de Deus com este homem que havia estado associado por quase meio século, tinha gasto uns quarenta anos no serviço de tempo integral, que professava a esperança celestial e estava agora com quase setenta anos de idade. Eles mesmos são testemunhas de que isto é verdade. Quão diferente do pastor que estaria pronto a deixar as noventa e nove ovelhas para procurar e ajudar a ovelha "perdida", pois era isto o que ele era aos olhos deles.

Mais uma vez, pode ser bem possível que algumas palavras precipitadas tenham sido ditas por certos indivíduos dentre os desassociados. Em minha opinião, as ações descritas acima, tomadas por aqueles em autoridade, falam muitíssimo mais alto do que tais palavras.[41]

---

[40] Albert Schroeder tinha sido companheiro de Ed como instrutor na Escola de Gileade durante muitos anos; Karl Klein trabalhava com ele no mesmo Departamento de Redação, estando seu escritório vizinho ao de Ed; Grant Suiter, mais ou menos um ano antes destes eventos, tinha vindo até Ed com uma designação que ele (Suiter) tinha recebido para preparar (sendo esta um esboço para uma parte do que seria considerado num curso com representantes de filial) e pediu a Ed que a preparasse por ele, dizendo que ele mesmo estava muito ocupado e tinha certeza de que Ed "faria, de qualquer maneira, um trabalho melhor".

[41] 1 João 3:14-16, 18.

Uma comissão de cinco homens do pessoal da sede foi designada para o trabalho de julgar Ed Dunlap. O Corpo Governante permaneceu em segundo plano. Todos os cinco homens designados eram mais jovens do que Ed, e nenhum professava ser da "classe ungida". Depois de apenas um dia de deliberações, chegaram a sua decisão.

Claramente típicas da atitude demonstrada foram estas declarações:

Ao ser perguntado sobre seus pensamentos quanto aos ensinos da organização sobre duas classes de cristãos, Ed chamou a atenção deles para Romanos 8:14, onde diz que "TODOS os que são conduzidos pelo espírito de Deus" são filhos de Deus. Ele perguntou: "De que outra maneira pode-se entender este texto?" Fred Rusk, que havia servido como instrutor da Escola de Gileade durante vários anos enquanto Ed era o secretário, disse: "Ah, Ed, essa é só uma interpretação sua desta passagem." Ed perguntou: "Então, de que outra maneira você o explicaria?" A resposta de Fred Rusk foi: "Ora, Ed, você é quem está sendo julgado, não eu".

Ao ser interrogado sobre a criação de regras pela organização, ele enfatizou que os cristãos não estão debaixo de lei, mas debaixo da benignidade imerecida (ou da graça). Acrescentou que a fé e o amor eram forças mais poderosas em favor da justiça do que regras jamais poderiam ser. Robert Wallen disse: "Mas Ed, eu *gosto* de ter alguém que me diga o que fazer." Tendo em mente as palavras do apóstolo em Hebreus 5:13, 14, no sentido de que os cristãos não deveriam ser como bebês mas sim como pessoas maduras "que pelo uso têm suas faculdades perceptivas treinadas para distinguir tanto o certo como o errado", Ed respondeu: "Então você precisa ler mais a sua Bíblia." Robert Wallen sorriu e disse: "Eu e mais dois milhões de outros." Ed respondeu: "O fato de que eles não o fazem não escusa você de fazê-lo." Ele enfatizou que este era o maior problema, os irmãos simplesmente não estudavam a Bíblia; eles se apoiavam nas publicações; suas consciências não estavam genuinamente treinadas pela *Bíblia*.

Evidentemente, o fator principal considerado em toda a sessão era que Ed havia mantido discussões bíblicas em duas ocasiões com alguns dos que estavam agora desassociados. A comissão judicativa não possuía nenhuma prova de que isto tivesse ocorrido, mas Ed prestou voluntariamente a informação, tendo dito desde o princípio que pretendia ser totalmente franco com eles em todos os pontos. Estas

pessoas tinham se chegado a ele e, em duas ocasiões, haviam comido juntos, após o que consideraram partes do livro de Romanos.[42] A comissão judicativa queria saber se ele falaria sobre estes pontos com outras pessoas. Ele respondeu que não tinha nenhuma intenção de fazer "campanha" entre os irmãos. Mas disse que, se as pessoas viessem até ele em particular em busca de ajuda e ele pudesse dirigi-las para os textos bíblicos que lhes fornecessem respostas às suas perguntas, faria isso, pois se sentiria na obrigação de ajudá-las. Com toda a probabilidade, este foi o fator decisivo. Tal liberdade de discussão e expressão sobre a Bíblia em particular não era aceitável, mas era vista como herética, como perigosamente desagregadora.

Uma declaração apresentada parecia particularmente paradoxal. Ed lhes tinha dito claramente que não tinha nenhum desejo de ser desassociado, que gostava dos irmãos e que não tinha nenhum desejo ou pensamento de separar-se deles. A comissão instou com ele para que "esperasse na organização", dizendo: "Quem sabe? Talvez daqui a cinco anos, muitas, senão todas estas coisas que você está dizendo venham a ser publicadas ou ensinadas."

Eles conheciam a natureza flutuante dos ensinos da organização e, baseando-se indubitavelmente nisso, sentiam que podiam falar desta maneira. Mas quanta convicção na exatidão, na sólida base bíblica destes ensinos em questão, demonstrava isto da parte deles? Se estavam dispostos a aceitar a possibilidade de que o ensino da organização sobre estes pontos não podia ser mais sólido e duradouro do que o que foi dito, como podiam de algum modo usá-lo como base para determinar se este homem era um servo leal de Deus ou um apóstata?

Se eles consideravam que estes ensinos (aos quais a Comissão do Presidente tinha atribuído tão grande importância) estavam tão sujeitos a mudança que valia a pena esperar para ver o que os próximos cinco anos trariam, por que não valia a pena também adiar qualquer ação judicativa contra este homem que tinha dedicado, não cinco anos, mas sim meio século de serviço à organização?

A lógica de tal raciocínio só pode ser compreendida se alguém aceitar e adotar a premissa de que os interesses do indivíduo —

[42] Ed foi designado pela Comissão de Ensino do Corpo Governante para dirigir um curso regular sobre Romanos nos seminários para membros das comissões de filial.

inclusive seu bom nome, sua reputação granjeada com muito esforço, seus anos de vida gastos no serviço — sejam todos sacrificáveis caso estes interfiram com os objetivos da organização.

Tenho certeza de que cada um dos homens nessa comissão judicativa reconhecia que Edward Dunlap tinha um amor profundo a Deus, a Cristo e à Bíblia — ainda assim, achavam que tinham de tomar uma ação contra ele. Por quê? Eles conheciam o temperamento predominante no Corpo Governante, expresso pela sua Comissão do Presidente. A lealdade organizacional exigia tal ação da parte deles, pois este homem não aceitava, nem podia aceitar, todas as pretensões e interpretações dessa organização.

Portanto, eles desassociaram Ed Dunlap, e solicitaram-lhe que deixasse o que tinha sido seu lar na sede, em Betel. Ele voltou para Oklahoma City, onde se tinha criado e onde, então com mais de 70 anos, passou a sustentar a si mesmo e à sua esposa colando papel de parede, um ofício que exercera antes de iniciar seus quarenta anos de serviço de tempo integral como representante da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.

Edward Dunlap e sua esposa

Como é que estes, os quais são responsáveis — genuína e primariamente responsáveis — por tudo isto, podem se achegar a Deus em oração à noite e dizer, ‘Mostra-nos misericórdia assim como temos mostrado misericórdia aos outros’, é, para mim, algo difícil de entender.

12

CONSEQÜÊNCIAS

> *Sei que depois de eu ter ido embora entrarão no meio de vós lobos opressivos e eles não tratarão o rebanho com ternura.* — Atos 20:29.

HÁ um velho ditado que diz, "Mão de ferro em luva de veludo." Não creio que os acontecimentos da primavera de 1980 tenham provocado a dureza de tratamento manifestada pela estrutura autoritária. Creio que essa dureza já estava lá e a história registra sua presença. O que aconteceu na primavera de 1980 simplesmente fez com que se retirasse a luva de veludo, pondo à mostra a dureza implacável que havia por baixo. O que veio depois apóia esta conclusão.

Quando a comissão judicativa de cinco anciãos de Betel que fez pelo Corpo Governante aquilo que, por qualquer critério justo, cabia ao próprio Corpo Governante fazer, se reuniu com Ed Dunlap e o informou da sua decisão de desassociá-lo, Ed lhes disse:

> Tudo bem, se essa é sua decisão. Mas *não digam que é por "apostasia"*. Vocês sabem que apostasia quer dizer rebelião contra Deus e Cristo Jesus, e *vocês sabem que isso não é verdade no meu caso*.

Em agosto de 1980, na edição do mensário chamado *Nosso Serviço do Reino* (em inglês), enviado a todas as congregações, a primeira página continha a declaração de que algumas pessoas da família de Betel tinham sido desassociadas e falou então de "apostasia contra a organização". Esta fraseologia, apesar de ainda falsa (pois não houve nenhuma rebelião, nem mesmo contra a organização), estava mais perto da verdade do que as declarações feitas em outros lugares.

Em 28 de maio de 1980, leu-se minha carta de renúncia diante da família. Em 29 de maio, foi convocada uma reunião com todos os

anciãos de Betel. Entre eles estava Jon Mitchell. Ele servia como secretário tanto no Departamento de Serviço como nos escritórios do Corpo Governante. Meu único contato com ele se deu quando conseguiu meus vistos para uma viagem à África. Ele nunca tinha conversado com nenhum dos que foram desassociados. Entretanto, vira parte da correspondência das comissões judicativas que passava pelos escritórios e ouvira o boato no departamento sobre os julgamentos por "heresia". Relatando suas impressões sobre a reunião dos anciãos e sobre os discursos dados pelos membros do Corpo Governante Schroeder e Barry, disse:

> O discurso de Schroeder focalizava o tema da organização. Falou sobre nossa "organização altamente afinada" e de como alguns, que pareciam se sentir incapazes de acompanhar suas regras e regulamentos, "deviam ir embora e não participar mais no trabalho progressivo feito aqui". (A publicação *Organização de Filial* foi exibida para ilustrar quão 'altamente afinada' era a organização e disse que esta publicação continha mais de 1.000 regras e regulamentos relacionados com o funcionamento das filiais e da sede em Brooklyn.) Ele enfatizou que esta não era uma "caça às bruxas", mas que parecia haver uma "poda" em andamento.
>
> Falando dos que tinham ido embora, disse: "Não é que eles não creiam na Bíblia. Seria preciso ser ateu para se pensar deste modo." Mas "eles a entendem de maneira diferente".
>
> Concluiu sua parte ao dar espaço para as perguntas dos anciãos de Betel. Harold Jackson levantou a mão e sugeriu que houvesse um "fórum" ou uma discussão aberta das questões envolvidas. Schroeder respondeu que não havia nenhum plano nesse sentido. Que se tivéssemos uma pergunta podíamos enviar uma carta. Outro ancião, Warren Weil, perguntou se a possibilidade de os irmãos prestarem "juramentos de lealdade" havia sido considerada. O irmão Schroeder respondeu que essa possibilidade não estava sendo cogitada nesse momento.
>
> O discurso de Lloyd Barry parecia ser uma tentativa de refutar algumas das crenças aparentemente defendidas por aqueles tidos como apóstatas e de fazer soar um apelo em prol da lealdade à organização. Ele leu Provérbios 24:21, 22, e advertiu-nos que devíamos tomar cuidado com "os que são a favor de uma mudança". Falou com desprezo de certos indivíduos que estavam se reunindo para estudar a Bíblia de maneira independente, alegando que alguns estavam até

fazendo isto em vez de ir ao estudo de *A Sentinela* na segunda-feira à noite.

Falou também em termos desfavoráveis dos que estavam inclinados a usar comentários preparados por escritores da cristandade. (Pessoas do Departamento de Serviço possuíam *Notas sobre o Novo Testamento*, de Barnes, e as mantinham à vista; esta observação fez com que fossem removidas e guardadas nas gavetas.) Barry falou de nossa "rica herança" como Testemunhas de Jeová e estava visivelmente perturbado com a possibilidade de alguns não a terem em tão alta estima como ele e parecerem inclinados a um pensamento que podia ser prejudicial ao crescimento e à prosperidade da organização.

Apesar de ele nunca ter discutido algum ponto bíblico ou alguma das questões envolvidas com alguém dentre nós, que éramos alvo destes discursos, Jon escreve:

Esta reunião e os eventos que se seguiram tiveram como efeito um aumento da sensação nauseante que se desenvolveu em mim desde quando ouvi, pela primeira vez, as notícias assustadoras das desassociações e da demissão do irmão Franz.

A Sentinela de 1º de agosto de 1980 [em português, 1° de fevereiro de 1981] devia conter um artigo que alistaria o que se considerava como "sinais de apostasia". Mas eu já tinha algumas idéias bem claras de quais *realmente* eram os sinais. Fiquei profundamente angustiado ao dar-me conta de que a organização parecia cada vez mais estar manifestando ela própria estes sinais, como segue:

1) A supressão da livre leitura da Bíblia. Embora eu soubesse que era improvável haver queima de Bíblias, não obstante, era evidente que a plena liberdade de ler as Escrituras e usufruir discussões abertas da Bíblia estava sendo cerceada. Por que o Corpo Governante não se dispunha a permitir uma discussão ampla das questões conforme sugerido, levando-se especialmente em conta que envolvia indivíduos que tinham contribuído tanto para a organização e que eram altamente respeitados como bons eruditos bíblicos? O que estavam tentando esconder? Não poderia a "verdade" resistir a tal exame?

2) A aparente mudança de ênfase da Bíblia para "nossa rica herança" ou tradições organizacionais. Eu sabia muito bem que esta tinha sido a falha de muitas seitas religiosas, inclusive a dos fariseus. Mateus 15 e Marcos 7 contêm as palavras de Jesus onde ele os denuncia por darem mais importância à tradição que à palavra de Deus. A sugestão de que fosse exigido um "juramento de lealdade" para garantir a lealdade a uma organização e suas tradições era

absolutamente estarrecedora para mim. Contudo, esta fora feita com toda a seriedade.

3) Táticas de inquisição. Parecia claro que o Corpo Governante, que eu tinha considerado estar ali mais com o propósito de servir aos irmãos, estava dirigindo com mão forte e autoritária e determinado a agir de maneira rápida e decisiva ao lidar com este assunto. Não teria sido muito mais sábio e sensato para eles agir de maneira cuidadosa e ponderada, avaliando e considerando cabalmente os assuntos, e então chegar *vagarosa e cautelosamente* a uma decisão?

Recordo-me de ter pensado comigo mesmo na reunião dos anciãos: "Parem! Vão mais devagar! Não se dão conta do que estão fazendo?" Sentia-me assim, não porque estivesse sendo desleal à organização, mas porque a amava e queria, mais do que qualquer outra coisa, que ela fosse solidamente fundada sobre o alicerce firme da verdade.

Como ele, mantive inicialmente a esperança de que, depois de passado o pesadelo, talvez começasse a prevalecer um pensamento mais racional, que a emocional e quase histérica 'mentalidade de se estar sob sítio', que tratava um pequeno número de indivíduos conscienciosos como se fossem uma ameaça gigantesca à organização mundial, fosse substituída por um pensamento e procedimento mais calmos e criteriosos. Aconteceu o contrário.

Nada talvez ilustre tão claramente as inacreditáveis exigências feitas agora em prol de uma conformidade total como a seguinte carta, enviada a todos os representantes viajantes, superintendentes de circuito e distrito, pelo Departamento de Serviço da sede internacional, datada de 1º de setembro de 1980. Apresenta-se, na próxima página, a matéria das duas primeiras páginas da carta (em inglês), sendo a seção sob o título "Protegendo o Rebanho" de especial interesse nesta consideração (os pontos particularmente pertinentes se acham sublinhados).

A carta apresenta a diretriz oficial. Diz realmente que a pessoa crer — não promover, mas simplesmente *crer* — em alguma coisa que seja diferente dos ensinos da organização constitui base para tomar-se uma ação judicativa contra essa pessoa como "apóstata"!

A carta não faz nenhuma declaração específica limitando tais diferenças aos ensinos fundamentais da Palavra de Deus, tais como a vinda do Filho de Deus como homem, o resgate, a fé no sangue

(continua na página 374)

WATCHTOWER
BIBLE AND TRACT SOCIETY OF NEW YORK, INC.
CABLE WATCHTOWER
117 ADAMS STREET, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A. PHONE (212) 625-1240

SCG:SSF September 1, 1980

TO ALL CIRCUIT AND DISTRICT OVERSEERS

Dear Brothers:

We know that you and your wives benefitted greatly from the "Divine Love" District Conventions. They impressively brought to our attention why love is the most beneficial quality that we can develop. (1 Cor. 13:13) Love enables us to remain united in spite of the limitations and shortcomings we manifest. --Col. 3:12-14.

You can be sure that by your loving example, the brothers you serve will be uplifted and strengthened in the faith. We have received a number of letters informing us of the love you brothers and your wives have displayed. One body of elders wrote concerning their circuit overseer: "(He) is truly devoted to do Jehovah's will . . . being of spiritual assistance to all . . . approachable in discussing any matter. (He) has a listening ear, showing empathy for the brothers. Such brothers we can rely upon when future problems we know will come, set in."

You can be confident that the brothers treasure your friendship, association and love when you 'genuinely care for the things pertaining to them.' (Phil. 2:19-23, 29) Therefore, continue exerting yourselves to deal lovingly with them. Never pressure them or scold them. Lead them, work hard with them, exhort them in accord with their needs. Be patient if their progress appears slow. Such loving, patient treatment will refresh the brothers.--Matt. 11:28-30.

PROTECTING THE FLOCK

A major responsibility of an overseer as he 'shepherds the flock of God in his care' is to protect it from dangers. (Acts 20:28) Acts 20:29, 30 indicates that one of those dangers can be men who apostatize. There is a fine study of this subject in the August 1, 1980, Watchtower. All of you want to get thoroughly familiar with the contents of the study articles. Encourage all of the elders and ministerial servants, especially, to do likewise. Include key points in your "Continue in the Things You Have Learned" program.

Help the elders discern between one who is a trouble-making apostate and a Christian who becomes weak in faith and has doubts. (2 Peter 2; Jude 22, 23) The former one should be dealt with decisively after extended efforts have been put forth to readjust him. (2 John 7-10) On the other hand, one weak in faith should be patiently and lovingly assisted to get the accurate knowledge that will solidify his faith.

Keep in mind that to be disfellowshiped, an apostate does not have to be a promoter of apostate views. As mentioned in paragraph two, page 17 of the August 1, 1980, Watchtower, "The word 'apostasy' comes from a Greek term that means 'a standing away from,' 'a falling away, defection,' 'rebellion, abandonment. Therefore, if a baptized Christian abandons the teachings of Jehovah, as presented by the faithful and discreet slave, and persists in believing other doctrine despite Scriptural reproof, then he is apostatizing. Extended, kindly efforts should be put forth to readjust his thinking. However, if, after such extended efforts have been put forth to readjust his thinking, he continues to believe the apostate ideas and rejects what he has been provided through the 'slave class, then appropriate judicial action should be taken.

This is not to say that you or the elders should go on 'witch hunts,' as it were, inquiring into the personal beliefs of your brothers. Rather, if something reasonably substantial comes to the attention of the elders along this line, it would be appropriate to make a kindly, discreet inquiry so as to protect the flock. We cannot overemphasize the need to be cautious, discreet and kindly as such situations are dealt with.--James 1:19, 20.

Tradução da carta da página anterior.

SCG:SSF 1º de setembro de 1980

A TODOS OS SUPERINTENDENTES DE CIRCUITO E DISTRITO

Prezados irmãos:

Sabemos que os irmãos e suas esposas se beneficiaram grandemente das Assembléias de Distrito "Amor Divino". Trouxeram de maneira impressionante à nossa atenção por que o amor é a qualidade mais benéfica que podemos desenvolver. (1 Cor. 13:13) O amor nos habilita a permanecermos unidos apesar das limitações e deficiências que manifestamos. — Col. 3:12-14.

Podem estar certos de que, pelo seu exemplo amoroso, os irmãos a quem servem serão edificados e fortalecidos na fé. Temos recebido várias cartas que nos falam do amor demonstrado pelos irmãos e suas esposas. Um corpo de anciãos escreveu concernente a seu superintendente de circuito: "(Ele) é verdadeiramente dedicado a fazer a vontade de Jeová ... sendo de ajuda espiritual para todos ... acessível à consideração de qualquer assunto. (Ele) está disposto a escutar, demonstrando empatia para com os irmãos. Podemos confiar em tais irmãos quando sobrevierem problemas futuros, que sabemos que virão."

Podem estar confiantes de que os irmãos apreciam muito sua amizade, associação e amor ao 'cuidarem genuinamente das coisas pertinentes a eles'. (Fil. 2:19-23, 29) Portanto, continuem se esforçando em tratá-los de maneira amorosa. Nunca os pressionem ou ralhem com eles. Conduzam-lhes à dianteira, trabalhem arduamente com eles, exortando-os segundo suas necessidades. Sejam pacientes se seu progresso parecer lento. Tal tratamento amoroso e paciente reanimará os irmãos. — Mat. 11:28-30.

PROTEGENDO O REBANHO

A responsabilidade principal do superintendente ao pastorear o rebanho de Deus sob seus cuidados' é protegê-lo dos perigos. (Atos 20:28) Atos 20:29, 30 indica que os homens que apostatam podem se constituir um desses perigos. Há um excelente estudo deste tema na revista A Sentinela de 1º de agosto de 1980 [em português, 1º de fevereiro de 1981]. Todos vocês precisam estar cabalmente familiarizados com o conteúdo dos artigos de estudo. Encorajem especialmente todos os anciãos e servos ministeriais a fazerem o mesmo. Incluam pontos chaves deles em seu programa "Continue nas Coisas Que Aprendeu".

Ajudem os anciãos a discernirem entre um apóstata perturbador e um cristão que se torna fraco na fé e tem dúvidas. (2 Pedro 2; Judas 22, 23) O primeiro deve ser tratado com firmeza depois de se fazerem contínuos esforços para reajustá-lo. (2 João 7-10) Por outro lado, o fraco na fé deve ser paciente e amorosamente ajudado a obter o conhecimento exato que fortalecerá sua fé.

> Não esqueçam que, para ser desassociado, um apóstata não tem necessariamente de ser um promotor de idéias apóstatas. Conforme mencionado no parágrafo 2, página 17 de A Sentinela de 1º de agosto de 1980 [em português, 1° de fevereiro de 1981]. "A palavra 'apostasia' vem de um termo grego que significa 'ficar apartado', 'afastamento, deserção', 'rebelião, desistência'". Portanto, se um cristão batizado abandona os ensinamentos de Jeová, conforme apresentados pelo escravo fiel e discreto, e persiste em crer em outra doutrina apesar da repreensão bíblica, então ele está apostatando. Devem-se fazer esforços bondosos e contínuos para reajustar seu modo de pensar. Todavia, se, depois de ter-se feito tais esforços contínuos para reajustar seu modo de pensar, ele continuar crendo em idéias apóstatas e rejeitar o que tem sido provido através da 'classe do escravo', então se deve tomar uma ação judicativa apropriada.
>
> Isto não quer dizer que vocês ou os anciãos deveriam empreender uma 'caça às bruxas', por assim dizer, investigando acerca das crenças pessoais dos irmãos. Em vez disso, se algo razoavelmente importante vier à atenção dos anciãos neste sentido, será apropriado fazer uma investigação bondosa e discreta de modo a proteger o rebanho. Nunca é demais enfatizar a necessidade de sermos cautelosos, discretos e bondosos ao darmos atenção a estas situações.

(Continuação da página 371)

derramado de Cristo como a base para salvação, a ressurreição, ou semelhantes doutrinas básicas da Bíblia. Nem mesmo diz que a pessoa talvez discorde necessariamente da Bíblia, a Palavra de Deus. Diz, mais precisamente, que talvez discorde dos "ensinamentos de Jeová, *conforme apresentados pelo escravo fiel e discreto*". O que equivale a dizer que o fato de um homem aceitar e obedecer à mensagem escrita do rei não é nenhuma garantia de sua lealdade; o que decide isto é este homem aceitar e obedecer aquilo que o *escravo mensageiro* afirma ser o significado da mensagem do rei!

O símbolo na parte superior da carta de 1º de setembro de 1980, "SCG", identifica seu autor como Leon Weaver. Mas não se deve imaginar que esta diretriz de "controle do pensamento" fosse a idéia de uma só pessoa, nem fosse tampouco alguma manifestação súbita de extremismo que alguém pudesse expressar e depois sentir-se envergonhado por ter tomado uma posição tão dura, precipitada e absolutamente anticristã. O autor fazia parte da Comissão do Departamento de Serviço cujos membros, tais como Harley Miller, David Olson, Joel Adams, Charles Woody e Leon Weaver, são todos antigos representantes da organização, com uma bagagem de décadas de experiência. Atuavam como agentes do Corpo Governante na

supervisão da atividade das mais de 7.500 congregações (naquela ocasião) e de todos os anciãos e superintendentes de circuito e distrito nos Estados Unidos, onde morava um quarto das Testemunhas de Jeová. Eles estavam em contato regular com a Comissão de Serviço do Corpo Governante e supõe-se que estivessem completamente familiarizados com os planos de ação do Corpo Governante, sintonizados com seu pensamento, ponto de vista e espírito.

Mas isto só faz agravar o aspecto aterrador da posição adotada pela carta. Pelo que aprendi dos meus anos na Comissão de Serviço, qualquer carta com esta importância *deve* ser submetida à Comissão de Serviço do Corpo Governante para aprovação antes de ser expedida.[1] A objeção de pelo menos um só membro teria resultado na ida da carta perante o inteiro Corpo Governante para ser considerada.

Qualquer que fosse o caso, a carta e sua diretriz — que evoca lembranças da posição de autoridades religiosas na Inquisição — teve de ser aprovada por vários representantes da sede, inclusive alguns membros do Corpo Governante. Já que as amizades, as relações familiares, a honra pessoal e outros interesses vitais das pessoas estavam todos em jogo, é de se supor que estes homens tenham dado uma longa e cuidadosa consideração a essa declaração de 1º de setembro de 1980, antes de aprová-la como a expressão oficial do "escravo fiel e discreto" de Jesus Cristo. O que foi dito aí não era nenhum assunto banal que pudesse ser desconsiderado por dizer mais tarde: "Bem, nós realmente não queríamos dizer exatamente o que foi dado a entender." Como demonstram os fatos, muitas pessoas foram realmente desassociadas e continuam a sê-lo exclusivamente com base nesta diretriz de "controle do pensamento" declarada na carta. O rótulo difamante de "apóstata" é fixado em seus nomes simplesmente pela razão de que, no íntimo, não podem aceitar todas as interpretações da Sociedade.

É possível que esta diretriz tenha resultado ou sido influenciada por algo que se desenvolveu no início daquele ano numa das congregações de Nova York. Jon Mitchell, mencionado anteriormente como tendo trabalhado por tempo parcial no Departamento de Serviço, relata:

---

[1] Nessa ocasião, os membros eram Ted Jaracz (coordenador), Milton Henschel, Albert Schroeder, William Jackson e Martin Poetzinger.

> Num dado momento por volta deste período [referindo-se ao início do verão de 1980], chegou um memorando de F. W. Franz, respondendo, ao que parece, a uma pergunta que tinha sido enviada por Harold Jackson [membro do pessoal do Departamento de Serviço].
>
> Parece que havia uma pioneira [pregadora de tempo integral], numa congregação de língua espanhola, que achava que não podia ensinar conscienciosamente que os 144.000 de Revelação capítulo 7 e 14 eram um número literal. Ela disse que não iria fazer proselitismo ou procurar divulgar uma opinião contrária, mas não queria ensinar àqueles com quem estudava a Bíblia que os 144.000 era um número literal.
>
> A pergunta do irmão Jackson visava aparentemente saber se tal pessoa podia ou não ser classificada como "apóstata". O memorando confirmou que tal pessoa podia ser vista como uma apóstata e deveria ser desassociada caso não concordasse em ensinar o que a Sociedade lhe tinha instruído para ensinar. Recordo-me de alguém no Departamento de Serviço ter feito referência ao desenlace deste caso e dito que a moça tinha se "retratado". Fiquei admirado ao ver que tal terminologia pudesse ser usada sem o menor sentimento de vergonha.

Alguém poderia imaginar que a posição extrema adotada na carta de 1º de setembro de 1980, citada anteriormente, e transmitida a todos os anciãos pelos representantes viajantes, produziria, senão uma tempestade de protestos, pelo menos alguma expressão de consternação por parte de anciãos e outras pessoas. Eles estavam, porém, muito bem treinados para que isso acontecesse. Alguns indivíduos realmente se expressaram, mas com cautela, receando receber também o rótulo de "apóstata". Certamente, a ausência de protesto não era porque tivessem 'provado a si mesmos que esta era a boa, aceitável e perfeita vontade de Deus', como insta o apóstolo.[2] Relendo o parágrafo na página dois, não se encontra nenhum texto bíblico apresentado como prova de que tal diretriz de controle do pensamento tem qualquer apoio bíblico. Os pensamentos do cristão devem ser 'trazidos ao cativeiro para obedecer a Cristo', não a homens ou a uma organização.[3] Por que então este interesse em submeter à consciência de alguém a um controle tão completo?

É o conceito que se faz da "organização" que produz isto. Este conceito cria a crença de que, para todos os efeitos, o que quer que a

[2] Romanos 12:2.
[3] 2 Coríntios 10:5.

organização diga, é como se o próprio Deus estivesse dizendo. Algo talvez representativo do espírito produzido pelos pronunciamentos da Sociedade, inclusive esta carta, é um incidente que ocorreu na reunião de anciãos numa assembléia de circuito numa parte do Alabama. O superintendente de distrito, Bart Thompson, ergueu uma publicação da Sociedade que tinha capa verde. Então disse à assembléia de anciãos: "Se a Sociedade me dissesse que este livro é preto em vez de verde, eu diria: 'Sabe, eu podia jurar que era verde, mas se a Sociedade diz que é preto, então é preto!'" Outros usaram ilustrações similares.

É verdade que há muitas Testemunhas pensantes que têm aversão a tais manifestações espalhafatosas de fé cega. Contudo, a maioria ainda está disposta a amoldar-se, chegando a tomar "ação judicativa" contra quem quer que expresse dúvidas quanto às interpretações da Sociedade. Por quê?

Procuro, em minha própria mente e coração, compreender os sentimentos de todas estas pessoas, inclusive das que fazem parte do Corpo Governante. Baseado em minha própria experiência entre eles, creio que são, na realidade, cativos de um conceito. O conceito ou imagem mental que eles fazem da "organização" parece quase possuir uma personalidade própria, e portanto, este próprio conceito os controla, os move ou os restringe, por amoldar seu modo de pensar, sua atitude, seu discernimento. Não creio que muitos deles tomariam a posição que agora estão tomando se pensassem somente em termos de Deus, Cristo e os interesses — não de uma organização — mas de seus irmãos cristãos, seus semelhantes. A inserção do conceito existente da "organização", no entanto, altera radicalmente o seu modo de pensar e ponto de vista, e torna-se, de fato, a força dominante, controladora.

Creio que, quando os homens que fazem parte do Corpo Governante pensam na "organização" e se referem a ela, estão pensando similarmente num *conceito* em vez de uma realidade. Fazem uma imagem da "organização" como algo muito maior e mais grandioso que eles mesmos, pensando nela em termos de seu aspecto numérico, na amplitude de seu campo de controle, como algo internacional, mundial. Não se dão conta — aparentemente — de que este aspecto se relaciona mais com o *domínio* da organização do que

com aquilo que ela realmente é. Entretanto, quando insistem em "lealdade à organização", eles têm de saber, certamente *devem* saber, que não estão falando sobre esse domínio — sobre as milhares de congregações e seus membros dirigidos pela organização. Eles estão falando sobre lealdade à *fonte* dessa direção, à *fonte* dos ensinamentos, à *fonte* da autoridade. Quer os membros do Corpo Governante o reconheçam quer prefiram não pensar a respeito, permanece o fato de que, nestes aspectos cruciais, eles, e somente eles, são "a organização". Qualquer outra autoridade que exista — a das comissões de filial, a dos superintendentes de distrito e de circuito, a dos corpos de anciãos congregacionais — essa autoridade é totalmente dependente deles, sujeita a ajuste, alteração ou supressão por decisão deles, unilateralmente, sem serem questionados. O apóstolo Paulo em Romanos, capítulo 13, diz que os governos terrenos "acham-se colocados por Deus em suas posições relativas". Suas palavras poderiam ser comparadas à situação acima, pois todas as autoridades existentes dentro da organização "acham-se colocadas pelo Corpo Governante em suas posições relativas", sujeitas inteiramente a seu controle.

Como mencionei, duvido que a maioria destes homens pensem nestes fatos. Dessa forma, para eles, "a organização" permanece como algo um tanto indefinido, abstrato, mais um conceito do que uma entidade concreta. Talvez por causa de tal visão ilusória "da organização", um homem pode ser membro de tal Corpo, o qual detém poder e autoridade virtualmente ilimitados, e não sentir, entretanto, um profundo senso de responsabilidade pessoal por aquilo que o Corpo faz, por qualquer dano ou informação enganosa e pelos resultados provenientes da má orientação. "*Foi a organização quem fez isso*, não nós", parece ser o modo de pensar. E, ao crer que "a organização" é o instrumento escolhido de Deus, passa-se a responsabilidade para Deus. Foi vontade Dele — ainda que, mais tarde, uma determinada decisão ou um determinado ensinamento autorizado se mostre errado e seja alterado. Pessoas podem ter sido desassociadas ou, de outro modo, prejudicadas pelas decisões erradas. Mas o membro individual do Corpo Governante se sente absolvido da responsabilidade pessoal. Qualquer trapalhada que se tenha criado será removida por Deus para o bem da "organização".

Delineio os pontos acima, não como forma de condenação mas de explicação, no empenho de compreender por que certos homens que considero ser honestos, indivíduos basicamente bondosos, podem ser partícipes naquilo que, creio eu, em seus próprios corações, normalmente teriam rejeitado.

Acho que o conceito anteriormente descrito é tragicamente errôneo, e tão pernicioso quanto trágico. Creio que as ações drásticas adotadas contra aquelas pessoas acusadas de "apostasia" foram, em quase todos os casos, não só injustificadas mas também repugnantes, indignas não apenas do cristianismo mas também de qualquer sociedade de homens livres. Todavia, este esforço diante da compreensão me permite estar livre de alimentar pensamentos amargos ou guardar rancor contra as pessoas envolvidas, quer individual quer coletivamente. A amargura é tanto contraproducente como destruidora. Não sei de nenhum dentre esses homens a quem eu não estivesse disposto a expressar hospitalidade em minha casa, sem questionar nada, sem exigir algum pedido de desculpas. Nem eu nem qualquer dos meus amigos pessoais tinha pensado em cortar a associação com eles ou com qualquer outra pessoa por causa de uma diferença de entendimento. O rompimento não estava em nossos planos e também não o causamos.

Quando me reuni com o Corpo Governante, a reunião foi gravada e tinham me prometido uma cópia da fita. Que aconteceu a ela? Creio que aquilo que ocorreu ilustra bem os pontos que acabam de ser apresentados.

Cerca de três semanas depois de ter retornado ao Alabama, precisei escrever ao Corpo Governante e aproveitei a oportunidade para perguntar sobre a minha cópia da fita. Recebi uma resposta datada de 26 de junho de 1980:

PHONE (212) 625-1240

WATCH TOWER
BIBLE AND TRACT SOCIETY OF PENNSYLVANIA

CABLE WATCHTOWER

124 COLUMBIA HEIGHTS, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A.

June 26, 1980

R. V. Franz
c/o P. V. Gregerson
Route 4, Box 444
Gadsden, AL 35904

Dear Brother Franz:

Your letter of June 14 has been received.

We checked with the shipping department and they inform us that your furniture has been crated and it was shipped out from Brooklyn on Tuesday, June 24. So you should be receiving it soon.

As for the tape about which you write this matter is being given attention and it will be sent to you just as quickly as a copy can be made and shipped on to you.

We will look forward to receiving the two procedure books that you will be sending to us. Your letter also enclosed the convention talk material you mentioned returning to us.

May Jehovah's blessing be with you and we send Christian love.

Your brothers,

Watch Tower Bible and Tract Society
OF PENNSYLVANIA
For the Chairman's Committee

Tradução

R.V. Franz
A/C: P.V. Gregerson
Route 4. Box 444
Gadsden, AL 35904

26 de junho de 1980

Prezado irmão Franz:

Acusamos recebimento de sua carta de 14 de junho.

Verificamos junto ao departamento de expedição e fomos informados de que seus móveis foram encaixotados e despachados de Brooklyn na terça-feira, 24 de junho. Assim, você os deverá estar recebendo em breve.

No que se refere à fita sobre a qual você escreve, este assunto está recebendo atenção e essa lhe será enviada tão logo possa ser feita uma cópia para despacho dela.

Aguardamos o recebimento dos livros de procedimento interno que você nos estará enviando. Sua carta trouxe também em anexo a matéria do discurso de congresso que você mencionou que ia nos devolver.

Que a bênção de Jeová esteja com você e enviamos-lhe amor cristão.

Seus irmãos,
Pela Comissão do Presidente

Passaram-se duas semanas e chegou então esta carta:

PHONE (212) 625-1240

WATCH TOWER
BIBLE AND TRACT SOCIETY OF PENNSYLVANIA

CABLE WATCHTOWER

124 COLUMBIA HEIGHTS, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A.

July 10, 1980

Mr.Raymond V. Franz
c/o P. V. Gregerson
Route 4, Box 444
Gadsden, AL 35904

Dear Brother Franz:

Further with regard to our letter of June 26:

We thank you for the return of the Branch Organization and Governing Body Procedure books, which arrived the other day. Also, the shipping department has notified us that your furniture items were sent and that they have been received by you.

While the Chairman's Committee had mentioned that the matter of sending you the tape of May 20 (although it may be the tape of May 21st that you have in mind of the Governing Body meeting) was "being given attention," the Governing Body has now thought it well not to make up and give out any copies of the tapes for either of such dates. Also, in view of a confidential item which had been sent to the Governing Body members in April somehow coming into the hands of one of the members of the Bethel family who was disfellowshiped, and which was further circulated, the Governing Body has determined that it would not be advisable to open the records of its sessions (be it by tapes or minutes in writing) to anyone off the Society's premises. Furthermore, a change of status as to yourself has occurred. If in the future you would wish to obtain information from the tape we would not object to making such available to you to hear at Bethel.

While we did verbally mention, and also write, that a copy of the tape would be available to you, now the situation has seriously changed. As you no doubt can appreciate the Governing Body feels that this would be a more discreet course. We trust that you will find this arrangement a reasonable one.

It is hoped all is well with you and we send our Christian love and greetings.

Your brothers,
Watch Tower B.&T. Society
OF PENNSYLVANIA
For the Chairman's Committee

Tradução

10 de julho de 1980

Sr. Raymond V. Franz
A/C P. V. Gregerson
Route 4, Box 444
Gadsden, AL 35904

Prezado irmão Franz:

Em aditamento à nossa carta de 26 de junho:

Agradecemos pela devolução dos livros Organização de Filial e Procedimento do Corpo Governante que chegaram dias atrás. Ademais, o departamento de expedição nos notificou que seus móveis foram enviados e que você já os recebeu.

A Comissão do Presidente tinha mencionado que estava "sendo dada atenção" ao assunto envolvendo a remessa da fita de 20 de maio para você (embora possa ser a fita de 21 de maio da reunião do Corpo Governante a que você tem em mente), o Corpo Governante achou agora por bem não fazer, nem distribuir nenhuma cópia das fitas de nenhuma dessas datas. Também, em vista de um artigo confidencial, que tinha sido enviado aos membros do Corpo Governante em abril, ter caído de algum modo nas mãos de um dos membros da família de Betel que foi desassociado, e que circulou mais além, o Corpo Governante determinou que não seria aconselhável abrir os arquivos de suas reuniões (quer por meio de fitas ou de memorandos escritos) a alguém fora dos prédios da Sociedade. Além do mais, houve uma mudança de sua posição na organização. Se no futuro desejar obter informação da fita, não objetaremos em torná-la disponível caso você a escute em Betel.

Apesar de termos mencionado de modo verbal e também por escrito que uma cópia da fita lhe estaria disponível, agora a situação mudou seriamente. Como você pode sem dúvida avaliar, o Corpo Governante acha que este seria um procedimento mais discreto. Confiamos que você achará este arranjo razoável.

Espera-se que tudo corra bem com você e enviamos nosso amor e saudações cristãs.

Seus irmãos,
Pela Comissão do Presidente

Esta carta trouxe inevitavelmente recordações do modo como os assuntos tinham sido manejados desde o início, desde o tempo em que a Comissão do Presidente pôs em marcha a maquinaria judicativa e as ações que produziram as várias desassociações. Eu esperava que tudo aquilo já houvesse passado. Não tinha como saber a que estavam eles se referindo ao escrever sobre "um artigo confidencial que tinha sido enviado aos membros do Corpo Governante em abril". Enquanto estive

em Brooklyn, eu não tinha visto nenhuma das pessoas desassociadas, nem as vi entre essa época e a minha volta para o Alabama. De modo que respondi o seguinte:

July 19, 1980

Watchtower Society
Attention: Chairman's Committee

Dear Brothers:

This will acknowledge receipt of your letter of July 10. Yes, the furniture items were received by us in good condition and we appreciate the work of the brothers in shipping in caring for this.

I note what you say about the decision not to send the tape of May 21 (incorrectly stated by me as May 20). As you must realize, the agreement was, and it was stated by the Chairman of the body before the session, that such would be provided to me. There were no qualifications stated, such as my status, my being at Bethel or outside of Bethel. It was a simple acknowledgement of the one provision that I required before agreeing to having the session taped, and you accepted that stipulation and agreed to it. Since you have acknowledged in writing that this is the case then it seems you should hold true to your agreement. What others have done cannot be used as a basis for breaking your agreement with me. If you do not intend to hold true to that agreement then it is plain that the only fair thing for you to do is to destroy that tape and any transcripts or copies thereof. For if I am not entitled to a copy of it then neither should you be, for I only agreed to it on the provision that I would receive a copy of it.

I have not completed my review of my papers but believe that I have some further material that should be returned to you and I will do this as soon as possible.

I will look forward to hearing from you at an early date on the matter of the tape. I will expect to receive either the tape or your letter to the effect that the tape and any copies or transcripts thereof have been destroyed.

Thank you for your attention to the above and may God aid you in loyally upholding the high principles of his Word and the good news about his Kingdom.

Yours in Jehovah's service,

R. V. Franz

Tradução

19 de julho de 1980

Sociedade Torre de Vigia
Atenção: Comissão do Presidente

Prezados irmãos:

Acuso por meio desta o recebimento de sua carta de 10 de julho. Sim, recebemos os itens da mobília em bom estado e agradecemos o trabalho dos irmãos com o despacho e o cuidado com ela.

Tomo nota do que vocês me dizem quanto à decisão de não enviar a fita de 21 de maio (mencionada incorretamente por mim como de 20 de maio). Como vocês devem estar cientes, o acordo foi, e isso ficou estabelecido pelo presidente do corpo antes da sessão, que esta me seria fornecida. Não foi estipulada nenhuma condição, como minha posição na organização, estar eu em Betel ou fora de Betel. Houve simplesmente um reconhecimento da única providência exigida por mim antes de consentir que a reunião fosse gravada, e vocês aceitaram esta condição e concordaram com ela. Já que vocês reconheceram por escrito ser este o caso, parece então que vocês deveriam cumprir o acordo. O que outros fizeram não pode ser usado como base para romper o acordo que fizeram comigo. Se vocês não têm a intenção de cumprir o acordo, fica claro então que a única coisa justa a ser feita por vocês é destruir essa fita e qualquer transcrição ou cópia dela. Isto é, se eu não tiver direito a uma cópia da fita, então tampouco deveriam vocês ter tal direito, pois só consenti na gravação sob a condição de eu receber uma cópia dela.

Ainda não terminei de revisar meus papéis, mas creio que ainda tenho algum material que lhes deveria ser devolvido e eu o farei tão logo seja possível.

Espero ouvir dentro em breve suas notícias sobre o assunto da fita. Fico na expectativa de receber a fita ou sua carta dando conta de que a fita e quaisquer cópias ou transcrições dela foram destruídas.

Agradeço pela atenção ao acima mencionado e que Deus os ajude ao defender lealmente os elevados princípios de sua Palavra e as boas novas acerca de seu Reino.

Atenciosamente no serviço de Jeová,

R. V. Franz

Esta é a resposta que o Corpo Governante me enviou três semanas depois:

PHONE (212) 625-1240

WATCH TOWER
BIBLE AND TRACT SOCIETY OF PENNSYLVANIA

CABLE WATCHTOWER

124 COLUMBIA HEIGHTS, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A.

August 8, 1980

Raymond Franz
c/o P.V. Gregerson
Route 4, Box 444
Gadsden, AL 35904

Dear Brother Franz:

Your letter of July 19 with reference to the Chairman's Committee letter to you of July 10, has been received.

The Governing Body decided for the time being not to send you the tapes of the May 21 meeting as mentioned in our letter to you of the 10th of July. As described in our letter if you desire to hear the information on these tapes they are available to you for listening at Bethel.

We send our greetings.

Your fellow servants of Jehovah,

Watch Tower B.&T. Society
OF PENNSYLVANIA

For the Chairman's Committee

Tradução

8 de agosto de 1980

Raymond Franz
A/C P. V. Gregerson
Route 4, Box 444
Gadsden, AL 35904

Prezado irmão Franz:

Sua carta de 19 de julho com referência à carta da Comissão do Presidente para você de 10 de julho foi recebida.

O Corpo Governante decidiu por enquanto não enviar-lhe as fitas da reunião de 21 de maio como foi mencionado em nossa carta para você de 10 de julho. Conforme detalhado em nossa carta, se você desejar ouvir a informação contida nestas fitas, elas estão à sua disposição para serem ouvidas em Betel.

Enviamos nossos cumprimentos,

Seus conservos de Jeová,
Pela Comissão do Presidente

Não deram resposta nem a um único ponto que suscitei. O senso de irrealidade que eu havia experimentado antes estava agora de volta. Parecia difícil de acreditar que homens em posições de responsabilidade pudessem agir de maneira tão irresponsável. O tom da carta transmitia a atitude de que todos os direitos pertenciam a eles ("à organização") e que os direitos dos indivíduos podiam ser simplesmente ignorados, se isso parecesse desejável e vantajoso, ser sumariamente postos de lado como de nenhuma importância particular. Escrevi mais uma vez, como segue:

August 28, 1980

Chairman's Committee
Brooklyn, New York

Dear Brothers:

I have received your letter of August 8 which is in response to mine of July 19 with regard to the tape you agreed to send me.

Your letter is a response but not a reply. It simply repeats in abbreviated form your letter of July 10 and makes no reply to the points presented in my letter of July 19.

The fact is that you have in your possession tapes of the May 21 meeting only as a result of an unkept agreement. To set up new conditions after an agreement has been made, doing so unilaterally and arbitrarily, is certainly not fair by any standards. In your letter of June 26 you acknowledged in writing that you had made an agreement to provide me a copy of the tape of the meeting and stated your intention of preparing such copy and sending it to me. My status had already changed at that time, yet this was subsequently used as one basis for not keeping your agreement. The reasons given for not carrying out your agreement, as stated in your letter of July 10, are in no way a justification for a breach of contract.

May I urge you to meditate upon the consequences of such a course, keeping in mind the principle set forth at Leviticus 19:15; Romans 1:31. In view of your evident concern about releasing a copy of the tape, I have offered you the only honorable alternative, that of eliminating the tape and any copy or transcripts thereof. If you wish to keep the tape then the only just thing to do is to keep the agreement by which you obtained it. I have no doubt that if the circumstances were reversed, with the tape being in my possession and you being the petitioners for an agreed-upon copy, you would take the same position that I have taken.--Matthew 7:12.

Please accept the above as an expression of concern for your own spiritual interests as well as for that of brothers everywhere. Though my status may be viewed as a lowly and not a high one, I will appreciate your manifesting consideration for the points made in this letter and my letter of July 19.

Your brother,

R. V. Franz

Tradução

28 de agosto de 1980

Comissão do Presidente
Brooklyn, Nova York

Prezados irmãos:

Recebi sua carta de 8 de agosto em resposta à minha de 19 de julho com relação à fita que vocês concordaram em enviar-me.

Sua carta é uma resposta, mas não é propriamente uma resposta satisfatória. Simplesmente repete de forma abreviada sua carta de 10 de julho e não responde apropriadamente os pontos apresentados em minha carta de 19 de julho.

O fato é que vocês mantêm em seu poder as gravações da reunião de 21 de maio apenas como resultado de um acordo não honrado. Levantar novas condições depois de haver sido feito um acordo, fazendo-o de forma unilateral e arbitrária, certamente não é justo sob critério algum. Em sua carta de 26 de junho, vocês reconheceram por escrito que tínhamos feito um acordo e que iriam providenciar uma cópia da fita da reunião e declararam a intenção de preparar essa cópia e enviá-la para mim. Minha condição na organização já tinha mudado nessa ocasião, mesmo assim, isto foi usado subseqüentemente como única base para não cumprir com o acordo. As razões fornecidas para não cumprir com sua parte no acordo, conforme expresso em sua carta de 10 de julho, não constituem de maneira alguma uma justificativa para a violação do combinado.

Permitam-me exortá-los para que meditem sobre as conseqüências de tal modo de agir, tendo em mente o princípio apresentado em Levítico 19:15; Romanos 1:31. Em vista de sua evidente preocupação quanto à liberação de uma cópia da fita, ofereci-lhes a única alternativa honrosa, a de eliminar a fita e qualquer cópia ou transcrição desta. Caso desejem manter a fita, então a única coisa justa a fazer é manter o acordo por meio do qual a obtiveram. Não tenho dúvida que se se invertesse a situação, com a fita estando em meu poder e vocês solicitando a cópia com base no acordo, tomariam a mesma posição adotada por mim. — Mateus 7:12.

Por favor, aceitem o que foi dito acima como expressão de preocupação por seus interesses espirituais bem como pelos dos irmãos em toda parte. Ainda que minha posição possa ser vista como em nível inferior e não considerável, apreciaria sua atenção aos pontos apresentados nesta carta e na minha carta de 19 de julho.

Seu irmão,

R. V. Franz

Quase um mês depois, veio outra carta, mostrada a seguir:

PHONE (212) 625-1240

WATCH TOWER
BIBLE AND TRACT SOCIETY OF PENNSYLVANIA

CABLE WATCHTOWER

124 COLUMBIA HEIGHTS, BROOKLYN, NEW YORK 11201, U.S.A.

GT/A September 24,1980

Raymond V. Franz
Route 4, Box 440F
Gadsden, AL 35904

Dear Brother Franz:

Your letter of August 28, 1980 has been received and has been given consideration.

This is to inform you that the tapes of the May 21, 1980, meeting to which you have made reference have now been destroyed. There are three witnesses of the Governing Body who were present when such tapes were destroyed. There were no written transcripts made of the material that was taped, nor were any taped copies made of the recordings. The tapes have been totally destroyed.

This is in accordance with your wishes as set out in your correspondence to us.

Your brothers,

Watch Tower B.S.T. Society
OF PENNSYLVANIA

For the Chairman's Committee

Tradução

GT/A 24 de setembro de 1980

Raymond V. Franz
Route 4, Box 440F
Gadsden, AL 35904

Prezado irmão Franz:

Foi recebida e considerada a sua carta de 28 de agosto de 1980.

Esta é para informá-lo de que as fitas das reuniões de 21 de maio de 1980, às quais você fez referência, estão agora destruídas. Havia três testemunhas do Corpo Governante presentes quando essas fitas foram destruídas. Não foi feita nenhuma transcrição escrita do material que foi gravado, nem quaisquer cópias destas gravações. As fitas foram totalmente destruídas.

Isto está de acordo com seus desejos conforme expressos em sua correspondência para nós.

Seus irmãos,
Pela Comissão do Presidente

Como mostra a correspondência já apresentada, meus “desejos” realmente eram que me fosse enviada uma cópia da fita conforme fora prometido. Já que eles evidentemente não estavam dispostos a se apartarem dela (fazendo lembrar de certa forma a atitude do tempo de “Watergate”), eu havia oferecido uma opção, que eles finalmente escolheram. De qualquer maneira, fiquei contente em ter o assunto resolvido e esperava que esse fosse o fim de meus tratos com o Corpo. Não foi.

Algumas semanas depois de minha volta ao Alabama, a Sociedade enviou-me um cheque de 10.000 dólares como presente ‘para ajudar a restabelecer-me no Sul’. Eu não tinha feito nenhuma solicitação de dinheiro e a iniciativa tomada foi tanto inesperada como apreciada. Fiz um empréstimo de outros 5.000 dólares para adquirir uma casa móvel, e Peter Gregerson nos deixou estacioná-la em sua propriedade. Sentia-me agradecido por poder (bem como economicamente obrigado) fazer trabalho físico estrênuo para Peter na manutenção de seus terrenos. Passava cada dia aparando a grama, arrancando as ervas daninhas, podando as sebes, sendo ferroado por maribondos e vespas de vários tipos, picado inúmeras vezes por formigas, suando durante um período de trinta dias consecutivos em que a temperatura ao sol ultrapassa os 35ºC. Não consigo me lembrar de nenhum outro período em minha vida em que tenha passado pela dor física constante que passei durante aqueles meses. No entanto, estava contente com ela, pois atenuava a dor emocional que sentia.

A maior ajuda tanto para mim como para minha esposa, era, entretanto, nossa leitura diária das Escrituras. Toda manhã, líamos quatro dos Salmos, fazendo-o consecutivamente até terminá-los. Apesar de lidos muitas vezes antes, pareciam agora quase novidade para nós. Podíamos sentir muito melhor a relação deles conosco. Pois, se alguma parte da Bíblia torna clara a própria relação *bem pessoal* que pode e deve existir entre os servos de Deus e Ele mesmo, os Salmos parecem fazê-lo muito extraordinariamente. O transtorno emocional, o anseio, o sentimento de impotência e desespero que os escritores tantas vezes expressavam, seu reconhecimento final, em cada caso, de que sua esperança total e derradeira era e devia ser, não em homens, mas em Jeová Deus como sua rocha e altura protetora, tocava uma corda muito sensível em nós dois.

Minha determinação ao deixar a sede internacional tinha sido a de não precipitar problemas. Eu não fui à procura de dificuldades. Foram as dificuldades que vieram à minha procura.

Por muitos meses, usufruímos um relacionamento agradável com a Congregação Gadsden Leste das Testemunhas de Jeová, participando de suas reuniões e da "atividade de campo". Alguns meses depois de minha chegada, o corpo local de anciãos escreveu a Brooklyn recomendando minha designação como ancião na congregação. A resposta breve que chegou dizia laconicamente que a Sociedade não achava aconselhável que os anciãos me recomendassem como tal (ou mesmo como servo ministerial). A única razão apresentada foi que o anúncio da minha renúncia (publicado no mesmo *Nosso Serviço do Reino*, no qual foi publicada a informação sobre a desassociação de vários membros do pessoal da sede) era ainda recente. O superintendente presidente da congregação pareceu perturbado com o espírito da carta, mas recomendei-lhe que simplesmente esquecesse o assunto.

Com esta carta, em adição à informação dada aos anciãos em resultado da carta de 1º de setembro de 1980 da Sociedade (estabelecendo que o mero fato de uma crença divergir dos ensinos publicados da Sociedade era razão para desassociação), a atmosfera começou a mudar gradualmente. A revista *A Sentinela* começou a publicar artigos claramente destinados, não a acalmar a situação, mas a concentrar a discussão sobre a suposta "apostasia" que estava acontecendo. Desde então até agora, por palavra e pela página impressa, uma campanha orquestrada tem estado aparentemente em marcha para justificar o tratamento extremo a que foram submetidos aqueles irmãos em Brooklyn, que foram expulsos de maneira tão sumária. Em vez de diminuir o dogmatismo, as pretensões de autoridade divina e as acompanhantes reivindicações de lealdade inquestionável se tornaram ainda mais estridentes. Edição após outra da revista *A Sentinela*, focalizava pontos que tinham sido questionados, insistindo em sua certeza; no geral, produziram um visível entrincheiramento da posição em vez de uma moderação dela. A argumentação usada para realizar isto gerava cada vez mais o uso de estratégias de palavras e circunlóquios contra quaisquer pontos de vista contrários.

Desenvolveu-se uma atmosfera tanto de suspeita como de temor. Anciãos que, por natureza, eram pessoas moderadas, sentiam-se hesitantes quanto a recomendar moderação com receio de que isto fosse visto como evidência de deslealdade. Os que eram inclinados a uma ação severa, acharam oportunidades favoráveis para demonstrar sua atitude de linha dura. Fazia lembrar o período de McCarthy nos Estados Unidos (um senador que moveu uma campanha de caça aos comunistas), quando qualquer pessoa, que falasse a favor dos direitos civis e da liberdade e expressasse desaprovação pelos métodos brutais de aniquilar ideologias impopulares, corria verdadeiro perigo de ser classificado como "simpatizante de comunistas", um "companheiro de viagem" de elementos radicais.

Sob tais circunstâncias, assistir às reuniões tornou-se para mim cada vez mais deprimente, já que significava ouvir a Palavra de Deus manuseada de forma incorreta, torcida para dizer coisas que realmente não dizia, bem como ouvir a constante auto-glorificação e auto-recomendação da organização. Fazia-nos desejar que houvesse pelos menos a liberdade de expressão encontrada nas sinagogas do primeiro século, que concedia a pessoas, tais como os apóstolos, a oportunidade de pronunciar-se a favor da verdade (embora isto levasse, na época, inevitavelmente a um endurecimento de atitude até que eventualmente fecharam a porta das sinagogas para eles). Porém, como comentei com Peter Gregerson, eu me considerava simplesmente um visitante no Salão do Reino; era o Salão deles, as reuniões deles, os programas deles, e eu não tinha nenhum desejo de atrapalhar o andamento que lhes davam. Portanto, limitava meus comentários à leitura dos textos bíblicos pertinentes, simplesmente enfatizando qualquer parte que fosse aplicável. Era rara a reunião em que alguém, muitas vezes um membro mais idoso, não viesse a mim depois e fizesse alguma expressão de apreço.

A atmosfera de "cruzada" que estava se desenvolvendo, contudo, me fazia acreditar que era só uma questão de tempo antes de ser tomada alguma ação adicional contra mim. E assim aconteceu.

O CRIME E A SENTENÇA

Tanto os fariseus como os escribas murmuravam, dizendo: "Este homem acolhe pecadores e come com eles." — Lucas 15:2.

Uma refeição era toda a evidência necessária. Aconteceu assim:

Cerca de seis meses após meu retorno ao norte do Alabama, a Sociedade enviou um novo superintendente de circuito para a área. O anterior era um homem moderado, inclinado a amenizar os problemas em vez de levá-los demasiadamente a sério. O homem que o substituiu tinha a fama de ser mais agressivo. Isto foi mais ou menos no tempo em que surgiu a carta da Sociedade dirigida aos superintendentes de circuito e de distrito dizendo que "apostasia" incluía pessoas que simplesmente *cressem* em algo diferente dos ensinos da organização.

Em sua segunda visita à Congregação Gadsden Leste (março de 1981), o novo superintendente de circuito, Wesley Benner, fez arranjos para reunir-se com Peter Gregerson, indo à casa dele com um ancião local, Jim Pitchford. O motivo? Benner disse a Peter que havia "muitos comentários" sobre ele na cidade e no circuito. Peter disse que lamentava muito ouvir tal coisa. De onde vinham os "muitos comentários"? Benner relutou em dizer, mas Peter trouxe à atenção que precisava saber a fim de remediar a situação. Benner disse então que a fonte era alguém ligado à família de Peter pelo casamento.

Peter esclareceu que tinha feito todo esforço para ser cauteloso em suas declarações e que qualquer conversa sobre assuntos bíblicos que tenha tido com alguém da redondeza fora estritamente com parentes seus. Ele estava profundamente preocupado com o fato de pessoas, fora de seu círculo familiar, estarem agora espalhando "muitos comentários", conforme tinha dito o superintendente de circuito. "Como podia isso acontecer?" indagou ele. Wesley Benner não deu nenhuma explicação.

A respeito do que, então, estavam eles falando? Benner trouxe à atenção um ponto em certo artigo de *A Sentinela* com o qual, pelo que contavam, Peter não havia concordado. Sob nenhuma circunstância podia o ponto ser chamado de "ensino importante" das Escrituras;

tratava-se, na verdade, de tecnicismo.[4] Não obstante, já que Peter não tinha concordado com a organização, o assunto ganhou importância. Depois de uma longa discussão, o superintendente de circuito se viu finalmente obrigado a reconhecer que o ponto em questão podia de fato estar errado. (O fato é que a Sociedade Torre de Vigia reconheceu o erro em uma carta datada de 11 de maio de 1981, enviada em resposta a uma dúvida. A carta declarou que "o ponto três do quadro que aparece ao pé da página 15 foi apagado quando se traduziu este artigo para publicar em edições de *A Sentinela* em língua estrangeira" [Esta declaração, porém, não era verdade]).[5]

Peter disse posteriormente: "Eu estava decidido a não deixar desenvolver-se uma situação de 'confrontação' e fiz tudo que pude para manter a conversa num tom calmo e razoável." Quando o superintendente de circuito e o ancião local foram embora, Peter achou que o assunto tinha terminado numa base amigável e estava contente de ter ocorrido assim. Mas não foi.

Na semana seguinte, o superintendente de circuito mandou dizer que queria uma segunda reunião para discutir o assunto mais extensamente.

Peter me disse que achava ter chegado o momento de tomar uma decisão. O espírito que fora gerado pelo Corpo Governante, pelo seu Departamento de Serviço e a carta de 1º de setembro de 1980, e por uma sucessão de artigos em *A Sentinela* foram se acumulando até o ponto em que prevalecia uma atmosfera de "caça às bruxas". Ele achava que seria ingênuo de sua parte deixar de reconhecer a grande possibilidade de que se faziam esforços para conseguir sua desassociação. Ter ele agido como amigo em relação a mim, acreditava, era no mínimo um fator determinante. Da maneira como

---

[4] O artigo no número de *A Sentinela* de 15 de fevereiro de 1981 se esforçava em provar que o termo grego *naós* (templo ou santuário), usado em Revelação 7:15 com referência à "grande multidão", podia se aplicar aos pátios do templo. Ao fazer isso, dizia que Jesus expulsou os cambistas do *naós*. (Veja a página 15, o quadro na parte inferior da página.) Já que o próprio relato bíblico em João 2:14-16 usa claramente outro termo (*hieron*), a afirmação era obviamente falsa, conforme o expressou um ancião, "um exemplo de desonestidade intelectual ou de ignorância espiritual".

[5] Veja o Apêndice do folheto *Onde a "Grande Multidão" Serve a Deus?* , Jon Mitchell (Commentary Press, 1998; 1ª Edição em português, 2008) para verificar a documentação completa sobre este assunto.

via a situação, tinha diante de si duas alternativas: Ou se dissociava voluntariamente da congregação ou deixava os esforços em andamento prosseguirem até atingir o objetivo, sua desassociação. Ele não achava nenhuma das alternativas desejável mas, das duas, acreditava que deveria optar pela primeira: dissociar-se voluntariamente.

Quando expressei dúvida de que as coisas já tivessem chegado a este estágio, ele disse que tinha considerado o assunto, orado sobre ele, e achava que este era o proceder mais sensato. O que lhe deixava mais preocupado, disse ele, era sua família. Dos seus sete filhos, três estavam casados, alguns tinham filhos, e ele tinha três irmãos e duas irmãs que moravam na localidade e muitos sobrinhos e sobrinhas. Todos eles eram Testemunhas de Jeová.[6] Se ele permitisse que os representantes da organização forçassem as coisas até o ponto da desassociação, isto tornaria a situação muito difícil para todos estes membros da família. Isto os colocaria num sério dilema quanto a se manteriam associação com ele como seu pai, avô, irmão ou tio, ou, em vez disso, seriam obedientes à organização e o evitariam totalmente. Além do mais, havia cerca de 35 Testemunhas trabalhando como empregados em sua cadeia de supermercados. A dissociação voluntária parecia melhor, uma vez que, como ele a entendia, significava apenas que não era mais membro da congregação. Porém, não implicava o rigoroso corte de relações que a norma da organização exigia nos casos de desassociação.[7]

---

[6] A família de sua esposa também incluía muitas Testemunhas.

[7] Pessoalmente, eu sabia que o Corpo Governante tinha, até então, equiparado dissociação à desassociação somente no caso de pessoas que ingressavam na política ou nas forças armadas, *não* devido à simples renúncia da congregação. De fato, fui designado para fazer uma revisão do manual *Ajuda para Responder Correspondência do Escritório de Filial* que explicava todas essas normas e eu sabia que não se tinha chegado a uma posição tão extrema sobre a dissociação. As pessoas que renunciavam não eram tratadas da mesma maneira que os desassociados, com a única exceção de que, se desejassem entrar novamente na congregação, tinham de apresentar um pedido nesse sentido. Depois de saber que o Departamento de Serviço tinha enviado algumas cartas fazendo tal equiparação, conversei com um membro da Comissão do Departamento de Serviço e salientei que o assunto nunca tinha sido apresentado ao Corpo Governante e que qualquer ação dessas tinha de ser da responsabilidade do próprio Departamento de Serviço (um exemplo das ocasionais e não autorizadas ações "geradoras de normas" do Departamento de Serviço). Ele reconheceu que nada disto tinha se originado do Corpo Governante.

Peter apresentou sua carta de renúncia em 18 de março de 1981. Foi lida para a congregação. Apesar de ser seguida pelos comentários normais, levando-se em conta que Peter era Testemunha desde a infância e tinha tomado a dianteira durante muitos anos na atividade da congregação local, a carta parecia aliviar a tensão, já que ela apresentava calmamente seus motivos e não expressava nenhuma animosidade. Com raras exceções, as Testemunhas de Jeová em Gadsden, ao se encontrar com Peter, tratavam-no de uma maneira que era pelo menos cordial. Penso que teriam continuado a agir dessa maneira se tivessem sido governadas pelo seu próprio senso do que é certo ou errado. Era como se uma situação crítica tivesse sido evitada.

Seis meses depois, a revista *A Sentinela* publicou artigos mudando todo o quadro. Alguns comentavam comigo: "Fizeram tudo, exceto colocar seu nome e o de Peter Gregerson na revista." Não creio que unicamente a situação em Gadsden fosse responsável pelos artigos. Creio, no entanto, que teve algum efeito sobre os que se sentiram motivados a prepará-los. Qual era a mudança apresentada nestes artigos?

Tempos antes em 1974, o Corpo Governante havia me designado para escrever sobre o tratamento a pessoas desassociadas. (O Corpo tinha acabado de tomar uma decisão que tornava isto recomendável)[8] Estes artigos, devidamente aprovados pelo Corpo, moderavam consideravelmente a atitude que prevalecera até aquela época, instando com as Testemunhas a manifestarem uma atitude mais misericordiosa em muitas áreas de seus contatos com pessoas desassociadas, reduzindo a rigidez das normas que controlavam os tratos com um membro desassociado da família.

A Sentinela de 15 de setembro de 1981, [em português, 15/12], não apenas reverteu isto, mas em alguns pontos levou o assunto de volta a uma posição ainda mais rígida do que a que existia antes de 1974. (Um

[8] Dois casos haviam chegado ao Corpo Governante com relação a pessoas desassociadas que queriam assistir às reuniões, mas precisavam de ajuda para fazê-lo. Um era de uma moça que morava na zona rural da Nova Inglaterra, o outro era o de uma mulher em um centro de reabilitação de viciados em drogas do Meio-Oeste. Nenhuma delas podia chegar até as reuniões sem ajuda de transporte. A decisão do Corpo Governante foi de que seria aceitável prover assistência de transporte em tais casos.

exemplo de "bordejar" para trás, desta vez para um ponto mais atrás que a linha de partida)[9]

A principal mudança feita foi com relação aos que se dissociaram voluntariamente (como Peter Gregerson havia feito poucos meses antes). Pela primeira vez foi publicada oficialmente a norma de que qualquer pessoa que fizesse isto deveria ser tratada da mesma maneira como se tivesse sido expulsa da congregação.[10]

Quando li a matéria, confrontando-a com minha experiência anterior no Corpo Governante (e particularmente à luz de minhas experiências recentes com a Comissão do Presidente), tinha pouca dúvida quanto a onde isto iria levar. Não tive de esperar muito tempo.

O que passo agora a relatar é apresentado em detalhe, não por envolver o meu próprio caso ou por ser ele tão extraordinário, mas por ser, em vez disso, muito típico daquilo que outros experimentaram, os métodos e ações de anciãos das Testemunhas de Jeová em um caso após outro desta natureza. Ilustra o pensamento e o espírito inculcados neles, um pensamento e espírito derivados de uma fonte central.

Apesar de publicada com data de 15 de setembro (em inglês), a revista *A Sentinela* em questão chegou mais de duas semanas antes dessa data. Alguns dias depois, recebi a visita de um ancião local da Congregação Gadsden Leste das Testemunhas de Jeová, Dan Gregerson, irmão mais novo de Peter. Ele me perguntou se ele e outros dois anciãos poderiam vir falar comigo. Eu disse que estava tudo bem; sobre o que queriam eles falar? Depois de alguma hesitação, disse primeiro que era para discutir algumas observações de natureza adversa que eu havia feito sobre a organização. Quando quis saber quem era a fonte de tal alegação, ele disse que a pessoa preferia permanecer anônima. (Este 'arremesso de lanças de dentro do

[9] *A Sentinela* de 1º de agosto de 1982, página 27, trazia um artigo tentando justificar todas as mudanças para lá e para cá em vários pontos doutrinais por parte da Sociedade. Usou a analogia de um barco bordejando contra o vento. O problema é que a mudança de ensino muitas vezes os traz virtualmente ao ponto de partida.

[10] Isto se dirigia primariamente aos que renunciavam. Enquanto os que ingressavam na política ou nas forças armadas eram classificados como "dissociados", no entanto, isto não envolvia nenhuma ação voluntária da parte deles, nem uma solicitação feita por deles. Era uma ação automática tomada pelos anciãos de acordo com a norma da Sociedade. Assim, a nova posição se aplicava aos que se retiravam *voluntariamente*.

nevoeiro' é muito comum e espera-se que o acusado aceite isto como algo perfeitamente normal e correto).

Perguntei-lhe, porém, se ele não achava que seria o caso de se aplicar o conselho de Jesus em Mateus 18:15 a 17 (diz lá o conselho que se alguém tiver alguma queixa contra um irmão, deveria primeiro ir ele mesmo e falar com seu irmão acerca do problema). Dan concordou ser este o caso. Sugeri-lhe que, como ancião, ele visse o indivíduo e lhe recomendasse que viesse falar comigo sobre o assunto, aplicando assim o conselho de Jesus. Ele respondeu que a pessoa não se sentia "capacitada". Frisei que esta não era a questão, que eu não tinha nenhum interesse em debater com ninguém, mas que, se eu havia perturbado alguém, apreciaria que essa pessoa me dissesse pessoalmente, de forma que pudesse me desculpar e corrigir a situação. A resposta de Dan foi que eu tinha de entender que os anciãos tinham também "a responsabilidade de proteger o rebanho e zelar pelos interesses das ovelhas." Concordei plenamente e disse-lhe que estava seguro de que ele compreendia que fazer isto significava certamente que os anciãos deveriam estimular a todos no rebanho a aderirem cuidadosamente à Palavra de Deus e aplicá-la em suas vidas. Neste caso, eles podiam ajudar a pessoa envolvida a ver a necessidade de aplicar o conselho de Jesus de vir falar comigo, e eu poderia saber então o que ofendeu a essa pessoa e fazer algum pedido de desculpas que fosse necessário.

Ele disse que não ia mais discutir esse ponto e passou a dizer que eles pretendiam considerar comigo algo sobre minhas "associações". Eles seriam bem-vindos, disse-lhe, e ficou combinado que ele e outro ancião viriam dois dias depois. Vieram Dan e um ancião chamado Theotis French. A conversa começou com Dan lendo 2 Coríntios 13:7 a 9 e me informando que estavam ali para "reajustar" meu pensamento em relação ao artigo de *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981 [em português, 15 /12] particularmente no que diz respeito à minha associação com seu irmão, Peter Gregerson, agora dissociado. Dan estivera no restaurante em agosto, enquanto Peter, eu e nossas esposas fazíamos uma refeição lá.

Perguntei-lhes se se davam conta de que estavam naquele exato momento na propriedade de Peter, que nesse sentido ele era meu senhorio. Que eu era também empregado dele. Eles sabiam disso.

Expliquei-lhes que, como em todos os assuntos, eu era guiado pela minha consciência com respeito a minhas associações e considerei o conselho de Paulo sobre a importância da consciência em sua carta aos Romanos, capítulo 14. O que quer que me instruíssem as Escrituras, eu teria prazer em obedecer, mas que eu não via nenhuma evidência em apoio do ponto de vista adotado então com relação a pessoas dissociadas. Que apoio bíblico havia?

A conversa seguia agora um rumo facilmente previsível: Dan fez referência a 1 Coríntios, capítulo 5, em apoio à sua posição. Salientei que o apóstolo estava falando ali de não associar-se com pessoas chamadas de irmãos, que fossem fornicadores, idólatras, injuriadores, beberrões e extorsores. Eu não tinha nenhuma pessoa desse tipo entre minhas associações e não iria querê-los em minha casa. Mas, consideravam eles Peter Gregerson como estando incluído nesse tipo de pessoas? Nenhum deles respondeu.

Dan referiu-se então às palavras do apóstolo João em 1 João 2:19: "Saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos; pois, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco." Quando se lhes perguntou o que mostrava o contexto quanto a de qual tipo de pessoas João falava, reconheceram que ele estava falando de "anticristos".

Mostrei-lhes que se dava o mesmo com 2 João 7 a 11, que trata da associação com tais. Assegurei-lhes que eu jamais teria companheirismo com um anticristo, alguém que tivesse se rebelado contra Deus e Cristo, mas que eu, repeti, não tinha nenhum de tais entre meus conhecidos. Certamente, eles não estavam dizendo que Peter Gregerson era um anticristo?! Mais uma vez, nenhuma resposta.[11]

Esta foi, *de fato*, a extensão do "reajustamento" bíblico que recebi destes dois pastores do rebanho. Desse ponto em diante, suas únicas referências foram à revista *A Sentinela*. Aceitava eu o que esta dizia sobre este tema? Submetia-me à direção da organização? Eu disse, afinal, que a verdadeira questão era aquilo que a Palavra de Deus diz sobre qualquer assunto, e que alguns ensinos são claramente sólidos, fundamentados irrevogavelmente na Palavra de Deus; outros ensinos podem estar sujeitos à mudança.

[11] Dan reconheceu que nunca tinha falado com seu irmão, Peter, sobre as diferenças de ponto de vista deste, apesar de estar plenamente ciente delas.

Como ilustração, perguntei a Dan se ele achava possível que a organização pudesse, em algum tempo no futuro, mudar sua visão quanto à aplicação da expressão de Jesus acerca da "esta geração" em Mateus, capítulo 24. (Eu não lhes disse que os membros do Corpo Governante, Schroeder, Klein e Suiter tinham, de fato, sugerido uma mudança que teria transferido o início dessa "geração" de 1914 para 1957.) A resposta de Dan foi: "Se a organização achar apropriado mudá-la em algum momento no futuro, então eu a aceitarei." Apesar de não ser uma resposta direta, isso indicava que ele reconhecia a possibilidade duma mudança. Então perguntei-lhe se ele achava que a organização poderia possivelmente mudar no que diz respeito ao ensino de que Jesus Cristo deu sua vida como resgate pela humanidade. Ele simplesmente olhou para mim. Disse-lhe que tinha certeza que ele não achava que tal coisa pudesse acontecer, pois esse ensino estava solidamente fundamentado na Escritura. O outro ensino era um "entendimento corrente", e sujeito a mudança, certamente não no mesmo nível do ensino do sacrifício de resgate. Eu via a matéria de *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981 [15 /12, em português] e suas proibições com relação a associação com pessoas dissociadas, na mesma perspectiva.

Dan começou a falar então da "necessidade de se ser humilde" em aceitar a direção de Deus. Eu concordei de todo coração com isso e disse que estava certo de que eles também concordariam que os que pregam a humildade deveriam ser os primeiros a dar exemplo dela.

Novamente, para ilustrar, foi-lhes dado o exemplo de um grupo de pessoas conversando numa sala. Uma das pessoas expressa seu ponto de vista mui enfaticamente sobre uma variedade de assuntos. Quando termina, outra pessoa na sala comenta, dizendo que concorda de todo coração com o interlocutor inicial sobre vários pontos; entretanto, sente que diverge em alguns deles, dando suas razões. Nisto, o primeiro indivíduo se irrita e insta com o grupo para que expulse esta pessoa da sala por não ser boa companhia — visto não ter concordado com ele em *todos* os pontos. Qual deles, perguntei, é aquele que precisa aprender a humildade? Mais uma vez, não houve resposta. A conversa encerrou-se não muito depois e eles foram embora.

Peter me visitou naquela noite para saber do resultado. Ficou muito triste por causa da posição adotada com relação a mim e sabia a que

podia levar. Disse que queria que eu soubesse que, se eu achasse aconselhável não ter mais qualquer associação com ele, ele entenderia.

Lembrei-lhe um incidente que ocorrera um ano e meio antes, certa noite, pouco antes da minha ida a Brooklyn em maio de 1980, para minha reunião final com o Corpo Governante. Ele e eu estávamos no seu carro e eu lhe disse que Cynthia e eu havíamos considerado a situação e decidido que seria melhor não voltarmos para o Alabama depois da reunião, mas que, em vez disso, deveríamos ir para a casa de membros da família de Cynthia. Disse-lhe que não sabia o que podia resultar da reunião, talvez "o pior", e eu não queria causar problemas para ele e sua família.[12] Achávamos que havia menos possibilidade de se criar problemas para a família de minha esposa se fôssemos para lá. Ele respondeu que queriam muito que nós voltássemos, que estavam contando com isso. Disse-lhe que apreciávamos isso imensamente mas que ele tinha uma família grande — esposa, filhos e filhas, irmãos e irmãs, netos e cunhados, todos Testemunhas — e que, se eu fosse desassociado, a minha volta poderia resultar em consideráveis dificuldades e aborrecimentos para eles por parte da organização.

Sua resposta foi: "Estou ciente disso, e não ache que não tenho pensado bastante nessa possibilidade. Mas já consideramos cabalmente a situação e nos antecipamos ao problema. Queremos que voltem, aconteça o que acontecer."

Seria difícil dizer o quanto aquelas palavras significaram para mim naquele momento. Disse-lhe que não via como eu podia fazer menos, ainda mais agora que a situação tinha se invertido. Eu não podia compactuar com algo que tachava um homem de iníquo simplesmente por ter agido em harmonia com sua consciência, motivado pela preocupação para com a verdade e os interesses dos outros.

Depois da reunião de "reajustamento" com os dois anciãos da Congregação Gadsden Leste, não me disseram mais nada até a chegada do superintendente de circuito Wesley Benner, algumas semanas depois. Ele fez arranjos para vir à minha casa com Dan Gregerson. Tom Gregerson, também irmão de Peter, e o segundo dos quatro filhos da família Gregerson, esteve também presente por sua própria solicitação.

---

[12] Na ocasião, Peter ainda não tinha se dissociado. Sua dissociação ocorreu aproximadamente um ano depois.

A discussão seguiu o mesmo molde previsível, exceto que o superintendente de circuito tinha a tendência de interromper meus comentários até o ponto em que tive finalmente de pedir a ele para que, como convidado em minha casa, esperasse pelo menos eu terminar de falar para interromper. O "reajustamento" se baseava mais uma vez em *A Sentinela*, não nas Escrituras. Novamente, quando perguntados se realmente consideravam Peter Gregerson como um homem "iníquo", do tipo descrito em 1 Coríntios, capítulo 5, ou um "anticristo" conforme descrito pelo apóstolo João, nenhum deles fez qualquer comentário.

Chamei-lhes a atenção para Romanos capítulo 14, onde o apóstolo enfatizava a necessidade de se ser fiel à consciência, dizendo que qualquer pessoa, que faça alguma coisa com dúvida de que isto seja aprovado por Deus, está pecando, já que "tudo o que não vem da fé é pecado". Uma vez que as Escrituras estabelecem que, "Quem declarar justo ao iníquo e quem pronunciar iníquo ao justo — sim, ambos são algo detestável para Jeová", eu não podia violar conscientemente esse princípio ao encarar ou tratar Peter Gregerson como uma pessoa iníqua, quando tudo o que eu sabia sobre ele me dizia o contrário.[13]

A resposta de Benner foi que, se eu tinha de ser guiado por minha consciência, os anciãos também tinham de ser guiados pela deles. Que se esta era minha posição, então "eles teriam concordemente de tomar uma ação". (Evidentemente, a consciência dos anciãos não admitia respeitar a consciência de outro homem, demonstrando-lhe tolerância.) O tipo de "ação" a que se referia ficou perfeitamente claro com sua declaração seguinte. Ele disse que simplesmente se via como alguém que transmitia aquilo que a organização provia. Usando suas próprias palavras, ele disse: "Igual a um papagaio, eu repito o que o Corpo Governante diz." Isto foi dito com evidente orgulho, por quais razões não pude entender. Nunca pensei que fazer papel de papagaio pudesse ser visto como um feito de grande mérito.

Não muito depois disto, a conversa encerrou-se e eles foram embora. Tom Gregerson meneou a cabeça de maneira incrédula, dizendo que a experiência tinha sido reveladora embora deprimente; que ele não teria acreditado que homens pudessem dizer coisas tais como as que ele tinha ouvido.

---

[13] Provérbios 17:15.

Por volta de 1º de novembro, a mesma máquina judicativa que tinha funcionado em Brooklyn começou a funcionar em Gadsden. Chamadas telefônicas, perguntando uma coisa atrás da outra, chegavam dos anciãos. Fui notificado de que uma comissão judicativa se reuniria comigo.

Eu estava planejando escrever ao Corpo Governante para submeter minha renúncia como membro das corporações da Sociedade. (Eu tinha sido membro votante tanto da corporação da Pensilvânia como da de Nova York por vários anos)[14] Junto com a informação ao Corpo Governante de que eu estava renunciando a tal condição de membro, a 5 de novembro, escrevi:

> Localmente, certos anciãos interpretaram a informação de *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981 como autorização para exigir uma mudança em meu relacionamento com o homem em cuja propriedade moro e para quem trabalho, Peter Gregerson. Eles alegam que, já que ele se dissociou, eu deveria vê-lo como entre aqueles com os quais não se deveria comer — pessoas iníquas e anticristos — e que deixar de se harmonizar com esta posição requer desassociação. Ao aproximar-me dos sessenta anos, sem ter recursos financeiros, não estou em condição de mudar-me ou trocar de emprego. Portanto, apreciaria muito saber se a intenção de suas declarações nesse exemplar da revista é realmente como eles a apresentam, a saber, que aceitar eu o convite de meu locador e empregador para comer com ele constitui base para desassociação. Se, por outro lado, tiverem ido além da intenção do que foi publicado, alguma exortação à moderação me proporcionaria alívio de uma situação que é potencialmente opressiva. Apreciaria qualquer esclarecimento que pudessem dar, quer diretamente quer através de um de seus departamentos.

No mesmo dia, chegou um telefonema dos anciãos. Suas ligações tinham se tornado tão numerosas e a abordagem tão pouco fraternal que minha esposa e eu começamos a nos sentir emocionalmente abalados toda vez que ouvíamos o telefone tocar. Dei instruções a

[14] Essa minha condição de membro continuou depois de eu ter deixado a sede. Tanto em 1980 como em 1981, recebi as costumeiras "procurações" para votar na reunião anual. No primeiro ano, mandei a procuração pelo correio, mas em 1981, não me senti, conscientemente, em condições de fazê-lo, particularmente em vista da matéria que estava sendo publicada nas revistas da Sociedade.

minha esposa para que, no caso de os anciãos ligarem e eu não estar em casa, ela os informasse de que, qualquer coisa que tivessem de dizer, o fizessem por escrito. Assim, logo que recebeu a chamada, ela lhes passou esta informação. No dia seguinte, a comissão judicativa designada escreveu, chegando a carta a 10 de novembro de 1980.

Muitas Testemunhas de Jeová acham incrível que eu tenha realmente sido desassociado por ter tomado uma refeição com um homem, Peter Gregerson. Alguns insistem que isto não pode ter sido assim. Creio que a correspondência que então se trocou processou esclarece o assunto. A primeira destas cartas, enviada pela comissão judicativa, tinha a data de 6 de novembro de 1981.

2622 Fields Avenue
East Gadsden, AL 35903
November 6, 1981

Raymond V.Franz
Route 4, Box 440F
Gadsden, AL 35904

Dear Brother Franz:

As per your instructions given us by Sister Franz on Thursday, November 5, this is to ask you to meet with a judicial committee on Saturday, November 14, at 2:00 p.m. at the East Gadsden Kingdom Hall. The purpose of the meeting is to discuss with you your continued association with a person disassociated from the congregation.

If you are unable to meet with us on the above date, please contact one of us to arrange another meeting.

Your brothers,

Theotis French
Theotis French

Edgar Bryant
Edgar Bryant

Dan Gregerson
Dan Gregerson

Tradução

Fields Avenue, 2622
East Gadsden, AL 35903
6 de novembro de 1981

Raymond V. Franz
Route 4, Box 440F
Gadsden, AL 35904

Prezado irmão Franz:

Conforme suas instruções, que nos foram transmitidas pela irmã Franz na terça-feira, 5 de novembro, esta é para pedir-lhe que se reúna com a comissão judicativa no sábado, 14 de novembro, às 14:00, no Salão do Reino de Gadsden Leste. O propósito da reunião é considerar com você sua contínua associação com uma pessoa dissociada da congregação.

Caso não possa reunir-se conosco na data acima mencionada, favor comunicar-se com um de nós para marcar outra reunião.

Seus irmãos,

Theotis French
Edgar Bryant
Dan Gregerson

Esta carta deixa claro que uma acusação, uma acusação apenas, constituiu a base para sua "ação judicativa", a saber, minha 'associação com uma pessoa dissociada.'

Em minha resposta escrita, salientei aos anciãos de Gadsden que eu tinha escrito ao Corpo Governante em busca de esclarecimento quanto ao significado da matéria publicada em *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981 [15/12, em português] e estranhava não terem eles dado nenhuma consideração a isto, não estando evidentemente dispostos a conceder-me tempo para receber uma resposta. Salientei também o absurdo de manter-se Dan Gregerson servindo na comissão judicativa quando ele já havia se apresentado como meu acusador. Expressei a esperança de que a comissão judicativa fosse ampliada para tornar mais provável uma discussão justa e imparcial desta nova norma e de sua aplicação.[15]

[15] Para informação do leitor, esta carta é apresentada integralmente no Apêndice.

Enviei esta carta e, uma semana mais tarde, na sexta-feira, 20 de novembro, quando cheguei a casa do trabalho, minha esposa informou que o ancião Theotis French tinha telefonado. Eles estariam se reunindo como comissão judicativa bem no dia seguinte, sábado à tarde, disse ele. Tinham enviado uma carta a mim nesse sentido.

Na correspondência dessa tarde, havia um aviso de carta registrada. Fui às pressas até a agência dos correios e consegui receber a carta antes do final do expediente. A carta estava datada de 19 de novembro de 1981.

2022 Fields Avenue
East Gadsden, AL 35903
November 19, 1981

Raymond V. Franz
Route 4, Box 440-F
Gadsden, AL 35904

Dear Brother Franz:

As a body of elders, we have reviewed your letter and would like to respond. First, we would like to let you know that the body of elders had been made aware that you had mailed a letter to the Watchtower Society and we had determined that we should proceed with the judicial committee hearing. Second, in view of Dan Gregerson's being an accuser the body of elders has decided to replace him on the judicial committee with Larry Johnson.

Third, there are persons other than Dan who could serve as witnesses regarding the matter in question, but we feel that it is not necessary to disclose their names in view of your acknowledging that you have been fellowshipping with persons who are dissassociated from the congregation.

Fourth, the body of elders has determined that three elders will serve on the committee. We would like to assure you that the brothers designated have not prejudged you and that they will approach the meeting objectively.

Finally, Brother Franz, the appointed judicial committee would like to schedule a meeting with you on Saturday, November 21, at 4:00 p.m. at the Kingdom Hall. If you are unable to attend we request that you notify one of the brothers shown below to arrange a more convenient meeting.

Your brothers,

Larry Johnson
Larry Johnson

Edgar Bryant
Edgar Bryant

Theotis French
Theotis French

Tradução

Fields Avenue, 2622
East Gadsden, AL 35903
19 de novembro de 1981

Raymond V. Franz
Route 4, Box 440-F
Gadsden, AL 35904

Prezado irmão Franz:

Como corpo de anciãos, reexaminamos a sua carta e gostaríamos de respondê-la. Primeiro, gostaríamos de informá-lo de que o corpo de anciãos foi cientificado de que você enviou uma carta à Sociedade Torre de Vigia e nós determinamos prosseguir com a audiência da comissão judicativa.

Segundo, em vista de Dan Gregerson ser o acusador, o corpo de anciãos decidiu substituí-lo na comissão judicativa por Larry Johnson.

Terceiro, há pessoas, além de Dan, que poderiam servir como testemunhas com respeito ao assunto em questão, mas achamos que não é necessário revelar seus nomes já que você reconhece que esteve mantendo associação com pessoas que estão dissociadas da congregação.

Quarto, o corpo de anciãos decidiu que três anciãos servirão na comissão. Gostaríamos de assegurar-lhe que os irmãos designados não fizeram nenhum julgamento antecipado de você e farão uma abordagem objetiva na reunião.

Finalmente, irmão Franz, a comissão judicativa designada gostaria de marcar uma reunião com você no sábado, 21 de novembro, às 16:00 horas, no Salão do Reino. Se você não puder comparecer, pedimos que o comunique a um dos irmãos mencionados abaixo, para marcarmos a reunião para uma ocasião mais conveniente.

Seus irmãos,

Larry Johnson
Edgar Bryant
Theotis French

Esta carta não era meramente formal. Poderia muito bem ter vindo de algum tribunal civil, pois, apesar de assinado “Seus irmãos”, não transmitia nada da cordialidade da fraternidade cristã. O legalismo frio era o tom predominante. Apesar disso, a menos que eu já tivesse sido julgado com antecedência (que afirmaram não ser o caso), certamente *deveria* ter sido expresso um espírito de irmandade, um sentimento de preocupação compassiva pelos interesses vitais do homem a quem

escreviam. Desconsiderando o serviço de toda minha vida adulta entre as Testemunhas de Jeová ou o fato de eu ter servido no Corpo Governante delas ou minha idade e as circunstâncias existentes — desconsiderando tudo isso, eles ainda deveriam ter manifestado certa medida de interesse amoroso, mesmo que eles me vissem como '*um dos mínimos* dos irmãos de Cristo'. (Veja Mateus 25:40.) Não creio que o espírito insensível manifestado tenha se originado destes homens. Teve outra fonte. A carta era típica.

Minha esposa já tinha informado ao ancião French, em conversa telefônica, que teríamos visitas de fora do estado chegando no sábado e que não tínhamos como nos comunicar com elas ou mudar os planos.

Na segunda-feira seguinte, 23 de novembro, escrevi novamente para expressar meu desalento diante da maneira apressada e da falta de consideração com que a comissão judicativa estava procedendo.

Naquela mesma tarde, recebemos telefonema do ancião French dizendo que a comissão judicativa se reuniria dois dias depois, na noitinha da quarta-feira (25 de novembro) e tomaria uma decisão, quer eu estivesse presente quer não. Decidi que seria inútil enviar a carta que eu lhes tinha escrito.[16] Pareciam estar numa pressa tremenda, uma "urgência para o julgamento". Pessoalmente, não acho que isto fosse da própria iniciativa deles. Como o presidente da comissão reconheceu mais tarde, estavam em comunicação como o representante da Sociedade, o superintendente de circuito Wesley Benner. Muitas de suas declarações e atitudes refletiam de maneira marcante as que ele manifestara em minha casa. Ele, por sua vez, estava certamente em contato com o Departamento de Serviço da sede em Brooklyn, e esse departamento estava — além de qualquer dúvida — em comunicação com o Corpo Governante. Isto não era algo incomum; era o modo habitual no qual as coisas funcionavam. Os métodos utilizados não me surpreendiam; eram apenas deprimentes.

Quando chegou a quarta-feira (25 de novembro), decidi que, em vez de ser julgado *in absentia*, eu iria à reunião deles, a qual o ancião French disse que seria na "quarta-feira à noitinha". Naquela tarde, liguei para a casa de um dos membros da comissão para certificar-me

[16] Veja o conteúdo da carta no Apêndice.

da hora exata. A esposa do homem disse que ele já estava no Salão do Reino. Telefonei para o Salão e descobri que iam fazer a reunião à tarde — para eles, "noitinha" aparentemente significava qualquer hora depois das três da tarde. Disse-lhes que não eu tinha entendido isso, que não tinham me dado qualquer horário específico e perguntei se eles podiam adiar sua reunião até depois das seis horas da tarde. Eles concordaram.

Tom Gregerson havia dito que queria acompanhar-me e eu telefonei então para ele. Ao chegarmos ao Salão do Reino, entramos na sala de reuniões, onde estavam os anciãos French (presidente), Bryant e Johnson, da comissão judicativa. Informaram a Tom que ele não poderia estar presente, exceto para dar depoimento. Ele disse que queria estar presente, já que aproximadamente 35 Testemunhas de Jeová trabalhavam na empresa (Warehouse Groceries) da qual ele era um diretor. Queria saber exatamente que posição estava sendo adotada quanto a esta situação. A resposta deles foi, ainda assim, "Não".

Depois de sua saída, a comissão abriu a audiência e convocou as testemunhas. Havia duas: Dan Gregerson e a Sra. Robert Daley.

Dan falou primeiro. Ele disse que me tinha visto na Western Steak House com Peter Gregerson (e nossas esposas). Esta foi a essência de seu testemunho. Quando ele terminou, perguntei-lhe quando isto ocorrera e ele admitiu que fora no verão e, portanto, antes de sair *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981 [em português, 15/12], com sua nova regra prescrevendo que se tratasse alguém que tinha se dissociado voluntariamente do mesmo modo como se tivesse sido desassociado. Eu disse à comissão que, a menos que acreditassem em leis de *efeito retroativo*, o testemunho de Dan era irrelevante.

Pediu-se então à outra testemunha para prestar seu depoimento. Ela testificou essencialmente a mesma coisa que Dan, exceto que a ocasião no restaurante fora posterior à publicação de *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981.

Reconheci prontamente que eu tinha de fato tomado uma refeição com Peter na ocasião à que ela se referiu. Perguntei-lhe também se não era verdade que ela e seu marido (um ancião na Congregação de Gadsden Leste) tinham tomado também uma refeição com Peter. (Peter tinha ido ao Restaurante Morrison's certo dia e viu-se postado logo atrás do ancião Daley e sua esposa. Já que, antes de seu atual casamento, Daley tinha sido o padrasto de Peter, tendo casado com a

mãe de Peter depois da morte do pai dele, Peter deu então uma cotovelada em Daley e este se virou, começou a falar com Peter e o convidou para se sentar com eles, e os três conversaram durante toda a refeição. Isto também aconteceu depois do lançamento de *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981 [em português, 15 /12].)

A testemunha ficou muito agitada diante disto e disse que, mesmo isso sendo verdade, tinha mais tarde falado com algumas das "irmãs" que sabiam que isso não estava certo e que jamais o faria novamente. (Mais tarde, passada a audiência, mencionei isto a Peter e ele disse: "Mas eles comeram comigo *duas vezes*! Outro dia, eu entrei no Morrison's e eles já estavam sentados e, quando me viram, acenaram para que eu viesse e me sentasse com eles." A testemunha não disse nada sobre esta segunda ocasião, que me era desconhecida no momento da audiência).

Esse foi o resumo e a substância da "evidência" contra mim. As duas testemunhas se retiraram.

A comissão começou então a perguntar sobre minha posição em relação à *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981. Eu quis saber por que eles não estavam dispostos a esperar pela resposta do Corpo Governante à minha consulta neste respeito, escrita a 5 de novembro. O presidente, Theotis French, pôs sua mão sobre a revista *A Sentinela* de 15 de setembro, aberta diante de si e disse: "Esta é toda a autoridade de que precisamos."

Perguntei se eles não se sentiriam mais confiantes caso tivessem confirmação de seu ponto de vista pelo Corpo Governante. Ele repetiu que 'tinham de seguir o que estava publicado', e que, de qualquer maneira, 'eles tinham telefonado para Brooklyn a respeito do assunto'. Esta foi a primeira vez que fiquei sabendo qualquer coisa sobre tal telefonema. Esse era evidentemente o motivo por que, quando falei ao presidente da comissão, o ancião French, pelo telefone dois dias antes, dissera que o corpo de anciãos "não achava que era necessário" esperar pela resposta do Corpo Governante à minha carta! Seguiam o mesmo procedimento sigiloso seguido anteriormente pela Comissão do Presidente e, ao que parece, não sentiam necessidade alguma de me deixar saber que já tinham se comunicado por telefone com a sede em Brooklyn.

Perguntei se tinham falado com alguém do Corpo Governante. A resposta foi "não", que eles tinham conversado com um membro do

Departamento de Serviço. O que lhes fora dito? French disse que lhe fora dito: “Nada mudou e vocês podem ir em frente”.

French disse que seu entendimento era que “a Sociedade tinha feito um exame rigoroso da posição anterior em *A Sentinela* de 1974 e estava retornando ao modo de como era antes.” (Este é basicamente o modo como o superintendente de circuito Benner se expressou em minha casa.) Theotis prosseguiu dizendo que “a revista *A Sentinela* nos ajuda a ver onde traçar uma linha bem nítida” nestes assuntos. O ancião Edgar Bryant acrescentou: “Estamos todos procurando nos alinhar com o que *A Sentinela* exige.”

Até este ponto, nenhum dos três homens fizera qualquer referência à Bíblia. Enfatizei que esta era meu guia. Com base bíblica, deveria eu considerar Peter Gregerson uma pessoa imprópria para companhia numa refeição?

O ancião Johnson voltou-se para 1 Coríntios, capítulo 5, começou a ler alguns versículos, vacilou e parou, sem fazer nenhuma aplicação da informação. Perguntei a cada membro da comissão individualmente se acreditava honestamente que Peter Gregerson fazia parte do tipo de pessoa descrita nesses versículos, incluindo os escritos de João sobre os “anticristos”. Theotis French reagiu com alguma agitação, dizendo ‘que não cabia a ele fazer um julgamento do homem’, que ‘não sabia de tudo sobre Peter de modo a fazer tal julgamento’. Perguntei-lhe como eles podiam então pedir-me para fazer esse julgamento e deixar-me guiar por ele, quando eles mesmos não estavam dispostos a fazê-lo.

Sua resposta foi: “Não viemos aqui para que você nos ensine, irmão Franz”. Assegurei-lhe que eu não estava ali para ensiná-los, mas que todo o curso de minha vida como cristão tinha sido posto em dúvida, estava em jogo, e achava que tinha o direito de expressar-me. Nem Edgar Bryant nem Larry Johnson se dispuseram a fazer qualquer declaração definida quanto a como encaravam Peter Gregerson, com quem ter uma refeição estava sendo tratado agora como um ato “criminoso”.

O presidente disse então que não via nenhuma razão para mais discussão. Tom Gregerson foi convidado a entrar para ver se tinha algum testemunho a dar. Quando ele perguntou que efeito esta posição de *A Sentinela* teria sobre as Testemunhas empregadas em sua empresa, que podiam periodicamente viajar ou comer na companhia de uma pessoa dissociada, Larry Johnson disse que não estavam ali para

responder a essa pergunta e que Tom podia levantar esta pergunta em outra oportunidade.[17] Tom respondeu que já estivera fazendo esta pergunta por algum tempo, que tinha perguntado ao superintendente de circuito e ainda estava sem resposta. Tampouco houve qualquer resposta. A reunião acabou e nós fomos embora. A comissão judicativa ficou para trás a fim de discutir a "evidência".

Cerca de uma semana depois, o telefone tocou e Larry Johnson me informou que a decisão da comissão foi pela desassociação. Eu tinha sete dias a partir da data de seu telefonema para recorrer da decisão.

Escrevi-lhes uma longa carta, a minha carta de "apelação". Achava que o quer que tivesse a dizer, seria melhor fazê-lo por escrito. O que é dito pode ser facilmente mudado, distorcido ou simplesmente esquecido; o que se escreve permanece e não pode ser tão facilmente passado por alto. Minha experiência na audiência anterior tornou óbvio que prevalecia uma atmosfera muito doentia e que, mesmo numa audiência de apelação, a possibilidade de uma discussão bíblica dos problemas de maneira calma e razoável era bastante remota.

Na carta, chamei a atenção deles para o conselho publicado da Sociedade de que os anciãos de uma comissão judicativa deveriam "pesar os assuntos cuidadosamente", que eles não deveriam procurar "regras rígidas como guia", mas "pensar em termos de princípios"; deveriam "ter certeza de que o conselho se baseava solidamente na Palavra de Deus"; deveriam "tomar tempo e esforço suficientes para atingir o coração da pessoa"; deveriam "discutir a aplicação dos textos bíblicos pertinentes, certificando-se de que ele [o acusado] os entendesse". Foi isso o que foi dito; não era isso o que estava sendo feito (embora o que estava sendo feito fosse do conhecimento dos responsáveis pela publicação desse mesmo conselho). A essência de minha posição se resume talvez nestes dois parágrafos:

[17] Tom Gregerson era nessa época o presidente da Warehouse Groceries.

Perhaps it may be said that I have not expressed repentance for having eaten with Peter Gregerson. To express repentance I need first to be satisfied that doing so is a sin before God. The only means for providing such conviction must rightly come from God's Word, which alone is inspired and unfailingly reliable. (2 Timothy 3:16, 17) My understanding from the Scriptures is that loyalty to God and to his Word is of supreme importance and supercedes any other loyalty of whatever kind. (Acts 4:19, 20; 5:29) My understanding also is that it is not for me or any other human or group of humans to add to that Word, under pain of being "proved a liar" or even receiving divine plagues. (Proverbs 30:5, 6; Revelation 22:18, 19) I cannot take such scriptural warnings lightly. In view of all the scriptural admonition against judging others, I have a healthy fear of setting myself (or any human or group of humans) up as legislator and feel compelled to let God's Word alone do such judging. To do that I need to be certain that I am not simply following some humanly devised standard that poses as a divine standard but which is in fact uninspired, unsupported by God's Word. I do not wish to be guilty of presumption and impertinence in judging someone whom God by his own expressed Word has not so judged.--Romans 14:4, 10-12; James 4:11, 12; see also Commentary on the Letter of James pages 161 to 168.

I assure you that if you will help me to see from the Scriptures that the act of eating with Peter Gregerson is a sin I will humbly repent of such sin before God. Those who have talked with me thus far have not done this but have cited the above-mentioned magazine as their "authority" (the term used by the chairman of the judicial committee). My understanding is that all authority within the Christian congregation must derive from and be solidly based on the Word of God. Proverbs 17:15 states that "Anyone pronouncing the wicked one righteous and anyone pronouncing the righteous one wicked--even both of them are something detestable to Jehovah." I have no desire to be detestable to God and hence am very concerned about this matter.

Tradução

Talvez se diga que não expressei arrependimento por ter comido com Peter Gregerson. Para expressar arrependimento é preciso primeiro que eu esteja convencido de que o que fiz foi um pecado contra Deus. O único meio de se prover tal convicção deve apropriadamente vir da palavra de Deus, a única que é inspirada e infalivelmente confiável. (2 Timóteo 3: 16, 17). Meu entendimento das Escrituras é que a lealdade a Deus e a sua Palavra é de suprema importância e que ela se sobrepõe à quaisquer outras espécies de lealdade. (Atos 4:19, 20; 5:29). Meu entendimento é também de que não cabe a mim ou a qualquer outro humano ou grupo de humanos fazer acréscimos a essa Palavra, sob pena de se vir a ser “mostrado mentiroso” ou até de receber pragas divinas. (Provérbios 30:5,6; Revelação 22:18,19). Não posso fazer pouco caso de tais advertências bíblicas. Em vista de todas as admoestações das Escrituras contra se julgar outros, sinto um temor salutar de colocar a mim mesmo (ou a qualquer humano ou grupo de humanos) como legisladores, e sinto-me compelido a deixar que apenas a Palavra de Deus faça tal julgamento. Para fazer isso preciso ter certeza de que não estou simplesmente seguindo algum padrão humanamente delineado que se apresenta como um padrão divino, mas que é, de fato, não inspirado, e não fundamentado na Palavra de Deus. Não desejo ser culpado de presunção e impertinência em julgar

alguém a quem Deus, em sua expressa Palavra, não julgou. – Romanos 14:4,10-12; Tiago 4:11,12; Veja também Comentário à Carta de Tiago páginas 161 a 168.

Asseguro-lhes de que se me ajudarem a ver nas Escrituras que o ato de comer com Peter Gregerson é um pecado, arrepender-me-ei humildemente de tal pecado diante de Deus. Aqueles que até agora conversaram comigo não fizeram isso, mas citaram a revista acima mencionada como sua "autoridade" (termo usado pelo presidente da comissão judicativa). Meu entendimento é de que toda autoridade dentro da congregação cristã deve se derivar da Palavra de Deus e estar solidamente baseada nela. Provérbios 17:15 declara que "Quem declarar justo ao iníquo e quem pronunciar iníquo ao justo — sim ambos são algo detestável para Jeová". De modo algum desejo ser detestável para Deus e, portanto, muito me preocupa este assunto.

Encerrei fazendo ainda outro apelo para que honrassem meu pedido no sentido de esperar pela resposta do Corpo Governante à minha carta de 5 de novembro.[18]

Nessa ocasião, todavia, nutria pouca dúvida de que o Corpo Governante tivesse alguma intenção de responder minha carta. Já se passara um mês e eles estavam bem a par de minhas circunstâncias e quão criticamente eu precisava de alguma declaração da parte deles. Pelos meus anos de experiência no Corpo, eu sabia que, embora preferindo permanecer em segundo plano, eles se mantinham definitivamente muito bem informados de cada desdobramento do meu caso. O Departamento de Serviço deveria passar adiante toda a informação e seria, por sua vez, suprido de relatórios do superintendente de circuito. Tanto as ações como as expressões dos anciãos locais indicavam que os procedimentos eram orquestrados a partir do núcleo da autoridade, o Corpo Governante, por meio do superintendente de circuito. O núcleo da autoridade, o Corpo Governante, estava disposto a comunicar-se com os que me estavam julgando, fazendo-o por meio do seu Departamento de Serviço, mas não se dispunha a responder o pedido que lhes fiz por escrito, nem mesmo a acusar o recebimento de minha carta.

De modo que, em 11 de dezembro, *sete semanas* depois de minha carta inicial, escrevi novamente ao Corpo, enviando-lhes uma cópia de minha "carta de apelação" e chamando sua atenção para minha carta datada de 5 de novembro.[19]

[18] Veja o Apêndice para ler a carta na íntegra.
[19] Veja o Apêndice.

Exatamente sete dias depois de entregar minha carta de apelação, o ancião French telefonou para dizer-me que havia sido formada uma comissão de apelação, dando os nomes dos membros selecionados. Passaram-se três dias e veio outro telefonema; fui informado de que a comissão de apelação se reuniria comigo no domingo. Eu lhe disse que havia escrito a ele solicitando os nomes específicos (ele tinha me dado apenas os nomes de família de alguns deles) e que iria pedir uma mudança na composição da comissão. Quando eu quis saber por que estes homens em particular haviam sido escolhidos, sua resposta foi que Wesley Benner, o representante da Sociedade, os havia selecionado.

Os homens que ele havia escolhido como membros da comissão de apelação eram Willie Anderson, Earl Parnell e Rob Dibble. Em vista do fato de que a principal acusação contra mim era minha associação com Peter Gregerson, achei esta seleção incrível.

Era muito pouco provável que qualquer destes homens demonstrasse objetividade no que se relacionava a Peter.

Conforme destaquei em minha carta aos anciãos de Gadsden (apesar de eles mesmos já saberem disto), Willie Anderson havia presidido uma comissão que causou bastante agitação em Gadsden devido a sua maneira de tratar de um assunto envolvendo grande número de jovens das congregações locais. Peter Gregerson tinha apelado à sede em Brooklyn a fim de ser enviada uma comissão de revisão e, quando se fez isto, descobriu-se que a comissão presidida por Willie Anderson havia exagerado em várias de suas ações. Isto teve um impacto observável no relacionamento entre o ancião Anderson e Peter Gregerson daí em diante.

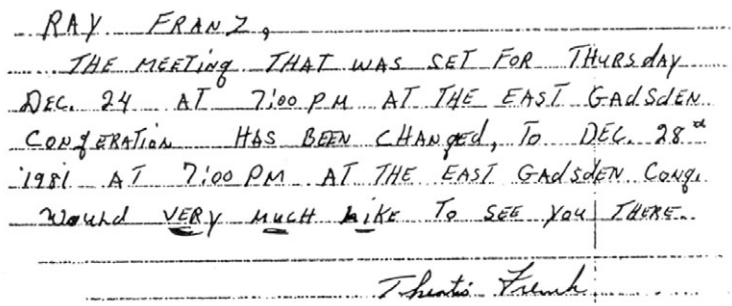
A escolha de Earl Parnell pelo superintendente de circuito Benner era ainda mais difícil de entender. Uma das filhas de Peter Gregerson fora casada com um filho do ancião Parnell, mas acabara de divorciar-se dele. As relações tensas entre ambos os pais eram óbvias. O superintendente de circuito sabia da ação de divórcio e, alguém poderia pensar, ele devia ter sensibilidade suficiente para ter-se dado conta de quão inapropriado era designar o ancião Parnell para um caso do qual Peter Gregerson era a figura central.

Acontecia o mesmo com Rob Dibble. Ele era genro do ancião Parnell, sua esposa era irmã do filho de Parnell, divorciado recentemente da filha de Peter Gregerson.

Enquanto escrevia aos anciãos de Gadsden, achava difícil pensar em outra comissão de três homens que fosse menos qualificada para uma audiência judicativa imparcial e objetiva. (O único modo em que eu podia ver qualquer lógica nessa seleção seria no caso de estarem buscando uma decisão adversa de qualquer maneira.) Solicitei em minha carta que fosse selecionada uma comissão de apelação totalmente diferente.[20]

No mesmo dia em que escrevi estas cartas (20 de dezembro), recebi ainda outro telefonema do ancião French. A comissão de apelação queria informar-me que eles se reuniriam no dia seguinte, segunda-feira, e 'realizariam a audiência quer eu estivesse presente quer não.' Disse ao ancião French que eu havia escrito solicitando uma mudança na comissão e que havia também escrito à sede em Brooklyn. Enviei cópias destas cartas diretamente para sua casa no dia seguinte, segunda-feira.

Dois dias depois, quarta-feira, 23 de dezembro, recebi o seguinte aviso em correspondência registrada:


RAY FRANZ,

THE MEETING THAT WAS SET FOR THURSDAY DEC. 24 AT 7:00 PM AT THE EAST GADSDEN CONGREGATION HAS BEEN CHANGED, TO DEC. 28th 1981 AT 7:00 PM AT THE EAST GADSDEN CONGR. WOULD VERY MUCH LIKE TO SEE YOU THERE.

Theotis French

Tradução

Ray Franz,

A reunião que estava marcada para quinta-feira, 24 de dezembro, às 19:00h, na Congregação Gadsden Leste, foi transferida para 28 de dezembro de 1981 às 19:00, na Congregação Gadsden Leste.

Gostaríamos muito de vê-lo lá.

Theotis French

---

[20] Veja o Apêndice.

Ninguém tinha me falado nada sobre uma reunião sugerida para quinta-feira. Mas o aviso acima era minha notificação oficial da reunião de 28 de dezembro, segunda-feira.

Durante os dois dias seguintes, após eu ter enviado as cartas à casa do ancião Theotis French, fiquei sabendo que ele estava procurando obter informações para apoiar uma acusação nova e totalmente diferente. Mark Gregerson, outro irmão de Peter, informou a Peter que Theotis French tinha feito uma ligação interurbana para sua casa na Flórida. O ancião French falou com a esposa de Mark e perguntou se ela conseguia lembrar-se de eu ter feito alguma vez qualquer comentário contra a organização. Ela lhe disse que jamais tinha me ouvido fazer comentários contra ninguém, inclusive a organização. Por que ele queria saber? Ele respondeu que estava 'simplesmente buscando informações.' Não pediu para falar com o marido dela.

Isto, também, trouxe recordações da situação de pesadelo que passei um ano e meio antes e da conduta da Comissão do Presidente do Corpo Governante nessa época.

Tinham-se passado aproximadamente sete semanas desde que escrevera pela primeira vez ao Corpo Governante pedindo-lhes que se manifestassem com relação à matéria na revista *A Sentinela* de 15 de setembro de 1981 [em português, 15/12], informando-lhes por que isso era de séria importância para mim. Por volta dessa data, eu havia escrito já por mais duas vezes, pedindo-lhes que fizessem alguma declaração. Não acharam apropriado responder ou mesmo acusar o recebimento de nenhuma destas cartas. Seria algo assim tão incrível que a liderança de uma organização mundial que afirmava ser o exemplo eminente de apego aos princípios cristãos, com seus milhões de membros, pudesse comportar-se de tal maneira? Não, não seria assim tão surpreendente para uma pessoa que já estivesse familiarizada com a atitude prevalecente em sua liderança. Eu fui pessoalmente testemunha de semelhante descaso de cartas quando o Corpo Governante achava que não era de seu interesse dar uma resposta. Eles claramente se sentiam assim no meu caso.

Desde o início, eu não tivera qualquer dúvida quanto ao objetivo final de tudo isso que estava sendo feito. Sentia-me completamente doente em virtude da condução geral do assunto, o qual posso apenas descrever como uma abordagem de mentalidade estreita cuja clara determinação era apenas a de descobrir alguma coisa, não importa

quão trivial ou insignificante, contanto que isto pudesse servir de base para se instaurar uma ação desfavorável contra mim. Assim, escrevi a minha última carta, datada de 23 de dezembro de 1981, e enviei cópias para o Corpo Governante e para o Corpo de Anciãos da Congregação Gadsden Leste.

December 23, 1981

East Gadsden Congregation Body of Elders
Gadsden AL

Dear Brothers:

By means of this letter I am withdrawing my appeal of the decision to disfellowship me. My reason for doing so is as follows:

On the basis of testimony that I had eaten a meal on one occasion with Peter Gregerson since the publication of the September 15, 1981, Watchtower, the initial judicial committee decided to disfellowship me. That forty years of full-time service could be discounted on such a petty basis indicates to me that there is no real concern to take into account my conscientious feelings, expressed in detail in my letter of December 8, 1981, nor concern to show me from Scripture wherein I have erred.

Additionally, the selection of the membership of the appeal committee, as made by the circuit overseer, gives no real basis for expecting a fair consideration in my case. The selection made, as pointed out in my letter of December 20, 1981, was of three persons who are obviously among those least likely to be able to handle my case in an objective way, free from the influence of personal feeling. I can think of no justification for the selection made, and believe it makes a travesty of justice.

There seems to be no evidence to indicate that the Governing Body is desirous of providing any aid or relief for me, since my letter of November 5, 1981, has now gone approximately seven weeks with no response to me. While the chairman of the initial

judicial committee has stated that he called the Service Department on more than one occasion, the conversations give no indication of relief since, according to the chairman, they said that 'nothing has changed and to go ahead.'

Finally, I now know that effort is being made, by phone, even by long distance, to try to find something to use against me in an effort to incriminate me. This has been done in the last few days, since my turning in my letter of December 20, 1981, requesting a different appeal committee. Even though the person contacted has never made any complaint about me, the request is made to see if they can remember anything I said that might be viewed as improper. Surely if I were responsible for making a disturbance in the congregation, one of a genuinely perverse or malicious kind, it would never be necessary to resort to such methods to substantiate such a charge.

East Gadsden Congregation Body of Elders
December 23, 1981, Page II

The continuation of such method can only result in further damaging of my good name and character. It is an open invitation to suspicion and gossip.

My feelings are as those of the apostle at Galatians 6:17: "Henceforth let no one be making trouble for me, for I am carrying on my body the brand marks of a slave of Jesus." For the past eight weeks my wife and I have been subjected to much mental anguish, not merely by the repeated visits and more than a dozen phone calls (to the point where the ring of the phone became an unpleasant sound), but more especially by the attitude manifested. Now there is added to all this the knowledge that a surreptitious inquiry is being carried on that is clearly adverse to my rightful interests. I experienced similar treatment last year in New York, where similar efforts were made for one month--and not one word was said to me during that time to indicate to me that my conduct was in any way under accusation, this despite the fact that a clear opportunity was given by me for those conducting the inquiry to express such. I have no desire to undergo similar mistreatment again, particularly since there is nothing to indicate that the truth of the matter can be made known in such a way as to remove the unwarranted stain produced. That must rest in God's hands. --Matthew 10:26.

My withdrawal of my appeal should in no way be construed as an acknowledgment of guilt or an acceptance of the disfellowshiping decision as being in any sense proper, just or Scriptural. Again with the apostle I can say: "Now to me it is a very trivial matter that I should be examined by you or by a human tribunal. Even I do not examine myself. For I am not conscious of anything against myself. Yet by this I am not proved righteous, but he that examines me is Jehovah." (1 Corinthians 4:3, 4) My confidence in his righteous judgment is implicit and my confidence in the rightness and truthfulness of his Word is only strengthened by what I have experienced. And as long as I have life I will endeavor to make the truth of that Word known to others for their blessing and God's praise.

As for my brothers among Jehovah's Witnesses, I can say that the good will of my heart and my supplication to God are on their behalf. I have labored conscientiously since 1938 in their spiritual interests and I assure you that if I saw any hope that my subjecting myself to further trial would result in benefit to them I would gladly endure such.--Compare Romans 9:1-3.

Respectfully,

W. Franz

Tradução

23 de dezembro de 1981

Corpo de Anciãos da Congregação Gadsden Leste
Gadsden, AL

Prezados irmãos:

Estou, por meio desta carta, retirando minha apelação da decisão de desassociar-me. Minha razão para agir dessa maneira é a seguinte:

Com base no depoimento de que tive uma refeição, numa só ocasião, com Peter Gregerson desde a publicação de A Sentinela de 15 de setembro de 1981, a comissão judicativa inicial decidiu desassociar-me. Que os quarenta anos de serviço de tempo integral não podem ser levados em conta diante de um motivo tão insignificante me dá a entender que não há um verdadeiro interesse em tomar em consideração meus sentimentos de consciência, expressos detalhadamente em minha carta de 8 de dezembro de 1981, nem interesse em provar para mim, através das Escrituras, no que foi que errei.

Adicionalmente, a seleção dos membros da comissão de apelação, conforme feita pelo superintendente de circuito, não me fornece nenhuma base concreta para esperar uma consideração imparcial do meu caso. A seleção feita, conforme salientado em minha carta de 20 de dezembro de 1981, foi de três pessoas que estão obviamente entre os menos prováveis de serem capazes de cuidar de meu caso de maneira objetiva, livres da influência de sentimento pessoal. Não posso imaginar nenhuma justificativa para tal seleção, e creio que esta se constitui numa bizarra caricatura da justiça.

Parece não haver nenhuma evidência indicando que o Corpo Governante esteja disposto a providenciar-me alguma ajuda ou alívio, já que minha carta de 5 de novembro de 1981 se encontra agora com sete semanas aproximadamente sem nenhuma resposta. O presidente da comissão judicativa inicial declarou que ligou para o Departamento de Serviço em mais de uma ocasião e as conversas não deram sinal de alívio já que, segundo o presidente, eles disseram que ‘nada mudou e que fossem em frente’.

Finalmente, fiquei sabendo agora que estão fazendo um esforço, por telefone, até por ligação interurbana, procurando encontrar algo para usar contra mim num empenho de incriminar-me. Isto tem sido feito nestes últimos dias, desde que enviei minha carta de 20 de dezembro de 1981, solicitando uma comissão de apelação diferente. Embora a pessoa contatada nunca tivesse feito nenhuma queixa a meu respeito, pediu-se para ela que tentasse se lembrar de alguma coisa que eu tivesse dito que pudesse ser vista como imprópria. Certamente, se eu fosse responsável por causar distúrbio na congregação, de um tipo verdadeiramente perverso ou malicioso, jamais seria necessário recorrer a tais métodos para fundamentar tal acusação.

A continuação de tal método só pode resultar em maior prejuízo para meu bom nome e caráter. É um amplo convite à suspeita e tagarelice.

Meus sentimentos são como os expressos pelo apóstolo em Gálatas 6:17: "Doravante, que ninguém me cause dificuldades, pois estou levando no meu corpo as marcas dum escravo de Jesus." Durante as últimas oito semanas, minha esposa e eu fomos submetidos a tal angústia mental, não tanto pelas repetidas visitas e as mais de uma dúzia de chamadas telefônicas (a ponto de o toque do telefone se tornar desagradável), mas mais especialmente pela atitude expressa. Há agora, somado a tudo isto, o conhecimento de uma investigação feita sorrateiramente, que é claramente contrária a meus justos interesses. Passei por um tratamento similar no ano passado em Nova York, onde se fizeram esforços similares durante um mês — e não me disseram uma palavra sequer durante esse período que indicasse que minha conduta estava, de alguma maneira, sob acusação, isto apesar do fato de eu ter dado uma clara oportunidade aos que conduziam a investigação de expressá-la. Não tenho o menor desejo de sofrer semelhantes maus-tratos outra vez, já que, particularmente, não há nada que indique que a verdade do assunto se manifeste de maneira tal, que remova a mancha injustificada produzida. Isso deve ser deixado nas mãos de Deus. — Mateus 10:26

Ter eu retirado minha apelação não deve ser interpretado de maneira alguma como admissão de culpa ou como aceitação da decisão de desassociação, como se fosse de certo modo apropriada, justa ou bíblica. Mais uma vez, posso dizer junto com o apóstolo: "Ora, para mim é um assunto muito trivial o de eu ser examinado por vós ou por tribunal humano. Até mesmo, eu não me examino a mim mesmo. Pois não estou cônscio de nada contra mim mesmo. Contudo, não é por isso que eu seja mostrado justo, mas quem me examina é Jeová." (1 Coríntios 4:3, 4) Minha confiança em seu julgamento justo é absoluta e minha confiança na justeza e veracidade de sua Palavra só se fortalecem com o que tenho passado. E, enquanto vida eu tiver, esforçar-me-ei para tornar conhecida a verdade dessa Palavra a outros para a bênção destes e louvor de Deus.

Quanto a meus irmãos entre as Testemunhas de Jeová, posso dizer que a boa vontade de meu coração e minha súplica a Deus são em seu favor. Tenho labutado conscienciosamente desde 1938 em prol de seu interesse espiritual e lhes asseguro que, se eu visse qualquer esperança de que sujeitar-me a mais provações resultaria em benefício para eles, eu as suportaria com alegria. — Compare com Romanos 9:1-3.

Respeitosamente,

R.V.Franz

Havia pouca dúvida em minha mente de que os que coordenavam todo o assunto tinham começado a pensar que a "evidência" usada para desassociar-me — uma única refeição com Peter Gregerson — pudesse parecer um tanto fraca. Em vez de procurar fornecer evidência da Palavra de Deus (demonstrando que meu ato era realmente pecaminoso), como eu tinha solicitado em minha carta de apelação,

eles procuraram desenvolver um "caso" mais forte por buscar testemunho desfavorável. Não vi nenhum benefício em submeter-me mais a isto.

Oito dias depois, recebi uma chamada telefônica de Larry Johnson informando-me que tinham recebido a minha carta e que, em vista de eu ter retirado a apelação, a ação de desassociação tomada pela primeira comissão havia sido mantida.

Pareceu-me um tanto apropriado que o telefonema chegasse no dia em que chegou. Eu fora batizado em 1º de janeiro de 1939 e, exatamente quarenta e três anos depois, em 31 de dezembro de 1981, fui excomungado — e a única acusação que serviu de base para tal ação fora o testemunho de que eu havia feito uma refeição na companhia de uma pessoa dissociada.

Será que creio pessoalmente que este fora o motivo verdadeiro para tomarem a ação que tomaram? Não. Acredito que foi simplesmente um artifício usado para alcançar um objetivo. Na mente deles, o fim justificou os meios. Que uma organização lance mão de um artifício tão insignificante revela, na minha mente, uma norma extraordinariamente baixa de conduta e uma grande insegurança.

Com base em minha experiência passada no Corpo Governante, na conduta de sua Comissão do Presidente durante a primavera de 1980, e também nas matérias publicadas desde então até o presente, minha crença pessoal é que foi considerado "vantajoso" que eu fosse desassociado, de modo a eliminar o que eles consideravam como uma "ameaça". Se assim foi, então isto também revela, penso eu, uma sensação muito grande de insegurança — principalmente para uma organização que professa ser o instrumento escolhido de Deus, apoiado pelo poder soberano do universo e pelo designado Rei reinante como supervisor de todos os seus interesses terrenos. Esta *não* seria certamente a ação de uma organização plenamente à vontade com seus próprios ensinos, tranqüilamente confiante de que aquilo que ela apresenta seja a verdade, solidamente apoiada pela Palavra de Deus. Nem seria a ação de uma organização que tem genuína confiança em seu corpo de adeptos, confiança em que a instrução e treinamento transmitidos tenham produzido homens e mulheres como cristãos maduros, que não precisem de algum *magistério* maternal que lhes prescreva o que hão de ler, conversar ou pensar, mas que sejam, ao

invés, capazes de discernir por si mesmos entre o certo e o errado, mediante seu conhecimento da Palavra de Deus.

O modo de agir *é* típico, entretanto, de muitas organizações religiosas do passado, remontando até o primeiro século, organizações que sentiam uma necessidade compulsiva de eliminar qualquer coisa que, *na visão deles*, ameaçasse diminuir sua autoridade sobre os outros.

Em seu livro, *Uma História do Cristianismo* (em inglês), Paul Johnson escreve acerca dos métodos empregados durante o período obscuro de intolerância religiosa que produziu a Inquisição, e diz:

> Sendo difícil garantir as acusações de crimes em pensamento, a Inquisição lançava mão de procedimentos banidos em outros tribunais, transgredindo, assim, os decretos municipais, as leis escritas e consuetudinárias e praticamente todos os aspectos da jurisprudência estabelecida.[21]

Os métodos empregados regularmente pelas comissões judicativas compostas de anciãos Testemunhas seriam considerados indignos dos sistemas judiciários de qualquer país esclarecido. A mesma prática de ocultar informações criticamente importantes (como os nomes de testemunhas hostis), como também de usar informantes anônimos e táticas similares, descritas pelo historiador Johnson como empregadas na Inquisição, têm sido usadas com grande freqüência por estes homens ao lidarem com os que não estão totalmente de acordo com o "canal", com "a organização". O que se dava então de fato, na história, é verdadeiro hoje na vasta maioria dos casos, conforme o expressa Johnson:

> O objetivo, simplesmente, era gerar condenações a todo o custo; só assim, pensava-se, a heresia poderia ser extinta.[22]

---

[21] Paul Johnson, *História do Cristianismo* (Rio de Janeiro, Imago Editora, 2001), página 305.

[22] *Ibid.*, páginas 305

PASTOREANDO O REBANHO

> *Diótrefes... prossegue fazendo, parolando acerca de nós com palavras iníquas. Também, não contente com estas coisas, nem ele mesmo recebe os irmãos com respeito, e, os que querem recebê-los, ele procura impedir, e lançar fora da congregação.* — 3 João 9,10.

Quando interrogados por pessoas de fora, incluindo repórteres de jornais e revistas noticiosas, com respeito ao tratamento dispensado àqueles que, por motivo de consciência, não podem aceitar todos os ensinos da Sociedade Torre de Vigia, os representantes da organização apresentam o quadro de uma tolerância quase benigna.

Um artigo do *Chicago Tribune* de 25 de junho 1983, cita um representante da Torre de Vigia, Samuel Herd, dizendo:

> ... a agitação foi gerada por um número relativamente pequeno de ex-membros "descontentes" que, na maioria dos casos, "viraram as costas para as Escrituras".
>
> "Não somos policiais espirituais", disse Herd, "não tentamos restringir a ninguém em suas opiniões".

O diretor de relações públicas da filial canadense da Torre de Vigia, Walter Graham, foi citado por um jornal de Toronto como incapaz de entender o motivo de os dissidentes "temerem represálias" da igreja. Diz o artigo:

> Se alguém não quer viver segundo nossos princípios, está livre para sair. Não há estigmatização aqui, nenhum fustigamento físico ou emocional", disse ele.
>
> O Sr. Graham acrescentou que as queixas são tratadas a nível congregacional por comissões de anciãos. "Não ditamos normas da sede central. Temos uma organização bem aberta que permite uma grande margem de individualidade", sustentou ele.

Na sede mundial em Brooklyn, o representante de relações públicas Robert Balzer respondeu de modo similar.

Essas declarações de "relações públicas", todavia, de modo algum se ajustam aos fatos.

Embora dezenas de exemplos pudessem ser citados, um que é talvez ilustrativo dos demais veio da Irlanda.

Dois homens de Dublim, amigos e co-Testemunhas, leram na revista *Time* o artigo que descrevia a minha desassociação. Eles telefonaram para os repórteres que escreveram o artigo, fazendo-lhes perguntas e mostrando-se incrédulos quanto ao que haviam lido. Em seguida, ligaram para Peter Gregerson e finalmente para mim. Ambos eram anciãos, um sendo "pioneiro" de tempo integral, e estavam entre as Testemunhas mais ativas de seu país. Fizeram arranjos para voar aos Estados Unidos em março de 1982. Passaram cinco dias conosco. Cada um deles, à sua maneira, parecia tipicamente irlandês — Martin Merriman tinha bochechas rosadas, cabelo escuro e crespo e raciocínio ágil. John May era delgado e louro, um tanto poético de natureza e no falar. Foram totalmente desinibidos nas perguntas que nos fizeram.

Cinco dias depois, nos disseram que o principal interesse da viagem para os Estados Unidos era pessoalmente expressar ao Corpo Governante a preocupação tanto deles como de outros na Irlanda quanto ao tratamento ríspido tão evidente na organização. Perguntaram que possibilidade eu via de que eles fossem ouvidos pelo Corpo. Disse-lhes que eu achava esta possibilidade extremamente remota, um esforço virtualmente inútil, que o mais que poderiam esperar era que um ou dois dos membros se encontrassem com eles numa sala reservada. Pareciam duvidar de que assim fosse. Para eles era a coisa mais natural do mundo que os membros do Corpo Governante, sendo irmãos cristãos deles, estivessem dispostos a conceder-lhes, pelo menos, uma breve audiência nos interesses do campo irlandês, no qual eles estavam tão ativos. Conforme mais tarde expressou Martin Merriman:

> Tínhamos inteira confiança de que nosso Corpo Governante se reuniria conosco e que o assunto seria esclarecido — sem a menor dúvida.

Em seguida a sua partida de Gadsden, eles telefonaram para o membro do Corpo Governante Jack Barr. A esposa de Barr fora missionária na Irlanda e conhecia bem a família de Junho May. Eles disseram a Jack que haviam estado em Gadsden, que haviam conversado com Peter Gregerson e comigo e que tinham perguntas para as quais queriam respostas. Espantado, ele perguntou, "Acham que isso foi sábio?"

John May replicou, “talvez não tenha sido sábio organizacionalmente, mas nós amamos a verdade e o que importa é a verdade”.

Jack lhes disse que os membros do Corpo Governante estavam “muito ocupados” e que ele duvidava que fosse possível uma reunião do Corpo com eles. Eles tinham viajado milhares de quilômetros, com grandes despesas, disseram, e queriam falar com alguém que lhes desse uma resposta definitiva.

Na manhã seguinte, ligaram para Lyman Swingle, presidente do Corpo naquele ano. Quando John May se apresentou, o presidente replicou. “Eu sei quem é você . Você é o homem que passou cinco dias com pessoas desassociadas e dissociadas. E agora você é o cavaleiro de armadura brilhante montando um cavalo branco e cruzando o Atlântico para endireitar as coisas”. Martin diz que pela aparência do rosto de John, e conhecendo sua natureza poética, quase que poderia ouvir John dizer para si mesmo, “nunca pensei em mim deste modo, mas soa muito bonito.” John, todavia, replicou simplesmente que ele e Martin gostariam muito de transmitir ao Corpo Governante o que eles estavam sabendo do assunto, coisas que poderiam ser úteis ao Corpo, para ajudá-los a entender os sentimentos de muitos na Irlanda. Ele convidou Swingle a telefonar para o escritório da filial na Irlanda para informar-se de que tipo de pessoas eles eram, que não tinham vindo para criar problemas, mas que simplesmente queriam respostas para perguntas sinceras, de modo que pudessem ajudar os irmãos ao voltarem para sua terra.

Foi-lhe dito, “Faça-o por escrito”. Ele continuou a insistir que lhes escutassem, mas a cada vez que o fazia a resposta era: “Faça-o por escrito”.

Martin falou então, dizendo:

> Não posso acreditar que o irmão está dizendo que não irão reunir-se conosco. Se voltar para casa e contar a meus irmãos e irmãs lá na Irlanda que vocês não querem se reunir conosco, que o Corpo Governante não quer se reunir conosco, eles vão me chamar de mentiroso. Na Irlanda, nós vamos às portas e nos gabamos para as pessoas ‘que elas não podem ir até seus bispos, mas nós podemos nos reunir com nosso Corpo Governante.

Foi-lhe dito, “Isto não tem precedentes”. Martin respondeu, “Bem, irmão Swingle, permita-me respeitosamente trazer a sua atenção o que se diz em Atos 15, que Paulo e Barnabé subiram a Jerusalém para encontrar-se com o Corpo Governante”. A reação foi, “Então, agora vocês são Paulo e Barnabé?” Martin mostrou-se magoado com a atitude tomada. Novamente, veio a resposta, “Faça-o por escrito”.

Após cerca de vinte minutos, Martin falou então ao presidente do Corpo Governante:

> Quatorze anos atrás, eu era católico romano. As Testemunhas de Jeová vieram visitar-me e suscitaram perguntas quanto à minha vida, perguntas que eu não consegui responder. Então, fui falar com o sacerdote, o sacerdote da paróquia. Ele disse: “Bem, entre e sente-se”, e me ofereceu chá e biscoitos. Ora, ele não conseguiu responder a nenhuma de minhas perguntas, irmão Swingle, mas, pelo menos, ele teve a cortesia de sentar-se e conversar comigo.
>
> Irmão Swingle, não lhe estou pedindo para reunir-se comigo. Não lhe estou dizendo para reunir-se comigo. Estou lhe *suplicando* para que se reúna comigo, por que estou de novo na encruzilhada em que estive há quatorze anos. Estou confuso, estou perturbado e simplesmente quero que meus pastores me ajudem.

A resposta a este apelo: “Faça-o por escrito”. Martin diz que ficou extremamente magoado, teve vontade de dizer muitas coisas. Mas, em vez disso, disse ele, “Desejei-lhe as bênçãos de Jeová, e disse que certamente iria orar por ele, pois tendo uma atitude como aquela e sendo ancião, certamente precisaria de orações.”[23]

Deixaram seu número de telefone com o presidente do Corpo e aguardaram. Passaram-se três dias e nenhuma ligação veio. Assim, tomaram o avião de volta a Shannon, Irlanda, sentindo-se, como disseram, aturdidos e incrédulos quanto ao que tinham escutado; o mundo deles parecia agora sombrio pois eles não queriam ter ouvido o que ouviram, nem acreditar nas coisas tal como descobriram que eram.

Recordemos a declaração do representante de relações públicas canadense de que “não ditamos normas da sede central. Temos uma organização bem aberta que permite uma grande margem de

[23] Creio que a atitude demonstrada pelo presidente do Corpo era a atitude adotada pelo Corpo Governante como um todo, atitude esta que ele se sentia na obrigação de refletir.

individualidade.” Compare isso com o que ocorreu depois a estas duas Testemunhas irlandesas.

Uma semana após seu regresso, foi marcada uma visita ao escritório da filial na Irlanda e Lloyd Barry, do Corpo Governante, chegou para cumprir esta designação. Martin e John acharam que ele talvez fizesse arranjos para conversar com eles, e discutir suas perguntas com eles. Ele não o fez. Porém, ele fez algo. Pôs em funcionamento as ações judicativas na Irlanda.

Na manhã seguinte, John e Martin foram contatados pelo escritório da filial, solicitando-lhes uma reunião com a comissão de filial. A viagem deles a América foi assunto de considerável interrogatório. O desfecho da reunião foi que a comissão de filial pediu a eles que não falassem com outros sobre o que tinham ouvido nos Estados Unidos.

Pessoalmente, achei interessante comparar o modo como se tratou do caso deles e o modo com que se tratou do meu, a desigualdade na aplicação das próprias normas da Sociedade. O testemunho de que eu tomara uma refeição com um homem dissociado foi tido como base suficiente para que se tomasse ação de desassociação contra mim. Aqui, em contraste, havia dois homens que passaram cinco dias e noites na casa deste mesmo homem, comeram com ele e comigo inúmeras vezes e discutiram assuntos conosco por horas a fio. O Corpo Governante fora informado da visita de cinco dias deles. Ainda assim, nenhuma ação contra eles foi tomada.

Acho que a razão é evidente. O escritório da filial estava bem a par da atitude das testemunhas irlandesas, da pouca disposição de serem dominadas ou tratadas de modo autoritário; sabiam do respeito que tinham a estes dois homens as Testemunhas de Jeová em todo o norte da Irlanda. Eles sentiram, sem dúvida, que tinham em mãos uma situação que tornava “politicamente” mais proveitoso que não se tomassem medidas mais severas.

Todavia, *de modo similar* ao meu próprio caso, cerca de seis meses depois, um superintendente de circuito (E.G. Watt) foi enviado para a área de Dublim. Não muito depois disso, formou-se uma comissão judicativa para investigar John May e Martin Merriman. Quando John falou ao superintendente de circuito Watt que o único interesse deles era o de conhecer a verdade dos fatos, ele lhes disse, “o ponto não é o que é verdadeiro ou falso, certo ou errado. O ponto é, ‘se está em

harmonia com as normas da Sociedade, e se vocês estão falando do assunto'".

Esta declaração levou John May ao momento da decisão. Conseqüentemente, ele apresentou sua renúncia à organização. Deu-se conta de que não mais poderia apoiar um sistema que funcionava de acordo com tais padrões.

Martin tornava-se agora o centro das atenções. O superintendente de circuito visitou muitas testemunhas da área de Dublim, indagando quanto a quaisquer declarações que Martin pudesse ter feito. Várias destas pessoas ligaram para Martin após a visita para contar-lhe sobre a investigação em andamento. Esta foi a ação de uma Sociedade que o representante canadense descreveu como "uma organização bem aberta que permite uma grande margem de individualidade".

Martin foi convocado para uma audiência. Ele comunicou aos encarregados dela que desejava três coisas por escrito: quem iria formar a comissão; qual era a acusação; quem eram os acusadores. Ao voltar para casa certo dia, encontrou lá a esperá-lo, o superintendente de circuito, Watt. Watt lhe disse que ele não precisava da informação por escrito (uma atitude notavelmente oposta a que Martin encontrou quando de sua visita a Brooklyn, onde repetidas vezes lhe disseram, "faça-o por escrito"). Martin gastou cerca de três horas para finalmente convencer o homem de que ele tinha direito a receber tal informação por escrito, eventualmente tirando uma folha de papel do caderno escolar de um de seus filhos para que a informação fosse anotada. Watt deu os nomes dos membros da comissão e então disse que não havia acusação nem acusadores. Martin não aceitou isso e finalmente escreveu que a audiência era para 'tratar da situação que estava perturbando a congregação'. (Martin achou que eram exatamente as visitas e os interrogatórios de Watt que estavam causando maior perturbação à congregação). Ele pediu a Watt que assinasse o papel. Levou mais meia hora para convencê-lo a isso.

Num sábado à tarde, no Salão do Reino das Testemunhas de Jeová de Dun Laoghaire, teve lugar a audiência judicativa. Mais de quarenta Testemunhas expressaram a Martin seu desejo de acompanhá-lo à audiência. Ele aceitou o pedido de apenas vinte destes. A comissão judicativa formada pelo coordenador da filial, pelo superintendente de circuito e por um ancião local, ficou perplexa ao ver estas pessoas no Salão do Reino. Para mérito da própria comissão, esta escutou o

testemunho destas pessoas no sentido de que Martin de modo algum tentara tumultuar as coisas, mas que ao invés, tratara de evitar quaisquer distúrbios.[24]

Para Martin, o incidente mais surpreendente da audiência veio quando ele começou a narrar à comissão a conversa telefônica que ele e John May haviam mantido com o presidente do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. O coordenador da filial interrompeu Martin para dizer que eles já haviam escutado a fita. Momentaneamente espantado, Martin disse, "Fita? Que fita?" O coordenador da filial mostrou-se um tanto embaraçado e então disse que o Corpo Governante enviara ao escritório da filial uma gravação da conversa telefônica.

Assim é que, se alguém tiver qualquer dúvida sobre o conteúdo daquela conversa, relatada antes neste capítulo, esse conteúdo pode ser confirmado em Brooklyn. Eis o motivo de eu haver anteriormente declarado acreditar que minha conversa telefônica com o presidente Albert Schroeder na primavera de 1980 pode ser igualmente confirmada. A estranha preocupação de gravar o que os outros dizem ficava agora clara e inegavelmente confirmada, pela admissão de que o Corpo Governante havia secretamente gravado a conversa telefônica entre Lyman Swingle e as duas Testemunhas irlandesas, John May e Martin Merriman.

Nenhuma ação foi tomada pela comissão judicativa. O coordenador da filial, Arthur Matthews, afirmou abertamente que as motivações de Martin e John nunca tinham sido postas em dúvida. Esta foi uma declaração elogiável. Assim mesmo, a norma oficial do Corpo Governante era a de que nenhuma Testemunha poderia falar com John May, por ser este uma pessoa dissociada.

Subseqüentemente, foi providenciada pelo Corpo Governante uma visita especial à Irlanda por um de seus membros, Jack Barr, acompanhado por um homem do pessoal da redação de Brooklyn, Robert Pevy (que já servira como missionário na Irlanda). Eles discursaram às Testemunhas da zona de Dublim, e seus discursos enfatizaram a importância da "lealdade à organização".

Após as palestras, Martin Merriman aproximou-se de Jack Barr, no palco, e apresentou-se dizendo, "Irmão Barr, sou o rosto por trás do

[24] A esposa do ancião local da comissão mandou a esta uma carta afirmando os mesmos pontos, tendo pedido a seu esposo permissão para fazê-lo.

telefone". Quando Barr mostrou-se perplexo, Martin disse-lhe seu nome. Barr respondeu, "Oh, irmão Merriman — é bom ver seu rosto." Martin replicou, "Bem, é muito gentil de sua parte dizer isso, irmão Barr. Gostaria de tê-lo ouvido seis meses atrás quando estive em Nova York." Ele perguntou se Barr iria reservar tempo para reunir-se com ele e conversar sobre suas perguntas. Falou-lhe que havia ampla preocupação na Irlanda com a norma do Corpo Governante relativa às pessoas que se dissociam por conta própria, implicando isso em que até dizer "olá", a tais pessoas seja algo impróprio. Ele referiu-se a John May como um "homem bom e decente", e virando-se para o coordenador de filial Matthews que estava em pé ao lado disse, "Não é verdade, Arthur?" Arthur respondeu, "John é um homem correto". Martin informou ao membro do Corpo Governante Jack Barr que ele tornara claro à filial, e que agora estava tornando claro a Barr que ele 'não trataria John May como uma pessoa iníqua, e que tomaria uma refeição com ele em qualquer ocasião'. Novamente, o membro do Corpo Governante não achou conveniente reunir-se com Martin para considerar suas perguntas.

Em seguida a esta visita dos representantes de Brooklyn, chegou a Martin a informação de que Testemunhas estavam sendo novamente investigadas, interrogadas a respeito de conversas que tivessem tido com ele. Ouvindo dizer que uma "linha mais dura" tinha sido determinada, a 27 de outubro de 1982, e após quatorze anos de intensa associação, Martin apresentou sua renúncia à congregação.

Por que razão ele e John May (e suas esposas) chegaram a esta decisão? Não foi o que eles ouviram nas conversas com Peter Gregerson e comigo o que os levou a esta decisão. Eles saíram de Gadsden com o propósito declarado de continuar a ser membros das Testemunhas de Jeová, contribuindo de todos os modos possíveis para o bem da organização. Saíram com a firme esperança de que as melhoras eram possíveis, de que o Corpo Governante reconheceria a sinceridade e as intenções honestas deles.

O verdadeiro mérito (se é que se pode chamar assim) pela decisão deles de se dissociarem reside fora de Gadsden, Alabama. Reside em Brooklyn — onde ocorreram suas conversas com membros do Corpo Governante, onde uma destas conversas foi secretamente gravada, e de onde partiram as diretrizes para a comissão de filial da Irlanda a fim de pôr em ação um programa de investigações e interrogatórios contra

dois cristãos sinceros, que não buscavam senão o bem das Testemunhas de Jeová. Estou convicto de que se não fosse pelo que eles viram das ações e do espírito da organização *depois* que saíram do Alabama, eles estariam ainda associados com as Testemunhas de Jeová. A organização não teve tempo para tratar das perguntas e das preocupações deles quando vieram às próprias portas dela. Mostrou-se, porém, disposta a enviar emissários ao outro lado do oceano, com grandes despesas, e a gastar longas horas investigando e interrogando outros, para proteger os "interesses da organização". O Corpo Governante talvez não queira aceitar a responsabilidade pela decisão a que estes homens chegaram, podem talvez negar essa responsabilidade, mas esta sem dúvida recai sobre eles, do Corpo. Foram, mais que qualquer outra coisa, o que eles falaram, a atitude deles, e o modo de agir deles, que se constituíram em fatores para a decisão e a desilusão.

A experiência destes dois homens foi, essencialmente, a de centenas de outros. Quanto mais se aproximaram de seus "pastores", mais a aparente suavidade do veludo deu lugar à fria e implacável rigidez.

Permitam-me dizer mais uma vez, a última: não creio que a frieza ou a rigidez, a atitude altiva, de superioridade, e até presunçosa que foram parte da experiência sofrida, se devam à personalidade normal da maioria dos homens envolvidos. Creio que isso se deve, definitivamente, ao ensino falso que permite a uma organização fazer alegações de autoridade exclusiva e superioridade inigualável, que são tanto imodestas como infundadas. Esse conceito merece não só ser questionado; merece ser exposto como aquilo que realmente é, uma doutrina prejudicial e que desonra a Deus. *A Sentinela* de 15 de outubro de 1995, pág. 30, num artigo intitulado "Cuidado com o convencimento!", disse:

> Quando um cristão se dá ares de superioridade por causa das habilidades, dos privilégios ou da autoridade que recebeu de Deus, ele na realidade está roubando de Deus a glória e o crédito que só cabem a Ele. A Bíblia admoesta claramente o cristão a que "não pense mais de si mesmo do que é necessário pensar". Exorta-nos: "Tende a mesma mentalidade para com os outros como para com vós mesmos; não atenteis para as coisas altivas, mas deixai-vos conduzir pelas coisas humildes. Não vos

> torneis discretos aos vossos próprios olhos.” — Romanos 12:3, 16.

O que é verdade no caso de um indivíduo é igualmente verdade no caso de uma coletividade. Lendo o que essa *Sentinela* diz, alguém poderia pensar nas palavras do apóstolo dirigidas àqueles que viam a si mesmos como tendo uma relação superior com Deus:

> Se, porém, tu ... estás persuadido de que és guia de cegos, uma luz para os na escuridão, um que corrige os desarrazoados, instrutor de pequeninos, e tendo a estrutura do conhecimento e da verdade na Lei — tu, pois, que ensinas outro, não te ensinas a ti mesmo? — Romanos 2:17-21

13

PERSPECTIVA

> *Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.* — 2 Coríntios 4:16-18, *Nova Versão Internacional*.

ESTE é, portanto, o meu relato. Estas são as questões fundamentais que geraram em mim uma crise de consciência. O efeito que estas tiveram, meus sentimentos, reações, conclusões alcançadas, estão aqui apresentadas. O leitor pode avaliá-las quanto ao mérito. Colocada de forma simples, minha pergunta é: como teria sido afetada sua própria consciência?

Ao considerar os cerca de seis bilhões de pessoas na terra e de quantas, só Deus sabe, gerações no passado, a vida de qualquer pessoa torna-se apenas uma diminuta fração de um total. Somos miúdas gotículas numa enorme correnteza. No entanto, o cristianismo nos ensina que, por mais insignificantes e pequenos que sejamos, podemos, individualmente, proporcionar o bem aos outros numa proporção muito além de nossa pequenez.[1] A fé torna isso possível e, conforme expressa o apóstolo, "o amor de Cristo nos compele."[2]

Não precisamos da imponência de uma grande organização para nos apoiar, nem de sua liderança, controle, aguilhoadas ou pressão para realizarmos isto. O apreço de coração pela benignidade imerecida de Deus ao fazer da vida um "dom gratuito", não dependente de obras

[1] 1 Coríntios 3:6, 7; 2 Coríntios 4:7, 15; 6:10.
[2] 2 Coríntios 5:14.

mas a fé, é mais do que suficiente para nos motivar. "Visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar uns aos outros."[3]
Se respeitarmos e valorizarmos nossa liberdade cristã, não atenderemos a nenhuma outra compulsão. Nem nos submeteremos a qualquer outro jugo além daquele sugerido nestas palavras:

> Venham a mim todos que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave. E o meu fardo é leve.[4]

Tenho certeza que quando a vida chegar a seu fim, a única coisa que, em retrospecto, trará qualquer sentimento de satisfação será a proporção em que ela foi usada de modo a contribuir para o bem-estar de outros, em primeiro lugar, de modo espiritual e, em segundo lugar, de modo emocional, físico e material.

Não posso crer que "viver na ignorância seja bem-aventurança" ou que haja qualquer bondade em encorajar pessoas a viver de ilusões. Mais cedo ou mais tarde, a ilusão se confrontará fatalmente com a realidade. Quanto mais demorar para que isto aconteça, mais traumática a transição — ocasionada pelo desapontamento — poderá ser. Estou contente de que, no meu próprio caso, este processo não tenha levado mais tempo do que realmente levou.

Esta é a razão pela qual escrevi o que escrevi. Procurei sinceramente ser exato do princípio ao fim do relato. Com base no que já aconteceu e no que se tem publicado e circulado por meio de boatos e tagarelice, não tenho dúvida de que se fará esforço para desacreditar a importância da informação. Se qualquer coisa que possa ser chamada de erro — mesmo que seja a diferença de um dia numa data, a diferença de um 1 numa cifra, uma vírgula mal colocada numa citação, um nome escrito de maneira errada, ou qualquer outro erro deste tipo — puder ser achado, acho inteiramente provável que haja aqueles que usarão tais coisas ou algo parecido para dizer: "O livro está cheio de erros." Seja lá o que digam, posso apenas dizer que estou disposto a

---

[3] 1 João 4:11, *NVI*.
[4] Mateus 11:28-30, *NVI*.

defender o que apresentei. Se houver erros, serei grato a qualquer um que os aponte e farei o que for possível para corrigi-los.

O que reserva o futuro para a organização das Testemunhas de Jeová e seu Corpo Governante central? Embora me tenha perguntado isto muitas vezes, não tenho como sabê-lo. Só o tempo dirá.

Existem algumas coisas sobre das quais tenho certa medida de certeza, mas só algumas poucas. Eu, pessoalmente, não acho que haverá qualquer movimento de saída em massa da organização. Ela está relatando atualmente um crescimento razoável em vários países. A vasta maioria das Testemunhas de Jeová simplesmente não tem consciência das realidades envolvendo a estrutura do poder. Pela minha longa experiência entre elas, em muitos países, sei que, para uma grande percentagem, a organização tem certa "aura", como se houvesse uma radiação luminosa em torno dela, conferindo a seus pronunciamentos uma importância superior, muito além daquela atribuída a palavras de homens imperfeitos. Os ensinos se revestem de uma qualidade esotérica, tendo "esotérico" a ver com "aquilo que se destina aos especialmente iniciados e que só eles podem entender", geralmente os de um grupo fechado, exclusivo. A maioria das Testemunhas supõe que as reuniões do Corpo Governante são conduzidas em alto nível, manifestando um conhecimento bíblico e sabedoria espiritual fora do comum. Como Testemunhas, todas são, de fato, admoestadas deste modo:

> Depois de termos sido nutridos até a presente força e maturidade espirituais, tornamo-nos, de repente, mais espertos que nosso provedor anterior e abandonamos a orientação esclarecedora da organização que nos serviu de mãe?[5]

Há constantes admoestações para todos serem humildes, o que se traduz por aceitar o que quer que a organização proveja como vindo de uma fonte de sabedoria superior. O fato de que a Testemunha mediana tem apenas uma vaga idéia do modo como os lideres chegam a suas conclusões aumenta a aura de sabedoria esotérica. Esta é, dizem-lhes, "a única organização na terra que compreende as 'coisas profundas de Deus'."[6]

---

[5] *A Sentinela* (em inglês), 1º de fevereiro de 1952, página 80.
[6] *A Sentinela,* 1º de janeiro de 1974, página 18.

Poucos destes tiveram de se confrontar, alguma vez, com as questões consideradas neste livro, com o desafio de consciência que estas suscitam. Estou inclinado a crer que muitos, senão a maioria, prefeririam não enfrentá-las. Alguns me têm expressado pessoalmente seu sentimento de que gozam de amizades dentro da organização e não gostariam de vê-las perturbadas. Eu também gozava das minhas e não tinha nenhum desejo de vê-las perturbadas; eu sentia, e ainda sinto, afeição pelas pessoas com as quais passei a maior parte de minha vida. Mas também sentia que havia questões de verdade e integridade, de eqüidade e justiça, de amor e misericórdia, que eram maiores que essas amizades e meu usufruto delas.

Não estou dizendo com isto que alguém deva precipitar as dificuldades, buscar ou forçar um confronto que seja desnecessário. Posso simpatizar de todo coração com os que são membros de famílias compostas de Testemunhas de Jeová e que conhecem muito bem o efeito dilacerante que pode haver sobre as relações familiares caso se exija que seus membros tratem um filho ou uma filha, um irmão ou uma irmã, o pai ou a mãe, como "apóstata", como uma pessoa rejeitada por Deus e espiritualmente impura. Jamais encorajei alguém a precipitar tal situação; ainda tentei evitar precipitá-la em meu próprio caso.

Mas, dado o presente clima na organização, está se tornando cada vez mais difícil evitar isto sem comprometer a consciência, sem 'representar um papel', fingindo crer em coisas que não são críveis e até sabendo que tais coisas são uma perversão da Palavra de Deus as quais produzem frutos não cristãos e de conseqüências dolorosas.

Conheço várias pessoas que tentaram se afastar silenciosamente e alguns que estão, de certo modo, 'escondidos', pessoas que foram realmente ao extremo de se mudarem para outra região e procurarem encobrir seu paradeiro (da organização), para evitar ser hostilizados. Eu poderia citar um caso após outro em que anciãos, apesar de todos os esforços de se evitar confrontação, saíram em busca de pessoas, com a única preocupação de extrair delas alguma declaração quanto a sua posição — não em relação a Deus, a Cristo ou à Bíblia — mas à "organização". E quando as pessoas falham neste "teste de lealdade", apresentado como um ultimato claro, quase sempre são desassociadas, separadas dos amigos e da família, se estes forem membros da organização.

Típico é o caso de uma senhora jovem, esposa e mãe, do sul de Michigan. Ela tinha sido interrogada pelos anciãos por causa de suas dúvidas acerca de certos ensinos e ficara tão emocionalmente afetada pela experiência que deixara de assistir às reuniões. Depois de alguns meses, recebeu um telefonema solicitando que ela se reunisse com eles outra vez. Ela disse que não queria passar por essa experiência novamente. Eles insistiram com ela para que fizesse isso, dizendo que queriam ajudá-la em suas dúvidas e que esta seria a última vez que eles lhe pediam para reunir-se com eles. Seu marido, que não era Testemunha, recomendou que ela fosse e "acabasse com isso". Ela foi.

Conforme disse ela: "Nos primeiros dez minutos, eu pude perceber a direção que eles estavam tomando." Em meia hora, a partir do início do interrogatório, tinham-na desassociado. Ela diz que o fator tempo por si só lhe deixou aturdida. Como ela expressou: "Eu não podia acreditar que estivessem fazendo isso. Fiquei lá sentada o tempo todo chorando e, em trinta minutos, eles tinham 'me chutado para fora do Reino'. Eu imaginara que eles iriam se curvar até o chão e suplicar-me com lágrimas nos olhos durante horas para evitar que isso acontecesse." Um dos cinco anciãos, um homem que cochilava durante a discussão, disse mais adiante, e ela ouviu: "Que atrevimento dessa mulher dizer que não tinha certeza se esta era ou não a organização de Deus!"

Caso falhem os esforços para se evitar uma confrontação indesejada, acho que há consolo em saber que a causa de qualquer angústia familiar e tristeza está só de um lado. É plena e exclusivamente fruto de uma norma organizacional, do tipo que é reforçada pela ameaça de expulsão de qualquer um que não cumpra com ela, qualquer um que deixe de tratar pessoas dissociadas ou desassociadas, como se fossem rejeitadas por Deus não importando quão sinceras e devotadas alguém possa entender que elas sejam. A intolerância religiosa que atua como uma força divisória, destrutiva da unidade e afeição familiares, não é, portanto, mútua. Como nos dias de Jesus, vem de um lado, de uma única fonte, fonte essa que iguala a discordância conscienciosa à deslealdade.[7] É aí que reside finalmente a verdadeira responsabilidade pela dor e angústia emocionais.

[7] Mateus 10:17, 21; Marcos 13:9-12; Lucas 21:16.

Muitas Testemunhas, embora profundamente preocupadas com o que vêem, acham difícil adaptar-se ao pensamento de servir a Deus sem estar ligadas a alguma organização poderosa, com a vantagem de sua grandiosidade, de sua força quantitativa. Na verdade, as Testemunhas de Jeová são uma pequena organização comparada a muitas outras, mas estão amplamente espalhadas. Suas estruturas visíveis não são tão impressionantes como as do Vaticano ou de outras religiões importantes; todavia, a crescente sede internacional, que possui atualmente um pedaço considerável de Brooklyn, os muitos prédios com instalações de filiais, algumas com grandes estabelecimentos gráficos, todos construídos ou adquiridos ao custo de milhões de dólares e administrados por centenas de trabalhadores (em Brooklyn, por mais de dois mil), amplos Salões de Assembléias e muitos milhares de Salões do Reino (não poucos custando mais de um quarto de milhão de dólares para ser construídos), são suficientes para impressionar uma pessoa comum. Cada nova aquisição ou expansão de propriedades materiais é aclamada como indicação de bênção divina e evidência da prosperidade e do sucesso espirituais da organização. Sobretudo, o ensino de que são, exclusivamente, o único povo na terra com quem Deus tem tratos, e de que a direção que recebem do Corpo Governante é de um "canal" divino, ajuda a criar um senso de coesão, de ser algo especial. Ver todas as outras pessoas como "mundanas" contribui para este sentimento de uma relação hermeticamente fechada.

Devido a isto, acho que é igualmente tão difícil para uma Testemunha mediana pretender servir a Deus sem estas coisas como era para os judeus no primeiro século pretender tal serviço à parte dos arranjos religiosos aos quais estavam acostumados. Os edifícios e pátios impressionantes do templo em Jerusalém, com o serviço do templo sendo realizado por um grupo de centenas e milhares de trabalhadores dedicados, levitas e sacerdotes, sua afirmação de ser exclusivamente o povo escolhido de Deus com todos os outros vistos como impuros, se impunham num tremendo contraste com os cristãos daquele tempo, que não tinham edifícios grandiosos, reuniam-se em lares simples, não tinham nenhuma classe sacerdotal distinta ou levita e reconheciam humildemente que, 'em cada nação, o homem que teme a Deus e que faz a justiça lhe é aceitável'.[8]

[8] Atos 10:35.

Um bom número, particularmente entre os anciãos das Testemunhas de Jeová, expressa a esperança sincera de que ocorra alguma espécie de "reforma" para corrigir os erros dos quais estão cientes, tanto de modo doutrinal como organizacional. Alguns sugerem que isto pode vir a acontecer por meio de uma mudança no pessoal da direção. Mesmo antes de eu tirar minha licença para ausentar-me da sede no início de 1980, um membro da comissão de filial de um país importante, uma pessoa de discernimento que compreendia a angústia que eu sentia por causa das atitudes e situação prevalecentes, me falou: "Ray, não desista! Eles já são velhos, e não viverão para sempre." Esta afirmação não era o reflexo de uma personalidade dura, insensível e cínica, pois a pessoa que a pronunciou era exatamente o oposto disso; trata-se de um homem muito bondoso, de coração afetuoso. Tais expressões são muitas vezes fruto da crença de que *deve* vir alguma mudança, que a tendência em prol de uma linha sempre mais dura e de uma postura cada vez mais dogmática deve ceder lugar a uma abordagem mais cristã, a uma apresentação mais humilde das crenças.

Pessoalmente, não acredito que vá ocorrer alguma mudança fundamental simplesmente por meio da morte de homens no poder. Digo mudança *fundamental*, já que têm havido mudanças de níveis variados por toda a história do movimento, algumas em resultado da morte de Russell e de Rutherford. Sejam quais forem estas mudanças, o fundamento básico tem permanecido o mesmo. A mudança na estrutura do poder em 1975/76 foi um ajuste dos mais importantes que já ocorreu em toda a história da organização. A autoridade foi distribuída entre um corpo de homens, com muitos rostos novos vindo à tona. Mesmo assim, o poder das crenças tradicionais e das normas tradicionais tem sobrepujado qualquer esforço em ocasionar uma mudança nas interpretações especulativas, no dogmatismo, no legalismo talmúdico, no controle por um grupo de elite, nas medidas repressivas, em favor de uma irmandade simples, unida pelas coisas essenciais, tolerante e transigente nas coisas não essenciais, tanto na crença como na prática.

Como de fato ocorreu no caso dos presidentes anteriores da Sociedade, Fred Franz era figura líder e, embora a própria presidência tenha sido virtualmente destituída de todos os seus poderes intrínsecos com a ação descentralizadora de 1975/76, ele pessoalmente continuou muito influente. Não há dúvida de que seu falecimento afetou e mudou

o quadro, já que não existe ninguém com uma personalidade carismática como a dele (ou como a de seus antecessores, Russell, Rutherford e Knorr) entre os membros do Corpo Governante. Já que a superestrutura doutrinal que se desenvolveu desde a morte de Rutherford de 1942 em diante é essencialmente o produto dos escritos de Fred Franz, e a maior parte da norma básica referente às questões "de desassociação" é também dele, a possibilidade de mudanças ou "ajustes" doutrinais tornou-se evidentemente maior com sua ausência.

Estou propenso, no entanto, a achar que quaisquer mudanças que ocorrerem serão de pequena monta e não alterarão a posição básica das doutrinas e atitude da organização de forma significativa. Dos membros do Corpo Governante que restariam, não existe nenhum com a habilidade de forjar novas interpretações com a linguagem impressionante e o argumento intrincado encontrados nas obras dele. A maioria dos membros escrevem muito pouco, alguns não escrevem absolutamente nada. Lloyd Barry é o único que tem escrito livros e estes são simplesmente reafirmações de pontos de vista existentes sem apresentar nenhuma novidade.[9] Os outros principais escritores da organização não são membros do Corpo e nem professam ser da classe "ungida".

Se o resultado final da reestruturação de 1975/76 pudesse ser comparado a uma mudança geral nas paredes internas de uma casa, então qualquer mudança futura no pessoal dentro da administração poderia ser comparada a uma nova arrumação na mobília ou à adição de peças novas — em ambos os casos, a casa em si continuaria a mesma. Com exceção do presidente, dos quatorze membros remanescentes do Corpo Governante, os que exercem influência mais poderosa têm sido Milton Henschel, Ted Jaracz e Lloyd Barry.[10] Seria incomum se alguma coisa combinada por estes membros não tivesse o apoio inquestionável dos membros Carey Barber, Martin Poetzinger,

[9] Os livros escritos por Lloyd Barry incluem *Boas Novas para Torná-lo Feliz* (publicado em 1977) e *"Venha o Teu Reino"* (publicado em 1981). Lloyd Barry já é falecido.

[10] Normalmente Grant Suiter estaria incluído entre estes três, principalmente por ter sido durante muito tempo diretor da Sociedade. Entretanto, em 1983 ele sofreu um acidente trágico que o deixou completamente paralítico. Ele morreu alguns meses depois.

Jack Barr e George Gangas. Embora de certo modo mais individualistas que estes últimos três mencionados, Albert Schroeder e Karl Klein provavelmente acompanhariam os demais na maioria dos casos. Os votos nesta quantidade seriam decisivos.*

Se o passado servir de indicação, a direção tomada por estes membros influentes seguiria uma linha conservadora, resistindo a qualquer direção ou recomendação que não apóie ou promova os ensinos tradicionais, os métodos e as normas agora em vigor. O que tem sido publicado e feito nos últimos anos não dá qualquer base para se esperar o tipo de "reforma" que alguns acham que deve acontecer. É verdade que só um membro do Corpo Governante (Gerrit Loesch) tem menos de 70 anos, e a idade dos outros vai dos 70 até mais de 90 anos.♣ Quaisquer novas substituições terão, no entanto, de contar com a aprovação dos membros remanescentes e, particularmente, daqueles com influência dominante. Não há dúvida de que está ficando cada vez mais difícil encontrar candidatos "adequados" para ser membros do Corpo, em vista do número decrescente de homens "ungidos". Isto pode algum dia obrigar o Corpo Governante a desistir de seu requisito fundamental de que a participação está aberta somente aos dessa classe. Isso seria difícil de harmonizar-se com sua doutrina sobre a condição privilegiada da "classe do escravo fiel e discreto", e pode ser evitado enquanto for possível. Podem ser ajudados pelo fato de que, periodicamente, membros mais jovens da organização decidem que são "dos ungidos" e tornam-se, dessa maneira, possíveis candidatos a membro do Corpo.

O maior erro de procurar-se reforma por meio de mudança do pessoal da direção está, creio eu, em pensar que a situação se deve aos homens que estão no cargo. Isto tem apenas importância secundária. Primariamente, não se deve aos homens. O que controla é o *conceito*, a *premissa* na qual se fundamenta todo o movimento. Jamais se pode deixar de perceber que o que distingue de maneira mais marcante as crenças das Testemunhas de Jeová não é sua rejeição à doutrina do tormento eterno, da imortalidade inerente da alma ou da trindade, nem seu uso do nome Jeová, ou sua crença numa terra paradisíaca. Cada

---

* Quase todos os membros do Corpo Governante citados aqui já faleceram.

♣ Na época em que isso foi escrito. Depois disso, novos membros foram designados e este quadro se alterou.

uma destas características pode ser encontrada em outras organizações religiosas.[11]

O que distingue especialmente seus ensinos de qualquer outra denominação é a doutrina básica centralizada em 1914 como a data em que a regência ativa de Cristo começou, com seu julgamento tendo se iniciado então e, acima de tudo, a escolha da organização Torre de Vigia como seu canal oficial, delegando o pleno controle de todos seus interesses terrestres a uma "classe do escravo fiel e discreto" e, na realidade, dando autoridade final ao corpo governante desta classe. Qualquer desistência dessa doutrina básica afetaria toda a estrutura doutrinal e isto é extremamente improvável, pois seria muito difícil de explicar. Os últimos anos têm observado exatamente o contrário; um esforço determinado por meio das colunas de *A Sentinela* e de outras publicações para reforçar sua defesa das interpretações em torno dessa data ou resultantes dela, para sustentar a fé nas afirmações baseadas nela. A mais importante dentre essas afirmações é a que se relaciona com a autoridade organizacional, e aqui, mais uma vez, há atualmente uma campanha muito intensiva para solidificar o apoio e a lealdade a essa estrutura de autoridade.

Na verdade, cada ano que passa exerce mais pressão sobre esse ensino e as afirmações relacionadas. Mas há vários "ajustes" que podem ser propostos, alguns destes tendo sido considerados no capítulo 10, e as afirmações ainda poderiam ser mantidas de uma forma alterada.

Em sentido organizacional, estão sendo feitos movimentos na direção de volta à autoridade mais centralizada (um "bordejar" adicional). Na primavera de 1983, um novo manual da organização (*om*) restaurou a posição do superintendente presidente a algo mais ou menos permanente ao presidir os corpos de anciãos, bem como outros aspectos centralizadores destinados a dar maior controle ao longo da linha de supervisão da organização. Se isto levará a um retorno à centralização de autoridade do próprio Corpo Governante, com um presidente ou coordenador geral permanente, resta ver. Parece um

[11] Não só as várias associações de "Estudantes da Bíblia", algumas delas internacionais, mas também algumas afiliações da Igreja de Deus defendem crenças quase idênticas nestas mesmas áreas; as igrejas Adventistas do Sétimo Dia crêem que a alma dorme, não crêem no tormento eterno e crêem num paraíso terrestre dominado pelo reino de Cristo.

tanto improvável que o atual presidente da Sociedade seja escolhido para tal, já que ele não dispõe de nenhuma tendência particular para trabalho administrativo. Seu sucessor lógico seria Milton Henschel e tal reestruturação dentro do Corpo, com ele preenchendo a nova posição seria bem mais provável.

Quaisquer mudanças que venham a ocorrer, serão mui certamente proclamadas como fruto da direção divina, e as doutrinas ou arranjos passados que possam ser descartados serão descritos como 'a vontade de Deus para aquele período', talvez alguma espécie de "manobra" do Capitão celestial, Cristo Jesus, em produzir um fim que seja, afinal, benéfico. Como nos últimos cem anos da história da organização, há pouco motivo para crer-se que as mudanças venham a ser reconhecidas por aquilo que são — geralmente o resultado de deixar de apegar-se às Escrituras em primeiro lugar e, na maioria dos casos, mudanças feitas sob pressão das circunstâncias, destinadas a prevenir-se contra dilemas previstos por causa de uma posição que se tornou insustentável. Esta não é de maneira alguma igual às correções feitas por pessoas que pesquisam as Escrituras e, em conseqüência daquilo que descobrem, admitem livremente que estavam errados e desejam retificar seus equívocos.

Em tudo isto, defende-se persistentemente a premissa básica, o conceito dominante sobre o pensamento, a escrita e a ação. É essa premissa — a qual alega que Deus *deve* tratar com humanos através de uma organização e que seu rei Jesus Cristo escolheu a organização da Torre de Vigia para esta função — que impede a muitas pessoas de ver onde reside o verdadeiro problema. Como diz o ditado, 'não podem ver a floresta por causa das árvores.' As Testemunhas podem ver as incoerências e injustiças isoladamente, a falsidade de muitos ensinos, a natureza sinuosa de muitos dos argumentos, o espírito não cristão de muitos dos métodos. Mas não podem ver em que resulta tudo isto e qual é o total da soma. Vêem as partes, mas não vêem o todo. Algumas dessas pessoas estão em posições de importante responsabilidade. Apegam-se à esperança — como eu mesmo me apegava à esperança — de que o futuro verá grandes melhoramentos, pois o pensamento delas é amoldado à premissa organizacional. Elas acham que Deus *deve* fazer alguma coisa para corrigir as coisas, já que essa premissa ou conceito deve provar-se verdadeiro; Deus deve preservá-lo e vindicá-lo. No entanto, essa premissa tem origem nas próprias injustiças que

elas mesmos lamentam. Mas por ser um conceito que não se origina de Deus, não há motivo para se acreditar que Ele se sinta obrigado a preservá-lo.

Penso aqui num ditado que me foi passado por um amigo. Diz assim:

> A mente que renuncia a uma esperança fútil de uma vez e para sempre, ganha em compensação, uma calma sempre crescente.

Descobri que esse ditado é verdadeiro em meu próprio caso. Eu sei que ele se tem provado verdadeiro no caso de muitos outros.

Qualquer que seja o sofrimento inicial — sofrimento que acompanha às vezes a experiência degradante de ser interrogado por homens que, na realidade, o despojam da dignidade humana, fazendo-o sentir o peso de sua autoridade ao passo que presumem julgar a posição de alguém perante Deus — por mais transtornado que alguém possa se sentir por dentro, depois disso vem um nítido sentimento de alívio, de paz. Não é simplesmente saber que se está finalmente fora do alcance de tais homens, que não se está mais sujeito ao escrutínio e pressão eclesiásticas deles, mas porque a verdade, e a recusa em comprometer a verdade, traz liberdade de outras maneiras excelentes e maravilhosas. Quanto mais responsáveis somos no uso dessa liberdade, mais preciosos são os benefícios.

A maior liberdade usufruída é a de poder servir a Deus e seu Filho — bem como servir para o bem de todas as pessoas — sem ser restringido por ditames de homens imperfeitos, a liberdade de servir de acordo com os ditames da própria consciência. A sensação de ser livrado de um enorme fardo, aliviado de uma carga pesada, vem com esta liberdade. Se genuinamente apreciada, esta dá o desejo , não de se fazer menos, mas de se fazer mais para servir Aqueles que provêem essa liberdade.[12]

Não importa quão traumática possa ser a transição inicial, ela pode levar ao desenvolvimento de uma verdadeira relação *pessoal* com estes dois maiores Amigos. A organização tem destacado a si mesma de forma tão persistente, tem ocupado um espaço tão amplo no cenário espiritual, concentrando tanta atenção em sua própria importância, que tem impedido muitos de terem com o Pai celestial a amizade próxima que é sua de direito. A imagem da organização tem assumido uma

[12] Gálatas 5:1, 13, 14; 1 Coríntios 9:1, 19; Colossenses 3:17, 23-25.

forma tão exagerada que tem obscurecido a grandeza do próprio Filho de Deus, tem encoberto a visão de muitos, impedindo-os de apreciar a relação cordial da qual ele os convida a partilhar, tem distorcido a percepção da sua personalidade compassiva.[13] Não é de surpreender então que muitas pessoas, quando expulsas da organização, sintam uma sensação de solidão, de estar à deriva, debatendo-se, por não estarem mais ligadas a alguma estrutura de autoridade visível, por não terem mais suas vidas canalizadas para sua rotina rígida de atividades programadas, por não sentirem as pressões restritivas de suas normas e regulamentos.

De certo modo, parece que, às vezes, deve-se passar por certa medida de ajuste doloroso para que se venha a apreciar plenamente o que a completa dependência de Deus e de seu Filho realmente significa. Não conheço pessoalmente ninguém que, em tais circunstâncias, tenha reconhecido a necessidade de achegar-se mais a Deus, de dar séria atenção à leitura de sua Palavra, de mostrar interesse nos outros por procurar ser de edificação e encorajamento espirituais, e que não tenha sido capaz de resistir bem à experiência, sentindo-se, ao passar por ela, enormemente fortalecido, mais seguramente firmado no único fundamento sólido, a fé na provisão de Deus em seu Filho.[14] Eles têm se dado conta, mais do que nunca antes, do relacionamento íntimo que usufruem com seu Amo e Dono como discípulos *dele*, por quem são tratados como amigos pessoais, não como ovelhas que homens confinam em massa num aprisco, mas como ovelhas a quem o Pastor dedica atenção e cuidado individuais, pessoais. Seja qual for a idade deles, e o período de tempo que levou para chegarem a esta conclusão, o sentimento que têm se harmoniza com o ditado bem conhecido: "Hoje é o primeiro dia do resto de minha vida." Sua perspectiva é tanto feliz como positiva, pois suas esperanças e aspirações dependem, não de homens, mas de Deus.

Sentir-se dessa maneira não implica deixar de reconhecer que existe realmente um rebanho de Deus, uma congregação chefiada por Cristo Jesus. O Filho de Deus deu a garantia de que teria verdadeiros seguidores, não apenas no primeiro século ou no século XXI, mas em todos os séculos intermediários, pois ele disse: "Eis que estou

[13] Mateus 11:28-30; Marcos 9:36, 37; 10:13-16; Lucas 15:1-7; João 15:11-15.
[14] Salmos 31:11-16; 55:2-6, 12-14, 22; 60:11, 12; 94:17-22; Romanos 5:1-11; 8:31-39.

convosco *todos os dias, até a consumação dos séculos*."[15] Embora entremisturados com todas as "ervas daninhas" que estavam destinadas a surgir, ele saberia quem eram estes discípulos genuínos, *não* por pertenceram a alguma organização mas pelo que *eram* como *pessoas*. Onde quer que estivessem, por mais imperceptível que possa ter sido do ponto de vista humano a participação deles em sua congregação, ele os tem conhecido e guiado através dos séculos como seu Cabeça e Amo. Diz-nos seu apóstolo: "Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: o Senhor conhece os que lhe pertencem."[16] Por que deveríamos duvidar de que continua a ser assim até o tempo atual? A Palavra de Deus mostra que não compete a homens — não é nem mesmo possível para homens — separar as pessoas de modo que digam que têm agora ajuntado todo o "trigo" nitidamente num só cercado. As Escrituras deixam claro que, somente quando o Filho de Deus tornar conhecido seus julgamentos, tornar-se-á manifesta essa identificação.[17]

É um prazer estar agora livre para reunir-se com pessoas sem sentir-se obrigado a buscar algum "rótulo" para saber como encará-las. Não se sente nenhuma necessidade de classificá-las automaticamente como Testemunha ou como "mundana", como "na Verdade" ou como "parte da organização do Diabo", como alguém que, em virtude de ter o "rótulo" Testemunha, é automaticamente um irmão ou uma irmã ou, por falta dele, uma pessoa somente para se dar "testemunho", mas indigna de se ter associação numa base amigável. Em vez disto, há um sentimento saudável de se poder fazer o que é razoável e justo ao valorizar a cada pessoa, livre de preconceito, por aquilo que ele ou ela é — como pessoa. É reanimador poder fazer isto por saber que "Deus não é parcial, mas, em cada nação, o homem que o teme e que faz a justiça lhe é aceitável."[18]

Seguramente, uma das experiências mais dolorosas para muitos que procuraram ser fiéis à consciência é descobrir quão rapidamente amizades de longa data podem se acabar, quão abruptamente uma atmosfera de aparente amor pode transformar-se em fria desconfiança.

---

[15] Mateus 28:20, BJ.
[16] 2 Timóteo 2:19, *ARA*.
[17] Compare Mateus 13:37-43 com Romanos 2:5-10, 16; 14:10-12; 1 Coríntios 4:35; 2 Coríntios 5:10; 10:12, 18; 2 Timóteo 4:1.
[18] Atos 10:34, 35.

Uma Testemunha de um estado do sul , uma das mais ativas em sua congregação, começou a notar quão longe a organização estava se desviando do ensino bíblico. Ela contou a uma conhecida que, apesar disto, não tinha nenhum pensamento de renunciar. Como ela mesma expressou: "Existem tantas pessoas em nossa congregação com quem estudei pessoalmente a Bíblia e a quem ajudei a vir a associar-se com a congregação. Sinto um profundo amor por elas e pelas outras e, por este motivo, acho que devo ficar. Não posso afastar-me destas pessoas a quem amo." Não muito tempo depois disto, os anciãos, ao ficarem cientes de que ela tinha reservas sobre alguns ensinos, começaram a questionar sua "lealdade". Quase de um dia para outro, as atitudes em relação a ela sofreram uma mudança. Ela se achou sendo considerada culpada de insinuação contra a congregação e tagarelice. Conforme ela comentou: "Descobri que o profundo amor que imaginava existir tinha, na realidade, uma só direção. Sem sequer falar comigo para certificar-se de como eu realmente me sentia, as pessoas que eu amava tanto se tornaram de repente frias comigo."

Quando sua própria reverência, devoção e integridade para com Deus são difamadas — a maior calúnia possível — é uma experiência assustadora ouvir alguém, que você considerava um amigo firme, dizer: "Não sei o que aconteceu e prefiro não saber." Ou saber que ele tenha dito: "Não tenho conhecimento dos fatos mas, o que quer que a organização tenha feito, deve ter havido uma boa razão."

Com grande freqüência, o amor de que tanto se jactam como parte do "paraíso espiritual" demonstra ser muito superficial. Numa conversa telefônica, uma Testemunha de um estado vizinho, ainda ativamente associada, me contou que seu marido, um ancião proeminente da cidade, estivera durante certo tempo sob considerável pressão por parte dos outros anciãos locais. "Se eles pudessem conseguir absolutamente qualquer coisa contra ele, o enforcariam na árvore mais alta", disse ela. Meu comentário foi que isto me fazia lembrar o ditado: "Com amigos como estes, quem precisa de inimigos?" "Você não sabe quantas vezes temos repetido isso", foi sua resposta.

Meus sentimentos são semelhantes aos contidos numa carta de uma pessoa que tinha passado por uma rejeição cruel e que escreveu:

> Até a angústia que senti, quando muitos ex-amigos de muitos anos preferiram acreditar nestas histórias do que vir a mim para descobrir a verdade, foi dissipada por minha alegria... como também pelo conhecimento de que a razão para agirem desta forma era o medo que havia neles. Posso realmente perdoá-los de coração porque sei verdadeiramente como eles pensavam — na melhor das hipóteses, que eu tinha abandonado a Jeová (por deixar sua organização) e, na pior, que fui enganado e desviado por Satanás. De uma maneira ou de outra, isso me colocava numa posição impossível de ser abordado. Lamento realmente qualquer sofrimento que tenha causado a eles ou a qualquer um na organização. Eu realmente os amo e faria qualquer coisa a meu alcance para comunicar-me com eles e tentar explicar a verdade do que está acontecendo comigo.

Meus sentimentos coincidem com os acima porque creio que o desligamento da afeição de alguém, com a aparente facilidade com que se desliga um interruptor de luz é também um produto da doutrinação da organização, não algo normal nos sentimentos naturais da maioria das pessoas.

Qualquer que seja o caso, a Testemunha que segue sua consciência pode de fato descobrir que se acabaram todas as amizades que ele ou ela tenha tido. Em tal circunstância, precisa seguramente abraçar a atitude expressa pelo salmista:

> Caso meu próprio pai e minha própria mãe me abandonassem, o próprio Jeová me acolheria."[19]

Somente a crescente percepção da amizade de Deus e a de seu Filho pode compensar, pode pôr todos os outros relacionamentos na devida perspectiva quanto a seu valor relativo. Embora leve tempo, há bom motivo para confiar que outras amizades se tornarão disponíveis, caso se esteja disposto a fazer o esforço necessário. E há a possibilidade de que estas se provem mais duradouras, baseando-se em afeição, não na relação como membro de uma organização, numa espécie de "espírito de clube", mas naquilo que alguém realmente é como pessoa, nas qualidades cristãs demonstradas, nas realidades do coração de alguém. Pessoalmente, não perdi de forma alguma todos os meus amigos. Mas, para cada um que realmente perdi, encontrei outro. Estes são pessoas que têm deixado claro que estão determinadas a não permitir que

[19] Salmo 27:10; compare com Salmos 31:11; 38:11; 50:20; 69:8, 9, 20; 73:25, 28.

diferenças de opinião ou ponto de vista tenha um efeito destrutivo sobre essa amizade. Isto segue o conselho dado:

> Sejam sempre humildes, delicados e pacientes. Mostrem o seu amor suportando uns aos outros. Façam o possível para conservar, por meio da paz que os une, a união que o Espírito dá.[20]

Adotar uma perspectiva mais humilde, mais modesta, e ajustar o ponto de vista da pessoa em tais áreas a uma proporção menor, pode ser difícil quando se está acostumado, por tanto tempo, com a extrema ênfase dada a números e à pretensão de que o crescimento numérico é evidência da direção e bênção divinas. Pela primeira vez, a pessoa pode vir a apreciar e valorizar a promessa de Jesus de que 'onde estão ajuntados dois ou três em seu nome, ele estará presente com eles'. Pela minha própria experiência, posso dizer que participar da leitura e discussão das Escrituras com apenas um ou dois tem se mostrado plenamente satisfatório e recompensador. É verdade que, às vezes, quando um número maior de pessoas participa conosco nestas discussões bíblicas, ocorre um maior grau de interesse e de variedade de comentários. Todavia, a força fundamental e fortalecedora e a riqueza da Palavra de Deus não ficam reduzidas nessas ocasiões em que somos apenas "dois ou três." Posso dizer honestamente que, em cada caso, isso tem feito com que eu me entusiasme com coisas que merecem ser lembradas num grau maior do que em tantas ocasiões no passado quando me reunia com centenas, milhares, dezenas de milhares de pessoas em funções programadas pela organização.

Exige fé confiar em que isto se prove verdadeiro. Mas está relacionado com outros dos benefícios da liberdade que traz a defesa da verdade de Deus, a saber, que em vez de alimentar-se de uma "dieta" estritamente sistematizada, preparada por um estrutura de autoridade humana, alguém pode redescobrir a Palavra de Deus por aquilo que ela realmente é, por aquilo que ela realmente diz. É surpreendente quão estimulante pode ser ler as Escrituras e deixar que elas falem por si mesmas, sem serem "sobrepostas" por ensinos tradicionais de homens. Certa pessoa de um estado do sul, que em sua associação como Testemunha nunca tinha deixado de relatar atividade todo mês, durante quarenta anos, e assistido com igual regularidade a todas as reuniões, expressou quão emocionante ela achava agora sua

[20] Efésios 4:2, 3, *BLH*.

leitura das Escrituras, ao dizer: "Nunca me senti movida a ficar até às duas da manhã lendo *A Sentinela*, mas agora me acho fazendo exatamente isso com a Bíblia."

Depois de ter se acostumado a interpretações intrincadas, argumentos complexos e alegorias imaginativas das Escrituras, pode ser também difícil reconhecer e aceitar a notável simplicidade da verdadeira mensagem da Bíblia. Pode ser difícil compreender que Jesus queria dizer exatamente o que disse quando, depois de estabelecer o princípio de que "aquilo que quereis que os homens façam a vós, fazei-o vós mesmos a eles" e passou a dizer, "esta *é* a Lei e os Profetas."[21] Isso mostra que o inteiro propósito, todo impulso por trás das Escrituras inspiradas então em existência era ensinar homens e mulheres a amar. Isto se harmoniza com a declaração de Jesus de que, dos dois mandamentos de amar a Deus e amar ao próximo, "dependem toda a Lei e os Profetas."[22] Observe, não somente a Lei mas também "os Profetas."

A profecia tem então como seu objetivo, não o desenvolvimento de alguma interpretação especulativa e aplicação imaginativa de certas datas e eventos nos tempos modernos (cuja aplicação muda freqüentemente à medida que a passagem da data a torna insustentável), nem provê os meios para jactância da suposta relação superior de uma organização com Deus. Toda a profecia se destina a guiar-nos ao "filho do amor de Deus", para que possamos aprender o amor através dele, e vivamos em amor como ele viveu em amor. Portanto, lemos que "Dar-se testemunho de Jesus é o que inspira o profetizar."[23]

Toda vez que a Escritura é utilizada de alguma forma diferente, toda vez que o dogmatismo e a argumentação sectária obscurecem e complicam este plano simples das Escrituras, fica demonstrado que os que argumentam dessa maneira têm desacertado todo o propósito da Bíblia.

Aqueles que acham que as interpretações imaginativas descritas há pouco se constituem realmente nas "coisas profundas de Deus" revelam falta de compreensão daquilo a que essa expressão bíblica se

[21] Mateus 7:12, *TEB*.
[22] Mateus 22:40, *TEB*.
[23] Revelação 19:10.

aplica. Quando o apóstolo Paulo usou a expressão (em sua Primeira Carta aos Coríntios), ele tinha dito um pouco antes:

> Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloqüente, nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi, nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. E foi com fraqueza, temor, e com muito tremor, que estive entre vocês. Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.[24]

O que ele descreve é exatamente o contrário do tipo de ensino que faz as pessoas se sentirem dependentes de uma organização humana, a qual cria interpretações intricadas e muitas vezes confusas de profecias que poucos conseguem explicar sem uma determinada publicação à mão.

Isto, também, é uma bênção; ser capaz de reconhecer que as verdadeiras "coisas profundas" das Escrituras se relacionam com a aprendizagem da "profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus" expressas particularmente em sua misericórdia através de Jesus Cristo, que "com suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé . . . estando arraigados e alicerçados em amor, vocês possam . . . compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo o conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus."[25]

Que as "boas novas" se concentram nesta mesmíssima expressão de misericórdia por Deus através de Cristo e de seu resgate, pode ser demonstrado por qualquer um que tome tempo para procurar cada ocorrência dessa expressão por meio de uma concordância. Das mais de cem ocorrências da expressão "boas novas" na Bíblia, há oito referências às boas novas "do reino", mas há dezenas de referências às boas novas "acerca do Cristo". Isto se dá porque o reino de Deus, a expressão de sua soberania real, está totalmente centralizada em seu Filho e nas coisas que Ele tem feito e ainda fará através dele. É em

[24] 1 Coríntios 2:1-5, 10, *NVI*.
[25] Romanos 11:33; Efésios 3:16-19, *NVI*.

Cristo Jesus, e não em alguma organização humana, que a nossa atenção e interesse deveriam se focalizar, pois "cuidadosamente ocultos nele se acham todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento."[26] Quando comparados com o estudo, a meditação e oração que se concentram numa maior compreensão da profundeza da misericórdia, do amor e da bondade de Deus, os escritos em que se encontram algumas explicações de profecia, por mais intrigantes, misteriosos ou exóticos que sejam, se provam, de fato, superficiais.

É um prazer poder ler então a Palavra de Deus sem nos sentirmos compelidos a fixar com absoluta precisão o significado de cada parte, ou a explicar cada declaração profética como parte de uma aplicação arbitrária. Pois o que o apóstolo Paulo escreveu ainda se mantém verdadeiro:

> Pois temos conhecimento parcial e profetizamos parcialmente; mas, quando chegar o que é completo, será eliminado o que é parcial... Pois, atualmente vemos em contorno indefinido por meio dum espelho de metal, mas então será face a face. Atualmente eu sei em parte, mas então saberei exatamente, assim como também sou conhecido exatamente. Agora, porém, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.[27]

Se nosso amor por Deus, por seu Filho e por nossos semelhantes é realçado e edificado por nossa leitura das Escrituras, então essa leitura serviu inegavelmente a seu propósito maior. Existem muitos pontos nas Escrituras que são declarados de tal maneira que não podem simplesmente ter uma explicação fixa que seja a única possível e correta. Caso existam explicações alternativas em que ambas permitam harmonia com o resto das Escrituras, e contribuam para a fé, a esperança e o amor, por que cair na armadilha do sectarismo, insistindo de maneira inflexível em só uma destas?

Apreciei uma declaração nesta linha de raciocínio feita por uma pessoa de uma ilha do Pacífico, que escreveu:

> Não acreditarei nem apoiarei nenhum ensino que considere falso e me apoiarei no que acredito ser a verdade, mas não posso julgar outros que amam a Deus e achar que eu seja melhor do que eles por saber

[26] Colossenses 2:3.
[27] 1 Coríntios 13:9, 10, 12, 13.

> talvez algumas coisas que eles não sabem. Deus lida com todos nós desde o ponto onde estamos. Estamos todos errados em alguns campos, e julgar, comparar, competir e separar-nos de outros que amam a Deus e estão também buscando por ele não é o caminho de Deus. Seu caminho é amor, o qual une, cura e encobre uma multidão de pecado e erro. Com o tempo, todos nós chegaremos a conhecer toda a verdade, mas, no ínterim, devemos partilhar o que temos, ajudar e encorajar outros, não traçar linhas de batalha.

Depois de toda argumentação e debate sobre certos pontos ou questões doutrinais que tão freqüentemente envolvem coisas não claramente definidas nas Escrituras, que proveito real se conseguiu? Persistem as perguntas sérias: o que somos como pessoas? Quão bem refletimos as qualidades de nosso Pai celestial e de seu Filho? Servem nossa vida, nossa maneira de tratar outros, verdadeiramente de exemplo dos seus ensinos? Qualquer ensino, organizacional ou individual, que não contribuir genuinamente para que alguém seja compassivo, atencioso e prestimoso em seus tratos com outros, nunca pode ser de Deus, pois "temos dele este mandamento, que aquele que ama a Deus esteja também amando o seu irmão."[28]

Faz-se a pergunta: para onde vou então? O que passo a ser?

Não sinto necessidade de "ir" a parte alguma, pois conheço Aquele que tem as "declarações de vida eterna."[29] Aprecio o companheirismo fortalecedor daqueles com quem me associo (quer pessoalmente quer por correspondência) e espero que o futuro acrescente a meu relacionamento outras pessoas sinceras cujo interesse seja pela verdade, não simplesmente em doutrinas, em palavras, mas como um modo de vida.[30]

Estou, portanto, simplesmente procurando ser um cristão, um discípulo do Filho de Deus. Não posso ver por que alguém iria querer ser algo diferente. Não posso compreender como alguém pode esperar ser algo mais.

O passado é agora passado. Tenho muito a agradecer e poucas coisas a lamentar. Não estou, com isto, minimizando a seriedade do erro. Quando a areia da ampulheta começa a baixar na nossa vida, os

---

[28] 1 João 4:21.
[29] João 6:68.
[30] 1 João 3:18.

efeitos prejudiciais de ter permitido que qualquer grau mensurável de erro afetasse nossas decisões iniciais e nosso curso de vida, podem tornar-se evidentes de modo um tanto doloroso. Não me lamento dos sofrimentos suportados com paciência no passado. Acho que aprendi valiosas lições deles. A confiança implícita que depositei numa organização humana provou-se, entretanto, mal colocada. Tendo gasto a maior parte de minha vida esforçando-me em dirigir pessoas para Deus e seu Filho, descubro que essa organização vê tais pessoas como se fossem um rebanho dela, responsáveis perante ela, sujeitas à vontade dela. Ainda assim, fico contente em saber que procurei pessoalmente estimulá-las a edificar sua fé na Palavra de Deus como fundamento seguro. Minha confiança é que essa obra não se provará em vão.

Na minha idade, enquanto outros homens contemplam a aposentadoria, acho-me tentando fazer um começo a fim de prover para as minhas necessidades futuras e as de minha esposa. Todavia, junto com o escritor bíblico, eu poderia "dizer com confiança: 'O Senhor é o meu ajudador, não temerei. O que me podem fazer os homens?'"[31] De modo algum lamento ter feito a escolha de me apegar à consciência; o benefício resultante contrabalança em muito as intempéries sofridas.

Algumas decisões iniciais, baseadas em apresentações falsas da vontade de Deus, produziram efeitos que parecem praticamente irreversíveis. Ainda sou acometido de um sentimento de vazio por dentro toda vez que penso em deixar para trás uma esposa sem nenhum filho ou filha que lhe proporcione apoio e conforto emocionais, ou que cuide talvez de suas necessidades econômicas de maneira mais adequada do que eu possa fazer nos anos que ainda me restam. Mas há um futuro além do futuro imediato e é a esperança nesse futuro, e nas promessas divinas relacionadas, que acalma meu coração.

Embora ache incompreensíveis certas ações dos homens que me julgaram, não me sinto autorizado ou inclinado, como eles se sentiram, a proferir julgamento sobre eles, mesmo tendo estes me rejeitado. Meu desejo sincero é que o futuro lhes proporcione dias melhores, pois creio que há muito que eles podem realizar, e isto ampliaria suas

[31] Hebreus 13:6, *NVI*.

perspectivas e vidas e faria com que seus dias se tornassem muito mais ricos, e muito mais significativos.

Espero ter aprendido dos erros passados e, ainda que com certeza venha a cometer mais, confio que, pelo menos, haverá melhora, pelo bem de outros e meu também. Lamento não poder desculpar-me pessoalmente com alguns a quem eu tenha, de um modo ou de outro, ofendido, mas minhas orações são para que não venha a haver nenhum dano permanente e confio na providência de Deus nessas áreas que estão além de minha capacidade de fazer algo a respeito. Espero que nos anos restantes de minha vida, eu possa presenciar certa medida de paz para minha esposa e para mim e observe a bênção de Deus sobre nossos esforços conjuntos de servi-lo por todos os nossos dias.

Depois de sua expulsão sumária da sede internacional, Edward Dunlap passou pelo Alabama a caminho de Oklahoma City e seu início de vida mais uma vez lá, aos 69 anos de idade. Na conversa que tivemos, ele disse: "Parece-me que tudo que se pode fazer é tentar levar uma vida cristã e ajudar as pessoas dentro de qualquer que seja a esfera de influência que se tem normalmente. Todo o resto está nas mãos de Deus."

Sou grato por ter conseguido tornar disponível a informação que creio que outras pessoas têm o direito de saber. Há muito mais que poderia ser dito, talvez que precise ser dito, para que se tenha um quadro completo. Mas o tempo, a vida e as circunstâncias permitam ou não, estou contente em deixar que os resultados do que agora foi dito descansem nas mãos de Deus.

APÊNDICE

Ao Capítulo 3

WILL AND TESTAMENT OF CHARLES TAZE RUSSELL

Having at various times during past years donated to the WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY all of my personal possessions except a small personal bank account of approximately two hundred dollars, in the Exchange National Bank of Pittsburgh, which will properly be paid over to my wife if she survives me, I have merely love and Christian good wishes to leave to all of the dear members of the Bible House Family—and all other dear colaborers in the harvest work—yea, for all of the household of faith in every place who call upon the name of the Lord Jesus as their Redeemer.

However, in view of the fact that in donating the journal, ZION'S WATCH TOWER, the OLD THEOLOGY QUARTERLY and the copyrights of the MILLENNIAL DAWN SCRIPTURE STUDIES Books and various other booklets, hymn-books, etc., to the WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY, I did so with the explicit understanding that I should have full control of all the interests of these publications during my life time, and that after my decease they should be conducted according to my wishes. I now herewith set forth the said wishes—my will respecting the same—as follows:

AN EDITORIAL COMMITTEE OF FIVE

I direct that the entire editorial charge of ZION'S WATCH TOWER shall be in the hands of a committee of five brethren, whom I exhort to great carefulness and fidelity to the truth. All articles appearing in the columns of ZION'S WATCH TOWER shall have the unqualified approval of at least three of the committee of five, and I urge that if any matter approved by three be known or supposed to be contrary to the views of one or both of the other members of the committee, such articles shall be held over for thought, prayer and discussion for three months before being published—that so far as possible the unity of the faith and the bonds of peace may be maintained in the editorial management of the journal.

The names of the Editorial Committee (with such changes as may from time to time occur) shall all be published in each number of the journal—but it shall not in any manner be indicated by whom the various articles appearing in the journal are written. It will be sufficient that the fact be recognized that the articles are approved by the majority of the committee.

As the Society is already pledged to me that it will publish no other periodicals, it shall also be required that the Editorial Committee shall write for or be connected with no other publications in any manner or degree. My object in these requirements is to safeguard the committee and the journal from any spirit of ambition or pride or headship, and that the truth may be recognized and appreciated for its own worth, and that the Lord may more particularly be recognized as the Head of the church and the Fountain of truth.

Copies of my Sunday discourses published in the daily newspapers covering a period of several years have been preserved and may be used as editorial matter for The WATCH TOWER or not, as the committee may think best, but my name shall not be attached nor any indication whatever given respecting the authorship.

Those named below as members of the Editorial Committee (subject to their acceptance) are supposed by me to be thoroughly loyal to the doctrines of the Scriptures—especially so to the doctrine of the ransom—that there is no acceptance with God and no salvation to eternal life except through faith in Christ and obedience to his Word and its spirit. If any of the designated ones shall at any time find themselves out of harmony with this provision they will be violating their consciences and hence committing sin if they continue to remain members of this Editorial Committee—knowing that so to do would be contrary to the spirit and intention of this provision.

The Editorial Committee is self-perpetuating, in that should one of these members die or resign, it will be the duty of the remainder to elect his successor, that the journal may never have an issue without a full Editorial Committee of five. I enjoin upon the committee named great caution in respect to the election of others to their number—that purity of life, clearness in the truth, zeal for God, love for the brethren and faithfulness to the Redeemer shall be prominent characteristics of the one elected. In addition to the five named for the committee I have named five others from whom I prefer that selection should be made for any vacancies in the Editorial Committee, before going outside for a general selection—unless in the interim, between the making of this Will and the time of my death, something should occur which would seem to indicate these as less desirable or others as more desirable for filling the vacancies mentioned. The names of the Editorial Committee are as follows:

WILLIAM E. PAGE,
WILLIAM E. VAN AMBURGH,
HENRY CLAY ROCKWELL,
E. W. BRENNEISON,
F. H. ROBISON.

The names of the five whom I suggest as possibly amongst the most suitable from which to fill vacancies in the Editorial Committee are as follows: A. E. Burgess, Robert Hirsh, Isaac Hoskins, Geo. H. Fisher (Scranton), J. F. Rutherford, Dr. John Edgar.

The following announcement shall appear in each issue of THE WATCH TOWER, followed by the names of the Editorial Committee:

ZION'S WATCH TOWER EDITORIAL COMMITTEE

This journal is published under the supervision of an Editorial Committee, at least three of whom must have read and have approved as TRUTH each and every article appearing in these columns. The names of the Committee now serving are: (names to follow.)

As for compensation, I think it wise to maintain the Society's course of the past in respect to salaries—that none be paid; that merely reasonable expenses be allowed to those who serve the Society or its work in any manner. In harmony with the course of the Society, I suggest that the provision for the Editorial Committee, or the three that shall be actively engaged, shall consist of not more than a provision for their food and shelter and ten dollars per month, with such a moderate allowance for wife or children or others dependent upon them for support as the Society's Board of Directors shall consider proper, just, reasonable—that no provision be made for the laying up of money.

I desire that the OLD THEOLOGY QUARTERLY continue to appear as at present, so far as the opportunities for distribution and the laws of the land will permit, and that its issues shall consist of reprints from the old issues of THE WATCH TOWER or extracts from my discourses, but that no name shall appear in connection with the matter unless the same is required by law.

It is my wish that the same rules apply to the German, the French, the Italian, the Danish and the Swedish or any other foreign publications controlled or supported by the WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY.

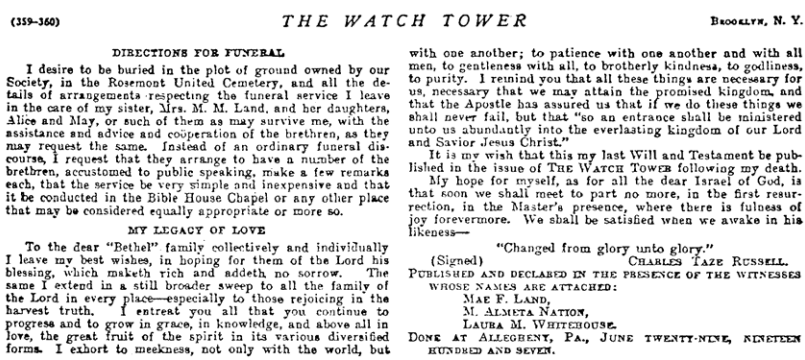
I will that a copy of this paper be sent to each one whose name has appeared above as of the Editorial committee or the list from whom others of that committee may be chosen to fill vacancies and also to each member of the Board of Directors of the WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY. This shall be done immediately on my death being reported, so that within a week, if possible, the persons named as of the Editorial Committee may be heard from, their communications being addressed to the Vice-President of the WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY—whoever may be holding that office at that time. The answers of those appointed shall be to the point, indicating their acceptance or rejection of the position and terms specified. A reasonable time shall be allowed for any one mentioned who may be absent from the city or from the country. Meantime the remainder of the committee of at least three shall proceed to act in their capacity as editors. It shall be the duty of the officers of the Society to provide the necessary arrangements for these members of the Editorial Committee and to assist them in their duties in every possible manner, in compliance with the engagements made with me bearing on this matter.

I have already donated to the WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY all my voting shares therein, putting the same in the hands of five Trustees, as follows: Sr. E. Louise Hamilton, Sr. Almeta M. Nation Robison, Sr. J. G. Heit, Sr. C. Tomlins, Sr. Alice G. James.

These Trustees shall serve for life. In event of deaths or resignations successors shall be chosen by the WATCH TOWER SOCIETY Directors and Editorial Committee and the remaining Trustees after prayer for divine guidance.

I now provide for the impeachment and dismissal from the Editorial Committee of any member thereof found to be unworthy the position by reason of either doctrinal or moral lacks, as follows:

At least three of the Board must unite in bringing the impeachment charges, and the Board of Judgment in the matter shall consist of the WATCH TOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY'S trustees and the five trustees controlling my voting shares and the Editorial Committee, excepting the accused. Of these sixteen members at least thirteen must favor the impeachment and dismissal in order to effect the same.



(359-360) THE WATCH TOWER BROOKLYN, N. Y.

DIRECTIONS FOR FUNERAL

I desire to be buried in the plot of ground owned by our Society, in the Rosemont United Cemetery, and all the details of arrangements respecting the funeral service I leave in the care of my sister, Mrs. M. M. Land, and her daughters, Alice and May, or such of them as may survive me, with the assistance and advice and coöperation of the brethren, as they may request the same. Instead of an ordinary funeral discourse, I request that they arrange to have a number of the brethren, accustomed to public speaking, make a few remarks each, that the service be very simple and inexpensive and that it be conducted in the Bible House Chapel or any other place that may be considered equally appropriate or more so.

MY LEGACY OF LOVE

To the dear "Bethel" family collectively and individually I leave my best wishes, in hoping for them of the Lord his blessing, which maketh rich and addeth no sorrow. The same I extend in a still broader sweep to all the family of the Lord in every place—especially to those rejoicing in the harvest truth. I entreat you all that you continue to progress and to grow in grace, in knowledge, and above all in love, the great fruit of the spirit in its various diversified forms. I exhort to meekness, not only with the world, but with one another; to patience with one another and with all men, to gentleness with all, to brotherly kindness, to godliness, to purity. I remind you that all these things are necessary for us, necessary that we may attain the promised kingdom, and that the Apostle has assured us that if we do these things we shall never fail, but that "so an entrance shall be ministered unto us abundantly into the everlasting kingdom of our Lord and Savior Jesus Christ."

It is my wish that this my last Will and Testament be published in the issue of THE WATCH TOWER following my death.

My hope for myself, as for all the dear Israel of God, is that soon we shall meet to part no more, in the first resurrection, in the Master's presence, where there is fulness of joy forevermore. We shall be satisfied when we awake in his likeness—

"Changed from glory unto glory."

(Signed) CHARLES TAZE RUSSELL.

PUBLISHED AND DECLARED IN THE PRESENCE OF THE WITNESSES WHOSE NAMES ARE ATTACHED:

MAE F. LAND,
M. ALMETA NATION,
LAURA M. WHITEHOUSE.

DONE AT ALLEGHENY, PA., JUNE TWENTY-NINE, NINETEEN HUNDRED AND SEVEN.

O documento precedente é o testamento redigido por Charles Taze Russell, fundador da Sociedade Torre de Vigia e de sua revista, conforme publicado em *A Sentinela*, de 1° de dezembro de 1916. Segue-se a tradução dos trechos principais desta "Última Vontade e Testamento". Foram sublinhadas as partes de maior interesse.

ÚLTIMA VONTADE E TESTAMENTO DE CHARLES TAZE RUSSELL

Tendo doado à Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, em várias ocasiões durante os anos passados, todos os meus bens pessoais, com exceção de uma pequena conta bancária de cerca de duzentos dólares, no Exchange National Bank de Pittsburgh, a ser paga à minha esposa caso ela sobreviva a mim, deixo apenas meu amor cristão e meus melhores votos a todos os queridos membros da família da Casa da Bíblia – e a todos os demais queridos colaboradores na obra da colheita – sim, a todos os da família da fé em todos os lugares onde invocam o Senhor Jesus como seu Redentor.

Contudo, ao fazer doação da revista Torre de Vigia de Sião, do Trimestral da Velha Teologia e dos direitos autorais dos livros Estudos das Escrituras da Aurora do Milênio e de vários outros folhetos e hinários, etc., à Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, eu o fiz com o entendimento explícito de que manteria completo controle de todos os interesses destas publicações durante a minha existência, e que depois de minha morte estes seriam conduzidos de acordo com meus desejos. Passo agora a declarar tais desejos – minha vontade com relação aos mesmos — conforme segue:

UMA COMISSÃO EDITORA DE CINCO

Determino que a inteira responsabilidade pela Torre de Vigia de Sião fique nas mãos de uma comissão de cinco irmãos aos quais exorto a exercer grande cuidado e

fidelidade para com a verdade. Todos os artigos que aparecerem nas colunas da Torre de Vigia de Sião deverão ter a aprovação absoluta de pelo menos três da comissão dos cinco, e insto a que, qualquer que seja o assunto aprovado pelos três, que seja, ou pareça ser, contrário ao ponto de vista de um ou de ambos os demais membros da comissão, que tais artigos sejam retidos para maior consideração, oração e discussão por três meses antes de ser publicado — que até onde for possível seja mantida a unidade da fé e o vínculo da paz na direção editorial da revista.

A Comissão Editora se auto-perpetua, no sentido de que se um de seus membros renunciar ou morrer, será dever dos restantes, eleger um sucessor, de modo que a revista jamais tenha um número publicado sem uma Comissão Editora completa de cinco. Encarrego a Comissão designada de ter grande cuidado na eleição dos outros que venham a completar seu número – que a pureza de vida, a clareza da verdade, o zelo por Deus, o amor pelos irmãos e a fidelidade ao Redentor sejam características proeminentes dos escolhidos. Em acréscimo aos cinco designados para a comissão, designei outros cinco, dentre os quais prefiro que se faça a seleção, caso surjam vagas na Comissão Editora, antes que se parta para uma seleção geral – a menos que, no ínterim, entre a data da feitura deste testamento e a data de minha morte, ocorra algo que indique a estes como menos desejáveis ou a outros como mais desejáveis para preencher as vagas. Os nomes da Comissão Editora são conforme segue:

William E. Page,
William E. Van Amburgh,
Henry Clay Rockwell,
E. W. Brenneison,
F.H.Robison

Os nomes dos cinco a quem sugiro como possíveis candidatos a preencher as vagas da Comissão Editora são conforme segue: A. E. Burgess, Robert Hirsh, Isaac Hoskins, Geo. H. Fisher (Scranton), J.F.Rutherford, Dr. John Edgar.

Eu doei à Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados todas as minhas ações com direito a voto, pondo as mesmas nas mãos de cinco fideicomissárias, como se segue: Hna. E. Louise Hamilton, Hna. Almeta M. Nation Robison, Hna. J.G. Herr, Hna. C. Tomlins, Hna. Alice G. James.

A posição destas fideicomissárias é vitalícia. Em caso de morte ou renúncia as substitutas serão designadas pelos diretores e pela Comissão Editora da Sociedade Torre de Vigia, e pelas fideicomissárias restantes, depois de feita oração em busca da orientação divina.

Faço agora provisão para a possível necessidade de destituir ou demitir qualquer um dos membros da Comissão Editora que tenha sido considerado indigno do cargo, seja por razão doutrinal ou falta moral.

Pelo menos três da Diretoria devem formar uma junta para apresentar as acusações, e a Junta Judicativa que cuidará do assunto será composta dos fideicomissários da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, e das cinco fideicomissárias portadoras de minhas ações com direito a voto, com exceção do acusado. Para que se efetue a destituição é preciso que destes dezesseis membros pelo menos treze estejam de acordo com a ação judicativa.

É meu desejo que esta Última Vontade e Testamento seja publicado no número de A Sentinela que se seguir à minha morte.

É minha esperança que tanto no meu caso, como no caso do querido Israel de Deus, logo nos encontraremos para jamais nos separarmos, na primeira ressurreição, na presença do Amo, com quem está a plenitude do gozo para sempre. Estaremos satisfeitos quando despertarmos na semelhança dele –

"Transformado de glória em glória"

(Assinado), Charles Taze Russell

Publicado e declarado em presença das testemunhas cujos nomes estão anexos:

Mae Land
M. Almeta Nation
Laura M. Whitehouse

Feito em Allegheny, Pa., vinte e nove de junho de mil novecentos e sete.

Entre outras coisas, deve-se notar que Russell declarou que considerava a revista *A Sentinela* como sua propriedade, depois doada à corporação, mas, com o entendimento de que tivesse pleno controle sobre seu conteúdo e publicação. Isto obviamente não se enquadra ao ensino atual da organização quanto à direção e alimentação espiritual por meio de uma *classe* do "escravo fiel e discreto."

Pode-se observar também que ele deu instruções para formação de uma comissão para dirigir a publicação da matéria e que Rutherford não se achava no primeiro grupo de cinco candidatos alistados. Além disso, nota-se que Russel deixou suas ações da corporação para cinco mulheres como fideicomissárias, e que selecionou três mulheres para servir como testemunhas de seu testamento.

Algumas Testemunhas, sem dúvida, têm a idéia de que a designação de anciãos congregacionais é feita pelo próprio Corpo Governante. De início, dois membros do Corpo Governante, de fato sentavam-se com um membro do Departamento de Serviço e revisavam e aprovavam todas as designações de anciãos dos Estados Unidos. Esta prática, contudo, foi descontinuada após um período de tempo relativamente curto, e as designações foram deixadas, conseqüentemente, a cargo do pessoal do Departamento de Serviço. Em outros países, as designações de anciãos ficaram desde o início, inteiramente a cargo dos escritórios de filial da Torre de Vigia. Quer nos EUA, quer em outros lugares, as únicas designações feitas desde então pelo Corpo Governante, têm sido as dos representantes viajantes e dos membros das comissões de filial. Creio que se faça assim para que estes homens possam apresentar-se como "representantes do Corpo Governante", num sentido especial, um sentido que confere maior peso e implica em uma autoridade maior do que a dos anciãos locais.

Com relação à norma sobre as "práticas sexuais pervertidas", alguns anos após minha renúncia ao Corpo Governante, a organização efetivamente restabeleceu os pontos básicos de sua norma anterior. *A Sentinela* de 15 de setembro de 1983 (páginas 30 e 31), embora declarando que não cabia aos anciãos "policiar" os assuntos conjugais particulares dos membros da congregação, determinou que a *promoção* ou a *prática* do que foi classificado como "relações sexuais pervertidas" entre pessoas casadas, não apenas desqualificaria um homem para ser ancião ou para qualquer outra posição designada pela Sociedade, como também "poderiam levar até mesmo à expulsão da congregação". Lloyd Barry não havia estado presente quando a norma de 1972 foi definitivamente revertida por uma decisão do Corpo Governante, e ao retornar, ele expressou sua desaprovação à mudança. Uma vez que ele era o chefe do Departamento de Redação e supervisionava a elaboração da matéria para *A Sentinela*, sua influência pode ter contribuído para este retorno à grande parte da posição anterior. Seja como for, esta matéria de 1983 não resultou em grande aumento de audiências judicativas, como ocorreu por ocasião do anúncio inicial daquela norma em 1972, talvez
porque a experiência anterior tivesse produzido maus frutos suficientes para restringir o zelo inquisitório da parte dos anciãos.

Ao Capítulo 4

A Sentinela de 15 de março de 1990 contém artigos sobre o Corpo Governante e suas funções, explicações destinadas a aparentar um quadro ideal. Estas falam dos "progressivos aprimoramentos" e dos "refinamentos contínuos" da organização, como se estes fossem um processo constante e harmoniosamente conduzido em cumprimento de Isaías 60:17. Elas apresentam a ficção de que um Corpo Governante estava em funcionamento ao longo da história da Torre de Vigia. Conforme demonstrado nos capítulos 3 e 4 deste livro, a realidade é bastante diferente. Durante as primeiras sete décadas da história da organização, não se falava e nem se pensava em termos de um "corpo governante". Russell fez arranjos para que, após sua morte, comissões cuidassem dos assuntos e compartilhassem a autoridade e a responsabilidade. Imediata e efetivamente, Rutherford eliminou essas comissões, esmagou qualquer oposição e durante as duas décadas seguintes, exerceu de modo autocrático o controle total como presidente da sociedade civil. Ao mesmo tempo em que tentou amenizar a atmosfera existente, Knorr reteve em suas mãos esse controle total até que uma espécie de "revolução palaciana" arrancou da presidência da sociedade o seu poder. A partir de 1976, a autoridade foi transferida de um único homem para um grupo de homens, e, depois de 50 anos, as comissões passaram novamente a funcionar. Este cenário de vai-e-vem dificilmente se ajusta ao quadro de um processo harmonioso de "progressivos aprimoramentos" e "refinamentos contínuos".

Mais recentemente, a organização produziu um novo livro de sua história, publicado em 1993, e intitulado *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, substituindo seu similar anterior *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (em inglês). Em seu prefácio, ele comenta que embora outros tenham escrito sobre as Testemunhas de Jeová, "nem sempre o fizeram de modo imparcial". Conseqüentemente, ele declara que:

> Os redatores desta obra empenharam-se em ser objetivos e em apresentar uma história cândida.

A vasta maioria das Testemunhas de Jeová não tem qualquer acesso aos arquivos do passado, como também nenhum conhecimento pessoal dos eventos relacionados com o desenvolvimento da organização. O funcionamento da estrutura central de autoridade ou dos homens que formam essa estrutura interna de autoridade são igualmente desconhecidos para elas. Ficam elas assim, à mercê dos redatores dessa "história cândida" e imparcial. Poucas vezes vi uma versão mais "saneada" e menos "objetiva" dos fatos. Sua descrição da história da organização e de seus procedimentos pinta um quadro que em boa medida difere da realidade.

Para citar apenas alguns exemplos dentre muitos:

Com respeito à identificação do "servo fiel e prudente" de Mateus 24:45-47, este livro finalmente admite (nas páginas 142, 143, 626) que, "por vários anos" a revista *A Sentinela* expressou o conceito de que Charles Taze Russell era aquele escolhido "servo fiel e prudente", e de que de 1896 em diante, o próprio Russell reconheceu "a aparente razoabilidade" deste conceito. O livro não reconhece o fato de que Russell não apenas considerava como "razoável" a aplicação feita a um indivíduo (ele próprio) como o especialmente escolhido "servo fiel e prudente", mas que (nos números de *A Sentinela* que o livro alista ao pé da página) ele efetivamente argumentou em favor disso como uma verdadeira aplicação do texto, ao invés da posição que havia assumido em 1881. Em vez disso, continua-se a enfatizar a declaração de Russell em que ele aplicava o termo ao inteiro "corpo de Cristo".

O livro não informa seus leitores que na edição de 1º de outubro de 1909 de *A Sentinela*, Russell descreveu como seus "opositores" aqueles que aplicassem o termo "servo fiel e prudente" a "todos os membros da igreja de Cristo", em vez de a um indivíduo. Tampouco conta a seus leitores que a edição especial de *A Sentinela* de 16 de outubro de 1916 afirmava que, embora não reivindicasse abertamente o título, Russell "admitia isso em conversa particular".

E embora finalmente reconhecendo que durante anos após sua morte, a revista *A Sentinela* promovia o conceito de que Russell era "aquele servo", o livro não dá ao leitor nenhuma idéia da *insistência* com que isto era feito, como quando se afirmou que todo aquele que tivesse conhecimento do plano divino de Deus deveria admitir verazmente que "derivou esse conhecimento de seu estudo da Bíblia em conexão com o que o irmão Russell escreveu; que antes desse

tempo, ele nem sequer sabia que Deus tinha um plano de salvação"; ou quando se descreveram aqueles que questionassem qualquer ensino de Russell como tendo "rejeitado o Senhor" por terem rejeitado seu servo especial. (Veja a seqüência deste livro *Em Busca da Liberdade Cristã* (em inglês), páginas 78-84).

Da mesma forma não explica o paradoxo criado pelo próprio ensino da Torre de Vigia: por um lado, o ensino da atualidade de que em 1919 Cristo Jesus definitivamente selecionou, aprovou e identificou uma "*classe* do servo fiel e sábio" e, por outro, o fato de que em 1919 os mesmíssimos que foram escolhidos acreditavam que o "servo fiel e prudente" eram, *não uma classe*, mas um só *indivíduo*, Charles Taze Russell, selecionado muitas décadas antes de 1914 por um Cristo reinante que se tornara "presente" desde 1874.

Faz-se um esforço (nas páginas 220 e 221 do novo livro de história) para negar que o segundo presidente, Joseph F. Rutherford, buscou ganhar pleno e total controle da organização. Apresenta-se uma citação de Karl Klein para retratá-lo como um homem essencialmente humilde, que 'parecia um garotinho em oração a Deus'.

Revela ainda o registro histórico que qualquer um, incluindo os membros da Diretoria ou da Comissão Editora, que expressasse discordância dele era rapidamente eliminado de qualquer posição organizacional que porventura ocupasse. Basta conversar com outros que estavam na sede durante a presidência dele para saber que o quadro de humildade descrito por Karl Klein não se harmoniza com a realidade, e que para todos os efeitos e propósitos a palavra do "Juiz" era lei. Eu estive ativamente associado com a organização durante os últimos cinco anos de sua presidência, e sei da forte impressão que o homem me causava e da opinião que os outros expressavam. A maioria das Testemunhas de hoje não teve tal experiência. Mas o Filho de Deus disse que 'da abundância do coração a boca fala', e que 'é pelas tuas palavras que serás declarado justo ou condenado'. (Mat.12:34, 37) Creio que qualquer um que simplesmente leia a matéria encontrada na revista *A Sentinela* dos anos 20 até 1942 pode facilmente perceber o espírito, não de humildade, mas de dogmatismo e autoritarismo, que emanavam de seus artigos. As invectivas e até a linguagem rude eram empregadas contra qualquer um que ousasse questionar qualquer posição, diretriz ou ensinamento que procedesse da organização da qual ele era o chefe.

Nas mesmas páginas, faz-se um esforço para demonstrar que Rutherford não era visto pelos membros da organização como "seu líder", e cita-se a sua negativa pessoal desta posição, feita em 1941 pouco antes de sua morte, como prova disso. As palavras estão lá mas os fatos não. Ao passo que, reconhecidamente, os adeptos da Torre de Vigia viam a Cristo como seu líder *invisível*, o fato é que eles *consideravam* Rutherford como seu líder terrestre *visível*, contrariando a injunção de Cristo em Mateus 23:10: "Tampouco sejais chamados 'líderes', pois o vosso Líder é um só, o Cristo." Rutherford não podia deixar de ter *sabido* que os membros da organização o viam sob essa luz.

Considere essa matéria de *The Messenger* (O Mensageiro), o relatório de um congresso da Torre de Vigia, de 25 de julho de 1931, descrevendo grandes assembléias realizadas naquele ano nas principais cidades européias. Na página 3, encontramos o que se vê na página seguinte. Atente para a tradução em português das legendas embaixo das fotos.

THE MESSENGER, SATURDAY, JULY 25, 1931 Page 3

The International European Conventions

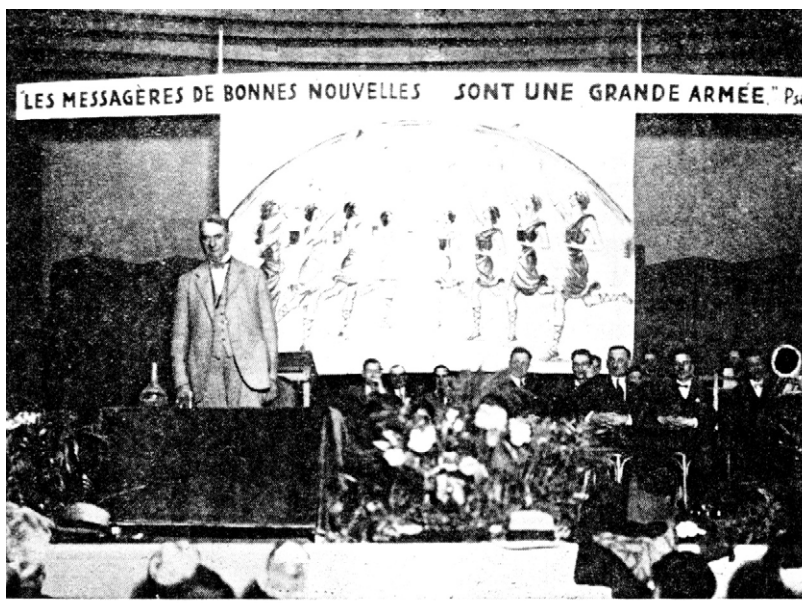
Planned by Brother Rutherford for the Convenience of Our Brethren Across the Atlantic Who Could Not Come to Columbus

The Greatest Ever Held In Europe

Let's Join the Party That Accompanied the Judge

"All ashore that are going ashore." The deck steward gave his last call for all visitors to get off the boat; the gang planks were lowered and at 12:01 a. m. Saturday, May 9, the great ship began to slowly move away from the piet. The deep, bass, steam whistle gave a long blast as a parting notice to the city of New York that the SS. Rotterdam was once more leaving for Europe. This time she carried Judge Rutherford and his small party of assistants to attend the Watch Tower conventions in Paris, Berlin, Copenhagen and London.

Life aboard the ship was a very happy one for our little party. Each morning Brother Rutherford invited us to have a study on one of the articles on Mordecai and Esther which had just started to come out in *The Watch Tower*. Every eason left us on "pins and needles" of anticipation and expectation for the next morning's study. If the trip had been limited to those morning studies, it would have been blessing enough, but the Lord had even more in store for us. During one of these meetings, Brother Rutherford, by way of illustrating how the Haman class was conspiring against the Mordecai and Esther class, told us about a letter he had received from Germany before leaving Brooklyn. This let-



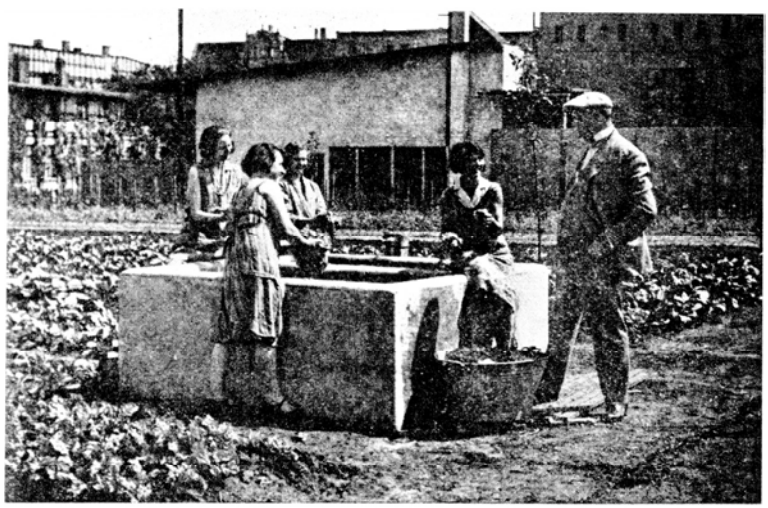
Their Visible Leader—About to Give Instructions to the Paris Division of "Une Grande Armee."

Seu Líder Visível — Prestes a Dar Instruções à Divisão de Paris da "Une Grande Armee".

Em acréscimo a esta clara designação de Rutherford como “Seu líder visível,” ele é mais tarde descrito como “o Chefe”, nas páginas 6 e 7 no texto abaixo dessas fotos impressas de Londres e Magdeburgo (Alemanha).

The Bethel Family at London. See 'em Grinning? The Chief Had Just Finished Telling Them Something in the "Colored Language."

Família de Betel de Londres. Você os vê Sorrindo? O Chefe Acabara de Contar-lhes Algo na “Linguagem Colorida”.



The Chief Inspects the Cleaning of "Kopf Salat", Just Gathered from the Garden. It Takes Only Four Bushels for a Meal!

O Chefe Inspeciona O Preparo da ‘Kopf Salat’, Recém-colhida do Jardim. São Necessários Apenas Quatro Bushels para uma Refeição!

Este relatório de congresso foi impresso *dez anos antes* da declaração de Rutherford citada no novo livro da história da Torre de Vigia. Não há razão para se crer que Rutherford não estivesse a par do modo em que era considerado pelos seguidores da Torre de Vigia ao longo da maior parte de sua presidência, e ele claramente nada fez para modificar essa imagem. A evidência, inclusive a história completa de sua administração, faz sua refutação de tal imagem — feita ao aproximar-se da morte — parecer vazia.

Nas páginas 106, 107, 233, e 234, o livro reconhece que o retorno em 1972 aos corpos de anciãos nas congregações estava relacionado à matéria do *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* sobre "homens mais maduros" e "superintendente". Obviamente, o fato de eu ter feito a pesquisa e ter escrito os artigos não é mencionado e não há razão alguma para que o fosse. Mas o assunto inteiro é apresentado como se fosse essencialmente produto da "supervisão do Corpo Governante", quando, na verdade, ninguém do 'Corpo Governante' esteve envolvido em tal atividade de supervisão. O projeto foi iniciado por Knorr em suas atribuições de presidente da Sociedade, e ele colocou Karl Adams, supervisor "não ungido" do Departamento de Redação, como o verdadeiro supervisor da elaboração do livro. Nem Knorr nem Fred Franz "supervisionaram" o trabalho, e eles leram somente as partes que Karl Adams considerava aconselhável passar para eles. Lyman Swingle, membro da Diretoria (e desta forma supostamente membro do "Corpo Governante" daquela época), foi designado para o projeto apenas como redator e recebia suas incumbências de Karl, e aquilo que ele escrevia estava sujeito a ser editado por Karl. Lyman não tomou parte alguma em "supervisionar" o trabalho, nem qualquer outro membro da Diretoria fez isso.

Quanto aos efeitos dos referidos artigos sobre o arranjo de anciãos, o leitor não é informado da firme relutância do presidente e do vice-presidente da Sociedade a que se fizesse qualquer mudança, ou do fato de que, finalmente, a decisão foi — não de um corpo governante — mas de dois homens, Knorr e Fred Franz, que determinaram a direção a ser tomada. Reconhecidamente, qualquer narrativa deve ser limitada nos detalhes, e a informação aqui dada simplesmente ilustra quão pouco do verdadeiro quadro pode um leitor obter quando lê uma obra deste tipo, e de como expressões aparentemente inocentes (neste caso 'pesquisa feita sob a supervisão do Corpo Governante') podem

transmitir uma impressão falsa. O mínimo que se pode dizer é que a apresentação feita deixa de manifestar qualquer grau elevado da candura que o livro professa oferecer. (O leitor pode comparar esta apresentação com a informação do capítulo 2 de *"Crise de Consciência"*).

A descrição pelo novo livro de história (páginas 108, 109, 233-235) da grande mudança administrativa ocorrida em 1975/1976 é consideravelmente mais ilusória. Ela transmite um retrato falso quando sutilmente estabelece uma ligação entre a saúde em declínio do presidente Knorr e esta mudança radical na estrutura de autoridade na sede mundial, bem como ao descrever a mudança como se tivesse ocorrido em pacífica harmonia.

Se o escritor (ou escritores) anônimo do livro de história de 1993 ignorava os meses de amargo conflito interno que antecederam essa mudança, o fato é que, cada um das centenas de homens e mulheres que faziam parte do pessoal da sede de Brooklyn na época, e que ouviram as declarações zangadas feitas nas considerações matinais do texto diário, sabiam que a mudança não veio de modo pacífico. De todos estes, os membros do Corpo Governante foram os que mais de perto conheceram a intensidade da luta. Eles pessoalmente sabiam que a mudança da norma de um único homem para a norma de um corpo, foi conseguida à custa de uma intensa, e até mesmo cáustica oposição por parte tanto do presidente como do vice-presidente, e que a 'aprovação unânime' da mudança a que o livro de história se refere foi conseguida apenas em resultado de estes dois homens, Knorr e Fred Franz se terem confrontado com uma clara derrota e finalmente cedido (de modo relutante e "sob coação", conforme expressou o próprio vice-presidente). Qualquer candura nesta narrativa publicada é notável por sua ausência. Deixar que se publicasse este quadro de ficção de uma mudança harmoniosa não agrada aos padrões morais daqueles que conhecem a realidade.

Ao Capítulo 5

Neste capítulo, trata-se da implementação da mudança de norma com respeito aos hemofílicos. Edward Dunlap, que foi não apenas membro do pessoal da Comissão de Redação de 1966 a 1980, mas também às vezes convocado para ajudar a responder perguntas

"procedentes do campo", foi testemunha pessoal da maneira em que esta mudança, uma vez feita, foi a partir daí tratada. Pelo que recordo, a mudança – da posição anterior que permitia somente o uso, uma única vez, de frações de sangue contendo fatores coagulantes, enquanto determinava que o uso por mais de uma vez se constituiria em "alimentar-se" do sangue e tornaria a pessoa culpada de violar a lei divina – ocorreu antes de minha designação para o Corpo Governante em 1971. As primeiras impressões deste livro (em inglês) continham uma afirmação (página 107) neste sentido. Enquanto trabalhava nesta edição, encontrei um memorando, com data de 14 de junho de 1975, de Ewart Chitty (então presidente do Corpo Governante naquele ano), no qual ele se refere a um debate do assunto na reunião do Corpo Governante de 11 de junho de 1975.

Meu primeiro pensamento foi de que isto era simplesmente uma *confirmação* de uma mudança anterior posta em vigor por meio do Departamento de Redação, e que foi seguida de um trabalho de responder correspondência por parte dos membros da equipe encarregados de cuidar das perguntas que chegavam. Não disponho, porém, de documentos que estabeleçam a questão da data de modo definitivo. Sendo assim, parece melhor fixarmo-nos na data de 1975, para a qual existe documentação escrita.

Deve-se notar que, naquele ano de 1975, ainda não existia nenhuma Comissão de Redação do Corpo Governante. A menos que fosse especificado em reunião do Corpo Governante que certo membro deveria preparar matéria sobre algum assunto (algo ocasional mas raramente feito), toda a autoridade para resolver o que deveria ser publicado cabia ao presidente da Sociedade, N.H. Knorr, e do ponto de vista prático, era determinado por Karl Adams, que era o designado pelo presidente para supervisionar o Departamento de Redação. Embora diversos membros do Corpo Governante — Lyman Swingle, Karl Klein, Ewart Chitty, e eu mesmo — estivéssemos normalmente no departamento, nossa única tarefa ali era como redatores, recebendo nossas designações normalmente de Karl Adams e não tendo nenhuma autoridade quanto ao que se deveria ou não ser publicado.

Mesmo aceitando-se a data de 11 de junho de 1975 como a data em que a mudança da norma foi decidida, permanece o fato de que não foi senão *três anos depois*, em *A Sentinela* de 1° de dezembro de 1978 (páginas 30 e 31) que a organização publicou uma declaração

assegurando a todos os hemofílicos Testemunhas a quem se dissera que o uso de frações de sangue para combater a hemorragia deveria limitar-se a "uma vez apenas", que esta norma não mais se aplicava. Que situações de emergência devem ter enfrentado durante todos aqueles três anos, os hemofílicos Testemunhas que conheciam apenas a orientação anterior, não há meio de saber.

Ao Capítulo 6

Após quase meio século mantendo o status de organização "cultural" no México, a Torre de Vigia finalmente o alterou para o de organização religiosa. A revista *A Sentinela* de 1° de janeiro de 1990 (página 7) anunciou que a "mudança de situação legal" ocorrera em 1989. Descrevem as Testemunhas mexicanas como podendo *pela primeira vez*, usar a Bíblia ao sair de casa em casa, e *pela primeira vez* podendo iniciar suas reuniões com oração.

A revista descreve quão "emocionante" foi esta mudança para as Testemunhas mexicanas e que ela lhes trouxe "lágrimas de alegria". Ela atribuiu a esta mudança o salto imediato do número de publicadores em mais de 17.000.

O artigo, porém, não disse ao leitor absolutamente nada quanto a qual tinha sido a situação anterior, por que esta prevalecera, ou de que modo havia ocorrido a mudança de situação. Qualquer um que lesse o artigo presumiria que a mudança de situação, juntamente com os benefícios descritos, era algo que a organização tinha desejado o tempo todo. Ao ler o artigo, alguém poderia presumir que foi o governo do México ou as suas leis, que até então tinham impedido as Testemunhas de orar em suas reuniões ou de usar a Bíblia em sua atividade de porta em porta. Em momento algum ela informa ao leitor que a razão de as Testemunhas mexicanas terem ficado privadas destas coisas — por no mínimo meio século — era que *a própria sede de sua organização preferiu que assim fosse*, que ela voluntariamente optou a favor de uma outra situação legal. Ela não diz ao leitor que estas "emocionantes" mudanças que causaram "lágrimas de alegria" tinham estado disponíveis o tempo todo, durante muitas décadas, sendo necessária apenas uma decisão da organização para que se abandonasse o fingimento de que esta mesma organização das Testemunhas do México era cultural e não religiosa. A única razão para que as

Testemunhas mexicanas não tivessem se empenhado nestas coisas antes, era que a sede da organização os *instruiu* a não fazer isso, a fim de proteger o status preferido de organização "cultural". Estes são fatos conhecidos pelos que estão em posições de responsabilidade na organização mexicana das Testemunhas. Não são, porém, conhecidos da vasta maioria das Testemunhas fora daquele país, e *A Sentinela* de 1° de janeiro de 1990 deixou-os permanecer na ignorância com respeito ao assunto. Ela apresentou um quadro "saneado" da ocorrência, um quadro tão enganoso quanto a atitude anterior a 1989, de simular ser outra coisa que não uma organização religiosa enquanto se sabia muito bem que ela o era.

Conforme mostrado por um artigo de uma *Despertai!* mais recente de 22 de julho de 1994, página 13, a vontade da organização Torre de Vigia de abandonar seu fingimento de décadas, estava relacionado às emendas à constituição mexicana que foram sendo paulatinamente adotadas pelos corpos legislativos de lá. Pelas novas emendas é novamente permitido às igrejas terem a propriedade de edifícios e imóveis. Isto se aplica não apenas à Igreja Católica, mas a todas as religiões.

Ao Capítulo 7

Como foi mencionado, em 1993 a Sociedade Torre de Vigia publicou uma nova história das Testemunhas de Jeová, intitulada *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*. Certas partes da obra parecem ser reações a informações publicadas por outras fontes, aparentemente num esforço de reduzir os efeitos dessas informações. Como exemplo, o livro de Carl Olof Jonsson *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados* (em inglês), publicado e distribuído desde 1983, mostrava como sendo dos Segundos Adventistas as fontes de muitos dos ensinos distintivos de Russell, inclusive os relacionados com o ano de 1914. Durante décadas, as publicações da Torre de Vigia disfarçaram ou simplesmente ignoraram esta realidade, transmitindo a impressão de que a maior parte desses ensinos e a data de 1914 eram originais de Russell, e que ele e sua revista *A Sentinela* constituíam um exclusivo canal divino para a revelação de verdades anteriormente perdidas ou de verdades desconhecidas.

Agora, *pela primeira vez*, fazia-se certa medida de reconhecimento da extensão do endividamento para com estas outras fontes, mais antigas, como foi o caso de John A. Brown e sua elaboração da teoria dos "sete tempos" de Daniel, capítulo 4, como representativos de um período de 2.520 anos e relacionando este com os "tempos dos Gentios" de Lucas 21:24 e isto cerca de 50 anos antes de Russell. (Até a publicação deste livro o nome de John A. Brown jamais sequer *aparecera* em qualquer publicação da Torre de Vigia). Também que não foi Russell, mas o segundo adventista N.H. Barbour, que apontara para 1914 como o fim dos "Tempos dos Gentios" em sua revista *Arauto da Aurora* em 1875 — quatro anos antes do surgimento da primeira revista *A Sentinela* — e que foi dele que Russell obteve aquela data.

Toda esta informação estava disponível e era conhecida da liderança da Torre de Vigia durante décadas. Estas fontes tinham sido expostas com grande detalhe na obra publicada por Jonsson em 1983 *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados* (como também na presente obra *Crise de Consciência*). No entanto, apenas agora fez a organização Torre de Vigia abertamente algum reconhecimento quanto aos verdadeiros originadores destas opiniões e conceitos. (Veja *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*, páginas 19-29 (em inglês); *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, páginas 45-47; 132-135).

Este novo livro de história faz também, pelo menos, algum reconhecimento dos primitivos, e por muito tempo mantidos, ensinos concernentes à data de 1874, que supostamente assinalavam o início da "segunda presença de Cristo", de 1878 como a época em que Cristo assumiu poder régio, de 1881 como o tempo em que a chamada celestial se encerraria, e de 1925 como o tempo em que os "merecedores da antiguidade" seriam ressuscitados e o grande jubileu se iniciaria para esta terra.

O que o livro *não* faz é admitir honesta e francamente a *importância intensa* e a *ênfase constante* que se atribuíram a estas datas, em muitos casos, por mais de 50 anos, e o *modo positivo* com que se fizeram afirmações e alegações referentes a elas como se fossem "datas de Deus, não nossas", que ficou enfaticamente claro que em 1878 A. D. chegara o tempo em que deveria começar o julgamento real da casa de Deus, que aquele ano [1878] "*assinala o tempo* claramente para a

verdadeira tomada do poder como Rei dos reis." Ou as repetidas afirmações de que a evidência bíblica "prova" como um fato firmemente estabelecido pelas Escrituras que 1914 assinalaria o "limite máximo da regência dos homens imperfeitos", provaria que "antes do fim de 1914 A.D. o último membro do corpo de Cristo seria glorificado com a Cabeça", provaria que "antes dessa data, o Reino de Deus, organizado em poder" golpeará e esmagará e "consumirá totalmente o poder destes reis [Gentios] esmiuçando e pulverizando as potências que são – civis e eclesiásticas." Ou a alegativa de que "dentro dos próximos vinte e seis anos [a partir de 1889], todos os atuais governos serão derrubados e dissolvidos", e que "consideramos uma verdade estabelecida que o final definitivo dos reinos deste mundo e o pleno estabelecimento do Reino de Deus se realizará pelo fim de 1914 A.D"; e que a data do encerramento da grande batalha final "está definitivamente marcada nas escrituras como sendo outubro de 1914. Ela já está em andamento, datando seu início de outubro de 1874," — veja o capítulo 7 deste livro, *Crise de Consciência*.

O novo livro da história da organização e artigos de revistas recentes (por exemplo *Despertai*! 22 de março de 1993, páginas 3, 4; 22 de outubro de 1989, página 20; *A Sentinela* 1º de novembro de 1993, páginas 8-12; 1º de maio de 1992, página 6; 15 de outubro de 1990, página 15) seguem da mesma forma num esforço contínuo de minimizar a importância atribuída às predições passadas com respeito a 1914 (e outras datas). Elas muitas vezes focalizam um único aspecto dentre as muitas afirmações (como ao se referir apenas ao "fim dos Tempos dos Gentios" ou ao apresentar 1914 como sendo visto simplesmente como uma "data crucial" ou "um ano marcado") enquanto que não mencionam outras grandes assertivas que faziam parte da predição.

Com freqüência, um "despistador" é posto ao longo do caminho, como por exemplo, desviar o foco da atenção para a boa vontade de muitos de continuarem a se esforçar e a apoiar uma organização apesar de esta lhes ter alimentado com falsas esperanças, e retratando os que optaram por não fazê-lo como sendo "espiritualmente fracos", como "estando cansados do serviço de Deus" ou de serem motivados por razões egoístas. Já que a vasta maioria de seus leitores não tem acesso algum às publicações mais antigas, os artigos tiram vantagem do que eles desconhecem e passam a amenizar o peso das predições por meio

do uso seletivo de citações ou por se disfarçar ou deliberadamente ignorar outras claras declarações que foram feitas. De modo geral, o que se apresenta aos leitores são algumas declarações acauteladoras tardias que vieram quando 1914 (e depois, 1925) estava se aproximando, e as claras predições são colocadas como apenas sugestões de meras possibilidades. Assim, com respeito à predição da glorificação da igreja aos céus em 1914, o novo livro de história (página 635) cita uma declaração de uma revista *A Sentinela*, de 1916, dizendo que "Nós meramente inferimos isso e evidentemente, erramos". Em face das claras afirmações já citadas, com seu uso freqüente de termos tais como "provas" e "comprovado", isto pode ser descrito apenas como desonestidade jornalística e intelectual.

Já foi mostrado (no capítulo 7) que, enquanto a data se aproximava, Russel começou a conter-se com relação ao tempo do início da anarquia mundial que ele previra como antecedendo 1914, como foi no caso de *A Sentinela* de 1º de julho de 1904, no artigo intitulado "Anarquia Universal — Pouco Antes ou Depois de Outubro de 1914, A .D." Nela, ele dava margem para que o início da anarquia universal viesse depois daquele ano, mas "rapidamente em seguida", certamente não 80 anos ou mais em seguida. Ele passou a escrever:

> Agora, todavia, vemos claramente que para alguns da igreja restam dez anos inteiros [a partir de 1904] de experiências, oportunidades, provações, vitórias, alegrias e tristezas. A cada ano, contudo, podemos esperar que os sinais dos tempos demonstrem cada vez mais a exatidão de nossas expectativas tanto para a igreja como para o mundo...
>
> A lição para cada de um nós e para todos, parece ser a de que durante os próximos cinco ou seis anos deveríamos labutar com zelo intensificado, porque sabemos que se aproxima a noite em que homem algum poderá labutar... Quão felizes somos de que nos é permitido, até mesmo nesta "décima primeira hora", empenharmo-nos na obra de colheita!

Quaisquer que tenham sido as declarações mais cautelosas acerca da "anarquia universal" e de sua aproximação, ela deliberadamente procura encobrir o fato de que estas afetavam o ensino então prevalecente de *A Sentinela* de que a segunda presença de Cristo já começara em 1874 e que seu reino já se estabelecera em 1878. Até o fim, Russell esteve firmemente comprometido com as datas de 1874 e

1878 e seu suposto significado (e a organização prosseguiu com tal ensino por mais de uma década após a morte dele). Ilustrando este ponto, o número de 1º de agosto de 1904 de *A Sentinela*, sob o título "Não Temas, ó Sião!" afirmou o seguinte:

> É assim que, caros amigos, torna-se evidente que a vinda da anarquia universal após a "colheita", depois de outubro de 1914 A. D. nada tem a ver ou com a presença do Ceifeiro ou com o estabelecimento de seu reino. Sem dúvida, o rumo e a ultrapassagem dessa anarquia estarão sob o controle da igreja glorificada – o Cristo.

De acordo com isto, os ungidos de Cristo seriam aqueles que "ultrapassariam" essa anarquia universal, sendo na ocasião sua "igreja glorificada", pois Cristo já tinha vindo em 1874 e iniciado seu domínio invisível em 1878, e por volta de 1914 a "colheita" já estaria terminada. Similarmente, embora seja verdade que Russell no final reconheceu a incerteza quanto à data do *início* da anarquia universal e também quanto ao *período* abrangido por ela, sugerindo apenas que "pode ser de um ano ou mais", ele nunca expressou qualquer dúvida de que predizia confiantemente que a própria anarquia universal viria com certeza. Ela nunca veio.

Ao Capítulo 11

A questão com respeito ao uso do termo "ministro ordenado" surgiu pela primeira vez em 1974. Tenho um arquivo completo sobre o assunto, o qual deixou perplexas muitas Testemunhas, já que virtualmente ninguém tinha conhecimento de seus antecedentes.

Em 1974, Grant Suiter tinha sugerido um discurso de congresso sobre o assunto "Ministros Ordenados de Deus". Ele seguia a prática em vigor de aplicar-se o título "ministro ordenado" a cada homem, mulher ou criança que se submetesse ao batismo como Testemunha. O presidente Knorr me designou a preparar um esboço de discurso sobre a matéria (a carta dele era de 15 de fevereiro de 1974). Parecia a mim que o título era simplesmente algo adotado dos clérigos, e eu não conseguia ver base bíblica alguma para a aplicação que se lhe dava, equiparando-se o batismo a uma cerimônia de ordenação. E mais importante ainda, ao trabalhar no projeto do livro *Ajuda*, eu me impressionara com o fato de que os termos dos idiomas originais para

“ministro” (tanto em hebraico como em grego) significavam simplesmente “servo”, uma condição humilde que se contrasta com o elevado prestígio que freqüentemente se associa ao título “ministro ordenado”.

Devido a minha preocupação de apegar-se estritamente às Escrituras, primeiramente falei com meu tio, Fred Franz, sobre o assunto. Ele declarou de modo definitivo que o batismo não poderia ser chamado “ordenação”. Duvido seriamente que eu teria a coragem de escrever ao presidente Knorr sobre o assunto se não fosse por esta declaração do vice-presidente. A carta que escrevi resultou numa discussão do assunto pelo Corpo Governante e Knorr pessoalmente se pronunciou em termos muito firmes contra quaisquer mudanças na prática então vigente com respeito ao uso do termo (na verdade, não era usado congregacionalmente; era usado somente ao falar-se ou lidar-se com pessoas do público, inclusive autoridades). Expressei minhas razões para questionar a prática, enfatizando o significado bíblico para o termo “ministro”. Seria, porém, contradizer os fatos, dizer que minha voz teve algum peso específico na discussão. Para começar, eu era a pessoa mais jovem no Corpo, composto então de onze membros, e não detinha posição alguma de particular responsabilidade, e, durante a discussão do livro “*Organização*”, eu tinha sido alvo de observações bem cáusticas por parte do presidente. Sem equívocos posso dizer que um fator somente resultou numa mudança de posição quanto ao uso do termo “ministro ordenado” aplicar-se a cada homem, mulher ou criança batizados. Este fator foi a voz de Fred Franz. Com bastante firmeza, ele declarou repetidamente, que o batismo e a ordenação não se referem à mesma coisa. Os daquele grupo de onze membros que ainda estão vivos sabem que foi assim.

Após uma ríspida discussão, chegou-se eventualmente a uma decisão *unânime* de que três membros do Corpo, Fred Franz, Raymond Franz e Lyman Swingle, fossem designados a preparar matéria escrita dando as razões para a mudança de posição. Fred Franz foi escolhido para redigir a matéria e preparou uma argumentação de 46 páginas para publicação em *A Sentinela* (ainda tenho uma cópia desta argumentação). Quando esta foi apresentada ao Corpo, no entanto, eles a consideraram obscura, escrita de um modo que tornava difícil saber o que se estava dizendo. Fui então designado para fazer uma “reescrita”.

A matéria que redigi deu ênfase primária ao caráter de humildade que circunda as palavras para "ministro" nas línguas originais da Bíblia. Esta foi minha principal preocupação. Eu sabia também que a própria expressão "ministro" era um termo restrito a apenas um punhado de idiomas (inglês, francês, italiano, espanhol e português) e que em nossas publicações, quando traduzidas para outras línguas, tais como o alemão, a palavra era com freqüência vertida pelo termo correspondente a "clérigo". Um grande número de traduções modernas da Bíblia verteu os termos das línguas originais pela palavra "servo". A matéria que redigi declarava que *nesse sentido* todo cristão é "ministro". (Veja *A Sentinela* de 1º de março de 1976, página 153, parágrafo 18).

Eu não poderia, contudo, ter me limitado a estes aspectos. Numa carta de três páginas, com data de 11 de setembro de 1974, o presidente Knorr entrou em grandes detalhes com respeito aos pontos que ele achava que deveriam ser abrangidos, particularmente quanto à aplicação específica do termo às várias categorias de Testemunhas, tais como anciãos, servos ministeriais, pioneiros, membros da família de Betel, e assim por diante. Ele enfatizou que o que viesse a ser escrito teria de se ajustar a isto. Milton Henschel escreveu sobre alguns pontos similares (em carta de 18 de setembro de 1974). Estas cartas resultaram na matéria encontrada nos últimos parágrafos do artigo final que escrevi, no qual se davam sugestões sobre como alguém poderia responder se fosse interrogado por autoridades governamentais, quanto a se era ou não um "ministro ordenado".

A matéria foi submetida à apreciação do Corpo Governante, que a discutiu e debateu minuciosamente. Uma vez mais, o respeito e a influência do vice-presidente resultaram na aprovação final da matéria para ser publicada. O voto foi unânime como tinha de ser na época em que o arranjo da maioria de dois terços ainda não estava em vigor.

Toda esta informação é apresentada porque os fatos a respeito deste assunto foram, a partir da primavera de 1980, flagrantemente distorcidos, tanto pelos membros do Corpo Governante como por outros. Conforme já disse, tenho um arquivo completo, contendo cartas assinadas, atestando a veracidade do que se afirma acima.

Acho que Grant Suiter levou o assunto de modo muito pessoal, embora meu questionamento se referisse a uma norma da organização, e não fosse uma crítica a qualquer coisa de iniciativa dele. Ele trouxe o

assunto à baila nas reuniões do Corpo Governante em três ocasiões, durante os anos que se seguiram, cada uma das vezes expressando seu desacordo com a posição publicada pela Sociedade. A última das vezes foi na reunião do Corpo Governante de 6 de fevereiro de 1980, quando foram consideradas as cartas de três advogados Testemunhas. Estas cartas tinham vindo em resultado de uma solicitação para que se manifestassem sobre o assunto, feita numa reunião de médicos e advogados. Naquela reunião do Corpo Governante, Grant Suiter referiu-se à mudança da norma como que tendo se constituído "num ataque à organização". Assim mesmo, muitos dos membros presentes sabiam que eram a voz e a influência de Fred Franz, então vice-presidente, os fatores que tinham levado o Corpo a aceitar a mudança, mesmo passando por cima das objeções do presidente, Nathan Knorr. E, em cada uma das três ocasiões em que o assunto foi submetido à revisão do Corpo Governante por Suiter, foi a firmeza da posição assumida por Fred Franz, agora já presidente, de que o batismo não é "ordenação", que terminou sendo o fator decisivo. Em cada caso, a decisão do Corpo foi de não se retornar à aplicação anterior do título "ministro ordenado", como incluindo toda Testemunha batizada. Todos os membros do Corpo Governante presentes a estas três reuniões separadas envolvidas sabem que foi assim que aconteceu.

Um ano depois de minha renúncia ao Corpo Governante, o presidente Fred Franz proferiu um discurso na formatura da Escola de Gileade no qual ele restabelecia a diretriz anterior de se chamar a cada homem, mulher ou criança batizados entre as Testemunhas, não simplesmente de "ministro" ou "servo" de Deus, mas de "ministro ordenado". Ele agora argumentava que todas essas pessoas tinham tanto direito a esta denominação quanto os clérigos da cristandade.

E, alguém poderia com toda propriedade, dizer que eles têm o mesmo direito a usar o termo "bispo" em lugar de "superintendente", já que aquele termo é simplesmente uma forma adaptada ao vernáculo da palavra grega para "superintendente" (*episkopos*), e "diácono" que é simplesmente também uma forma adaptada da palavra grega (*diakonos*) para "servo" ou "ministro".

O fato simples é que em nenhuma das reuniões do Corpo, nenhum daqueles que argumentaram a favor de que todos os homens, mulheres e crianças batizadas como Testemunhas fossem chamadas de "ministros ordenados", expressaram alguma vez preocupação quanto a

se as Escrituras *exigiam* tal coisa – em todos os casos os argumentos deles se basearam nas *vantagens* que isto trazia. Essas vantagens eram as vantagens e os privilégios concedidos aos clérigos – isenção de serviço militar, isenção de certos impostos. Isto, e não o ensino das Escrituras, é que foi a preocupação predominante.

No final do capítulo, faz-se menção da defesa que me fez Lyman Swingle, e que, em seguida aos eventos da primavera de 1980, ele foi substituído por Lloyd Barry como chefe do Departamento de Redação. Com a morte de Grant Suiter em 1983, Swingle foi indicado para substituí-lo como secretário-tesoureiro da corporação Torre de Vigia. Isto efetivamente o removeu de qualquer ligação direta com o Departamento de Redação. Não tenho dúvida alguma de que, suas francas declarações quanto à possível falibilidade de alguns ensinos-chave da organização, alguns dos quais trata este livro, fizeram esta separação parecer aconselhável aos olhos de muitos membros do Corpo Governante. Swingle já é falecido.

No final do capítulo 11, faz-se referência à expulsão de Edward Dunlap da sede de Brooklyn aos quase 70 anos de idade, e após quase meio século de serviço prestado à organização. Como se observou, ele achou necessário voltar à sua antiga profissão de colar papel de parede. Hoje ele está na casa dos 80, e teve de parar com o trabalho de papel de parede. Ele trabalha em três empregos de meio expediente, um dos quais inclui ministrar algumas aulas na Universidade Estadual de Oklahoma. (Mais informações a respeito se acham na obra seqüencial deste livro, *Em Busca da Liberdade Cristã* (em inglês), página 358). Contrário aos boatos e tagarelices das Testemunhas, ele não teve interesse algum em formar uma nova organização, ou em filiar-se a qualquer denominação e simplesmente associava-se com outros em reuniões domésticas para se discutir a Bíblia. Dunlap já faleceu.

Ao Capítulo 12

Esta é minha carta em resposta à intimação para uma audiência judicativa da Congregação Gadsden Leste das Testemunhas de Jeová:

November 12, 1981

Body of Elders
East Congregation of Jehovah's Witnesses
2822 Fields Avenue
East Gadsden, AL 35903

Dear Brothers:

Your letter of November 6 arrived Tuesday afternoon, November 10. This letter I am writing may or may not reach you before Saturday, so I will contact Theotis by phone in order that the brothers will not make an unnecessary trip to the Hall then.

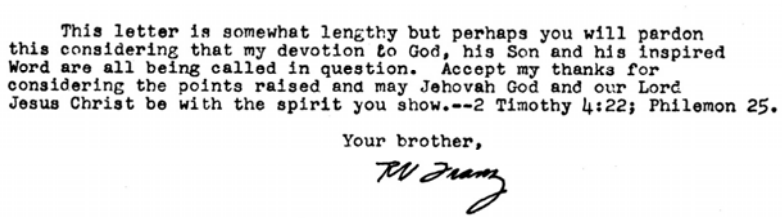
I asked Dan to let you know that I was writing a letter to the Governing Body requesting information and would appreciate your waiting until an answer was received before following through on your judicial proceedings. Your letter does not make mention of this. Perhaps you can write me as to your decision on that request, if it was indeed given consideration. As you perhaps know, forty years of my life were spent in full-time service, as pioneer, special pioneer, circuit overseer, district overseer, missionary, Branch overseer, Bethel family member, Governing Body member. I do not know if you consider those forty years as allowing for a measure of forbearance on your part in the sense of patiently waiting whatever period of time it takes for Brooklyn to respond. I would hope that such would be the case and that your interest in their response would equal mine.--James 2:12, 13.

Do the three signatures at the end of the letter represent those forming the judicial committee? If so, then may I respectfully petition the body of elders to reconsider their selection? From what was stated at the meeting with Wesley Benner and Dan Gregerson, Dan presented himself as the accuser in the matter, stating at the beginning of the conversation that 'he had seen me eat with Peter Gregerson' (the occasion being some months ago, previous to the publication of the September 15, 1981, Watchtower). Till now I know of no other accusation of a supposed offense. Are there such? (I would need to know what such are--and by whom raised--if I am to be in position to have witnesses on my behalf.) Whatever the case in that respect, by any standard of justice it would hardly seem proper for the accuser to form part of the judging body. There are additional reasons for viewing Dan as not qualifying to serve in that capacity but I see no need to add them to that which is stated.

In your consideration of the above point, it would be much appreciated by me if you would weigh the advisability of enlarging

Body of Elders
East Gadsden Congregation
November 12, Page Two

the judicial committee. The charge involves a new position taken by the Governing Body (the placing of disassociated persons in the same class with disfellowshiped persons has heretofore been limited in publications only to those entering military service or political activity). Besides this, I have heard comments regarding condemnatory remarks about me made by some elders on the body. Since they have not spoken personally to me, I cannot know to what extent this testimony is accurate. But since it does raise the question of prejudgment it would be viewed as a kindness if additional elders in the congregation were included so as to contribute toward a fair and impartial discussion.



This letter is somewhat lengthy but perhaps you will pardon this considering that my devotion to God, his Son and his inspired Word are all being called in question. Accept my thanks for considering the points raised and may Jehovah God and our Lord Jesus Christ be with the spirit you show.--2 Timothy 4:22; Philemon 25.

Your brother,

Tradução

12 de novembro de 1981

Corpo de Anciãos
Congregação Gadsden Leste das Testemunhas de Jeová
Fields Avenue 2822
East Gadsden, AL 35903

Prezados irmãos:

Sua carta de 6 de novembro chegou terça-feira à tarde, 10 de novembro. Esta carta que lhes escrevo talvez chegue à vocês antes de sábado, assim entrarei em contato com Theotis por telefone a fim de que os irmãos não façam uma viagem desnecessária ao Salão.

Pedi a Dan que lhes fizesse saber que eu estava redigindo uma carta ao Corpo Governante solicitando informações, e que eu apreciaria que aguardassem até que eu recebesse uma resposta antes de darem continuidade aos seus procedimentos judicativos. Sua carta não faz menção alguma a isto. Talvez vocês possam escrever-me quanto ao que decidirem relacionado a este pedido, se,de fato, o consideraram. Como talvez saibam, quarenta anos da minha vida foram gastos no serviço de tempo integral, como pioneiro, pioneiro especial, superintendente de circuito, superintendente de distrito, missionário, superintendente de filial, membro da família de Betel, membro do Corpo Governante. Não sei se vocês consideram esses quarenta anos como um motivo para certa medida de condescendência de sua parte no sentido de pacientemente aguardarem o espaço de tempo necessário para que Brooklyn responda. Tenho esperança que assim seja e que o interesse de vocês nessa resposta se equipare ao meu. – Tiago 2:12,13.

Será que as três assinaturas no fim da carta correspondem aos que farão parte da comissão judicativa? Se assim for, posso então, respeitosamente, solicitar ao corpo de anciãos que reconsidere a composição da mesma? Do que foi declarado na reunião com Wesley Benner e Dan Gregerson, Dan apresentou-se como o acusador do caso, declarando no início da conversa que ele 'tinha me visto comer com Peter Gregerson' (ocasião que ocorreu alguns meses atrás antes da publicação de A Sentinela de 15 de setembro de 1981). Até o momento não tenho notícias de quaisquer outras acusações de suposta transgressão. Elas existem? (Eu precisaria saber quais são e por quem foram feitas – se é que tenho de ter testemunhas a meu favor). Qualquer que seja o caso nesse respeito, por qualquer padrão de justiça, dificilmente seria apropriado que o acusador fizesse parte do corpo julgador. Há razões

adicionais para considerar Dan como não qualificado a servir nessa capacidade, mas não vejo necessidade de acrescentá-las ao que já foi declarado.

Em sua consideração do ponto acima, eu apreciaria bastante que pesassem a conveniência de ampliar a comissão judicativa. A acusação envolve uma nova posição tomada pelo Corpo Governante (a colocação de pessoas dissociadas na mesma categoria das desassociadas tinha sido antes, nas publicações, limitada àqueles que ingressassem no serviço militar ou em atividade política). Além disso, fiquei sabendo de comentários em que observações condenatórias a meu respeito foram feitas por alguns anciãos do corpo. Já que eles não falaram pessoalmente comigo, não posso saber até que ponto este testemunho é exato. Mas já que ele levanta a questão do pré-julgamento, eu gostaria que, bondosamente, anciãos adicionais da congregação fossem incluídos de modo a contribuir para uma avaliação justa e imparcial.

Esta carta é um tanto longa, mas espero que vocês me perdoem por isso levando em conta que minha devoção a Deus, a seu Filho e à sua Palavra inspirada estão todas sendo questionadas. Aceitem meus agradecimentos por considerarem os pontos suscitados e "que Jeová Deus e nosso Senhor Jesus Cristo estejam com o espírito que mostram." – 2 Timóteo 4:22; Filêmon 25.

Seu irmão,

Ray Franz

A carta seguinte, com data de 23 de novembro de 1981, jamais foi enviada devido à rapidez da ação da comissão judicativa e a sua indisposição de conceder o tempo necessário para a correspondência dos assuntos. A carta, não obstante, é útil para dar alguma idéia do modo com que a comissão judicativa tratou do caso:

November 23, 1981

Body of Elders
East Gadsden Congregation

Dear Brothers:

I am writing this letter to the body of elders since I would like to know if all of you actually approve of the handling of my case as it has been conducted till now.

As you know, I wrote a letter to the Governing Body (under date of November 5) requesting information on the application of the material in the September 15, 1981 Watchtower as it relates to my personal situation. Part of my letter dealt with other points; I am enclosing a copy of the part that deals with the local circumstances and the elders here.

When cited for a hearing to be held on Saturday November 14 I called to your attention that the judicial committee made no mention whatsoever of my request to allow the Governing Body time to respond to the letter.

On November 19, Thursday, the judicial committee wrote a letter to me that was mailed on Thursday afternoon and in that letter cited me for a hearing on Saturday. They could not possibly have expected the letter to reach me before Friday and if I had not returned home early on Friday afternoon and gone to the post office the letter would not have reached me until Monday, two days after the time indicated for the hearing. Brother French called by phone about twenty-four hours before the time for the hearing, otherwise I would have known nothing of the letter. My wife explained that we were due to receive company on Saturday (the visit having been arranged as the result of a long-distance phone call from a person out of the state). When I returned home I learned for the first time of the letter and went to the post office to obtain it. The obvious hastiness manifest I find saddening indeed.

Perhaps you brothers view this as a proper way of handling matters. I would hope that that is not the case.

Adding to this, this afternoon I received a phone call from Brother French informing me that the judicial committee will meet this Wednesday evening to hear my case whether I am present or not. This means that they view their handling of matters as normal and proper and that my response justifies their classing me as one who 'repeatedly refuses or fails' to be present for a judicial hearing.

Against the background of the facts, do you really believe

East Gadsden Body of Elders
November 23, 1981, Page II

this is so? In none of my communications have I expressed a refusal to meet with a judicial committee but instead I have expressed what I believe to be a valid and sensible reason why the date set was not agreeable.

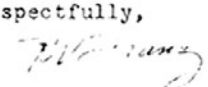
At the time Brother French called this afternoon I was preparing a letter in response to that of the judicial committee. In that letter the statement was made that "the body of elders had been made aware that you had mailed a letter to the Watchtower Society and we had determined that we should proceed with the judicial committee hearing." The letter contains no explanation or reason for not allowing the Governing Body time to respond to the letter. When I asked Brother French this afternoon what possible reason there could be for not allowing them to respond first, his reply was that the body 'did not feel it was necessary.'

I accept the fact that my having devoted fully two-thirds of a life of nearly sixty years to God's service is discounted now as a reason for showing any consideration for my request. But do you brothers really feel that saying 'we did not feel it was necessary' is a fitting response to such a request, by whomever made?

Do you believe the oft-repeated counsel that it is better to err on the side of patience, forebearance and mercy rather than on the side of hastiness, harshness or rigidity? Does mere 'necessity' or rather the lack of it justify not heeding that counsel? Whatever personal attitude some of you may have toward me, I sincerely believe that my request deserves a better reply than it has thus far received. Principles such as those at Proverbs 14:29; 25:8-10 would seem to give basis for your wanting a far better reason than what has been advanced as justification for the course now pursued.

May your decision be one that you can sincerely believe has God's blessing and is in accord with the example and teachings of his Son while on earth.--Matthew 5:5; 12:7.

Respectfully,



Tradução

23 de novembro de 1981

Corpo de Anciãos
Congregação Gadsden Leste

Prezados irmãos:

Escrevo esta carta ao corpo de anciãos já que gostaria de saber se todos vocês de fato aprovam o modo com que meu caso vem sendo conduzido até agora.

Como sabem, escrevi uma carta ao Corpo Governante (com data de 5 de novembro) solicitando informações sobre a aplicação da matéria de A Sentinela de 15 de setembro de 1981 com relação à minha situação pessoal. Parte da minha carta tratou de outros pontos; estou anexando uma cópia da parte que trata das circunstâncias locais e dos anciãos aqui.

Ao ser intimado para uma audiência a ser realizada no sábado, 14 de novembro, trouxe à sua atenção que a comissão judicativa não fez menção de qualquer espécie ao meu pedido para que se concedesse tempo para que o Corpo Governante respondesse a minha carta.

A 19 de novembro, quinta-feira, a comissão judicativa escreveu-me uma carta que foi postada na quinta-feira à tarde, na qual me intimava a comparecer a uma audiência no sábado. É impossível que tenham esperado que a carta chegasse a mim antes da sexta-feira, e se eu não tivesse voltado para casa cedo na sexta à tarde e ido ao correio, a carta não teria chegado a mim senão na segunda-feira, dois dias depois da data marcada para a audiência. O irmão French contatou-me por telefone cerca de vinte e quatro horas antes da hora da audiência, sem o que, eu nada teria sabido antes da carta. Minha esposa explicou que nós deveríamos receber visita no sábado (visita esta programada em resultado de uma ligação interurbana de uma pessoa de fora do estado). Quando voltei para casa fiquei sabendo da carta e fui ao correio apanhá-la. A evidente demonstração de pressa me entristeceu.

Talvez os irmãos considerem este como o modo adequado de tratar dos assuntos. Eu esperava que não fosse assim.

Em acréscimo a isto, recebi esta tarde um telefonema do irmão French informando que a comissão judicativa se reunirá nesta quarta-feira à noite para tratar de meu caso, quer eu esteja presente ou não. Isto significa que consideram este modo de tratar do assunto como normal e adequado, e que minha resposta justifica que eles me classifiquem como alguém que ‘repetidamente recusa-se ou deixa’ de se apresentar para uma audiência judicativa.

Contra este pano de fundo, vocês acreditam que realmente seja assim? Em nenhuma de minhas comunicações expressei recusa de reunir-me com a comissão judicativa, mas em vez disso, expressei o que considero uma razão válida e sensata pela qual a data não era aceitável.

No momento em que o irmão French ligou esta tarde, eu estava preparando uma carta em resposta à da comissão judicativa. Nessa carta

declarava-se que “o corpo de anciãos foi cientificado de que você enviou uma carta à Sociedade Torre de Vigia e nós determinamos prosseguir com a audiência da comissão judicativa”. A carta não contém explicação ou razão para não se dar tempo para que o Corpo Governante responda à minha carta. Quando perguntei ao irmão French hoje à tarde, o possível motivo de não deixarem que primeiro viesse esta resposta, ele replicou que o ‘corpo não achava necessário’.

Aceito que o fato de eu ter devotado plenamente dois terços de meus quase sessenta anos ao serviço de Deus, seja agora descartado como razão para que se mostre consideração ao meu pedido. Mas os irmãos realmente acham que dizer ‘não achamos necessário’ seja uma resposta apropriada a um pedido, vindo de quem quer que seja?

Acreditam no repetido conselho de que é melhor errar pelo lado da paciência, da longanimidade e da misericórdia, do que pelo lado da pressa, da severidade e da rigidez? Será que a mera necessidade ou falta dela justifica o não apegar-se àquele conselho? Qualquer que seja a atitude pessoal que alguns de vocês possam ter em relação a mim, creio sinceramente que meu pedido merece uma resposta melhor do que a recebida até agora. Princípios tais como os de Provérbios 14:29; 25:8-10, parecem dar base para que procurem uma razão melhor do que a que foi declarada como justificativa para o procedimento agora em curso.

Que sua decisão seja uma na qual possam sinceramente acreditar como sendo abençoada por Deus e que esteja de acordo com o exemplo e com os ensinamentos de seu Filho enquanto estava na terra. – Mateus 5:5; 12:7.

Respeitosamente,

Ray Franz

Segue-se a carta completa enviada em apelação da decisão da comissão judicativa de me desassociar:

December 8, 1981

East Gadsden Congregation Body of Elders

Dear Brothers:

By means of this letter I would like to appeal the decision to disfellowship me that was made by the judicial committee you appointed.

Speaking of judicial matters, one of the Society's publications says that "elders serving as a judicial committee must weigh matters carefully, knowing that certain factors may distinguish one situation from another. Instead of looking for rigid rules for guidance, you will need to think in terms of principles and judge each case on its own merits." As to giving counsel, the same publication says, "Be sure the counsel is based solidly on God's Word. Take sufficient time, and endeavor to reach the heart of the person. Take time to listen. Be sure you have all the facts. Discuss the application of the scriptures that apply and be sure that he understands. Take time for research, if that is needed, before you give counsel or answer his questions. If you cannot take the necessary time, it would be well to let another elder handle the matter." (Xerox copies enclosed.)

I do not feel that these things have thus far been done in my case. I find it saddening that an attitude of unusual haste has been shown and an apparent reluctance or inability to 'discuss the application of the scriptures that apply for full understanding.' I feel that a brotherly approach would call for patience rather than haste; compassion and understanding rather than a rigid application of rules.

My circumstances should not be unknown to you. After forty years of full-time service, in which I endured privation, poverty, hunger, thirst, cold, heat, fever, dysentery, jailings, dangers of mob violence, of gunshots and war, the risk of life and liberty in dictatorial lands, along with constant toil, I found myself at the age of 58 facing the problem of finding a home and employment to provide for myself and my wife. Since I began pioneering upon graduation from high school in 1940, I had no experience in secular employment and no financial resources to sustain me. The funds given me by the Society (evidently viewed as some type of compensation for my forty years of service) were less than most persons earn in one year of secular employment and covered no more than a portion of our initial expenses.

Peter Gregerson provided me with employment and a place to park the mobile home I obtained and am still in debt for. He thus became both my landlord and employer. About six months ago, under pressure, he resigned from the local congregation. As you know, the sole basis for the judicial hearing with me was the accusation that I had eaten at a local restaurant with Peter Gregerson.

East Gadsden Congregation Body of Elders
December 8, 1981, Page II

Some elders in the area feel that their employment with Warehouse Groceries allows for their remaining free from accusation when eating with Peter Gregerson, who is Chairman of the Board. Yet my relationship is closer, more involved than theirs, since I not only work for Warehouse Groceries but also work for him personally, doing work on his property and home in a way that calls for regular conversation and discussion, often in his home, at mealtimes and on other occasions. I am unable to understand why a brotherly approach would not call for a compassionate, understanding attitude, weighing my circumstances and recognizing the "factors that distinguish one situation from another."

At the judicial hearing, only one of the two witnesses gave testimony that relates to anything subsequent to the publication of the September 15, 1981, Watchtower, which places disassociated persons in a category with disfellowshiped persons. One witness stated that he had seen me at the restaurant with Peter and Janet Gregerson but acknowledged that the occasion was in the summer, hence previous to the publication of that magazine. Unless one believes in ex post facto laws, his testimony would hardly seem relevant.

The other witness testified to a more recent occasion, having seen me enter a restaurant in company with my wife and Janet Gregerson (who is not disassociated) and then subsequently seeing Peter enter. This same witness, along with an elder of the East Gadsden congregation, ate at a restaurant with Peter Gregerson on two occasions subsequent to the publication of the September 15, 1981, Watchtower. In neither case did Peter ask to sit with them but in both cases he was invited to sit at their table and to engage in free conversation with them. Apparently this was not viewed as meriting a judicial hearing, but the one occasion in my case was viewed as meriting such. I mention this only because your letter of November 19 assured me that the elders handling my case were free from prejudgment and would be objective in their approach. The inconsistency apparent makes it difficult for me to feel satisfied that such was the case. It raises serious questions as to the motivation for the judicial action itself and the decision rendered.

I find it equally hard to understand the accusation directed at me when viewing it against the background of what is happening in the Gadsden area. To list the occasions when elders and others have eaten or otherwise had social contact with disassociated and disfellowshiped persons would be difficult since they are numerous. Yet for some reason I have been singled out for accusation. If the view be taken that it is simply a matter of starting with someone, why should the testimony of only one witness to one occasion since the appearance of the September 15, 1981, Watchtower, result in my being selected as the one to begin with? This too raises questions as to objectivity and impartial motivation.

Perhaps it may be said that I have not expressed repentance

for having eaten with Peter Gregerson. To express repentance I need first to be satisfied that doing so is a sin before God. The only means for providing such conviction must rightly come from God's Word, which alone is inspired and unfailingly reliable. (2 Timothy 3:16, 17) My understanding from the Scriptures is that loyalty to God and to his Word is of supreme importance and supercedes any other loyalty or whatever kind. (Acts 4:19, 20; 5:29) My understanding also is that it is not for me or any other human or group or humans to add to that Word, under pain of being "proved a liar" or even receiving divine plagues. (Proverbs 30:5, 6; Revelation 22:18, 19) I cannot take such scriptural warnings lightly. In view of all the scriptural admonition against judging others, I have a healthy fear of setting myself (or any human or group of humans) up as legislator and feel compelled to let God's Word alone do such judging. To do that I need to be certain that I am not simply following some humanly devised standard that poses as a divine standard but which is in fact uninspired, unsupported by God's Word. I do not wish to be guilty of presumption and impertinence in judging someone whom God by his own expressed Word has not so judged.--Romans 14:4, 10-12; James 4:11, 12; see also Commentary on the Letter of James pages 161 to 168.

I assure you that if you will help me to see from the Scriptures that the act of eating with Peter Gregerson is a sin I will humbly repent of such sin before God. Those who have talked with me thus far have not done this but have cited the above-mentioned magazine as their "authority" (the term used by the chairman of the judicial committee). My understanding is that all authority within the Christian congregation must derive from and be solidly based on the Word of God. Proverbs 17:15 states that "Anyone pronouncing the wicked one righteous and anyone pronouncing the righteous one wicked--even both of them are something detestable to Jehovah." I have no desire to be detestable to God and hence am very concerned about this matter.

I fully accept the scriptural teachings at 1 Corinthians 5:11-13 and 2 John 7-11 and have assured those with whom I spoke that I have no desire to associate with or eat with or have in my home persons of the kind there described, wicked persons and antichrists. My problem is seeing how these scriptures apply to the person who is at the crux of the case directed against me, Peter Gregerson. Under pressure he resigned from the congregation of Jehovah's Witnesses, but, as you know, he stated the following in his letter:

"It was brought to my attention yesterday that I have caused many brothers throughout Gadsden and our circuit to be disturbed. I had tried very hard to prevent that.

It is true that I have been experiencing serious doubts regarding certain teachings of the Watchtower Society. However, I would like to make clear two points of importance. First, I have not been actively discussing these matters within the congregation. I have not even discussed them with the Body of Elders for fear of accidentally causing conversation within the congregation. I have had "confidential talks" with very few people, almost all in

East Gadsden Congregation Body of Elders
December 8, 1981, Page IV
my own family.

Secondly, my views have not changed regarding Jehovah God Jesus Christ and the plain teachings of the Bible such as resurrection.

As Jehovah God is my judge, I am conscious of no conduct unbecoming a Christian. For almost 50 years, since the winter of 1931-1932, when my dad started taking me to meetings, I have been a regular and hard working Jehovah's Witness. My good name and reputation is of great value to me, both among you and in the community at large.

So that my "good name" can be preserved, and so that there will be no further trouble and disturbance within and among you, I hereby resign from association with the organization.

This does not change my respect for the good done by the Watchtower Society. It does not change my friendship and love for you as individuals. Of course, I will accept whatever attitude you choose to show me.

Respectfully,
Peter V. Gregerson

[End of the copy of Peter Gregerson's letter. What follows is the continuation of my appeal letter]

He states that he is "conscious of no conduct unbecoming a Christian" which would mean that he is not the kind of person described at 1 Corinthians 5:11-13. He expresses his faith in Jehovah God, his Son and the plain teachings of the Bible which would rule against his being among the kind of persons described at 2 John 7-11. To my knowledge no one has disputed those claims or refuted them. For me to treat him as a wicked man or an antichrist without clear scriptural basis for doing so would, I believe, make me liable for divine disapproval.

I have asked each of the elders who has spoken with me, including the three members of the judicial committee, if they themselves view Peter Gregerson as the kind of person described at 1 Corinthians 5:11-13 and 2 John 7-11, namely a wicked person or an antichrist. They themselves were obviously hesitant to say that these scriptures apply to him, yet these are the only scriptures that set out the injunction identifying persons with whom a Christian should not eat. Is it truly fair to ask of me that I apply these scriptures to him and thereby judge him as an unfit person with whom to eat when those sitting in judgment upon me are themselves either unwilling or unable to do so? As of now I do not see that these scriptures apply to Peter Gregerson. In order to see that they do I would need your assistance.

East Gadsden Congregation Body of Elders
December 8, 1981, Page V

I can understand why the elders would be reluctant to say that they themselves would place Peter Gregerson among the kind of persons described by the inspired apostle at 1 Corinthians 5:11-13, fornicators, greedy persons, idolaters, revilers, drunkards and extortioners. I seriously doubt that any one of you on the body of elders would admit that as even a remote possibility. Please correct me if I am wrong.

That leaves those described at 2 John 7-11, antichrists. Can you understand why in my heart I feel the need for genuine conviction before I could apply these verses to anyone? The apostle John, who is tne sole user of the term, describes such a one in these words: "Who is tne liar if it is not the one that denies that **Jesus** is the Christ? This is the antichrist, the one that denies the Father and the Son." (1 John 2:22) "But every inspired expression that does not confess Jesus does not originate with God. Furthermore, this is the antichrist's inspired expression . . . ." (1 John 4:3) "For many deceivers have gone forth into the world, persons not confessing Jesus as coming in the flesh. This is the deceiver and the antichrist." (2 John 7) On this basis, some commentaries (used on a number of occasions in Society publications) make these points:

> Barnes' Notes on the New Testament says: "From this it is clear, that John understood by the word all those who denied that Jesus is the Messiah, or that the Messiah had come in the flesh. . . . They arrayed themselves against him, and held doctrines which were in fact in entire opposition to the Son of God."
>
> From Lange's Commentary: "ἀντι [anti] may mean both hostility and substitution. In the former case it denotes the antagonist of Christ, the antichrist, in the latter the pretender-Christ or pseudo-Christ . . . . The antichrists deny that Jesus is the Christ; that He did not come in the flesh, that He is not the Son of God, that He is not of God. The doctrine is the denial of the truth, the lie, they themselves are LIARS, and according to John viii.44, the children of the devil, of the father of the lie ([1 John] iii.3-10) . . . . The antichrist and the antichrists are to be taken 'as expressly connected with Satan,' and the two words here denote not substitution but hostility to Christ . . . ; the antichrist is pre-eminently the instrument and tool of Satan."

Do any of you on the body of elders seriously believe that Peter Gregerson is to be classed among such kind of persons?

Jesus Christ said that "whoever addresses his brother with an unspeakable word of contempt will be accountable to the Supreme Court; whereas whoever says, 'You despicable fool!' will be liable to the fiery Gehenna." (Matthew 5:22) For myself, I

had far rather be called a "despicable fool" than to be labeled an "antichrist." Surely there is no uglier term to be found in the Bible. Since even the unjust application of the expression "despicable fool" can make one liable for Gehenna, how much more so the application of "antichrist" if unjustly used? I am very concerned not to run such grave risk and I trust that you as individuals will weigh that risk with equal concern. At Matthew 12:36, Jesus says: "I tell you that every unprofitable [careless, RSV; unfounded, Jerusalem Bible] saying that men speak, they will render an account concerning it on Judgment Day." How could any of us take such warnings lightly? Or how could we feel that we can let the responsibility for our action rest with others if we erroneously, without genuine foundation, declare someone a person unfit to eat with as a person 'hostile to Christ'? Emphasizing our personal relationship and responsibility to himself, as to his Father, God's Son says: "Know that I am he who searches the inmost thoughts and hearts, and I will give to you individually according to your deeds."--Revelation 2:23.

Loyalty to God obliges me to be guided by my conscience which is molded by these scriptures. Does such a conscientious course make me subject to condemnation? It is true that the circuit overseer said in my home that 'the Governing Body can overrule our conscience.' While he stated--to use his own words--that he "parrots what the Governing Body says," it would seem that in this case he spoke of his own originality, for I know of no publication of the Society that makes a statement like his. More importantly, I know of no scripture that supports such view. The inspired apostle tells us that, even where an action is right in itself, if a person does it having doubts "he is already condemned," since "everything that is not out of faith is sin." (Romans 14:23) If my conscience is to change, it must be by the power and force of the Word of God, not by mere human reasonings, for I am determined to "let God be found true, though every man be found a liar," and hence determined to be among those not "adulterating the word of God, but by making the truth manifest recommending ourselves to every human conscience in the sight of God."--Romans 3:4; 2 Corinthians 4:2.

I have set out this information in detail to enable you to see the problem I face in accepting unquestioningly and with no qualms of conscience the view advanced, namely, that the letter written by Peter Gregerson (copied herein)--by itself and with no other justifying evidence in support--gives anyone the right to say that he **automatically** has become a wicked person unfit for Christians to eat with. Have I missed the sense of the scriptures that now restrain me from making such automatic judgment? Do they not say what I understand them to say? And does my conscientious concern to be true to God's Word now make me subject to condemnation as also a wicked person, unfit to eat with? Three men among you have rendered such judgment. I write this as much for their benefit, and out of concern for them, as for the rest of you. If I am wrong and God's Word says something different than what I see there, then

your reproving me by setting forth the proof from that inspired Word of God will not only be accepted but welcomed.

I am supplying a copy of this letter for each member of the body of elders since the judicial committee that rendered its decision against me received its appointment from you. I am also sending copies to the Governing Body and its Service Department since your appointment **as elders comes from** them. As you know, I wrote the Governing Body on November 5, 1981, requesting information as follows:

"Locally, certain elders have taken the information in the September 15, 1981, Watchtower as authorization to demand a change in my relationship with the man on whose property I live and for whom I work, Peter Gregerson. They state that, since he has disassociated himself, I should view him as among those with whom one should not eat--wicked persons and antichrists--and that failure to conform to this position requires disfellowshiping. Approaching 60, having no financial resources, I am in no position to move or to change my employment. So I would very much appreciate knowing if the intent of your statements in that issue of the magazine is truly as they present it, namely that my accepting an invitation from my landlord and employer to eat with him is grounds for disfellowshiping. If, instead, they have exceeded the intent of what was published, some counsel of moderation would grant me relief from a situation that is potentially oppressive. I will appreciate whatever clarification you can give, whether directly or through one of your departments."

I have repeatedly petitioned you to allow them time to answer this request for information. Thus far you have not seen fit to honor that plea. I hope that you will now do so.

Sincerely,

R. Peters

Tradução

8 de dezembro de 1981

Corpo de Anciãos da Congregação Gadsden Leste
Prezados irmãos:

Por meio desta carta gostaria de apelar da decisão de me desassociar tomada pela comissão judicativa que vocês indicaram.

Tratando de assuntos judicativos, uma das publicações da Sociedade diz que "os anciãos que servem numa comissão judicativa devem pesar os assuntos cuidadosamente, sabendo que certos fatores podem distinguir uma situação de outra. Ao invés de buscarem normas rígidas de orientação, devem pensar em termos de princípios e julgar cada caso segundo seus próprios méritos". Quanto a dar conselho, diz a mesma publicação, "Assegurem-se de que o conselho seja solidamente baseado na Palavra de Deus. Tomem tempo suficiente e empenhem-se em atingir o coração da pessoa. Tomem tempo para escutar. Assegurem-se de ter todos os fatos. Discutam a aplicação dos textos que se relacionam ao caso e assegurem-se de que a pessoa entenda. Tomem tempo para a pesquisa, se esta for necessária, antes de lhe darem conselho ou de responder suas perguntas. Se não puderem tomar tempo necessário, seria bom deixar que outro ancião cuide do assunto". (cópias xerocadas em anexo).

Não acho que estas coisas tenham sido feitas, até agora, no meu caso. Considero desanimador que uma atitude de pressa incomum venha sendo demonstrada bem como uma aparente relutância ou incapacidade de 'discutir a aplicação de textos que se relacionam para um pleno entendimento'. Sinto que uma abordagem fraternal requereria paciência em vez de pressa; compaixão e compreensão em vez de uma rígida aplicação de regras.

Minhas circunstâncias não lhes devem ser desconhecidas. Após quarenta anos de serviço de tempo integral, nos quais suportei privação, pobreza, fome, sede, frio, calor, disenteria, prisões, perigos de turbas violentas, tiros e guerras, risco de vida e liberdade em países ditatoriais, junto com constante labuta, vi-me à idade de 58 anos enfrentando o problema de encontrar um lugar para morar e um emprego a fim de prover sustento para mim e para minha esposa. Desde que entrei no serviço de pioneiro ao concluir o 2º grau em 1940, não tive experiência alguma de emprego secular e nem recursos financeiros para me sustentar. Os fundos que me foram dados pela Sociedade (evidentemente como algum tipo de compensação pelos meus quarenta anos de serviço) eram menos do que ganha a maioria das pessoas em um ano de emprego secular e cobriram não mais do que uma parte de nossas despesas iniciais.

Peter Gregerson me proveu emprego e um lugar para estacionar a casa móvel que obtive e pela qual ainda estou pagando. Deste modo, ele se tornou meu senhorio e meu empregador. Há cerca de seis meses atrás, sob pressão, ele renunciou à congregação local. Como sabem, a única base para a audiência judicativa comigo foi a acusação de eu ter feito uma refeição com Peter Gregerson num restaurante local.

Alguns anciãos da região acham que o fato de estarem empregados na Warehouse Groceries lhes faculta ficarem livres de acusação ao comerem com Peter Gregerson, que é o presidente da diretoria. Ainda assim, meu relacionamento é mais íntimo, mais envolvido que o deles, já que não somente trabalho para a Warehouse Groceries, como também trabalho para ele pessoalmente, executando serviços em sua propriedade e em sua casa, de um modo que são necessárias conversas regulares, com freqüência, em sua casa, à hora das refeições, e em outras ocasiões. Sou incapaz de entender por que uma abordagem fraternal não permitiria uma atitude compassiva, compreensiva, pesando minhas circunstâncias e reconhecendo os "fatores que distinguem uma situação de outra".

Na audiência judicativa, apenas uma das testemunhas prestou depoimento relacionado com qualquer coisa subseqüente à publicação de A Sentinela de 15 de setembro de 1981, que coloca as pessoas dissociadas na mesma categoria das desassociadas. Uma testemunha declara que me vira no restaurante com Peter e Janet Gregerson, mas reconheceu que a ocasião fora no verão, e portanto, antes da publicação desta revista. A menos que se ponham em prática leis de efeito retroativo, esse testemunho dificilmente poderia ser relevante.

A outra testemunha falou sobre uma ocasião mais recente, tendo me visto entrar num restaurante em companhia de minha esposa e de Janet Gregerson (que não é dissociada) e então, subseqüentemente, viu Peter Gregerson entrar. Esta mesma testemunha, junto com um ancião da congregação Gadsden Leste, comeram com Peter Gregerson em um restaurante em duas ocasiões subseqüentes à publicação de A Sentinela de 15 de setembro de 1981. Em nenhum dos casos Peter pediu para sentar-se com eles, mas em ambos, ele foi convidado a sentar-se à mesa deles e a conversar com eles livremente. Aparentemente, isto não foi considerado como algo que exigisse uma audiência judicativa, mas a única ocasião referente à minha pessoa foi vista como merecendo tal tratamento. Menciono isto unicamente em virtude de sua carta de 19 de novembro ter me garantido estarem os anciãos encarregados de meu caso isentos de pré-julgamento, e que seriam objetivos em sua abordagem. A aparente inconsistência torna difícil convencer-me de que este é o caso. Levanta sérias questões quanto à motivação da própria ação judicativa e quanto à decisão a que se chegou.

Considero igualmente difícil entender a acusação a mim dirigida, quando ela é tomada no contexto do que está acontecendo na região de Gadsden. Alistar as ocasiões em que anciãos e outros comeram, ou de outro modo tiveram contato social com pessoas dissociadas e desassociadas seria difícil, já que elas são numerosas. Assim mesmo, o meu caso foi selecionado para uma acusação. Se o ponto de vista é de que é simplesmente uma questão de se começar por alguém, por que deveria o testemunho de uma única pessoa, sobre uma única ocasião, desde o surgimento de A Sentinela de 15 de setembro de 1981, resultar em eu ser selecionado como aquele pelo qual começar? Isto também levanta questões quanto à objetividade e à motivação imparcial.

Talvez se diga que não expressei arrependimento por ter comido com Peter Gregerson. Para expressar arrependimento é preciso primeiro que eu esteja convencido de que o que fiz foi um pecado contra Deus. O único meio de se prover tal convicção deve apropriadamente vir da Palavra de Deus, a única que é inspirada e infalivelmente confiável. (2 Timóteo 3: 16, 17). Meu entendimento das Escrituras é que a lealdade a Deus e à sua Palavra é de suprema importância e que ela se sobrepõe à quaisquer outras espécies de lealdade. (Atos 4:19, 20; 5:29). Meu entendimento é também de que não cabe a mim ou a qualquer outro humano ou grupo de humanos fazer acréscimos a essa Palavra, sob pena de se vir a ser "mostrado mentiroso" ou até de receber pragas divinas. (Provérbios 30:5,6; Revelação 22:18,19). Não posso fazer pouco caso de tais advertências bíblicas. Em vista de todas as admoestações das Escrituras contra se julgar outros, sinto um temor salutar de colocar a mim mesmo (ou a qualquer humano ou grupo de humanos) como legisladores, e sinto-me compelido a deixar que apenas a Palavra de Deus faça tal julgamento. Para fazer isso preciso ter certeza de que não estou simplesmente seguindo algum padrão humanamente delineado que se apresenta como um padrão divino, mas que é, de fato, não inspirado, e não fundamentado na Palavra de Deus. Não desejo ser culpado de presunção e impertinência em julgar alguém a quem Deus em sua expressa Palavra não julgou. – Romanos 14:4,10-12; Tiago 4:11,12; Veja também Comentário à Carta de Tiago, páginas 161 a 168.

Asseguro-lhes de que se me ajudarem a ver nas Escrituras que o ato de comer com Peter Gregerson é um pecado, arrepender-me-ei humildemente de tal pecado diante de Deus. Aqueles que até agora conversaram comigo não fizeram isso, mas citaram a revista acima mencionada como sua "autoridade" (termo usado pelo presidente da comissão judicativa). Meu entendimento é de que toda autoridade dentro da congregação cristã deve se derivar da Palavra de Deus e estar solidamente baseada nela. Provérbios 17:15 declara que "Quem declarar justo ao iníquo e quem pronunciar iníquo ao justo – sim ambos são algo detestável para Jeová". De modo algum desejo ser detestável para Deus e portanto, muito me preocupa este assunto.

Aceito plenamente os ensinos bíblicos em 1 Coríntios 5:11-13 e 2 João 7-11 e garanti àqueles com quem falei que não tenho nenhum desejo de me associar ou comer ou ter em minha casa pessoas da espécie ali descrita, pessoas iníquas e anticristos. Meu problema é ver como estes textos se aplicam à pessoa que está no centro da questão contra mim dirigida, Peter Gregerson. Sob pressão, ele renunciou à congregação das Testemunhas de Jeová, mas conforme sabem ele declarou o seguinte em sua carta:

"Foi trazido à minha atenção ontem que causei perturbação a muitos irmãos em Gadsden e em nosso circuito. Tentei arduamente evitar isso.

É verdade que venho experimentando sérias dúvidas com respeito a certos ensinos da Sociedade Torre de Vigia. Contudo, gostaria de deixar claros dois pontos importantes. Primeiro, não venho discutindo ativamente estes assuntos dentro da congregação. Nem mesmo os discuti com o Corpo de Anciãos por

receio de acidentalmente motivar conversas dentro da congregação. Tive "palestras confidenciais" com poucas pessoas, quase todas de minha própria família.

Segundo, minhas opiniões com respeito a Jeová Deus, Jesus Cristo e a claros ensinamentos bíblicos tais como o da Ressurreição, não mudaram.

Tendo a Jeová Deus como meu juiz, estou cônscio de não ter nenhuma conduta imprópria para um cristão. Por quase 50 anos, desde o inverno de 1931-1932, quando meu pai começou a levar-me às reuniões, tenho sido uma Testemunha de Jeová regular e esforçada. Meu bom nome e reputação são de grande valor para mim, tanto entre vocês como na comunidade como um todo.

Para que meu "bom nome" possa ser preservado, e para que se evitem mais problemas e perturbações entre vocês, por meio desta, renuncio à minha associação com a organização.

Isto não muda meu respeito pelo bem realizado pela Sociedade Torre de Vigia. Não muda minha amizade e meu amor por vocês como indivíduos. Naturalmente, aceitarei qualquer atitude que preferirem mostrar para comigo.

Respeitosamente,
Peter V. Gregerson

[Fim da cópia da carta de Peter Gregerson. Segue-se a continuação de minha carta de apelação].

Ele declara estar "cônscio de não ter nenhuma conduta imprópria para um cristão", o que significa que ele não é o tipo de pessoa descrita em 1 Coríntios 5:11-13. Expressa sua fé em Jeová Deus, seu Filho e nos claros ensinamentos bíblicos, o que determina que ele não está entre o tipo de pessoas descritas em 2 João 7-11. Que eu saiba ninguém questionou as ações dele ou as refutou. Se eu o tratasse como um homem iníquo ou um anticristo, estaria, creio eu, expondo-me à desaprovação divina.

Perguntei a cada um dos anciãos que falou comigo, inclusive os três membros da comissão judicativa, se eles mesmos viam Peter Gregerson como o tipo de pessoa descrita em 1 Coríntios 5:11-13 e 2 João 7-11, a saber, uma pessoa iníqua ou um anticristo. Eles mesmos ficaram obviamente hesitantes em dizer que aqueles textos se aplicavam a ele, e ainda assim são <u>estes os únicos textos que estabelecem a identificação das pessoas com quem um cristão não deveria comer</u>. Será realmente justo pedirem a mim que aplique a ele estes textos, e portanto, que eu o julgue como alguém com quem não se pode tomar uma refeição, quando nem os que me julgaram quiseram ou puderam fazê-lo? Até este momento não posso ver como estes textos se aplicam a Peter Gregerson. Para chegar a esta conclusão precisarei da ajuda de vocês.

Posso entender por que os anciãos relutaram em dizer que eles mesmos colocariam Peter Gregerson entre o tipo de pessoas descritas pelo apóstolo inspirado em 1 Coríntios 5:11-13, fornicadores, gananciosos, idólatras, injuriadores, beberrões, e extorsores. Duvido seriamente que algum de vocês,

do corpo de anciãos, admita tal coisa sequer como uma possibilidade remota. Por favor, corrijam-me se eu estiver errado.

Com isto, resta considerar os descritos em 2 João 7-11, os anticristos. Podem entender por que, no meu coração, sinto necessidade de convicção genuína antes de poder aplicar estes versículos a alguém? O apóstolo João, o único que emprega este termo, descreve a tais nestas palavras: "Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho". (1 João 2:22). "Mas toda expressão inspirada que não confessa a Jesus não se origina de Deus. Além disso, esta é a expressão inspirada do anticristo..." (1 João 4:3). "Pois, muitos enganadores saíram pelo mundo afora, pessoas que não confessam Jesus Cristo vindo na carne. Este é o enganador e o anticristo." (2 João 7) Nesta base, alguns comentaristas (citados em várias ocasiões nas publicações da sociedade) apresentam estes pontos:

> Barnes' Notes on The New Testament diz: "Disto fica claro que, João entendia por esta palavra todos aqueles que negassem que Jesus é o Messias, ou que o Messias tivesse vindo na carne... punham-se a si mesmos contra ele, e sustentavam doutrinas que estavam, de fato, em total oposição ao Filho de Deus."
>
> Do Lange's Commentary: "*anti*" tanto pode referir-se a hostilidade como a substituição. No primeiro caso denota o antagonista de Cristo, o anticristo, e no segundo caso o pretenso-Cristo ou pseudo-Cristo... Os anticristos negam que Jesus é o Cristo; dizem que Ele não veio na carne, que Ele não é o Filho de Deus, que ele não é de Deus. A doutrina é a negação da verdade, a mentira, eles mesmos são mentirosos, e segundo João VIII. 44, os filhos do diabo, do pai da mentira (1 João III. 3-10)... O anticristo e os anticristos devem ser entendidos como estando 'expressamente ligados a Satanás', e as duas palavras aqui denotam não substituição mas hostilidade a Cristo; o anticristo é proeminentemente instrumento e ferramenta de Satanás."

Algum de vocês do corpo de anciãos acredita seriamente que Peter Gregerson deve ser classificado entre tal tipo de pessoas?

Jesus Cristo disse que "quem se dirigir a seu irmão com uma palavra imprópria de desprezo terá de prestar contas ao Supremo Tribunal; ao passo que quem disser, 'tolo desprezível!' estará sujeito a Geena ardente." (Mateus 5: 22). De minha parte, prefiro ser chamado "tolo desprezível" do que ser rotulado de "anticristo". Com certeza, não se pode encontrar na Bíblia um termo mais vil. Já que a aplicação injusta da expressão "tolo desprezível" pode tornar alguém merecedor da Geena, quanto mais ocorrerá quanto à aplicação do termo "anticristo", feita de modo injusto? Preocupo-me muito em não correr tão grave risco, e confio em que vocês, como indivíduos, pesem este risco com igual preocupação. Em Mateus 12:36, Jesus diz: "Eu vos digo que de toda declaração sem proveito [descuidada, RSV; sem fundamento, Jerusalem Bible] que os homens fizerem prestarão contas no Dia do Juízo." Como se atreveria algum de nós a tomar de modo leviano tais advertências?

Ou como podemos achar que é possível deixar cair sobre outros a responsabilidade pelos nossos atos, se nós, erroneamente, sem verdadeiro fundamento, declararmos a alguém, como uma pessoa com quem não se pode comer, 'hostil a Cristo'? Enfatizando nossa relação e responsabilidade pessoais para com ele, e para com seu Pai, o Filho de Deus disse: "Saberão que sou eu quem pesquisa os rins e os corações, e eu vos darei individualmente segundo as vossas ações". – Revelação 2:23.

A lealdade a Deus me obriga a ser guiado por minha consciência, que é moldada por estes textos. Será que proceder segundo minha consciência me torna objeto de condenação? É verdade que o superintendente de circuito disse em minha casa que 'o Corpo Governante pode sobrepor-se à nossa consciência'. Quando ele declarou – para usar suas próprias palavras que, 'igual a um papagaio, repetia o que o Corpo Governante diz,' parece que falou de sua própria iniciativa, pois não sei de nenhuma publicação da Sociedade que faça declaração tal qual a dele. E ainda mais importante, desconheço qualquer texto bíblico que apóie este ponto de vista. O apóstolo inspirado nos diz que, mesmo que uma ação seja correta em si mesma, se a pessoa a faz com dúvidas "já está condenado", já que "tudo o que não vêm da fé é pecado". (Romanos 14:23). Se minha consciência deve mudar, deve ser por meio do poder e da força da Palavra de Deus, não por meros raciocínios humanos, pois estou resolvido a deixar que "seja Deus achado verdadeiro, embora todo homem seja achado mentiroso" e igualmente resolvido a estar entre aqueles que não estão "adulterando a palavra de Deus, mas, por tornar manifesta a verdade, recomendando-nos a toda consciência humana à vista de Deus." – Romanos 3:4 e 2 Coríntios 4:2.

Apresento esta informação em detalhes para habilitá-los a ver o problema que enfrento, o de aceitar sem questionar e sem nenhuma dor de consciência o ponto de vista decretado, a saber, de que a carta escrita por Peter Gregerson (cópia em anexo), por si própria e sem nenhuma evidência justificativa em apoio, dê a alguém o direito de dizer que ele se tornou, automaticamente, uma pessoa iníqua, com quem cristãos não devem comer. Será que me foge o significado dos textos que agora me impedem de fazer automaticamente tal julgamento? Será que eles não dizem o que eu acredito que dizem? E será que minha preocupação conscienciosa de ser fiel à Palavra de Deus vai agora tornar-me passível de condenação, também uma pessoa iníqua, com quem não se deve comer? Três homens dentre vocês proferiram tal julgamento. Escrevo isto tanto no benefício como no genuíno interesse deles, como também pelo restante de vocês. Se eu estou errado e a Palavra de Deus diz algo diferente do que eu vejo nela, então que vocês me repreendam por meio de provas extraídas da inspirada Palavra de Deus, as quais não só aceitarei como agradecerei.

Estou fornecendo uma cópia desta carta a cada membro do seu corpo de anciãos, já que a comissão judicativa que proferiu essa decisão contra mim foi designada por ele. Estou também enviando cópias ao Corpo Governante e ao Departamento de Serviço, já que suas designações como anciãos provêem

deles. Conforme sabem, escrevi ao Corpo Governante em 5 de novembro de 1981 solicitando informações conforme segue:

"Localmente, certos anciãos interpretaram a informação de A Sentinela de 15 de setembro de 1981 como autorização para exigir uma mudança em meu relacionamento com o homem em cuja propriedade moro e para quem trabalho, Peter Gregerson. Eles alegam que, já que ele se dissociou, eu deveria vê-lo como entre aqueles com os quais não se deveria comer — pessoas iníquas e anticristos — e que deixar de se harmonizar com esta posição requer desassociação. Ao aproximar-me dos sessenta anos, sem ter recursos financeiros, não estou em condição de mudar-me ou trocar de emprego. Portanto, apreciaria muito saber se a intenção de suas declarações nesse exemplar da revista é realmente como eles a apresentam, a saber, que aceitar eu o convite de meu locador e empregador para comer com ele constitui base para desassociação. Se, por outro lado, tiverem ido além da intenção do que foi publicado, alguma exortação à moderação me proporcionaria alívio de uma situação que é potencialmente opressiva. Apreciaria qualquer esclarecimento que pudessem dar, quer diretamente quer através de um de seus departamentos."

Roguei-lhes repetidamente que concedam tempo para que eles respondam a este pedido de informações. Até agora, vocês não parecem ter considerado como certo atender esse apelo. Espero que agora queiram fazê-lo.

Sinceramente,
R.V.Franz

Uma cópia desta carta foi enviada ao Corpo Governante junto com a seguinte:

December 11, 1981

Governing Body of Jehovah's Witnesses
Brooklyn, New York

Dear Brothers:

On November 5, 1981, I wrote to you seeking some clarification as to the position taken in the September 15 Watchtower and its placing of disassociated persons in the same category with disfellowshiped persons and detailing the manner in which all of Jehovah's Witnesses should view and treat such persons. In that letter I expressed concern over the probable consequences of the material.

Since then local elders in the congregation where I have been associated have taken that material as "authority" to take disfellowshiping action toward me, the charge being that I had eaten a meal with a disassociated person at a restaurant, the person being my landlord and employer.

I am enclosing a copy of the appeal letter I have turned in to the local body of elders. If the judicial committee's action meets with your approval and is in accord with the intent of the material you have published, then the appeal letter may be of no interest to you. If, however, that is not the case and you do feel concern over this action (not solely as relates to me but as it is indicative of the probable reaction generally to that published material) then you may wish to do something to moderate the effect of that material. The company I work for, Warehouse Groceries, employs from thirty-five to forty witnesses in its offices and ten stores. The Chairman of the Board is disassociated as is the head of the Non-Foods section; other personnel, including the manager of one of their larger stores, are disfellowshiped persons. So the clarification requested in my letter could be of benefit to a number of persons in this area.

It seems clear that the position taken in your published material will have a progressively cumulative effect, with more and more persons being affected. If applied consistently, rather than in a selective, arbitrary manner, in the way it has been applied to me, it could easily lead to the disfellowshiping of dozens of persons in just this area whose names come readily to mind. Do you genuinely feel that such action is justified scripturally?

Since the responsibility for the results of the earlier mentioned material rests ultimately with you brothers, it seems of benefit to pass this information on to you and to your Service Department.

Sincerely,
RW Franz

Tradução

11 de dezembro de 1981

Corpo Governante das Testemunhas de Jeová
Prezados irmãos:

Em 5 de novembro de 1981, escrevi-lhes em busca de algum esclarecimento quanto à posição tomada na Sentinela de 15 de setembro e da colocação que ela faz das pessoas dissociadas na mesma categoria das desassociadas, e entrando em detalhes quanto ao modo em que todas as Testemunhas de Jeová devem considerar e tratar tais pessoas. Naquela carta, eu expressei preocupação com as prováveis conseqüências da matéria.

Desde então, alguns anciãos locais da congregação com a qual eu me associo tomaram esta matéria como "autoridade" para tomar ação de desassociação contra mim, sob a acusação de que eu tomara uma refeição num restaurante com uma pessoa dissociada, sendo esta pessoa meu senhorio e empregador.

Estou enviando em anexo uma cópia da carta de apelação que entreguei ao corpo local de anciãos. Se a ação da comissão judicativa tiver sua aprovação e estiver em harmonia com a intenção da matéria que publicaram, então a carta de apelação não lhes será de nenhum interesse. Todavia, se não for este o caso e vocês se sentem preocupados com esta ação (não somente no que se relaciona a mim, mas também com respeito às prováveis reações à matéria publicada) talvez então vocês desejem fazer algo para moderar os efeitos daquela matéria. A companhia para a qual trabalho, a Warehouse Groceries,

emprega de trinta e cinco a quarenta Testemunhas em seus escritórios e suas dez lojas. O presidente da diretoria está dissociado, como também o gerente da seção de produtos não perecíveis. Outras pessoas, incluindo o gerente de uma das maiores lojas, estão desassociadas, de modo que o esclarecimento solicitado na minha carta pode ser de proveito para um bom número de pessoas nesta região.

Parece claro que a posição tomada na matéria publicada terá progressivamente um efeito cumulativo, com cada vez mais pessoas sendo afetadas. Se ela for publicada consistentemente, em vez do modo seletivo, arbitrário, com que foi aplicada a mim, poderia facilmente levar à desassociação de dezenas de pessoas, cujos nomes vêm rapidamente a mente, apenas nesta região. Acham verdadeiramente que tal ação é justificada pelas Escrituras?

Já que a responsabilidade pelos resultados da matéria anteriormente mencionada cai em última instância sobre vocês, irmãos, parece-me ser proveitoso passar-lhes esta informação, bem como ao seu Departamento de Serviço.

Sinceramente,
R.V.Franz

Segue-se a minha carta de 20 de dezembro, pedindo uma mudança na comissão de apelação escolhida pelo superintendente de circuito Wesley Benner.

December 20,1961

East Gadsden Congregation Body of Elders
Gadsden AL

Dear Brothers:

By means of this letter I am requesting that a different appeal committee be appointed. I am sending a copy of this letter to the Service Department of the Governing Body and of the Watchtower Society since I am requesting that a committee be formed of brothers outside of this area and outside of this circuit. My reasons are as follows:

On December 15 I received a phone call from Theotis French saying that an appeal committee had been selected, composed of Willie Anderson, either Earl or Felix Parnell (he wasn't sure which) and Brother Dibble (whether the father or the son was not said to my knowledge). I told him that I would write a letter and that I would have something to say about the composition of the committee. I asked why elders from the East Gadsden congregation were not used and he said that that was not the way it was done anymore and that he had called on the circuit overseer to make the selection.

On December 18, Friday, I wrote to Theotis asking him to supply me in writing the names of those definitely selected to serve on the committee. I mailed the letter that morning. That evening Theotis called saying that the appeal committee would meet on Sunday. I informed him that I had written a letter which he should receive in a day or so. Saturday evening he called again, saying he had received the letter and that the committee wanted to meet with me on Monday, evidently December 21. He did not state either time or place, as he had not done when informing

not state either time or place, as he had not done when informing me of the planned Sunday meeting. He gave me the names of the proposed committee members: Willie Anderson, Earl Parnell and Rob Dibble. I again requested he send the information in writing. This morning he phoned yet again, stating that the appeal committee was going to meet on Monday (again failing to state either time or place). I told him that the proposed committee ought to write me direct rather than have him phone me and told him that I objected to the composition of the committee as selected and would be writing this letter requesting a new committee. He said that the proposed committee would meet anyway on Monday. I stated that in my forty years of experience I had never seen such an obvious rushing of matters, to which he replied that the last school provided by the Society had brought changes (what these were he did not say). Despite my objections to such inconsiderate haste he said that the committee would meet anyway and that anything I had to say should be said then. I again stated that I was requesting a different committee.

East Gadsden Congregation Body of Elders
December 20, 1981, Page II

I believe my reasons for such request are substantial. I will detail them for your benefit and that of the Service Department as well as as a matter of record.

I was serving on the Service Committee of the Governing Body at the time that Gadsden experienced a very disturbing period for many families, one involving a large number of the young people in the area. By way of the Service Department I was made aware of serious mishandling of matters by the local committee, requiring the sending in of a special committee to straighten matters out. The matter is fresh enough in my mind to assure you that I could not feel confident of a competent hearing if the appeal committee included one who played as prominent a role as Brother Anderson did in the committee responsible for such serious errors. Additionally I know, both through information from the Service Department at that time and from personal knowledge since, that Peter Gregerson was active in seeking the review of the local committee's action and thus contributed substantially to the bringing in of the outside committee assigned by the Society. When the whole picture is put together, the selection of Brother Anderson to serve on my case, in which my relationship with Peter Gregerson is the central issue, is a selection not conveying great likelihood either of judiciousness, impartiality or objectiveness. While it might be hoped that Brother Anderson profited from the correction given by the review committee, the present conduct of the proposed appeal committee, their haste to 'rush to judgment,' the irregularity of their methods, only strengthen the memory of the past mishandling of matters. I think you can understand why I would rightly object to such a selection and find it completely unacceptable.

As to the selection of Earl Parnell, the reasoning that led to such choice is indeed hard to fathom. May I say once more, that my relationship with Peter Gregerson is the point on which this whole cases revolves, about which the whole testimony of the adverse witnesses was based, and because of which relationship the first committee decided that I should be disfellowshiped. How then could there be any rational justification for the selection of Earl Parnell to serve on my appeal committee? He is, as you well know, and as the circuit overseer knows, the father of Dana Parnell who was recently divorced by Vicki Gregerson, Peter Gregersons daughter. Without going into matters in detail, it should be sufficient to say that for some time now very strained feelings have developed between the two families and more particularly

was brought up in his conversation with Peter during his previous visit to Gadsden. It would seem clear to anyone of even average comprehension that the selection of Dana's father to serve in a matter where Peter Gregerson is involved, would be flying in the face of all that good judgment, fairness and just plain common sense would lead one to expect. What possible reasoning or proper motivation could lead to such a choice?

East Gadsden Congregation Body of Elders
December 20, 1981, Page III

The circumstances involving Brother Parnell unavoidably affect the third member of the proposed committee, Rob Dibble. He is Earl Parnell's son-in-law, being the husband of Dana's sister Dawn. If necessary, I believe that testimony is available showing that Rob's wife has been very much affected by Peter Gregerson's daughter's divorcing of her brother and has been fairly vocal about the matter. It seems most unlikely that what she has expressed to others has not also been expressed to her own husband. To expect that he could enter a case in which one's association with Peter Gregerson is a central issue and do so with the necessary freedom from personal feelings and the needed objectiveness is, I believe, asking more than good judgment would indicate.

In view of all this, I am respectfully requesting that a different committee be formed, made up of brothers outside this area and outside the circuit. With perhaps one exception I cannot conceive of a comittee of three individuals that would have less to recommend itself for an objective, unbiased hearing of my appeal than the one that has been selected. Perhaps the circuit overseer's selection was the product of a hurried decision without due consideration of the factors here stated. While attempts could be made to argue or explain away those factors, a love of fairness and justice would certainly rule out such a course. It will, I hope, move you to acknowledge that the appeal committee should be one that does not require such attempted justification but, rather, be one that can stand on its own, free from serious question.--1 Timothy 5:21, 22.

You may also wish to write to the Society about these points and I would welcome your doing so.

For your information, I am expecting today the arrival of some guests who are traveling over 500 miles to visit us and who have only a few days to spend with us. Monday afternoon I have an appointment in Birmingham (made some days ago) that will likely result in my getting home late that evening. Later that week we are scheduled to go on a trip out of the state, one planned some time ago, with arrangements made by those with whom we will be staying. During the days before and after New Year's day, a family of friends will be visiting us, flying in from out of state to do so. However, after January 5 I should have time to meet with the new committee selected and this should also give time for the Society to arrange for such.

May I also request that your communication with me be in writing so that the frequent omissions and difficulties already experienced may not continue to multiply. Thank you for your consideration of this.

Sincerely,

Rt 4, Box 440-F
Gadsden AL 35904

Tradução

20 de dezembro de 1981

Corpo de Anciãos da Congregação Gadsden Leste
Gadsden, AL

Prezados irmãos:

Por meio desta carta solicito que seja designada uma comissão de apelação diferente. Estou enviando uma cópia desta carta ao Departamento de Serviço do Corpo Governante e da Sociedade Torre de Vigia, já que estou solicitando que seja formada uma comissão de irmãos de fora desta área e de fora do circuito. Minhas razões são as que seguem:

A 15 de dezembro recebi um telefonema de Theotis French dizendo que fora formada uma comissão de apelação, composta por Willie Anderson, Earl ou Felix Parnell (ele não tinha certeza qual) e o irmão Dibble (não foi dito se era o pai ou o filho). Eu lhe disse que ia escrever uma carta e que tinha algo a dizer a respeito da composição da comissão. Perguntei-lhe porque não foram usados anciãos da congregação Gadsden Leste, e ele disse que já não se fazia mais assim e que ele chamara o superintendente de circuito para que ele fizesse a escolha.

Em 18 de dezembro, sexta-feira, escrevi a Theotis pedindo que me fornecesse por escrito os nomes dos definitivamente escolhidos para servir na comissão. Enviei-lhe a carta naquela manhã. Naquela noite ele me ligou novamente dizendo que a comissão de apelação iria reunir-se no domingo. Informei-lhe que eu escrevera uma carta que ele receberia em um dia ou dois. Sábado à noite ele ligou novamente, dizendo que tinha recebido a carta e que a comissão queria reunir-se comigo na segunda-feira, evidentemente 21 de dezembro. Ele não declarou a hora ou o local, como tampouco fizera ao informar-me da reunião marcada para o domingo. Deu-me os nomes dos membros da comissão propostos: Willie Anderson, Earl Parnell e Rob Dibble. Novamente, pedi-lhe que me enviasse a informação por escrito. Esta manhã ele ligou ainda mais uma vez, declarando que a comissão de apelação iria reunir-se na segunda-feira (novamente deixou de dizer a hora ou o local). Disse a ele que a comissão proposta deveria ter escrito a mim diretamente em vez de ele me telefonar, e disse a ele que eu fazia objeções à composição da comissão conforme foi selecionada e que escreveria esta carta pedindo uma nova comissão. Ele disse que a comissão proposta iria reunir-se na segunda-feira, de qualquer maneira. Declarei que em meus quarenta anos de experiência nunca vira um tão óbvio apressamento dos assuntos, ao que ele replicou que a última escola provida pela Sociedade fizera mudanças (ele não disse quais eram estas). Apesar de minhas objeções a tal pressa desarrazoada, ele disse que a comissão se reuniria de qualquer maneira, e que qualquer coisa que eu tivesse para dizer, deveria dizê-lo então. De novo informei-lhe que estava pedindo a formação de outra comissão.

Creio que minhas razões para tal pedido são substanciais. Vou detalhá-las para proveito de vocês e do Departamento de Serviço, como também para deixar registro delas.

Eu estava servindo na Comissão de Serviço do Corpo Governante na época em que Gadsden passou por um período conturbado para muitas famílias, em que se envolveram um grande número de jovens da região. Através do Departamento de Serviço fiquei sabendo da má condução dos assuntos pela comissão local, sendo necessário o envio de uma comissão especial para endireitar as coisas. O assunto está bastante recente na minha mente para garantir-lhes que eu não poderia sentir-me confiante de receber uma audiência competente, se a comissão de apelação incluísse alguém que teve um papel tão destacado como o irmão Anderson, na comissão responsável por erros tão sérios. Estou a par adicionalmente, por meio de informação obtida do Departamento de Serviço, naquela época e por conhecimento pessoal desde então, que Peter Gregerson esteve ativamente empenhado em conseguir que fosse revisada a atuação da comissão, e deu assim contribuição substancial para que se trouxesse uma comissão de fora, designada pela Sociedade. Ao examinar-se o quadro completo, a escolha do irmão Anderson para servir no meu caso, no qual meu relacionamento com Peter Gregerson é o ponto central, é uma escolha que não traz grande esperança de um bom julgamento, de imparcialidade e de objetividade. Mesmo que se possa esperar que o irmão Anderson tenha tirado proveito da correção dada pela comissão revisora, a atitude atual da comissão de apelação proposta e a precipitação para ‘apressar-se a julgar’, a irregularidade de seus métodos, apenas reforça a lembrança da má condução de assuntos no passado. Creio que podem compreender porque tenho direito de objetar a esta seleção e a considerá-la totalmente inaceitável.

Quanto à escolha de Earl Parnell, as razões que levaram a ela são realmente difíceis de perscrutar. Permitam-me, mais uma vez, dizer que meu relacionamento com Peter Gregerson é o foco em torno do qual gira toda essa questão, em torno do qual se baseia o depoimento adverso das testemunhas, e pelo qual a primeira comissão decidiu que eu deveria ser desassociado. Como pode haver, então, alguma justificativa racional na escolha de Parnell para servir na comissão de apelação do meu caso? Como vocês bem sabem, e como sabe o superintendente de circuito, ele é o pai de Dana Parnell, de quem recentemente se divorciou Vicki Gregerson, filha de Peter Gregerson. Sem entrar em detalhes, é suficiente dizer que já por algum tempo vêm-se desenrolando relações tensas entre as duas famílias, especialmente entre os dois pais. O superintendente de circuito certamente estava a par dos fortes sentimentos existentes neste respeito já que Dana foi mencionado na conversa que ele manteve com Peter durante sua visita anterior a Gadsden. Pareceria lógico a qualquer pessoa de compreensão mediana, que a escolha do pai de Dana para servir num caso em que Peter Gregerson está implicado, é ir contra todo o ideal de um julgamento justo, de imparcialidade e do simples bom senso. Que possível raciocínio ou motivação poderia levar a tais escolhas?

As circunstâncias relacionadas com o irmão Parnell inevitavelmente afetam a consideração do terceiro membro da comissão proposta, Rob Dibble. Ele é genro de Earl Parnell, sendo marido de Dawn, irmão de Dana. Se for necessário, há testemunho disponível comprovando que a esposa de Rob afetou-se bastante quando a filha de Peter Gregerson divorciou-se de seu irmão, e não se calou quanto a seus sentimentos a respeito. É difícil pensar que ela não os tenha expressado a outros, não os tenha expressado a seu esposo. Esperar que ele tome assento num caso em que a questão básica é a associação de alguém com Peter Gregerson, e que sua avaliação esteja plenamente livre de sentimentos pessoais e que exista a necessária objetividade, seria, acredito eu, pedir mais do que indica o bom senso.

Em vista de tudo isto, solicito respeitosamente que seja formada uma comissão diferente, composta de irmãos de fora desta área e de fora desse circuito. Com talvez uma exceção, não consigo pensar em uma comissão de três indivíduos menos recomendável em termos de objetividade e de prover uma audiência sem juízos pré-formados à minha apelação do que a que foi selecionada. Talvez a escolha feita pelo superintendente de circuito tenho sido resultado de uma decisão apressada, sem a devida consideração aos fatores aqui declarados. Ainda que se possa tentar justificar esses fatores, o amor à imparcialidade e à justiça certamente excluiria tal procedimento. Espero que este amor os faça reconhecer que a comissão de apelação deve ser uma comissão que não precise de tentativas de justificação, mas que, em vez disso, tenha validez própria, livre de qualquer questionamento. - 1 Timóteo 5:21, 22

Para sua informação, estou aguardando hoje a chegada de alguns hóspedes que estão viajando mais de 800 quilômetros para nos visitar, e que dispõem de apenas alguns dias para passar conosco. Segunda-feira à tarde, tenho um compromisso em Birmingham (assumido dias atrás), que provavelmente resultará em que eu volte para casa tarde nessa noite. Mais adiante nessa semana, programamos uma viagem para fora do estado, planejada há bastante tempo, com arranjos feitos com as pessoas a quem estaremos visitando. Nos dias anteriores e seguintes ao do Ano Novo, uma família de amigos estará nos visitando, em vôo proveniente de fora do estado para fazê-lo. Todavia, após 5 de janeiro terei tempo para reunir-me com a nova comissão escolhida, e isto também dará tempo à Sociedade de fazer arranjos para tanto.

Permitam-me também solicitar que suas comunicações comigo venham a ser por escrito, de modo que as freqüentes omissões e dificuldades já experimentadas não continuem a multiplicar-se. Agradeço a consideração que derem a isto.

Sinceramente,
R.V. Franz

Cópias desta carta foram mandadas ao Corpo Governante e ao Departamento de Serviço juntamente com a seguinte carta:

December 20, 1981

Watchtower Bible and Tract Society
Brooklyn N Y

Attention: Service Department

Dear Brothers:

By means of this letter I am appealing to you to arrange for an appeal committee to hear my appeal, a committee formed of brothers outside the Gadsden area and the circuit in which it lies. My reasons for making such appeal are set out in the enclosed letter directed to the East Gadsden Congregation Body of Elders, under this same date.

The chairman of the original judicial committee has informed me of conversations with you so you are not unaware of the case.

As mentioned in the appeal letter sent to you warlier and dated December 6, 1981, when visiting me in my home Brother Benner manifested a rigidity of attitude that provides little basis for confidence as to his judgment in matters of this kind. As he stated, he believes that one's conscience 'can be overruled by the Governing Body' (whereas only Scripture should do such overruling) and described himself at length as one who 'parrots' whatever the Governing Body says. That attitude gives cause for concern, being disturbingly reminiscent of the mentality that led to so many injustices in the German nation during a recent period, not to mention those religious persons through the centuries who have rendered unquestinning acdeptance and adherence to the directives of what they called the "Mother" church. The selection of appeal committee members he has made does nothing to dispel such concern but rather it heightens it. I believe the enclosed letter makes this clear.

I urge you to take action to correct this obvious mishandling of matters in this case. Thank you.

Respectfully,

RW Jones

Tradução

20 de dezembro de 1981

Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados
Brooklyn, N.Y.

Atenção: Departamento de Serviço

Prezados irmãos:

Por meio desta carta peço-lhes que providenciem uma comissão de apelação para ouvir minha apelação, uma comissão formada de irmãos de fora

da área de Gadsden e do circuito em que ela se acha. Minhas razões para fazer tal apelo estão delineadas na carta anexa endereçada ao Corpo de Anciãos da Congregação Gadsden Leste, debaixo desta mesma data.

O presidente da comissão judicativa original, informou-me ter mantido conversa com vocês, de modo que não desconhecem o meu caso.

Estou solicitando que a comissão seja formada de irmãos de fora do circuito, em parte devido à grande quantidade de boatos e tagarelice que vêm circulando, muitos dos quais já chegaram a mim. Mas acredito também que a seleção feita pelo seu representante designado, o superintendente de circuito, quando comparada com a informação apresentada na carta anexa, mostra que o julgamento dele, para dizer de modo simples, é bem deficiente.

Conforme mencionado na carta de apelação enviada a vocês anteriormente, com data de 8 de dezembro de 1981, ao visitar-me em minha casa, o irmão Benner manifestou uma rigidez de atitude que provê pouca base para confiança quanto ao seu julgamento em caso desta natureza. Conforme ele declarou, a consciência de alguém 'pode ser sobreposta pelo Corpo Governante' (quando o fato é que só as Escrituras podem fazer tal coisa) e descreveu a si próprio extensamente como alguém que 'repete como um papagaio' tudo o que o Corpo Governante diz. Essa atitude é causa para preocupação, sendo desconcertante reminiscência da mentalidade que levou a tantas injustiças na nação alemã durante época recente, para não mencionar as pessoas religiosas através dos séculos que prestaram aceitação e adesão inquestionáveis às orientações daquela a que chamavam de "Madre" igreja. A escolha que ele fez dos membros da comissão de apelação em nada contribui para dissipar tais preocupações; antes as aumenta. Creio que a carta anexa deixa isto claro.

Insto com vocês a que tomem ação para corrigir esta evidente má condução de assuntos neste caso. Obrigado.

Respeitosamente,
R.V. Franz

Até então eu escrevera três vezes ao Corpo Governante pedindo-lhes que se manifestassem (em 5 de novembro, 11 de dezembro e 20 de dezembro). Nas oito semanas que transcorreram do tempo em que escrevi a primeira carta até minha desassociação final, nenhuma destas cartas foi respondida. Nem sequer acusaram recebimento delas.

Ao Capítulo 13

Devido à morte de vários membros, o Corpo Governante reduziu seu tamanho de um auge de 18 membros para um número que tem girado em torno de 10. O mais novo membro, Gerrit Loesch,

designado em junho de 1994, é da Áustria, nasceu em 1941, e desta forma, *27 anos depois de 1914*, e foi batizado em 1959, ou *cerca de 24 anos após* a suposta mudança da chamada de uma classe celestial para uma classe terrestre em 1935.

A morte de Fred Franz em 22 de dezembro de 1992, aos 99 anos, marca de certo modo o fim de uma era — ele era o único membro do Corpo Governante batizado em 1914, ano tão crucial para as crenças das Testemunhas. E ele era, provavelmente, o único membro que conhecera pessoalmente o fundador da organização, Charles Taze Russell. Ele foi, de longe, o arquiteto da maior parte da estrutura doutrinal pós-Rutherford, bem como o formulador da maioria das normas relativas a assuntos de desassociação. O "manto" divino supostamente passado adiante por Rutherford (veja o capítulo 4 deste livro) desaparece com ele.

Eu tinha escrito a meu tio algumas vezes desde minha renúncia ao Corpo Governante, nunca pensando em receber uma resposta (e nenhuma jamais veio), e nem como se fosse a uma pessoa de autoridade, mas exclusivamente devido a meus sentimentos por ele como membro da família e como pessoa. Escrevi-lhe para expressar interesse em sua saúde, para assegurar-lhe que minha preocupação com ele não era regida por normas de algum sistema humano. Meu maior desejo era que tivesse sido possível sentar-me e conversar com ele de pessoa para pessoa, pois estou plenamente convencido na minha própria mente de que ele percebia a fragilidade de bases bíblicas para muitos dos ensinos da organização. Ele era um homem de força intelectual e disciplina mental, e era capaz de redigir uma sólida explanação bíblica. Mas sua incansável devoção a uma organização humanamente fundamentada, aparentemente o levou a agir como seu principal defensor, sempre que os ensinos peculiares dela foram questionados, ou quando os interesses organizacionais dela pareceram estar ameaçados, mesmo que isso significasse "acomodar" as Escrituras de tal modo que elas parecessem dar apoio à posição da organização.

Em tais casos, a inteligência dele se desviava para o que, em última análise, era uma inventividade imaginativa, uma habilidade de conduzir as mentes dos leitores às conclusões desejadas, por meio de simples retórica e idéias plausíveis.

Considero tudo isso com real tristeza. Embora ele tenha testemunhado o aumento do número de membros da organização de alguns milhares para vários milhões, tenha visto as propriedades da sede mundial crescerem de um punhado de prédios para um grande número de edifícios de muitos andares ocupando quadras inteiras da cidade, tenha visto suas atividades publicadoras se expandirem de uma condição modesta para um império editorial mundial, nada disto o acompanha ao túmulo — e nenhum destes fatores numéricos e materiais terão efeito algum quanto ao modo em que Deus expressará sua aprovação ou desaprovação. Já anos antes de sua morte os livros que ele escreveu deixaram de ser impressos, e com o tempo, serão relegados à condição de meras relíquias, tais como os escritos de Rutherford e Russell. Suas interpretações bem criativas de profecias, tais como as de Daniel, serão, em muitos casos, substituídas, por outras interpretações, tornadas necessárias por força das circunstâncias. (Em virtude da dissolução da União Soviética, isto já está ocorrendo com sua interpretação do "rei do norte" e do "rei do sul" de Daniel 11:29-45)

Quando, ao saber de seus problemas de saúde, escrevi ao meu tio em 1988, repassando com ele o que eu considerava como seus melhores escritos e discursos, declarações que apresentavam princípios válidos, os quais, se genuinamente levados a sério, exigiriam a revisão de muitas das atuais posições e pretensões da organização. Entre outras coisas escrevi:

> Para nós dois, a vida entrou em seus estágios finais. Estou bem consciente da certeza declarada pelo apóstolo de que "nós todos ficaremos postados diante da cadeira de juiz de Deus" onde "cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus". Seu Filho, como juiz, então "tanto trará da escuridão para a luz as coisas secretas, como tornará manifestos os conselhos dos corações, e então cada um terá o seu louvor da parte de Deus". (Romanos 14:10-12; 1Coríntios 4:5). Convencido que estou do seu conhecimento das Escrituras, sou incapaz de pensar que o senhor realmente acredite que a filiação a uma organização ou a lealdade aos interesses de uma organização serão os fatores decisivos naquele julgamento pessoal, ou que na maioria dos casos terá qualquer tipo de relevância. Quanto mais avanço na velhice e mais iminente se torna o fim da vida, mais convencido fico de que a coisa mais valiosa que qualquer um de nós pode deixar para trás é um

> legado moral, e que o valor desse legado moral será determinado pelos princípios que nós defendemos, princípios que jamais podem ser sacrificados por meio de uma racionalização do que pareça ser vantajoso ou conveniente. Esses princípios são, primariamente, a plena e não adulterada devoção a Deus, submissão incondicional a seu Filho como nosso único Cabeça, a integridade para com a verdade, e o interesse compassivo pelos outros, não como partes de um sistema favorecido, mas como indivíduos.
>
> Deixar tal legado moral me preocupa profundamente; nada mais ultrapassa isto nos pensamentos do meu coração. Conforme Phillips traduz Romanos 14:7, "a verdade é que nem vivemos nem morremos como unidades completas em si mesmas. A cada passo, a vida nos vincula com o Senhor e quando morremos nos achamos face a face com ele". Minha esperança é que, mesmo que em nenhum outro assunto isto ocorra, talvez pelo menos neste, nós partilhemos um pensamento mútuo, uma profundidade de preocupação compatível.

Como no caso das demais cartas, esta não recebeu resposta alguma. Estou, não obstante, feliz hoje de tê-la escrito. Considerando o fim da vida de meu tio, a tristeza sentida é não apenas pelo que foi, mas mais intensamente pelo que poderia ter sido.

A morte de Fred Franz resultou na designação de um novo presidente da corporação e, tal como se mostrou neste livro (escrito em 1983) ser um passo provável, Milton Henschel foi apontado como substituto. A morte de Franz também facilitou as mudanças. Isto não — como alguns poderiam pensar — por existir um novo presidente da Sociedade, já que esta presidência não mais dispõe de algum poder especial. A voz de Fred Franz tinha peso, não por causa do cargo que ocupava na corporação, mas por ele ser considerado como seu principal erudito. Seu sucessor, Milton Henschel, nada possuía daquele prestígio (Milton Henschel também já faleceu).

A Sentinela de 1º de maio de 1996, contém uma mudança grande, esta no campo das normas. Como se demonstrou em *Crise de Consciência* e *Em Busca da Liberdade Cristã*, páginas 256-270 (em inglês), no final dos anos 70 a questão da aceitação do serviço alternativo (tais como o trabalho em hospitais ou outras formas de serviço comunitário) a ser realizado em lugar do serviço militar, veio à consideração do Corpo Governante, resultando em inúmeras discussões prolongadas e intensas. Fora feito um levantamento

mundial em todos os 90 escritórios de filial. Conforme documentado, muitas comissões de filial, inclusive as de vários países importantes, indicavam que os varões Testemunhas afetados não entendiam nem a lógica nem a base bíblica da posição da organização. Em grande número de casos, as comissões levantaram questões quanto a diretriz da Sociedade estar correta, e apresentaram razões bíblicas para que se deixasse que a questão fosse de consciência. (Eu pessoalmente apresentei cerca de quatorze páginas de evidências históricas, bíblicas e lexicais apontando na mesma direção.)

Ao todo, de 28 de janeiro a 15 de novembro de 1978, seis sessões do Corpo Governante trataram de discutir o assunto. Quando os votos eram contados, *em cada caso,* a maioria dos membros do Corpo Governante ficou a favor de uma mudança de diretriz. Mas a sempre indispensável maioria *de dois terços* não foi atingida até a reunião de 15 de novembro. E esta durou menos de uma hora. Em seguida a um intervalo, Lloyd Barry, que tinha votado com a maioria de dois terços pela mudança, anunciou que estava mudando seu voto, tornando-o favorável à diretriz tradicional. A diretriz foi mantida.

Um ano mais tarde, em 15 de setembro de 1979, nova votação foi feita e ficou empatada, metade pela mudança e metade contra.

Por mais 16 anos a norma permaneceu em vigor, até que *A Sentinela* de 1º de maio de 1996 (páginas 19, 20) abruptamente decretou que a aceitação do serviço alternativo passava a ser uma questão de consciência. Durante aqueles 16 anos, milhares de Testemunhas, principalmente homens jovens, passaram temporadas na prisão por se recusarem a aceitar designações para executar diversas formas de serviço comunitário como alternativa ao serviço militar. Tão recentemente quanto em 1988, um relatório da Anistia Internacional declarou que, na França, "mais de 500 objetores de consciência ao serviço militar, a vasta maioria deles Testemunhas de Jeová estiveram presos durante o ano". No mesmo ano, na Itália 'relatou-se que aproximadamente mil objetores de consciência, na maior parte Testemunhas de Jeová, estavam aprisionados em dez prisões militares por se recusarem a executar serviço militar ou serviço civil alternativo'[1].

[1] Em vários países europeus, a Sociedade Torre de Vigia tem passado recentemente por algumas dificuldades para obter dos governos sua classificação ou permanência em certas categorias. A mudança da norma com relação ao serviço alternativo pode estar relacionada com a preocupação dela nesta área.

Esse é apenas um quadro parcial. Se aquele único membro do Corpo Governante não tivesse mudado seu voto em 1978, virtualmente nenhum destes homens teria ido para a prisão — pois os relatórios das comissões de filial dão clara evidência de que não foram as consciências destes jovens que causaram suas prisões. Foi a compulsão para aderir a uma norma imposta pela organização.

Ao passo que a mudança é inquestionavelmente bem-vinda, não se pode deixar de pensar em todos os milhares de anos que, de modo coletivo, foram perdidos durante meio século por varões Testemunhas, no que diz respeito à liberdade de se associarem com suas famílias e amigos, ou de contribuírem para seu próprio sustento e para o sustento daqueles ligados a eles, ou de buscarem outras atividades proveitosas de modos que não são possíveis por trás dos muros das prisões. Isso representa um incrível desperdício de anos valiosos pela simples razão de que aquilo não era necessário, sendo resultado de uma posição não-bíblica, imposta pela autoridade organizacional.

Caso tivesse havido um franco reconhecimento do erro, e não simplesmente de um erro doutrinal, mas do erro de incorretamente invadir-se o direito de consciência dos outros, e uma demonstração de pesar pelas conseqüências danosas de tê-lo feito, poder-se-ia achar razão para esperança de uma certa medida de reformas fundamentais. *A Sentinela* de 1º de maio de 1996, porém, em parte alguma trata destes aspectos, e não traz sequer alguma indicação de lamento pelos efeitos da posição errada que foi imposta por mais de meio século. Não oferece nem mesmo qualquer explicação do motivo pelo qual se insistiu rigidamente nesta diretriz equivocada por mais de 50 anos. Num par de sentenças ela faz a mudança, como que por um decreto, decreto que para todos os efeitos diz “Sua consciência pode agora atuar nesta área”. Em lugar de um pedido de desculpas, a organização parece preferir sentir que merece aplausos por ter feito as mudanças que ela deveria ter tido o bom senso (e a humildade) de ter feito décadas antes, mudanças a que ela resistiu mesmo diante de amplas evidências apresentadas nas Escrituras, provindas tanto de dentro do Corpo como das comissões dos escritórios de filial. Algumas destas comissões apresentaram não somente toda a evidência bíblica que se encontra em *A Sentinela* de 1º de maio, mas também evidências bíblicas ainda *mais extensas* e *mais cuidadosamente arrazoadas*. Elas fizeram isso lá em 1978, mas tudo que elas escreveram foi, na verdade, posto de lado ou

descartado por aqueles do Corpo Governante que se empenharam em manter intocada a diretriz tradicional.

Até o erro – quando é um erro da Torre de Vigia – é apresentado como de certo modo proveitoso. Esta mesma *A Sentinela* considera a interpretação errônea da organização quanto às "altas potestades" ou "autoridades superiores", de Romanos capítulo 13, que rejeitava a evidência clara de que estas se referiam às autoridades governamentais humanas, e insistiam em que as "altas potestades" referiam-se apenas a Deus e a Cristo. Esta interpretação errada tomou o lugar de uma anterior, correta, e foi ensinada de 1929 até 1962. *A Sentinela* de 1° de maio de 1996 (página 14) diz sobre este entendimento errado:

> Olhando para trás, precisa-se dizer que esta maneira de encarar as coisas, que enaltecia a supremacia de Jeová e de seu Cristo, ajudou o povo de Deus a manter uma intransigente posição neutra durante este período difícil [isto é, o período da 2ª. Guerra Mundial e da Guerra Fria].

Quer dizer que, para todos os efeitos, ter tido o entendimento *correto*, o entendimento que o apóstolo Paulo tinha em mente quando escreveu seu conselho, não teria sido nem tão suficiente para orientar, nem tão eficaz para proteger contra a ação não cristã, quanto o conceito errôneo ensinado pela organização Torre de Vigia! Não há nada que mostre que Deus guie seu povo por meio do erro. Ele o fortalece com a verdade, não com o erro, em época de crise. — 1 João 1:5; Salmo 43:3; 86:11.

Mesmo as mudanças recentes realizadas são basicamente um modo de tratar os *sintomas* ao invés da raiz que é a causa da doença. A doença, no caso, é a forte ênfase que se dá à autoridade organizacional e ao direito dela de ditar normas à consciência humana e ao pensamento individual. Como declarou o ex-téologo católico Charles Davis, "existe uma possibilidade de que a causa da enfermidade venha a ser defendida como sendo o seu remédio". Assim, quando determina mudanças importantes, *A Sentinela* consistentemente deixa de lidar com o problema dos raciocínios falsos originais e do mau uso das Escrituras que tornaram necessárias as mudanças. Em vez disso, ela procura explicar a mudança à luz do raciocínio de que se deve ter confiança, e de que se deve submissão ao sistema que trouxe, de início,

o entendimento errado — e que não apenas o trouxe, como também insistiu nele e tomou ação contra aqueles que não o aceitassem. De modo similar, em cada um destes casos, pode-se ver evidência clara e lamentável de que a mudança resulta, não do amor à verdade, da devoção às Escrituras ou da preocupação com as pessoas, mas, em vez disso, ela vem quando a posição anterior se tornou precária, difícil de sustentar, às vezes embaraçosa, como no que diz respeito aos ensinos relacionados com 1914, ou quando interesses de evitar pagamento de impostos ou outras restrições estão em jogo. Eis a razão pela qual uma reforma genuína é agora algo tão desejado para tantos envolvidos.

Índice de Textos Bíblicos

Gênesis	**Página**
7:6-11	80
9:3, 4	133
Êxodo	
20:16	42
Levítico	
17:10-12	133
19:15	387
19:16	42
Números	
14:34	179
Deuteronômio	
18:22	173
2 Reis	
2:8, 11-14	106
Salmos	
15:3	42
27:10	448
31:11	448
31:11-16	445
37:5-9, 32, 33	49
38:11	448
43:3	513
50:20	448
55:2-6, 12-14, 22	445
60:11, 12	445
69:8, 9, 20	448
73:25, 28	448
86:11	513
94:17-22	445
133:1	111
Provérbios	
10:19	208
13:12	281
14:29	486
17:15	401, 413, 494
17:17	45
18:13	25
20:23	167
24:21, 22	368
25:8-10	486
30:5, 6	412, 494
Isaías	
5:20	209
28:20	264
60:17	461
Jeremias	
23:21	218, 282
Ezequiel	
4:6	179
Daniel	
4:17, 23-33	178
6:1-11	169
8:14	111, 180
11:29-45	509
12:11, 12	180
Mateus	
5:5	486
5:11, 12	50
5:22	496
5:41	143
7:1-5	164
7:12	40, 387, 450
10:26	420
11:28-30	434, 445
12:7	486
12:34, 37	463
12:36	496
12:36, 37	48
13:37-43	446
15:6, 9	119
16:19	297

17:24-27 143
18:15-17 397
19:9 65
20:1-15 132
20:25 289
20:25, 26 69, 87
20:25-28 289
22:40 450
23:2, 3 137
23:3 319
23:4 128
23:6 293
23:8 109, 359
23:8, 10 87
23:8-12 289
23:10 464
24:29 275
24:29-31 268
24:33, 34 269, 279, 280
24:34 269
24:36, 42, 44 257
24:45-47 52, 462
25:40 407
28:20 446

Marcos
9:36, 37 445
9:50 111
10:13-16 445
13:33 257

Lucas
5:37-39 288
11:53 355
11:53, 54 318
15:1-7 445
15:2 392
15:25-32 132
21:24 32, 178, 472
21:32 278

João
2:14-16 393
6:68 453
7:24 332
15:11-15 445
15:19 123

Atos
1:7 245, 257, 359
1:14 109
2:17 350
4:5-23 50
4:19, 20 2
4:20 25
5:17-40 50
5:29 412, 494
10:34, 35 446
10:35 438
14:23 29
15:28, 29 133
19:8, 9 314
20:26, 27 314
20:29 368

Romanos
1:14 40
1:24-27 58
1:31 387
2:5-10, 16 446
3:4 52, 497
3:8 354
5:1-11 445
6:14 359
8:6-9, 14, 16, 17 308, 309
8:14 309, 315, 359, 365
8:31-39 445
9:1-3 10, 420
11:33 451
12:2 376
12:17-21 49
13:1 77
13:1-10 142
13:7 143
14:1-23 401
14:1-3, 23 144
14:4, 10-12 413, 494
14:7 510
14:10-12 446
14:23 497

1 Coríntios
2:1-5, 10 451
3:6, 7 433
3:21 86
4:2-4 350
4:3, 4 420
4:3-5 446
4:5 509
5:9-13 398
5:11-13 494, 495
8:9 289
9:1, 19 444
11:1 50
11:3 3
11:26 359
12:4-11, 25 289
13:9, 10, 12, 13 451
14:40 289
15:7 109
16:13, 14 289

2 Coríntios
1:24 52
3:1, 2 11
4:2 497
4:5 289
4:7, 15 433
4:16-18 433
5:10 446
5:11, 12 47
5:12, 13 11
5:14 433
6:4-10 11, 25
6:10 433
7:2, 3 47
10:5 376
10:12, 18 446
11:21-29 11
12:11 11
13:7-9 397

Gálatas
5:1, 13, 14 444
5:18 309
6:17 420

Efésios
3:16-19 451
4:2, 3 449
4:4-6 359
5:1 50

Filipenses
3:7, 8 287

Colossenses
2:3 451
3:17, 23-25 444

1 Timóteo
2:5 359
5:21, 22 505

2 Timóteo
2:19 446
2:24, 25 330
3:1 359
3:16, 17 412
4:1 446

Tito
3:10 334

Hebreus
5:13, 14 365
5:14 289
11:1-7 309
12:7, 8 300
13:6 454
13:17 135

Tiago
2:12, 13 336
3:1 108
3:17, 18 111
4:11, 12 413, 494
5:10, 11 50

1 Pedro
2:21 50
2:21-23 42, 49

5:3 289

2 Pedro
1:12 269
3:15,16 354

1 João
1:5 232
2:1 301
2:19 398
2:22 496
3:14-16, 18 364
3:18 453
4:3 496
4:11 434
4:21 453

2 João
7 496
7-11 398, 494, 495

Judas
7 66
8 49

Revelação
2:23 497
7:4 52
7:15 393
11:3 180
12:6 180
14:3 52
19:10 450
22:18, 19 412

"O livro vai muito além da narrativa da crise pessoal de Franz. Ele descreve a crise bem maior com a qual se defrontam as Testemunhas de Jeová em todo o mundo."

Revista Christianity Today

"Uma visão franca e informativa ímpar da estrutura de atividade e do funcionamento interno da organização religiosa conhecida como Testemunhas de Jeová.

"... o livro é um pungente documento pessoal, que reafirma o valor da 'liberdade de consciência' e convida a uma atenção renovada para o problema clássico de como manter aceso este valor em face do perene ressurgimento das estruturas burocráticas e autoritárias."

Dr. Joseph F. Zygmunt
Professor Adjunto do Departamento de Sociologia Universidade de Connecticut

"Esplêndido!... Havia tantos paralelos entre a experiência do autor e a minha que eu me mantinha em estado de contínuo espanto. Ao que parece, todos os grupos religiosos pequenos, a menos que sejam fortalecidos pela verdadeira compreensão da graça de Deus, vêm a cair na mesma armadilha e a comportar-se da mesma maneira."

Dr. Desmond Ford
Ex-teólogo dos Adventistas do Sétimo Dia e professor do Pacific Union College, destituído por motivo de consciência.

"Ele sacode as consciências... uma advertência do que pode acontecer quando o indivíduo entrega a uma organização, seu direito divinamente concedido de tomar decisões."

Kim Kimmons, editora gerente The Franklin Press

"Nos anos passados, muita literatura (sobre as Testemunhas de Jeová) de qualidades variadas, tem sido publicada... com algumas exceções, ela tem sido deficiente, quanto analisada do ponto de vista da crítica erudita... Uma obra bem documentada sobre este polêmico movimento finalmente torna-se disponível para as Testemunhas e para o público em geral... Nenhum erudito sério ou leitor, portanto, pode agora ignorar a informação apresentada por Raymond Franz.

"Uma falha comum aos autores que se acham na obrigação de expor os erros reais ou imaginários dentro do movimento religioso com o qual por fim são forçados a romper, são os sentimentos de ressentimento e amargura. Pouco disso será encontrado em Crise de Consciência. Pelo contrário, o tom calmo desperta-nos o respeito e admiração."

Dr. Ingemar Linder, Th.D.
Dagen, Estocolmo, Suécia

"Um relato comovente... uma história de uma vida, que traz à luz o funcionamento e as atividades internas da organização [Torre de Vigia]."

Archives de Sciences Sociales des Religions, Paris, França